

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA MARCHIORI GRAVE

**DOIS PAÍSES, TRÊS CIDADES E UMA SÓ COMUNIDADE: NARRATIVAS
SOBRE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
FRONTEIRIÇA**

CURITIBA

2017

FERNANDA MARCHIORI GRAVE

**DOIS PAÍSES, TRÊS CIDADES E UMA SÓ COMUNIDADE: NARRATIVAS
SOBRE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
FRONTEIRIÇA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção ao grau de Mestre em Educação Matemática, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Zanlorenzi

CURITIBA

2017

G775d Grave, Fernanda Marchiori
Dois países, três cidades e uma só comunidade: narrativas
sobre uma proposta de educação intercultural fronteiriça /
Fernanda Marchiori Grave. – Curitiba, 2017.
590 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de
Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em
Ciências e em Matemática, 2017.

Orientador: Marcos Aurelio Zanlorenzi.

1. Escolas de fronteira. 2. História oral. 3. Interculturalidade. I.
Universidade Federal do Paraná. II. Zanlorenzi, Marcos Aurelio.
III. Título.

CDD: 372

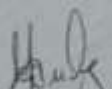



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS EXATAS
Programa de Pós Graduação em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA
Código CAPES: 40001016068P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **FERNANDA MARCHIORI GRAVE**, intitulada: **"DOIS PAÍSES, TRÊS CIDADES E UMA SÓ COMUNIDADE: NARRATIVAS SOBRE UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL FRONTEIRIÇA."**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua Aprovação no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo Colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 08 de Dezembro de 2017.


MARCOS AURÉLIO ZAN LORENZI
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


CARLOS ROBERTO VIANNA
Avaliador Interno (UFPR)


ANA JOSEFINA BELLAN
Avaliador Externo (UFPR)


SÔNIA MARIA DOS SANTOS MÓRQUES
Avaliador Externo (UNIOESTE)



*Agradeço cada “não” que me fez olhar a vida por outra perspectiva e me fez
buscar tantos outros novos caminhos.*

AGRADECIMENTOS

*Agradeço a todas as pessoas que me
fazem “parecer menos pó, menos
pozinho”¹...
A todas aquelas que me
fazem “parecer menos só, menos
sozinho”...
E a elas dedico este trabalho.*

Nestas páginas gostaria de fazer um agradecimento especial a algumas pessoas muito importantes no meu percurso. Quando me recordo desses entes queridos, o que me ocorre são pequenas ações cotidianas que lembram do modo como cada um se fez presente em minha vida e de como me ajudaram a constituir o que sou. Esses agradecimentos são sussurros ao pé do ouvido que espero possuírem um significado especial quando escutados ou lidos por aqueles a quem foram de forma tão especial citados.

Eu tenho muito que agradecer, a começar pelo fato de estar viva e de poder compartilhar esta pesquisa com outros seres, iguais a mim, que se apoderaram dos conhecimentos herdados de nossos antepassados. Eles são meus heróis e merecem meus agradecimentos, todos eles, aos seres humanos que viveram antes de mim, o meu muito obrigada!

Aos que participaram de minha vida, de forma direta, quero agradecer muito a minha mãe, que nas horas difíceis, manteve firmemente a vontade de escolarizar os filhos, e também por toda a parceria com que me acompanhou nessa longa jornada e nas dificuldades que passei nesse último ano, obrigada mãe pelos sacrifícios que você fez em razão da minha educação. Ao meu pai cabe o agradecimento de neste ponto obedecer a minha mãe, mas em especial, por me mostrar o valor de ser humilde. E sem esquecer o meu irmão Gustavo. Meu obrigado e meu carinho a todos.

Falando em família, eu não poderia deixar de citar os Dall’Agnol. Tia Vero e Tio Darley, obrigada por sempre se fazerem presentes e por serem esse casal tão inspirador, fazendo com que a gente ainda acredite que o amor

¹ Zeca Baleiro me inspirou neste agradecimento/dedicatória, com os versos: “Você me faz parecer menos pó, menos pozinho/Você me faz parecer menos só, menos sozinho” de sua música Skap.

e o companheirismo são o melhor caminho! Rafa e Rodrigo, pra mim vocês são muito mais que primos, são amigos, gratidão por tudo!

Acredito que nenhuma história é escrita sem a presença de mãos amigas que se estendem e não poderiam deixar de citar essas tão especiais que se entenderam para mim: Lúcia e Iraci, que me deram a chave de sua casa nesses dois anos. Obrigada é pouco, diante de todo o apoio, atenção e carinho com que me receberam aí em Curitiba. Lúcia, obrigada por me ajudar com os ônibus, pelo café quentinho, pela cama de cada noite, mas acima de tudo, obrigada por me esperar com esse coração aberto todas as semanas, e por ser esse ser de luz tão especial! Seu abraço é algo que nunca poderei esquecer! E não poderia deixar de falar da Dona Estacha, que a cada semana me espera ansiosa, com um sorriso tão cativante; senti em ti um pouquinho do amor de vó, que há anos não possuo. Obrigada por tudo!

Agradeço imensamente ao colega Osmar Gotardi e aos alunos bolsistas e voluntários, por terem tomado frente do nosso projeto de extensão! Muito obrigada por cuidarem da nossa Ludoteca!

Gratidão também aos amigos do trabalho, por todo o incentivo ofertado. Adilson, pela sua atenção e cordialidade sempre que se fazia necessário! Querida Yohana, com você pude compreender o quanto é preciso ser forte saiba que você me inspira! Indiamara, agradeço pela sua atenção, carinho e em especial pelos novos amigos que você trouxe para dentro de minha vida. Marcos, com você pude aprender a olhar além do que meus olhos estavam acostumados a alcançar, e saiba que em muitos momentos tu fostes uma das pessoas que mais me inspirou a continuar acreditando na Educação Pública de qualidade!

Agradeço de coração aos meus compadres: Tati, Ben-Hur, Lucas e Amélia; vocês são muito especiais! Gratidão por me colocarem na família de vocês, por todo carinho, preocupação e amizade que demonstram por mim! Agradeço sempre, por me presentear com essas pequenas que me enchem o coração de amor a cada dia, obrigada pela confiança ofertada quando me convidaram para ser madrinha da Lis e a Lauren.

Agradeço muito também a minha Manuzinha, que a cada dia me surpreende mais! Que possamos sempre compartilhar nossos segredos, nosso

cachorro-quente, e tudo mais que possa surgir! Saiba que estarei sempre pertinho de você minha sushizinha!

Não poderia deixar de citar minha amiga de longos anos Angela Ghiggi. Desde os tempos de escola no Ensino Fundamental no Colégio da Cango, compartilhamos tantas coisas, né?! Sei que hoje, nossos encontros não são tão frequentes quanto nós duas gostaríamos, mas agradeço todos os dias pela sua amizade, por todas as vezes que senti você tão perto mesmo estando tão distante. Obrigada pelo apoio e pelas palavras! Saiba que sua força e coragem me inspiram a ser melhor a cada dia!

Agradeço também a Juliana e Tere, que mais que profissionais, muitas vezes se colocam tão próximas que fazem florir amizades! Nossos encontros semanais me fazem muito bem! Tere, agradeço de coração, pois seu toque, quase sempre, toca o coração!

Agradeço em especial a Tia Neiva, que me ajudou de forma tão empenhada na busca das professoras colaboradoras. Obrigada!

Agradeço imensamente as colaboradoras de minha pesquisa: Dayani, Fatima, Lucia e Neuzanira. Vocês que permitiram essa pesquisa! Gratidão por abrirem as suas casas, suas vidas, suas lembranças, suas memórias, suas historicidades pra mim.

Aos professores que passaram por minha vida, que foram muitos. Conheci pessoas muito especiais durante a graduação e não poderia de deixar de mencionar a Professora Janecler Aparecida Amorin Colombo e o Professor Loreci Zanardini, a quem agradeço, por serem mais do que professores e orientadores de estágio, muitas vezes foram psicólogos e amigos, a humildade e amor pela profissão que vocês exibem são contagiantes! Agradeço também ao Professor João Luiz Ribas, que foi meu professor orientador no estudo inicial sobre interculturalidade, obrigada!

Agradeço também aos professores do programa, aos que colaboraram de forma direta e indireta em minha formação.

Em especial aos professores que participaram de minha banca de qualificação e defesa: Ana, Carlos, Luciane e Sônia, gratidão por se debruçar em meu texto na busca de fazer contribuições!

Mas, quero agradecer em especial ao meu querido orientador Zan, por sua disponibilidade e atenção comigo nesses dois anos de caminhada,

agradeço pelo suporte em meus caminhos e escolhas acadêmicas, ao seu carinho e presença constantes junto a esta pesquisa, pela disponibilidade em ouvir, em buscar compreender e aceitar minhas escolhas, e principalmente agradeço pela maneira com que possibilitou ampliação em minha forma de ver o mundo, o conhecimento, a educação matemática e o outro. Penso que tudo isso se deu pela total autonomia que você me ofertou nessa caminhada, me dizendo sempre que as respostas estão aqui, dentro de mim! Gratidão!

Agradeço ao programa PPGECM e a UFPR de forma geral, por me receberem e me terem concedido o espaço necessário para que eu desenvolvesse esta pesquisa.

Agradeço ao IFPR pelo apoio e por possibilitar meu afastamento para dedicação exclusiva nesta pesquisa. Isso sem dúvidas influenciou diretamente no produto final aqui apresentado.

Agradeço a todos os alunos que pude compartilhar um trecho da caminhada. Saibam que cada um de vocês, com suas singularidades e diferenças, fizeram e fazem somar minhas expectativas e experiências, tanto profissionais como pessoais. O que nos norteia, tanto a mim quanto a vocês, é aprender sempre! Em especial, agradeço aos alunos do IFPR Campus Avançado Barracão, pelo esforço em compreender o quanto se fazia necessário o meu afastamento! Gratidão!

Agradeço a empresa Princesa do Campos e seus funcionários, pois mesmo sem saber semanalmente me levavam de trás para frente, carregando junto todos os meus sonhos e anseios!

Agradeço as colegas do mestrado, foram semestres de muita troca, de muita aprendizagem.

Agradeço ao Grupo de Estudos GEEAL, pela forma tão amável como me receberam, é incalculável o bem que trouxeram pra mim! Em especial, a Dona Marina e Altair, gratidão pelo acolhimento, atenção e amizade!

Quero agradecer também, por todas as vezes que eu caí, por todas as vezes que eu errei, por todas as vezes que eu sofri. Queria agradecer pelas oportunidades que a espiritualidade me proporcionou e que meus olhos apressados ainda não conseguiram reconhecer. Eu só queria que o mundo soubesse que não importa o quão errada e confusa esteja a humanidade, que

haverá um novo dia, o amanhã das possibilidades, o dia do encontro com nossa consciência, o melhor dia de nossas vidas!

Não caberia nesse espaço, caso fosse citar um a um os nomes de todo os que me ajudaram nesse percurso (ou até chegar até aqui). Portanto, meus amigos sintam-se agradecidos.

Também não existe a possibilidade de não citar meu amigo de quatro patas, Eros. Sempre trazendo alegria com seu corpo gigante peludo, nariz geladinho, orelhas atentas e olhar sempre carente. Impossível não lembrar-me de todas as vezes que aflita te olhei e você me fez sorrir. Obrigada meu anjo de quatro patas, e que bom seria se todos os seres humanos pudessem amar um cão!

Pra finalizar, não poderia deixar de agradecer a alguém muito especial, que mais que minha amiga, minha tia; em muitos momentos não tenho palavras para lhe definir: Ivone Grave. Sem a sua ajuda e seu exemplo eu jamais teria chegado aqui. Nós duas sabemos o quanto foi difícil, você mais que todos os outros, por conhecer todos os meus avessos. Essa conquista é sua também! Te amo.

Não quero o que a cabeça pensa eu quero o que a alma deseja.

Belchior

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Paraná - PPGECEM/UFPR, cuja linha de pesquisa é Educação Matemática, na temática Interculturalidade e Educação Matemática. Esse estudo teve como propósito constituir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que faz uso de práticas da história oral em sua vertente temática. A pesquisa permite conhecer sobre o programa, sobre a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto e a Escuela 604, que se inserem na região da Tri Fronteira e que foram as primeiras escolas no Brasil a implantar o programa. Geograficamente o Município de Barracão/PR, juntamente com os Municípios de Dionísio Cerqueira/ SC e Bernardo de Irigoyen/AR, formam um ponto de 8 divisas secas, dando o título de cidades Trigêmeas, únicas no Mundo.

Palavras-chave: Escolas de Fronteira; História Oral; Interculturalidade; PEIBF.

RESUMEN

La presente investigación fue desarrollada en el Programa de Postgrado en Educación en Ciencias y Matemáticas de la Universidad Federal de Paraná - PPGECEM / UFPR, cuya línea de investigación es Educación Matemática, en la temática Interculturalidad y Educación Matemática. Este estudio tuvo como propósito constituir fuentes orales a partir de entrevistas con dos profesoras alfabetizadoras y dos coordinadoras de la Tri Frontera que participaron del Programa Escuela Intercultural Bilingüe de Frontera (PEIBF). Se trata de una investigación cualitativa que hace uso de prácticas de la historia oral en su vertiente temática. La investigación permite conocer sobre el programa, sobre la Escuela de Educación Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto y la Escuela 604, que se insertan en la región de la Tri Frontera y que fueron las primeras escuelas en Brasil a implantar el programa. Geográficamente el Municipio de Barracão / PR, junto con los Municipios de Dionisio Cerqueira / SC y Bernardo de Irigoyen / AR, forman un punto de 8 divisas secas, dando el título de ciudades Trigêmeas, únicas en el Mundo.

Palabras clave: Escuelas de Frontera; Historia Oral; Interculturalidad; PEIBF.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DA LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA TRI FRONTEIRA	34
FIGURA 2 – VISTA AÉREA DA TRI FRONTEIRA	34
FIGURA 3 – INSTRUMENTO DA PESQUISA	61
FIGURA 4 – MARCAS NA TRANSCRIÇÃO	72
FIGURA 5 – BISCOITOS PERSONALIZADOS PARA AS COLABORADORAS DA PESQUISA	75
FIGURA 6 – LEMBRANÇA PARA AS COLABORADORAS DA PESQUISA	76
FIGURA 7 – MUNICÍPIOS BRASILEIROS DA FAIXA DE FRONTEIRA DIVISÃO TERRITORIAL DE MARÇO DE 1999	80
FIGURA 8 – MAPA CIDADES GÊMEAS	81
FIGURA 9 – TABELA DE ESCOLAS BRASIL-ARGENTINA PARTICIPANTES DA PROPOSTA 2009	83
FIGURA 10 – FACHADA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. THEODURERO CARLOS DE SARIA SOUTO	89
FIGURA 11 – FACHADA DA ESCUELA 604	89
FIGURA 12 – EXTENSÃO DA FAIXA DE FRONTEIRA BRASILEIRA	93
FIGURA 13 – BRASIL: CIDADES GÊMEAS NA FRONTEIRA	98
FIGURA 14 – CIF: CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA FRONTEIRA	101

FIGURA 15 – COORDENADORA DAYANI MACHADO

MACHIARELLI 112

FIGURA 16 – PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCHREINER

FARIAS 123

FIGURA 17 – PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO

CARMO 151

FIGURA 18 – COORDENADORA FATIMA ELENA

ZAVAGOTA 192

LISTA DE SIGLAS

CIF -	Consórcio Intermunicipal da Fronteira
CMC -	Conselho do Mercado Comum
DE -	Dedicação Exclusiva
EBTT -	Ensino Básico, Técnico e Tecnológico
GTPL -	Grupo de Trabalho de Políticas Linguísticas
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPR -	Instituto Federal do Paraná
IFRG -	Instituto Federal do Rio Grande do Sul
MEC -	Ministério da Educação
MERCOSUL -	Mercado Comum do Sul
PCNs -	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEIBF -	Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira
PPGECM -	Programa e Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática
PR -	Paraná
PSS -	Processo Seletivo Simplificado
RS -	Rio Grande do Sul
SEM -	Setor Educacional do MERCOSUL
SC -	Santa Catarina
UAB -	Universidade Aberta do Brasil
UEPG -	Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFam -	Universidade Federal do Amazonas
UFac -	Universidade Federal do Acre
UFFS -	Universidade Federal Fronteira Sul
UFMS-	Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
UFPEL-	Universidade Federal de Pelotas
UFPR-	Universidade Federal do Paraná
UFRGS -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRR -	Universidade Federal de Roraima
UFSM -	Universidade Federal de Santa Maria
UNILA-	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UNINTER -	Centro Universitário Internacional
UNIPAMPA -	Universidade Federal do Pampa
UNIOESTE -	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UTFPR -	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	22
INQUIETAÇÕES: CONHECENDO QUEM ESCREVE	22
ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	29
1 TRAJÓRIAS E DESTINO DE UMA DOCENTE:	
BUSCANDO O CAMINHO	32
1.1 TRI FRONTEIRA: QUANDO CHEGUEI UM POUCO MAIS PERTO	32
1.2 A CAMINHADA É LONGA E O CHÃO É LISO: CHEGADA AO PROGRAMA	38
1.3 DE QUE LADO NASCE O SOL: DELIMITANDO O ESTUDO	42
2 TIJOLO COM TIJOLO: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA	47
2.1 INTENÇÃO INICIAL	47
2.2 HÁ UM PASSADO EM MEU PRESENTE: HISTÓRIA ORAL	50
2.3 ESCOLHA DOS COLABORADORES	57
2.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA	60
2.5 UM MOMENTO MUITO ESPECIAL: AS ENTREVISTAS	62
2.6 TRANSCRIÇÃO E TEXTUALIZAÇÃO	69
3 PEIBF: QUE PROGRAMA É ESSE?	77

3.1	PEIBF	77
3.2	ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO: A PRIMIERA A IMPLANTAR A PROPOSTA	88
4	ESTA QUE VOS FALA, FALA DE ONDE E FALA DE QUE: CARACTERIZANDO A REGIÃO DA TRI FRONTEIRA E ESTABELECENDO AS RELAÇÕES COM O ENSINO DA MATEMÁTICA	92
4.1	O ASSUNTO É FRONTEIRA	92
4.2	CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA FRONTEIRA (CIF)	101
4.3	VIDA EM FRONTEIRA REFLETINDO NO ENSINO: REDEFININDO E RESSIGNIFICANDO A NOÇÃO DE FRONTEIRA	105
5	DAYANI MACHADO MACHIAVELLI	112
6	LÚCIA DE FÁTIMA SCHREINER FARIAS	123
7	NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO	151
8	FATIMA ELENA ZAVAGOTA	192
9	SOU APRENDIZ DO MUNDO QUE EU QUERO DAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS	208
	REFERÊNCIAS	217
	APÊNDICE 1 – Modelo de Roteiro inicial para a Entrevista.	222
	APÊNDICE 2 – Modelo de Carta de Apresentação para Entrevista com as Professoras.....	223
	APÊNDICE 3 – Modelo de Termo de Consentimento	

Livre e Esclarecido.....	224
APÊNDICE 4 – Modelo de Carta de Cessão.....	225
APÊNDICE 5 – Modelo de Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo – Autorização da direção da escola.....	226
APÊNDICE 6 – Esquema de criação palavras–chaves para as Entrevistas.....	227
APÊNDICE 7 – Palavras–chaves para as Entrevistas.....	228
APÊNDICE 8 – Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo – E. E. B. Dr. Theodureto C. de Faria Souto – Dionísio Cerqueira/SC	229
APÊNDICE 9 – Roteiro inicial para Entrevista – Coordenadora Dayani Machado Machiavelli	230
APÊNDICE 10 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Coordenadora Dayani Machado Machiavelli	231
APÊNDICE 11 – Transcrição na íntegra da 1ª Entrevista com a Coordenadora Dayani Machado Machiavelli	232
APÊNDICE 12 – Textualização da 1ª Entrevista com a Coordenadora Dayani Machado Machiavelli	247
APÊNDICE 13 – Carta de Cessão - Coordenadora Dayani Machado Machiavelli	256
APÊNDICE 14 – Roteiro inicial para Entrevista –	

Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias	257
APÊNDICE 15 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias	258
APÊNDICE 16 – Termo de autorização para utilização de material - Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias	259
APÊNDICE 17 – Fotos das aulas, materiais, atividades do PEIBF - Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.....	260
APÊNDICE 18 – Transcrição na íntegra da 2ª Entrevista com a Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.....	343
APÊNDICE 19 – Textualização da 2ª Entrevista com a Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias	366
APÊNDICE 20 – Carta de Cessão - Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.....	377
APÊNDICE 21 – Roteiro inicial para Entrevista – Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.....	378
APÊNDICE 22 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo	379
APÊNDICE 23 – Termo de autorização para utilização de material - Professora Neuzanira Ferreira	

de Lima do Carmo.....	380
APÊNDICE 24 – Fotos das aulas, materiais, atividades do PEIBF – Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.....	381
APÊNDICE 25 – Transcrição na íntegra da 3ª Entrevista com a Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo	482
APÊNDICE 26 – Textualização da 3ª Entrevista com a Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.....	524
APÊNDICE 27 – Carta de Cessão – Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo	546
APÊNDICE 28 – Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo – Escuela 604– Bernardo de Irigoyen/Misiones	547
APÊNDICE 29 – Roteiro inicial para Entrevista – Coordenadora Fatima Elena Zavagota.....	548
APÊNDICE 30 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Coordenadora Fatima Elena Zavagota.....	549
APÊNDICE 31 – Transcrição na íntegra da 4ª Entrevista com a Coordenadora Fatima Elena Zavagota.....	550
APÊNDICE 32 – Textualização da 4ª Entrevista com a Coordenadora Fatima Elena Zavagota.....	577

APÊNDICE 33 – Carta de Cessão – Coordenadora Fatima

Elena Zavagota..... 590

INTRODUÇÃO

É tempo de escrever. É tempo de me encharcar como uma esponja em minha pesquisa de mestrado. Atravessa-me, porém, a sensação de início, de começo. Toma conta de mim uma mescla de diferentes sentimentos e sensações: certo medo do princípio e uma ansiedade enorme de conhecer o final (se é que existe final quando tratamos de uma pesquisa).

Então, optei por abordar na introdução primeiramente um relato de minha trajetória, evidenciando as vivências e angústias que me conduziram ao desejo desta investigação. No segundo momento da introdução, apresentarei como estarão organizados os capítulos da dissertação.

INQUIETAÇÕES: CONHECENDO QUEM ESCREVE

Cada passo dado se constitui de interrogações, provocações, dúvidas e angustias e por isso, nosso contemplar está sempre em movimento, nunca permanece igual. A cada passo dado, a cada movimento que realizamos, a cada dia que vivemos, nos re-desenhamos. Por isso, penso que este seja o primeiro desafio de tantos outros que virão. Porém, o que se pretende com um Mestrado em Educação Matemática na temática de Interculturalidade? Posso afirmar inicialmente o que não pretendo. Não busco uma receita com respostas e resultados prontos. Pelo contrário. Desejo pesquisar, no fundo, o que me angustia, aquilo que me leve a entender minhas interrogações, angustias, e provocações.

Viver é uma aventura que implica incertezas sempre renovadas, eventualmente com as crises ou catástrofes pessoais e/ou coletivas. Viver é enfrentar incessantemente a incerteza, inclusive diante da única certeza, que é nossa morte, da qual não conhecemos a data. Não sabemos onde e quando seremos felizes ou infelizes, não sabemos de que enfermidades sofreremos, não conhecemos com antecedências nossas fortunas e infortunas (MORIN, 2015. p. 25-26).

Sendo assim, todos nós nos desenhamos a partir de nossos fundamentos e autoconhecimentos. Pesquisar é, acima de tudo, expor e refletir sobre nossos

conhecimentos, angustias, incertezas, contradições, crenças, enfim sobre a nossa vida. Na maioria das vezes, nós, docentes, partimos do contexto que estamos inseridos de um conhecimento prático diário, associado à nossa trajetória percorrida. No meu caso não é diferente!

E quando digo que por onde andei é conhecendo quem escreve, de fato é. Estou me conhecendo nesta pesquisa, em especial neste momento quando paro para escrever um pequeno relato de minha trajetória de vida. Talvez, porque não seja algo comum escrevermos e observarmos a nossa própria história. Confesso que a observação que consigo fazer sobre a mesma é profunda, reflexiva e sensível.

Ao rememorar o passado e transportar para o presente, me sinto desafiada. Penso que cada um vê com olhos que tem, e interpreta a partir de onde seus pés tocam o chão. Sendo assim, vamos lá!

Nasci no interior do Paraná, em Francisco Beltrão. Lugar que resido até hoje. Nesta cidade, que eu adoro, realizei os meus estudos até o final do Ensino Médio, sempre na rede pública de ensino.

Quando recordo da infância e adolescência, logo me vem um sorriso nos lábios. Que tempo bom! Tempo de simplicidade, de crença, diferentes valores.

Meus pais trabalhavam fora, e muito! Tia Nani cuidava de mim e de meu irmão. Cuidou muito tempo, e muitíssimo bem. Com pouca escolaridade, me recordo como se ela estivesse comigo neste momento, com sua tamanha força de vontade e simplicidade me ajudava nas tarefas escolares de cada dia, e na véspera de prova ela “tomava” meu conteúdo pela manhã, antes de irmos para a escola. O sonho de ser professora aflorou em mim ao ver seus ensinamentos.

Convivência com família numerosa, sempre em contato com a natureza e apaixonada por animais. Pude compartilhar o meu mundo imediato com pessoas de diferentes linguagens, crenças, receios e valores. Penso que todas essas experiências foram significativas para formar quem aqui agora escreve. Concordo com Paulo Freire (2005), quando diz que toda criança que um dia fica grande e vira uma pessoa adulta, carrega pela vida a fora o menino ou a menina que foi antes de crescer. E eu, carrego a minha menina aqui dentro de mim, e volta e meia, é ela quem ajuda a lembrar realmente quem sou, e jamais me deixa esquecer donde vim.

Quando chegou o momento de ir para a faculdade foi um tempo difícil. A escolha pelo curso de Matemática na UTFPR Campus Pato Branco (cidade vizinha 70 km) foi porque achava que estudaria os conteúdos da escola que eu estudava

anteriormente e que até então sempre havia encontrado uma facilidade durante minha vida escolar; grande engano! Outra dificuldade foi à questão financeira. Apesar da Universidade ser pública, eu tinha que pagar o transporte, o ônibus que fazia o traslado diário entre as cidades. No início do curso eu não trabalhava, então foi um pouco difícil, mas deu tudo certo no final. Logo após o segundo ano da faculdade, já comecei a trabalhar como professora substituta (PSS) pelo estado do Paraná, esse período foi marcante para mim. Eu era muitíssimo crua e sofri muito quando comecei, sentindo vontade de desistir, várias vezes. Hoje, penso: “ainda bem que você não desistiu”! Trabalhei quase seis anos como professora PSS pelo estado do Paraná. Claro que com o passar do tempo fui ganhando experiência, prática, coisas essas que, infelizmente, não tem como a faculdade, da forma como a conhecemos hoje, nos ensinar. Lembro-me que além do município de Francisco Beltrão, atuava também na cidade de Marmeleiro, que dista 8 quilômetros. Foi um período de trabalho intenso, muitas aulas, para uma professora em início de carreira eu diria que foi um período teste. Voltando a falar da minha graduação, o curso de Licenciatura em Matemática da UTFPR, no qual me formei em 2009, apesar do nome, infelizmente não possui o foco voltado para a docência. Além disso, os índices de reprovação eram e continuam sendo, muito altos. Eu, para minha alegria, não senti tanta dificuldade assim no curso. Mas, confesso que me deliciava mesmo com as disciplinas de instrumentação, didática... Essas sim faziam meus olhos brilharem!

Bem, após finalizar a graduação, comecei a trabalhar na rede privada de ensino da cidade de Francisco Beltrão. Permaneci ali por quase 6 anos, trabalhando em torno de 30 horas/aula semanais com todas as turmas do Ensino Fundamental II, com as disciplinas de Matemática e Desenho Geométrico e, no período vespertino, com os horários de atendimento às turmas do Ensino Médio. No início, eu ainda conciliava com a carga horária do estado. Gostava bastante de trabalhar com as turmas do ensino fundamental, por conta das possibilidades de prática que tinha de fazer. Então ali eu literalmente “pintei e bordei”, sinto saudade das minhas crianças. Mas confesso que a rede particular me sugou muito, principalmente quanto aos meus princípios, pois muitas práticas que eram comuns, estavam em desacordo com o que eu sempre acreditei.

A certeza que pulsava em mim é que eu não era uma docente para o ensino privado, talvez pelo fato das minhas origens mesmo, sempre fui aluna de escola

pública, graduação em Universidade pública, penso que esse sentimento vinha ancorado na vivência de quem aprendeu e viveu de uma maneira muito distinta daquela que ali acontecia. Mas, foi com os alunos deste colégio que eu realizei o trabalho de campo da minha segunda especialização, que tratava sobre a Etnomatemática, e sobre qual abordarei mais à frente.

No ano de 2013, participei de processo seletivo para professor substituto na UTFPR de Francisco Beltrão. Tive sucesso e atuei pouco mais de dois semestres na Universidade. Que experiência! Quando cheguei à Universidade, estava assustada, pois já não tinha intimidade com as disciplinas que iria lecionar, elas estavam esquecidas dentro de mim. Fiquei lotada no curso de Engenharia Ambiental para o qual lecionei, no primeiro semestre, a disciplina de Cálculo I, disciplina que também lecionei para os cursos de Engenharia Ambiental, Engenharia Química e Tecnologia em Alimentos. No segundo semestre, além de continuar com a disciplina de Cálculo I com a turma da Tecnologia em Alimentos e com uma turma especial (turma extra da disciplina), trabalhei também com o curso de Licenciatura em Informática lecionei Estatística.

Eu diria que foi amor á segunda vista, pela disciplina de Cálculo I, pois acredito que não havia realmente me apropriado desse conteúdo na graduação, mas para ensinar, aí sim, ele tem que pulsar em você. A experiência que ficou da Universidade foi bastante positiva, apesar da disciplina não ser vista pelos alunos com tanto encantamento.

Também atuei em alguns projetos e fui professora orientadora dos alunos monitores, neste tempo que estive na UTFPR de Francisco Beltrão. Conheci muita gente boa, diferente, de várias partes do nosso Brasil que vieram para o Paraná trabalhar e fixar morada e, isso é o bom da vida, conhecer, conversar, compartilhar. Saí da UTFPR para assumir o concurso do IFPR. Mas vamos por partes.

No ano que atuei na UTFPR trabalhava 40 Horas, e mantive o vínculo de 20h/a com a rede privada, foi um período bem exaustivo, de muito trabalho. E no meio de tudo isso, surgiu o edital do concurso do Instituto Federal do Paraná. Inicialmente, não me senti tentada a fazer por conta do cansaço e do esgotamento mental em que eu me encontrava, realmente sem tempo para estudar. Lembro-me, que numa tarde na sala dos professores uma colega comentou do concurso e disse que o faria, principalmente pelo fato da prova valorizar tanto o desempenho didático do candidato. Pois bem, ela me colocou a pensar. E na mesma noite fiz minha

inscrição. Recordo que a primeira etapa da prova foi realizada na cidade de Cascavel (distância de 160 km de Francisco Beltrão) na Unioeste, eram 30 candidatos disputando uma vaga. Fui classificada para a segunda etapa, que consistia em análise do currículo e desempenho didático, que foi realizada no próprio Campus, no meu caso em Barracão, foram 5 candidatos convocados para a prova de desempenho didático na minha área. O tema sorteado para minha prova didática foi Função Logarítmica. Durante a aula, apresentei algumas aplicações, relacionando com as estrelas, vulcões, e realizei uma prática envolvendo Torre de Hanói. A banca adorou. Fiquei classificada em primeiro lugar geral assumindo o concurso em fevereiro de 2015.

Assim como Belchior afirma em uma de suas canções, posso me considerar uma sujeita de sorte: aos 26 anos ingressei como servidora efetiva do magistério público federal como docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no regime de dedicação exclusiva (professora EBTT 40h DE). Sorte? Não. Creio que devo isso as minhas indefinições, vulnerabilidades, contradições, anseios e vivências.

Antes mesmo de finalizar a graduação, já iniciei minha trajetória enquanto Educadora Matemática. Caminhada esta cheia de dificuldades, incertezas, angústias, mas também repleta de busca pelo conhecimento de realmente ser uma Educadora Matemática e não apenas uma professora que repassava os conteúdos matemáticos sem nenhum compromisso social, afinal de contas, eu enquanto educadora, sempre participei ativamente da formação de cidadãos. Foi nesse momento que travei a minha (des)construção inicial, enquanto pessoa humana e como docente em início de carreira. Agora, responder com quantos alunos eu pude compartilhar um pouquinho de mim e levar um pouquinho deles nesta minha caminhada? Não arrisco com medo de errar! Mas foram muitos. E muitos tão especiais que guardo na memória e no coração. Alguns pela facilidade no aprender, outros pela alegria no modo de ver as coisas, outros ainda pela força de vontade de superar seus próprios limites. Nesse sentido, D'Ambrosio (2016) me faz pensar sobre o ato de educar, afirmando que:

De fato *educer* ou *ex-ducere* foi usado no sentido de dar à luz no parto. É uma vida nova que resulta desse ato. Ora, podemos pensar em “educar” no sentido de *educer*, de tirar o novo de cada indivíduo, de estimular sua criatividade, e de estimular o ser [substantivo] para que ele possa ser [verbo] na sua plenitude (D'AMBROSIO, 2016, p. 30).

Nessa busca constante, procuro me aperfeiçoar para dar retorno aos meus alunos. Tenho sempre em mente a palavra *kaizen*, que é uma palavra de origem japonesa que significa mudança para melhor, usada para transmitir a noção de melhoria contínua na vida de uma forma geral, segundo o *kaizen*, é sempre possível fazer melhor, nenhum dia deve passar sem que alguma melhoria tenha sido implantada, e sigo sempre em frente, com esse pensar.

Logo que sai da graduação, o sonho de fazer o mestrado era distante de minha realidade. Como eu já trabalhava e precisava sempre daquela renda para me manter e ajudar minha família, o sonho foi se distanciando. Então, pouco menos de um ano após minha colação de grau comecei a participar de uma pós-graduação Lato sensu, na modalidade semipresencial em Francisco Beltrão, intitulada Especialização em Ensino de Ciências e Matemática. Gostei muito do curso, e foquei o trabalho final nas metodologias para o Ensino da Matemática.

Em 2013 iniciei à segunda pós-graduação Lato sensu, agora pela UAB – Campus Pato Branco, voltada especificamente para a Educação Matemática. Amei o curso, foram dois anos de aprendizagens. E no momento da realização do trabalho final eu tinha que expor algumas angústias e curiosidades de conhecer melhor a tal da “Etnomatemática”. Dizem que somos resultados das escolhas que fizemos, mas penso que somos também das oportunidades que nos são ofertadas. E me foi ofertada uma bela oportunidade ali, a Universidade distribuiu de forma aleatória os orientadores, professores da UEPG para o trabalho final, E eu, por sorte, destino, ou oportunidade, fui orientada pelo Professor João Luiz Ribas, que já possuía estudos na área que eu desejava. Foi um trabalho muito bacana construído por mim, sob orientação constante do Professor João. O objetivo daquela pesquisa, foi conhecer a Etnomatemática, estabelecendo relações entre sua teoria e sua prática. Buscamos também quais os significados que uso da Etnomatemática traz de benefícios para os alunos no processo de Ensino e aprendizagem. Naquele momento, eu ainda atuava na rede privada, então desenvolvi, com duas turmas de 8º ano, a proposta de relacionar a matemática com as práticas estabelecidas pelos trabalhadores da construção civil.

E, ao finalizar a segunda especialização percebi que eu não poderia colocar um ponto final naquilo tudo que me motivou a começar. A nota de aprovação dada pela banca ao trabalho foi excelente, mas ficou o desejo de quero mais. Essa pretensão de concluir e fechar as ideias não me pertenceu naquele momento. O que

realmente ficou em mim foi: “você precisa continuar refletindo”. E foi isso que fiz, em minhas poucas horas livres, muitas vezes estava acompanhada de um autor fantástico, Ubiratan D’Ambrosio, que, por meio de seus textos indicou que ainda havia muito a ser visto, refletido, observado e estudado. Algo próprio, singular, algo que eu, apenas eu, enquanto pesquisadora e Educadora Matemática poderia compreender. Nessa linha de pensamento, o autor D’Ambrosio acrescenta que:

O mundo hoje é outro, cheio de maravilhas, mas também cheio de contradições. Tudo isso é visto em programas de televisão e considerado não tão fantástico pelos jovens. É lido em revistas que são consideradas pelos jovens muito mais interessantes que os textos escolares. É assunto de conversas nas rodas de amigos, comum nos noticiários e é fruto de experiência pessoal de muitos jovens.

Muito diferente daquilo que está nos currículos, que é desinteressante, obsoleto, e, na sua grande parte, inútil. Nada resulta da experiência, tendo, portanto, um caráter de artificialidade e irrealidade.

O mundo atual está a exigir outros conteúdos, naturalmente outras metodologias, para que se atinjam os objetivos maiores de criatividade e cidadania plena. Isso exige entender melhor o homem, a humanidade e o conhecimento (D’AMBROSIO, 2016, p. 39).

Foi a partir destas vivências, deste movimento constante que descrevi nestas páginas iniciais que surgiu o desejo inicial desta pesquisa. Pois, tudo no mundo pulsa, mas existe algo especial que nos salta aos olhos e é isso que vale a pena nos dedicar a pesquisar. Neste sentido, Ubiratan D’Ambrosio afirma:

Todos nós somos resultados de nossas próprias histórias. Carregamos nosso passado para o bem o para o mal.[...] Claro, que quanto maior nossa experiência, mais elementos temos para enveredar pelo novo. Mas a mesmice dificilmente nos leva ao novo. Isso é fundamental na educação (D’AMBROSIO, 2016, p. 23).

Sendo assim, diante do contexto vigente que estou inserida, somado aos meus anseios anteriores de pesquisa e perante a vasta coletividade de indivíduos que me deparei ao chegar na Tri Fronteira, ao ouvir um pouco do programa Escola Bilíngue de Fronteira, houve um encadeamento de convicções e anseios, donde, então, se constituiu o propósito da pesquisa: **Constituir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF)**. Minha investigação se concentrou na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, localizada em Dionísio Cerqueira/SC e sua escola irmã a Escuela 604 localizada em Bernardo de Irigoyen/AR. Por isso, as

colaboradoras da pesquisa serão duas coordenadoras (uma da Escuela 604 da Argentina e uma da Escola Theodureto) e duas professoras alfabetizadoras brasileiras que trabalharam com o *cruze* na escola irmã da Argentina.

Em muitos momentos, me preocupei com o objetivo de minha pesquisa não ser necessariamente da Educação Matemática. Inicialmente, um dos objetivos era pesquisar a forma como a Educação Matemática, em especial a Etnomatemática, aparecia nesse contexto intercultural, porém, isso não se evidenciou nas narrativas. Apesar disso, defendo que tal fato não inviabiliza minha investigação, ou pelo contrário, constitui-se como um dado, que mostra que mesmo em um contexto intercultural como esse que essa pesquisa se inseri, o ensino da matemática pouco se modifica. Não obstante, afirmo também que a Educação Matemática está em mim, e isso por si só, já bastaria! Penso que o fato de trazer e discutir o PEIBF e também, analisar um programa que trabalha pela metodologia de projetos, já riquíssimo. E muitas vezes, a noção de Matemática é uma noção extremamente fechada, e é pelo viés da Educação Matemática, que trago a produção dessas fontes orais, captando o que essas professoras e coordenadoras da Tri Fronteira tem a dizer e acreditando que essa seja uma possibilidade de resignificar a noção de fronteira.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Nesta angústia inicial, surge também a preocupação de querer produzir um texto que forme um todo (começo, meio e fim bem caracterizados) e que se comuniquem tornando a leitura aberta e dinâmica. Como de hábito nas dissertações, o texto, deve organizar-se em capítulos. Tarefa esta árdua, pois as ideias vêm e vão, e eu procurando enquadrá-las em capítulos. Sinto um amontoamento caótico de ideias ao tentar me encaixar nesta forma, para cumprir as exigências acadêmicas. Mas talvez, essa ordem seja necessária neste momento para organizar meus desejos e intenções para que eu não me perca nesta trajetória.

Sendo assim, apresento a dissertação da seguinte maneira:

Introdução: Trago nas páginas iniciais um breve relato de minhas vivências, relacionando com as inquietudes que me suscitaram o desejo desta investigação. Aqui também apresento a estrutura organizacional da dissertação.

1º Capítulo: Nesta etapa do texto, apresento a pesquisa em si. Contando como cheguei em Barracão/PR, para assumir o concurso do IFPR e tudo que esse desembarque aflorou em mim como pesquisadora. Compartilhando também, como foi a chegada ao programa PPGECM da UFPR, às alterações que ocorreram no projeto, o que minha trajetória profissional influenciou na delimitação da questão de investigação. Para então apresentar de que lado nasce o sol; o objeto de pesquisa em si.

2º Capítulo: Neste segundo capítulo apresento como irei desenvolver minha pesquisa. Teço aqui a parte metodológica do processo. Justificando minhas escolhas e trazendo um breve recorte sobre a História Oral e sobre a potencialidade da mesma na construção de fontes orais.

3º Capítulo: Neste capítulo, apresento o PROGRAMA ESCOLA INTERCULTURAL BILINGUE DE FRONTEIRA (PEIBF), trazendo desde o processo de criação, mostrando o que o MEC aborda em seus documentos, apresentando então a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto de Dionísio Cerqueira/SC, que foi a primeira escola no Brasil a aderir ao programa de cooperação educacional e, escola a qual as professoras entrevistadas atuavam e uma das colaboradoras ainda atua.

4º Capítulo: Neste momento do texto, caracterizo a região da Tri Fronteira, onde está localizado meu objeto de estudo. Tratando do viver em fronteira, relatando brevemente sobre o Consórcio Intermunicipal CIF, retratando também o que o IFPR trouxe para essa região da Tri Fronteira.

5º Capítulo: Neste espaço de minha dissertação, exibo a Narrativa da colaboradora Coordenadora Dayani Machado.

6º Capítulo: Neste capítulo de minha pesquisa, apresento a Narrativa da professora alfabetizadora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.

7º Capítulo: Neste capítulo exibo a Narrativa da segunda professora alfabetizadora entrevista, a professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.

8º Capítulo: Neste momento, apresento a Narrativa da Coordenadora da Escuela 604 localizada em Bernardo de Irigoyen/AR, Fatima Elena Zavagora.

9º Capítulo: Neste último capítulo, teço meu olhar, embasado pelas leituras realizadas, e o que foi vivido nesta pesquisa por mim. Aqui, procurei fazer minhas considerações finais sobre a pesquisa realizada.

1 TRAJÓRIAS E DESTINO DE UMA DOCENTE: BUSCANDO O CAMINHO

Neste capítulo inicial de minha dissertação, penso que é necessário localizar meu leitor em espaço, tempo e pessoa, por isso, preciso apresentar do que e de onde estou falando, para então mostrar o que me trouxe à escolha desta pesquisa. Sendo assim, inicialmente contarei um pouco da minha chegada em Barracão/PR para assumir o concurso do IFPR e o que encontrei ali, posteriormente, partilharei como foi à chegada ao Programa PPGEEM da UFPR para então dividir com o leitor como delimitarei minha questão de estudo.

1.1 TRI FRONTEIRA: QUANDO CHEGUEI UM POUCO MAIS PERTO

Juntamente com a aprovação no concurso e minha posse junto ao IFPR Campus Avançado Barracão (em fevereiro de 2015), aflorou mais intensamente em mim o desejo de continuar pesquisando na temática intercultural da educação. Penso que o passo inicial dessa ambição, é o fato da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica abrir a possibilidade de construção de um novo caminho para muitos jovens que não se encontram em regiões privilegiadas de nosso País. O anseio da instituição que atuo, é *proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade*. Sendo assim, considero este um caminho de esperança para muitos, revelando-se como um instrumento de mudança da própria qualidade de vida² de muitos jovens brasileiros. Acredito que levando a educação tecnológica de qualidade a essas localidades remotas do País surge a possibilidade de

² Aqui não se trata da noção capitalista de qualidade de vida, mas da perspectiva abordada na obra “*O Buen Vivir: Uma oportunidade de imaginar outro mundo*” de Alberto Acosta (2012), onde o autor propõe a construção de novas realidades políticas, econômicas e sociais a partir de uma ruptura radical com as noções de “progresso” e “desenvolvimento”, que são pautadas pela acumulação de bens e capital, pelo crescimento infinito e pela exploração inclemente dos recursos naturais, que está colocando em risco a sobrevivência dos próprios seres humanos sobre a Terra.

desenvolvimento³ local, regional e nacional. Abrindo espaço para a construção, suporte e democratização do conhecimento, incluindo também as ofertas de extensão, ensino, inovação e pesquisa voltadas às comunidades locais.

Como expressei brevemente na introdução, as inquietações quanto à temática intercultural da educação, já pulsavam desde minha última especialização. Portanto, o que me constitui hoje, enquanto pesquisadora são também as incertezas deixadas por essa pesquisa já realizada. Ao finalizar o curso de Especialização em Ensino da Matemática no ano de 2013, o que permaneceu foi o desejo de enraizar ainda mais os conhecimentos sobre as questões interculturais relacionadas com ensino da matemática. Quando conclui minha segunda pós-graduação, percebi que muitas lacunas se mantiveram e que muito eu ainda poderia avançar em minhas compreensões sobre a temática. Por isso, o que me trouxe e traz (pois o que me traz me faz permanecer), a essa pesquisa, são também os anseios dessa pesquisa já realizada, e é claro que somado ao contexto social que estou inserida – Docente do IFPR Campus Barracão – que está localizado na região da Tri Fronteira.

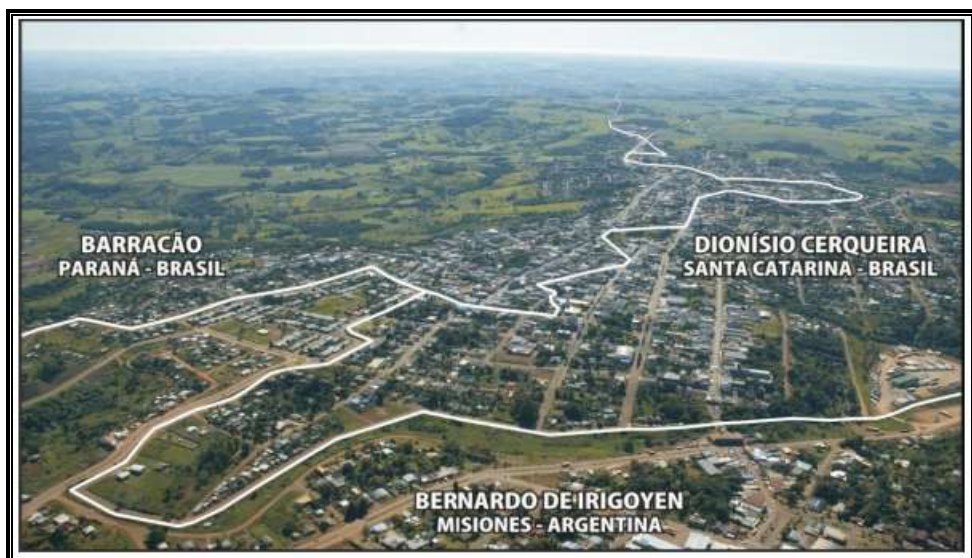
³ Não se trata da noção de desenvolvimento fundado no mito de um crescimento econômico contínuo e infinito, pois isso é algo impossível quando tratamos de um planeta com limites finitos; se trata, aqui, da noção apresentada em *“Buen Vivir e a crítica ao desenvolvimento: reposicionando a comunicação e a cidadania no pensamento latino-americano”* de Alberto Acosta (2012). O autor propõem que se constitua a partir dos questionamentos das bases estruturais do desenvolvimento e da comunicação para o desenvolvimento e para a mudança social, propondo a constituição de um campo conceitual e instrumental de luta para o enfrentamento das lógicas coloniais de negação e exclusão do “outro” e dos processos sistemáticos de destruição das condições que tornam possível a vida no planeta. É tanto uma crítica ao desenvolvimentismo, como um ensaio de alternativas. É um questionamento que abandona a ideia convencional de desenvolvimento e não procura reformá-la. Pelo contrário, quer transcendê-la.

FIGURA 1: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA TRI FRONTEIRA



FONTE: BOHRER (2016)

FIGURA 2: VISTA AÉREA DA TRI FRONTEIRA



FONTE: Disponível em:

www.dcq.sdr.sc.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=66&Itemid=154

A partir das imagens anteriores, é possível ter dimensão da diversidade cultural existente nessa região. Perante essa coletividade de indivíduos que encontrei ao chegar em Barracão/PR, e ao ouvir também um pouco da história sobre o programa Escola Bilíngue de Fronteira, houve um encadeamento de convicções, donde se constituiu o objeto de pesquisa atual. Neste contexto de reflexão, D'Ambrosio, em sua obra *Educação para uma sociedade em transição*, vem nos falar sobre as disciplinas e uma visão holística do conhecimento e da história. Nesse sentido, o autor afirma que:

Ao reconhecer o espaço e o tempo, o homem se pergunta *como é, o que é, o que será*, e procura explicações nas tradições e na história. Ele quer respostas e pretender influir no que será, adivinhando e fazendo, e assim desenvolve fazeres e saberes, organizados como técnicas, religiões e ciências. O acúmulo de experiências e práticas e das reflexões sobre elas, de teorizações, é o *conhecimento* de um indivíduo, de uma comunidade, de uma cultura, das civilizações e da humanidade (D'AMBROSIO, 2016, p. 43).

Agora, referindo do contexto vigente no qual estou inserida, geograficamente, o Município de Barracão/PR, em companhia com os Municípios de Dionísio Cerqueira/SC e Bernardo de Irigoyen/AR, formam um ponto de 8 divisas secas, recebendo o título de cidades Trigêmeas. Apesar de o IFPR Campus Avançado Barracão estar localizado em Barracão/PR, o mesmo é conhecido por Instituto da Fronteira, pois recebemos alunos dos três municípios citados anteriormente e de outras cidades vizinhas, como por exemplo, Bom Jesus do Sul/PR, Santo Antônio do Sudoeste/PR, Ampére/PR e Guarujá do Sul/SC.

Dentro do IFPR, os anseios de trabalhar nessa perspectiva intercultural da educação são eminentes (um dos fatores motivadores é, sem dúvidas, pela localização geográfica da instituição), assim como o desejo de recebermos alunos Argentinos em nosso *Campus*, para que esses discentes também possam usufruir da proposta do IFPR: *proporcionar ensino público, gratuito e de qualidade*. Infelizmente, isso ainda não é uma realidade em nosso Campus, pois nem mesmo a divulgação do processo seletivo é realizada na cidade de Bernardo de Irigoyen/AR, os motivos disso não sei justificar ao certo, talvez pela própria burocratização que seria para a instituição receber esse aluno oriundo da cidade vizinha, mas de país distinto, porém, pelo pouco que esse assunto é comentado dentro do nosso *Campus*, sabemos que se um aluno de Bernardo de Irigoyen participar do processo

seletivo e for aprovado, a instituição tem o dever de aceitá-lo como qualquer outro aluno de nacionalidade brasileira. Mas a nossa realidade, é que ainda não recebemos alunos da Argentina e tão pouco trabalhamos voltados para a temática intercultural, porém, em outros institutos, como é o caso do IFRG *Campus* Uruguaiana, isso já é uma realidade. Sendo assim, diante dessa proposta futura para a instituição - onde atuo como docente EBTT 40H/dedicação exclusiva - e meus anseios anteriores de estudo, emerge o que norteou a pesquisa.

D'Ambrosio (2016) sustenta que educação não é treinamento. E que não há conhecimento estático, pois o conhecimento está em permanente transformação. E defende que:

Os conhecimentos coletivos de uma sociedade incluem valores, explicações e modos de comportamento e são muitas vezes chamados às *tradições*, que orientam o comportamento dos indivíduos das gerações seguintes. Organizadas como História, as tradições orientam todo o comportamento de uma sociedade e de indivíduos. O homem é resultado de sua história (D'AMBROSIO, 2016, p. 45).

Posso afirmar que muitas portas se abriram desde minha entrada no IFPR em fevereiro de 2015. A importância de escrever sobre Barracão e do IFPR reside justamente no motivo pelo qual foi nessa instituição, neste campus, onde comecei a lecionar de forma efetiva na Rede Federal de Ensino e, enquanto docente com dedicação exclusiva, passei a concentrar todo o meu tempo e energia para o trabalho que iria desenvolver no *campus*. Passando assim, a compreender que somos comunidade⁴ e não indivíduos isolados, entendendo ainda, que não basta fazer a leitura da realidade existente ali nesta região da Tri Fronteira, é preciso ir além, é necessário compreendê-la para então transformá-la. Diante disso, assumi este compromisso comigo mesma, e me constituí enquanto docente desta instituição em minha totalidade. Foi nesse espaço que comecei a entender a dimensão do meu trabalho. Claro que todo o lugar nos proporciona novas experiências. Nada é como

⁴Para esclarecer o conceito de comunidade, considero a obra de Zygmunt Bauman (2003) "*Comunidade*", onde o autor não traz só um livro sobre comunidade, mas também, sobre a sociedade excludente na qual nos inserimos e na qual, sem ilusões, temos que operar. Então, considero comunidade como: "Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos" (BAUMAN, 2003, p.134).

antes. Nada é igual. Diante desta realidade, comecei a defender com todas as minhas forças, que a Educação deve ser para todos, como um direito e não como um dever, assim, compreendo que a educação deve ser para todos que a desejarem, e não podemos admitir lacunas (mesmo sabendo, que essa busca é incessantes, visto que ao suprir as existentes, outras novas surgirão); pois a educação para todos inclui as diferenças.

As tradições e as culturas em geral transmitem às gerações futuras o aglomerado de explicações, de modos de fazer, de estilos de comunicação e de valores, de comportamentos em geral, acumulados ao longo da história. Os conjuntos de modos de explicar (saber), de manejar (fazer), de refletir, de prever comportamentos e fenômenos, e dos métodos e normas [...] (D'AMBROSIO, 2016, p. 47).

À vista disso, logo que iniciei propostas de pesquisa e extensão junto a minha instituição, o que pulsava em mim era o desejo permanente de voltar às ações para a comunidade da Tri Fronteira como um todo, não limitando esses projetos para os alunos regulares do IF Barracão. Sendo assim, desenvolvi inicialmente a proposta de extensão (que continua em desenvolvimento mesmo eu estando afastada) *Ludoteca para o Ensino Médio*. Meu objetivo nesta proposta de extensão era abrangente. Junto aos professores e alunos colaboradores, desenvolvendo uma sala específica para o projeto, onde começamos a desenvolver jogos para o Ensino Médio. Envolvemos neste projeto inicialmente as disciplinas de Matemática e Química, posteriormente aderiram à proposta Língua Inglesa, Língua Portuguesa Filosofia e Sociologia. O objetivo desta ação é de que toda a comunidade da região da Tri Fronteira possa usufruí-la desse espaço como forma lúdica de ensino para essas disciplinas. Sendo assim os professores são convidados a usar este espaço com esses jogos desenvolvidos por nós, e ali realizar suas aulas. É um projeto encantador e voltado para a comunidade interna e externa à instituição.

Neste mesmo sentido, realizei também com os docentes de Química, Física e Biologia o projeto de pesquisa *Palavras Cruzadas: Uma ferramenta lúdica*. Nesta ação, desenvolvemos junto a uma aluna bolsista palavras cruzadas englobando as disciplinas citadas e envolvendo também, sempre algo específico da região da Tri Fronteira, sejam dados dali, questões do relevo, questões que eram reais para todos que ali vivem. Num segundo momento, as cruzadinhas foram aplicadas nas escolas que possuem o Ensino Médio da Região. Os resultados foram muito positivos, os

alunos adoraram. Por isso, conseguimos também estabelecer um acordo com o *Jornal da Fronteira* (jornal local) que realizou a publicação de nossas cruzadinhas semanalmente.

Outra ação que participei, foi o projeto Arcos na arquitetura da Tri Fronteira. Nesta ação, contei com a participação do professor de Artes e de duas alunas (uma voluntária e outra bolsista). Neste projeto, as alunas fizeram todo o estudo sobre arcos, arquitetura e desenho geométrico, para então ir para o trabalho externo, em que as mesmas identificaram os arcos existentes na região da Tri Fronteira, de acordo com as classificações estudadas. Posteriormente foi realizado um trabalho de fotografia muito interessante e exposto junto à comunidade.

1.2 A CAMINHADA É LONGA E O CHÃO É LISO: CHEGADA AO PROGRAMA

Dizem que nossos sonhos não possuem prazo de validade, que devemos respirar fundo e tentar novamente se não der certo na primeira tentativa. Foi isso que fiz. Na tentativa primária de ingresso no programa PPGECM, não obtive sucesso na etapa final do processo de seleção. Confesso que naquele momento não consegui compreender o porquê. Mas hoje consigo. No ano que tentei o mestrado pela primeira vez, eu trabalhava 60 horas por semana, sem possibilidade alguma de redução de carga horária. Hoje, consigo compreender que as coisas só acontecem no momento certo. Com o mestrado foi assim, aconteceu no momento em que tinha que acontecer, pois não é possível separar corpo e mente.

Ingressei no programa de mestrado, no início de 2016, o primeiro semestre de estudo foi muito desgastante. De segunda é quarta-feira me dedicava ao IFPR Barracão, realizando o deslocamento diário de minha cidade natal (Francisco Beltrão) para a Tri Fronteira, que dista 90 km, totalizando em torno de 200 km diários na estrada. Já na quarta-feira à noite, embarcava para Curitiba. Chegava à capital por volta das 6 horas da manhã e no primeiro semestre cursei três disciplinas no programa, duas na quinta-feira e uma sexta-feira. No segundo semestre, tudo se tornou mais tranquilo. Em maio foi publicado o edital de afastamento para dedicação integral a programa de pós-graduação. Inscrevi-me, concorrendo à única vaga

disponível no meu *Campus*, e consegui. Sendo assim, á partir do mês de agosto de 2016, afastei-me integralmente da instituição onde atuo para me dedicar ao programa de mestrado. No segundo semestre de 2016, cursei mais duas disciplinas no programa e uma aqui em Francisco Beltrão na Unioeste.

Desde que cheguei ao programa, muitas leituras foram realizadas e, por consequência, muitos "conceitos" previamente estabelecidos foram sendo desconstruídos. Inicialmente esse processo de desconstrução não ocorreu de forma natural e senti um grande estranhamento no início desta caminhada. Dessa forma, se o ser humano é único nos processos mentais e extremamente diversos nos seus produtos, o autor Marcio D'Olne Campos chama atenção à necessidade de enfrentarmos esse estranhamento:

Enfrentar o estranhamento e entender o outro partindo de uma “ferramenta” disciplinar nossa, pode produzir um recorte enganoso e muito parcial da realidade de saberes do outro – todos já classificados e recortados por nós (D'OLNE CAMPOS, 2002, p. 48).

Hoje, um pouco mais madura no caminhar da vida de mestranda penso que estranhar e estranhar-se é importante porque nos coloca em movimento, na marcha pelo conhecimento, em busca de nossos esclarecimentos. Sem dúvida, esse é um momento conflitante, pois não é fácil enxergar além do que estamos acostumados, abrir nossos horizontes e estar em constante movimento de construção e desconstrução dos saberes adquiridos. Mas uma das questões que enfrentamos ao trabalhar com outras epistemologias, outras racionalidades, é fato de querermos medir o Outro a partir da régua que possuímos. E como afirmou Camões, “*Por mares nunca dantes navegados*” para que nos servem os mapas mentais que possuímos? Afinal, teremos que construir outros novos. Mas este é o processo, e que rico processo de aprendizagem. D'Olne Campos, afirma que:

[...] Para isso – ao menos no que o consciente permite - é necessário que durante os momentos de estranhamentos nas leituras do mundo do ‘outro’, esforcemo-nos em eliminar ao máximo nossas bagagens disciplinares e pré-conceitos [...] (D'OLNE CAMPOS, 2002, p. 47).

Para Carlo Ginzburg o estranhamento é um meio para superar as aparências e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. Em sua obra “*Olhos de Madeira*” o autor coloca o leitor a refletir sobre a questão da legitimidade dos temas e objetos de pesquisa e a questão do distanciamento.

Que interesse isso (Estranhamento) pode ter - alguém poderia perguntar-para historiadores, para os estudiosos às voltas com documentos de arquivo, com atos notariais, e assim por diante? Por que deveriam perder tempo com o estranhamento e com conceitos semelhantes elaborados pelos teóricos da literatura? [...] Parece-me que o estranhamento é um antídoto eficaz contra o risco a que todos nós estamos expostos : o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos). As implicações antipositivistas dessa observação são óbvias. Mas salientar as implicações cognitivas do estranhamento, eu gostaria também de me opor com máxima clareza possível às teorias da moda que tendem a esfumar, até torná-los indistintos, os limites entre história e ficção. Essa confusão teria sido repelida pelo próprio Proust. Quando dizia que a guerra pode ser contada como um romance, Proust não pretendia de modo algum exaltar o romance histórico; ao contrário, queria sugerir que tanto historiadores como os romancistas (ou pintores) estão irmanados num fim cognitivo. É um ponto de vista que compartilho plenamente. Para descrever o projeto historiográfico em que pessoalmente me reconheço, utilizaria, com pequena modificação, uma frase de Proust :'mesmo supondo-se que a história seja científica, ainda assim seria preciso pintá-la como Elstir pintava o mar, ao revés (GINZBURG, 2001, p. 39-41).

Para Carlo Ginzburg (2001, p. 41) o estranhamento é o antídoto eficaz contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade (inclusive nós mesmos). Estranhar é ter consciência que, numa sociedade globalizada, na qual o mundo todo é nossa casa, todos nos sentimos estrangeiros em relação a alguma coisa e a alguém. É com essa tomada de consciência que convidamos a nós mesmos a estranhar mais e a buscar elementos e temas que não estão óbvios. É agir como a criança que, curiosa, sempre pergunta “por que” e o nome das coisas.

Assim sendo, estranhamento não consiste em encontrar a diferença entre aquele que lê e o documento lido, mas no exercício de distanciar-se de suas ideias anteriores durante a leitura.

Quando me vi mestranda, dei-me conta que as dúvidas surgem sempre. O meu desejo de pesquisa inicial (projeto que apresentei no processo seletivo do programa) foi sofrendo alterações no decorrer do primeiro semestre. Seja pelas leituras que realizei por indicação do orientador, seja também, pelos aprendizados adquiridos no decorrer das disciplinas, seja pelos comentários e saberes que foram lançados nos eventos que participei. Minha primeira intenção era pesquisar a Etnomatemática, relacionando com os diferentes saberes existentes no Ensino Médio Técnico. Porém, essas mudanças que comentei foram surgindo, de maneira que nem eu, enquanto pesquisadora, consigo explicar. Penso que essa dificuldade de esclarecer o porquê dessas mudanças, vem no sentido de que as mesmas foram acontecendo de forma leve e natural.

Araújo e Borba em "*Construindo pesquisas coletivamente em Educação Matemática*" afirmam que não existe uma receita pronta para a realização de pesquisas na nossa área. Com planejamento não rígido, iniciei meu processo de busca no qual permanecia sempre aberta para encontrar o inesperado, Assim, meu planejamento deve ser flexível para que eu não "sufoque" a realidade.

Penso que minha pesquisa é aberta. Aberta para a realidade. É fato que quando decidimos pesquisar algo, comumente temos um prévio conhecimento sobre o assunto, conhecimento este, que fez surgir todas as inquietações e estranhamentos. Entendo que não podemos chamar isso de concepção e muito menos de hipótese. Aqui, o que não podemos é nos deixar guiar apenas por esse conhecimento prévio já adquirido, usar exclusivamente essas lentes para analisar essa pesquisa, pois, dessa forma, deixamos muitas coisas passarem despercebidas, na medida em que já estamos com um pré-conceito formado do que encontraremos. E isso é o que não desejamos para nossa investigação. Sendo assim, eu, enquanto pesquisadora, farei o exercício de não olhar minha pesquisa apenas pelas lentes da experiência, pois isso poderá me impedir de ver os diferentes saberes que ali afloram.

É fato, que as formas de "leitura do mundo" dependem fortemente do ponto de vista ou do referencial do observador e podem se diferenciar fortemente em função de classes sociais, gênero, idade, modos de vida próprios de uma mesma cultura ou do encontro de diferentes culturas (Freire, 1981).

Concordo com D'Olne Campos (2002), quando afirma que o conhecimento só poderá se estabelecer através do diálogo que pela consciência da diferença, permitirá aos dois re-conhecimento pela diferença, não só entre cada um deles, mas também em outras leituras de situações e contextos sócio-culturais. E é neste contexto que se dará essa investigação.

Boaventura Sousa Santos trabalha em vários de seus textos a questão da tensão entre igualdade e diferença, isto é, da passagem da afirmação da igualdade ou da diferença para a da igualdade na diferença. Para o autor, Não se trata de, para afirmar a igualdade, negar a diferença, nem de uma visão diferencialista absoluta, que relativize a igualdade. A questão está em como trabalhar a igualdade na diferença.

Santos (2006, p. 462) chama de o novo imperativo transcultural, que no seu entender deve presidir uma articulação pós-moderna e multicultural das políticas de

igualdade e diferença: “temos o direito a ser iguais, sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”. É nesse contexto entre igualdade e diferença, entre superar toda a desigualdade e, ao mesmo tempo, reconhecer as diferenças culturais, que os desafios dessa articulação se colocam.

Para Catherine Walsh (2007) em sua obra *Interculturalidad crítica y educación intercultural*, a interculturalidade é concebida como um processo e uma estratégia ética, política e epistêmica. Nesta perspectiva os processos educativos são fundamentais. Através deles se questiona a sociedade e a educação, se desvela o racismo e a racialização das relações, se promove o reconhecimento de diversos saberes e o diálogo entre diferentes conhecimentos, combate-se as diferentes formas de deshumanização, promovem-se a construção de identidades e o empoderamento de pessoas e grupos excluídos, favorecendo processos de construção coletiva na perspectiva de projetos de vida pessoal e de sociedades “outras”.

1.3 DE QUE LADO NASCE O SOL: DELIMITANDO O ESTUDO

Tendo a consciência que neste momento minha problemática é o que me define. Tenho discernimento da importância de delimitar minha pesquisa e focar no que realmente pulsa em mim.

Mas, como fazer essa delimitação? Ou ainda, o que é delimitar? Se buscarmos a palavra no dicionário, encontramos como primeira acepção “Fixar os limites; estrear; demarcar” (FERREIRA, Aurélio B., 1986). Confesso que essa afirmação que implica no fazer a determinação das fronteiras e limites de minha pesquisa me deixa um tanto quanto desconfortável.

Dito isso, justifico brevemente esse sentimento. Desde quando iniciei o pensar sobre a investigação, o desenhar do meu projeto de pesquisa, sempre tive a consciência do que eu não gostaria que ocorresse: sufocar a realidade que encontrei na Tri Fronteira.

Assim sendo, quando iniciei essa caminhada, decidi por seguir aberta para a exploração, ciente que as coisas vão se modificando na medida em que vou caminhando, estudando, conhecendo e me envolvendo com o objeto de pesquisa.

Como afirmam Araújo e Borba (2004), é natural que as modificações aconteçam, à medida que a própria experiência com o trabalho de campo e as leituras de novas referências levam o pesquisador a ganhar uma nova perspectiva que vai transformando o foco em questão.

Mediante esse contexto, quero ouvir a pesquisa, ouvir o que minha interrogação tem a dizer. Sei que minha indagação é algo em movimento e, por isso, “o resultado de nossa busca não está nem na chegada e nem na partida, mas se dispõe em nossa travessia”, como já afirmou João Guimarães Rosa em sua obra *“Grande Sertão: Veredas”* (ROSA, 1994, p. 86). Quero compreender para interpretar e interpretar para compreender meu objeto de interrogação.

Para me movimentar ao longo da pesquisa e não me perder em meio às incertezas, mesmo que eu às julguem mais que necessárias nesta etapa, efetuo minha intenção de investigação: **Constituir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Trata-se de uma pesquisa qualitativa que faz uso de práticas da história oral em sua vertente temática.**

Nessa pesquisa, desejo considerar falas, ouvi-las e registrá-las para conseguir conhecer e compreender minha questão de investigação. Para isso, farei uso dos procedimentos da História Oral, em que cada uma das colaboradoras da pesquisa em questão poderá construir sua própria reflexão sobre o programa PEIBF, elaborando suas narrativas a partir de palavras chaves estabelecidas por mim, enquanto pesquisadora na temática intercultural da educação. Portanto, desejamos assim, construir fontes históricas.

Diante do exposto e de meus anseios de pesquisa, penso que investigar a Proposta de Cooperação Educacional PEIBF na Escola Theodoreto, em Dionísio Cerqueira/Santa Catarina na perspectiva da História Oral, construindo fontes históricas é algo significativo no sentido de pensar em uma Educação Matemática voltada para essa diversidade cultural existente na região onde essa escola está inserida - Região da Tri Fronteira - lugar de rica diversidade cultural. Esta investigação vem no sentido de fazer da Matemática uma disciplina que reconheça a diversidade sem produzir desigualdade discriminatória excludente. Para D’Ambrosio (2016, p. 67) a existência de diferenças e de conflitos é natural, e o encontro com o

diferente é essencial para a continuidade da espécie, como em todas as espécies vivas.

Desde quando decidi me aventurar no mestrado, sem dúvidas pensei no que o programa em poderia acrescentar na minha formação profissional. Mas quando avistei a possibilidade de pesquisa surgir ancorada na realidade em que eu e minha instituição estamos inseridas, isso falou mais forte, e começou a pulsar em mim com uma frequência bem mais intensa. Quando eu afirmo que a proposta da minha instituição é *proporcionar um ensino público, gratuito e de qualidade*, acredito que essa qualidade pode ser atingida, se não em sua totalidade, mas em grande parte, através da linha de pesquisa que escolhi voltada para a temática intercultural.

Vale destacar, o que queremos dizer com o conceito de qualidade que é sugerido no parágrafo anterior. Acordo com Moacir Gadotti (2013), que afirma em sua obra *Qualidade na Educação: Uma Nova Abordagem*, que o tema da qualidade na educação tem sido abordado de vários ângulos. Ele pode ser visto pelo ângulo da adequação de melhores estratégias para alcançar velhos objetivos instrucionais ou em função de um currículo em mudança. É um conceito ligado a vida das pessoas, ao seu bem viver.

Por isso, Gadotti (2013) afirma que há um conjunto de variáveis, intra e extraescolares, que interferem na qualidade da educação, entre elas, a concepção mesma do que se entende por educação. Qualidade e quantidade são conceitos complementares já que qualidade para poucos é privilégio, não é qualidade. Por isso, a qualidade da educação precisa ser encarada de forma sistêmica. A educação só pode melhorar no seu conjunto. O autor sustenta que a qualidade é um conceito dinâmico, que deve se adaptar a um mundo que experimenta profundas transformações. Trata-se de um conceito político que, apesar de elementos comuns, se altera, dependendo do contexto. Nessa nova abordagem do tema da qualidade, a categoria sustentabilidade deve ser considerada central e nos ajudar na renovação de nossos velhos sistemas educacionais.

Falar em **qualidade social** da educação é falar de uma nova qualidade, onde se acentua o aspecto social, cultural e ambiental da educação, em que se valoriza não só o conhecimento *simbólico*, mas também o *sensível* e o *técnico* (GADOTTI, 2013,p. 1).

Sendo assim, qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas. Na educação a qualidade está ligada diretamente ao bem viver de todas as nossas comunidades, a partir da comunidade escolar. A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela.

A linha de estudo escolhida: **Educação não formal, Artes e Cultura na Educação em Ciências e Matemática, se incorporando na temática Intercultural da Educação**, surge muito de acordo com a minha conceituação do conhecimento humano, que é muito ampla e abrangente. Acredito que não há conhecimento estático, congelado, tudo está em constante transformação. Ubiratan D'Ambrosio, em sua obra *“Educação para uma sociedade em transição”*, afirma que:

Se na sua origem esses conhecimentos vêm embutidos numa mística própria de tecido cultural na qual eles são gerados, após essa expropriação eles se revestem de uma capa mistificadora, de códigos e de uma lógica interna que os tornam inacessíveis no seu todo e nas suas implicações. É inegável o fato de que o povo gera conhecimento (D'AMBROSIO, 2016, p. 67).

Compreendo que o trabalho do educador não é servir ao sistema que nos é apresentado. Penso que o papel de cada indivíduo, se dá, de acordo com suas potencialidades e bagagens. Neste sentido, temos que:

Esse é o grande momento da espécie humana, a descoberta do outro e da troca com o outro, através da comunicação, de informações e de estratégias de ação. Assim surge a cultura, que leva indivíduos a reconhecer alguns fatos comuns, e a definir estratégias para a ação comum. Cultura se manifesta através da possibilidade de indivíduos terem reações e comportamentos parecidos, compartilharem codificações para a comunicação (linguagem) símbolos e mitos e, conseqüentemente, valores. Cultura e suas manifestações dão origem a organizações grupais, tais como família, tribo e comunidade, que caracterizam uma sociedade (D'AMBROSIO, 2016, p. 79).

E seguindo nesta realidade de partilha, o meu desejo futuro é que eu possa ser uma formadora de formadores. Que após concluir minha pesquisa de mestrado, que eu possa atuar como uma formadora de formadores junto aos professores que atuam na rede básica de Ensino da Tri Fronteira. Que eu possa compartilhar com eles os saberes adquiridos no programa, em especial os voltados à temática intercultural da Educação e minha pesquisa em si. Pois muitos professores que

atuam ali naquela região, pouco ou nada conhecem sobre o Programa de cooperação educacional que compõem minha investigação.

2 TIJOLO COM TIJOLO: A CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

Neste capítulo de meu trabalho, procurei esclarecer o porquê da escolha metodológica pela História Oral e quais os caminhos percorri até fazer esta escolha, sendo assim, abordarei aqui um pouco desta metodologia, trazendo sobre o seu surgimento e concepção segundo alguns autores. Fiz uso desse espaço da dissertação, para explicar também, como se deu a escolha das colaboradoras da pesquisa e como foi definido o instrumento de pesquisa utilizado.

2.1 INTENÇÃO INICIAL

Uma vez que a investigação tomou forma enquanto projeto de pesquisa e começou a ganhar corpo enquanto pesquisa acadêmica e o tema e a meta do trabalho foram definidos, a pesquisa passou exigiu muito mais de mim enquanto pesquisadora, senti um grande compromisso, no sentido de me responsabilizar por essa investigação como um todo e de forma muito especial e consciente, ao definir a maneira que eu utilizaria para conduzir essa investigação, a metodologia que seria adotada.

Sendo assim, passei a pesquisar e estudar a questão metodológica, na busca de tentar estabelecer qual seria adotada para colaborar de forma significativa com o objeto de estudo. No início (primeiro semestre como mestranda e cursando a disciplina de Seminários I no Programa), isso foi um impasse, uma grande dúvida. Porém, com o passar dos meses, das leituras realizadas, das disciplinas cursadas, das desconstruções de saberes, das escolhas que foram ocorrendo de forma natural, e a opção pelo Grupo focal na perspectiva de Bernardete Gatti, foi uma delas.

Após eu dialogar com os autores que tratavam da parte metodológica, conheci o trabalho do alemão Uwe Flick, que em sua obra *“Uma introdução à Pesquisa Qualitativa”* me apresentou as investigações que são realizadas através de Grupo Focal. De imediato, tal instrumento me despertou imenso interesse. Inicialmente, foi pelo fato de permitir ao pesquisador compreender os processos de construção da realidade vivenciada por determinados grupos sociais, assim como,

de compreender práticas cotidianas e comportamentos prevalentes de alguns indivíduos que compartilham traços comuns, traços estes, que são relevantes para o estudo em questão.

Num segundo momento, me deparei com o trabalho da autora Bernardete Gatti, em sua obra "*Grupo Focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*" afirmando que o grupo focal é uma técnica de pesquisa, em que um conjunto de pessoas é selecionado pelo pesquisador para discutir e comentar um tema, que é o objeto de trabalho, a autora salienta que o grupo em questão deve possuir algumas características comuns, como por exemplo, a vivência do tema discutido. E nessa perspectiva, eu havia me decidido por trilhar meus caminhos. Então, pretendia reunir um pequeno grupo, cerca de 5 professoras desta escola de fronteira que atuam desde o início da proposta de cooperação educacional, e conversar/discutir/comentar o tema em questão com elas. A intenção seria, começar a conversa tratando sobre seu percurso individual: quem são, onde vivem, formação, disciplinas que atuam, como vieram trabalhar nesta escola de fronteira. Posteriormente, sobre o tempo de atuação nesta escola (o objetivo é que seja anterior ao processo de implantação sobre o processo de implantação do PROGRAMA ESCOLA DE FRONTEIRA) e, por fim, sobre o PROGRAMA ESCOLA DE FRONTEIRA: processo de implantação, como funciona hoje, o que influencia em suas práticas, em suas metodologias, no fazer dentro da sala de aula, que saberes afloram dentro desta escola com tamanha diversidade e o que elas esperam deste programa para o futuro. No final do encontro com o grupo de professoras, a intenção era que as colaboradoras da pesquisa pudessem escrever uma carta, como se estivessem direcionando para uma Escola qualquer do Brasil, Escola está que está localizada em região de fronteira e que pretende implantar o PROGRAMA ESCOLA DE FRONTEIRA.

Contudo, as coisas não se deram conforme o planejado. Ao procurar a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, para um segundo contato (pois eu havia feito isso logo que ingressei no Programa), as informações que eu havia recebido no primeiro contato não se confirmaram, pois as docentes que participaram do momento de implantação da proposta de cooperação educacional já não atuavam, estavam aposentadas, e várias já nem residem mais na região da Tri fronteira.

Bem, isso me desestruturou perante todo o planejamento estabelecido na perspectiva de grupo focal. Não sou ingênua em dizer que não havia um apego de minha parte, pelas escolhas já realizadas, visto que essas não se deram por acaso, decorreram das muitas leituras e reflexões feitas por mim, enquanto pesquisadora, pensando nas singularidades da minha questão de investigação e das informações que haviam sido repassadas a mim, no primeiro contato com a escola.

Mas, enfim! Exercitar a capacidade de resiliência foi algo muito necessário nesta etapa do trabalho. Vejo que de certa maneira, o que tudo isso mostrou, é que são muitas as questões que não estão sobre meu domínio, e essas novas informações ou possíveis contradições que me deparei, exigiram de mim, enquanto investigadora. Frente a minha indagação, foi necessário tomar medidas, para que o objeto de pesquisa apareça da melhor forma possível. Diante disso, aceitei o que não poderia mudar, e comecei uma nova reflexão sobre o que fazer quanto minha nova escolha metodológica.

Creio que não há situação ideal de comunicação que deve ser seguida em uma pesquisa, pois cada pesquisa é única, e diante disso, cada proposta não deve tentar usar ou limitar-se a um padrão. E nesse sentido, Pierre de Bourdieu em sua obra "*Compreender*", afirma que:

Não creio que por isso se possa remete-se aos inumeráveis escritos ditos metodológicos sobre as técnicas de pesquisa. Por mais úteis que possam ser para esclarecer tal ou qual efeito que o pesquisador pode exercer "sem o saber", lhes falta quase sempre o essencial, sem dúvida porque permanecem dominados pela fidelidade a velhos princípios metodológicos que são frequentemente decorrentes, como o ideal da padronização dos procedimentos [...] (BOURDIEU, 1997, p. 693).

Reconheço que sou uma pessoa que necessita de respostas, para então conseguir seguir em frente. Sejam essas respostas temporárias ou efetivas. É esse meu modo humano de me organizar. Não consigo caminhar em incertezas. Necessito de algumas respostas, pois essas funcionam pra mim como portos-seguros, onde consigo parar, respirar, olhar além de mim mesma, e assim, poder seguir na minha busca, pelo caminho que desejo trilhar.

O que percebi, é que apesar da necessidade de estabelecer um novo caminho, eu também senti medo do desconhecido, pois querendo ou não, a opção pelo Grupo Focal me deixava dentro de uma zona de conforto, pois era algo que eu

já havia lido muito a respeito e estava me sentindo muito confortável quanto à escolha realizada.

2.2 HÁ UM PASSADO EM MEU PRESENTE: HISTÓRIA ORAL

Infelizmente o tempo não para, como já disse Cazuzza em uma de suas canções. E não foi diferente para mim, o tempo não parou, para que eu pudesse refazer meu planejamento metodológico, sendo assim, eu precisava trilhar de forma imediata meu novo caminho.

Eu já havia conhecido um pouco a História Oral através do projeto de pesquisa de algumas colegas do Programa. Diante da necessidade de estabelecer uma nova opção, comecei a olhar este método com mais carinho e atenção. Confesso que inicialmente, os procedimentos de transcrição e de textualização da História Oral me assustavam, pelo fato de serem trabalhosos e exigirem bastante tempo e dedicação por parte do pesquisador.

Buscando informações, me deparei com algumas abordagens da História Oral que se dão através de palavras-chaves pré-determinadas pelo pesquisador, e a partir disso, me rendi aos encantos dessa metodologia de pesquisa. Dessa forma, pude expandir meu olhar, e enxergar o potencial da investigação nessa proposta, e percebi, que buscando os professores já aposentados, que participaram do momento de implantação dessa proposta de cooperação educacional, eu poderia construir as narrativas dessas colaboradoras, produzindo então fontes orais únicas sobre o Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Desde o momento que decidi pela metodologia da História Oral na vertente temática, sempre defendi que as narrativas das depoentes por si só bastam! Em nenhum um momento tive o anseio de analisá-las, ou compará-las. Compreendo que como objetivo é construir fontes orais sobre o PEIBF a partir das narrativas de minhas colaboradoras, não há a necessidade de explicar nem solucionar nada. Para mim, a compreensão abre portas para enxergarmos os significados. E, nesse sentido, me dei conta do quanto à metodologia da História Oral viria para somar em minha pesquisa. E foi por esse caminho que decidi caminhar.

Garnica ajuda a fundamentar a escolha por este método dizendo que:

[...] A justificativa para isso é simples: quem usa a História Oral visando a compreender o que quer que seja, estará, intencionalmente, produzindo fontes que podem -ou não- servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado [...] (GARNICA, 2010, p. 31).

O mesmo autor ainda nos revela como foi o surgimento da História Oral. Segundo ele, esta metodologia surge em meados das décadas de 1960/70, privilegiando não mais as exceções, mas “grupos e populações de segmentos médios que dão /.../ a tonalidade média de uma situação concreta”, com o que se inicia, verdadeiramente, uma reflexão metodológica. Para Garnica (2003), trata-se de expor o acontecimento social sem classificações prévias, sem o desejo de coisificá-la ou factualizá-la, mas de certa forma, desejando abrir os diferentes planos discursivos de memórias várias, considerando as tensões entre as histórias particulares e a cultura que as contextualiza. O sujeito, que se constitui a si próprio no exercício de narrar-se, explica-se e dá indícios, em sua trama interpretativa, para compreensão do contexto no qual ele está se constituindo. O autor ainda destaca a importância de reconhecer as duas instâncias da História Oral enquanto metodologia na pesquisa historiográfica:

[...] duas instâncias próximas, mas distintas, que têm caracterizado as investigações: a História de Vida e a História Oral Temática. Ao trabalhar com a História de Vida, o pesquisador interessa-se pelo que o depoente, previamente selecionado, conta de sua vida como uma totalidade: o depoente narra-se. Infância, adolescência, juventude, velhice, hábitos, vida profissional e pessoal compõem uma trama na qual se desfiam percepções e reconstruções do espaço e do tempo vividos. O trabalho com História Oral Temática, ainda que, como na História de vida, pautado nos depoimentos orais recolhidos de pessoas particularmente significativas para o problema focado pelo pesquisador, centra-se mais em um conjunto limitado de temas. Pretende-se reconstituir “aspectos” da vida dos entrevistados: pretende-se auscultar partes de experiências de vida, recortes previamente selecionados pelo pesquisador. Certamente que, dada à atmosfera em que se espera transcorra a entrevista, fatos que deslizam para fora do campo temático previamente definido pelo pesquisador são também considerados, mas não terão, necessariamente, papel decisivo na interpretação da narrativa colhida (GARNICA, 2003, p. 7).

Diante da diferenciação estabelecida por Garnica (2003), nesta pesquisa, adotaremos o procedimento metodológico da História Oral Temática. Pois como a caracterização acima mostra, o objetivo em questão é colher as narrativas dos professores colaboradores que são significativas para essa pesquisa, logo, os

depoimentos orais coletados serão centrados nos objetivos dessa investigação e vão ser limitados a partir das palavras-chaves⁵ pré-estabelecidas por mim, enquanto pesquisadora nesta perspectiva.

A História Oral é uma forma específica de discurso, onde o termo história invoca uma narrativa do passado e oral indica um meio de expressão, isto é, os participantes da pesquisa, ao lembrar e reviver o seu passado, para então produzir as narrativas, contam aquilo que de fato foi experienciado e sentido, mergulhados no modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que atribuem, no tempo presente.

De acordo com Delgado

Os melhores narradores são aqueles que deixam fluir as palavras na tessitura de um enredo que inclui lembranças, registros, observações, silêncios, análise, emoções, testemunhos. São eles sujeitos de visão única, singular, porém integrada aos quadros sociais da memória e da complexa trama da vida (DELGADO, 2003, p. 23).

Por meio das lembranças podemos recuperar os acontecimentos passados, tendo consciência para distinguirmos o ontem do hoje. Contudo, compreender em profundidade o passado é um desafio, assim como ativar a memória também. “A memória, é a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÌ, 1995, p. 125).

A História Oral centra-se na *memória* e na capacidade humana de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. A memória⁶ pode ser caminho possível para que as pessoas percorram a temporalidade de suas vidas (DELGADO, 2003).

Ecléa Bosi em sua obra *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social* lembra que enraizar-se é um direito fundamental do ser humano e que a negação a esse direito tem consequências graves para a cultura e para a vida em sociedade. Bosi (2003) ressalta a importância das hesitações e dos silêncios, para a autora os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade, e a fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade.

⁵ As palavras-chaves estão em anexo na pag. 227.

⁶ Neste trabalho, assumo o conceito de memória como sendo a soma de todas as lembranças existentes na consciência, bem como as aptidões que determinam a extensão e a precisão dessas lembranças, com base no conceito de Maurice Halbwachs.

Sendo assim, consigo perceber o quanto esta escolha metodológica acrescentou e enriqueceu minha pesquisa. E diante de toda a trajetória percorrida antes de chegar até aqui, só consigo afirmar nesse momento, que assim como os pensamentos, que não somos nós que os escolhemos, pois eles simplesmente nos vêm, sinto o mesmo quanto à metodologia adotada, que não fui eu quem a escolhi, e sim fui à escolhida.

Após conhecer o procedimento da História Oral de forma mais geral, é possível começar a pensar nesta metodologia inserida nas investigações quanto a Educação Matemática. Garnica (2010) relata que na Educação Matemática, a oralidade sempre foi um instrumento ou uma forma de suporte para compreender os objetos que nós dispomos para nossas pesquisas. Segundo o autor, as modalidades qualitativas de investigação, de forma geral, são disparadas por depoimentos, ou seja, são narrativas que, perpassadas por uma hermenêutica, apoiam compreensões, as quais, por sua vez, mostram ou nos permitem atribuir significados aos aspectos do objeto analisado. Também isso ocorre com a Historiografia. O autor defende ainda, que:

Ter a História Oral como método de pesquisa é, sim, valer-se da oralidade para o resgate – ou o levantamento, a escritura, a compreensão, a elaboração, como queiram os que se impacientam com o uso do termo “resgate” histórico –, mas é, sobretudo, utilizar a oralidade segundo alguns procedimentos e princípios muito específicos (GARNICA, 2010, p. 2-3).

Garnica (2010) sustenta que o uso da História Oral visando a compreender o que quer que seja, estará, intencionalmente, produzindo fontes que podem – ou não – servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado.

Um trabalho em História Oral é, pois, sempre, um inventário de perspectivas irremediavelmente perpassado pela subjetividade, um desfile de memórias narradas, um bloco multifacetado de verdades enunciadas. Um trabalho – em Educação Matemática ou em qualquer área que seja – produz irremediavelmente uma fonte histórica. A diferença é que os que usam a História Oral intencionalmente as produzem. Sendo, portanto, fazedores de fontes, os pesquisadores que trabalham com História Oral não podem furtar-se de uma concepção sobre História. E há muitas formas de compreendê-la, mas certamente as de configuração positivista não se coadunam com a experiência proposta pela História Oral (GARNICA, 2010, p. 3).

Garnica (2003) chama a atenção para a necessidade de focar no tema de nossa investigação para então definir qual das modalidades da História Oral será utilizada na pesquisa, se é por meio de Histórias de Vida ou por meio da História Oral Temática, mas o autor ainda salienta que é muito importante, independentemente da abordagem escolhida, existir uma questão geradora, a pergunta que dirige a procura. Pois por mais ampla que essa questão possa ser, é uma prática já muito familiar aos pesquisadores em Educação Matemática, uma herança da opção pelas abordagens qualitativas de investigação.

O que muito me encantou quanto a História Oral, é o fato da coleta de dados ultrapassar a ideia limitada do questionário e do teste de múltipla escolha, as entrevistas são o momento no qual o pesquisador ouve a narração de algo que pretende compreender e articular a partir das compreensões e articulações do depoente. E a construção dessas narrativas, é o momento de construção das personagens para o pesquisador. Garnica (2003) salienta que é sensato que o pesquisador tenha um roteiro, minimamente sistematizado, para nortear seus contatos com os depoentes, e que é um direito do colaborador da pesquisa ter acesso a esse roteiro com a antecedência que ele julgar necessária.

Garnica (2007) em sua obra intitulada “*Manual de História Oral em Educação Matemática outros usos, outros abusos*”, afirma que atualmente parece haver um interesse generalizado nos processos que envolvem as memórias, quer sejam individuais ou coletivas, voluntárias ou involuntárias; vivemos um momento histórico em que a sociedade dos meios de massificação pretende homogeneizar – e o tem feito violentamente – todas as formas de saber e de comunicação social. Sendo assim, para o autor, a História Oral desempenha, ou pode desempenhar uma função singular, pois seus estudos têm em comum a tendência de evitar a “coisificação”, a “factualização” e a “heroificação” dos indivíduos depoentes/colaboradores, tentando preservá-los em sua integridade de sujeitos, registrando uma rica pluralidade de pontos de vista.

Nessa perspectiva metodológica, o pesquisador ouve e participa, pois é personagem que invade a cena. Entrevistar é um exercício de escuta atenta:

A entrevista, portanto, ocorre num misto de igualdade e diferenciação: o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o

depoente – e, conseqüentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa (GARNICA, 2003, p. 11).

As condições gerais da entrevista como o tempo, número de sessões, locais, devem submeter-se, primeiramente, às condições do colaborador que são pelo menos frequentemente, pessoas em idade avançada. E no meu caso não é diferente. E no meu caso isso ocorre, as professoras que serão minhas colaboradoras, já têm uma idade mais avançada, e por isso todo o planejamento se deu de forma bem antecipada, buscando facilitar o máximo os encontros.

Elaborada a pergunta diretriz⁷– e em nosso caso, as palavras chaves - escolhidas as colaboradoras, desenvolvido o processo de negociação de condições e realizadas as entrevistas, um momento significativo e muito trabalhoso se aproxima: a transcrição dos depoimentos orais e posteriormente a textualização das narrativas, que abordarei com mais detalhes no final desse capítulo.

Outro fator de discussão quanto à metodologia escolhida, é a questão da análise dos depoimentos. Para muitos dos pesquisadores seguidores da história oral, para quem esta prática tem sido o meio de encontrar o povo, colocar o historiador entre o testemunho e o leitor é algo profano, um grande desrespeito com os colaboradores envolvidos na pesquisa. Thompson (1992) defende que ao fazer isso, o pesquisador acaba por retirar a pouca voz que resta para esses sujeitos. Para o autor, o nosso trabalho enquanto envolvidos nessa temática, deve se resumir em publicar e apresentar as histórias de vida.

Mostrar que suas memórias são seletivas não é outra coisa que mostrar-lhes que tem uma memória, pois é o esquecimento parte da memória. Continuando, considera que o que constitui precisamente o interesse pelo testemunho oral é a relação entre a lembrança espontânea, a recordação solicitada e o silêncio. A ausência é tão significativa quanto à presença. Não se deve interpretar o esquecimento como uma falha, mas sim como simples reprodução da realidade passada (THOMPSON, 1992, p. 201).

Thompson (1992) segue, defendendo ainda, que se deve realizar uma espécie de triangulação com a documentação escrita, com outros testemunhos e com as diversas fases do discurso do testemunho, a fim de compreender melhor a história e o próprio depoimento. E foi o nosso desejo, estabelecer essa ponte entre as narrativas e a fundação apresentada no decorrer do trabalho. Ele salienta que

⁷ Pode ser encontrada na pag. 28.

devemos levar em consideração que o que foi produzido se trata de um material que não foi apenas descoberto, mas que, de certa maneira, o pesquisador ajudou também a criá-lo juntamente com seus colaboradores, e que esta construção, este documento é próprio e singular, não existindo nenhum outro documento igual.

A elegância da generalização histórica, ou da teoria sociológica, flutua muito acima da experiência da vida comum que está na raiz da história oral. A tensão percebida pelo historiador oral é a tensão básica: entre história e vida real (THOMPSON, 1992 p. 305).

Nesse sentido, Garnica (2010) diz que as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. Sendo assim, interessa, o caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la. E a própria construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator (colaborador) com sua história. E essa singularidade, própria das fontes orais, permite trazer à cena, trabalhos sem igual.

Portanto, todos os resíduos de informações devem ser apreciados com a mesma cautela, tendo seus limites continuamente testados. Assim, pensamos a História Oral como uma possibilidade de investigar o dito, o não dito e, muitas vezes, de tangenciar o indizível e seus motivos; e, por conseguinte, de pesquisar os regimes de verdade que cada uma das versões registradas cria e dá validade. Sendo assim, a História Oral viabiliza transcodificar e, portanto, redimensionar os registros e as práticas (GARNICA, 2010, p. 34).

As próprias narrativas produzidas se tornam instrumentos importantes, pois são ferramentas que podem fazer o ouvinte viajar através da história ali narrada. Atualmente, o cotidiano é marcado pela cultura digital e sua velocidade, faz com que, muitas vezes a informações desapareçam rapidamente, se perdendo no tempo e rapidamente sendo esquecidas. Nesse cenário, com essa velocidade desenfreada, muito perdemos das lembranças, dos substratos de vida, e das possíveis construções de diferentes saberes. Por isso Delgado (2003), atenta para o fato da história oral, agir nesse sentido, atuar na produção de narrativas como fontes históricas, como fontes de conhecimento, como fontes do saber. A autora ainda enfatiza que a narrativa, os sujeitos, suas memórias e identidades, nada mais são que a própria humanidade em movimento.

2.3 ESCOLHA DOS COLABORADORES

Segundo a metodologia adotada, depois de fixada nossa questão norteadora, devemos partir à procura dos colaboradores, que mesmo com suas individualidades e particularidades, me auxiliem com suas próprias perspectivas.

Esse processo de procura das colaboradoras, segundo a História Oral, comumente se dá num processo de rede, pois a partir do tema pré-estabelecido, o pesquisador volta-se para a comunidade em que esse tema se insere e, nesse contexto, surgem os possíveis nomes, ou sugestão de depoentes. E foi o que aconteceu comigo, na busca dessas professoras que poderiam colaborar de forma significativa com essa pesquisa.

Para realizar a escolha dos professores que seriam os colaboradores da pesquisa, foi levado o objetivo em questão. Na minha segunda visita à Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, que foi a primeira a implantar a proposta de cooperação educacional no Brasil, fui recebida pela professora Dayani Machado Machiavelli, que atualmente está colaborando com a coordenação da Escola e, de maneira informal, está à frente da proposta de cooperação educacional na escola. A mesma se mostrou extremamente receptiva no momento que eu apresentei a intenção de pesquisa. E em uma conversa informal, contou que também participou do momento inicial de implantação da proposta na escola, mas não enquanto docente do programa. Em suas falas, ficou muito evidente que conheceu e viveu a fase primordial da proposta, a sua implantação; transformando-se em informante significativa. De imediato senti que a Dayani poderia ser uma das colaboradoras, mesmo não sendo professora da proposta, acompanhou o momento inicial e posterior à implantação, pois continua atuando na escola.

Conversamos muito naquela manhã, informalmente e ela recordou o processo de implantação de forma sensível e natural. Até que em certo momento, sugeri o nome das professoras que tomaram frente da proposta, que literalmente “vestiram a camisa” segundo suas próprias palavras; e essas professoras são: professora Fatima Elena Zavagota (docente da escola Escuela 604, localizada na cidade de Bernardo de Irigoyen, escola essa parceira na proposta de cooperação educacional da Escola Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto), a professora Lúcia de

Fátima Schreiner Farias e a Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo (as duas últimas citadas professoras da Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, professoras que já estão aposentadas). Essas professoras citadas participaram do momento inicial do programa, sendo assim, diante da proposta de pesquisa, foram consideradas colaboradores fundamentais nessa investigação.

Posteriormente, os procedimentos da História Oral, sugerem um planejamento inicial, uma pergunta diretriz, ou um roteiro de questões, nesta pesquisa, optamos por usar palavras-chaves que as dividi em dois eixos, essas serão apresentadas logo abaixo, quando trato do Instrumento da Pesquisa.

Usando o bom senso, as entrevistas foram agendadas com antecedência e busquei esclarecer às depoentes, do que se tratava a investigação e as naturezas de minhas intenções, quais seriam os procedimentos adotados, o quanto suas falas são importantes para a pesquisa em questão e que, posterior à transcrição das narrativas, o material retornaria para que pudessem ler, analisar e pedir qualquer alteração ou recorte que julgassem necessário. Acredito que o fato de esclarecer tudo isso ao possível colaborador, de maneira nenhuma pode atrapalhar as narrativas que serão construídas. Penso que o fato do colaborador ter a noção do que irá participar e quão é importante sua cumplicidade, lhe proporcionará segurança nas intenções do pesquisador. Então, toda essa conversa com cada uma das colaboradoras se deu no momento que entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido à cada uma das depoentes.

Optei por entrevistar as duas professoras brasileiras que atuaram no momento inicial do programa junto a Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto (Fátima e Neuzanira), a coordenadora do programa no Brasil (Dayani) e a coordenadora do programa na Argentina, frente à Escuela 604 (Fatima).

Tratando mais especificamente desse contato inicial com colaboradoras, esse processo foi bem delicado. Como comentei acima, quando fui até a Escola pela segunda vez, fui muito bem recepcionada pela Dayani, que responde pelo programa na Escola Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, a mesma já se dispôs a participar como colaboradora e me passou o telefone das outras três professoras. Porém, quando tentei estabelecer o contato por telefone, nenhum dos números completava a chamada. E aí começou a busca. Encontrei apenas a Professora Lúcia no

Facebook, mandei mensagem, e não obtive retorno. Então comecei a me preocupar com todos esses ocorridos. Depois de muitos contatos, com pessoas conhecidas da região da Tri Fronteira, consegui o contato do filho da professora Lúcia. O filho dela respondeu rapidamente pelo Facebook, e me passou o nome telefone fixo de sua casa. Porém, ao tentar ligar, o número também não completava chamada. Diante disso, procurei novamente o filho da Professora Lúcia, e então, ele me repassou seu contato de celular, e por fim, consegui conversar com ela. Toda essa caminhada que eu acabo de relatar, durou mais ou menos dois meses.

No dia 24 de março do ano corrente, consegui falar com a Professora Lúcia, e isso me deixou muito feliz. No contato por telefone, me apresentei e expliquei o que seria minha pesquisa e quais eram os procedimentos metodológicos que eu iria seguir. Ela se mostrou totalmente aberta para participar, em especial quando eu expliquei que a metodologia abre espaço para a construção da sua própria narrativa, relembrando suas vivências junto ao programa PEIBF. Percebi muita emoção na sua voz, e uma certa preocupação também, ela comentou comigo, que já tem algumas dificuldades de memória e que se preocupava se conseguiria lembrar de tudo. Então, eu esclareci que o procedimento é aberto, e que era livre para falar o que julgasse necessário, sem nenhum padrão ou rigor específico.

Sendo assim, a entrevista com Professora Dayani ocorreu no dia 30 de março deste ano, no período da manhã, na própria escola onde a colaboradora atua, a Escola Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto. No período da tarde, fui até a residência da Professora Lúcia, para também realizar a entrevista.

Falando agora do contato com a professora Neuzanira, esse também não deu de forma tão fácil. Primeiro eu tentei o contato telefônico que a escola tinha em seus registros, e esse contato também estava desatualizado. Posteriormente, quando fui até a residência da Professora Lúcia, a mesma tentou me explicar onde a professora Neuzanira morava, então fui de carro e tentei localizar, mais de uma hora rodando, solicitei informações pra várias pessoas e nada. Confesso que já estava meio sem perspectiva, até que um dia, conversei com uma parente de minha mãe, que reside em Barracão, e a mesma me disse que a conhecia, e que a Neuzanira havia sido professora de seu filho. Então, minha tia, buscou através de outras pessoas de seu trabalho, o contato da professora Neuzanira. Assim que ela me passou o telefone, eu entrei em contato com a Neuzanira por telefone, isso foi dia 08 de abril, infelizmente ninguém atendeu. No dia 10 de abril, liguei novamente, e

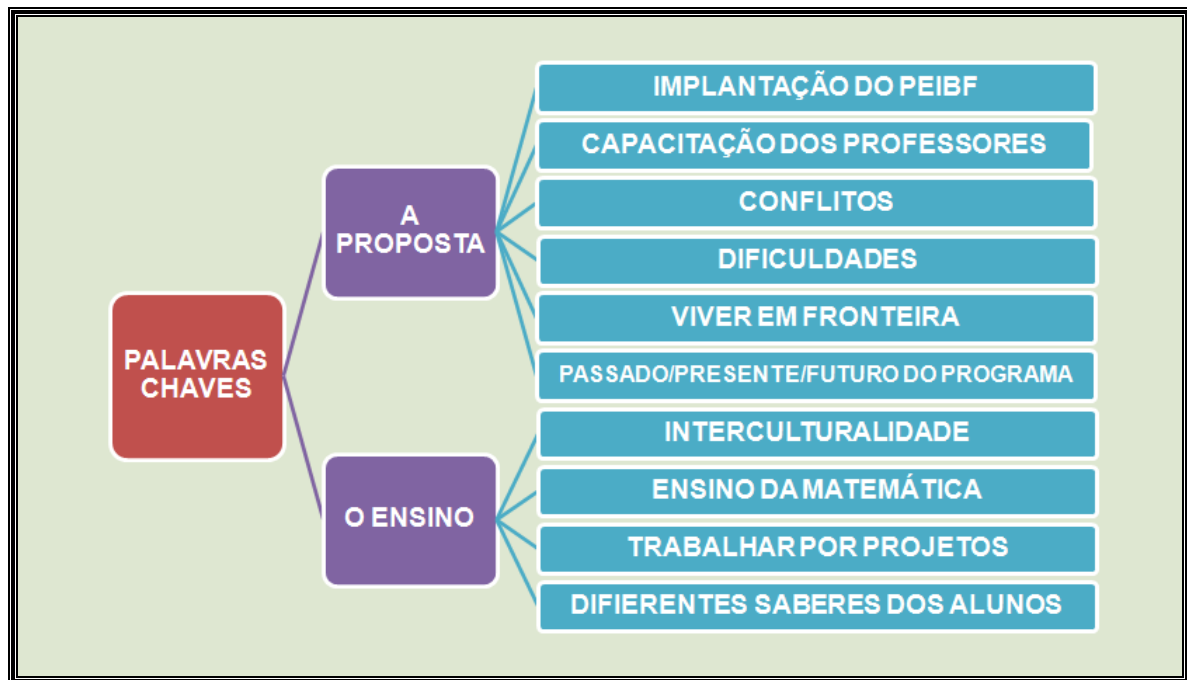
consegui falar com a professora Neuzanira. Foi um contato muito tranquilo, mas a fala dela era repleta de sentimento, e foi possível perceber isso mesmo pelo telefone. Ela se mostrou interessada em participar da pesquisa, e quando eu contei que já havia entrevistado a Dayani e a Lúcia, ela se sentiu mais segura, e disse que participaria também. Então, marcamos a entrevista para a terça-feira, dia 18 de abril às 08h30min da manhã, em sua residência.

Quanto ao contato com a professora Fatima da Escuela 604, foi mais tranquilo. Desde que conversei inicialmente com a Dayani, ela me passou o contato do e-mail da Fatima. Assim que retornei para casa, entrei em contato por e-mail com ela, a professora demorou cerca de quinze dias para retornar, mas depois consegui estabelecer um contato mais direto com ela. Desde o primeiro e-mail, ela se mostrou muito aberta e solícita com minha pesquisa, me deixando muito à vontade com sua pessoa. Então, no momento que consegui confirmar uma data com a professora Neuzanira, aproveitei e marquei a entrevista para o mesmo dia com a Fatima, na Escuela 604, na parte da tarde.

2.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA

No que tange ao instrumento escolhido para essa pesquisa, optei por trabalhar com palavras-chaves. E para conseguir esclarecer e justificar minhas escolhas elaborei a imagem abaixo:

FIGURA 3: INSTRUMENTO DA PESQUISA



FONTE: A Autora (2017)

Quando decidi pelo procedimento da História Oral, também fiz a escolha por trabalhar com palavras-chaves. Neste contexto, separei as palavras em dois eixos: A Proposta e o Ensino. Totalizando 10 palavras-chaves nos dois eixos. Essas palavras foram escolhidas como agentes motivadores iniciais para as entrevistas, ou seja, para agirem como uma provocação preliminar, provocação essa, que possa facilitar a fala e a própria construção das narrativas.

Pondero que atuando dessa maneira, as entrevistadas possam contar de maneira natural suas experiências com o programa PEIBF. Todas as palavras, independente ao eixo que façam parte, serão impressas em papel branco com a escrita preta e recortadas individualmente e disposta na mesa na frente das entrevistadas.

Minha intenção, é que as colaboradoras preencham uma ficha inicial, com seus dados e formação antes de iniciarmos a entrevista.

Ao pensar e definir as palavras chaves, meu olhar se voltou para aquilo que desejo conhecer e compreender em minha pesquisa. Sendo assim, quando escolhi o primeiro eixo, que é A PROPOSTA, e defini as seis palavras-chaves: Implantação do PEIBF, Capacitação dos professores, Conflitos, Dificuldades, Viver em Fronteira e Passado/Presente/Futuro do Programa, foi no sentido de que as entrevistadas

possam lembrar em suas reflexões como foi o processo inicial do programa junto à escola, e de que forma elas, enquanto professoras participantes da proposta foram capacitadas, se existiram conflitos e dificuldades nesse processo, estabelecendo as relações e conexões do programa com o viver em ambiente fronteiriço, tecendo então, suas considerações sobre o que foi o programa no início, o que é agora e suas perspectivas para o futuro desta proposta de cooperação educacional. O propósito das entrevistas não é que as participantes façam uma avaliação do programa e sim, possam compartilhar de forma livre suas vivências.

Quanto ao segundo eixo, que é O ENSINO, optei pelas palavras-chaves: Interculturalidade, Ensino da Matemática, Trabalho por Projetos e Diferentes Saberes dos Alunos. Ao escolher essas palavras, pensei na possibilidade de que as professoras colaboradoras possam compartilhar o que foi vivido junto ao programa, voltadas para a temática da interculturalidade, e trazendo também, qual é o espaço da Educação Matemática nesse cenário, visto que a proposta trabalha por projetos onde os professores podem trabalhar com temas que abrangem o máximo de disciplinas possíveis, e desta forma, busco conhecer como os diferentes saberes trazidos pelos alunos, de fora para dentro do ambiente escolar, são considerados nessa proposta estudada. A intenção ao fazer uso da metodologia da História Oral, é que essas entrevistadas possam constituir suas histórias a partir do seu olhar, do que foi vivido e experienciado por cada uma delas, em suas singularidades e consensos.

Minha intenção, não era fazer nenhum tipo de pergunta durante a entrevista, exceto, se houver alguma dúvida da entrevistada. Porém, não foi assim que ocorreu. Acho que pelo motivo de tentar deixar as depoentes mais à vontade, a entrevista acabou se dando como um diálogo, onde eu participei mais ativamente do que pretendia no meu planejar.

Posterior às entrevistas, comecei o trabalho de transcrição e textualização. Para que os textos possam retornar às entrevistadas, para análise, decidindo por alguma alteração ou não.

2.5 UM MOMENTO MUITO ESPECIAL: AS ENTREVISTAS

Aguardei de maneira ansiosa pelo momento das entrevistas. Sabia que seria o instante fabuloso dentre os quais a escolha metodológica que estabeleci iria me proporcionar.

Entrevistas são diálogos acerca de algo (o objeto da pesquisa) e são tanto mais ricas quanto mais ocorrerem num clima de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado. Essa cumplicidade, via-de-regra, exige que o pesquisador conheça – a partir da própria experiência ou estudos anteriores –, em linhas gerais, aspectos daquilo que o depoente narra. A fluência da narrativa demanda interlocução e essa interlocução demanda, frequentemente, um horizonte comum a partir do qual um tema é focado. Ainda que seja possível uma entrevista em que o depoente “ensine” ou “explique” algo a um entrevistador totalmente ignorante acerca do que lhe é ensinado ou explicado, mais ricas são as situações nas quais o pesquisador interage com o depoente, perguntando, complementando, valorizando – com conhecimento de causa – as experiências que a ele são relatadas (GARNICA, 2007, p. 28).

Compartilho do pensamento de Paul Thompson (1992), ao afirmar que a multiplicidade de pontos de vista que podemos recolher a partir de depoimentos acerca do que interessa ao pesquisador enriquece a trama da narrativa que, junto com os depoentes e a partir dos depoimentos, podemos constituir, já teremos estabelecido uma razão forte para optar pela História Oral como recurso metodológico para dirigir nossa investigação.

Garnica (2007) atenta para o fato de que uma entrevista pode ser, também, um momento de embate, no qual, por conhecer o ambiente sobre o qual o depoente narra, o entrevistador a ele se contrapõe, exigindo, por exemplo, uma explicitação mais clara de seus pressupostos ou uma tomada de posição.

A matéria-prima dos que trabalham com História Oral é constituída por narrativas. Narrar é contar uma história, e narrativas podem ser analisadas como um processo de atribuição de significado que permite a um ouvinte/leitor/apreciador do texto apropriar-se desse texto, através de uma trama interpretativa, e tecer, por meio dele, significados que podem ser incorporados em uma rede narrativa própria. Assim, estabelece-se um processo contínuo de ouvir/ler/ver, atribuir significado, incorporar, gerar textos que são ouvidos/lidos/vistos pelo outro, que atribui a eles significados e os incorpora, gerando textos que são ouvidos/lidos/vistos (GARNICA, 2010, p. 36).

Para o autor, há, nessa perspectiva, a possibilidade de interrupção da interlocução e, por isso, o pesquisador deve avaliar cuidadosamente essa opção. Sendo assim, para o autor, de todo modo, há que se negar veementemente a

neutralidade do pesquisador, quer no momento da entrevista, quer em outras instâncias do processo de investigação.

O pesquisador não é neutro e não deve mostrar-se neutro para seu colaborador: deve interagir com ele, cativá-lo para tê-lo como interlocutor; deve ouvi-lo, podendo contestá-lo ou não, mas nunca – e isso é fundamental – manter em relação ao seu depoente uma postura de afastamento silencioso que, querendo manifestar neutralidade e imparcialidade (com o que contamina negativamente, já em princípio, os parâmetros que situam sua abordagem como uma modalidade qualitativa de conduzir pesquisa) demonstra também desinteresse, implicando via-de-regra a perda a quebra da interlocução (GARNICA, 2007, p. 29).

É necessário ter em mente, que as descrições que nosso colaboradores estão fazendo não podem ser classificadas como certas ou erradas, nem verdadeiras ou falsas.

Descrições implicam, ao menos, um falante e um ouvinte: monólogos que o sujeito faz consigo mesmo, no “fórum interno da consciência”, mesmo que trazidos a público, fixados pelo exercício da escrita, não se enquadram como descrições. A descrição só tem sentido – enquanto descrição – se provém de alguém que fala sobre algo que é desconhecido do ouvinte. A posição de quem descreve é, sob esse aspecto, “melhor” do que a de quem a ouve. Traços característicos, apenas, não são suficientes para caracterizar uma descrição, a menos que o objeto descrito já tenha sido indicado. As características terão a função de complemento, de preenchimento de detalhes na sempre insegura atribuição de significado (GARNICA, 2007, p. 23).

Na perspectiva da História Oral, as entrevistas devem ser cuidadosamente gravadas. Garnica (2007), abordando a importância desse momento, comenta que melhor seria se pudéssemos contar com uma equipe na coleta dos depoimentos, por mais que a presença de várias pessoas possa inibir inicialmente o depoente. Neste caso em específico, optamos por usar um gravador de voz e também um aplicativo de gravação de voz avançado, baixado em celular, para garantia, caso um desses recursos possa falhar.

Não é possível o pesquisador determinar o tempo em que a entrevista em questão irá durar. Pois, quem fixa o tempo de duração da entrevista é o depoente, e esse tempo poderá variar significativamente levando em conta muitos fatores, dentre esses, poderia citar: o interesse do depoente em narrar-se, suas condições de saúde, o local da entrevista estar ou não disponível, a agenda do depoente permitir ou não etc.

Para mim, interessa que o colaborador dê seu depoimento cumprindo ou não, todas as palavras-chaves. Pois tenho claro que o desejo que o depoente siga todas as palavras-chaves sugeridas por mim, é apenas um desejo meu, enquanto pesquisadora e como tal não deve ser imposto ao depoente, mas pode com ele ser discutido, comprometendo-o com a pesquisa.

Nesse sentido, quando o colaborador, se dispõem a construir uma narrativa, devemos levar em conta, que para ele, enquanto depoente, isso é muito mais do que escolher possíveis eventos da vida real, da memória ou da fantasia. Para Portelli (2010), ao colaborador relatar algo nesse tipo de entrevista, ele cria uma sequência em sua cabeça para narrar os fatos, o que faz com que, mesmo sendo uma história única, possua episódios relatados duas vezes. Entende-se, assim, que a memória não é um ato imediato, fazendo com que os relatos sejam instáveis e mutáveis. Logo, a perspectiva metodológica da História Oral, escolhida para essa pesquisa, é exclusiva ao privilegiar a produção de fontes com aspectos sociológicos e culturais, visando às ações e experiências dos sujeitos.

Consequentemente, nesse momento das entrevistas, estamos mergulhados no tema da memória:

[...] a memória não é um passivo depósito de fatos, mas um processo ativo de criação de sentidos. Portanto, a utilidade específica da história oral (...) recai não tanto em sua capacidade para preservar o passado, mas nas próprias mudanças instauradas pela memória. Estas mudanças revelam o esforço dos narradores para atribuir sentido ao passado e dar forma às suas vidas, **colocando a entrevista e a narrativa em seu contexto histórico** (PORTELLI, 2005, p. 174).

Portelli (2005) salienta possíveis artificialidades da fonte oral. Para o autor, é o pesquisador, em primeiro lugar, quem decide que haverá uma entrevista; na posição de audiência primeira, introduz um dispositivo condicionante da narrativa do entrevistado; caso o pesquisador opte por um roteiro fixo de perguntas, impõe novos condicionantes, que excluem previamente o imprevisível que poderia surgir no depoimento. Nesse contexto, o autor afirma que:

O resultado final da entrevista é produto tanto do narrador quanto do pesquisador. Quando as entrevistas, como frequentemente ocorre, são publicadas omitindo inteiramente a voz do entrevistador, tem lugar uma sutil distorção: o texto dá as respostas sem as perguntas, criando a impressão de que certo narrador sempre diria as mesmas coisas, independentemente das circunstâncias (...). Quando a voz do pesquisador é eliminada, a do narrador é distorcida (PORTELLI, 2005, p. 183).

Portelli (2005) ainda realça sobre a variabilidade do testemunho oral, que jamais é o mesmo duas vezes, inclusive o mesmo entrevistador obtém diferentes versões do mesmo narrador em momentos diferentes. Para o autor, esta é uma característica de toda comunicação oral, mas especialmente verdadeira para espécies relativamente não estruturadas, como as afirmações históricas ou autobiográficas de uma entrevista.

As afirmações de Vianna citado por Garnica (2010) são relevantes quanto a essa questão:

Isso é uma forma de ver as coisas que toma como referencial algo 'fixo': uma forma de narrar é 'melhor', 'correta', 'propicia a troca de experiências' etc. Ao se atribuir 'valor' a uma forma de narrar, também atribuímos 'valor' a certas formas como, por exemplo, quando optamos por 'narrar-sabedoria' em detrimento do 'narrar informação' tendo, como suposto 'de fundo', que 'sabedoria' é MELHOR que 'informação'. Eu defendo que as formas de narrar mudam. Poderia até caracterizar as formas mais antigas como sendo 'globais', e as mais recentes como sendo 'locais', ou as mais antigas como sendo 'centradas', e as mais recentes como 'a-centradas'... e defenderia mais que isso: defendo que NARRAR é uma das maneiras importantes que temos - na nossa sociedade HOJE, e de um modo muito diferente em outras épocas - de nos constituir. E, um detalhe a mais: não há uma medida 'comum' que capte TUDO, mas sempre poderemos medir a diagonal do quadrado pelo seu lado, com a 'aproximação que desejamos'. Para mim, o grande exercício do trabalho com os depoimentos, as narrativas, as transcrições e transcrições é o exercício de tornar explícitas (ou, de outra forma - menos 'racional' - SENSÍVEIS!) essas 'aproximações', tanto as que desejamos, quanto aquelas das quais nem nos damos conta e entregamos à análise dos leitores (VIANNA in GARNICA, 2010, p. 39).

Sendo assim, penso que ao determinar minha opção metodológica pela História Oral, e colocar-me a frente da possibilidade de construir narrativas junto às professoras colaboradoras de minha pesquisa, eu, enquanto pesquisadora e pessoa humana, me dediquei à arte do saber, do ser capaz de escutar⁸. Acredito que desenvolver essa capacidade não é nada simples, pois para ser capaz de realmente escutar é preciso pôr de lado nossos preconceitos, e de fato nos instalar em um estado mental de recepção, onde nos dispomos a compreender o que outro nos fala.

Nesse sentido, eu, que pouco conhecia quanto à metodologia da História Oral, me coloquei a estudar e buscar compreender o que os autores dessa proposta me traziam. Senti-me realmente aprendiz, e isso é absolutamente respeitável. Coloquei-me a pensar que tudo se dá em virtude dos processos de comunicação. E,

⁸ Saliento para não confundir escuta com audição. Quase todo ser vivo ouve. Escutar é diferente, pois escutar é interpretar, é demonstrar interesse e dar atenção e sentido ao que as pessoas estão comunicando por sua fala, sua emocionalidade e corporalidade.

por isso, todos nós temos histórias a contar, mas se ninguém nos escuta, contamos a nós mesmos, e então, muito se perde.

Ao realizar minhas entrevistas, as quais, como expressei acima, foram momentos muito especiais, entendi o quanto o ato de escutar propicia o encontro, aproxima, nos tornando mais íntegros e sensíveis ao outro. Por outro lado, parei para refletir, o quanto o não escutar nos afasta, nos isola e nos fragmenta.

É escutando que abrimos uma porta para que o mundo entre. O que, a quem e como ouvimos emoldura a nossa percepção da realidade. E nesse sentido, captei o quanto essa escolha metodológica foi única, no sentido de tudo que me proporcionou. Pois como Confúcio, um dos grandes sábios da antiguidade oriental, já dizia: “escutai com atenção o que o outro tem para dizer e serás capaz de ouvir além das palavras”. Saber escutar exige quase sempre esforço reeducativo, pois somos muito mais condicionados a falar e só escutar o que julgamos ser do nosso interesse. Mas escutar além das palavras é algo único, que possibilita o compreender que tanto desejamos nessa pesquisa.

Após entrevistar a professora Lúcia e a professora Neuzanira, me deparei com um material muito rico, seus registros do Programa. Nestes cadernos e pastas, as professoras guardam todos os seus planejamentos de aulas, as avaliações de quem as assessorava na época, muitos registros fotográficos das aulas e vários recortes de jornal contendo notícias sobre o programa. Não tive dúvidas, ao ver esses materiais, o quanto relevante aqueles registros eram. Gentilmente, as professoras cederam suas pastas e cadernos para que eu trouxesse para casa, para analisar com calma e fazer os meus registros fotográficos daqueles materiais se eu assim desejasse e julgasse válido para a minha pesquisa.

Sempre acreditei que a fotografia é também uma fonte de informação, e que interessa a diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, mesmo me deparando com material tão rico, voltei a pensar no que eu propus a fazer nesta pesquisa, retornei ao meu objetivo de pesquisa para não me perder nessa caminhada, sendo assim o que desejo é construir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Então, tenho claro que uma coisa é o que me propus a fazer enquanto pesquisadora desta investigação e outra, são as possibilidades que surgiram no decorrer desta caminhada. Sendo assim, decido por me manter no meu objetivo e usar as fotografias como um

complemento, não desejo mudar a perspectiva do trabalho, sigo optando pela História Oral, mesmo ficando extremamente seduzida com os registros, procurei manter o foco. E aí comecei pensar como poderia fazer uso de parte destes registros mesclando com a metodologia adotada, pois ao realizar as entrevistas, senti o quanto a pesquisa se abre para novos estudos futuros.

Como as fotografias e registros, servirão em especial na entrevista com a professora Lúcia, como invocador da memória, como uma porta para reativar a memória coletiva, decidi por mesclar a narrativa das professoras com algumas das imagens que eu fiz de seus materiais, planejamentos e registros. Em suma, percebi a possibilidade de agregar as narrativas das depoentes com as imagens, com o desejo de criar condições de melhor compreensão dos fatos invisíveis, quando contextualizados ao cenário da época pelas próprias colaboradoras da pesquisa.

Ao conhecer a obra de Boris Kossoy, *Fotografia e História*, o autor aborda a questão da fotografia e da memória, afirmando que o mesmo fragmento da realidade gravado pela fotografia continua representando a marca de um tempo passado, e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, a memória:

Tanto assim que a valorização da fotografia como documento histórico ocorre na medida em que há uma ampliação do conceito de documento, permitindo exercer uma releitura da memória, não apenas circunscrita às lembranças de indivíduos, mas de lugares, paisagem, culturas, entre outras possibilidades até recentemente tão negligenciada pela academia e, mais especificamente, pelas ciências humanas (KOSSOY, 2001, p. 200).

Sendo assim, é neste sentido que apresento os registros fotográficos gentilmente cedidos pelas professoras colaboradoras da pesquisa. Parte das fotografias foram mescladas com as narrativas das depoentes e o material na íntegra encontra-se nos apêndices.

Neste momento de minha dissertação, exibio as narrativas das professoras e coordenadoras da Tri Fronteira, envolvidas no processo inicial do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira, onde as colaboradoras retratam as experiências que viveram no programa de cooperação educacional desenvolvido entre o Brasil e Argentina.

Optei por apresentar as narrativas, na ordem que ocorreram as entrevistas. E escolhi que cada uma das narrativas textualizadas será apresentada como um capítulo, no sentido de valorizar cada uma das colaboradoras, então a entrevista

textualizada será apresentada na íntegra no corpo do trabalho, já a transcrição é exibida na íntegra nos apêndices. Usei negrito nas textualizações para destacar as palavras-chaves determinadas quanto ao instrumento da pesquisa.

Ao entrevistar as colaboradoras, e ver o olhar das mesmas no tempo e quanto ao tempo, foi um momento rico de aprendizagem, pra mim, enquanto pesquisadora. Por isso também, se deu a escolha do título desse capítulo, que nada nos reflete melhor do que nossas próprias palavras, esse é o espelho da alma, da memória, do tempo e da identidades. Pois em um curto espaço de tempo, um pequeno momento, que durou meu encontro com cada uma das colaboradoras, eu puder conhecer e sentir o passado vivido por elas, as marcas que experiências deixaram, foi um momento muito tocante, para mim, enquanto entrevistadora e certamente, para elas, enquanto narradoras de suas próprias histórias. Para elas, foi muito mais que um simples relembrar o passado:

O relembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçarmos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade (Bobbio, 1997 citado DELGADO, 2003, p. 16).

Confesso que entrar na vida, na casa, nas lembranças, na historicidade de cada colaboradora, trouxe para mim, a possibilidade de olhar além do que eu posso ver e de ouvir muito além, do que uma pessoa qualquer, que não viveu o programa de perto, possa nos contar.

2.6 TRANSCRIÇÃO E TEXTUALIZAÇÃO

Garnica (2007) esclarece que para alguns pesquisadores que se utilizam da História Oral como recurso metodológico, a fonte, por excelência, é a fita gravada. Para outros, é o texto escrito com o registro do momento da entrevista. Essa discussão é inofensiva, segundo o autor. Para ele, então pretendemos com ela decidir qual é o suporte que mais “representa a realidade” do momento da entrevista, pois qualquer suporte que seja é um registro do momento e, como registro.

O momento vivido não se deixa apreender totalmente por nenhum instrumento, por nenhum tipo de registro. Mesmo a linguagem, por meio da qual a narrativa se manifesta, é já filtrada pelo tempo histórico, pelas condições sócio culturais e mesmo pelas limitações naturais do momento da comunicação. Não há um registro definitivo de fatos pois não há fatos; há sempre uma percepção, um modo de comunicar as intenções, um “algo” que se mostra em perspectiva, uma perspectiva (a do falante) que mais frequentemente é compreendida segundo outra perspectiva (a do ouvinte) e as perspectivas, quaisquer que sejam elas, portanto, escapam às tentativas de apreensão quer pela malha da imagem, quer pela do som ou da escrita (GARNICA, 2007, p. 40).

Nessa pesquisa, optei pela gravação do áudio das entrevistas, e depois de terminado o momento da entrevista é hora de iniciar a etapa de degravação das oralidades registradas. Optei por iniciar essa etapa o mais breve possível. Essa escolha se deu pelo frescor de memória que existia em mim, sobre aquele momento único.

Garnica (2007) em sua obra intitulada “*Manual de História Oral em Educação Matemática outros usos, outros abusos*”, nos esclarece sobre esses procedimentos afirmando que a degravação (ou transcrição) é uma alteração do suporte da entrevista para o papel, a fixação do diálogo por meio de caracteres gráficos. A degravação, via-de-regra, é um processo demorado e minucioso, quando o pesquisador registra o momento da entrevista que depois passará por outros tratamentos. Os tratamentos posteriores à degravação são conhecidos como textualizações (mesmo que, obviamente, o próprio processo de degravação seja de textualização). A diferenciação na nomenclatura é, portanto, também aqui, um preciosismo desnecessário, mas usual entre aqueles que usam a História Oral como recurso.

A textualização é um processo em que o pesquisador se lança sobre o depoimento (já no suporte de papel – o que facilitará sobremaneira este trabalho) não mais de modo tão técnico quanto como lançou-se à degravação (para a degravação existem, inclusive, aparelhos projetados – chamados transcritores – que consistem em um conjunto de fone, teclado e pedais. Com os pedais o usuário controla o andamento da fita para, com o teclado, digitar seu conteúdo). Não há aparelhos que textualizem, pois essa é uma ação essencialmente humana de atribuição de significado. Há níveis de textualização: o pesquisador pode optar apenas por excluir do texto da transcrição alguns registros próprios da oralidade (usualmente chamados como “apoios”, “muletas” ou “vícios de linguagem”) e preencher algumas poucas lacunas que tornarão a leitura do depoimento mais fluente. Frequentemente o próprio depoente exige essa “limpeza”, pois não se reconhece na transcrição, dado a oralidade e a escritura serem modos muito diferentes de expressão. Mais além dessa textualização inicial, o

pesquisador pode optar por reordenar o fluxo discursivo do depoente, e essa reordenação pode ser feita temática ou cronologicamente. Alguns pesquisadores optam não por reordenar, mas por inserir pequenos subtítulos, realçando os subtemas que aparecem no depoimento na ordem em que surgem. Há inúmeras formas de proceder nas textualizações e certamente a mais ousada dessas formas é a transcrição, que consiste na criação de uma situação (que pode ser totalmente fictícia em seus personagens e momentos) a partir das informações disponíveis na transcrição (GARNICA, 2007, p. 40).

Garnica (2005), também relata que o processo usual da transcrição é chamado literal – um meio termo entre o dito pelo depoente e a construção mais livre do texto pelo pesquisador, que será uma empreitada posterior. É até possível que o historiador, vivenciando momentos por ele julgados extremamente significativos, mas que dificilmente se deixam aprisionar pela escrita (e nem mesmo pela oralidade) – silêncios, gestos, murmúrios, por exemplo – tente captar esses instantes nesse seu primeiro registro. Obviamente esse é um esforço – válido – de retenção do momento da entrevista para o esboço de um cenário, mas deve ser feito sem a ilusão de que o mero registro completaria o discurso, tornando-o presente, vivo e objetivo. A textualização é o momento em que o pesquisador transforma mais radicalmente a transcrição, reordenando cronologicamente as informações e constituindo um texto coeso, pleno, sem os momentos de perguntas e respostas, assumindo para si a primeira pessoa do narrador. A textualização é um texto do historiador que respeita os dados do depoimento, mas está essencialmente alterado em seu estilo. Porém, esses refinamentos posteriores, não devem ser confundidos com interpretação.

Quando o pesquisador finaliza a textualização, deve submetê-la aos depoentes para correções e complementações. Os autores têm chamado a essa fase de legitimação e conferência. Os depoentes têm direito às suas memórias e, frequentemente, esse processo de checagem é lento.

Tratando das etapas descritas acima, e realizadas por mim nessa pesquisa, reconheço a importância das duas etapas, por isso, realizamos primeiro a transcrição, que seria o registro de forma escrita de forma mais bruta das narrativas coletadas. Nessa primeira etapa, decidi por criar registros próprios para exibir no texto as interrupções, possíveis sons, risos, voz cansada, voz de choro, que se deram durante as entrevistas. Penso que essas marcas são muito enriquecedoras para o texto na versão inicial, por isso quero mantê-las.

FIGURA 4: MARCAS NA TRANSCRIÇÃO

MARCAS NA TRANSCRIÇÃO	
SITUAÇÃO	REGISTRO
Voz cansada	(Voz Cansada) Fiz uso desse registro quando a colaboradora esboçou essa situação.
Voz de choro	(Voz de Choro) Usei essa marca, para expressar a voz embriagada de choro.
Silêncio	(Silêncio) Usei essa marcação para os momentos que a colaboradora permaneceu em silêncio por mais de 1 minuto.
Barulhos	(Barulho de __) Usei essa marcação nos momentos que teve algum som distinto na gravação, especificando que tipo era: celular, água, fala de outra pessoa...
Pausa curta	(...) Utilizei reticências para marcar pausa curta, que caracterizei por até 10 segundos.
Pausa média	(Pausa) Utilizei essa marcação para pausa média, que caracterizei por maior de 10 segundos e menor que 30 segundos.
Pausa longa	(Pausa Longa) Utilizei essa marcação para pausa média, que caracterizei por maior que 30 segundos e menor que 1 minuto.

FONTE: A Autora (2017)

Confesso que a História Oral sempre me assustou um pouco, por seus procedimentos: transcrição e textualização. O primeiro procedimento foi muito lento para mim, talvez por ser a primeira vez que o realizei. Para transcrever a primeira entrevista, que foi a que realizei com a Dayani, que durou cerca de 40 minutos, eu levei mais de quatro horas e meia para transcrever. Admito que foi bem exaustivo esse processo. Acho que por eu ser um tanto quanto perfeccionista, o processo de transcrição se alongou um pouco mais do que deveria, pois cada vez que eu voltava à gravação, e escutava novamente, eu percebia que poderia ser melhorado o processo, seja pela pontuação, ou faltava uma marca na transcrição, enfim, foi um processo lento e trabalhoso, onde eu busquei ao máximo possível, deixá-lo o mais próximo do real. E gostei bastante do resultado, ao ler o texto escutando as narrativas.

Assim que realizei as entrevistas, busquei o mais rápido possível iniciar o procedimento de transcrição, isso foi uma dica do meu orientador, e me ajudou

muito, principalmente por eu estar com a memória fresca quanto às lembranças das entrevistas.

Após finalizar a etapa da transcrição, iniciei o processo de textualização. De fato, essa etapa foi bem mais tranquila pra mim, levei pouco mais de duas horas para textualizar a primeira entrevista com a colaboradora Lúcia. Esse tempo, contou com uma releitura e algumas alterações e correções. Nas demais textualizações, consegui ser mais ágil.

No momento de transcrever a segunda entrevista, que foi a que realizei com a colaboradora Lúcia, demorei um tempo significativo também, acho que um dos fatores que tornou o trabalho mais lento, foi o fato de eu ter realizado mais interrupções na fala dessa colaboradora. A entrevista com a professora Lúcia durou pouco mais de uma hora, e levei cerca de sete horas pra transcrever. Tive que fazer várias pausas, não consegui começar e ir até o fim dessa etapa, foi bem exaustivo. E também, retornei vários momentos à gravação, e tive de fazer várias correções. Já para textualizar essa segunda entrevista, levei pouco mais de três horas e meia. Reconheço que inicialmente, o procedimento de textualização me deixou um tanto quanto desconfortável. Parecia-me, que estava tentando modificar, alterar a fala das colaboradoras, e senti medo de perder o próprio de cada uma.

Num segundo momento, após ter finalizado todas as transcrições é hora de iniciar a etapa de textualização. Como já comentamos nesse capítulo, as textualizações das entrevistas são um processo de edição no texto transcrito, objetivando torná-lo num texto mais rico, mais elaborado. Aqui sim, retirei os meus comentários e interrupções, os barulhos ocorridos e as marcas de oralidade, mas tudo isso feito com muita delicadeza e responsabilidade para não mudar o sentido do que foi narrado pelas colaboradoras. A intenção aqui, foi evidenciar as narrativas construídas pelas colaboradoras. Esse texto apresentado textualizado, é um texto que eu narro em primeira pessoa; a intenção é que a depoente ao ler o mesmo, se identifique como se fosse ela falando. Seguindo a História Oral, quando conversamos com o depoente, a negociação que é estabelecida com o colaborador é que eu possa construir esse texto textualizado em primeira pessoa, em que retiro as perguntas que aparecem na transcrição, e é como se eu buscasse fazer esse texto, buscando ao máximo que um leitor, que conheça a depoente, consiga identificar como se fosse ela mesmo narrando. Pois a fonte que construímos na pesquisa é a textualização, e este texto é meu. Por isso, esse texto não pode ser

construído em conjunto com a depoente, por mais que após finalizado o processo de textualização, o texto retorne para a colaboradora, para que a mesma possa conferir e então assinar a carta de cessão, autorizando a publicação do mesmo.

Mas no momento que devolvi o texto para as colaboradoras, percebi que isso não era nenhuma violação. E me senti mais confortável. Confesso que sempre fui avessa a essa etapa da história oral, de devolver o texto ao colaborador, para ele fazer as modificações que julga necessário e até mesmo os recortes que achar conveniente. Porém, ao viver todo esse processo, vi o quanto esse ato é necessário, e de direito desse sujeito, mudei muito meu olhar quanto a isso.

Para devolver o texto para as colaboradoras, para Dayani, consegui fazer isso por e-mail, cerca de uma semana antes, que nos encontramos pessoalmente. Já para a professora Lúcia, como ela não tem esse acesso, pedi gentilmente para uma colega de trabalho, passar na residência da professora, e deixar os textos impressos para ela ler e analisar com calma.

Pelo fato do procedimento da história oral ser algo novo para as colaboradoras envolvidas, em conversa com meu orientador, decidimos por entregar para as colaboradoras tanto a transcrição como a textualização. Eu havia explicado o procedimento adotado em detalhes para as colaboradoras, mas mesmo assim, julguei que entregar a transcrição junto, daria mais fidelidade na textualização, por mim elaborada. Enfatizei para que as colaboradoras fizessem as correções e possíveis cortes na textualização. E deu tudo certo.

No dia que fui realizar a duas últimas entrevistas, passei na Escola Theodureto conversar com a Dayani, a mesma solicitou poucas alterações em seu texto. Aproveitei o dia, e passei na casa da professora Lúcia, a mesma contou que havia lido seu texto várias vezes, e que achava que tinha contribuído pouco. Eu disse que não, e que se houvesse alguma nova questão, eu voltaria à procura lá. A Professora Lúcia, solicitou algumas alterações e pequenos recortes em sua narrativa. Aproveitei também, esse encontro e solicitei as colaboradoras às últimas assinaturas nos termos que faltavam e lhe entreguei uma lembrança, pois penso que abrir assim, nossas lembranças, nossas vivências para um desconhecido não é algo fácil. E admito que me senti muito especial por partilharem suas histórias, por confiarem em mim e em minha pesquisa. Por isso, solicitei a minha tia Nani para elaborar um trabalho manual para presenteá-las, e solicitei também, a um micro empreendedor aqui de minha cidade, para criar biscoitos de gengibre personalizados

de acordo com essas colaboradoras tão especiais e aos momentos de partilha que tive com elas.

FIGURA 5: BISCOITOS PERSONALIZADOS PARA AS COLABORADORAS DA PESQUISA



FONTE: A Autora (2017)

FIGURA 6: LEMBRANÇA PARA AS COLABORADORAS DA PESQUISA



FONTE: A Autora (2017)

3 PEIBF: QUE PROGRAMA É ESSE?

Neste capítulo, apresento o PEIBF: Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira, trazendo qual era a proposta inicial e as alterações que foram ocorrendo com o passar dos anos. Esse projeto ou proposta de cooperação educacional foi e é desenvolvido em cidades brasileiras da faixa de fronteira e em suas respectivas cidades gêmeas de países que fazem fronteira com o Brasil. Evidencio aqui, algumas características da Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, estabelecimento de ensino este, que foi o primeiro no Brasil a implantar o programa e ao qual as professoras colaboradoras da pesquisa atuaram/atuam junto a essa proposta.

3.1 PEIBF

Com o objetivo de estreitar os laços na área educacional entre os países vizinhos, foi firmada, em 23 de novembro de 2003, a Declaração Conjunta de Brasília, para fortalecimento da integração regional. Nessa declaração, estabelecida entre o Brasil e a Argentina, a educação foi reafirmada como espaço cultural para o fortalecimento da consciência favorável à integração regional. A partir desse momento, equipes técnicas da Argentina começaram a elaborar a primeira versão do programa em linha gerais. Como resultado dessa pesquisa, surgiu a necessidade de elaborar, em meados de maio de 2004, um levantamento que pudesse fornecer dados a respeito da realidade sociolinguística dos professores e alunos envolvidos no programa. Em maio de 2004 produziu-se a primeira versão do "Projeto-piloto de Educação Bilingue - Escolas de Fronteira".

Em 09 de julho de 2004 foi assinada, em Buenos Aires, uma nova Declaração conjunta que referendou o estabelecido anteriormente no quadro do "Convênio de Cooperação Educacional" entre a República Argentina e a República Federativa do Brasil.

Segundo Bianchezzi et al.(2012), após serem realizados estudos e discussões entre Brasil e Argentina, organizou-se o Acordo Bilateral pautado em documento elaborado especificamente para Escolas de Fronteira. Teve a

participação de representantes do Ministério da Educação do Brasil e do Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnologia da Argentina. Esse Acordo Bilateral abriu as “portas” para novas formas de ensinar e aprender, a partir de um “modelo” comum entre as escolas de zona de fronteira, com objetivo de desenvolver a educação sociolinguística e intercultural.

Programa Escolas Bilingües de Fronteiras (PEIBF): Modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol. [...] Um esforço binacional argentino-brasileiro para construção de uma Identidade Regional Bilingüe e Intercultural no marco de uma cultura de paz e de cooperação interfronteiriça (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 1).

Thomaz (2010) relembra que anteriormente ao início do PEIBF, constatou-se uma série de ações fundamentais para a idealização desse projeto fronteiriço. O documento *Programa Escolas Bilingües de Fronteira* (2008: 6-7) destaca os seguintes “passos desta caminhada de cooperação”: a declaração do português e do espanhol como idiomas oficiais do MERCOSUL no artigo 17 do capítulo II do Tratado de Assunção, de 26 de março de 1991; a definição do Plano de Ação do Setor Educacional do MERCOSUL para 2001-2005 durante a reunião de Ministros da Educação, realizada em Assunção-Paraguai, no ano de 2001, que aponta “a educação como espaço cultural para o fortalecimento de uma consciência favorável à integração, que valorize a diversidade e reconheça a importância dos códigos culturais e linguísticos”; a assinatura da *Declaração Conjunta para o Fortalecimento da Integração Regional* em novembro de 2003, que dispõe “criar em regiões de fronteira 03 (três) escolas em cada país com modelo comum bilíngüe e intercultural”.

As bases pedagógicas do PEIBF são a interculturalidade e o bilinguismo. Seu objetivo maior é o de promover a integração regional⁹ por meio da educação intercultural, considerando para isso os contextos multilíngües ou bilíngües existentes nas fronteiras, tendo como consequência a ampliação das oportunidades do aprendizado das língüas em uso e trocas culturais. O foco é a integração, visto que no PEIF- Programa Escola Intercultural de Fronteira - (nome inicial do programa)

⁹ A expressão integração regional designa o processo pelo qual os territórios pouco ou nada conectados uns aos outros formam pouco a pouco um conjunto regional distinto do resto do mundo. Esse conjunto é mais do que a simples soma de suas partes. A integração regional se aplica aos conjuntos infraestatais, a integração mesoregional aos territórios transfronteiriços que cobrem totalmente ou parcialmente dois países contíguos (YANN, 2014).

as aulas não se resumem ao ensino de língua estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos. Por enquanto, o programa ainda restringe-se às séries iniciais do Ensino Fundamental, mas há previsão de expansão.

De forma geral, o programa visa o desenvolvimento de um modelo de ensino comum nas escolas de fronteira, garantindo que alunos e professores tenham a oportunidade de educação e comunicação nas duas línguas – português e espanhol – por meio do desenvolvimento de um programa intercultural. Criado a partir de Acordo Bilateral Brasil-Argentina, firmado pelos ministérios da Educação dos dois países, no final de 2004, produziu a versão do “Projeto-piloto” de Educação Bilíngue, iniciando sua prática no ano letivo de 2005 (BRASIL; ARGENTINA, 2008).

Torchi e Silva (2014) apresentam dados que nos fazem refletir. Essas informações mostram que o Brasil apresenta cerca de 23.086 km de fronteira sendo que 7.367 km são marítimas e 15.719 km fazem fronteira com quase todos os países localizados no continente sul americano, ficando de fora apenas o Chile e o Equador. A faixa de fronteira interna do nosso país, ao longo dos seus 15.719 km corresponde a 150 km de largura, abrangendo 588 municípios¹⁰. E que nessa faixa de fronteira encontram-se 13.640 escolas de Educação Básica que ofertam Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, incluindo instituições públicas e privadas com um número total de 2.627.797 estudantes matriculados.

Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a Faixa de Fronteira compreende uma faixa interna de 150 Km de largura, paralela à linha divisória terrestre do território nacional. Nesse aspecto, o IBGE (2008) nos mostra o número de municípios brasileiros da faixa de fronteira, segundo a divisão territorial estabelecida em março de 1999:

¹⁰ A finalidade principal dessa faixa de 150 km de fronteira é a identificação das unidades político-administrativas do Brasil localizadas na Faixa de Fronteira que estão sob as regras de segurança nacional, em especial, no tocante a obras públicas de engenharia civil, participação de estrangeiros em propriedades rurais ou empresas nestas áreas, concessões de terras e serviços e auxílio financeiro do governo federal; secundariamente, no tocante a gratificação especial de localidade (IBGE, 2017).

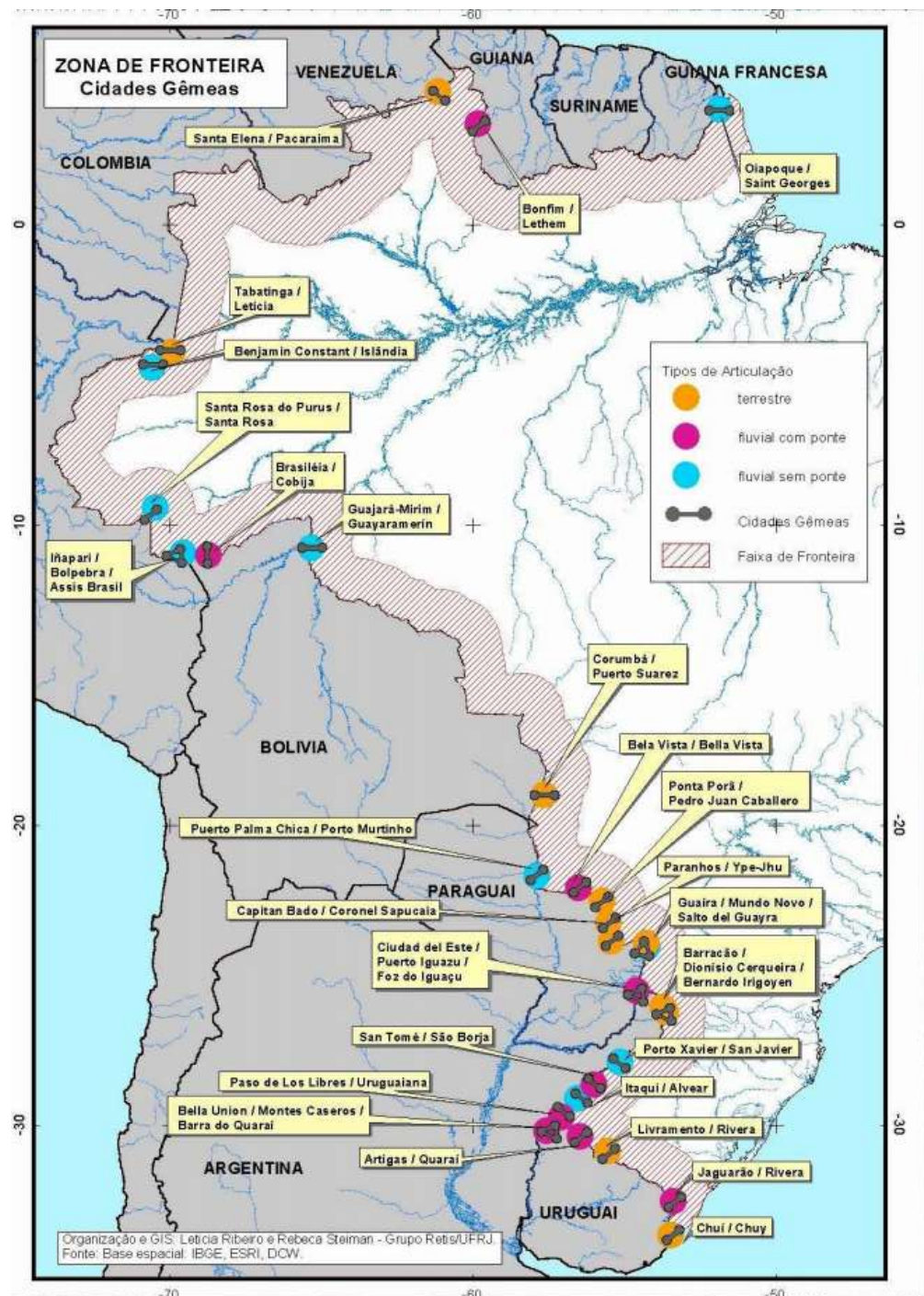
FIGURA 7: MUNICÍPIOS BRASILEIROS DA FAIXA DE FRONTEIRA DIVISÃO TERRITORIAL DE MARÇO DE 1999

TOTAIS DE MUNICÍPIOS POR REGIÃO / UNIDADE DA FEDERAÇÃO		
1 Região Norte		
	11 Rondônia	27
	12 Acre	22
	13 Amazonas	21
	14 Roraima	15
	15 Pará	5
	16 Amapá	8
TOTAL DE MUNICÍPIOS DA REGIÃO NORTE		98
2 Região Sul		
	41 Paraná	139
	42 Santa Catarina	82
	43 Rio Grande do Sul	182
TOTAL DE MUNICÍPIOS DA REGIÃO SUL		403
3 Região Centro-Oeste		
	50 Mato Grosso do Sul	44
	51 Mato Grosso	25
TOTAL DE MUNICÍPIOS DA REGIÃO CENTRO-OESTE		69
BRASIL		570

FONTE: IBGE (2008)

Para compreender melhor os dados acima exibidos, podemos também explorar o mapa que está na sequência, exibindo a zona de fronteira e as cidades gêmeas.

FIGURA 8: MAPA CIDADES GÊMEAS



FONTE: MEC (2016)

Esses dados nos fazem refletir e pensar sobre as escolas localizadas nessa faixa de fronteira e ponderar se essa mistura de línguas, culturas e diferentes saberes podem se tornar uma barreira de acesso e permanência na escola levando esses alunos ao fracasso escolar. E pensar, também, o quanto se faz necessário entender este cenário fronteiriço que apresenta características próprias e que fogem

da realidade das demais regiões do país. Uma região que necessita de uma política linguística forte, de valorização da diversidade cultural, que promova a integração da região e que garanta uma educação intercultural e com qualidade.

Abordarei no capítulo seguinte a questão do viver em fronteira. Mas tratar do programa e não falar de fronteira é impossível aqui. Assim sendo, Bhabha (1998, p. 19) afirma que “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”. É neste sentido, que surge o PEIBF, dando espaço para as diferenças, para os entrelugares, onde tudo se mistura se mescla e se soma. E neste cenário teço, percebo que não há a possibilidade de pensar na fronteira apenas como uma linha ou faixa demarcatória que indica onde um país com sua língua, cultura e tradições termina e outro começa. Fronteira é o entrelaçar de línguas e culturas, e ao mesmo tempo, uma mescla de tudo que está ali definido. Um lugar de riqueza cultural infinita.

Voltando a falar do programa, inicialmente o Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF) surge para viabilizar a aprendizagem da segunda língua, a sociabilidade e a interculturalidade de forma íntegra entre as pessoas que vivem em área fronteira. A proposta, faz aflorar no programa a preocupação de proporcionar ao ser humano, desde pequeno, um olhar de respeito e valorização do/e com seu semelhante que pertence à outra nação, compreendendo que o bom relacionamento e integração das pessoas não deve ter fronteira. Nesse sentido, o programa vai muito além dos muros da escola ou até mesmo da fronteira seca ali existente.

O Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF) tem o intuito de promover o intercâmbio entre professores e alunos dos países do Mercosul. O programa, criado inicialmente em 2005 por uma ação bilateral Brasil-Argentina, fechou 2008 com 14 escolas dos dois países, e abriu 2009 com 26 escolas, em cinco países, como mostra a tabela abaixo:

FIGURA 9: TABELA DE ESCOLAS BRASIL-ARGENTINA PARTICIPANTES DA PROPOSTA 2009

No Brasil	Em outros países
Dionísio Cerqueira (SC) - 1 escola	Bernardo Irigoyen (Argentina) - 1
Foz do Iguaçu (PR) - 1 escola	Puerto Iguazu (Argentina) - 1
Uruguaiana (RS) - 1 escola	Paso de Los Libres (Argentina) - 1
São Borja (RS) - 2 escolas	Santo Tomé (Argentina) - 2
Itaqui (RS) - 1 escola	Alvear (Argentina) - 1
Itaqui - 1 escola	La Cruz (Argentina) - 1
Chuí (RS) - 1 escola	Chuy (Uruguai) - 1
Jaguarão (RS) - 2 escolas	Rio Branco (Uruguai) - 2
Ponta Porã (MS) - 1 escola	Pedro Juan Caballero (Paraguai) - 1
Pacaraima (RR) - 2 escolas	Santa Elena de Uiarén (Venezuela) 2
Total - 13 escolas no Brasil	Total - 13 escolas nos 4 países

FONTE: MEC (2016)

Segundo o MEC, o objetivo principal do Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira é a integração de estudantes e professores brasileiros com os alunos e professores dos países vizinhos. O foco é a integração, além da ampliação das oportunidades do aprendizado da segunda língua.

A metodologia adotada no programa é a de ensino por projetos de aprendizagem. Os professores, de ambos os países, realizam juntos o planejamento das aulas e determinam em quais partes do projeto os professores realizarão o intercâmbio, pelo menos uma vez por semana. Portanto, o que ocorre no PEIBF não é o ensino de língua estrangeira, mas o ensino em língua estrangeira, criando um ambiente real de bilinguismo para os alunos.

Como abordarei com mais ênfase no próximo capítulo, o Mercosul –Mercado Comum entre Brasil e Argentina – gerou avanços e integrações no sistema político. Mas, esse também influenciou o campo educacional, abrindo caminhos para a integração e o fortalecimento das identidades regional por intermédio da valorização das línguas (português e espanhol) como instrumento de comunicação e integração social.

Como parte desse processo, o Setor Educacional do Mercosul – SEM aponta, nos seus planos de ação, a necessidade de difundir o aprendizado do português e do espanhol por meio dos sistemas educacionais formais e não formais, considerando como áreas prioritárias o fortalecimento da identidade regional, levando, dessa forma, ao conhecimento mútuo, a uma cultura de integração e à promoção de políticas regionais de formação de

recursos humanos visando à melhoria da qualidade da educação (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 6-7).

Para Bianchezzi et al. (2012), por se tratar de uma região de fronteira¹¹ com cidades “gêmeas” (Dionísio Cerqueira, Santa Catarina, Brasil, e Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina), destaca-se o livre acesso pelo acordo do Mercosul, por meio do qual a população se beneficia, necessitando com isso se comunicar em português e espanhol, principalmente, devido ao comércio e a passagem de muitos turistas pela tríplice fronteira. Sendo assim, a oralidade é uma característica própria da região de fronteira entre Brasil e Argentina. Muitos falantes têm constante acesso entre os dois idiomas, originando uma “mistura linguística”:

Sem dúvida a língua é um dos grandes desafios a ser vencido nas áreas de fronteira, visto que nestas residem uma população diferenciada, pela língua, pelos costumes, pelas crenças e pelos saberes. Não é possível desconsiderar que essas questões afetam as realidades educacionais das escolas de fronteiras internacionais (PEREIRA, 2009, p. 58).

A intenção do Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira é que a interculturalidade e os idiomas possam ser trabalhados simultaneamente. Nesse sentido, opta-se por desenvolver nos alunos tanto com a oralidade como a escrita. Logo, fica evidente a necessidade de interação entre os envolvidos dessas escolas de países distintos. Para desenvolver essas habilidades, a Escola Theodureto (que já trabalhava nessa perspectiva), optou por trabalhar também no programa por trabalhar por projetos¹², onde a aprendizagem pode se dar de maneira coletiva e voltada para os arranjos locais existentes.

¹¹ O programa se justifica através da noção de fronteira enquanto espaço de união, de fortalecimento de um Projeto Político Regional.

¹² Para a Escola Theodureto, a construção curricular está baseada na ideia do trabalho considerando os eixos norteadores da Proposta Curricular de Santa Catarina: oralidade, leitura, escrita e cálculo. Onde, segundo a escola o projeto tem por objeto: Compreender a realidade, interpretá-la e transformá-la Neste sentido, os conteúdos instrucionais constituem-se em elementos norteadores da aprendizagem tendo em vista que favorecem: o levantamento de interesses, perguntar e responder, descobrir, inovar, transformar, argumentar, justificar, entre outras habilidades. O trabalho por projeto deve ser estruturado, especificando e organizando a priori, temas de interesse comum, resultantes da comunicação entre alunos e professores, uma vez que visa à produção de conhecimentos produtivos, úteis, porque expressam um motivo. Neste sentido tem-se a transformação de uma curiosidade ou inquietação em pergunta. A pesquisa, ou a investigação orientará a busca por respostas à problemática e não ao tema central. Aprender a perguntar, de acordo com o que se quer saber se constitui em elemento de partida por que é através dela que a escola vai procurar os instrumentos adequados a respostas. A metodologia baseada em Projetos requer dois momentos estando o primeiro vinculado a uma situação relevante, que os profissionais julgam interesse coletivo – o conjunto das discussões

De acordo com o MEC, pensando no sucesso dos processos de sensibilização, é muito importante partir do conhecimento prévio dos alunos, das famílias e de suas realidades por parte dos professores de outro país. Dessa forma foi previsto que escolas desenvolvessem uma sistemática de trabalho de sensibilização dos pais, para que ocorresse desenvolvimento de atitudes positivas perante o bilinguismo e a interculturalidade.

Uma educação para essas escolas de fronteira, nesse contexto, implica no reconhecimento e visibilidade das culturas regionais envolvidas, tendo como base práticas de interculturalidade. Logo, como produto dessa interação e do diálogo entre os grupos envolvidos, tem-se, então, relações entre as culturas, o reconhecimento das características próprias e a visibilização do diferente como diferente (e não como "melhor" ou "pio").

Sobre a proposta, segundo os documentos do MEC - "Escolas de Fronteira do ano de 2008" - através da interculturalidade podemos entender pelo menos dois tipos de fazer diferentes: Entendemos por "interculturalidade", em primeiro lugar, um conjunto de práticas sociais, ligadas ao estar com o outro, entendê-lo, trabalhar com ele, produzir sentido conjuntamente. Essa visão da interculturalidade é a dimensão das vivências, fundamental no campo dos conhecimentos atitudinais. E, segundo o MEC, podemos entender a interculturalidade também como conhecimentos sobre o outro, sobre o outro país, suas formas históricas de constituição e de organização. Conhecimentos esses que precisam estar presentes curricularmente nos projetos de aprendizagem planejados e executado nas escolas. Esta é a dimensão informacional da interculturalidade.

Portanto, na visão dos Ministérios da Educação dos dois países envolvidos, trata-se de um programa que tem proporcionado às comunidades, às escolas envolvidas e aos Ministérios da Educação (de ambos os países) a oportunidade de vivenciar relações interculturais e desenvolver o trabalho bilíngue.

O uso da metodologia através de projetos como recurso pedagógico está previsto nos documentos oficiais e tem como objetivo uma formação mais completa e complexa de cidadão que é muito mais ampla, do que a aplicação de uma metodologia inovadora para se trabalhar em sala de aula.

O trabalho por projetos nessa proposta de cooperação educacional surge como princípio educativo e científico e o papel ativo do aluno como sujeito da aprendizagem e do professor como orientador na construção dos saberes. Saberes esses, que são específicos daquela região única, chamada Tri Fronteira. Conseqüentemente, cada professor que atua como orientador, em uma escola distinta, deveria desenvolver projetos específicos com aquela comunidade em questão, pois quando elaboramos projetos para a realidade específica, que os sujeitos estão envolvidos, é comum não funcionar, e isso se justificam pelo fato em que as comunidades não se enxergam nesse trabalho.

Tornando assim, a proposta é única, pois cada escola possui suas singularidades e especificidades. É fato que o trabalho por intermédio de projetos é árduo que exige dedicação do professor que está á frente da proposta.

Bianchezzi et al. (2012), salienta que com a criação de escolas de fronteiras e a implantação do Programa, surgiu à necessidade de elaborar nova proposta curricular e o funcionamento em período integral das escolas. Pois o aluno passou de quatro para oito horas diárias na escola, com seis horas semanais – em dois dias da semana – para desenvolver projetos de uso da segunda língua. Nos demais dias, ele realiza atividades diversificadas relacionadas à organização de oficinas de arte, música, teatro, dança, entre outras possíveis, por intermédio de metodologias de projetos interdisciplinares e interescolares. Logo, possibilitou a organização de atividades via projetos e a realização do intercâmbio direto entre a escola e as comunidades das duas nações envolvidas.

O Programa tem como base o **intercâmbio docente** a partir da disponibilização de quadros já formados em ambos os países e que atuam nas escolas envolvidas. A unidade básica de trabalho, portanto, é o par de 'escolas-espelho', que atuam juntas formando uma unidade operacional e somando seus esforços na construção da educação bilíngue e intercultural. Esta forma permite aos docentes dos países envolvidos vivenciarem eles mesmos, na sua atuação e nas suas rotinas semanais, práticas de bilinguismo e de interculturalidade semelhantes às que querem construir com os alunos, na medida em que se expõem à vivência com seus colegas do outro país e com as crianças das várias séries com as quais atuam (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 22, grifos no original).

A proposta compreende por "intercâmbio" a realização do chamado "cruce", que é a organização da grade curricular com seis aulas semanais de intercâmbio por turma. Assim sendo, existe um horário de troca do corpo docente entre as escolas:

enquanto professoras brasileiras estão em sala de aula na escola da Argentina, as professoras argentinas estão com os alunos na escola no Brasil, isso surge no sentido de fomentar a curiosidade em aprender a segunda língua, costumes, valores, cultura do outro país.

Igualmente importantes são as demandas por maior intercâmbio dos alunos das duas escolas-espelho, dada o movimento positivo que o 'cruce' de professoras tem provocado nas escolas, que possibilitou o despertar da curiosidade das crianças sobre o outro país (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 22).

No início do programa, o intercâmbio esteve presente nas discussões até a efetivação do Acordo Bilateral. Junto a esse trâmite ocorreu à construção da proposta curricular, organização de encontros de formação de professores de ambos os países, planejamentos paralelos pelo corpo docente das escolas de fronteira envolvidas no programa, para, posteriormente, a implementação do projeto nas salas de aula das duas escolas parceiras. Posteriormente, com o passar dos anos, a burocratização foi se tornando um fator dificultador. Tanto, que atualmente existem professores específicos que são contratados para atuar no programa, e não mais, os próprios professores regentes das turmas. Nesse sentido, creio que muito se perdeu, principalmente quanto aos momentos em que os alunos conseguiam vivenciar a “troca de professores” e a troca de conhecimento interfronteiras.

Nesse mesmo sentido, o intercâmbio de alunos, onde os encontros eram realizados uma vez no semestre, com o objetivo de criar laços e possíveis trocas de experiências entre os alunos envolvidos (mesmo sendo poucos encontros durante o ano, este eram os objetivos da proposta, como podemos ver nos documentos), momento que eles denominavam *culminância*, também foi sofrendo com a burocracia frente à liberação para a passagem dos alunos de um país para o outro. Como as *culminâncias* dos projetos, sempre ocorrem em horário de aula, a escola tende se responsabilizar em totalidade pelos alunos, caso venha a acontecer algum tipo de fiscalização e não autorização na passagem da fronteira. Isso tornou os encontros cada vez mais escassos.

As possibilidades de ampliação do Projeto Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira, que atualmente reúne 13 escolas brasileiras e outras 13 da Argentina, Uruguai, Paraguai e Venezuela, foram discutidas recentemente no 3º seminário Escolas de Fronteira. O evento ocorreu em Porto Alegre, no final do ano de 2016.

Durante três dias, professores, coordenadores pedagógicos e diretores das 26 escolas, além de representantes dos ministérios da educação dos cinco países e das secretarias de educação dos estados ou províncias, se reuniram ali para também avaliar o desempenho do projeto. O Paraguai manifestou interesse em ampliar o número de escolas e outros países manifestaram interesse em incluir estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Sendo que o programa foi criado em 2005, por um acordo bilateral Brasil-Argentina, o projeto começou com estudantes do primeiro ano do Ensino Fundamental de municípios vizinhos dos dois países. Já em 2009, a proposta foi ampliada de 14 para 26 escolas, com a inclusão do Uruguai, Paraguai e Venezuela.

3.2 ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO: A PRIMIERA A IMPLANTAR A PROPOSTA

A Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto se localiza numa região fronteira, na cidade de Dionísio Cerqueira, em Santa Catarina, Brasil. Próxima a ela, apenas separada pelos marcos que delimitam a fronteira internacional, encontra-se a Escuela 604, na cidade de Bernardo de Irigoyen, em Misiones, Argentina – Escola parceira na proposta de cooperação educacional. Segundo as informações contidas no blog da Escola Theodureto, tornou-se relevante organizar um ensino paralelo entre as escolas das duas cidadanias, o que motivou a criação do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF).

FIGURA 10: FACHADA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. THEODURERO CARLOS DE SARIA SOUTO



FONTE: A Autora (2017)

FIGURA 11: FACHADA DA ESCUELA 604



FONTE: A Autora (2017)

No blog da escola, também conseguimos ter acesso ao histórico da Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto. Conta-se ali, que no

transcorrer do ano de 1958 foi construído um pequeno prédio, em alvenaria, na Rua Nilso Verona, 380, centro do município, com o objetivo de atender a demanda educacional, em idade escolar, deste município. Na época, os alunos eram recebidos em uma pequena casa de madeira localizada na Rua República Argentina, próxima a atual Prefeitura Municipal de Dionísio Cerqueira. Após ser finalizada a construção, em 17 de abril de 1959, o Decreto nº 826 cria o Grupo Escolar Presidente Theodureto de Faria Souto, oferecendo o 1º, 2º, 3º e 4º ano primário. O homenageado, Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto foi indicado na época do Império para governar o Estado de Santa Catarina. Ocupou o cargo no curto período de 28/02/1883 a 29/08/1883. Na data de 30 de novembro de 1963, com as alterações do Sistema de Ensino Nacional, o Decreto nº 940 cria o Ginásio Normal Nossa Senhora do Sagrado Coração - passa a funcionar o 1º, 2º, 3º e 4º ano do Ginásio. Posteriormente, o Decreto nº 10.289 de 08/02/71 transforma o então Ginásio e o Grupo Escolar em Escola Básica Presidente Theodureto de Faria Souto, oferecendo as oito (8) séries do 1º Grau. Em 10/07/91 a Portaria nº 0208/91 autoriza a implantação gradativa do Curso de 2º Grau - habilitação Educação Geral. A Escola Básica passa a denominar-se Colégio Estadual Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto. Segundo a Portaria E/017 de 28/03/2000 o Colégio passa a denominar-se: Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, denominação que identifica a escola até a presente data.

A organização quanto ao programa, continua basicamente a mesma desde sua implantação na escola. As terças e quintas-feiras, cerca de 80 estudantes do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental da escola estadual Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, situada em Dionísio Cerqueira (SC), têm aulas em espanhol com professores argentinos. Ao mesmo tempo, 150 alunos da Escuela 604 em Bernardo de Irigoyen, na província de Misiones, Argentina, são ensinados em português por docentes brasileiros, utilizando a metodologia de projetos. Mas a troca de experiências vai muito além da língua. Inseridas no Programa Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira, as escolas têm enfoque na construção do conhecimento cultural mútuo.

Segundo os próprios envolvidos na proposta, a língua é um detalhe, mas a base é a interculturalidade; eles costumam trabalhar com os costumes dos dois países, a fauna, a flora, o turismo, a alimentação. O principal benefício é a aproximação entre os dois países, por meio da educação. Pois a fronteira é tão

perto, traz tanta proximidade, mas, por outro lado, o conhecimento da realidade de cada um acaba sendo tão distantes, e é aí que surgem as vantagens do programa, para somar na vida de cada um dos envolvidos.

A proposta do programa prevê que o planejamento das atividades seja feito de maneira conjunta entre os professores das duas escolas, com um apoio pedagógico. Atualmente, quem oferece esse apoio é a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e do Instituto Misiones, da Argentina.

Em 2014, foram ofertadas 2.110 vagas em cursos de formação continuada voltadas para professores das escolas participantes. Os cursos são ofertados pelas 12 universidades federais parceiras do programa: do Pampa (Unipampa), de Santa Maria (UFSM), do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Pelotas (Ufpel), de Mato Grosso do Sul (UFMS), da Integração Latino-Americana (Unila), da Grande Dourados (UFGD), do Rio Grande (Furg), de Roraima (UFRR), da Fronteira Sul (UFFS), do Amazonas (Ufam) e do Acre (Ufac).

4 ESTA QUE VOS FALA, FALA DE ONDE E FALA DE QUE: CARACTERIZANDO A REGIÃO DA TRI FRONTEIRA E ESTABELECENDO AS RELAÇÕES COM O ENSINO DA MATEMÁTICA

Neste capítulo, continuo defendendo que é necessário localizar meu leitor em espaço e tempo, e também fundamentar a importância de minha escolha: pesquisar na temática intercultural da Educação Matemática; por isso, farei uso desse campo de minha dissertação para caracterizar a região da Tri Fronteira, região está que minha questão de estudo está inserida. Primeiramente tratarei sobre possíveis definições de fronteira, abordando dados sobre a fronteira brasileira, para então caracterizar a Tri Fronteira. Nesta oportunidade, explanarei também brevemente sobre o Mercosul e o Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF), trazendo suas influências para as políticas educacionais e conseqüentemente para o Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Usarei este espaço também, para relacionar o viver em fronteira com o ensino intercultural, trazendo possíveis definições para cultura e relacionando com o Ensino da Matemática.

4.1 O ASSUNTO É FRONTEIRA

Ao expressar oralmente a palavra *fronteira*, quase sempre o fazemos relacionando ao limite físico (alfândega, rio, rua, cerca...) entre duas áreas, terrenos, regiões, estados ou países. Eis um cuidado que devemos tomar. Para Myskiw (2012) Fronteira e limite não são a mesma coisa. Segundo ele, limites são linhas fixas (o leito de uma rua, ou de um rio, por exemplo) e determinam onde tem início ou onde tem fim um determinado território, cujo limite estabelece a soberania de um país, província ou município. Já fronteiras são linhas móveis, faixas territoriais definidas pelos Estados para construir estratégias de ação próximas aos limites territoriais. Atualmente, o Estado brasileiro define a região da Faixa de Fronteira brasileira geograficamente por possuir 150 km de largura ao longo de 15.719 km da fronteira terrestre; essa extensão engloba 11 unidades da Federação e 588

municípios, contabilizando aproximadamente 10 milhões de habitantes e fazendo fronteira com 10 países da América do Sul (BRASIL, 2005).

FIGURA 12: EXTENSÃO DA FAIXA DE FRONTEIRA BRASILEIRA



FONTE: GRUPO RETIS (2017)

Faz-se necessário salientar as considerações estabelecidas por Adelar Heisnfeld sobre a constituição das fronteiras e limites entre países: “As fronteiras e os países não existiram sempre, bem como não estiveram sempre onde estão. Ambos não são mais que construções da história humana, resultado e expressão de processos sociais.” (HEISNFELD, 2007, p. 20). E, neste sentido, em suas instigantes discussões sobre espaço e lugar, que vem complementar a ponderação sobre fronteira estabelecida anteriormente, De Certau enfatiza essas noções pela seguinte afirmação:

[...] o espaço é um lugar praticado, assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres. Da mesma forma, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar que constitui um sistema de signos – um texto (DE CERTAU, 1990, p. 173).

Myskiw (2012) entende que a faixa de fronteira se constitui em uma zona de contato humano mútuo e de constante transformação social, cultural, política e econômica dos países que avizinham. Cada região de fronteira possui sua singularidade histórica e é um espaço privilegiado da produção de antagonismos, de laços de solidariedade, da afirmação e negação de identidades, da elaboração e reelaboração de representações, da invenção e reinvenção de lendas e tradições, dos encontros e desencontros dos homens, dos conflitos, das mortes e das conquistas materiais.

O Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF) é o objeto de estudo desse trabalho em questão. Nascido de um projeto-piloto e de um acordo bilateral entre Brasil e Argentina, as escolas Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto (de Dionísio Cerqueira, Santa Catarina, Brasil) e Escuela de Frontera de Jornada Completa Nº 604 (de Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina) desenvolvem, desde 2005, um novo modelo de ensino-aprendizagem em região de fronteira internacional, com o objetivo também, de estreitar laços de interculturalidade. Similarmente, foram reconstruídas as grades curriculares de ambas as escolas, permitindo o desenvolvimento de intercâmbio de docentes e de alunos entre escolas. A língua é um dos grandes desafios a ser vencido. No entanto, a fronteira deixa de existir quando o esforço de alunos e de professores no exercício de aprender e ensinar uma nova língua deixam transparecer a riqueza e a diversidade cultural e social existente naquela porção da fronteira de Brasil e Argentina. Diante disso, D’Ambrosio nos traz a seguinte reflexão:

Como surge a linguagem entre os humanos? Como rugidos e cantos, comuns a tantas espécies, se transformam em linguagem? A linguagem é um elemento fundamental na evolução das espécies, a sua resposta ao gregarismo é à aprendizagem, resultado não apenas de um processo, mas de muitos.

O problema da comunicação e das transformações sociais é central. Novas formas de conhecer, novos modelos de ciência, novas relações conhecimento-professor-aluno exigem um novo paradigma para a educação (D'AMBROSIO, 2016, p. 25).

Quando tratamos sobre linguística na questão do viver em fronteira, temos que na faixa de fronteira, onde nosso objeto de estudo se insere, convivem duas grandes línguas internacionais: o Espanhol (Castelhano) e o Português. Estamos nos referindo apenas às línguas oficiais; se levarmos em consideração as outras línguas faladas (línguas de imigração e línguas indígenas) perceberemos um grande plurilinguismo nesta zona de fronteira.

A questão linguística, mais especificamente o bilinguismo, não é nosso objeto de investigação. Porém, torna-se impossível estudar essa proposta de cooperação educacional sem falar (nem que seja brevemente) sobre esse ponto. Quando o programa surgiu, o foco inicial do PEIBF era o bilinguismo, porém, posteriormente, o programa passou a ampliar seu olhar, e passou a trabalhar voltado para a temática intercultural da educação. Pesquisando sobre os trabalhos já existentes nessa perspectiva, percebemos que, de forma geral, existem vários trabalhos sobre a fronteira, porém esses vêm relacionados com o Ensino de Geografia, a questão das identidades, ensino bilíngue. Porém, sobre o Ensino da Matemática, nada pude encontrar.

Assim, as relações do Brasil com respeito ao contato com outras línguas não são construídas, nem pela política, nem pela sociedade. O MERCOSUL só abriu este espaço para a questão linguística, na medida em que se apresenta uma questão econômica importante de oportunidade, o mercado de trabalho, a integração comercial.

Para Pereira (2014), o Mercosul é o marco fundamental desse processo integrativo. Ele foi criado em 26 de março de 1991, com a assinatura, pela República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai, do Tratado de Assunção criando o Mercado Comum do Sul – MERCOSUL.

O Mercosul visa à ampliação das dimensões dos mercados nacionais envolvidos buscando o desenvolvimento e a integração econômica.

Portanto, o objetivo primordial do Tratado de Assunção é a integração dos quatro Estados Partes por meio da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes (MERCOSUL, 2011).

Embora formado para fins econômicos, o MERCOSUL trouxe implicações não só comerciais e monetárias:

Desde a assinatura do Tratado de Assunção, os Estados Partes do MERCOSUL outorgaram especial importância aos aspectos sociais do processo, considerando que a ampliação das atuais dimensões de seus mercados nacionais por meio da integração é condição fundamental para acelerar seus processos de desenvolvimento econômico com justiça social. A dimensão social do MERCOSUL foi fortalecida pela criação do Instituto Social do MERCOSUL (ISM), por meio da Decisão CMC Nº 03/07, com vistas a fortalecer o processo de integração e promover o desenvolvimento humano integral (MERCOSUL, 2011).

A noção de integração do Mercosul está intimamente ligada ao processo de desenvolvimento regional. A integração regional do Mercosul necessária para a consolidação do mercado comum se dá no âmbito econômico, mas também com repercussões nas políticas públicas ligadas à cultura e à educação. Essas vêm sendo desenvolvidas pelo Setor Educacional do MERCOSUL – SEM, o qual faz parte da estrutura institucional do MERCOSUL e no organograma está vinculado ao Conselho do Mercado Comum – CMC (MERCOSUL, 2011).

Como parte do processo de integração, o SEM aponta, em seus Planos de Ação, a necessidade de difundir o aprendizado do português e do espanhol por meio dos sistemas educacionais formais e não formais, considerando como áreas prioritárias o fortalecimento das identidades regional, levando, dessa forma, ao conhecimento mútuo, a uma cultura de integração e à promoção de políticas regionais de formação de recursos humanos visando à melhoria da qualidade da educação.

Pereira (2014) relata que em Assunção, no ano de 2001, na reunião de Ministros da Educação do SEM foi aprovado o “Plano de Ação do Setor para 2001 - 2005”, o qual apontava, entre outros aspectos para “a educação como espaço cultural para o fortalecimento de uma consciência favorável à integração, que valorize a diversidade e reconheça a importância dos códigos culturais e linguísticos” (BRASIL; ARGENTINA, 2008, p. 7). É nesse contexto que o SEM busca avançar na

sensibilização para o aprendizado dos idiomas oficiais do Mercosul, estabelecendo vários objetivos estratégicos, entre eles o de “fortalecimiento de la conciencia ciudadana favorable al proceso de integración regional que valore la diversidad cultural [...] e o de conformación de un espacio educativo regional de cooperación solidaria” (MERCOSUL EDUCACIONAL, 2011, p. 4)¹³.

A Declaração Conjunta de Brasília, firmada em 2003, pelo ministro da educação argentino, Daniel Filmus e pelo ministro da educação brasileiro, Cristóvão Buarque reafirma essa intencionalidade (BRASIL; ARGENTINA, 2008).

A Declaração Conjunta de 2003, ratificada em 2004, na cidade de Buenos Aires, pelos então Ministros da Educação da Argentina, Daniel Filmus e do Brasil, Tarso Genro, indica a criação, em região de fronteira, de três escolas em cada país com modelo bilíngue intercultural e dispõe a seguinte ação para imediata implementação: Desenvolvimento de um modelo de ensino comum em escolas de zona de fronteira, a partir do desenvolvimento de um programa para a educação intercultural, com ênfase no ensino do português e do espanhol, uma vez cumpridos os dispositivos legais para sua implementação (BRASIL, 2004, não paginado, grifo nosso apud SGAZ, 2013, p. 39).

Como difusão das ações acima citadas, ao longo do segundo semestre de 2004, a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação do Brasil, por meio do Departamento de Políticas de Educação Infantil e do Ensino Fundamental iniciou articulações com os sistemas estaduais e municipais de ensino da Região Sul do Brasil, buscando a adesão ao projeto de escolas localizadas na região de fronteira. Foram definidas duas escolas brasileiras localizadas nos municípios de Uruguaiana-RS e Dionísio Cerqueira-SC que fazem fronteira com as províncias argentinas de Corrientes e Misiones, respectivamente.

Inicialmente, participaram apenas duas escolas do lado brasileiro, identificadas na figura 1 – uma em Dionísio Cerqueira e outra em Uruguaiana, com as respectivas escolas do lado argentino, nas cidades-gêmeas de Bernardo de Irigoyen e Paso de los Libres, no 1º ano do Ensino Fundamental.

¹³ fortalecer a consciência pública em favor do processo de integração regional que valorize a diversidade cultural [...] e ou a criação de uma parceria espaço regional de educação (tradução minha)

FIGURA 13: BRASIL: CIDADES GÊMEAS NA
FRONTEIRA



FONTE: BRASIL (2005)

Segundo Pereira (2014) o Programa de Escolas Interculturais Bilíngues de Fronteira, a partir de 2006, está inserido no âmbito das ações do Mercosul, conforme o Plano de Ação 2006-2010, quando passou a fazer parte da agenda de trabalho do Grupo de Trabalho de Políticas Linguísticas (GTPL) do Setor Educacional do MERCOSUL (SEM), como uma das maneiras de se atingir o objetivo estratégico número 1. “Promoción de un programa de escuelas gemelas por país, priorizando en una primera etapa las fronteras bilingües, partiendo de la experiencia existente entre Argentina y Brasil y alcanzando progresivamente la presencia en todas las fronteras” (MERCOSUL, 2006, p. 23).¹⁴

¹⁴ A promoção de um programa de escolas duplo por país, dando prioridade na primeira fase fronteiras bilíngues, com base na experiência existente entre Argentina e Brasil e presença alcançando progressivamente em todas as fronteiras (tradução minha)

Em 28 de junho de 2011, na cidade de Assunção, foi elaborado o Plano de Ação do Setor Educacional 2011-2015, para aprofundar as políticas educacionais. Neste documento,

[...] no que tange à integração regional, observa-se que as políticas educacionais incluem conteúdos e ações comuns para a formação de uma identidade regional, com vistas a alcançar uma educação de qualidade para todos, comprometida com o desenvolvimento social e que dá atenção especial aos setores mais vulneráveis e que reconheça a importância do respeito à diversidade cultural dos povos da região (MERCOSUL, 2011, p. 5).

No âmbito desse último Plano de Ação, as Escolas Bilíngues de Fronteira continuam fazendo parte das estratégias de ação por meio dos seguintes objetivos específicos:

C. Consolidar as escolas interculturais de fronteira como uma política dos Ministérios de Educação dos países membros e associados do MERCOSUL
D. Definir orientações que estabeleçam as diretrizes gerais do desenvolvimento do programa e consolidá-lo como um programa do SEM (MERCOSUL, 2011, p. 30).

O conceito de integração aparec

e frequentemente no discurso do MERCOSUL como fundamental no processo de estabelecimento de um verdadeiro Mercado Comum. Também, esse princípio, está presente nas políticas de ação acima expostas a partir da análise do surgimento e da concretização do Programa de Escolas Bilíngues de Fronteira.

Em tal caso, penso ser importante refletir sobre a definição e o uso do vocábulo integração. No Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa encontramos a seguinte definição:

Integração - (s.f.) 1. Ato ou efeito de integrar(-se). 2. Ação ou política que visa integrar em um grupo as minorias raciais, religiosas, sociais, etc.
Integrar – (v.t.d.) 1. Tornar inteiro: completar, inteirar, integralizar. 2. [...]; 3. Inteirar-se, completar-se. 4. Juntar-se, tornando-se parte integrante; reunir-se, incorporar-se. 5. Adaptar-se, acomodar-se (FERREIRA, Aurélio B., 1986)

Essas são definições de integração e identidades¹⁵, porém os termos, muitas vezes, são carregados de múltiplos sentidos e são percebidos pelas pessoas de forma distinta, dependendo da experiência de vida, do papel desempenhado na

¹⁵ Utilizo sempre a palavra identidade no plural, pois acredito que identidade não é algo fixo, compreendo por processo de identificação, processo que ajuda na construção do sujeito.

sociedade, do nível de escolaridade etc. Podemos pensar também, integração no sentido de construir, unificar, fortalecer e defender. Para Pereira (2014), o MERCOSUL¹⁶ defende e busca a integração e o Projeto das Escolas Bilíngues de Fronteira tem na integração sua razão de ser. O MERCOSUL entende a integração do ponto de vista da aproximação de Estados Nacionais que formam um Bloco e nas Escolas Bilíngues seria a integração de cidades-gêmeas, ou melhor, dizendo, de populações que vivem em zona de fronteira.

Dessa forma,

A fronteira não pode ser mais pensada exclusivamente como franjas do mapa em cuja imagem se traduzem os limites espaciais, demográficos e econômicos de uma determinada formação social. Uma nova definição de fronteira mais abrangente torna-se necessária, capaz de captar sua especificidade - como espaço excepcionalmente dinâmico e contraditório - e a relação desta com a totalidade de que é parte (BECKER, 1988, p. 62).

Becker (1988, p. 67) segue com uma afirmativa que enriquece nossa reflexão sobre o objeto de pesquisa:

O dado crucial da fronteira, pois, [é] a virtualidade histórica que contém: dependendo da forma de apropriação do espaço, das relações sociais e dos tipos e interesses dos agentes sociais aí constituídos, ter-se-á a formação de projetos políticos distintos. Pode ela ser definida como espaço de manobra das forças sociais, e como o espaço de projeção para o futuro, potencialmente gerador de alternativas.

Como comentei anteriormente, tratar de zona de fronteira desloca o enfoque da fronteira como uma concepção linear muito ligada à noção de limite ou divisória internacional para uma concepção de área ou região de fronteira. Com o MERCOSUL, a área de fronteira deixa ser área de divisão, para se reidentificar como área de fortalecimento, devido ao projeto político regional.

¹⁶ Compreendo que o MERCOSUL propõem não apenas um pacto comercial, pois quando os governantes populares assumiram tanto no Brasil como na Argentina, há uma resignificação desse trabalho do MERCOSUL, que antes era simplesmente voltado para as questões comerciais, e posteriormente, com essa nova perspectiva e posicionamento político, se resignifica a questão de fronteira. Onde fronteira não é mais vista como no período militar, que significava divisão e sim, começa a tomar forma enquanto espaço de fortalecimento regional, onde existe um Projeto Político Regional, que é da América do Sul. E isso sustenta o Programa, por isso é uma escola de cada País, para que haja um fortalecimento através do *Cruze* (mesmo que o intercâmbio de alunos não ocorresse com tanta frequência), é como se fosse um gesto de costura, para unir o que antes era separado. E é neste sentido, que surge uma construção do sujeito enquanto sujeito fronteiriço.

[...] o conceito de zona de fronteira aponta para um espaço de interação, uma paisagem específica, com espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças, cuja territorialização mais evoluída é a das cidades gêmeas. (BRASIL, 2005, p. 21).

Pereira (2014) defende que o melhor exemplo de zona de fronteira, na escala local/regional, é o meio geográfico constituído pelas cidades-gêmeas: “adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira – seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infra-estrutura.” (BRASIL, 2005, p. 152). Nesses espaços há grande potencial de integração econômica e cultural e também a concentração de efeitos territoriais característicos da fronteira; portanto são as cidades-gêmeas alvos prioritários das políticas públicas para a zona de fronteira.

4.2 CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA FRONTEIRA (CIF)

Gostaria inicialmente de esclarecer o que são os consórcios intermunicipais, descrevendo as principais ações voltadas ao desenvolvimento regional promovida pelo Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF), das cidades trigêmeas, Barracão (PR), Bom Jesus do Sul (PR) e Dionísio Cerqueira (SC), e Bernardo de Irigoyen de Misiones na linha de fronteira do Brasil com a Argentina.

FIGURA 14: CIF: CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL DA FRONTEIRA



FONTE: A Autora (2017)

De acordo com Souza (2009 citado por Angnes et al., 2013, p. 1166), a região de fronteira brasileira foi estabelecida com o nome de Faixa de Fronteira em 1974, delimitada a 150 km a partir do limite internacional, respeitando o recorte municipal. A criação desse território deu-se a partir da ótica da segurança nacional, sendo até hoje um espaço carente de políticas públicas consistentes que promovam o desenvolvimento.

A região que a questão de estudo se insere, se destaca no Mercosul devido à mobilidade populacional constante do Brasil para a Argentina e vice-versa. Num espaço urbano de 1.561 km², estas cidades trigêmeas são divididas por ruas — limites internacionais, estaduais e municipais — formando uma conurbação de fronteira seca. Para Niescioruk e Carlos (2010 citado por Angnes et al., 2013, p. 1167) uma tríplice fronteira é um lugar comum que une limites territoriais e políticos entre três países vizinhos ou três cidades diferentes e que pode ser caracterizada por várias particularidades, como por seu fácil acesso devido à sua localização geográfica.

É fato que essas cidades guardam aspectos particulares, mas, se vistas do espaço aéreo, formam uma única malha urbana, quando na verdade são três cidades de países, província, estados e municípios diferentes. Cabe salientar que mesmo Bom Jesus do Sul (PR), se situando a 9 km da fronteira, vincula-se diretamente às cidades trigêmeas devido à proximidade territorial direta com Barracão. Devido a estas características, tal fronteira seca é única no Brasil, pois une os limites entre dois países, três estados e três cidades de municípios diferentes. Por esta questão, há uma preocupação dos estados do Paraná e de Santa Catarina com a integração e o desenvolvimento da região que faz fronteira com Argentina, no sentido de construir alternativas para a dinamização dessa área. Ou seja, com os processos de integração regional em curso, a fronteira tornou-se um foco interessante para a agenda econômica e política. Diante disso, um dos objetivos centrais do poder público municipal e estadual visa à distribuição de oportunidades de desenvolvimento, por meio da alavancagem de economias de aglomeração que favoreçam a dinamização do espaço fronteiriço como um todo.

Mediante esse contexto, visando à integração na fronteira foi que, em abril de 2009, surgiu o Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF) como uma associação pública, de direito público, criado com o objetivo de desenvolver propostas ou projetos de desenvolvimento voltados para os municípios do Oeste Catarinense,

Sudoeste do Paraná e Extremo Oriente de Misiones na Argentina. Esta união entre os municípios de Barracão (PR), Bom Jesus do Sul (PR), Dionísio Cerqueira (SC) e Bernardo de Irigoyen (Misiones) da Argentina como parceiro informal foi motivada pela revitalização dessas regiões, cuja meta principal era promover o desenvolvimento regional (Angnes et al., 2013).

Para tanto, no dia 13 de janeiro de 2009, formalizou-se um Protocolo de Intenções de criação do CIF, que foi publicado em 12 de fevereiro do mesmo ano. Na sequência, cada município formalizou sua intenção de participar do consórcio e foram criadas as leis municipais que autorizavam o município a integrar o consórcio, sendo elas: Lei Municipal no 335/2009, publicada em 17 de fevereiro de 2009 (Bom Jesus do Sul — PR); Lei Municipal no 3.896/2009, publicada em 3 de março de 2009 (Dionísio Cerqueira — SC); Lei Municipal no 1.719/2009, publicada em 11 de março de 2009 (Barracão — PR). (CIF, 2011)

Destaca-se que institucionalmente o CIF foi criado como um consórcio intermunicipal que abrange os municípios de Barracão (PR), Bom Jesus do Sul (PR) e Dionísio Cerqueira (SC), conforme disposto no art. 1o de seu Estatuto do Consórcio Intermunicipal (2011). Por isso, Bernardo de Irigoyen (Misiones) da Argentina é tido como um parceiro informal, sendo este ainda um processo incipiente de acordo entre países.

No artigo de Angnes et al.(2013) intitulado *Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF): descrevendo as principais ações voltadas ao desenvolvimento regional a partir da perspectiva do poder público municipal*, os autores defendem que a finalidade da criação de um consórcio público seja a gestão associada de serviços públicos. Isso significa dizer que dois ou mais entes federados poderão criar um convênio público para prestar serviço de interesse comum. Para esse fim, os entes consorciados, que podem ser a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios, no todo ou em parte, destinarão pessoal e bens essenciais à execução dos serviços transferidos. E trazem em seu trabalho, algumas citações para esclarecer possíveis definições de Consórcio Intermunicipal:

Os consórcios públicos surgiram como uma forma de solução, de modo colegiado, um novo arranjo institucional para a gestão municipal, como instrumentos de planejamento regional para a solução de problemas comuns. A solução para os municípios é a união com os municípios vizinhos para a formação de uma parceria visando à implantação de aterros e da gestão conjunta dos mesmos (NAZARENO, 2011 citado por Angnes et al., 2013, p. 3).

Sampaio (2009, citado por Angnes et al., 2013, p. 1171) acrescenta que os consórcios têm sido apontados como “um instrumento que permite ganhos de escala nas políticas públicas, além de ser um novo modelo gerencial que pode viabilizar a gestão microrregional”. Para tanto, a autora aponta que estes consórcios ampliam a discussão de um planejamento regional em quesitos como a “ampliação da oferta de serviços por parte dos municípios, a racionalização de equipamentos, a ampliação de cooperação regional, a flexibilização dos mecanismos de aquisição de equipamentos e de contratação de pessoal, entre outras vantagens”.

A partir da afirmação se entende que, com os consórcios públicos, pequenos e médios municípios passam a ter oportunidades efetivas de trabalhar conjuntamente e, ainda, enfrentar seus problemas sociais e estruturais por meio de novos instrumentos e parcerias.

Desta forma, a Lei dos Consórcios Públicos abriu novas possibilidades para desenvolver-se e tornar-se cada vez mais um instrumento estratégico na promoção do desenvolvimento econômico e social no Brasil, a partir do aprimoramento das experiências de consórcios públicos que passam a assumir conjuntamente os serviços essencialmente públicos, como transportes, saneamento básico, saúde, entre outros de igual importância. É neste aspecto que os consórcios públicos se vinculam diretamente ao desenvolvimento regional.

Conforme Paes e Siqueira (2008 citado por Angnes et al., 2013, p. 1172), “a existência de desigualdades regionais entre os Estados brasileiros parecem persistir, mesmo após cinco décadas de políticas voltadas para o desenvolvimento regional e a redução das desigualdades”. Tais causas das desigualdades são apontadas pelos autores devido a: a) diferentes níveis de falta de infraestrutura, pois os estados mais pobres dependem de transferências de recursos do governo central para se sustentar, que muitas vezes são insuficientes ou instáveis; b) a falta de capital humano, entendida como baixo nível educacional e precário acesso à saúde.

Para Oliveira e Lima (2003 citado por Angnes et al., 2013, p. 1172) desenvolvimento regional é, antes de qualquer coisa, pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço e na distribuição dos frutos do processo de crescimento. No trabalho de Angnes et al, os mesmos salientam que concordam que:

O desenvolvimento deve ser encarado como um processo complexo de mudanças e transformações de ordem econômica, política e, principalmente, humana e social. Desenvolvimento nada mais é que o crescimento — incrementos positivos no produto e na renda — transformado para satisfazer as mais diversificadas necessidades do ser humano, tais como: saúde, educação, habitação, transporte, alimentação, lazer, dentre outras (ANGNES et al. 2013, p. 1172).

Sendo assim, interpreto que o desenvolvimento regional deve ser estudado não somente sob a perspectiva das inter-relações econômicas na modernidade, produção e mercado, mas também nas dimensões políticas e suas implicações sociais. Tal perspectiva vem ao encontro com a retomada da discussão em torno do tema como política pública em busca da revalorização do local.

Segundo Castro (2011 citado por Angnes et al., 2013, p. 1173) , “as relações de cooperação, tendo como princípios norteadores a democracia, a solidariedade e a ajuda mútua visam proporcionar melhores condições econômicas, sociais e culturais aos envolvidos, por meio de iniciativas inovadoras”.

4.3 VIDA EM FRONTEIRA REFLETINDO NO ENSINO: REDEFININDO E RESSIGNIFICANDO A NOÇÃO DE FRONTEIRA

Para que possamos pensar na condição de viver em fronteira e, enfim estabelecer a relação com o ensino; temos que refletir sobre a sobrevivência das diferenças. Uma sobrevivência que possa romper os laços de superioridade, que são impostos. Abrindo assim, um leque de possibilidades para a pluralidade de diferentes saberes que ali existem.

O viver em fronteira traz muitos estranhamentos. Segundo Clareto (2003), estas vidas nas fronteiras formam o cotidiano, o hoje, o contemporâneo o pós-moderno, pois para ela viver nas fronteiras é viver os conflitos e as tensões entre saberes tão ambíguos, é abrir-se para o diferente, para o outro.

A vida na fronteira requer um entrelaçamento das experiências e expectativas, dos modos de viver e de ser, das diferentes visões e versões. Seriam então as fronteiras, lugares onde são criadas novas pontes? Pontes estas, que ligam os diferentes saberes e as diferentes culturas?

Neste contexto, Homi Bhabha (1998), em sua obra *O local da cultura*, trata dos “entre-lugares”, que o autor considera ser fronteiras, em que as diferenças – culturais, sociais, de afiliação acadêmica, política ou ideológica – nos forçam a viver constantemente nas margens limitantes e expansionistas do presente. Assim sendo, entendo a concepção da fronteira como um elemento de comunicação, que se aproxima da concepção de “entre-lugares”, utilizada por Bhabha, ou seja, lugares de (re) criação, onde novas formas de pensar e agir podem se fazer através do contato entre sujeitos distintos. Porém, existem tensões e conflitos em torno desta proximidade, que corroboram a complexidade existente em torno das fronteiras, sejam elas de caráter político-administrativo ou culturais.

Também, Marilena Chauí, na obra "*Cultura e Democracia*", em suas primeiras palavras trata de buscar a origem, de forma muito cuidadosa, mostrando o surgimento do termo:

Vindo do verbo latino *colere*, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente era o cultivo e o cuidado com a terra, donde a agricultura, com as crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios (CHAUÍ, 2008, p. 55).

Chauí (2008), mostra o conceito ao longo da história retratando os estágios e valores atribuídos ao termo. Para a autora, o mercado trata a cultura como objeto de consumo, entretenimento e passatempo, levando ao lado oposto do significado criador e crítico das obras culturais. Do ponto de vista da autora, a democracia caracteriza-se como ideal identitário de um regime político, isso envolve questões sociopolíticas, como a igualdade de todos determinada por lei. Diante desta problematização é possível perceber a clareza e transparência que tanto a cultura como a democracia desviam, no Brasil, do contexto do seu surgimento, tornando-se muitas vezes ferramenta de utilização do poder público para criar falsos contextos sociais e democráticos em meio aos conflitos e privilégios existentes.

Em "*Reconhecer para Libertar*", de Boaventura De Souza Santos (2003), defende que a cultura tornou-se um conceito estratégico central para a definição de identidades e de autoridades no mundo.

Consequentemente, Boaventura de Souza Santos (2003) sustenta que a igualdade sempre que a diferença gerar inferioridade, por outro lado, defende a diferença sempre que a igualdade implicar em descaracterização. O discurso sobre

a interculturalidade se insere na necessidade de colocar em diálogo as várias culturas, bem como no reconhecimento da necessidade de através do diálogo das múltiplas culturas estabelecer novos conhecimentos e novas culturas.

Na obra *"Las bases histórico-políticas de la interculturalidad"*, Ana Maria Rocchietti (2011) considera que:

Afirmar la verdad de la cultura funda una conciencia política (aquella que a diferencia de la conciencia social cargada de representaciones disputa el poder o tensa por hacerlo) que "explica" la realidad, procura sujetarla a su gobierno y tensa por universalizar su perspectiva. Sería este el "contenido mínimo" de su verdad. Las palabra son acontecimientos que sostienen su verdad ideológica en el contexto de la economía política de las sociedades latinoamericanas (ROCCHIETTI, 2011, p. 13).¹⁷

Logo, as fronteiras são espaços que necessitam, cada vez mais de flexibilidade. Sinto isso, por atuar como docente na região da Tri Fronteira. São notórios, para mim, enquanto docente, os conflitos culturais existentes nas fronteiras, em especial pelas diferenças que ali emergem. Muitas vezes, confesso que me sinto em conflito, seja com o que vivi e vivo hoje, seja pela ânsia de tentar viver e ser educadora num ambiente fronteiriço, onde tantos saberes distintos afloram. Penso que isso é um processo, em que eu, enquanto docente, deva ampliar minha visão, indo além do que já estou habituada, para poder enxergar o outro e a mim mesma neste contexto. Podendo então, atuar na minha totalidade nesta região, me identificando, me diferenciando e me aproximando de tudo que há de próprio e singular ali.

D'Ambrosio (2002), declara que a etnomatemática implica nova visão da historiografia da matemática. Ele defende que a matemática é uma manifestação cultural dos povos. Assim como existem diferentes manifestações culturais – música dança, artesanato, cosmologias – nas diferentes culturas, existem também diferentes matemáticas.

Para mim, os estudos etnomatemáticos, na vertente d'ambrosiana, têm se mostrado, como uma possibilidade concreta de envolvimento do Ensino da Matemática com a cultura. E o ensino de matemática em uma região de fronteira

¹⁷ Afirmar a verdade da cultura fundou uma consciência política (que ao contrário da consciência social representações carregadas ou poder disputa tensa a fazê-lo) que "explica" a realidade, procura ter um governo SUA e tensa universalizar sua perspectiva. Este seria o "mínimo" de sua verdade. Os acontecimentos palavra está segurando sua verdade ideológica em contexto da economia política das sociedades latino-americanas. (tradução minha)

deve estar aberto para lidar com a riqueza cultural ali existente. Neste sentido, a etnomatemática, vem para ajudar. Ela surge propondo a aceitação de uma diversidade de perspectivas e interpretações do real: diferentes maneiras de se apropriar, construir, lidar, explicar, compreender a realidade cotidiana de grupos culturais distintos. Para D'Ambrosio, "a etnomatemática é embebida de ética, focalizada na recuperação da dignidade cultural do ser humano" (D'AMBROSIO, 2002, p. 9).

Clareto (2003), afirma em seus estudos, que pelo fato de a etnomatemática se abrir para o outro e para a diferença, ela entraria em vantagem ao propor um diálogo com a sociedade contemporânea. Portanto, para D'Ambrósio e outros pesquisadores que trabalham na linha d'ambrosiana, os estudos etnomatemáticos teriam como objetivo, sobretudo, a valorização das produções culturais excluídas da "cultura oficial". A etnomatemática poderia ser vista, assim, em ressonância com muitos aspectos de discursos pós modernos.

Ubiratan D'Ambrosio em sua obra "*Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade*", defende a Etnomatemática como um programa de pesquisa em história e filosofia matemática, com óbvias implicações pedagógicas. Para o autor, que é considerado o pai da Etnomatemática:

A proposta pedagógica da Etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo [agora] e no espaço [aqui]. E, através das crítica, questionar o aqui e o agora. Ao fazer isso, mergulhamos nas raízes culturais e praticamos dinâmica cultural. Estamos, efetivamente, reconhecendo na educação a importância das várias culturas e tradições na forma de uma nova civilização, transcultural e transdisciplinar (D'AMBROSIO, 2002, p. 46).

Mais do que a cultura, a Etnomatemática, assim como a entendo, está interessada em examinar a diferença cultural no âmbito da educação matemática. Para Gelsa Knijnik:

Para a Etnomatemática, a cultura passa a ser compreendida não como algo pronto, fixo e homogêneo, mas como uma produção, tensa e instável. As práticas matemáticas são entendidas não como um conjunto de conhecimentos que seria transmitido como uma "bagagem", mas que estão constantemente reatualizando-se e adquirindo novos significados, ou seja, são produtos e produtos de cultura (KNIJNIK, 2012, p. 26).

Para Clareto (2003), a racionalidade moderna e a maneira de conceber e lidar com o conhecimento entram em crise – a própria sociedade moderna entra em crise. A matemática vai perdendo, pouco a pouco, seu status de narrativa mestra, de “rainha das ciências”. No seio destas crises, surgem novas possibilidades para se conceber, lidar e enfrentar a questão do conhecimento e, portanto, do conhecimento matemático. Assim sendo, a etnomatemática é uma dessas possibilidades. Ela nasce em meio a tais crises e vem ampliar as perspectivas para a educação matemática.

Nessa perspectiva, Morin (1998 citado por Clareto et al., 2003, p. 27), afirma que:

O conhecimento está ligado, por todos os lados, à estrutura da cultura, à organização social, à práxis histórica. Ele não é apenas condicionado, determinado e produzido, mas é também condicionante, determinante e produtor (o que demonstra de maneira evidente a aventura do conhecimento científico) (MORIN, 1998 [original 1991], p. 31).

Logo, defendo que a perspectiva da etnomatemática vem alinhada com a proposta das escolas de fronteira. Pois, trabalha também o sentido de cultura e de produção cultural, pois, “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza” (CERTEAU, 2001, p. 141). Neste sentido, reconheço que esses diferentes saberes, essas diferentes práticas culturais precisam ganhar significado no ambiente escolar. Pois a cultura foge a qualquer tipo de planejamento. A cultura é, a um só tempo, aquilo que permanece e aquilo que inventa, ela é flexível e cambiante e seus significados se constroem nas práticas sociais de diferentes grupos, em momentos distintos.

As ações pedagógicas interculturais consistem não apenas no reconhecimento da diferença cultural, mas que estas diferenças não sejam essencializadas, havendo uma interação entre estes diferentes sujeitos, sem que o caráter diverso da sociedade seja considerado condição para a ocorrência de qualquer tipo de discriminação, assimilação e interiorização. Trabalhar sob a perspectiva da educação intercultural indica que sejam discutidos e problematizados as tensões e conflitos entre grupos culturais, pois é a partir destas práticas que padrões e conceitos podem ser contestados e reconstruídos. Diante desse pensamento, certamente nos questionamos: como fazer isso?

Diante dessa interrogativa, temos o retorno do professor Ubiratan D'Ambrosio:

Educação é uma ação. Um princípio básico é que toda ação inteligente se realiza mediante estratégias que são definidas a partir de informações da realidade. Portanto a prática educativa, como uma ação, também estará ancorada em estratégias que permitem atingir as metas da educação (D'AMBROSIO, 2016, p. 33).

Entretanto, não há uma receita pronta, um caminho preciso e definido que mostre como se chegar a esse tipo de relação na área educacional, como falei anteriormente, quando o assunto é interculturalidade a caminhada é longa e o chão é liso.

Porém, sabemos também, das imensas dificuldades enfrentadas pela educação formal; nos deparamos com salas lotadas, alunos desmotivados, professores sobrecarregados, dentre outros obstáculos. Por isso, o Programa de Cooperação Educacional PIEBF, me despertou tanto interesse. Sempre acreditei que a escola apresenta uma função importante de tentar mudar muitas das concepções de inferioridade impostas pela sociedade. Sendo assim, a Educação Matemática, pode ser apresentada também nesse contexto, ser trabalha na perspectiva intercultural da educação. Temos que apresentar nossas aulas de forma instigante, com clareza dos objetivos e também, daquilo que nós representamos, isto é, uma dimensão da vida humana, vivenciada cotidianamente. Penso que as escolas são espaços carregados de diferentes formas e expressões culturais marcadas pela diversidade de pessoas que se encontram nestes locais em busca de aprendizado. Nesse sentido, é necessário refletir sobre as práticas educacionais que são desenvolvidas no interior das mesmas, de forma que estas busquem trabalhar as diferenças existentes, bem como as relações de identificação e diferenciação que ocorrem não apenas no espaço escolar, mas que extrapolam seus muros no desenrolar das práticas sociais cotidianas.

Nessa acepção, a situação de escolas localizadas em áreas de fronteiras internacionais torna-se peculiar, pois além de contarem com a diversidade/diferença de gênero, raça, orientação sexual, etc. ainda estão em contato com identidades culturais nacionais distintas, que se tornam muito mais visíveis nestes locais. E isso me toca, me faz pensar e querer conhecer e compreender como ocorre o Ensino da Matemática ali, nesta escola específica, que participa desta proposta de cooperação

educação desde sua criação e se inseri na Tri Fronteira, lugar de tamanha diversidade cultural existente.

5 DAYANI MACHADO MACHIAVELLI

FIGURA 15: COORDENADORA DAYANI MACHADO MACHIAVELLI



FONTE: A Autora (2017)

Dayani é graduada em Ciências – Química, possui especialização em Gestão Escolar, tem 34 anos de idade e há 12 anos é servidora do Estado de Santa Catarina, atuando na área da Educação. Está no Programa de Cooperação Educacional na Escola Theodureto há sete anos, e sua função na proposta é de

coordenadora. Ela participou de forma mais direta da proposta nos anos 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2016 e ano atual.

Como já referido, no segundo contato com a escola, encontrei a Dayani. Nossa primeira conversa foi por telefone e a mesma já se mostrou muito solícita com minha pesquisa. Quando nos encontramos pessoalmente, me dei conta do quanto a colaboradora em questão poderia vir a somar em minha investigação, sendo assim, já nesse primeiro encontro, lhe convidei para participar da pesquisa, e ela se mostrou muito aberta. Então, nesse momento inicial de escolha das colaboradoras, a Dayani atuou como guia, me contando sobre o início do programa e sugerindo alguns nomes, diante das professoras que atuaram de forma significativa nesse momento inicial da proposta de cooperação educacional. Ela colaborou também, buscando os contatos telefônicos das professoras junto a Escola Theodureto, mas infelizmente os números de telefones cadastrados na escola estavam desatualizados. Então, a partir da conversa com a Dayani, defini as outras três colaboradoras e a partir dela também, consegui o e-mail da Professora Fátima da Argentina, para estabelecer os primeiros contatos.

A colaboradora Dayani também me forneceu seu contato de celular, e assim ficou mais fácil falar com ela através do aplicativo de conversas Whatshap. Marcamos a data da entrevista pelo aplicativo, no mesmo dia que consegui marcar também com a colaboradora Professora Lúcia.

No dia 30 de março de 2017 ocorreu a entrevista com a Dayani na Escola Theodureto, onde a mesma atua na função de coordenadora pedagógica. Cheguei na escola por volta das 07h30min da manhã. E assim que a colaboradora chegou, nos deslocamos para a sala dela, para poder seguir com a entrevista, que durou cerca 50 minutos. Nesta sala, que não é propriamente da depoente, ficam armazenados materiais, documentos, a sala tinha dois computadores e as duas mesas, que se encontravam cheias de livros didáticos. Nos ajeitamos ali, sentamos de frente uma para a outra e posicionei em cima as mesa as palavras-chaves. Em alguns momentos, tivemos pequenas interrupções, de alunos ou da própria equipe que trabalha na escola, mas nada que pudesse comprometer a sua narrativa. A colaboradora estava um pouco nervosa e inclusive, no começo de sua fala, solicitou que eu a interferisse para que ela conseguisse se expressar melhor. Sendo assim, eu participei em vários momentos, conversando e apontando questionamentos. Logo após a entrevista, me preocupei com essas interrupções que fiz na fala da

colaboradora, mas ao ouvir a entrevista e transcrever, e posteriormente textualizar, me dei conta que foi algo necessário e que não comprometeu em nada a fala da colaboradora, pelo contrário, essas interrupções, fizeram com que a colaboradora ficasse mais a vontade, e que sua fala se deu de forma tranquila. Foi um momento muito rico ouvir o relato da Dayani.

Durante a entrevista, ela também buscou recorrer às palavras-chaves de forma bem aleatória, para guiar suas memórias. Percebi que a escolha das palavras-chaves, foram decisivas para o processo de investigação, e acredito ter feito boas escolhas nesse sentido.

Apesar de não conhecer a Dayani, percebi que ela se sentiu a vontade, aberta. Digo isso, no sentido de externalizar sobre às dificuldades que surgiram no processo.

Foi possível perceber também, que não só a Dayani, mas as outras colaboradas se sentiram muito reconhecidas, eu diria parte importante do programa, e isso se deu, no momento que esclareci minha pesquisa e a escolha metodológica, pois surge no sentido de permitir que as pessoas que participaram e experienciaram o processo inicial da proposta de cooperação educacional possam contar o que de fato aconteceu.

Então, irei começar falando sobre **trabalhar por projetos** e **interculturalidade**, pois no meu ponto de vista estão juntas. Pois para o projeto ter um significado maior, ele deve estar junto com a **interculturalidade**. No programa, sempre foi **trabalhado por projetos**, porque ele não é aula de espanhol, nem aula de português, ali o professor não trabalha a língua estrangeira; o professor trabalha através de projetos (através do contato, da fala, do convívio) é como uma segunda língua e não como língua estrangeira.

Os projetos são desenvolvidos, de forma geral, a partir do interesse do aluno. Muitas vezes o professor, acaba estimulando para algum tema, principalmente por se tratar de alunos de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental I, nem sempre conseguimos despertar nele ou fazer com que ele expresse o que ele gostaria de aprender. Sendo assim, em muitos casos, os

professores acabam direcionando conforme aquilo que eles acham interessante trabalhar com esses alunos.

Nas turmas, mais avançadas (quarta ou quinto ano), já foram realizados muitos projetos interessantes á partir da motivação que os alunos demonstraram. Por exemplo, no ano que estava passando a novela Caminho das Índias, na rede Globo, os alunos demonstraram interesse sobre a Índia, assim, surgiu um projeto onde eles se mostraram muito interessados e pesquisaram muito, descobrindo muitas singularidades de lá. Teve outro projeto muito bacana, que foi sobre a África. Já foi trabalhado também sobre o corpo humano. Esses temas despertam muito a curiosidade desses alunos menores pelos projetos. Então, são inúmeros projetos. Esses, sempre partem de uma problemática, num segundo momento, é desenvolvido um mapa conceitual, exibindo as possibilidades que podem ser trabalhadas em cima daquele tema específico, e posteriormente, os professores fazem os planejamentos dessas aulas do projeto.

Esses projetos são desenvolvidos por turma então, cada turma tem um projeto específico. Já tivemos anos, que o mesmo projeto foi trabalhado em duas ou mais turmas, no Brasil e na Argentina. Mas isso não é uma obrigatoriedade.

Muitas vezes, o professor titular da turma, sente algumas das necessidades da turma, de maneira geral. Então, esse professor repassa isso para o professor que faz o intercâmbio, como uma sugestão, que pode ser trabalhada naquela turma.

Quanto às disciplinas abordadas no programa, depende muito do projeto, pois em alguns é possível dar um enfoque maior pra umas do que pra outras, geralmente uma fica mais privilegiada. Os professores sempre buscam envolver o máximo de disciplinas possíveis no mesmo projeto, mas nem sempre todas as disciplinas são abordadas. E também, como as disciplinas só ocorrem em turmas de primeiro ao quinto ano, existe um único professor titular, que trabalha com português, matemática, ciências. Sendo assim, ele busca unir o máximo possível de disciplinas no projeto. Os professores das áreas específica, como artes, educação física e inglês, normalmente colaboram com alguma atividade dentro dos projetos. Especialmente artes e inglês, educação física é menos frequente.

Falando da **interculturalidade**, quando eu li, confundi com interdisciplinaridade, apesar de não ser a mesma coisa. Buscamos, dentro dos projetos, desenvolver a **interculturalidade**. Não apenas no sentido de diferentes culturas. O ano passado, quando teve as olimpíadas, foi realizado um projeto com

esse tema. Os alunos acharam muito interessante e esse projeto foi desenvolvido em todas as turmas do projeto. Então, nesta oportunidade, os professores conseguiram trabalhar as culturas; não só do Brasil e da Argentina, trabalharam um pouco de todas, de forma geral. Depois abordaram a questão do futebol, com objetivo de amenizar a rivalidade encontrada aqui na fronteira.

Falando de futebol, esse é um dos **conflitos** que aqui existe. De forma geral, não só no futebol, mas existe uma competitividade, uma rivalidade de maneira geral entre o Brasil e a Argentina. E o programa, tem o intuito de acabar com esses conflitos, desentendimentos e rivalidades, que existe tanto aqui no Brasil para com os Argentino, como na Argentina, para com os Brasileiros.

É possível perceber, que os alunos que participam do programa, eles tem uma intimidade maior com o país vizinho, em especial quando visitam o comércio. Para os alunos isso vai se tornando, algo mais natural. E é muito significativo, no sentido do programa possibilitar esse contato, eu vejo isso como um ponto positivo!

Falando de **dificuldades** e **capacitação dos professores**, eu vejo isso interligado. No meu ponto de vista, uma das maiores **dificuldades** é quanto aos professores, que por se tratar de um programa, não te como efetivar esse professor para trabalhar especificamente com o intercâmbio. Isso é uma dificuldade aqui no Brasil, pois lá na Argentina, eles têm os próprios professores efetivos da escola atuando no *cruze*. Aqui no Brasil, isso é uma **dificuldade**, porque ocorre que muitas vezes, cada ano é um professor diferente; então quando ele se adaptou a **trabalhar com o projeto** e atuar no intercâmbio, vem um novo professor.

Isso nem sempre foi assim. Pois no início, eram os professores das turmas que participavam no intercâmbio. Então, tinham professores efetivos e professores contratados. Mas no início, teve professoras que se mantiveram anos atuando no programa, como foi o caso da professora Neuzanira e da Lúcia, que era professoras efetivas das turmas aqui no Brasil e faziam o intercâmbio com os alunos na Argentina. Porém, já tem algum tempo, que aqui no Brasil, os professores que participarão do intercâmbio, são professores contratados exclusivamente para isso, para o *cruze*. E essa contratação, se dá através de processo seletivo, existe uma lista, e vão chamando os professores, e normalmente essa escolha se dá após as aulas do regular já terem sido distribuídas. Então, essa no meu ponto de vista é uma das **dificuldades**. E quanto à **capacitação**, vou falar mais especificamente disso agora. No início, nós tínhamos capacitação feita através do IPOL, sempre tínhamos

assessores, que nos visitavam mensalmente aqui na escola, nós realizávamos encontros, conversas, eles nos ajudavam em todos os sentidos, desde como se fazer um projeto, como despertar o interesse no aluno, então eles nos capacitavam. Era preciso enviar relatórios de acompanhamento pra eles. Então, no início, o MEC contratou o IPOL e o IPOL dava todo esse assessoramento pra nos. Porém, isso terminou em 2010 ou 2011. Então, surgiu uma parceria, por certo período com a universidade Fronteira Sul, porém eles atuavam com outro foco, muito diferente do IPOL. Então, essa era a capacitação que agente tinha. Tinha! Pois hoje não tem mais nada! Atualmente, nos não temos nenhum tipo de capacitação, o que consegue aqui, se dá entre nós, com a nossa própria experiência, entre conversas com os professores aqui. Quando a Fronteira Sul nos acompanhou, esse assessoramento se dava a cada dois meses, não era algo tão frequente.

Falando ainda das **dificuldades**, além da capacitação que eu falei, tem também outras questões, e uma delas é o passe aqui pela aduana. Pois para o professor ir a pé, demora muito tempo, então pra ele ir hoje fazer o intercâmbio, ele realiza esse transporte com o próprio carro. Mas, teve uma época, no início, que o MEC pagava táxi para os professores. Como hoje, esses professores que fazem o *cruze*, são contratados especificamente para trabalhar com o intercâmbio, ninguém se importa como se ele realiza esse transporte. É comum, em épocas próximas a natal, ou feriado, o professor se depara com filas grandes para passar para Argentina, e vice versa, então isso acaba atrasando as aulas, e outras vezes, já tivemos problema com a identificação de professores na aduana, isso também é complicando, muitas vezes eles implicam com a identidade, ou por causa de carro, pois não é qualquer carro que pode passar pra lá, tem que tá no nome da pessoa, então, essas são algumas das **dificuldades** que agente encontra!

Outra **dificuldade**, é quanto ao sistema educacional brasileiro e argentino, em se tratando de educação, somos muito diferentes! Em alguns pontos, eu digo que nos somos melhores e em outros eles. Por exemplo, a educação que os alunos têm na Argentina, seja quanto ao horário, à questão de cantar o hino diariamente, quanto ao respeito que eles têm com aquela direção. É de dar inveja! Quanto à questão da indisciplina, é visível nos momentos cívicos que acontecem lá, que é muito diferente daqui. Agora, quando se trata do rigor ao conteúdo, no sentido de fugir um pouco daquilo de conteúdo de sala de aula, principalmente se tratando de trabalhar por projetos, o pessoal da Argentina tem muita **dificuldade**. Pra eles,

quanto ao conteúdo imposto, deve se dar conforme o estabelecido, com rigor, tudo deve ser cumprido. Então, eles demoram um pouquinho pra fugir daquilo. Isso é uma dificuldade que agente encontro na Argentina. Ocorre, que muitas vezes, o professor titular da sala, ele acaba induzindo ao professor do intercâmbio trabalhar o seu conteúdo. Então, muitas vezes, esse professor do intercâmbio, acaba cedendo ao pedido do professor titular. Isso acontece pela preocupação quanto ao rigor, de cumprir todo o conteúdo proposto. Mas, aqui no Brasil, também temos professores com essas dificuldades, mas lá isso é muito mais evidente, em especial quanto ao compreender o que um projeto, que ele possibilita abertura de novos caminhos, para ir além do conteúdo.

Falando do **ensino da matemática**, digamos que seja mais difícil incluir em muitos projetos, mas não é impossível. Alguns projetos foram trabalhados matemática de forma bem bacana, em especial quando foi trabalhado sobre fronteira. Porém, em outros projetos, por exemplo, o de corpo humano, fica um pouco mais difícil. Voltando a falar do projeto sobre fronteira, este em especial, envolveu muito a matemática, eles trabalharam as taxas de câmbio, analisando quanto um produto custa na Argentina e quanto esse mesmo produto custaria aqui no Brasil, e assim, conseguiram trabalhar várias questões e problemas, foi muito legal! Neste projeto, eles também trabalharam com gráficos e tabelas, conseguiram incluir a matemática de forma bem significativa.

Quanto à **implantação do programa**, eu não acompanhei muito esse processo inicial, acho que isso se deu uns dois ou três anos antes de eu iniciar aqui na escola. Mas, o que ocorreu, foi um acordo entre os dois MEC, entre os ministérios da educação do Brasil e da Argentina, é possível encontrar esse documento na internet ou até aqui na escola. Esse acordo se deu como forma de buscar desenvolver o bilinguismo e a **interculturalidade** entre os dois países vizinhos, e para que essas escolas, que estão localizadas em cidades de fronteira, possam diminuir os conflitos que aqui existem, que a convivência possa se dar de forma mais amistosa e amigável. A implantação do programa, e deu de forma gradativamente, assim, começou a ser implantado na turma de primeiro ano em 2005, e em 2006 nas turmas de primeiro e segundo ano, e assim por diante, até ser implantado em todas de primeiro ao quinto ano. A intenção na época era de implantar em todas as turmas, inclusive nas de sexto ao novo ano. Mas, quando chegou à turma de sexto ano, o programa se deparou com um problema bem maior,

pois no sexto ano não tem mais só um professor titular na turma, eles têm nove professores diferentes por turma. Então, na época fizeram um estudo e verificaram se iriam determinar uma disciplina para participar, mas tudo isso não saiu do estudo. Então, o programa só ocorre de turmas de primeiro ao quinto ano. A proposta, de fato era para ir expandindo essa implantação, mas como não aconteceu como o planejado, e até porque quando se trata de um projeto, você nem sempre consegue chegar onde deseja, conforme as dificuldades que vão surgindo, as coisas podem ir mudando de rumo.

Quanto ao **passado/presente e futuro do programa**, eu vejo que no passado, nós tivemos uma valorização do projeto, diferente do que temos hoje. E quanto ao futuro, é tudo muito incerto. Não sabemos se o programa ainda vai existir por mais esse ano, ou mais ano que vem, ou por cinco ou dez anos. Nós não temos nem ideia se ele vai continuar ou se ele vai acabar, até porque neste ano, aqui na escola não temos turma de primeiro ano, então se no ano que vem não tiver turma de segundo e no outro ano não tiver de terceiro, tudo acaba terminando, e conseqüentemente o programa termina também. Então, nossa intenção, é que no ano que vem, a escola possa conseguir abrir turma de primeiro e segundo ano também, mas nós não podemos garantir, pois o estado exige um número x de alunos, e se agente não tiver esse número de matrículas não, não abre! Então, no passado, o programa foi muito prestigiado, muito valorizado. Nós tínhamos encontros, tinha seminários, o pessoal do próprio MEC acompanhava muito, cobravam de certa forma e buscavam resolver os conflitos que surgiam, eles nos davam ouvidos; então, a qualquer momento, conseguíamos ligar lá e receber orientação. Por isso, sentia uma valorização quanto ao o programa, e percebia que ele tinha que acontecer, ele tinha que dá certo! Mas, com o passar do tempo, isso tudo foi acabando! A pessoa que era a responsável na época acabou saindo, e infelizmente, quem assumiu foi deixando tudo meio de lado, talvez porque as outras pessoas que entraram não conheciam muito bem do que se tratava o programa e então não foi dado tanto valor, como deveria. Assim, eles deixaram de pagar o assessoramento pedagógico que tínhamos, tanto que no presente, andamos com as próprias pernas, e digo que se dá certo, é porque os professores se empenham, é porque buscamos nos dedicar pra isso, mas no futuro não sabemos como será!

Quanto aos **diferentes saberes**, eu penso que quando a gente trabalha por projetos, isso fica bem mais fácil. Pois se um aluno conhece muitas coisas,

automaticamente, ele vai perguntar ainda mais, vai interagir mais, e assim, surgirá coisas mais coisas produtivas. Então, quando agente vai trabalhar um projeto, muitas vezes, conseguimos cativa uma parte da turma e a outra parte, fica mais morna, e isso acaba fazendo com que o professor fuja um pouquinho do seu objetivo principal, pois ele não quer trabalhar com só com aquele aluno que se interessou, aquele que interagiu; o objetivo é alcançar todos! Seja aquele aluno mais quietinho, aquele que tem mais dificuldade, então, muitas vezes, isso acaba fazendo com que o professor busque outros caminhos, metodologias diferentes.

À respeito do interesse dos alunos, quando vamos iniciar um projeto novo, geralmente é feita uma aula ou duas, que chamamos de sensibilização. Nesse momento, é onde o professor trabalha às vezes ali, coisas alheias, ou alguma coisa ligada a valores, uma dinâmica, uma história em quadrinhos, um vídeo, algo que permita que ele chegue ao tema, que faça com que a conversa flua com os alunos. Pois muitas vezes, o professor novo, então os alunos estão um pouquinho inseguros, e para quebrar um pouco esse gelo, é realizada uma atividade assim. Então, sempre vai ter aqueles alunos que perguntam mais, participam mais, e também vai ter aqueles alunos mais tímidos, que pouco ou nada falam. E então, o professor busca motivar todos eles, claro que nem sempre consegue, mas é isso que ele busca! Em muitos momentos também, os alunos acabam fugindo um pouquinho do tema desejado, ou até permanecendo no mesmo assunto (que muitas vezes não tem nada a ver com o tema estudado), então, cabe ao professor essa tarefa de conduzir esse diálogo, de acordo com os objetivos estabelecidos para a aula.

As aulas do intercâmbio acontecem duas vezes na semana. Sempre na terça-feira e na quinta-feira. São inclusas no nosso currículo, como se fosse língua espanhola, porém a carga horária é de seis horas aula. É trabalhado como uma segunda língua. Buscamos organizar os horários, conforme fica melhor pra cada turma e para cada professor, então, as aulas do projeto, podem acontecer tanto de manhã como pela tarde, depende da turma, mas são sempre duas vezes por semana.

A participação dos alunos no projeto não é opcional! Todos tem que fazer parte, pois está na grade curricular. Mas, por exemplo, o momento atual, ainda não começaram as aulas do intercâmbio, então a professora titular da turma ocupa os horários vagos. Ainda não sabemos bem certo quando irá começar as aulas do

projeto, pois o pessoal de Posadas ainda não deu a resposta. Mas eu achei que esse ano, eles estão demorando mais que o normal. O pessoal aqui da nossa secretaria, já pediu quantas turmas tem para contratar os professores, mas acredito que dentro de uns 10 a 15 dias deve começar.

Bem, o **viver em fronteira** eu optei por deixar por último, pois nós que moramos aqui, e no meu caso que nasci, cresci, vivi minha vida inteira aqui, nós não percebemos que é uma fronteira! Porque eu to aqui no Brasil, atravesso uma rua e já estou na Argentina! Acho que é por ser uma fronteira seca e também, porque hoje temos o lago ali na divisa Internacional. Então, existem várias passagens, várias pontezinhas de acesso. O lago foi construído para unir Bernardo, Barracão e Dionísio Cerqueira, ele surgiu para que haja mais contato, e isso acontece. Quando vamos ao lago, têm brasileiros, têm argentinos, independente de qual lado do lago você está! O pessoal vai caminhar, então faz a volta no lago, passando pelo lado brasileiro e pelo lado argentino. Então, quando estamos ali, e de forma geral, pra nós que moramos aqui, agente nem se dá conta que está chegando à Argentina! Essa fronteira, para nós, não é vista como algo que delimita, pois não é uma fronteira daquelas que vemos na TV! Pois não tem uma divisão muito grande, não tem um muro, tem um rio que separa! Existe aqui um convívio fácil, também pelo comércio, que é bem fluente. Então, por exemplo, o brasileiro vai à Argentina e compra alguns produtos, por outro lado, muitos argentinos vêm fazer compras no Brasil. Nós, vamos até ali comprar alguns produtos que agente não tem aqui: doce de leite, alfajor! Já os Argentinos vêm pra cá, e compram roupas, brinquedos, eles frequentam muito os nossos restaurantes. Então, esse viver em fronteira, eu vejo com esse convívio bem grande entre os dois países. Você chega na Argentina falando português e isso é natural, eu vejo que em especial lá! Já aqui no Brasil, pouco se vê falando o espanhol. Penso que isso se dá, pelo fato de que ali na Argentina, eles assistem muita TV brasileira, eles escutam muita música brasileira, então isso também acaba facilitando para o professor que vai trabalhar lá com o intercâmbio. Muitas vezes, os alunos ali da Argentina, até já falam o português, pois eles já têm esse contato, seja porque eles assistem novelas, escutam as músicas. Agora, se perguntar aqui no Brasil quem conhece as músicas da Argentina, isso é bem difícil! Talvez, seja porque essa parte mais tecnológica chegou primeiro em Dionísio do que em Bernardo, e porque ali eles também não tenham muitas opções de canal de TV, e então acabam sintonizando os nossos, como a rede globo e o

SBT. Vejo que o português tem um domínio maior sobre o espanhol. E isso se percebe quanto ao bilinguismo no programa, que o português é um pouquinho mais dominante. A maioria dos alunos da Argentina, que convivem na fronteira, eles compreendem muito bem o português. Notamos uma maior dificuldade, com aqueles que vêm lá de Posadas, e se mudam aqui pra Bernardo, esse sim, só falam espanhol! Mas, como a língua espanhola e a língua brasileira, também são próximas, não temos tanta **dificuldade** de compreendê-los, e se tem alguma palavrinhas específica pedimos para ele repetir ou até utilizar gestos. Já os alunos daqui do Brasil, não tem tanto esse contato. É bem difícil encontrar aqui no Brasil, alguém que fale o espanhol, ou escutando uma música, ou assistindo uma TV nesse idioma! Lembro-me, que desde quando comecei a acompanhar o projeto, essa fronteira, mudou muito. Até 15 anos atrás, era, só os argentinos que vinham comprar no Brasil, pois posteriormente, tivemos uma inversão no valor do peso, antigamente o peso valia muito mais que o real. E foi quando ouve essa inversão, que Bernardo na Argentina cresceu. Foi onde começaram a construir os mercados, expandir o comércio, surgiram novas lojas de roupas, porque até então, ali não existia quase nada! Não tinha comércio, não tinha mercado, não tinha loja de roupas, não tinha quase nada! Eu que nasci aqui só fui pisar ali na Argentina já era quase adulta! Como eram os Argentinos que inicialmente vinham mais pra cá, talvez por isso que já tenha ficado um pouquinho mais predominante a nossa língua.

Quanto ao surgimento do lago, ele trouxe uma facilidade de *cruzar* a fronteira. Mas, pro outro, sempre existiu alguns carreiros pelo mato. Esses carreiros ainda existem ali, mas são mais usados para transporte de coisas ilegais. Hoje, se eu quero ir com meu filho comprar alfajor, estaciono meu carro do lado brasileiro na beira do lago e vamos caminhando até o mercado. Nos finais de semana, você vê, quando o tempo está bom, muita gente ali no lago sentado, as pessoas levam cadeiras, levam pipoca e ficam lá, então encontramos ali tanto brasileiros como argentinos, então percebemos que existe esse contato! Acho que esse parque ali, ele aproximou! Antes, o contato se dava apenas no comércio, pois não existia uma área de interação, um lugar de igual pra igual! Então eu acho que facilitou sim esse contato! O lago demorou bastante pra ficar pronto, uns seis anos, e teve alguns desastres na sua construção. Durante a construção, morreram quatro crianças da Argentina, foram quatro crianças da mesma família, uma tragédia!

6 LÚCIA DE FÁTIMA SCHREINER FARIAS

FIGURA 16: PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCHREINER FARIAS



FONTE: A Autora (2017)

A professora Lúcia possui graduação em Pedagogia e possui especialização. A colaboradora tem 62 anos de idade e atuou como servidora municipal no campo da educação por dois anos e manteve vínculo com a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina por mais de 30 anos, atuando como professora alfabetizadora na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto.

A professora atuou por cinco anos na proposta de cooperação educacional, de 2005 até 2009. Sendo professora alfabetizadora de turmas do Ensino Fundamental aqui no Brasil, especificamente na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, e atuando na proposta de cooperação educacional junto aos alunos da Escuela de Frontera de Jornada Completa Nº 604 de Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina. Ela contou que só se aposentou e deixou o programa, pois passava por dificuldades junto a sua família e naquele momento era algo necessário. Mas que sentiu muito, principalmente por deixar a proposta. E relatou também, que infelizmente, após ela ter se aposentado, perdeu totalmente o vínculo com a escola, com o programa, o que lhe deixa bastante sentida.

Bem, para encontrar a professora Lúcia, tive muita dificuldade. Inicialmente o contato telefônico que a Dayani conseguiu na Escola Theodureto já não estava mais ativo, o endereço dela a escola também não tinha atualizado, então a busca não foi simples.

Após várias tentativas frustradas, busquei no aplicativo Facebook a professora Lúcia e a encontrei seu perfil na rede. De imediato lhe adicionei e enviei uma mensagem, contando sobre minha pesquisa e quais eram as intenções. Porém, não obtive resposta, aguardei pouco mais de uma semana, e nada. Então, pelo Facebook, consegui encontrar o filho da professora Lúcia, achei que fosse filho, por causa do sobrenome, então, adicionei o Rafael como amigo, e vi que ele possuía uma aluna minha em seus contatos, sendo assim, busquei essa aluna para verificar se ele era mesmo filho da Professora Lúcia, e ela informou que sim, e o contato com o Rafael se deu de forma bem satisfatória e rápida. Á partir daí, consegui o telefone correto da casa da Professora Lúcia.

No contato por telefone, ela se mostrou tão receptiva á minha pesquisa, que fiquei tocada. Ao conversar com a professora pelo telefone, e de forma indireta foi contando, relando coisas sobre o programa, que eu fiquei mais ansiosa para conhecê-la e entrevistá-la. E então, marcamos a entrevista para na outra semana, no dia 30 de março.

Ao chegar na sua casa, na tarde do dia 30, a professora Lúcia já estava a minha espera e me recebeu muito carinhosamente. Sentamo-nos na mesa da cozinha de sua casa, tudo muito simples e acolhedor. Nesta mesma mesa, a

colaboradora já estava olhando seus materiais, fotos, cadernos, notícias de jornal relativo ao programa, cujo ele guarda com muito cuidado e amor.

Antes de começarmos a entrevista, a professora Fática compartilhou comigo, que não é a primeira vez que a mesma foi procurada para participar de pesquisa. Ela relatou que nunca aceitou os convites, pois não se sentia á vontade, ou até por um possível medo, de fazerem um uso indevido de seus registros. Ela me contou, que quando conversamos pela primeira vez por telefone, ela já se sentiu muito segura e com certeza que gostaria de participar de minha pesquisa de mestrado, e isso, me deixou muito feliz!

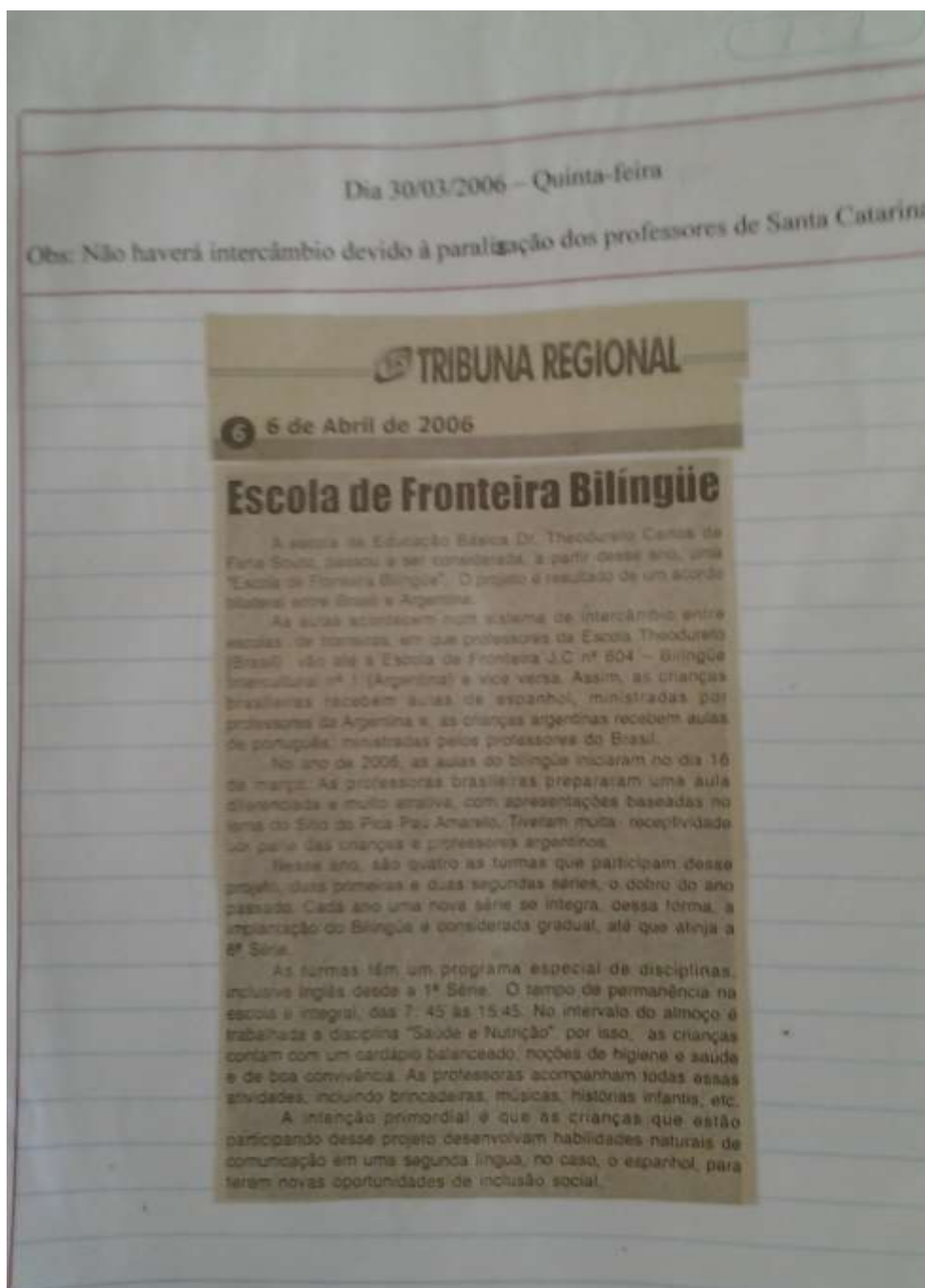
Como a colaborada estava muito entusiasmada e preocupada também com a entrevista, logo que nos acomodamos, ela já começou a lembrar coisas sobre o programa e logo então, liguei o gravador para não perder nada. Quanto à preocupação que a mesma demonstrava, em especial, era sobre a questão da memória, ele me contou que infelizmente já apresenta algumas dificuldades, então, ela tinha medo que isso pudesse comprometer sua fala. Eu a deixei bem á vontade, explicando que ela poderia retornar a falar de qualquer assunto, quando se lembrasse, e que mesmo ela achando que não conseguiria lembrar de tudo com muito clareza de detalhes, eu expliquei que sua participação seria muito significativa pra mim. Então, a entrevistada ficou mais tranquila e tudo se deu de forma bem natural. Em muitos momentos eu fiz interrupções e alguns questionamentos, tornando nossa conversa bem dinâmica.

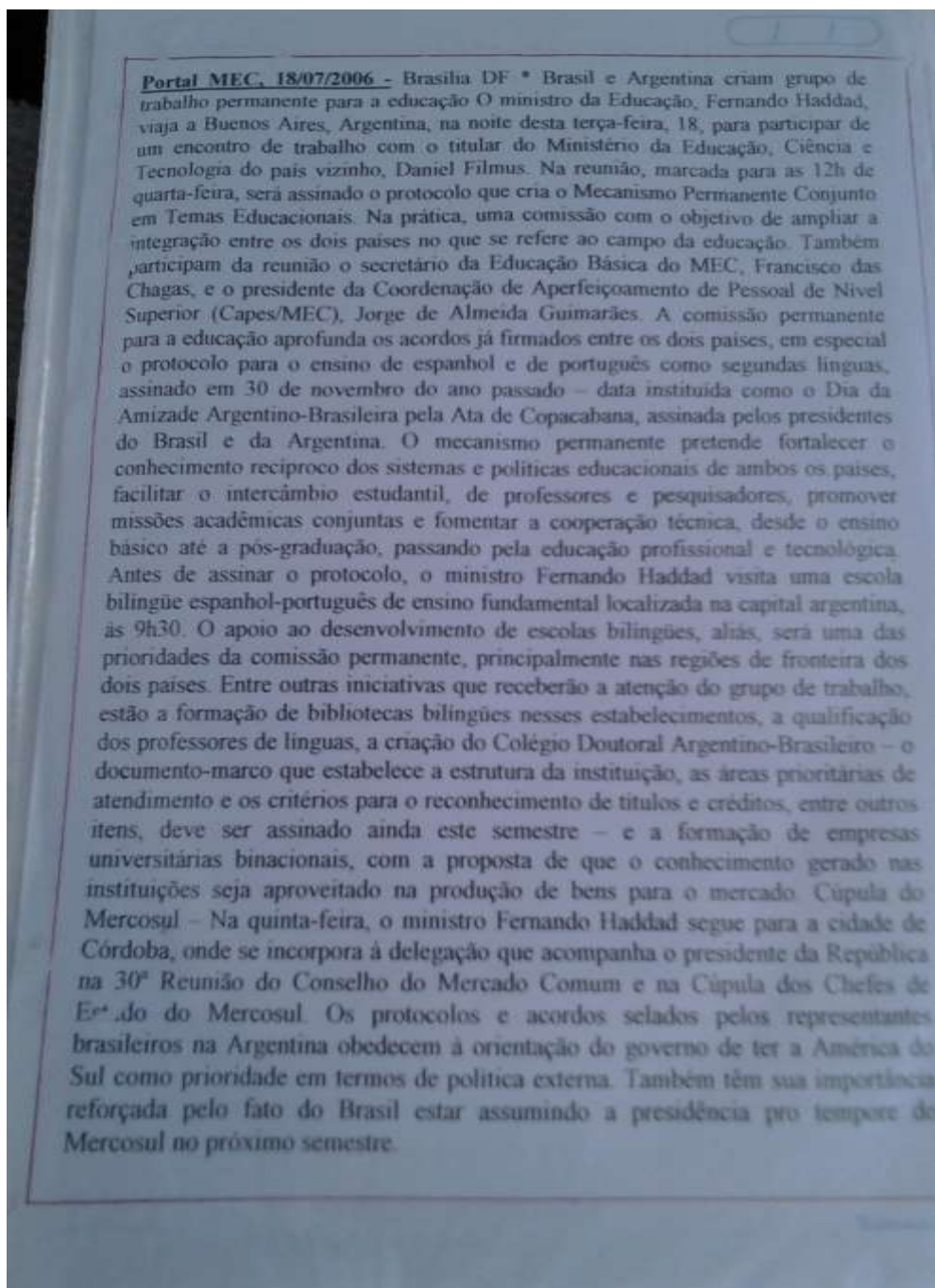
Sobre a **implantação**, eu não acompanhei esse processo. Penso que seria mais a Salete Belmonte, que era diretora na escola, ela sim acompanhou todo o processo de **implantação**.

No início, eu fui “pega de sola”, pois eles já tinham feito tudo, o projeto aprovado e tudo. Outra pessoa que acompanhou esse processo inicial foi a Lizete Volpato Schreiner, ela acompanhou tudo junto com o pessoal da Argentina. Tinha a Mari também, ela era a coordenadora e acompanhou isso, mas nós não nos acertávamos muito. Elas que começaram a parte burocrática da **implantação**.

Eu fui pega meio de susto e entrei meio de “sola” no programa. Num dia, eles me ligaram aqui em casa, e me convidaram para participar do programa, faltavam uns quinze dias para começar as aulas, e me deram, certa de vinte minutos pra decidir se queria ou não participar.

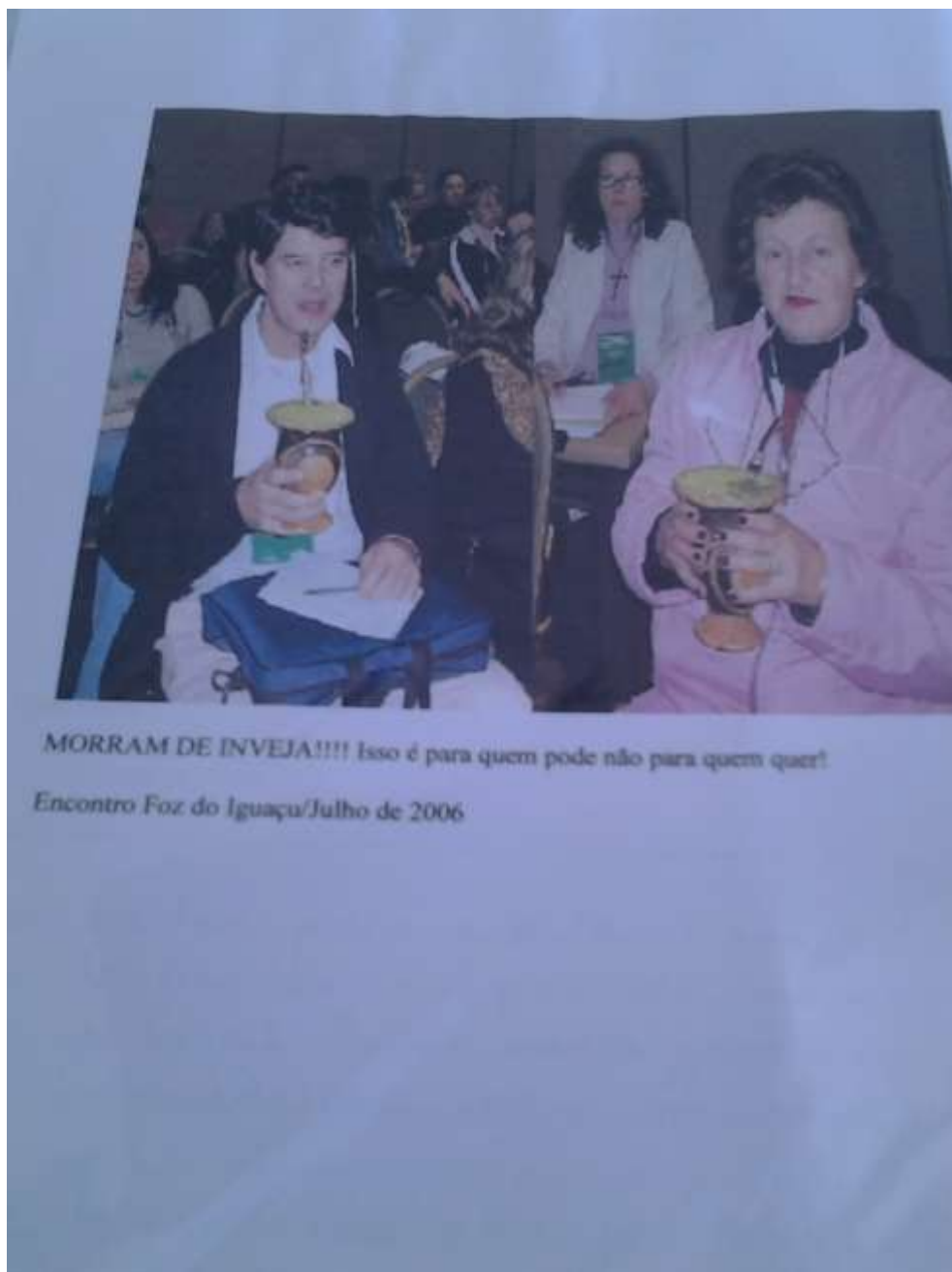
Teve a professora Dulcelina, que também participou do projeto, mas ela ficou só um ano e desistiu, ela não topou muito com a proposta. Quando começou o programa, teve abertura e veio até o governador. Acho que tenho essa reportagem aqui nos meus materiais. Eu deveria ter dado uma olhada antes, e ter selecionado.

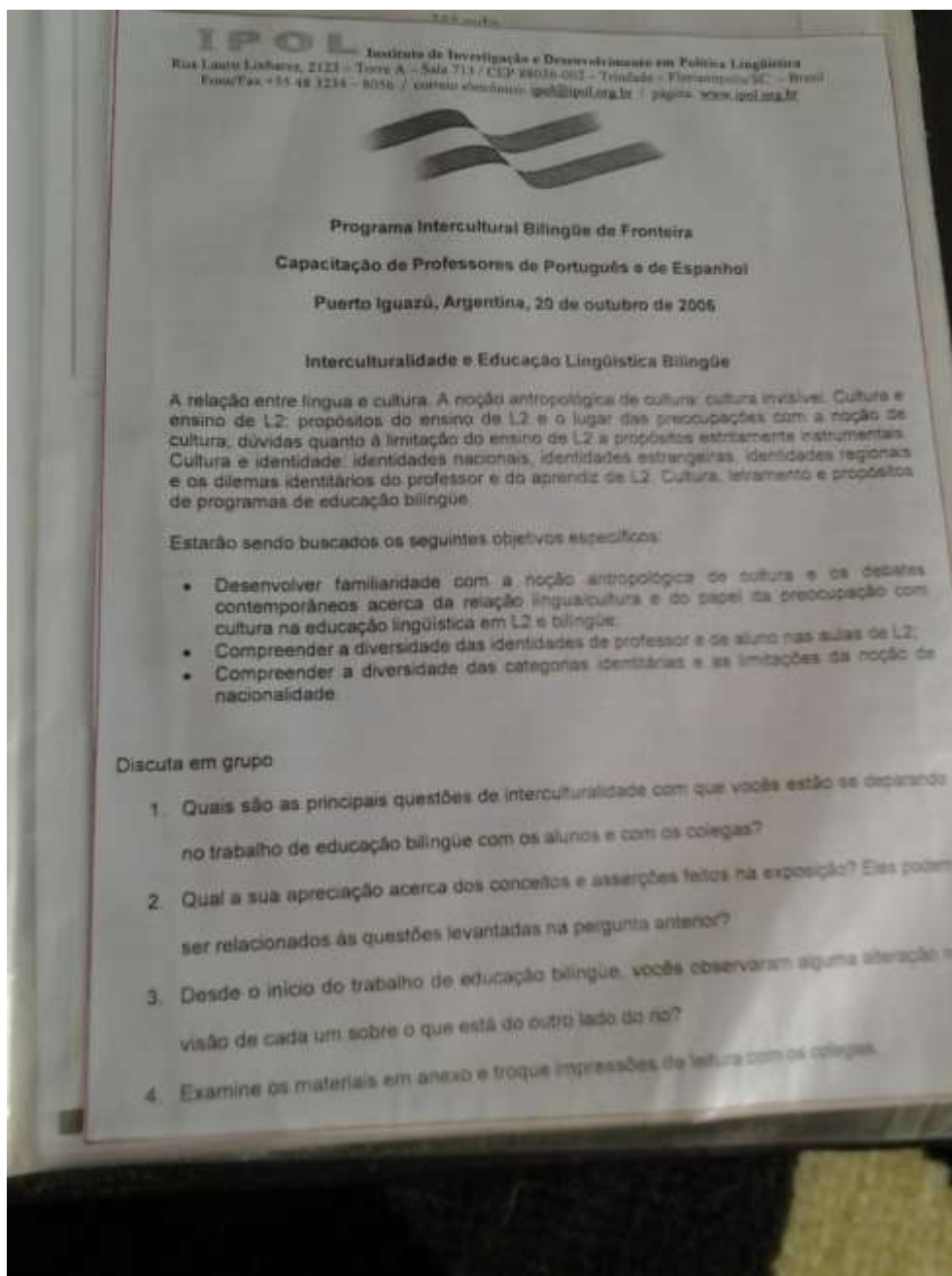




Inicialmente nós não **trabalhávamos por projetos**. Quando fomos ao primeiro encontro, que foi Paso de los Libres, tinha muita gente lá, todo o pessoal da Argentina, o pessoal do MEC, tinha bastante gente envolvida. Então, nesse primeiro encontro, eles explicaram como que era, como que funcionava, como que nós deveríamos dar continuidade, e então, ficamos apavorada! Depois, planejamos dez aulas lá no encontro, foram às dez primeiras aulas para o programa, nos preparamos lá, junto com os orientadores lá, que participavam da comissão. Inicialmente ficamos meio apavoradas com nosso orientador, ele era meio exigente. Tivemos **dificuldade** na hora de formalizar nossos objetivos, e colocar tudo isso no

projeto. Mas depois dessas aulas iniciais, conseguimos ir dando sequencia e entrando no clima da proposta. No primeiro ano, nós fomos trabalhando datas comemorativas, tipo páscoa, e outras. Nesse primeiro ano do programa, que foi 2005, a preocupação do projeto principal do projeto era o falar e o ouvir, quanto à segunda língua.





Posteriormente que surgiu a **interculturalidade**. Nós sempre trabalhávamos muito com teatros e atividades lúdicas. Os alunos sempre tinham que produzir algo nas aulas, faziam muitas representações através de desenhos.



Já aqui no Brasil, eu acredito que as professoras tiveram mais **dificuldade**, elas sofreram mais do que nós. Acho que pelo fato das nossas crianças daqui Brasil não ter um contato com o pessoal da Argentina. Isso só é realidade, para os que têm parentes, na Argentina. Os nossos alunos aqui do Brasil, não assistem programas da Argentina, não escutam música de lá, eles não tem tanto contato.

Na escola que a gente trabalhou na Argentina, as crianças eram muito carentes. Trabalhávamos com os menos favorecidos. E os alunos de lá, eles sim, conheciam as nossas músicas, assistem televisão brasileira, então eles já tinham um maior contato com a nossa língua. O que não acontecia com os alunos do Brasil que

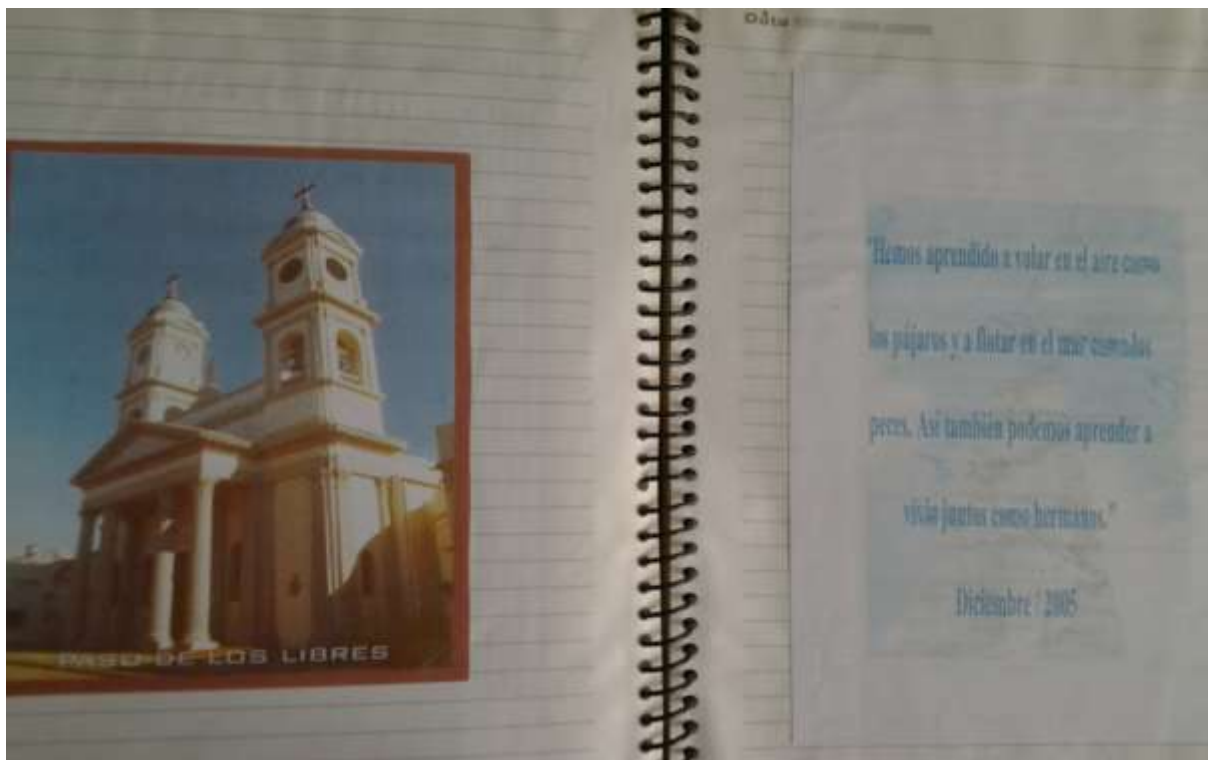
participavam do programa, por isso a **dificuldade** que as professoras Argentinas encontraram aqui, foi bem maior.

Na Argentina, os alunos também foram bem mais receptivos quanto à proposta. As aulas do intercâmbio sempre aconteciam duas vezes na semana, na terça e na quinta-feira.

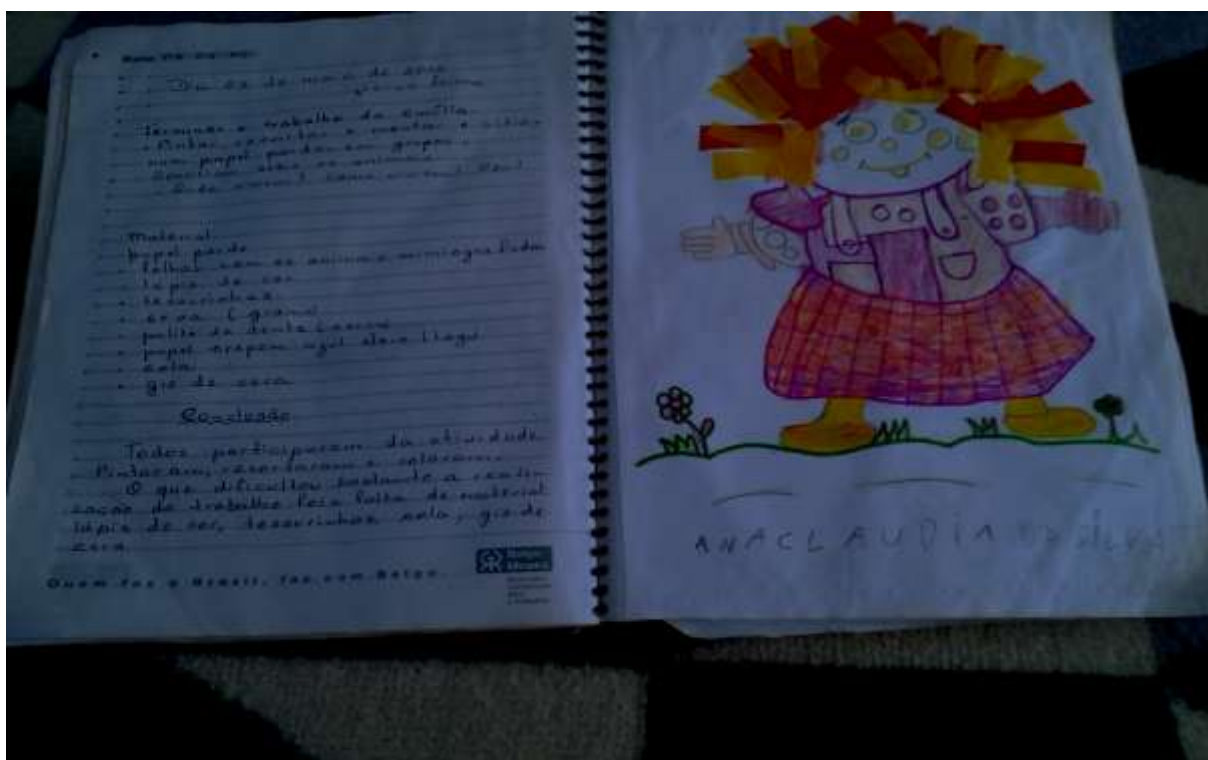
Para ir até lá dar aulas, nós íamos de táxi, então, o táxi pago pelo programa, que vinha nos buscar e nos levar, foi assim, nos cinco anos que fiquei trabalhando no programa. Só no último ano, que começou a se dar alguns cortes, e eles já não mandavam mais nem todos os materiais que nós pedíamos.

Nós sempre fomos bem “caras de pau” pra pedir as coisas, até porque, quem não pede não ganha. Lembro-me de uma vez, que eles estavam numa reunião com a diretora, na escola e nós fizemos uma lista de tudo que precisa de material didático e era muita coisa! Então, nós os levávamos meio na conversa, nós entramos tanto no clima, que viramos umas palhaças e entregamos a nossa lista de materiais através de uma vareta. Nós colocamos a lista de materiais na ponta de um pauzinho, e abrimos a porta, e colocamos lá dentro. E então, eles nos ajudavam e compravam os materiais.

Quando começou o programa, nós tivemos uma **capacitação** inicial antes de começar as aulas, que foi uma semana em Paso de los Libres. Nós, e o pessoal da Argentina também, todo mundo junto! Eu digo era sofrido, mas divertido! E porque agente levava tudo meio na brincadeira, não se estressava com nada.



Quando começamos, e nas primeiras aulas, confesso que não foi fácil fazer tudo sozinha, foi uma correria! Por causa do planejamento. Mas foi dando tudo certo, agente fez muita coisa, até musiquinhas. Mas eu acho, que depois, quando começamos a trabalhar por projetos, as coisas ficaram melhores, porque iam desenvolvendo conforme o planejamento, isso foi á partir de 2006.





Falando dos problemas que a gente encontrou, um deles foi quanto à presença dos alunos, ali na Argentina, eles faltavam muito, então quando chovia as crianças não vinham pra escola! Isso era um impasse e querendo ou não era difícil de dar uma continuidade ao trabalho.

E então, começou a surgir **dificuldades** com as professoras que trabalhavam aqui no Brasil, pois aqui sempre tinha aula. E lá não, quando chovia, não tinha. E muitas vezes nós sentávamos juntas para planejarmos as aulas. No primeiro ano, o planejamento não era junto, á partir do segundo ano sim, quando começamos a **trabalhar por projetos**.

Nós elaboramos muitos projetos, um deles foi sobre a água, num momento que eles estavam enfrentando uma crise de água na Argentina. Sempre, quando se trata de água e luz, na Argentina é sempre uma dificuldade. Depois, foi ficando difícil de fazer os planejamentos juntas. Difícil coincidir os horários, não dava certo. Até porque, quando chovia, os alunos da Argentina não vinham, e não tinha aula. Até que foi, que esse planejamento compartilhado não aconteceu mais.

Com a **implantação do programa**, a escola aqui do Brasil, passou a ser integral. Então, de acordo com o que nós definíamos para o projeto, nós íamos trabalhando. Nós definíamos o que seria trabalhado nos projetos de acordo com as necessidades das crianças. Teve uma vez, que dispomos na sala, vários objetos, e

á partir desses objetos, os alunos escolhiam o que lhe despertava mais interesse, e á partir dessas escolhas, definimos um projeto.

Na escola do Brasil, não tínhamos um espaço para realizar o planejamento das aulas, até uma vez, ficamos acampadas lá, até conseguir um espaço para usar durante a tarde. Esse espaço era uma casinha do lado de fora, e no ano passado, fiquei sabendo que essa casinha pegou fogo, e não sobrou nada dos nossos materiais que estavam lá, perdemos tudo! Inclusive um livro gigante que havíamos criado. Lá, tinha guardado muitas coisas, até meu vestido de noiva estava lá e queimou.

Então, essa parte inicial, da **implantação**, a parte burocrática, eu não acompanhei. Só quando as aulas começaram. Do primeiro ano do projeto, foi uma experiência muito significativa, pois nós também aprendíamos muito com os alunos, era uma troca constante. Talvez, pelo fato dos alunos na Argentina serem muito carentes, eles eram sempre muito receptivos com nós. Era uma realidade bem diferente da que encontrávamos com os nossos alunos aqui no Brasil, aqui eles não se mostravam tão receptivos para um carinho. E isso lá, fazia a diferença, agente os cativava.



E por outro lado, eles também nos cativavam. Pois tudo que a gente fazia pra ele, eles amavam. Os teatros então, eles nos viam como artistas de televisão.

Agente via os olhinhos deles brilhando! Quando eu chegava eles vinham correndo me abraçar e perguntavam o que agente ia trabalhar!

É claro, que tinham uns alunos mais terríveis, normal! Uns que não queriam fazer. No primeiro ano lá, eu peguei uma turma de aceleração. Foi um pouco mais difícil trabalhar com os alunos mais velhos, esses sim, quase me deixaram louca.

O problema, sempre foi que os alunos na Argentina faltavam muito! Então, não era possível dar uma continuidade no trabalho. Mas tirando isso, eles eram muito receptivos, eles gostavam muito de tudo, pra eles, tudo era novidade! E nessa questão, eu via muita diferença dos nossos alunos aqui do Brasil.

Nós trabalhamos muitos projetos, teve um sobre os Animais (que foi esse definido á partir das escolhas dos alunos, que contei anteriormente), outro sobre o Sítio do Pica-pau Amarelo, foi muito bacana! Nesse projeto, nós conseguimos ir com eles num sítio, de um avô de uma das aulas daqui do Brasil e passamos a noite lá com eles, fizemos piquenique, à noite jantamos, estouramos fogos de artifício, foi muito legal!



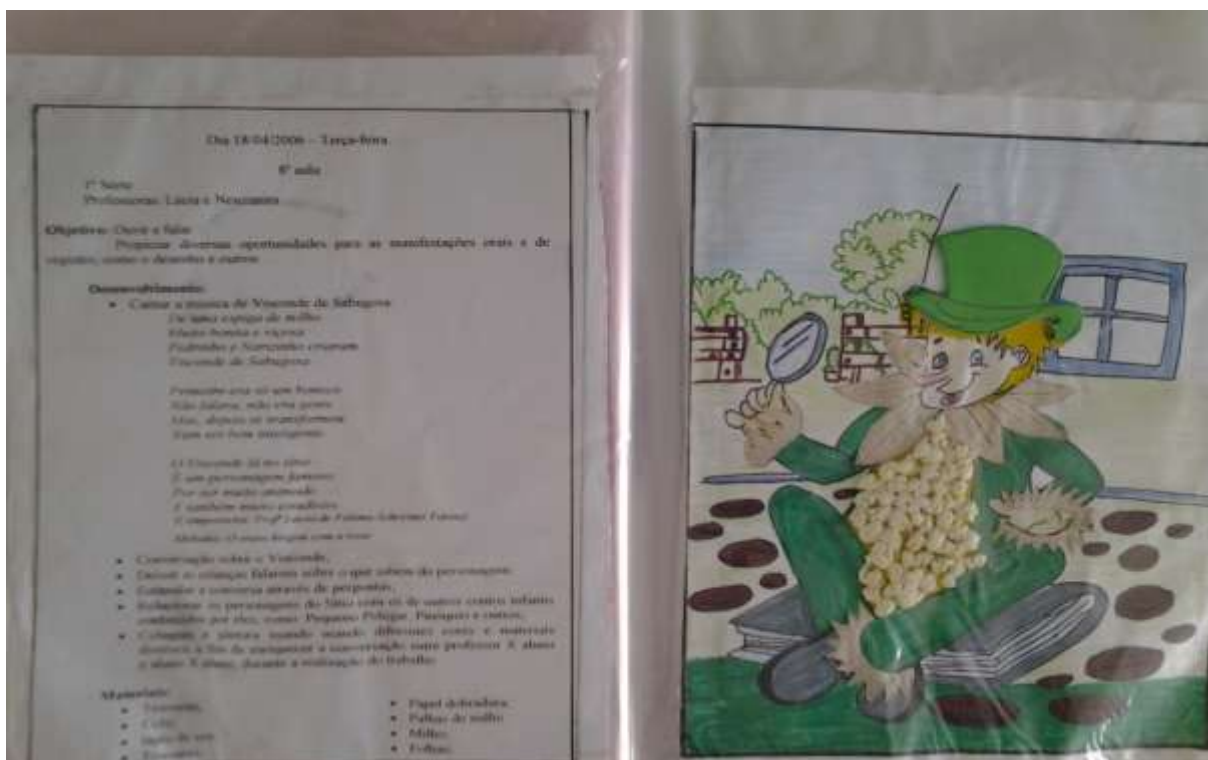


E falando de outra **dificuldade**, outra coisa que tornou o trabalho mais difícil, não permitindo que nós trabalhássemos do jeito que gostaríamos, é que não era possível trazer os alunos da Argentina pra cá. Os nossos aqui do Brasil, esses a gente conseguia levar para a Argentina. Isso acontecia porque, os alunos de lá, na grande maioria, moravam muito retirados e não possuíam documento.

Nós conseguíamos trabalhar bastante a **matemática** com eles. Nesse projeto do sítio, conseguimos! Dois de nossos projetos causaram certa polêmica, um foi esse do sítio do pica-pau amarelo. Nesse teve uma crítica bem grande! Falaram

que nós estávamos trabalhando um clássico da televisão, que na verdade estávamos copiando! No sentido de crítica mesmo.

Mas quando vieram com essa cobrança, nos explicamos pra eles que era da televisão, mas ia muito, além disso, que era uma obra de Monteiro Lobato, muito conhecida no Brasil, que se tratava do nosso folclore, e então tudo mudou! Até porque, as crianças da Argentina não conheciam nada do nosso folclore. Então, agente contava as histórias, falava das lendas, mostrava os vídeos. Mas, quando nós queríamos passar um filme para os alunos, nós precisávamos levar tudo aqui do Brasil, até a televisão. Porém, com o passar das aulas desse projeto, percebemos que tinham alunos que não estavam querendo mais entrar para aulas, queria ficar lá com as professoras, mas nós não imaginávamos o por que. Até que numa reunião que tivemos em Puerto Iguazu, nossos orientadores nos chamaram e contaram que a diretora da escola havia informado que os alunos estavam com medo do saci pererê e outras lendas daqui do Brasil! Mas era uma falta de comunicação grave que existia ali.



Essa falta de comunicação gerava **conflitos**. Era possível perceber que as professoras da Argentina não gostavam tanto de trabalhar nessa proposta! Acho que isso acontecia porque lá, foi algo imposto para elas, elas não tiveram o direito de escolha, daí elas não gostavam!

Muitas vezes, tivemos **dificuldades** quanto aos projetos, pois as professoras de lá não aceitavam a nossa proposta, pela falta de experiência que elas tinham de trabalhar dessa maneira. Pra mim, particularmente, eu achava bom em partes achava **trabalhar por projetos!** Quanto ao **trabalhar por projetos** no programa bilíngue, eu achei bom, pois é possível dar continuidade e ir desenvolvendo as propostas. Agora, pra trabalhar com os nossos alunos, eu não gostava muito.

Eu fiz uma pós-graduação de espanhol, que durou uns dois anos, foi oferecido pelo próprio programa, tenho até o certificado. Mas eu, desde pequena, sempre tive esse contato, porque a família do meu pai e do meu tio é da Argentina, então, eu sempre ia pra lá nas férias, e fui aprendendo de forma natural Após o segundo ano, nós começamos a pós de linguística. Mas essa pós era dividida em três etapas. A primeira etapa nós concluímos, mas as outras acabaram não acontecendo. Eu não sei direito, mas acho que foi por causa da formação das professoras da Argentina, pois nenhuma delas tinha graduação!

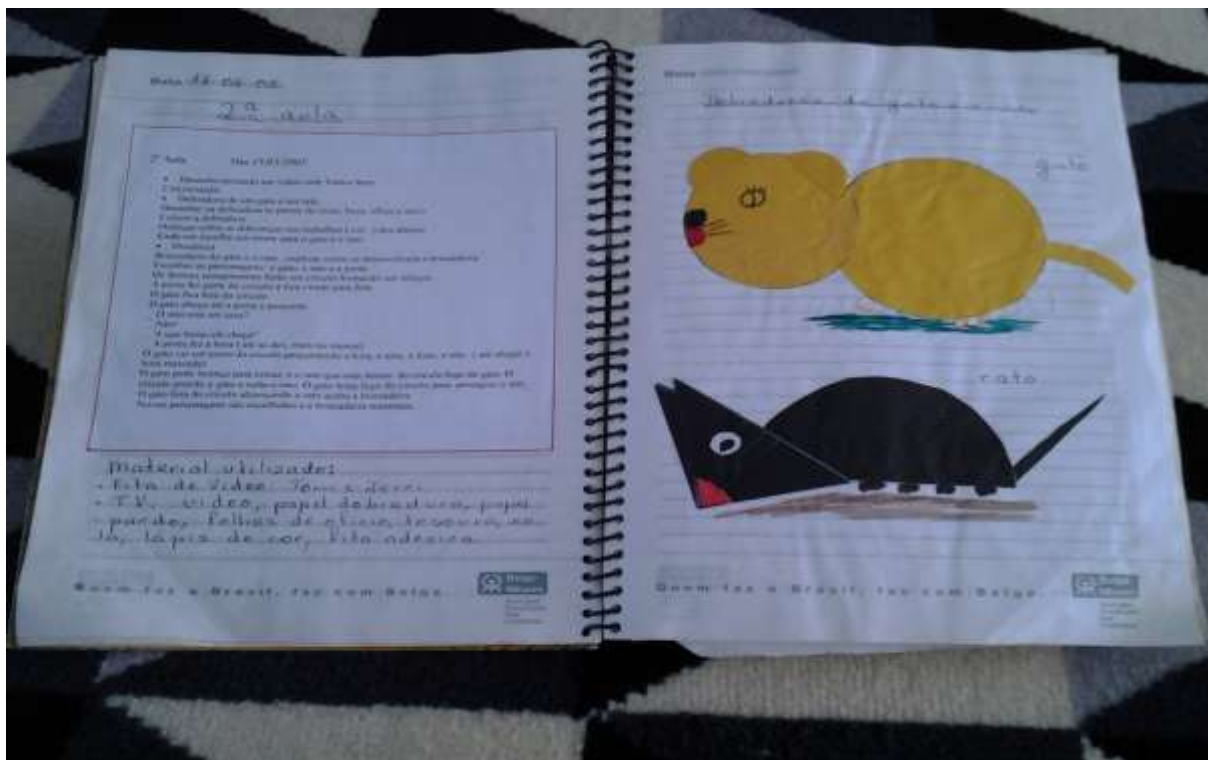
Com os alunos da Argentina, nós só falávamos português. Era bem repetitivo o processo, pois o foco era o ouvir e o falar! Quando nós trabalhamos sobre as frutas, nós primeiro criamos uma musiquinha para cantar com eles, sempre repetindo muito o nome das frutas, e depois, nos fizemos à salada de fruta com eles, mas sempre conversando muito em português, por exemplo, os ingredientes que foram na salada de frutas. Nós repetíamos muito e muitas vezes. Enfatizando muito as palavras, a forma de pronunciar. Às vezes nós fazíamos teatros também. Essa questão da linguagem sempre foi muito forte no programa. Você tinha que repetir bastante!



Eles me fizeram uma proposta, que era de alfabetizar os alunos ali da Argentina, pois eles mal sabiam ler e escrever. Era para eu alfabetiza-los no espanhol mesmo! Porque eles tinham muita **difficuldade!** Muita **difficuldade** mesmo!

Nós trabalhávamos muito com atividades de pintura, recortar, colar. Era repetitivo, mas muito gratificante. Repetitivo, por trabalhar muito a questão da fala, sempre que possível envolvendo as outras disciplinas, inclusive a **matemática**. Durante as aulas, os alunos levantavam muitas questões. E eu, deixava que os próprios colegas ajudassem a responder essas questões, e que cada aluno fosse elaborando suas conclusões. Nos meus cadernos eu tenho muitas anotações, sobre

o planejamento das aulas, relatos do que acontecia durante as aulas, cópias de documentos, de matérias publicadas no jornal sobre o programa, pareceres que nós recebíamos dos nossos coordenadores e muitas fotografias.



Em várias aulas, os **alunos** traziam os **saberes comuns deles**. Teve uma aula, que um menino queria me ensinar a fazer o seu tererê, hábito comum deles ali da Argentina. Então, dentro das aulas do programa havia espaço para as vivências deles, o que era vivido em suas casas, junto à família deles! Os saberes da casa deles, que entravam pra dentro da escola. Muita coisa sabe, eu estimulava também, o diálogo em casa, com a família, pedindo para os alunos perguntarem como se faz isso, como é aquilo, para compartilhar na aula.

Teve um projeto muito especial. Onde tratamos sobre os idosos, e trouxemos algumas senhoras para conversar com eles. Eles participaram muito, perguntaram muitas coisas pra elas. Foi um projeto muito legal! E isso, porque eram muito participativos.

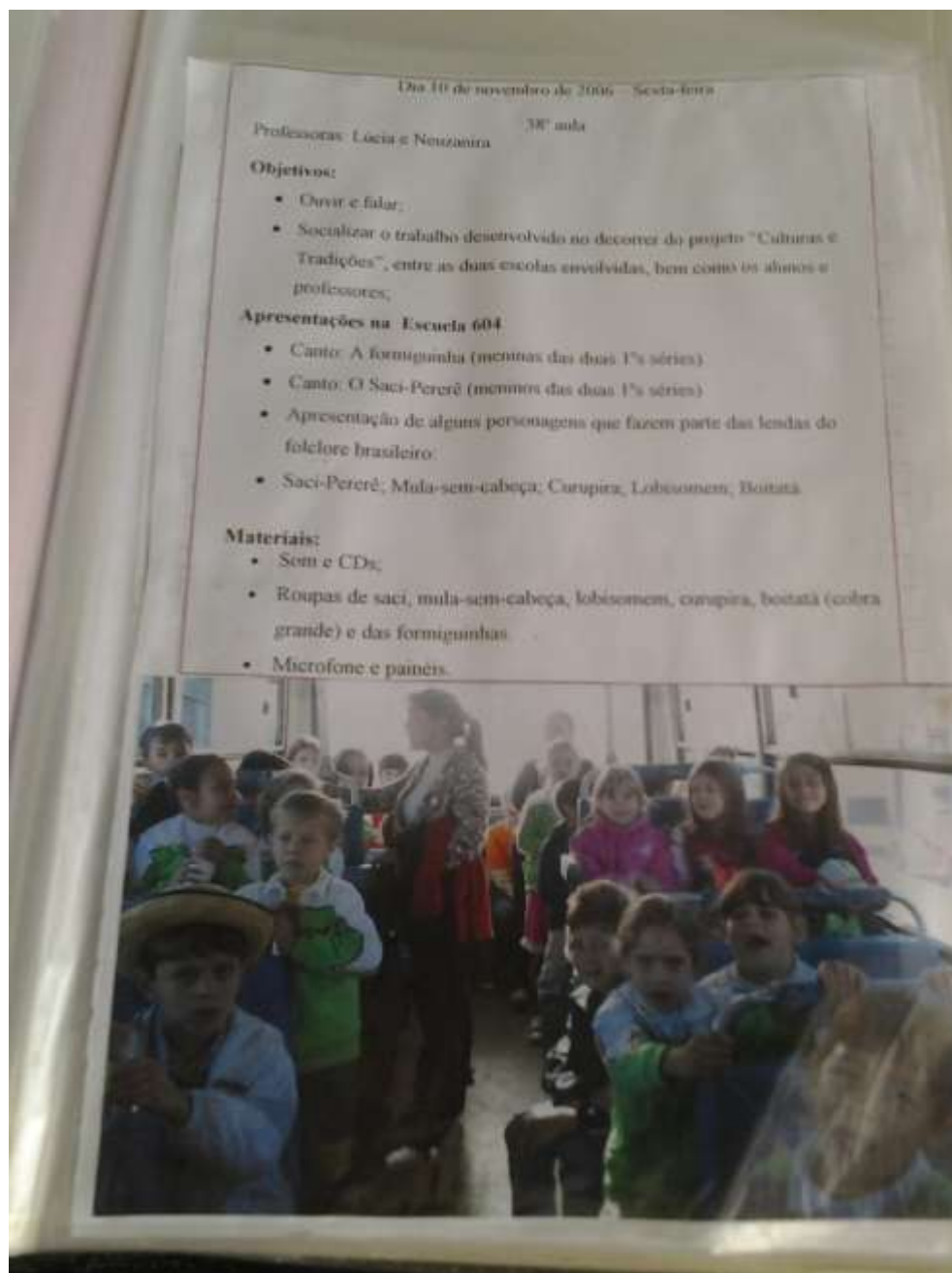


Nós trabalhávamos muito com microfone durante as aulas, e os alunos adoravam isso! Então, eles se soltavam, queriam participar, canta, gritar! Por isso que eu digo, que só vivendo lá mesmo, para sentir tudo aquilo que agente sentia e vivia! Nós vínhamos pra casa feliz! Isso porque agente percebia que tinha aproveitamento por parte deles e que eles gostavam muito!

Os alunos do programa se apegaram muito a nós! Quando agente chegava na escola, eles já vinham correndo nos abraçar, perguntando o que seria a atividade do dia, ou então, na saída, quando nós iríamos voltar. Era muito gratificante! Teve até um menino, que um dia veio me procurar aqui no Brasil, ele foi até a escola onde

eu trabalhava aqui, mas não pode entrar. Era tocante pra nós, pois sabíamos que tinham muitas **dificuldades** e carências em casa, eles tinham uma vida muito sofrida. E á partir do projeto, eles se encantavam! Já não faltavam tanto, queriam vir para escola e participar! Pra eles, tudo que nós propúnhamos era novidade, e eles amavam! O projeto do sítio foi incrível. Fizemos muitas coisas e até um encerramento como pode ver nas fotos do caderno.

Quanto ao *cruze*, que seria o intercâmbio dos alunos, aonde os alunos daqui iriam para a Argentina, e os de lá viriam pra Brasil, nós tivemos muita dificuldade. Os nossos alunos aqui do Brasil, nós conseguíamos levar pra lá. Mas os alunos da Argentina não era possível, acho que foi possível apenas uma ou duas vezes. Pela questão que eles não tinham documentos, e que na maioria dos casos, não conseguíamos contato com a família deles. Então, esse foi um impasse que não conseguimos solucionar. Talvez por questões burocráticas mesmo. Mas foi uma pena, pois os alunos da Argentina queriam, e muito, vir pra cá. Eles tinham muita curiosidade, então perguntavam muito como eram as coisas aqui, a escola, tudo! Eles queriam muito conhecer! Por eles nós professoras, poderíamos trazer um pra casa a cada dia.

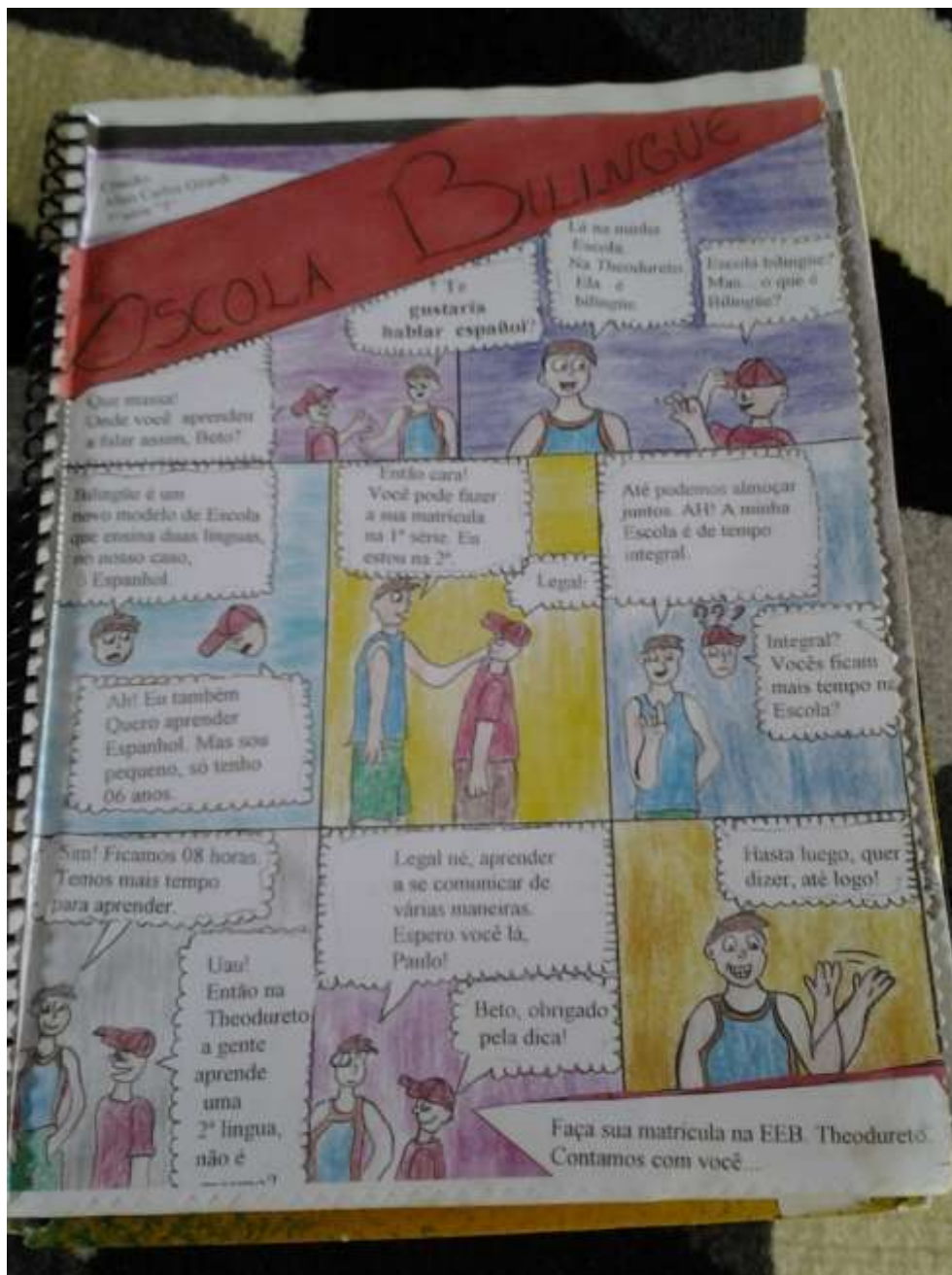




Nós tínhamos ajuda para o projeto. Teve até um ano, que fizemos o encerramento em uma tenda, onde foi o exército que disponibilizou. Mas de forma geral, a comunidade não se envolvia tanto com a proposta, eram mais os alunos, os pais dos alunos e professores mesmo. As famílias dos alunos gostavam muito da proposta, pois as crianças ficavam o dia todo na escola, envolvidas. Então, os pais participavam bastante, tínhamos reuniões com eles e eles sempre estavam dispostos.

Teve um ano, que um aluno do programa, desenvolveu tipo uma história em quadrinhos contando como era o programa, para fazermos a divulgação na rua. Foi muito legal, como pode observar no caderno, tem fotos. Neste dia, da divulgação,

nós fizemos um teatro, com a participação dos alunos e fomos apresentar na rua! Mas eles tinham que apresentar em português, foi lindo! O pessoal que passava na rua, ou estava indo ao banco parava para nos assistir.



Quem prestava assessoramento pra nós era o IPOL. A Argentina fazia uma divulgação maior no rádio, jornal, televisão. Aqui no Brasil também faziam, mas era bem menos. No meu caderno, tem vários recortes de notícias que saíram nos jornais. Em um evento do programa, que aconteceu em Uruguaiana, nós apresentamos para mais de 500 pessoas.

A questão da **interculturalidade** começou a ser trabalhada quando começamos a **trabalhar por projetos**. Pois antes, era mais trabalhado o ouvir e

falar, mas com atividades lúdicas diversas. Quando começamos a **trabalhar por projetos**, a proposta do programa começou a ir além do ouvir e falar, então começamos a trabalhar na temática intercultural.

Como eu falei, nós não conseguíamos trazer os alunos da Argentina pra cá, então, nós propúnhamos atividades onde os alunos trocavam desenho, cartinhas, bilhetinhos os do Brasil com os da Argentina, era como um intercâmbio. Nós fizemos isso, pois percebemos que os alunos da Argentina tinham curiosidade, questionavam como que era a vida na escola aqui do Brasil, o que tem de diferente e o que era igual. Então, essa foi a forma que conseguimos criar uma comunicação entre eles. Pois eu me lembro, que quando foi realizada a abertura do projeto, eles tiveram que ficar do lado de lá, e os nossos alunos do Brasil do lado de cá, da divisa.

Nós levávamos em consideração a situação de vida dos alunos, eram muito carentes, tinham uma vida muito sofrida. Então, os materiais necessários para a realização das atividades, agente tinha que levar tudo daqui do Brasil. Os alunos passavam o dia todo na escola, almoçavam lá, pois era integral e ali agente via o quanto eles tinham uma vida sofrida. Poucos contavam com o apoio e atenção dos pais em casa. E acho que por isso, que eles se apegaram tanto a nós! E por consequência, nós também nos apegamos a eles! Seja pela triste realidade nos deparamos ali, ou seja, também, pelos ensinamentos que eles compartilharam com agente. Pois eu sempre digo, que nós aprendemos muito com esses alunos.

Pra nós, que saímos aqui do Brasil, para trabalhar com eles ali na Argentina, era outra realidade, bem diferente da nossa. É como se ao atravessar a rua, fosse novo outro mundo! Outro cheiro e é outra vida!

E a questão do **viver em fronteira**, é complicada. A questão da rivalidade é muito nítida. Então é fácil ouvir que eles não gostam da gente e nós não gostamos deles! Após o projeto, as coisas foram mudando. Até as professoras de lá foram mudando. Aos poucos, fomos trabalhando a nossa cultura. E as coisas foram progredindo. Trabalhávamos muito com trocas, entre as vivências comuns deles e as nossas, aqui do Brasil. Então, eles traziam receitas que eram comuns nas refeições deles e nós fomos trabalhando um pouco da nossa culinária, a feijoada por exemplo. Existia muita troca dos saberes! Sempre se doando!

Por isso, que sempre eu digo que todo esse ano que eu trabalhei no programa, apesar de eu já ter participado de outras propostas, esse foi certamente o mais marcante! Foi uma época difícil, mas muito feliz! Nós sempre trabalhávamos

muitos, mas foram anos de muita aprendizagem, de muitas trocas de experiências, e isso foi muito valioso. E ter esse reconhecimento dos pais, também era muito bom.



Claro, que existiram brigas também. Por causa da rivalidade mesmo, isso sempre existiu. Até, quando estávamos tava fazendo a nossa monografia da pós-graduação, nos pesquisamos isso com alguns professores mais antigos, e eles relataram que essa rivalidade já vem de muitos anos, desde as questões de terras, da parte histórica, pois inicialmente a Argentina tinha sua divisa lá perto de Chapecó/SC. E sem falar ainda, da rivalidade quando o assunto é futebol. Então, uma das intenções do programa, era exatamente amenizar esses conflitos, tirando isso das crianças. Porque agente está tão próximo e ao mesmo tempo, tão distante! É como eu falei antes, é tudo diferente! Quando passamos ali e chegamos na Argentina até o cheiro é diferente, o comportamento das pessoas é diferente!

Nós fizemos também um ano, um projeto sobre o Rio Peperi. E teve uma professora, que não reside mais aqui, que fez um projeto sobre o lago Internacional. E pra mim, o lago, foi uma tentativa de aumentar o contato, mas junto a isso aumentou muito o contrabando. Eles construíram algo bonito ali, mas hoje, já se

ouve até proposta de construção de um muro ali. Na época da copa, foi terrível! Muitos conflitos. Eles fizeram ali, uma obra pra unir e agora separar, não sei!

Os nossos alunos participavam muito, nas apresentações e teatros então, é possível ver isso nos registros fotográficos aqui em meu material. Ali você também pode encontrar os pareceres que nós recebíamos do MEC, pois naquele tempo nós tínhamos um retorno e um contato direto.



Muitas vezes, a professora Fátima da Argentina acompanhava nossas aulas e ela construía uma parecer e encaminhava para o MEC. Teve uma época, que as professoras da Argentina, queriam assistir as nossas aulas, eu concordei, mas outras professoras aqui do Brasil não concordaram. Mas acabou que isso atrapalhou as aulas, pois elas ficavam na sala de aula, mas ficavam chamando os alunos, corrigindo provas e cadernos, então os alunos iam até lá, e isso tumultuava a aula, então não deu certo!

Hoje, eu tenho pouco contato com o pessoal do programa, desde que me aposentei não encontrei mais ninguém. A Fátima, professora da Argentina acho que só encontrei uma vez depois que me aposentei essa professora Fátima, essa sim, sempre foi muito interessada pelo programa. Na verdade, tenho mais contato com a

Neuzanira, com ela sim criei um laço de amizade. Nós tínhamos muito contato na hora de pensar e planejar as aulas, muitas vezes, durante a noite eu acordava e tinha uma ideia, logo eu ligava pra ela para compartilhar (e vice e versa), fosse à hora que fosse. Em um dos projetos, construímos um livro, aquilo foi muito difícil Nós tentamos montar com uma barraca, mas não deu certo! Então, eu acordei durante uma noite e pensei de montar como uma caixinha, fui lá e fiz o teste e deu certo, então liguei pra Neuzanira para contar! Naquele tempo, nós íamos dormir pensando nas aulas do projeto, e isso era muito bom! Nós tínhamos muita vontade de trabalhar, pois tudo era compensador, nós tínhamos liberdade pra ir além daquele conteúdo de sempre!

No início, a ideia de **trabalhar por projetos** nos assustou um pouco. Lembro-me, que na época a Lizete era nossa Diretora da Escola, e ao planejar as primeiras aulas, nós sentava e chorava.

A **matemática** entrou bastante forte naquele projeto do sítio. Nós fizemos uma caça ao tesouro, com as dicas todas em português. Durante nossa saída, que comentei antes, abordamos bastante a **matemática**. Na verdade, em todos os projetos, nós buscávamos problematizar tudo que era possível, neste passeio em específico, calculamos a quilometragens, o gasto de combustível, dentre outras coisas. Sempre teve espaço para a **educação matemática** dentro do programa.

Penso, que se você puder olhar esse meu material, poderá compreender melhor como eram as aulas, os parecer, os documentos, as normas, olhar também as fotografias, tem muita coisa ali sobre o programa.



7 NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO

FIGURA 17: PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO



FONTE: A Autora (2017)

A professora Neuzanira possui graduação em Pedagogia e possui especialização nas Série Iniciais. A colaboradora tem 61 anos de idade e atuou como professora alfabetizadora e trabalhou também com a educação especial. Manteve vínculo com a Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina por 31 anos, atuando como professora alfabetizadora na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto.

Atuou por cinco anos na proposta de cooperação educacional, de 2005 até 2009. Sendo professora alfabetizadora de turmas do Ensino Fundamental aqui no Brasil, especificamente na Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, e atuando na proposta de cooperação educacional junto aos alunos da Escuela de Frontera de Jornada Completa N° 604 de Bernardo de Irigoyen, Misiones, Argentina.

A professora Neuzanira compartilhou que se afastar do programa foi uma escolha, no momento que precisava cuidar de sua família e de sua mãe. Assim

como a professora Lúcia, a professora Neuzanira contou que após ela ter se aposentado, perdeu totalmente o vínculo com a escola, com o programa, o que lhe deixa bastante entristecida, pois não foi preciso muita conversa para perceber o quanto o Bilingue representa na sua vida.

Para encontrar a professora Neuzanita, tive muitas dificuldades. No início o contato telefônico que a Escola Theodureto tinha, já não mais era ativo. A escola não tinha o endereço atualizado dela.

Então, quando fui até a casa da professora Lúcia para entrevistá-la, gentilmente ela buscou me explicar onde a professora Neuzanira morava, visto que são amigas desde a época do programa. Porém, a professora Lúcia não tinha nenhum ponto de referência, e isso dificultou bastante. Assim que sai da casa da professora Lúcia, fui tentar buscar a casa da colaboradora Neuzanira, mas não tive sucesso. Perguntei pra várias pessoas na rua, em vários pontos comerciais e nada! Sinceramente já estava perdendo a esperança.

Após passado algumas semanas, me lembrei de uma parente de minha mãe que reside ali na Tri Fronteira, e que por trabalhar na Agencia do Trabalhador, conhece muitas pessoas. Então, entrei em contato com ela, e perguntei se ela conhecia a professora Neuzanira, e de imediato ela disse que sim. E que inclusive ela morava ali perto da Agencia do Trabalhador. Fiquei muito feliz, pois de tudo que eu tinha ouvido sobre o programa e as professoras, sentia que a Neuzanira teria muito á contribuir. No mesmo dia, a minha tia foi até a casa dela, mas ela não se encontrava. Depois de alguns dias, ela retornou e a encontrou, explicou o que eu queria com ela, e conseguiu seu telefone residencial.

Tentei várias vezes ligar para o telefone fixo da professora Neuzanira e ninguém atendia, até pensei que o número poderia estar errado. Mas depois de várias tentativas, consegui conversar com ela. Expliquei o que seria minha pesquisa, e ela ficou muito entusiasmada com a possibilidade e disse que gostaria de participar. Nesse primeiro contato, já pude perceber na voz da colaboradora o quanto significativo o programa foi na sua vida. E então, marcamos o nosso encontro, para realizar a entrevista para o dia 18 de abril de 2018, pouco mais de uma semana da data que conversamos.

Quando conversei com a professora Neuzanira pelo telefone, me dei conta que o dia que fui procurar sua residência pelos dados que a Lúcia havia me passado eu nunca iria achar, pois fui para o lado totalmente contrário. Mas após as referência

da própria Neuzanira, encontrei bem fácil, pois é próximo ao CIF. Cheguei lá passado das 8 da manhã. E ela já estava me esperando, em sua casa tão linda e acolhedora. Entrei pela lateral da casa, e nos sentamos no sofá da sala, de frente uma para outra. Ao lado da colaboradora sentou-se seu cachorrinho de estimação. E assim que nós sentamos, a conversa já começou a se desenvolver naturalmente. E então eu liguei o gravador para iniciarmos.

A depoente não fez uso de nenhum um recurso durante a entrevista, que durou mais de três horas. Ela se baseou nas palavras chaves que eu levei impressa, mas ao mesmo tempo, não se fixou nas mesmas, deixou sua memória fluir.

Após terminarmos a entrevista, que fui muito emocionante. A colaboradora foi fumar um cigarro enquanto eu usei o banheiro e na sequência ela disse que me mostraria um cantinho muito especial. Eu já imaginava o que seria, pois em alguns momentos da entrevista ela citou que tinha um quatinho muito especial que guardava todas as suas memórias.

Na sequência, entramos então nesse espaço. Ali me dei conta do quanto minha pesquisa é única e especial. Nesse espaço a colaborado tem muitos, mas muitos registros do programa. Ela tem todos os seus certificador expostos na parede, assim como a professora Lúcia, ela também guarda com muito cuidado e amor os seus cadernos do programa, onde tem fotos, planejamento das aulas, avaliações feitas pelos assessores, agendas da época, com todas as anotações que recebiam, enfim... um ambiente muito rico de lembranças!

Quando adentramos nesse espaço, eu não havia ligado o gravador. Então, pedi autorização a depoente e comecei a fazer meus registros fotográficos daquele espaço tão lindo. Ela permitiu e fui fazendo, até que em alguns momentos a colaboradora solicitou que eu ligasse o gravador pois ela gostaria de incluir algumas falas. E então, foi o que fiz.

Assim como a professora Lúcia, a professora Neuzanira me contou que já havia sido procurada por outras pessoas para participar de pesquisas, mas que ela não se sentiu á vontade, pois teve a impressão que queriam apenas seus materiais, e que iriam fazer mal uso deles. Senti em muitos momentos a colaboradora preocupada com seus materiais, e essa preocupação vinha bem no sentido de apego, de afeto por seus registros.

Após nossa conversa, e me conhecendo melhor, a professora Neuzanira permitiu que eu levasse seus cadernos para casa e fizesse os registros e

observações com calma. Me senti muito especial, pela tamanha confiança depositava em mim. Pois há horas atrás era apenas uma estranha. Penso, que nesse sentido, a própria escolha metodológica adotada me ajudou. Pois á partir da História Oral, eu desejei valorizar essas depoentes, e penso que isso também, trouxe segurança pra as depoentes, que se sentiram tão á vontade no processo.

A professora Neuzanira teve muita facilidade e entusiasmo ao trazer para o presente suas lembranças e vivências do programa. Pra mim, pareça que tua havia acontecido á poucos dias, pela clareza que ela trazia na narrativa.

Foi muito especial conhecer a professora Neuzanira, foram pouco mais de quatro horas de comunhão, onde a entrevista se deu como uma conversa, onde eu estava muito entusiasmada também.

Fiquei mais de dois meses com o material da professora Neuzanira, pois coincidiu com a etapa de qualificação e acabei perdendo um pouco a noção do tempo. Tentei ligar para a colaboradora umas três vezes, mas ninguém atendeu. Sabia do zelo que ela tinha para com seu material, por isso queria avisá-la que estava tudo bem, e logo nos encontraríamos, mas não consegui. Ai pela metade do mês de julho, então consegui conversar com a colaboradora, na hora que atendeu o telefone e ela já disse que já estava muito preocupada com minha demora, e então eu expliquei o que havia acontecido, contei sobre a minha qualificação, e ela se encheu de entusiasmo novamente. Na mesma semana, pedi a uma colega do Instituto, que deixasse a transcrição e a textualização na casa da colaboradora, para que ele pudesse ler, analisar com calma todo o material.

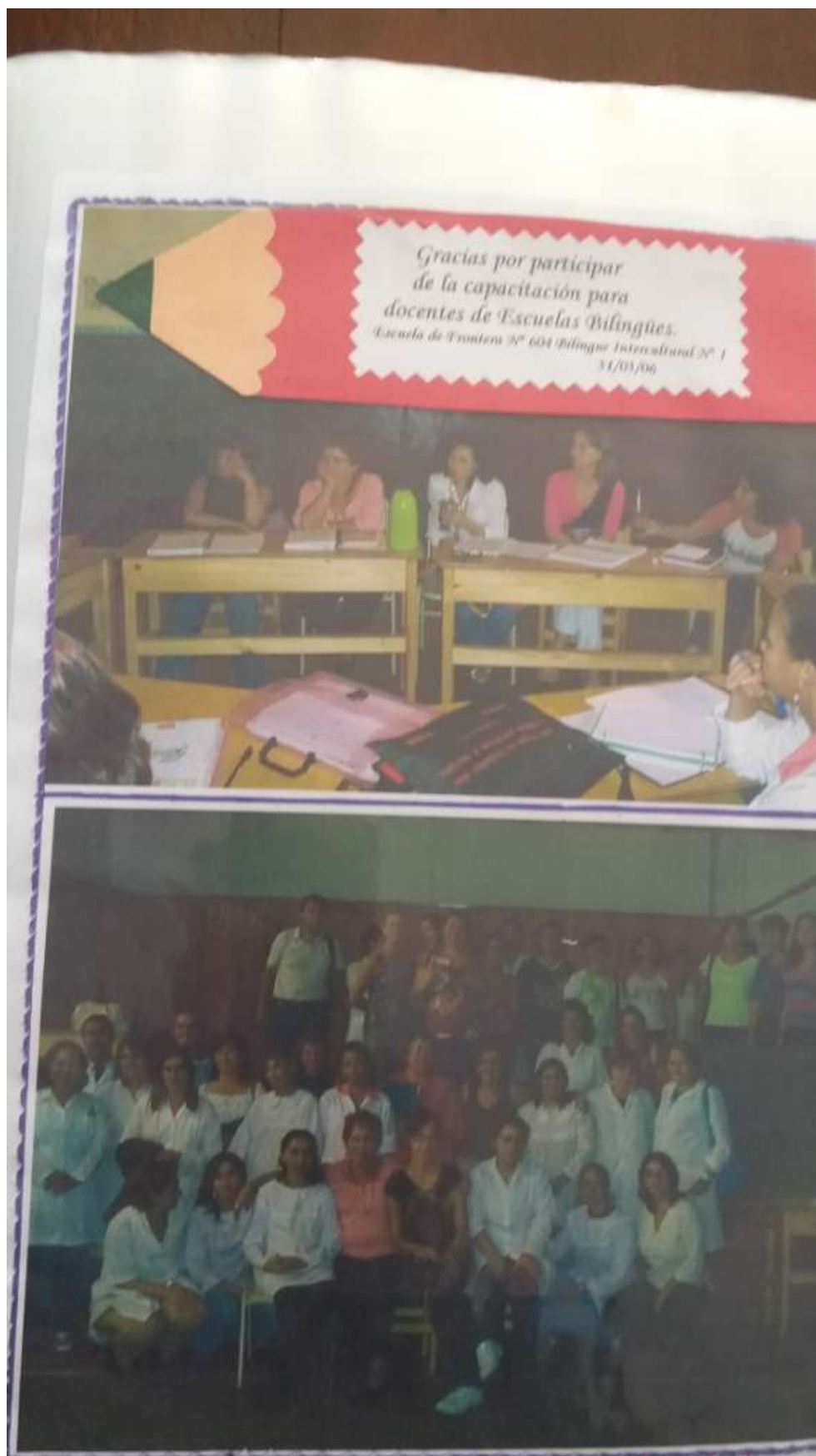
Na manhã do dia 24 de julho, fui até sua residência onde ela já me esperava. De imediato, pude perceber a professora um pouco entristecida, e logo começamos a conversar e ela compartilhou que estava passando por momentos de dificuldade junto a família. Senti o quanto esse contato nos aproxima, e o quanto a pesquisa me proporcionou no sentido de criar laços com novas pessoas, criar novas amizades. Conversamos por um tempo, ali sentadas no mesmo sofá da sala, mas dessa vez éramos apenas nós duas, sem o cachorrinho de estimação. Na sequência, me sentei ao lado da colaboradora, no mesmo sofá, e ela começou a me mostrar as anotações que tinha feitos nos textos, tanto na transcrição como na textualização. Eu busquei esclarecer que as marcas na fala dela são importantes de ser mantidas, pois aquilo que á caracteriza. Mas em alguns momentos, a depoente achou que foi repetitiva, ou que falava mal. Ela fez alguns pequenos cortes na sua

fala, algumas questões ela achou que precisava explicar melhor, mas não foram muitas coisas. Disse que se identificou no texto, que se viu ali falando. E isso é muito bom, sinal que os processos de transcrição e textualização foram fies e bem feitos. O que me deixa muito contente.

Após nossa conversa, e verificar as anotações do texto, e a colaboradora assinar a carta de cessão e autorização do seu material, eu entreguei para a colaboradora a lembrança que eu havia preparava. Ela ficou muito emocionada, e disse que não esperava. Nós abraçamos e mais do que qualquer outra coisa que o mestrado possa ter me possibilitado, conhecer pessoas tão especiais como as minhas colaboradoras, foi algo ímpar nessa trajetória.

O programa era chamado de Programa Escola de Fronteira Bilíngue no nosso tempo, não usávamos nenhuma abreviação ou sigla. Nós chamávamos de Escola de Fronteira e Bilíngue, assim que o programa era conhecido, e as escolas participantes era a nossa, que é a Theodureto e a Escuela 604 de Bernardo.

Quanto ao processo inicial do programa eu não acompanhei a **implantação** na escola. Na realidade, tudo se deu de uma conversa do governo do Brasil com o governo da Argentina, onde os ministros já tinham conversado, já tinham os documentos, que inclusive eu também tenho ali guardado uma cópia, e eles decidiram por estudos feitos, pela própria localização das cidades, acharam que seria melhor começar pela nossa fronteira, pois aqui, nós tínhamos maior facilidade e contato, porque por exemplo, lá em Foz do Iguaçu tudo era mais distante, tem a ponte, muito tumulto! Aqui, por ser divisa seca, foi um ponto positivo. E ao mesmo tempo que implantaram aqui, também implantaram em Paso de los Libres e Uruguaiana.



Nosso primeiro treinamento, e nosso conhecimento do que realmente seria a escola bilíngue se deu em Paso de los Libres, foi a nossa primeira **formação**. Lá

veio o pessoal da IPOL, junto com eles o professor Giovan, que eu considerava um gênio! Quem nos assessorava era o IPOL, na equipe deles tinha o coordenador era o Giovan e no ministério Educação era a Roberta. A Roberta era uma pessoa fora de sério! Pra nós aqui, só haviam dito mais ou menos o que seria, e falaram também que nós teríamos uma vantagem financeira. Na verdade, nós nem sabíamos o que seria, o que nós teríamos que fazer, era algo incerto; aceitamos nas escuras, só sabíamos que era para trabalhar o português lá e que, eles vinham trabalhar o espanhol aqui. Mas não tinha noção de que maneira ou até quando, nem que ia ter projetos. Daí tivemos um encontro ali no Marco das Três Fronteiras, ali próximo ao SEBRAE, nesse evento veio o Ministro da Educação do Brasil e da Argentina, foi ali a abertura, a inauguração ou implantação do projeto. Nesse evento vieram todo o pessoal que o Governo de Santa Catarina e também, o Governador de Misiones, e daí ali, fizeram então o lançamento do programa, com muitas autoridades presentes. Na verdade era autoridade de todo lado, um evento político! Ali, na fala dessas autoridades o discurso era que viria muita verba pra gente trabalhar, que teríamos assessoramento, e o presidente da época, que era o LULA, teria liberado tudo que fosse necessário para a projeto. Mas só depois, que a coisa ficou feia, porque percebemos que a realidade era bem diferente do discurso de abertura. Quando começamos a trabalhar, vimos todas essas diferenças e inclusive o nosso adicional, que deveríamos ganhar por trabalhar em outro país nunca recebemos.



Quando nós aceitamos participar, trabalhar no bilíngue, nós não tinha certeza de nada, de nada mesmo! Nós fomos nas escuras, pisando em pedra aqui, pedra lá! Mas nós aceitamos, e acho difícil quem aceitaria assim. Nós aceitamos ir para o desconhecido. Eu sempre tive muita vontade de conhecer o novo, eu gosto do novo, de inovar, de buscar, de aprender! Eu, queria mesmo saber como seria trabalhar em outro país. Talvez porque eu tenha nascido aqui, sempre tive essa curiosidade de saber como se trabalhava lá, como que era a cultura lá, pois é tão perto e tão diferente!

Eu tenho muitos parentes na Argentina. Na época da revolução, a minha mãe e meus avós migraram três vezes pra a Argentina e na última vez, o meu avô não quis voltar mais e acabou ficando por lá mesmo. Então, eu sempre tive esse contato com o país vizinho por causa da minha família, meus parentes que moravam lá. Mas eu, sempre queria mesmo conhecer como que era a Educação lá! E diante da proposta, aceitei! Quando participamos do evento ali no Marco, que foi antes de começar as aulas, até nos questionamos se daríamos conta, pois era muita coisa.

Em fevereiro tivemos a primeira **formação** que foi em Paso de los Libres. Lá tudo foi novidade, a possibilidade de conhecer outra cidade, outra fronteira. O pessoal de Uruguaiana também esteve nesse evento, pois lá iniciou junto com aqui, no mesmo ano. No evento mesmo, conseguimos perceber que era totalmente diferente trabalhar a educação no Brasil a e trabalhar a educação na Argentina. Eu

vejo que o professor do Brasil dá à cara a tapa, veste a camisa! Hoje até não sei, pois muitos dos professores novos, acabam entrando na educação por falta de opção. Na nossa época a gente entrava porque gostava! Porque pra mim as crianças eram minha paixão! Alfabetizar então, era tudo! A gente fazia de tudo o que podia, muitas vezes tirava dinheiro do próprio bolso para compra material, a gente se dedicava muito! Pra nós, não tinha sábado, nem domingo, nem feriado. E a gente não via a mesma coisa por parte das professoras da Argentina, elas não buscavam coisas diferentes pra trabalhar com os nossos. Então, acaba que o nosso sentimento era que nós levávamos muita coisa pra os alunos da Argentina, cultura nossa, coisas linda, porém, não vinha quase nada para os nossos alunos do Brasil!

As professoras da Argentina reclamavam muito dos nossos alunos brasileiros, diziam que eles eram mal educados, que eles não obedeciam, mas eu vejo que os nossos alunos eram muito inteligente, e que um aluno de primeira série, que pertence a uma turma esperta, que está num ritmo acelerado, já está lendo, eles querem mais. Não vão se conformar de ficar ali só pintando uma vaca, eles querem mais, só que não tinha, era só aquilo mesmo, daí que eles bagunçavam a aula, pois aquilo não chamava a atenção deles.

A gente fazia o intercâmbio de professoras, eu ia pra Argentina e trabalhava coma primeira série da mesma professora que vinham de lá para trabalhar com minha turma aqui.

Voltando a falar do encontro que ocorreu em Paso de los Libres, confesso que lá deu vontade de desistir, de chorar! Porque quando o professor Giovan começou a explicar, eu até tenho tudinho marcado ali na minha agenda, que até quando eu me aposentei, a Maria Seloir, queria minha agenda de presente, mas eu não dei. Eu marcava tudo que o professor falava, não deixava passar nada, e foi lá que nos deram um norte de onde a gente tava entrando, de como que ia ser.

O programa começou só com as primeiras série, depois ano após ano foi incluindo as outras, depois, primeira e segunda série, e assim por diante. Lembro bem que o professor Gilvan, nos dizia o seguinte, vocês vão pra lá pra ensinar pra eles o português, a intenção na primeira série era trabalhar o ouvir e o falar. O Gilvan falava que a gente tinha que por na cabeça, que era preciso levar coisas que chamassem a atenção deles, pra fazer com que os alunos gostassem do que nós estávamos levando, pra eles aprenderem e pra eles gostarem de nós! Ele sempre afirmava, que se os alunos não gostassem de nós, nada iria adiantar! Segundo ele,

só iríamos conseguir o que queríamos, se levássemos coisas interessantes, porque pra eles na Argentina, o professor é o Maestro, que é como eles dizem, é aquele que usa aquele uniforme, o guarda pó branco, o jaleco. Pra eles, esse é professor, que eles, respeitam e muito! Nós não usávamos jaleco, nós não nos adaptamos a como eles estavam acostumados, era Brasil mesmo. E eles tinham que aceitar nós, brasileiras, professoras e sem o guarda pó. Porque lá na Argentina, todos usam jaleco, até os alunos. Então, até isso era novo, diferente pra eles.

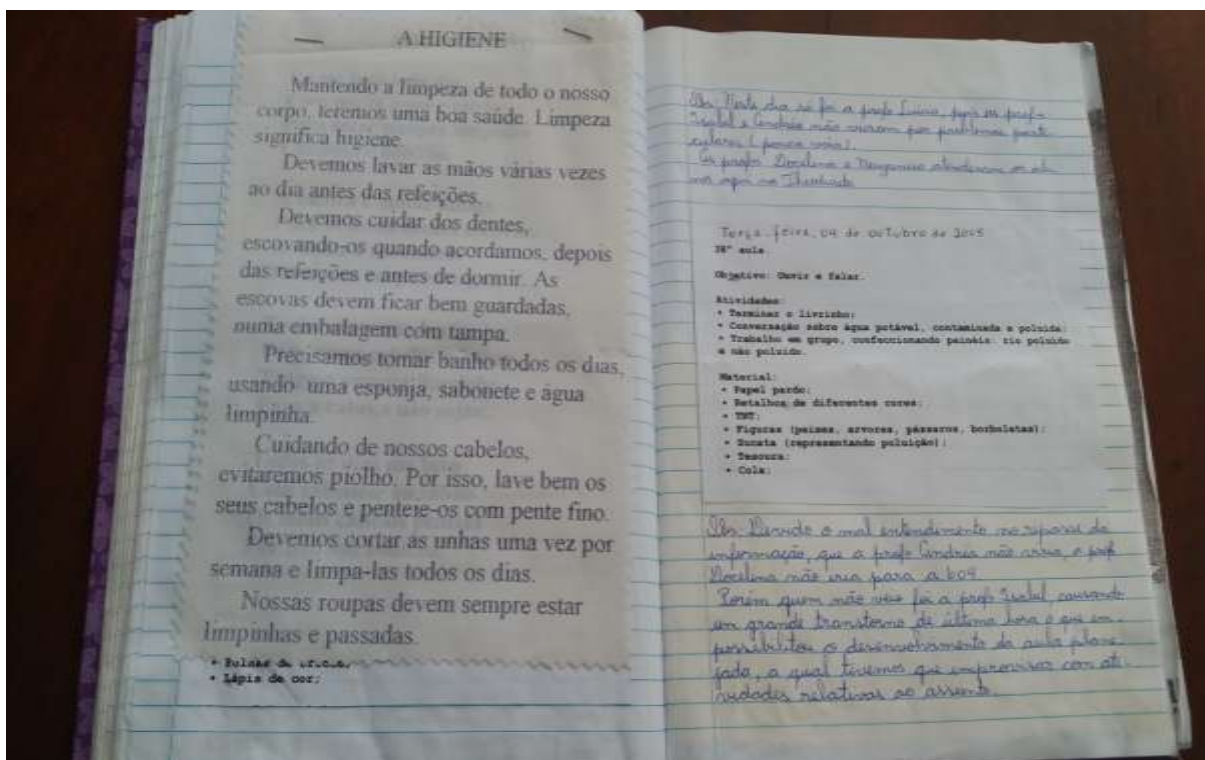
Voltando a falar da **formação** com o Gilvan, no início ele pediu que a gente escrevesse o que nós gostaríamos de ensinar lá, e então nós começamos a escrever e tentar planejar, me lembro que tinha a Lizete também que era fera, pra orientar e ajudar a gente. Nesse evento em Paso de los Libres, foi toda a escola para participar, pra conhecer o que seria, até porque a intenção era que avançasse até as séries finais do ensino médio, o que não aconteceu uma semana, e ficou fechada por uma semana, e todos foram para Paso de los libres, mesmo que inicialmente fossem apenas três professoras e uma orientadora que iriam trabalhar diretamente com o bilíngue.

No primeiro dia desse evento, começamos tentando então, fazer aquele planejamento que o professor Gilvan solicitou. Lembro que nós escrevíamos, e ele passava nas carteiras e apontava o que não estava bom, e nós riscávamos tudo, apagávamos e começávamos tudo de novo. A gente escrevia, escrevia. Meu deus, nós estávamos lá como alunas, aprendizes. Como iniciantes mesmo. Quase que sendo alfabetizadas no bilíngue.

O professor Gilvan sempre enfatizou muito, que era preciso levar coisas diferentes para os alunos, coisas que chamassem a atenção deles, para que eles pudessem gostar daquilo. Porém, ele não dizia como fazer, ele queria que nós mesmas descobríssemos. Por isso que eu digo, o professor Gilvan era de tirar o chapéu, ele era muito inteligente. E muito disponível também, lembro que ele nos passou o número do celular dele, para que pudéssemos ligar quando precisasse, poderia ligar até a cobrar se fosse preciso. Naquele tempo, nós estávamos muito bem assistidos, pela IPOL.

Então, naquele momento inicial, lembro que ele foi nos dando dicas de como fazer, mas apenas dicas! Perdemos um bom tempo naquilo, até que ele entrou nas histórias infantis, nos contos infantis, que em minha opinião não existe nada melhor! Porque se até adulto gosta, imagine as crianças. E assim foi a semana toda, com

ele dando as dicas, e a gente tentando planejar essas primeiras aulas. Foi uma semana inteirinha lá, o dia inteiro nós nos dedicamos a isso, só tínhamos o intervalo para o almoço. Lembro que quando retornamos, tínhamos planejamento pra uns quinze dias de aula.



Quando retornamos de viagem, logo as aulas do bilíngue iriam começar. E nós tínhamos certo medo, quando pensávamos se os alunos iriam nos aceitar, porque o Gilvan sempre falava que é preciso conquistar eles, fazer com que eles pudessem gostar da gente.

O professor Gilvan já tinha trabalhado em várias fronteiras, ele trabalhou até com o intercâmbio de indígenas! Ele era um grande pesquisador do bilíngue, na minha opinião, ele é um gênio! Infelizmente eu perdi o contato dele depois que me aposentei. Lembro que aquela semana de **formação** com ele foi muito puxada, trabalhada, e em certos momentos dava vontade de desistir. Principalmente quando nós entendemos com que era, do que se tratava, que o negócio era bem mais em baixo! Que nós compreendemos que nós íamos ter que planejar, depois nós iríamos dar a aula, que após a aula tínhamos que fazer a avaliação da aula, verificar se nós conseguimos ou não alcançar nosso objetivo, era muita coisa. E ainda, a orientadora tinha que fazer o parecer das nossas aulas, relatando tudo e enviando para a IPOL.

Nessa semana de **formação**, além de tudo, aprendemos a formalizar as coisas, o que não era tão fácil. Aprendemos a descrever os objetivos, a descrever

aula por aula, verificando se os objetivos foram alcançados, e isso tudo, o Gilvan deixou muito claro que era fundamental.

Nós tivemos orientadoras que nos ajudavam, e outras nem tanto. A Mari foi a primeira, mas não deu muito certo e trocaram. Depois veio a Lizete Ofmam, que nos ajudava muito.

Quando nós voltamos de Paso de los libres, viemos com um esqueleto de planejamento para as primeiras aulas, mas faltava muito ainda, faltava os materiais, faltava a gente pensar em como iria chegar na escola no primeiro dia, porque isso era muito importante. Primeiro porque nós não usava o guarda-pó pra eles já seria estranho, e depois pela preocupação que o Gilvan deixou claro, nós tínhamos que levar coisas diferentes, pra que os alunos gostassem de nós. Então quando voltamos nós pensamos muito, em o que nós faríamos, nós pensamos mil e uma maneira de como se vestir, de como chegar lá e finalmente chegamos à conclusão de iríamos vestidas de fada!



Nós tivemos um pouco mais de tempo pra nos organizar, pois lá as aulas começam só em março, e aqui em fevereiro. Então nós começamos a pensar como que agente ia ir, porque nós não queria chegar lá no primeiro dia vestida normal, e ai começamos a pensar o que íamos fazer pra que eles nós vissem como uma pessoa diferente, que veio trazer coisas boas e bonitas pra eles, pra eles aprenderem, e assim fomos pensamos em muitas coisa, olhando livros, até que decidimos que a gente ia de fada!

Então, no primeiro dia fomos vestidas de fada. Pra ter aquele impacto, pra eles perceberem que a gente ia lá pra levar coisa boa e coisa bonita pra eles. E aí,

fomos pesquisar como fazer isso, fazer aquilo, pesquisar o nome de fadas, porém não tinham mando dinheiro pra nós, nem pra comprar material! Nós não tinha nada! Daí pensamos, pensamos até que achamos um CD de histórias, onde tinha a fada amarela, a fada azul e a fada branca, e nós éramos em exatamente três professoras. Naquele CD tinha a história das fadas, era muito lindo se encaixou perfeitamente no nosso primeiro dia! Foi perfeito. E daí as roupas, pensamos o que íamos fazer, pois não tinha dinheiro, e então tiramos dinheiro do próprio bolso, compramos TNT e eu costurava, então viemos aqui pra casa e fizemos as roupas, colocamos brilhos, fizemos tudo, até os chapéus e as varinhas mágicas.

Então pensamos o que mais poderíamos fazer pra chamar a atenção deles. Sabíamos o que as fadas fazem, e ir vestida de fada por ir não era isso que queríamos. Tinha que ter um sentido! Tinha que ter algo pra eles aprenderem e ficar gravado na cabeça deles, e ai lembramos que as fadas transformam as coisa e chegamos à conclusão de levar o pó da sabedoria pra eles! Esse pó da sabedoria seria um glitter, um brilho, onde colocaríamos isso dentro de um potinho, transparente ou branco. E então, quando nós chegamos lá e descemos as escadas que vão da diretoria até as salas nós se sentimos umas debutantes , imagine eu vestida de fada! Todos os professores da escola ficaram olhando, até porque elas vieram aqui só de guarda pó, e nós lá de fada! Os alunos quando viram nós ficaram encantados! E pra mim, isso ficou gravado! E para os alunos então, depois que eles foram pra frente, e encontravam a gente na rua, eles vinham e falavam, você é fada branca, ou fada amarela, fada azul! Pra nós, foi uma coisa gratificante e emocionante, porque nós tínhamos conseguido alcançar o objetivo que o Gilvan tanto queria.

Eles gostavam da gente e daquilo que a gente estava ensinando pra eles! Quando chegamos lá, no primeiro dia, eu lembro que tiramos uma foto na frente da escola, depois o diretor veio nós receber, nós já fomos vestidas pra lá, íamos de táxi, naquele tempo pagavam o táxi pra nós.

Quando chegamos lá, o diretor pediu pra que as professoras argentinas organizassem os alunos e aí fomos descendo uma por uma, o diretor ia anunciando os nomes e nós falamos o que agente ia ensinar e então cada uma foi pra sua sala, cada uma com uma primeira série, assim como elas faziam aqui, mas nós planejávamos tudo junto. Nas quartas-feiras á tarde a gente conseguia planejar junto com elas, uma quarta-feira elas vinham aqui e outra nós íamos lá.

Quando nós fomos pra sala, meu deus, foi aquela loucura! Daí agente contou, explicou tudo o que a gente ia fazer, que nós não usava guarda pó como as maestras deles e que nós era professora e estava lá para ensinar o português, seja através de histórias, como por exemplo a gente estava vestida de fada, seja através de historinhas, de contos, onde nós ia se vestir dos personagens, eles iam se vestir dos personagens e que nós ia ensinar eles. E foi naquele primeiro dia, que nós conseguimos conquistar eles e fazer eles entender que a nossa maior finalidade era fazer com que eles entendessem que nós ia lá ensinar o português pra eles. E que nós sabíamos que eles eram inteligentes, que eles iam querer aprender o português e que nós fomos até lá pra levar o pó da sabedoria pra eles, pois a agente tinha esse poder! E que seria através desse pó eles iam ter esse conhecimento, então a gente ia colocar esse pó na testa deles e que assim eles iam despertar, se abrir pra aprender, pra eles participar da nossa aula. Corria lágrimas dos olhos deles, pois o professor argentino não trabalha assim.

Sabe, até hoje, quando eu estou meio deprimida, entro ali na minha salinha e fico olhando, pensando, analisando o quando agente sofreu, porque agente sofreu muito! Porque ali no começo não tinha dinheiro e a gente brigava com a diretora daqui, com a coordenadora, com os de lá também. A gente brigava porque a gente queria que eles trouxessem coisas boas pros nossos aqui também. Pois os nossos alunos viam nós preparando as coisas pra levar pra lá, e nos perguntavam porque não vinham essas coisas pra eles também. No entanto, um dia nós falamos com a Salete, porque não tinha vindo à verba, daí ela fez nós mesmas, ligar pra Roberta, ela fez a ligação e falamos com a Roberta, que disse que a gente tinha toda liberdade pra ligar, pra pedir, pra contar o que tá acontecendo, nós ligamos pra Lia também de Buenos Aires, e contamos que as coisas não estavam acontecendo como era pra ser ; mas pouco mudou! Eu até um e-mail ali que o Giovan me mandou, uma resposta, porque eu era dedo duro! Na verdade, eu queria ver resultado, queria que os nossos aprendessem, da mesma forma como a gente levava pra lá! Porque nós não tinha sábado, não tinha domingo, não tinha feriado, nós tirava dinheiro do próprio bolso. Eu lembro que nós vínhamos aqui pra casa, era tudo aqui, porque eu tinha máquina de costura, eu tinha minha mãe doente e precisa ficar um pouco com ela, então era tudo aqui!





Era muito divertido! A gente não via o bilíngue como um trabalho, pra nós era bom, era alegre, feliz! Pra nós era festa, depois mandaram uma máquina fotográfica pra gente registrar tudo. E então, quando chegou a máquina, a diretora me chamou e me entregou a máquina dizendo que eu seria a responsável pra registrar tudo, e eu registrava, mas quando eu entregava a máquina, tudo sumia. A Maria apagava, então esse é meu maior sentimento! Lá de Uruguaiana também, não tem nada! Aqui quando trabalhamos o sítio do pica pau amarelo, também não tem nada! A da tenda que o exercito veio e montou pra nós, onde trabalhamos os pratos típicos, também não tem nada! Porque ela apagou tudo! E depois, a máquina até foi perdida! Porque usavam pra outras coisas, mesmo a máquina sendo do bilíngue, e no bilíngue, era eu que era a responsável. E depois de um bom tempo, um dia foram mudar uns armários lá na secretária, e daí que acharam umas fotos e a máquina lá, caída no chão, e aquelas fotos eram preciso pra mandar no relatório. Então eram muitas **dificuldades!** Infelizmente, sempre o que falava mais alto era a política mesmo! Infelizmente a SEDR sempre falava muito do bilíngue, mas muito só ficava no discurso. A SEDR é a secretaria estadual de educação de santa Catarina.



Nunca tínhamos dinheiro, a verba não vinha, e daí a IPOL que custou pra mandar uma especialista pra nos orientar, porque no início vinha a cada quinze dias e depois uma vez por mês, e o dinheiro foi encurtando e eles foram cortando, essa foi uma das nossas **dificuldades**. Verba pra material, pois os alunos de lá eram muito pobres, não tinham lápis de cor, borracha, lápis de escrever. A professora lá tinha pra empresta pra eles, mas no fim da aula, tinham que devolver. Então nós, tínhamos que levar tudo daqui, lápis, borracha, lápis de cor, tudo! O que nós quisesse fazer lá, tinha que levar tudo daqui. Até folha de ofício a gente tinha que levar, nós compramos cadernos pra eles também, teve uma época que a APP da nossa escola nos ajudou pra ajudar a comprar o material pra eles. Foi bem difícil! Nós precisávamos de muita coisa, pois era uma maneira diferente de trabalhar, não usava livro, não usava o quadro, então nós tínhamos que fazer roupas pra nós, roupas pra eles, o que nós ia usar já levava tudo daqui. Uma vez nós compramos os cadernos pra eles com dinheiro do nosso bolso e todas as atividades que eles faziam, a gente ia lá e colava no caderno deles e esse caderno e a gente trazia pra casa! Nós guardava, tanto que cada uma tinha uma sacolona pra leva e trazer as coisas, tudo a gente levava e trazia!



Nós não tínhamos um espaço lá na escola da Argentina pra guardar as coisas, nunca conseguimos isso, por mais que precisasse. Nós levava caixa de som, TV quando ia passar filme, DVD, tudo, tudo mesmo. E quando a gente ia fazer apresentação de uma história infantil, daí eu levava a caixa de som que eu tinha, com microfone e eles achavam o máximo eles falarem no microfone. Pra eles, isso era diferente, novidade, coisa boa! Coisa bonita! A gente vestia eles de fada, de rainha, de princesa!

Eles viviam aquilo, primeiro nós, eles sentados, as três turmas juntas quando a gente ia apresentar, por causa dos personagens, às vezes até ia mais alguém da escola, pra ajudar a apresentar, porque faltava personagens. Então primeiro a gente fazia, apresentava e depois era eles, eles que tinham que fazer, falar pra aprender o português!



Eu sempre dizia pra Lúcia, quantos fio de cabelo branco... Mas nós chorava! A Lizete Volpatto, que era a coordenadora, ela nem vinha pro nosso lado. E quando a gente queria apresentar, uma coisa bonita, diferente e que nós não tinha dinheiro, nós íamos na secretaria pedir, e o nosso apelido era as briguenta!!! Nós brigava, brigava e pedia, e daí elas diziam que não tinha! Eu e a Lúcia chorava, brigava, era sempre eu e Lúcia. Nós sempre buscando! A gente chegava, sentava na beirada, por as nossas salas assim, eles tinham construído uma ala nova e deram ali para o bilíngue. Daí a gente sentava na calçada, uma deitava e a gente chorava. E vinha a Lizete de lá com um papel na mão, caneta e anotando, lembro que ela vinha assoviando e nós chorando e brigando, mas ela ficava ali, esperando, sem falar nada e quando ela via que a gente se acalmava, daí ela falava, podemos conversar, então, ela tinha a santa paciência de ficar aqui, quieta até a gente se acalmar, ela sabia o momento de conversar com nós! E ela dizia gente nós entendemos a vontade o desejo de vocês, nós entendemos que vocês vestiram a camisa do bilíngue, porque vocês adoram o que vocês fazem, porque vocês querem fazer a coisa funcionar, a coisa andar e não tem recurso! Mas vamos fazer diferente, vamos planejar diferente, eu vou ajudar vocês, eu ajudo vocês! Vamos procurar outra meio, outra ajuda, a Lizete sempre ajudava a gente ela sempre dava um jeito!

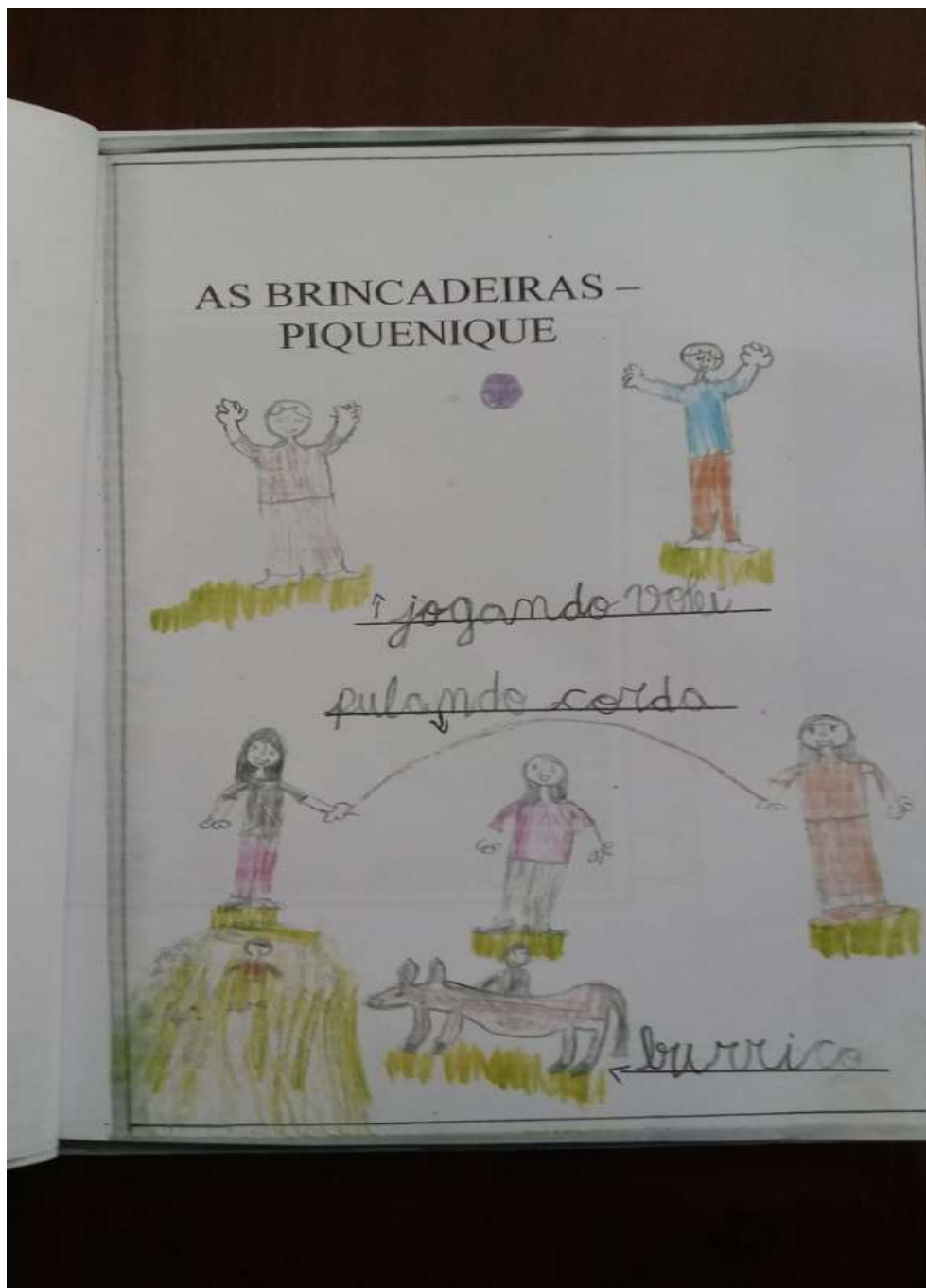
A Lizete era coordenadora do colégio, mas ela nos ajudava muito! Porque até tinha a coordenadora do bilíngue, mas essa nem vinha pro nosso lado. A Lizete

ela era uma pessoa fora de série, sensacional! E a do bilíngue, essa nem ia, porque ela sabia que nós cobrávamos dela, porque era ela que tinha que ir atrás. Ela tinha que buscar o recurso, ela tinha que ir na secretaria, ligar na IPOI, falar primeiro com a Stela, depois direto com o Gilvan, e se não desse, falar com Brasília, MEC. Porém isso não acontecia, e então que a gente brigava!

A gente fazia o que podia, com o pouco de material que conseguia! E olha, o que a gente fazia, depois que trocou de diretor, nós já tinha ido uma vez na secretaria pedir coisas e daí quando viam a gente chegando elas já se escondiam, porque tava vindo às briguentas, daí eu disse pra Lúcia vamos matar elas no cansaço, porque se elas fecham a porta pra nós, nem que seja brincadeira, vamos matar elas no cansaço, porque sabe que nós vamos lá cobrar. A Lúcia disse vamos fazer o que, daí eu disse vamos escrever aqui no papel, fazer uma lista de tudo que a gente precisa e eu tinha uma régua bem comprida, ela era do tamanho do quadro que eu usava pra fazer as linhas no quadro, pras crianças aprenderem a escrever porque precisa. E vamos prega essa lista aqui na pontinha da régua com uma fita e daí nós chegava na primeira porta, se elas tavam por ali e nós enviava a régua e ficava escondida do lado. Seja na sala da Lizete ou na diretora, a gente fazia a mesma coisa, e a ripa. Elas pegam a régua e diziam venham aqui suas descaradas e briguentas, só que nós estávamos cansadas de leva, daí só colocamos na ripa, então agora podem escreve a resposta e coloca ali na ponta amarrada também pra nós. No fim, a gente conseguia! Mas tinha que insistir bastante! Nós tirava dinheiro do bolso! E nem aquela subida de nível tivemos, só ilusão! Depois ofereceram uma pós para nós, seria um benefício, porque seria tudo grátis. Nós ficamos super feliz, mas era pra ser dois anos, mas nós só tivemos seis meses. Por puro desinteresse do MEC daqui e do MEC de lá, não pagavam direito os professores da pós. Mas era fantástico! Se tivesse continuado, pois era muito bom!

A ideia do bilíngue era muito boa! Mas algumas coisas, eu digo que foram meio jogadas, tal escola que vai fazer, e que muito dependia, do comprometimento do professor. E era isso que elas fazia, uma aulinha normal. As professoras da Argentina lutaram e até que pararam de ir dar aula, e enfim conseguiram a gratificação pra elas! Bateram o pé e conseguiram a gratificação delas. E nós nada, mas nós continuava, por causa da Lizete e a outra depois que se chamava Elizete, que uma era coordenadora da escola e depois a outra era do bilíngue, essa também era sensacional. Já na quarta-feira que nós íamos planejar, ou na terça-feira à tarde

quando ela tinha tempo, porque ela que tinha que ficar se comunicando por e-mail, porque ela se comunicava com o pessoal do MEC, daí ela já vinha perguntando o que a gente ia trabalhar, ela já ai organizando, vendo tudo, dos materiais pra nós. Ela imprimia tudo, já trazia tudo organizado, daí a coisa funcionava! A gente sentiu muito quando ela saiu, porque ela ganhou uma bolsa pra fazer o doutorado ou mestrado, daí ela saiu. Mas nós choramos, porque ela era fora de sério, o que pedisse pra ela, ela ia organizando fosse livro, material da internet ela tirava, tudo! Às vezes, a gente chegava e ela já tava lá com a professora da Argentina, dizendo olha eu consegui isso, isso e isso. Então a coisa andava sabe, funcionava, tudo ficava mais fácil. A gente tinha mais vontade de trabalhar.

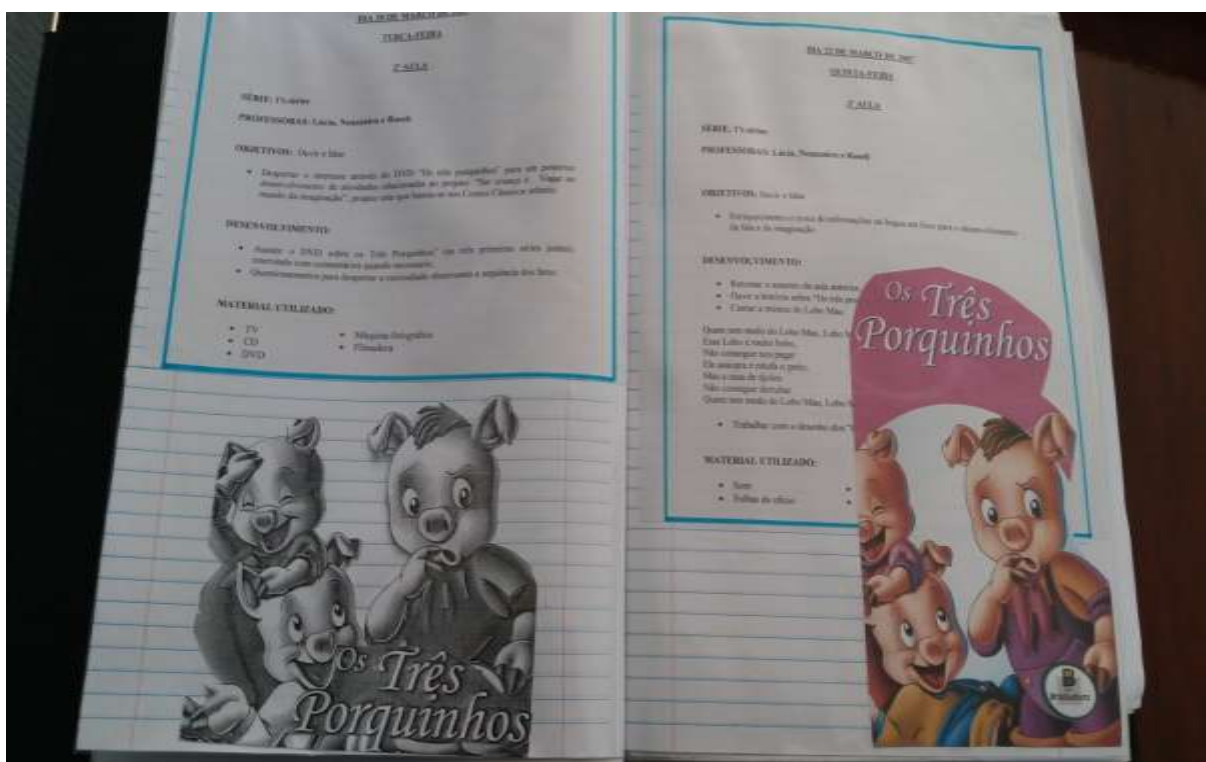


Nós íamos pra lá nas terça e na quinta-feira, duas tardes lá por semana, e tínhamos uma tarde por semana para planejar. Esse tempo de planejamento não era suficiente, mas só nos permitiram esse tempo depois de muita briga também. Porque no início não tinha, a gente tinha que planejar na aula de educação física e artes daqui, e isso inclui planejar pra todos os alunos, do Brasil e do Bilíngue. Depois nós conseguimos essa tarde para planejamento.

O bilíngue aqui sempre foi **por projeto**. Lá na nossa primeira **formação**, quando o Gilvan pediu como que a gente ia trabalhar, a Lizete que também gostava muito de trabalhar assim, e era a orientadora da escola, foi ela que sugeriu pra ele

trabalhar dessa maneira, até porque a escola já trabalha assim, desde a alfabetização, e ele adorou a ideia e disse que poderia continuar sendo assim no bilíngue, por **projetos**.

Nós pensávamos nos **projetos**, por exemplo, a partir dos contos infantis, que esse foi o primeiro, perceba quantos que tinha, então dava pra você trabalhar quase o ano todo, era um projeto bem amplo. E também as datas comemorativas, nossas, aqui do Brasil, Páscoa, dia índio, dentre outras. Datas da nossa cultura pra levar pra eles. Porque lá, por exemplo, dia das mães é em outubro e o dia dos pais é em julho, então nós tínhamos que levar a nossa cultura.





Então nós trabalhávamos dança, no dia das mães nós ensinamos nossa dança pra eles, musicas. E no dia dos pais também, páscoa então no meio dos projetos nós intercalava nossas datas comemorativas para ensinar pra eles. Então, era muito legal! Nós trabalhava muito na forma de teatro, fazia muito teatro. Eles adoravam. Trabalhamos também no dia do idoso, onde nos levávamos os idosos, eu só não levei minha mãe, porque ela tava muito doente, mas aí levamos três senhoras e eles perguntavam, participavam, e elas dançavam com eles, e eles perguntavam como que eram os brinquedos delas, como que elas viviam, foi lindo!

Acredito que iniciativas como essas vão delineando um Projeto Bilingüe com características interculturais e, em vista disso, transcendendo linguísticos, que ora se fortalecem.

Quanto a participação das crianças, pode evoluir ainda mais, até crianças se negavam para falar ao microfone, ou, falavam bem baixinho, tinham que refazer as perguntas. Isso também é um processo a ser construído. Situações como essas motivam as crianças a se manifestarem e perderem em público, questionar, participar....

IV- Anexos



As vós chegando na escuela 604



interagindo com as crianças



na hora do intervalo
(recepção carinhosa)



Nona Musa falando



estavam brincando



participação das crianças com perguntas

Eles não encararam, não gostaram do projeto de cara. Pra eles o bilíngüe seria uma bobeira, eles não tinham o entusiasmo que a gente tinha! E assim, eles receberam a gente muito bem, com muito respeito, muita atenção, mas na escola, infelizmente quase nunca tinham nada, era bem carente a escola. E a gente levava tudo daqui. A cultura deles, a gente já conhecia. Talvez porque a gente nasceu aqui, só que você estar lá, convivendo com tudo é bem diferente!

E assim, a nossa maior briga também era quanto à higiene, que a gente até cobrava do Gilvan e até que um dia ele disse lá pra nós, que era a cultura deles, e então nos desistimos porque nós falávamos pra ele que nós entregamos a nossa

sala limpinha pra elas aqui, a sala impecável, e quando nós chegamos lá, era papel, barro, poeira, comida, lixo. Pra colocar o trabalho do aluno na carteira gente tinha que ir lá e limpa as carteiras, era muito relaxamento, nós chegava chora, e O Gilvan, que era um homem muito bonito, respondeu pra nós um dia, de braços cruzados e nos olhava, e pedia o que mais vocês querem reclamar, pode falar, estou escutando, chorem, falem que eu escuto, terminaram, então eu vou repetir pra vocês mais uma vez, que a cultura deles é assim!!! Não é Brasil, pra eles não interessa se tá limpo ou sujo e coloquem na cabeça de vocês, que vocês não vão lá pra mudar a cultura deles vocês vão lá pra ensinar o português pra eles coloquem isso na cabeça de vocês! Põe isso na cabeça! Vocês podem falar isso pra eles, ensinar sobre higiene; mas não forçar, não querer mudar o que é deles, porque vocês não vão conseguir!!! Vocês podem até trabalhar 20, 30 anos com eles, tentando mudar a cultura deles, sobre a higiene, mas vocês não, não vão conseguir mudar!

Nas nossas aulas, nós tentava ensinar, nós levávamos uma toalha, pedia pra eles lavar a mão, depois secar na toalha, a gente levava um pano, pra que limpassem as carteiras e eles se adaptaram e ai eles mesmos mostravam a carteira suja e pediam pra limpar, eles diziam profe ta meio suja nossa carteira, então eu digo que alguma coisa sobre higiene nós conseguimos e nós dizia pra eles, como que vamos expor esses trabalhos lá no Brasil, tudo sujos, com as marcas dos dedos de barro. A gente tentava sabe, mas não como forma de imposição, mas a gente tentou mesmo ensinar que pelo menos o trabalho devia ser limpo! Então daí eles entendiam que tinha que cuidar da carteira, das mãos. Mas, ai nós desistimos, não falamos mais pro Gilvan, porque ele falava que nós tava indo lá pra ensinar a língua portuguesa e não mudar a cultura deles e ponto final!

Quanto ao intercâmbio dos alunos, era muito difícil lá! Os pais dos alunos da Argentina vão para o trabalhado, assim que eles chamam lá, porque aqui tem pouco trabalho então o trabalhado deles é ir trabalhar fora em Corrientes, corta madeira, trabalhar lá em serviço pesado, com caminhão, serviço fora, então isso é em torno de cinco a seis meses fora, eles mandam um dinheiro pra família mas demoram pra voltar e pra passar na aduana a “burrocracia” porque já que fizeram o programa tinha que ter alguma coisa, os próprios governantes, o pessoal da IPOL deveria criar um documento para que a gente tivesse passe livre, isso teria facilitado bastante. Então os alunos da Argentina não conseguiam a autorização dos pais porque a mãe estava aqui, mas o pai estava fora, no trabalhado, então não tinha como, porque

precisava da autorização dos dois. Então foram poucas vezes que nós conseguimos trazer eles pra cá. Mas eles tinham muita vontade, muita curiosidade de conhecer aqui.

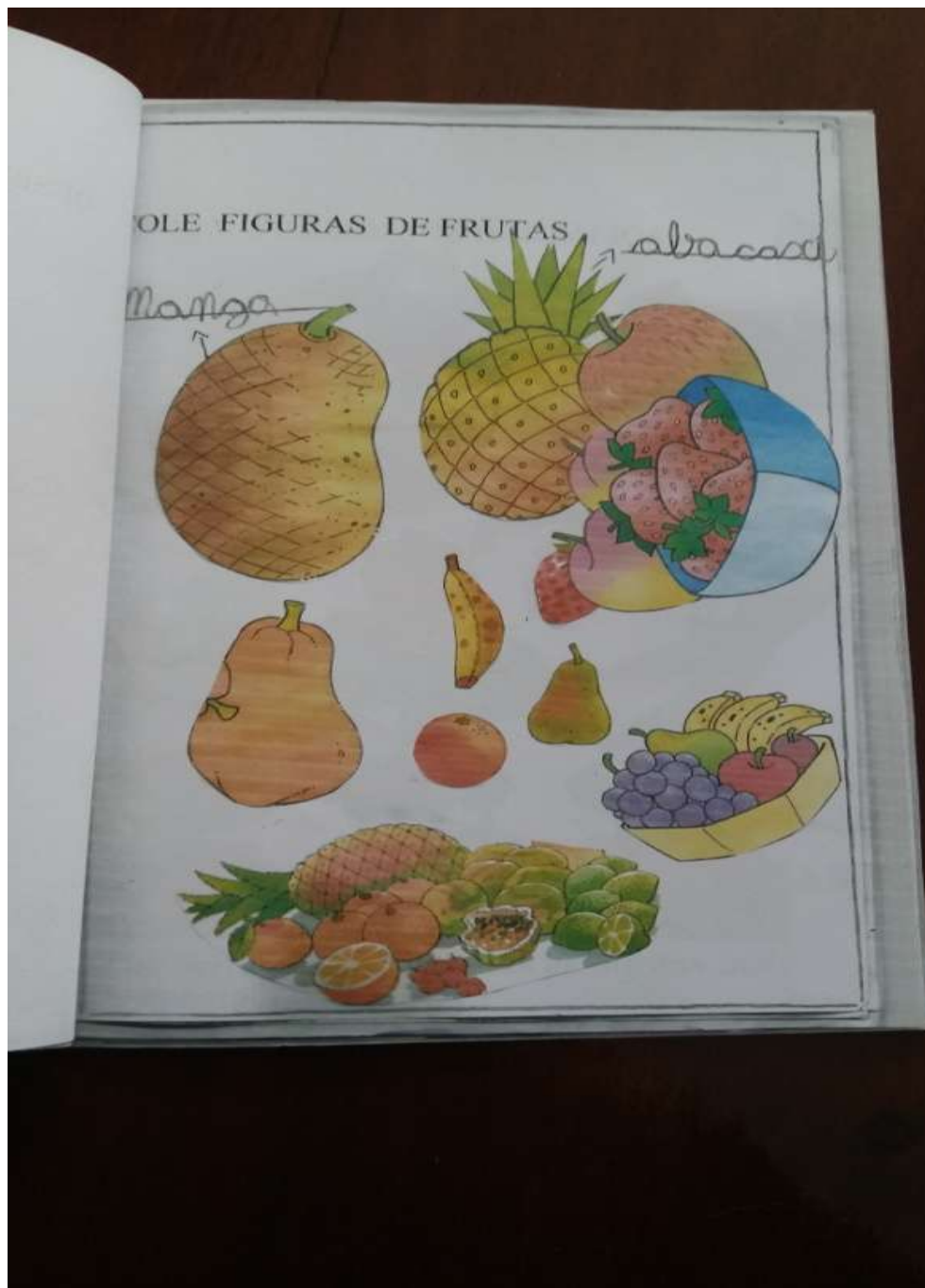


Teve uma vez que nós fizemos um almoço pra eles, mas foi uma luta pra conseguir trazer eles pra cá, mas isso se arrastou mais de um mês, pra conseguir organizar o papel ali! Lembro que foi um ônibus daqui até ali na aduana, e outro ia da escola pega eles, até a aduana. E daí quando a gente conseguia vinha os professores, algumas mães junto pra ajudar e era tranquilo. Nós conseguíamos ir mais com os nossos alunos pra lá do que eles pra cá! Só que nós queríamos trazer eles mais pra cá, pra eles conhecerem mais a nossa cultura. Mas assim mesmo, eles conseguiram saber, através da nossa sala de aula, o jeito que a gente vive aqui, conversar com os alunos, conhecer a nossa escola, nossos professores. Mas poderia ter sido muito mais! Na festa das culturas, que foi uma data que a escola criou, todo mês de outubro tinha essa festa, e então foi que a gente conseguiu trazer eles pra cá., pra essa festa das culturas. Lembro-me que tinha um senhor que tinha um casal de gêmeos, alunos meus lá na escola da Argentina e nós, tinha que trazer e ensaiar lá com eles, uma dança nossa, pra eles apresentarem aqui. Então perguntei na sala quem queria dançar e daí esse casal de gêmeos disse que queria, pois eles sabiam bailar. Eu disse, é dançar e não bailar e então eu disse pra eles que os pais tinham que vim na escola pra conversar melhor com a profe. Daí eles vieram, eram umas pessoas mais esclarecidas com mais cultura, então o pai

concordou e disse ainda que eles sabiam dançar o chamamé também e que dançavam muito bem. Daí ele perguntou se não dava pra eles dançar, daí eu disse dava, mas eu vou ensaiar com eles uma dança nossa e então eles dançam as duas, uma nossa e uma de vocês, porque era festa da cultura, cultura daqui e cultura de lá. Nossa aquele pai ficou tão feliz, porque imagine os filhos tão pequenininhos, vindo dançar aqui! Nem todos conseguiram vim, apenas os que tinham o pai em casa.

Um dia eu fui lá e disse assim, vocês fazem tanta “burrocracia”, vamos levar eles ali perto de casa, um fica um lado, outro do outro. Eu disse gente pra que a gente ficar correndo atrás de autoridade, se eles vem pra cá vender doce, chipa, pastel e daí pra levar eles ali perto do marco, eles sobem o barranco e o nosso ônibus espera eles e trás e não deixaram! Me chamavam de louca. E querendo ou não, desse jeito a gente estaria ensinando pra eles tudo que já existe e errado.

A **matemática** a gente trabalhava na primeira série, como eu te falei era muito verbalmente, não no caderno. Como quando foi trabalhado o sítio do pica pau amarelo, a gente perguntava pra eles quantos animais tinha naquele cercado, naquela pintura, quantos porco tinha, quantas vaca tinha, quantas galinha... Nós conseguíamos criar esse link com a matemática e outras disciplinas nos **projetos**, o que dava pra englobar a gente englobava, sempre falando a nossa língua, o português, não escrevia, só através de representação, desenhos, teatro, apresentações! Formas diferentes e tentando englobar todas as matérias, o português, ciências, matemática, todas.



Por exemplo, o **projeto** do sítio foi uma coisa extensa, dava pra trabalhar um monte de coisas. Nós fizemos a cesta com as frutas, quantas frutas foi em cada cesta ou, quantas frutas o colega colocou na cesta, porque isso tudo dependia dele. de como eles colavam. Então, tinha espaço pra **educação matemática** dentro do bilíngue com certeza, porque a gente aproveitava tudo, tudo que podia, a gente só não dizia olha agora é matemática, agora é isso, ou aquilo, era trabalhado tudo junto. Era uma globalização, uma coisa natural! Uma coisa ia puxando a outra.

Quanto aos **diferentes saberes** que eles traziam para dentro da escola, os saberes comuns deles, se a gente perguntasse, conforme a gente trabalhava, a

gente ia questionando eles, e na tua casa, como que isso aqui acontece, isso tem, você já viu isso, assiste isso na TV, porque eles só assistem coisa daqui, conheciam tudo! Então, eu acho que pra gente foi mais fácil trabalhar o português lá. Pois o brasileiro é um povo orgulhoso e ignorante e atrasado. Sempre o nosso é melhor.

Eu particularmente, porque tenho meus parentes lá, eu então sempre brincava, sempre falava com eles lá, nem que fosse meio errado, mas eu sempre participei, então eu falava, eu procurava falar mas o povo brasileiro tem vergonha e não quer aprender o espanhol e eu acho isso a pior burrice, porque você saber falar mais de uma língua, isso é muito importante! É um diferencial, e ainda mais vivendo em uma fronteira, porque pensa, você não saber falar a língua do país vizinho. E eu, eu admiro eles porque eles têm orgulho de aprender a falar o português.

E você pode ver, se você vai no mercado eles se esforçam pra falar a nossa língua e aqui no Brasil não! São poucos que falam a língua deles e tentam falar o espanhol com eles. E eles, que vêm pra cá, já chegam falando o português mesmo sendo Argentinos natos! A questão do preconceito do Brasileiro, eles não gostam do Argentino por causa do futebol, eles não gostam e vem aquela rivalidade e eu vejo, que o brasileiro é muito orgulhoso, isso é uma **dificuldade**, pelo menos, eu vejo assim! Eles não querem dar o braço a torcer e aprender essa outra língua. E admiro e tiro o chapéu pra eles, porque eles tentar falar o português, gostam, tem orgulho disso e se por acaso eles não sabem uma palavra eles vem e te perguntam, então eu tiro o chapéu pra eles! Teve uma vez que teve uma apresentação ali no marco, porque aquela vez nós não conseguimos trazer nossos alunos da Argentina, então foi feito ali no marco. Na hora de apresentar, nós fizemos eles subirem no barranco, porque o palco era no Brasil e os nossos aqui em cima, “burrocracia”, pra eles era emocionante tudo isso! E tava a RBS filmando, e daí foram falar com a Salete, a diretora, só que ela não quis falar. Por causa disso, de estar ali sem autorização e outra que ela não gostava de dar entrevista. Então mandou pra Lúcia, ela também não quis, porque não gosta. E me chamaram, eu tava lá em baixo com meus alunos, então eu disse pra Salete que ela era a diretora, ela tinha que falar, mas ela me disse que ela era a diretora, mas que ela não sabia como que a gente de fato trabalhava. A Emissora era do Brasil, a RBS, de Santa Catarina, Chapecó. E daí quando chegou à vez, eu não me lembro se a coordenadora não tava ou se também não quis falar. Então eu disse, mande eles pra cá, que eu vou falar, e eu lá do lado argentino com meus alunos, vou falar tudo o que é bom e o que é ruim, não vou

tampar o sol com a peneira. E a Salete disse, Neuza olha o que tu vai falar, e eu disse que ia falar a realidade porque que ninguém quer falar, e porque vão inventar o que não existe!? Eu vou falar a realidade, o porque que nós estamos aqui em baixo. E claro que perguntaram, porque não fizeram na escola, eu disse pura “burrocracia”. Os pais estavam no trabalhado, daí eu expliquei o que era trabalhado, e disse que eles precisavam da assinatura do pai, mãe e juíza, e eu expliquei tudo isso, que pra vender as coisas deles, ai eles podem passar pela aduana sozinhos, sem a autorização dos pais. Mas para a escola precisa dessa autorização dos pais e daí eu disse que era pura falta de interesse da SEDR daqui, da IPOL e o MEC.

Por causa do programa, devia ter se pensado nessa liberdade de ir e vir. E então, ele perguntou das nossas dificuldade. E eu fui sincera em falar delas, no entanto a gente teve problema com diretor e de Possadas, porque queriam que a gente ficasse de boca fechada e a gente não ficava! Nós não calava. No finzinho da entrevista, ele tinha feito às perguntas deles, se a gente se relacionava bem com os argentinos, com os país, como que era esse relacionamento e tals, daí eu disse que é claro que tinha coisas que eles achavam que não tinha que ser trabalhado daquela forma é eu disse, que sempre tinha uma coisinha, uma discordância no planejamento e tal. É natural, normal, é bom! Esses questionamentos e então ele me perguntou, e quanto à escola, o programa, tudo certo, daí eu disse não! Não tá tudo certo! Eu falei não podia dizer que tava tudo ás mil maravilha porque não era! Eu falei que era bom, que nós gastávamos que a gente fazia e falei que é claro, que existia aquelas diferenças que eu te falei o que um concorda e o que o outro não concorda, daí ele me disse que tinha mais uma última pergunta pra me fazer, quanto ao futebol, ele disse, daí eu disse que daí a coisa muda de figura, que vence quem joga melhor!

Essa rivalidade no futebol sempre existiu! Se até o Galvão Bueno disse que ganhar de outros países já é bom, imagina ganhar da Argentina, e eu não sei o porque. Mas eles dizem que o maior jogador do mundo é o Maradona e o Brasil diz que é o Pelé, e daí que vem essa rivalidade, entende?!

E tem também uma questão das terras, uma questão histórica. Pois Palmas, Clevelândia tudo pertencia a Argentina. E isso vem lá de antigamente das disputas, porque daí Dionísio Cerqueira leva esse nome, pois quem veio acertar essas questões das divisas aqui foi o general Dionísio Cerqueira, ele que tem todo o histórico que veio acertar. Porque não sei se você sabe que a divisa dos países, a

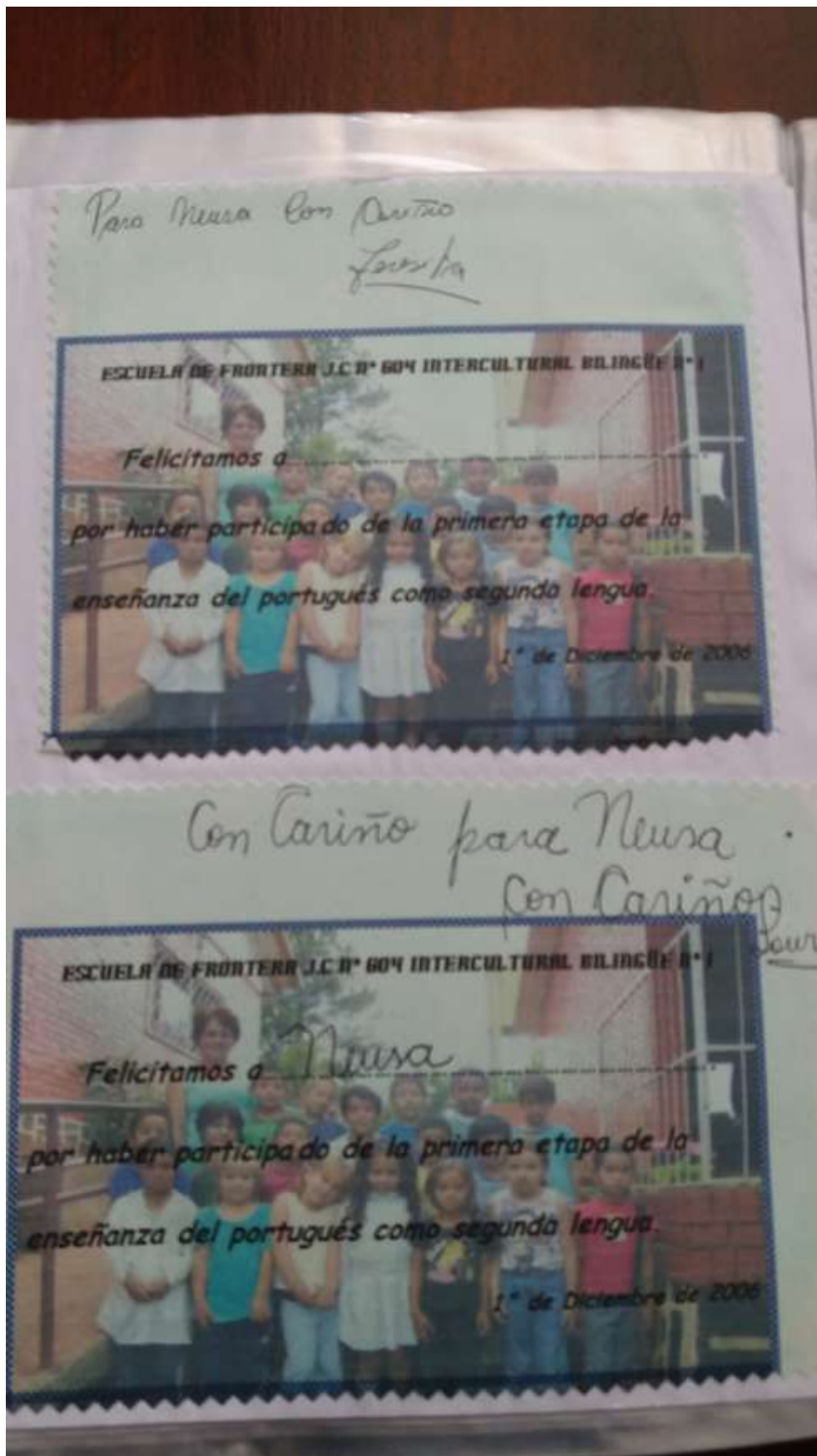
divisa dos estados é dado pela caída da água. Conforme corre a água e aqui, como não tem rio só tem a nascente do Pequeri ali em cima, então ali segue a divisa o lago, que o lago é nascente do rio Pequeri. Assim como é em Foz, como o Paraguai, a Argentina fazem a divisa e como pra cá não tem rio é divisa seca, dali que começou as confusões. Então como o rio mais perto era distante, ali que começou as confusões e aí quem resolveu essas questões foi o Dionísio Cerqueira, que daí ficou o nome da cidade e ele fez conforme o caimento das águas, porque tem uma maneira, naquele tempo não tinha aparelho, se usava as forquilhas pra ver onde que tinha água, pra identificar, era forquilha de pessegueiro. E diz que foi assim que eles foram determinando o caimento das águas e daí que foi gerando os **conflitos**. Eu até namorei um Argentino e ele meio que brigava comigo, que nós roubamos as terras deles. Na cabeça deles, foi uma coisa que foi tirada deles, roubado e não, foi por causa do caimento da água que determinou esse becos que ficou essa divisa meio estranha e ali, tinha realmente água era um banhado, se fosse vê então, a divisa tinha que ser mais pra lá mas como o terreno ali é em declive. Assim ficou determinado.

Meu pai nasceu aqui! Meus avós nesse terreno em Barracão. Meu avô foi um dos primeiros pioneiros, quando ele chegou aqui, porque ele veio de Clevelândia, ali de cima até no BNH pertencia a ele. e no fim sobrou esse terreno aqui de mil metros quadrados, aqui tiveram todos os filho. Meu pai serviu na época da guerra da Alemanha, ficou quatro anos. e quando ele voltou. ele ficou a disposição do governo federal, não só ele, todos que serviram, e daí ele casou com a minha mãe que tava esperando ele, porque namoraram desde os doze anos e daí foram morar lá em Santo Antônio, em uma chácara. Daí depois de dez anos chamaram ele pra trabalhar no correio, reaproveitaram ele, e então vieram morar aqui, ele comprou do meu avô com a finalidade de cuidar deles até o final da velhice e realmente cuidou e depois eu cuidei da minha mãe, porque meu pai morreu num acidente.

Eu sempre estudei aqui, fiz o primário no Leonor, o Magistério lá em cima no Doutor Mário e daí depois de muitos anos fui fazer a faculdade e a especialização. Comecei trabalhando numa loja, mas nem cheguei há trabalhar um ano, porque me formei em 77 e em 78 comecei a trabalhar numa loja e daí faltou professora na escola, e me chamaram, mas tinha que se formada e daí não deixaram, pois no começo de 78 me chamaram, a professora veio atrás de mim e disse que ia ter uma

turma pra mim. Trabalhei sempre como professora alfabetizadora, no Theodureto entrei em 78 e me aposentei lá em 2008. Sempre no Theodureto! Quando eu tinha apenas 20 horas, eu fui trabalhar na APAE, porque quando já estava no Theodureto eu tive a possibilidade de ir pra Florianópolis fazer um curso oferecido pelo governo do estado, e daí me aperfeiçoei pra trabalhar com deficientes mental, e então foi aberta uma classe e daí trabalhei lá. Eu trabalhei uns cinco ou seis anos com esses alunos e daí em outubro, foi que a gente tava fazendo festa do dia de criança, e um aluno me acertou uma bolada na perna e dilatou uma veia tive que me afastar e como no fim do ano, tinha que ter feito relatório dessa turma, pra enviar pra secretaria e como ninguém fez na escola porque eu não tava lá, foi que não abriu turma no ano seguinte para os alunos especiais. E quando eu voltei não teve mais como abrir, e daí que comecei a trabalhar com a alfabetização. Mas eu adorava, amava trabalhar com a educação especial! Eles são queridos, amados, eu sou apaixonada por eles, eu trabalhei oito anos lá e só sai, porque se aposentou uma professora e abriu vaga na Theodureto e era a minha vez de alterar a carga, e então fiquei com 40 horas. E me aposentei trabalhando com primeira série. Eu amava as primeiras séries. Pra mim, é ali que você molda eles como seres humanos, como você alfabetiza, a tua palavra é lei. E eles brigam com a mãe, o pai, porque a professora falou assim, ou assado. Eu senti isso na pele, porque eu não quis ser profe do meu filho na primeira série porque a diretora me disse, Neuza não pega seu filho na primeira série, eu peguei e senti isso na pele, ela me disse que teve que surrar a filha dela, porque se achava, subia nas carteiras. Então ela me disse, pela experiência dela, que não era pra eu pegar o Anderson na primeira série, pra eu não sofrer. E bem no fim, eu disse pro meu filho que era a diretora que escolhia que professora que ia ficar com qual turma pra eu não pegar a turma dele, porque ele queria muito. Naquele ano eu peguei a terceira, e daí ele chorou, como ele brigou! E na terceira série, eu fiz questão de ser professora da turma dele, e fui!

No bilíngue eu sempre trabalhei com a primeira série, porque eu trabalhava coma primeira série daqui, quem tinha o segundo daqui, ficava com o segundo de lá, e assim por diante.



Tinham muitos pais que eram contra o bilíngue, e nem mandavam os alunos pra escola lá na Argentina, já aqui no Brasil era diferente, aqui inclusive aumentou o

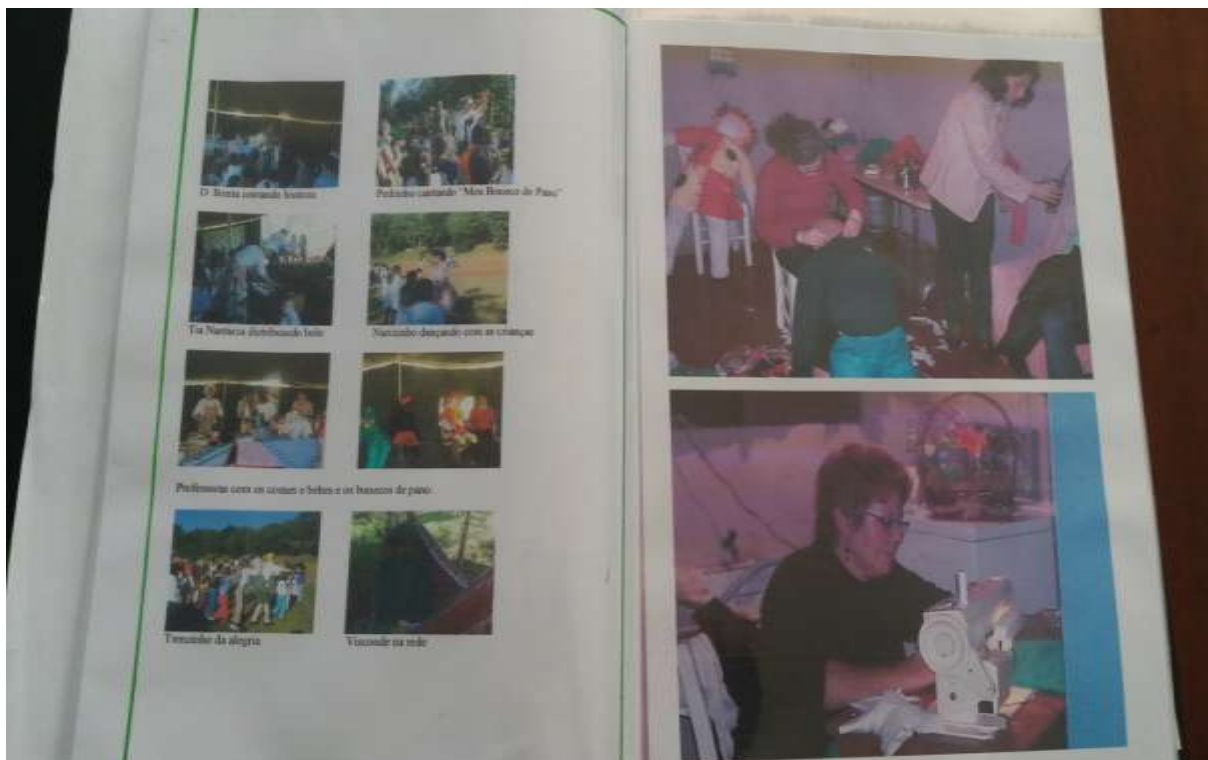
nosso número de alunos por causa do bilíngue, e a escola passou a ser integral, então eles ficavam o dia todo na escola, almoçavam na escola, então, aqui a procura aumentou.

Mas a minha paixão pela educação não acabou, e sempre pela primeira série, porque alfabetizar é algo, que eu sempre digo que alfabetização é como você pegar uma massa e modelar ela. Eu me lembro, que meu filho na primeira série, na hora de fazer o tema eu tinha vontade de surrar eles, porque ele teimava sempre foi um aluno nota dez, mas eu ia lá e ensinava ele, e ele dizia que não era daquele jeito que a professora tinha explicado, pense, eu era professora de primeira.

E hoje eu não tenho acompanhamento o bilíngue em nada! A única coisa que nós tivemos foi ali, quando completou dez anos, que aí lembraram de nós! Não sei por que a Lúcia não foi, e na hora de falar, lá no encerramento, que foi na Argentina a Dulcelina se foi e então sobrou pra mim, isso foi em 2015, e então a Stela da IPOL me chamou pra falar.

Meu filho sempre me diz pra não sofrer pelo que eu não posso conseguir, ele sempre me disse pra eu não me aposentar, porque eu ainda tava a mil por hora e porque eu era apaixonada pelo bilíngue, pelos pequeninos da alfabetização. Mas naquele momento, foi uma escolha minha sabe. E esqueceram de nós, mesmo todo mundo, a escola toda sabendo do nosso trabalho. Não é que quer engrandecer, mas valorizar o nosso trabalho, porque se não fosse nós, não teria existido aqui, esses belos anos de bilíngue!

A gente fazia encontro, no final do ano, fazia na casa de um, na casa de outro, e nós fazia a nossa comida para o pessoal da Argentina, vinha o pessoal da IPOL também uma fizemos aqui não era essa casa aquilo era minha vida! Às vezes acho que minha vida continua na escola era lugar de alegria, prazer, a gente realmente gostava! Então você se aposenta e perde tudo! Só pela palavra aposentadoria e sendo eu uma pessoa lúcida, que tem disposição.



Então, eu tenho um sentimento sabe isso que eu te falava antes, meu filho sempre diz pra eu não me martiriza, parar de sofrer, mas eu penso que grande perda, eu queria ter o poder, a liberdade de continuar sabe, que ajudar nesse bilíngue, nem que fosse de graça mesmo. Porque pra mim, aqui ali era vida, era vida! Foi nós que começamos, nós que sentimos na pele, foi nós que criamos o bilíngue, o bilíngue é cria nossa!



O nosso livro gigante acho que também queimou. Nós colocávamos aquele livro na porta do banheiro e saia de dentro dele o que me marcou até hoje, e eu sempre lembro, foi de um aluninho de lá, que tinha o cabelo todo enroladinho e depois que eu troquei de roupa e sai de lá porque eles não viam a gente se trocando e saindo, ele veio até mim, à gente tava ali dançando as músicas do sítio com eles, e ele veio e me puxou, pediu pra eu me abaixar e disse e esses que entraram, e não saíram do livro, eles moram dentro do livro, eles vão ficar lá dentro e eu disse pra ele que sim, que eles viviam lá, que quando eu abri a capa, a primeira folha, eles saíram a Emília saiu, e depois entraram tudo de novo, e ele queria sabe se eles iam viver lá,

então eu me dei conta, que eles nem percebiam que era nós, era tão mágico, tão encantador, que eles nem se davam conta, e daí eu disse pra ele que quando a gente abrisse o livro os personagens iam sair dali de novo e ele me fez me abaixar de novo e me deu um beijo e disse hermoso, que aqui ali era muito lindo, daí eu disse bonito, maravilhoso né, lindo!



Nós aprendemos muito com o projeto também, foi uma experiência, um trabalho, que eu digo, que só vou esquecer quando eu morrer, porque aquilo ali foi muita vida.

O porquê que me escolheram pra trabalhar no bilíngue, eu não sei, porque a Salete chegou na minha sala que eu trabalhava na última sala, era a sala número sete, e disse, Neuza, vai abrir o bilíngue aqui na escola e seria duas línguas, e daí você vai ser uma das professoras que vai trabalhar, e eu disse, tu tem que perguntar se eu quero, e ela disse que só ia me adiantar que eu ia ganhar a mais que as outras, era um cala a boca que já tava tudo definido. Mas eu nunca pensei de não aceitar, então ela me chamou, quando veio a Lúcia e eu disse que eu ia, porque eu gosto de desafio, gosto de aprender, gosto de coisa nova, e desafio é comigo! Já tive tantos na vida, tanto na vida familiar como no trabalho.

Essa minha fala, é da comemoração dos dez anos: O objetivo do projeto bilíngue não é domínio de uma língua estrangeira e sim a comunicação numa segunda língua em diferentes circunstâncias, o objetivo da primeira série era o ouvir

e falar, o da segunda série é o ouvir, falar e escrever e isso era fala do professor Gilvan. A sensibilização linguística é o gostar da outra língua sem cobrança, é espontaneidade da criança e a experiência da criança. A experiência das fadas, que eles trouxeram o pó da sabedoria foi trabalhado com a literatura infantil e as crianças adoraram. Os pontos positivos do bilíngue é deixar a criança criar pois o ato de criar faz com que a criança goste das atividades e do professor pois a fala e a escuta do aluno é espontânea e tem que fluir suas ideias as suas ideias e trabalhar a literatura infantil em forma de teatro, entrevistas, filmagens as atividades prazerosas e em momento alguns obrigar as crianças a participarem das aulas às vezes a filmagem das atividades e depois fazer autoavaliação das crianças é prazeroso ver a alegria delas se vendo na televisão complemento à oralidade e o lúdico que daí elas falam de tudo o que elas viram. As razões do bilinguismo a dimensão política, do projeto político global é a dimensão específica do projeto pedagógico, o ato pedagógico, práticas pedagógicas institucionais reais da escola são práticas reais dos professores, segundo CHARLOTE 2004. O conjunto fundamental de valores da educação e a educação em um determinado contexto de aula e a responsabilidade do professor, pois o professor tem que ser muito responsável pra coisa andar. O direito de todos a educação, no programa o tempo, do que é possível, e o fazer de que forma fazer de forma o projeto político pedagógico influência é o acreditar que todos os alunos podem aprender e que todos os alunos permaneçam na escola trabalhar com a diversidade cultural na tentativa de quebrarmos os preconceitos comuns nas regiões de fronteiras para uma convivência solidária e as crianças só aprender quando estão motivadas a ler o mundo. A beleza da linguagem sente-se as várias formas do dizer e segundo Mário Quintana que tem um pensamento muito bonito, que diz que o segredo é não correr atrás das borboletas, é cuidar do jardim para que elas venham até você, e trocando em outras palavras as borboletas são nossos alunos.

São os nossos aluno, então basta você querer bem a eles e mostrar isso pra eles, que eles vão gostar de você.

Como eu ia falar antes e esqueci, isso aqui, quando meu filho veio, e olhou, ele disse que coisa bonita, eu disse, Anderson resolvi fazer um painel, e aí ele me falou, Mãe, isso não é um painel! Isso ai é uma instalação. Que são coisas dos grandes artistas, que sem a senhora saber sem a senhora conhecer e estudar, a senhora montou uma instalação, que os grandes artistas como o Dunga, Arthur

Bispo do Rosário, Leonilson e Cormélia Parque, que é britânica, ai tem quatro brasileiros, que trabalham muito com instalações.

E o que eu te falei dos recortes, dos retalhos, a minha mãe falava e eu, fiz uma comparação antes dela morrer, eu tinha essa assinatura dela num papel, e ela queria, de madrugada, era umas quatro horas da manhã, ela queria, queria falar com minha cunhada, e pra mim, ela já tinha contado que ida longe, vista anjo. Minha cunhada chegou e ela disse, o vidro caiu, quebrou, e se foram às esperanças, e minha cunhada pediu o que ela quis dizer, e o vidro era ela, que tinha caído quebrado aqui, e aqui e não tinha mais como juntar tudo, então se foram às esperanças! E então, eu associei a fala dela com meus retalhos, o vidro quebra e não tem como juntar, e por mais que junte não vai ficar perfeito, e o retalho, consegue! Por isso, que eu digo que minha vida são retalhos, que minha vida muitas vezes se despedaçou e muitas vezes eu juntei ela de volta, como retalho, porque o retalho é mais fácil de juntar! E comparando, a criança é como um retalho. Porque você recorta, você arruma, você ajeita, vai, tenta de novo. É o processo de construção!

8 FATIMA ELENA ZAVAGOTA

FIGURA 18: COORDENADORA FATIMA ELENA ZAVAGOTA



FONTE: A Autora (2017)

Fatima é graduada em Português, possui especialização em Alfabetização Inicial, tem 35 anos de idade e há 12 anos é servidora do Estado, atuando na área da Educação.

No Programa de Cooperação Educacional junto a Escuela nº604 Jornada Completa a mesma atua como assessora pedagógica há onze anos (de 2005 até os dias atuais).

Quando conversei com a Dayani pela primeira vez, ela de imediato me sugeriu o nome da coordenadora Fatima da Argentina para participar também da pesquisa, em especial por ela estar desde o início no programa. Então, a Dayani me passou o e-mail da Fatima. No início fiquei com um pouco de medo por causa da língua, medo de eu não conseguir compreender, transcrever e textualizar a fala da coordenadora da Argentina. No entanto, eu também me sentia com o compromisso de ouvir além da Escola Theodureto, além do Brasil. Nesse sentido, me audaciei a buscar a Fatima, e verificar a possibilidade dela participar de minha pesquisa.

Assim que entrei em contato por e-mail, explicando quais eram meus objetivos com minha pesquisa, em questão de dias ela me retornou. Dizendo que não estava em Bernardo naquela semana, mas que em breve estaria de volta e poderíamos agendar. Foi o que fiz, posteriormente trocamos e-mail e agendamos para o dia 18/04/2017 a entrevista no período da tarde.

Eu não conhecia a Escuela 604 ainda, quando cheguei lá fui muito bem acolhida pela direção e os professores que estavam presentes, mas confesso que a estrutura da escola me assustou. É fato que aqui no Brasil também temos escolas com instalações precárias, mas aquilo me tocou. E falando disse, o que me chamou bastante a atenção foi a alegria dos alunos, mesmo faltando tanta coisa para elas.

Assim que a coordenadora Fatima foi chamada, veio um mulher muito jovem se aproximando, e se apresentou então como Fátima. Fiquei muito surpresa, pois eu esperava uma pessoa bem mais velha, visto que está a frente do programa ali há mas de 11 anos. Com muita simpatia, a Fatima buscou um lugar que pudesse conversar com um pouco mais de tranquilidade, mas como ela mesma colocou, a escola te todos os seus espaços ocupados. Sendo assim, nos ajeitamos no refeitório. Onde posteriormente veio os alunos que tinham aula de música, então tivemos alguns sons ao fundo da entrevista e algumas pausas, mas nada comprometedor.

Assim que nos sentamos na mesa do refeitório, lado a lado, expliquei para a Fatima novamente como era minha pesquisa, do que se tratava a metodologia adotada, e ela se mostrou muito receptiva a tudo e aberta a contribuir com minha pesquisa. Sendo assim, ela assinou os termos e preencheu o roteiro inicial para a entrevista, enquanto eu ia posicionando as palavras-chaves sobre a mesa e ajeitando os gravadores.

Confesso que além da idade da colaboradora, outra coisa que me surpreendeu também, foi a sua fala, muito clara e fácil de compreender. Acho que pela sua formação mesmo. É claro que algumas palavras ela usa o espanhol, em outras até mistura com o português com o espanhol, mas foi bem tranquilo pra mim compreendê-la e seguir com os procedimentos do pós entrevista.

A colaboradora Fatima se baseou nas palavras-chaves que elabore. Sua fala foi muito clara, a depoente falava devagar e muito objetiva em sua colocações. Durante a entrevista, eu também participei bastante fazendo novos

questionamentos, foi quase que uma conversa, onde a depoente se sentiu bem a vontade.

Gostei muito de conhecer a Fatima e principalmente de conhecer a Escuela 604, pois assim pude compreender melhor a fala das outras participantes. E também a Fatima me deixou mais consciente de como era e como é o programa hoje na sua visão. Quanto as mudanças que foram ocorrendo, algumas positivas outras nem tanto.

Após transcrever e textualizar a fala da depoente, no início do mês de julho enviei todo o material para a colaboradora, para que ela conseguisse ler com calma e analisar tudo, antes do nosso encontro.

No dia 24 de julho de 2017, as 14 horas fui novamente até a Escuela 604, para conversar com a Fatima, ver as alterações que ela julgasse necessário e para a assinatura da carta de cessão. Quando cheguei lá, ela também estava chegando com sua filha no colo, tinha vindo a escola especialmente para nos encontrarmos. Assim que entramos, nos dirigimos para a sala de professores, que estava cheia, pois era dia de retorno as aula, então a colaboradora me apresentou a todos, e encontramos um cantinho para sentar ali mesmo.

Fatima de disse que leu com muita atenção os textos, e que se identificou muito, afirmando que ela fala muito mal o português. Mas que não teria nenhuma modificação ou recorte para fazer. Ela também agradeceu a possibilidade de participar e compartilhar o que ela viveu e vive quanto ao programa, pois pra ela o conhecimento deve ser compartilhado. Então, após assinatura da carta de cessão, eu a entreguei a lembrança e nos abraçamos.

Foi muito especial conhecer essa colaboradora e a Escuela 604.

Eu acho que vou começar pela **implantação do programa**. Eu estou desde 2005, mas as pesquisas sobre o falar dos alunos, sobre a escola e sobre a escola irmã ou escola gêmea como a gente chama, que é a Theodureto, começou em 2004, porém eu não acompanhei, apenas fiquei sabendo depois por documentos e escritos de como foi este processo.

Eu iniciei em março de 2005, quando foi o lançamento do programa. Nesse começo, tínhamos professores do Brasil vindo para a Argentina e como até hoje é assim, os professores da Argentina, indo para o Brasil. Começamos pela primeira série, depois passou a ser segunda, depois terceira, quarta e quinta série, e assim por diante. Na verdade faltaram dois anos para fechar tudo, porque a gente só chegou até a quinta série, porque depois o programa não conseguiu mais avançar, seja por questões políticas, por falta de verba, etc... Então ficamos até a quinta série e até hoje funciona assim.

Quando eu cheguei, o programa já estava sendo **implantado**, eu participei de uma formação, que foi para todos os professores, ficamos uma semana em Corrientes na Argentina, e assim que retornamos, em março já começou o cruze, as aulas com os alunos. e á partir dali, eu comecei a acompanhar, até os dias de hoje, sim! O cruze sempre aconteceu duas vezes por semana, terças e quintas-feiras, e até hoje é assim, continua duas vezes por semana.

Falando da **capacitação dos professores**, que hoje está bem fraco! Em 2005, quando se iniciou o programa, 2007, 2008 e 2009 tínhamos muita formação de professores, seja de como trabalhar com projetos, de como trabalhar com a **interculturalidade**, de como ver o outro de uma maneira que seja uma pessoa que pode ajudar e não atrapalhar! De não enxergar apenas as diferenças. E a partir de 2008, começou cada vez ter menos formações, até que, acho que fazem uns três anos que os professores não tiveram mais formação! Seja de como trabalhar com projetos, de como trabalhar em escolas bilíngues. Geralmente a formação que acontece se dá por parte dos próprios professores, da própria escola, porque antes, isso era só feito por parte dos assessores. Eu não acho essa mudança uma questão ruim, porque somos nós que estamos na escola, que estamos no programa, e não os assessores, e as formações de professores, vinham muita gente de fora dizendo como deveria ser trabalhado, e na verdade, quem trabalhava na sala de aula, trabalhava com os alunos era os professores, e na verdade, eles que sabiam das **dificuldades**.

No inicio, nós tínhamos pessoas da IPOI, do MEC de Buenos Aires nos assessorando, e muitas vezes eles traziam experiências que foram dadas em outras escolas interculturais, que não tinha nada a ver com essa fronteira, pois cada fronteira é uma questão particular.

Existem pontos positivos de **trabalhar com projetos**, porque o professor, geralmente, está acostumado a só uma disciplina e outro professor com outra disciplina. E o projeto, nos ensinou a trabalhar de uma maneira conjunta! Todas as disciplinas em um só projeto. Isso foi muito produtivo porque os professores não estavam acostumados a trabalhar assim, a trabalhar de uma forma conjunta, também teve os lados positivos.

O IPOL que dava o assessoramento no início, pras duas escolas daqui, juntas, geralmente a formação se dava de forma conjunta, com as duas escolas, depois, também nos assessorou, a faculdade de Realeza, a Fronteira Sul. Mas nem estão mais no programa. Hoje, da parte pedagógica, de formação de professores, não temos mais nada!

Nós estamos parados esse ano ainda, com o cruze, porque nós não temos recurso! Tanto recurso econômico, como também estão faltando papéis, que é a parte burocrática, porque o professor esta saindo da nossa escola, pra ir trabalhar em outra escola e precisa do diretivo, precisa de uns documentos. Porque se não, é muito compromisso, porque a gente está saindo da escola pra ir pra um outro país, sem um documento! A parte burocrática, ainda está parada esse ano! Nós já temos os professores aqui para começar o cruze, pois os nossos professores são os efetivos, então recurso humano a gente tem, falta a parte burocrática, e liberar a parte de verba, porque os professor precisam do táxi pra ir pra escola de lá, pois nós ainda contamos com esse recurso, que é pagado pelo MEC, pelo nosso Ministério. No Brasil já não mais assim, eles tem que vim com seu recurso próprio. No começo, as professoras brasileiras acharam isso uma dificuldade, mas agora quem se oferece, quem se dispõem, já sabe, que terá que se organizar com seu próprio recurso, então ela pode aceitar ou não. E se pensamos no caso, é perto, é fácil de se mobilizar, inclusive, nós muitas vezes quando não recebemos o recuso, verba, a gente tenta ir com nosso carro também. Pra não parar com tudo, no ano passado, aconteceu isso, tivemos que ir com nosso carro pra economizar verba.

Desde que a migração está na aduana, eles não deixaram mais os alunos passar. Eu acho que foi em 2010 ou 2011 a última vez. Hoje os alunos não podem vim sem a autorização dos pais, os pais tem que ir no cartório, tem que pagar uma taxa, e muitas vezes os pais não tem o dinheiro, ou as vezes, nem tem aquele tempo de ir lá, porque todo mundo trabalha. E daí fica difícil, bem difícil! O encerramento dos projetos é trabalhado lá por eles, e nós fizemos aqui, o que é uma

pena, porque o início era muito lindo, porque era feito junto e todo mundo ficava junto. Realmente é uma pena que os alunos não possam vim e conhecer.

Um ano, a gente tentou fazer no lago! Eu estava de licença maternidade naquele ano, dizem que saiu muito, muito lindo! Só que, diz que ali no lago é muito, muito perigoso. Porque a criançada, água e tudo. Porque daí o professor sair da sala de aula e daí o professor é totalmente responsável em tirar a turma da sala de aula, então o professor também fica com medo, porque não tem um respaldo. Porque se a gente faz num horário noturno e daí convida os pais, muitos deles não vão, então a gente prefere fazer dentro do horário escolar, mas o professor tem que ser totalmente responsável! É bem difícil, porque o professor, ele não quer se comprometer, e é algo lindo sim, mas é muita responsabilidade. E a criançada, eles não são fácil! Eles são pequenos, e daí a gente tem que se mobilizar caminhando daqui até o lago e cuidar deles lá, porque a gente não tem essa possibilidade de contar com o transporte escolar como tem lá no Brasil. Porque aqui nós não temos transporte escolar. Aqui não existe! Então, quando chove aqui, os alunos não vêm pra aula, porque eles não têm como vim, entende?! Porque não tem transporte e os pais deles não tem carro, eles são muito humildes! Então, quando chove, eles não vêm! Dois, três alunos como máximo... Muitas vezes, é dia de cruze, e daí o professor tem que tirar uma atividade da cartola porque só tem três alunos.

Poderíamos então falar do **passado, presente e futuro do programa** A gente falou agora do passado, de como era, como começou, e que era muito político e que hoje em dia, muita coisa mudou. Houve sim muitas coisas positivas e enquanto verba, e enquanto formação tudo isso está recortado, está parado, e acho que o futuro, do programa, porque quanto programa, eu acho ele um excelente programa, mas enquanto programa, ele não tem um respaldo. Eu não sei se hoje em dia, as pessoas que estão no comando, que estão no MEC, elas não enxergar isso como algo produtivo, então, o programa bilíngue de fronteira é português e espanhol, e o bilíngue espanhol e guarani, e o que tem que ver com o guarani e o espanhol. Ele esta bem, tem verba, tem recurso, é diferente, porque são muitas escolas. Já nós, somos apenas duas escolas em Misiones., e está esquecido! E não se conseguiram fazer mais escolas, porque nós aqui de Misiones, nós fazemos muita fronteira com o Brasil, e só ficaram a número um e número dois e não conseguiram fazer mais. E não conseguiram expandir o programa, que é uma pena! Então, o futuro do programa é incerto, depende muito de quem está á frente do

programa... Se quiser que vá pra frente. É algo muito incerto, é uma coisa positiva, mas muito, muito incerta! Que não tem muito respaldo.

Os pais dos alunos do programa, eles acham muito positivo porque eles escolhem a escola justamente pelo programa. É um diferencial! Justamente desses pais que vem de fora, que eles veem que eles vão aprender o português, e pra eles isso é uma coisa positiva. As vezes, os pais dos alunos que já falam o português., eles não enxergam essa necessidade, porque o aluno já sabem falar o português, mas tem muitos pais que acham muito positivo, eu acho que a maioria dos pais acha positivo, um diferencial. Tem muita gente procurando a escola justamente por isso, pelo programa.

Eu pouco visito a escola lá do Brasil, porque eu faço o acompanhamento do professor, mais diretamente ao trabalho do professor, o meu trabalho é acompanhar os professores. Porque a minha responsabilidade é aquilo que o professor vai desenvolver com os alunos lá, minha responsabilidade é fazer o acompanhamento do professor, e tenho sim o contato com os alunos de forma indireta, porque meu trabalho é mais especificamente com o professor, aquele que vai até o Brasil.

Falando de **conflitos**, como nós não conhecíamos e era novo, tudo muito novo, tudo diferente. E como cada ser humano, às vezes, digo que cada um reage de uma maneira diferente, até de forma negativa á aquilo que lhe é novo, por próprio medo do desconhecido, acho que isso é próprio do ser humano. Mas os professores, eles conseguiram se enturmar, e eles conseguiram fazer projetos maravilhosos, respeitando o ponto de vista e a diversidade tanto do brasileiro como do argentino, então eles conseguiram fazer projetos maravilhoso e juntar os alunos, então, eu acho que houve sim conflitos quanto a horários, dias, porque cada um tem suas diferentes atividades. Então, às vezes, não se chegava num acordo. Mas eu acho que os conflitos foram menos, em relação ao produto final dos projetos que foram desenvolvidos em todos as séries, porque tinha projeto da primeira, da segunda, da terceira e inclusive aqueles professores que não lidavam diretamente com o programa, com o cruze, porque eram professores da sexta e sétima série, eles conseguiram trabalhar de forma conjunta também.

A gente também sempre participava dos atos pátrios, por exemplo, sete de setembro lá no Brasil e eles participam do vinte e cinco de maio nosso, que é o nosso ato, então já que não conseguimos juntar os alunos para o encerramento, pelo menos nesses casos especiais a gente consegue! A gente traz uma turma

pequena, mas a gente consegue. Sempre com o acompanhamento dos pais, porque a gente não pode atravessar a fronteira sem a autorização, o que é uma pena, porque o núcleo do projeto seria poder integrar os alunos. Então, eles só conhecem as coisas através dos professores, mas já é alguma coisa. Eles tem muito desejo, muita curiosidade de saber como são as coisas no Brasil. Teve uma vez que a gente fez eles escreverem cartas, então através das cartas eles puderam contar alguma coisa que eles fazem aqui e para um colega do Brasil, para que eles pudessem se comunicar.

E falando da **interculturalidade**, isso é um tema que deu muito debate e está dando ainda! Porque interculturalidade, eu acho que é uma linhada que atravessa todos os aspectos da vida, a gente tem que ver que moramos em uma sociedade que é intercultural, e não só pelo fato de que nós vivemos na fronteira, e sim pelo fato de que cada família, cada ser humano é uma pessoa que tem costumes, tem pontos de vista, tem suas religiões, e que tem que ser respeitada!

Então, o que o professor compreende aqui por **interculturalidade**, deve ser levado em conta dentro da sala de aula, e eu acho que uma coisa muito positiva abrir essa mente do professor, para que ele possa respeitar aquele aluno, como um aluno diferente e não como um aluno igual aos demais. A **interculturalidade** sempre foi tratado dentro do programa, só que a gente não conseguia entender muito bem o porque era tão importante a **interculturalidade**. Seja pelo fato de viver na fronteira, mas a **interculturalidade** vai além de morar em fronteira, é muito importante para qualquer um. Então, isso é muito positivo para que o professor consiga trabalhar com a diversidade, com a **interculturalidade** dos alunos, acho que isso foi um avanço! Um avanço positivo! Porque com o programa, veio ali a oportunidade dos professores conhecerem, isso foi o principal, o respeito pela diferença! O respeito pelo outro, pela diversidade porque no Brasil é assim, e aqui não é assim. Porque eles se vestem assim, porque eles comemoram assim, e porque se eu não conheço, pra mim vai ser estranho. Agora quando eu conheço, eu vou dizer, então é por isso! Por essa razão que eles são assim, se justifica. Então, só conhecendo que eles vão passar a respeitar aquilo.

Os alunos do primário, eles geralmente não percebem o que é do outro e o que é deles, como eles moram na fronteira muitas vezes eles pensam que festa junina é próprio nosso, então eles confundem. Muitas vezes eles dizem amanhã é feriado, e eu digo, não amanhã no feriado no Brasil e nós estamos na Argentina,

então as vezes eles nem sentem essa diferença, porque em suas casas eles assistem a televisão brasileira, eles escutam e as vezes eles confundem.

Para o professor do Brasil que vem trabalhar na Argentina, isso é bom, facilita, pois o próprio aluno já fala o português, já escuta músicas brasileiras, vê TV brasileira, então eles entendem muito bem o professor, muitas vezes, a **dificuldade** parte é do professor em compreender eles.

Pra nós, essa troca constante de professores é uma **dificuldade** para o programa. Porque o professor, ele não tem essa formação de espanhol e de repente ele vem trabalhar com um grupo que só fala o espanhol, então às vezes, eu sinto que ele se desespera, e a gente não pode acompanhar todo o tempo esse professor, porque somos duas assessoras e são doze turmas. Tentamos acompanhar ao máximo, mas não consegue estar todo o tempo nessa sala, então, às vezes a gente percebe que ele tem essa **dificuldade** de compreensão, que o aluno pergunta uma coisa e ele acaba nem respondendo, porque ele não entendeu aquilo que o aluno perguntou.

As professoras daqui, dizem que é bem difícil trabalhar lá, porque eles não conhecem nada do espanhol, não entendem. Então acaba que às vezes a professora tenta arriscar alguma coisa do português, o que não está recomendado. Pois não é esse o objetivo, não está recomendado porque ele vai lá ensinar um conteúdo através da língua espanhola, então se o aluno sabe que o professor também sabe o português, ele fica questionando em português. Não é o recomendado, mas acaba acontecendo, porque esse professor precisa se comunicar. Mas é uma coisa muito incrível como eles aprendem as músicas, como eles cantam.

Uma **dificuldade** que a gente teve foi quanto ao tema disciplina, porque o aluno ele respeita aquele professor que vai por a nota pra ele, que está todo o tempo com ele, então quando chega outro professor que é de outro país, que eles sabem que este não vai por nota, daí fica difícil. Agora como os professores que trabalham no cruze não são os mesmos da sala de aula, e a professora da sala fica nesse momento, ela acompanha, sempre que o maestro precisar de ajuda elas estão ali, então elas ajudam um pouco com essa questão de organização e disciplina também.

Quanto aos **diferentes saberes dos alunos**, é possível aproveitar isso no programa, porque o aluno não é uma tala rasa, ele vem com um conhecimento prévio que deve ser aproveitado! Deve ser aproveitado na sala de aula o seu saber

comum! E falando de língua, eles conhecem mais do que lá no Brasil, eles conhecem a nossa da língua espanhola. Mas aqui na Argentina eles conhecem e muito da língua portuguesa, e isso, o professor sempre está aproveitando, o professor sempre tem que aproveitar isso! Isso é positivo!

Os nossos alunos adoram o português, adoram mesmo o português! Aqui na nossa escola, eles gostam muito do português! Eles gostam das aulas de português. É como que se eles tivessem a licença para falar aquilo, que muitas vezes a professora da sala, que fala só espanhol, eles acabam tendo vergonha de dizer, porque não falam a língua da professora. Eles não dizem isso, mas a gente percebe!

Eles se sentem mais a vontade, porque fala a língua deles, o portunhol, que é o mesmo de assistir uma TV no domingo, se sentem na mesma sintonia. E eu sinto isso! Quando eu vou à sala acompanhar o professor do Brasil, eu vejo que o aluno ele se sente bem à vontade. E talvez isso tenha muito a ver com o viver em fronteira, porque a gente tem muita influencia dos meios de comunicação do Brasil aqui na Argentina! E isso já vem de muito tempo! Porque pra nós, a TV a cabo é recente, fazem dez ou doze anos que temos, mas a realidade dos alunos é que eles não tem a possibilidade de ter a TV a cabo, não tem internet, então, eles acabam assistindo com as parabólicas, e sintonizam a globo, e também a rádio fronteira, então é comum pra eles que muitas vezes já tem os pais deles oriundos do Brasil, então muitas vezes, eles já mamam essa cultura desde que nascem, já vem de berço e então como que eles não vão gostar de algo que gosta seu pai, sua mãe gosta. Por isso que eu falo para os maestros, sempre que tenho a possibilidade que eles têm que respeitar isso que o aluno traz de sua casa, seja português, seja portunhol, seja a prática que aprenderam em sua família, tem que respeitar! Porque dizer que isso é feio, que isso nós não podemos! Não pode! Não pode desvalorizar, porque é próprio deles. É como dizer que isso que tu fala é feio, é sem valor.

E **viver na fronteira**, eu que toda vida vivi na fronteira, acho bem positivo, porque a gente aproveita as coisas que tem a possibilidade de aproveitar no Brasil, vejo que os brasileiros fazem esse intercâmbio, se tem algum evento que a gente pode assistir a gente vai e assiste. Se tem algo que é conveniente comprar lá, a gente vai e compra. A gente está atravessando a aduana e a gente nem pensa estou passando para o Brasil, é automático, a gente vai e vem e não percebe e nem está pensando nesse passar de um país pra o outro.

O objetivo do programa é isso, amenizar **conflitos** e rivalidades! É poder olhar para outro, com olhos de compreensão, ajudar o outro, com o olhar de que somos uma sociedade intercultural, uma sociedade de fronteira, que ao invés de dar as costas, deveriam se ajudar. Porque historicamente ficam os **conflitos** de terra, coisas que já vem de muito tempo, mas isso ficou lá na história e hoje, nós somos outra sociedade! E hoje em dia, nos somos outra sociedade, com outra mentalidade e é isso, que nós temos que passar para os futuros.

Dificuldade é o que a gente falou, dos **conflitos**, mas hoje em dia as dificuldades do programa são quanto a parte política, recursos, verba, apoio, troca dos professores, material didático. E quanto ao Brasil ter professores próprios para fazer o cruze, não mais os da sala de aula, eu vejo ser melhor, porque eles esperavam que a gente chegasse, que o professor argentino tomasse posse da turma e porque não pode deixar o aluno lá desassistido e vim pra cá, e as vezes o cruzar a fronteira demora tempo, tem fila, então as vezes demora e o professor chegava atrasado aqui. O professor argentino, que era contratado pela escola, ele ficava sozinho com os alunos, e às vezes precisava de apoio e tinha que ir falar com a diretora ou assessor, era complicado, e hoje em dia ele vai e fala direto com o professor da turma, e diz olha, eu to com **dificuldade** com esse aluno, como você trabalha, como que você faz. Tem esse contato direto! Eu acho isso positivo, é uma conquista!

O grande problema é a questão da troca de professores, nunca se mantém os mesmos para o cruze, e isso é uma **dificuldade**. Muita, muita mudança de professor, todos os anos temos professores novos e a gente não pode fazer nada. Uma vez veio uma professora, que eu não lembro bem que cargo político que ela ocupava, essa professora ela falou uma coisa bem certa, acho que ela é lá de Florianópolis, e falou que quem não gostava deveria de pedir para ser afastado, porque aquilo que a gente faz sem vontade, aquilo nunca que vai ser produtivo! Só que às vezes o professor ele precisa daquele trabalho.

No início, para escolher os professores da Argentina que iriam participar do cruze, o diretor que conhecia os professores, ele propôs a três professores que eram excelentes, professoras que ainda continuam sendo na nossa escola, professoras de alfabetização, professoras que sempre trabalharam com a primeira série, essas professoras tinham muita facilidade em trabalhar com músicas, com contos, histórias. Coisas que são próprias do primeiro ano, das crianças menores, então ele

viu que essas professoras tinham essa facilidade e então ele ofereceu e as professoras aceitaram, e foi assim que começou o cruze.

A gente sempre planejou junto, mas no começo não era **por projeto**, acho que no primeiro ano não era, porque a gente não foi orientado a trabalhar por projetos. Eu lembro que por exemplo nós escolhíamos contos mágicos, contos infantis, daí trabalhava os tradicionais como chapeuzinho, um pouco da cultura brasileira, e assim por diante. Então elas sentavam pra planejar e viam por quanto tempo poderiam desenvolver esse tema, mas não como um projeto que abrange outras áreas. Acho que foi a partir do segundo ano, que a gente foi orientado a então a trabalhar com o interesse do aluno, a levar em conta essas questões para poder então armar um **projeto**.

Infelizmente, a **formação do professor** não é para trabalhar de forma interdisciplinar, pelo menos dos nossos professores daqui. E até hoje não é assim, agora é hora de geografia, agora é hora de matemática, agora é hora de ler; é tudo separado! Até hoje eu vejo que é bem difícil trabalhar de forma integral, então os professores do cruze, que já tem mais experiência, eles montam o projeto e tentam abranger o número de disciplinas maior possível. E nós temos professor de música, de educação física eles não fazem o cruze, mas tentam se encaixar naquele projeto que foi proposto para aquela turma. Colaborar, mas nem sempre a área de educação consegue se encaixar, música é mais fácil. Mas é difícil, porque às vezes pega o professor que tem poucas aulas e então ele vem pra fazer o cruze e as vezes por telefone ele está dizendo que como trabalhou, como eu posso fazer. Às vezes acaba que porque eles não têm a hora atividade, pois aqui nós não temos! Não existe isso aqui!

Os professores do cruze, eles tem a hora atividade. Mas eu, por exemplo, tenho quarenta aulas e são quarenta e duas horas, aqui na Argentina isso não existe! Não existe hora atividade! E eu acho positivo isso do brasileiro, e acho que nós tínhamos que brigar por isso! Porque ter que fazer tudo em casa. Até eu quero pessoalmente fazer uma fala pessoal, porque eu tive que tirar, me afastar porque eu não tenho tempo, ou estou em frente ao aluno ou estou em casa. Tudo pra fazer em casa! A gente não tem!

Com o programa, no começo como era os maestro que ia para o Brasil, então a hora atividade era quando um professor de arte ou educação física estava em aula com o aluno, e isso quanto não tinha ausências, por que se tinha, era o

maestro que tinha que assumir essas aulas também. Então foi bem complicado no começo, até que agora conseguimos esse professor, que tem 40 horas e faz o cruze, então ele faz o cruze duas vezes na semana e nos outros dias, ele tem pra preparar, que na verdade o planejamento é quarta-feira de manhã e tarde, o dia todo, porque se a direção precisar de apoio na segunda ou na sexta, eles tem que colaborar com a direção.

E o cruze exige muita dedicação, fazer coisas para levar, tem que preparar a aula, não pode improvisar! Então, eu acho que isso foi um ganho pra nós. Há partir de 2007 que começou assim, com professor para o cruze exclusivo, porque não tava dando certo! Então, ainda bem que agora as coisas se ajeitaram!

Geralmente o professor não especifica no planejamento o que foi trabalho de cada disciplina no projeto, porque geralmente é o ouvir a falar e que eles gostem da outra língua. E durante a aula, as coisas vão surgindo, e o professor ele não vai preocupado pensando que vai trabalhar esse texto porque ele tem **matemática** ou geografia. Ele trabalha porque é lindo, ou porque tem um final feliz, pra despertar o interesse dos alunos, mas não tem essa intenção da disciplina específica. Isso surge e é trabalhado naturalmente, tudo junto, mas sem uma intenção específica em nenhuma área, porque se você vai trabalhar um texto, você não trabalha coisas que tem a ver com a língua em si, mas um texto que tenha a ver com o que os alunos possam inventar, usar sua imaginação, que eles possam trocar o final, que eles possam cantar a música, mas nunca se pensa em uma disciplina específica e sim que possam ilustrar, recontar... Tanto a **matemática** como as outras disciplinas, elas surgem e são trabalhadas, mas não é o objetivo principal, o objetivo é que eles aprendam um conteúdo, sei lá, se estão trabalhando sobre animais, que eles aprendam sobre os animais, escolhendo se vão estudar o elefante ou o leão, nessa outra língua.

Como também o professor da sala sempre está lá acompanhando, e como é um projeto em conjunto, também reforçando, mas o professor da sala ele tem outras cobranças, porque ele tem que chegar no final do bimestre com tudo, com as notas e a gente tem que preparar os alunos, porque as vezes eles saem daqui, vão pra outras escolas e eles tem que continuar.

Os professores trabalham muito a compreensão do texto, saber contar, interpretar e falar para o colega a sua opinião; e isso é mais importante do que saber que ninho se escreve com nh, mas que ele entenda o que significa ninho.

Expressar-se e o que quer dizer na outra língua. Porque de nada serve que eu saiba escrever corretamente um texto se eu não sei o que significa, pra que eu posso utilizar, pra que me serve no meu dia a dia. Eu acho que o **projeto**, ele tem outros conteúdos que não são os tradicionais, das áreas... Ele vai muito, muito além disso!

Porque no início, nós não entendíamos como **trabalhar por projetos**, onde que vai ficar aquilo que está ali no currículo que eu devo ensinar, então os professores ficavam loucos, porque aquilo que estava ali no projeto não tinha no currículo, e até nós, porque nós temos uma preocupação que o nosso currículo é muito, muito velho, então o professor já nem utiliza mais isso pra planejar porque ele é 1997. Nunca foi atualizado! Então os conteúdos que já não são conteúdo para uma sociedade de hoje em dia... E nos temos o NAPS que são os núcleos de aprendizagem prioritário e que são por disciplinas ali, que tem seus objetivos, seus conteúdos são mais atualizados, então ali o professor trabalha mais com isso, porém aquele professor tradicional fica louco quando tu propõem pra ele **trabalhar um projeto**, porque no projeto não aparece aquilo que tradicionalmente está no currículo, então ele fica louco! Daí que a gente tem que explicar, fundamentar o porque que é importante para o aluno que ele saiba se desenvolver, que ele saiba se integrar, que ele saiba respeitar! Mas ali o professor fica louco, porque ele quer que o aluno saiba quanto é dois mais dois, e pronto!

E até hoje tem uma brecha entre a teoria e a prática, eu sei porque eu trabalhei na formação de professores e eu vejo que muitas vezes as coisas teóricas não se condizem com as coisas práticas. É muito diferente! Outra coisa que tem que se destacar, é que muita vezes o professor que está na formação de professores, estão tão fiel a esse tema e depois vai pra sala de aula e se encontram com um aluno que está muito diferente do tradicional, e então, muitas vezes esse aluno tem que se ajeitar e trabalhar da forma que o professor pede, tem que se adequar, então muitas vezes os alunos ficam ali na corda bamba, porque tem se adequar! É bem difícil! E deveria ter um consenso de todos os estudos, tanto da formação de professores como um equilíbrio de que hoje em dia os alunos precisam. Pois são realidades são totalmente diferentes!

E também, porque a **formação de professores** ela só trabalha o professor para que ele trabalhe dentro do contexto da Argentina, não está previsto um professor que vá fazer o cruze! Não está previsto! Eu desde a minha formação, desde o meu ponto de vista, eu tento levar para a sala de aula, para os professores,

contar a realidade de que eles podem trabalhar em uma escola bilíngue aqui ou eles podem trabalhar em uma escola bilíngue guarani, então eles têm que ser reflexivos, abertos para trabalhar com essa realidade que não é sua! E eles ficam com medo às vezes. O medo do desconhecido!

Às vezes, a gente que está na fronteira não vê essa diferença, porque convive todos os dias com isso, mas quem vem de fora, é bem diferente! Atravessar a fronteira parece tão fácil! E tão distante ao mesmo tempo, é a realidade!

O projeto, eu acho que ele como projeto é muito lindo! Só que muita coisa que está no papel precisa sair do papel! E fazer-se efetivo, porque se não ficou, e está ficando e ficará só no papel! Não evolui. O professor para ser um professor que trabalha com projeto de forma conjunta, ele tem que ser um professor muito aberto! Aberto para o diferente, aberto para mudar aquilo que ele achava que ia dar certo e aberto para ver a realidade com outros olhos e não pensar que essa realidade que ele vive. Essa é a verdade, porque muitas vezes pensamos que a nossa verdade é única e a verdade do outro nunca é importante, então eu me conheço a mim como diferente a partir de que eu sei que o outro é diferente! A questão é o respeito pelo outro, por aquilo que é diferente; daquilo que não é igual a mim, acho que isso é fundamental! E isso, eu tento passar todos os dias para os meus alunos, que a diversidade existe e que não podemos medir a todos com a mesma régua, que todos somos diferentes, então ver e respeitar essa diferença!

Porque nós, como professores, nós temos um compromisso muito, muito grande! Nós estamos formando o futuro do nosso país, então poder formar um aluno que seja mais reflexivo, é muito importante.

No começo do programa, era mais a questão da língua, do bilinguismo; a **interculturalidade** vinha mais na questão de formação dos professores, para o professor. Que sua abordagem fosse intercultural, porque o programa e os objetivos do programa era isso. Era uma necessidade e continua sendo uma necessidade!

As **formações** tratavam muito do que era um projeto, de como **trabalhar por projetos**. Pois era algo novo, e tudo que se tratava do bilinguismo e da **interculturalidade** eram todas teorias que eles traziam para nós na formação, mas que não eram da nossa realidade, então às vezes o professor não se sentia identificado. Depois, com o passar do tempo, depois que teve outras formações mais voltadas para o que é a fronteira do Brasil com a Argentina. Porque cada fronteira é uma fronteira, um lugar diferente e muitas investigações são feitas, mas em outros

tipos de fronteiras e as vezes a teoria ajuda, mas a gente não se sente identificado porque não é nosso!

9 SOU APRENDIZ DO MUNDO QUE EU QUERO DAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, construo as minhas considerações sobre a pesquisa realizada.

O objetivo desta pesquisa foi construir fontes orais a partir de entrevistas com duas professoras alfabetizadoras e duas coordenadoras da Tri Fronteira que participaram do Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira (PEIBF). Sendo assim, fiz uso da História Oral como procedimento metodológico, em sua vertente temática.

É fato que existem coisas que antecedem e coisas que sucedem a pesquisa, por isso julguei necessário falar disso, desse todo que constitui as circunstâncias dessa pesquisa. Sendo assim, busquei esclarecer para o leitor donde parti enquanto pessoa humana no mundo, trazendo minhas inquietações e trajetórias até chegar nessa pesquisa; procurei também esclarecer para o leitor donde teoricamente eu parto para a essa pesquisa, explicando e justificando minha escolha metodológica.

Desde o início da pesquisa, julguei necessário trazer algumas considerações sobre a fronteira, visto que é ali que nosso objeto de estudo se insere. Após leituras e reflexões sobre o tema, devo salientar que na fronteira há fluxos de pessoas, comércio e culturas, e que estes fluxos não possuem o mesmo padrão, a mesma intensidade e, muito menos, as mesmas causas. Sendo assim, chamo a atenção que cada fronteira é única. Não se pode generalizar. Segundo Oliveira (2005, p. 380), “cada fronteira é uma fronteira” e, em suas especificidades, sobressaem-se a composição étnica, o tipo de colonização, a base produtiva, a construção de infraestruturas, entre outros fatores. Logo, cada fronteira deve ser compreendida de forma distinta de outras fronteiras de outros lugares do país, pois possuem especificidades e peculiaridades muitas vezes ignoradas.

Neste sentido a obra *"Gestión de la Calidad de la Educación em Zonas de Frontera"*, dos autores Franck V. Horta, Carlos S. Méndez e Pedro Q. Calle, (2008) considera que:

Calidad de la educación se refiere a las características del proceso y a los resultados de la formación del hombre, condicionados histórica y socialmente, y que toman una expresión concreta a partir de paradigmas filosóficos, pedagógicos, psicológicos y sociológicos imperantes en la

sociedad de que se trate (Valdés, H y Pérez, F., 2001 citado HORTA et al, 2008, p. 40).¹⁸

E foi diante de tantas diferenças e peculiaridades ainda pouco conhecidas e estudadas, que o Programa buscou criar um ensino para essas áreas de fronteira, e assim surgiu o PEIBF, com a proposta de implementar políticas públicas que integrassem as suas fronteiras, como forma de enfrentar os desafios da mobilidade, segurança e integração com seus vizinhos partindo da área educacional.

Profundizar en el estudio de esta realidad educacional en zonas de fronteras, representa ir mas allá de la delimitación fronteriza a partir de la definición de territorios nacionales, expresada en las formas de control y del ejercicio de soberanía por parte de los estados; es realizar un análisis que contemple las dinámicas históricas y culturales que conforman las identidades de estas regiones con la finalidad de precisar las problemáticas más relevantes a las cuales se debe dar solución a través de la educación, como fenómeno complejo de la vida social. para ello es inevitable la utilización de la investigación científica como herramienta necesaria para constatar y transformar la realidad (Valdés, H y Pérez, F., 2001 citado HORTA et al, 2008, p. 41).¹⁹

Por meio do diálogo com diferentes autores, trouxe em meu trabalho um pouco sobre a História Oral. Após o estudo da metodologia escolhida, e todo o caminhar dessa pesquisa, me mantenho certa de essa foi a melhor opção. Após ter realizado as entrevistas, ter trabalhado na narrativa das depoentes no processo de transcrição e textualização, fico certa de que nenhum espelho nos reflete melhor do que nossas próprias palavras.

A preocupação quanto à disponibilização integral das textualizações revela um esforço na tentativa de preservar o discurso das entrevistadas, ainda que este se coloque, agora, como um discurso criado pelo pesquisador a partir da entrevista e autorizado pelo entrevistado como algo que este diria.

¹⁸ A qualidade da educação refere-se às características do processo e aos resultados da formação do homem, condicionadas historicamente e socialmente, e que tomam uma expressão concreta dos paradigmas filosóficos, pedagógicos, psicológicos e sociológicos que prevalecem na sociedade em questão. (tradução minha)

¹⁹ Para aprofundar o estudo desta realidade educacional nas zonas fronteiriças, representa para além da delimitação da fronteira a partir da definição de territórios nacionais, expressados nas formas de controle e no exercício da soberania pelos estados; é realizar uma análise que contemple as dinâmicas históricas e culturais que compõem as identidades dessas regiões com o objetivo de especificar as problemáticas mais relevantes que devem ser resolvidas através da educação como um fenômeno complexo da vida social é inevitável que o uso da pesquisa científica seja uma ferramenta necessária para verificar e transformar a realidade. (tradução minha)

A transcrição da entrevista é considerada uma parte importante do trabalho por registrar na escrita as emoções, reações, ou seja, os detalhes que, muitas vezes, não são percebidos durante a entrevista. No momento de transcrição, pude parar para pensar com mais calma sobre o que cada depoente estava falando, acho que pelo fato desta etapa exigir que se escute por várias vezes pausadamente o áudio da entrevista, e neste momento, me ouvindo também, consegui pensar e repensar e minha postura enquanto entrevistadora. Neste processo, vem a tona todas as emoções sentidas durante a entrevistas.

Posterior ao processo de transcrição é a etapa de textualização. O objetivo foi trazer uma organização para a narrativa, colocando-a mais próxima do leitor.

Tendo como ponto de partida nossa história de vida podemos acompanhar as transformações e evolução da sociedade. Esta rede de partilha e comunhão que a minha escolha metodológica possibilitou, fez com que eu pudesse me sentir parte integrante da história do PEIBF, e permitiu a possibilidade de valorizar as envolvidas nesse processo inicial do Programa na região da Tri Fronteira.

A possibilidade das depoentes construírem as narrativas sobre o Programa com base nas palavras-chaves, que previamente foram estabelecidas por mim, permitiram que as falas de cada uma das depoentes, se transformassem em ação, atividade comunicativa, relação de cumplicidade entre o contador e o ouvinte, entre a colaboradora e a pesquisadora. Senti que as palavras-chaves incentivaram o resgate da memória do que foi vivido nestes mais de dez anos do Programa ali naquela região.

Neste ato de contar de cada uma das depoentes, se construiu uma relação de cumplicidade, juntamente com a produção das fontes orais que se deram a partir de cada uma das narrativas coletadas, sendo o testemunho vivo de cada uma dessas colaboradoras sobre o PEIBF.

Os esquecimentos, omissões, silêncios, lapsos, lágrimas das entrevistadas são o selo da autenticidade. Bosi (2003, p. 22), chama atenção que: “recordar é sempre um ato de criação.” A fala emocionada e fragmentada é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Neste sentido, compreendi o quanto a História Oral nos aproxima, e faz fortalecer as relações entre as pessoas através do diálogo.

Em muitos momentos, a entrevista se deu como uma conversa, e eu acabei fazendo novas perguntas para as depoentes, e então as respostas tinham um sabor

muito especial, era sabedoria de forma diferente, pois carregavam “amor” junto ao Programa. Apesar de eu nunca ter trabalhado com entrevistas, e no início ter me sentido um tanto quanto intimidada, percebi que com as entrevistadas, as colaboradoras puderam recordaram com o coração.

Justifico essa pesquisa por ter certeza que construção dessas fontes orais nos possibilitam reviver o passado, viver o presente e preparar o futuro. Pois a cultura popular é uma história tecida de silêncios, uma vez que a história pertenceu sempre às classes dominantes. Para Bosi (2003, p. 56), “[...] o silêncio na pesquisa não é uma técnica”, é como que o sacrifício do “eu”, na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo.

Observei cada detalhe, registro, e principalmente no silêncio, muitas respostas foram passadas, e até o não escolher falar sobre algumas das palavras-chaves que sugeri. As colaboradoras reviveram momentos marcantes de suas vidas, buscaram distinguir falas e sentimentos que o tempo não apagou. São relatos dos momentos vividos, respostas pessoais, onde a melodia do passado foi interpretada pelo presente e se mantém vivo. A memória oral traz a vida, nos permite recolher toda a existência passada.

Devo ressaltar também, o quanto as colaboradoras de minha pesquisa se sentiram especiais, se sentiram únicas no sentido de poder contribuir para a educação com suas falas, percebendo que as suas experiências também poderiam ser contadas e que poderiam contribuir para diferentes pesquisas.

Em nenhum momento, á partir do instante que decidi pela história oral, tive a intenção de fazer qualquer tipo de análise ou comparação sobre as narrativas construídas. Defendo que elas por si, já bastam. Nesse sentido, considerações à terceira posição apontada:

Embora não seja a sua coleta o objetivo dos trabalhos aqui considerados, observa-se, na trajetória de sua constituição, respeito pela pluralidade de vivências, de memórias e de verdades. É importante ressaltar que este respeito, contudo, não restringe, necessariamente, as possibilidades de análise e de trânsito do pesquisador por entre as informações coletadas. Conciliar a liberdade/importância do posicionamento do pesquisador quanto a essas informações com as questões éticas pelas quais este preza coloca-se como um possível caminho para manter em cena o pesquisador, mesmo quando o valor que este atribui às versões o “obrigue”, segundo alguns depoimentos, a retirar-se.

Como apontado anteriormente, os depoentes, em suas pesquisas de mestrado e doutorado, permitem o apontamento de três posições, através das quais advogam por:

- terem feito análise utilizando a noção de tendências, localizando temáticas apontadas pelo estudo de convergências e/ou divergências nas falas de seus entrevistados;
- terem feito análise utilizando a noção de tendências históricas, comparando os depoimentos por eles coletados, ou estes e a literatura sobre uma época anterior e apontando temáticas que se apresentam em mudança, permanência ou permanência em direção a uma mudança iminente;
- não realizarem análise; seja por não se perceberem em condições de fazê-la acreditando que histórias de vida não devem ser analisadas; seja por crerem que as “respostas” já estariam nas textualizações e não haveria a necessidade de ampliar a carga subjetiva presente nesses textos; seja, ainda, por conveniência, no sentido de que a trama elaborada na tese deveria, por si, conduzir o leitor a algumas reflexões (SOUZA, 2006. p. 284).

É claro que quando leio as narrativas muito me chama atenção, pois é através da experiência vivida no passado, dos erros e acertos, das ilusões e desilusões, das ideologias e utopias, dos sonhos e das realidades, das verdades e mentiras, das buscas e desistências, dos medos e das coragens, enfim, de tudo que se viveu, sentiu ou pensou, que se pode corrigir, no presente, para se melhorar no futuro, que se constitui essas fontes orais.

Nesse sentido, uma das palavras-chaves indicadas por mim foi Ensino da Matemática, talvez pela minha própria preocupação no sentido do Programa de mestrado ao qual estou inserida. Porém, quando comecei a trilhar os caminhos dessa pesquisa, percebi que o me esperava era algo bem maior que isso. E que essa preocupação, não fazia nenhum sentido diante de toda a riqueza de conhecimentos que emergiu das narrativas. Em alguns momentos as depoentes buscaram falar sobre a Educação Matemática, mas o que me remete ao final dessa pesquisa, é que a noção de Ensino de Matemática ainda é algo muito fechado, que está desligado da Etnomatemática, para muitos a Matemática ainda é apenas fazer contas. É nesse sentido, em olhar para o Programa que trabalha por projetos, onde tudo está integrado, que fica claro que o Ensino da Matemática também está ali, mas muitas vezes ninguém se dá conta, pois ele se insere como Etnomatemática e não como uma disciplina cartesiana. E por isso talvez, que ninguém percebeu que a Educação Matemática também estava lá, em cada projeto! No relato das professoras, me dei conta do quanto a Educação Matemática se fazia presente, mas não como disciplina isolada, ela surge integrada a outras disciplinas, incluída na prática cotidiana do aluno e nos saberes prévios que ele trás consigo para dentro da escola e do Programa. E nesse sentido, compreendi o quanto trabalhar por projetos

soma, o quanto se ganha quando se trata de construção de conhecimento e do diálogo entre os diferentes saberes.

O indivíduo só se torna humano quando ele exerce sua ação tomando consciência e reconhecendo-se como uma realidade multidimensional: interior, social, planetária e cósmica. [...] O resultado dessa encenação são modos, estilos e técnicas de lidar com seu entorno material e cultural, e de entender e explicar, espacialmente e temporalmente, esse entorno (D'AMBROSIO, 2016, p. 73).

A Educação Matemática deve ser compreendida, não apenas como uma constituição social, mas também como uma construção histórica e política. Os povos com suas diferentes culturas possuem também, múltiplas maneiras de trabalhar com os números e com os conceitos matemáticos. Todos os diferentes grupos sociais produzem conhecimentos matemáticos, assim como de outras áreas do conhecimento. E nesse sentido, que a Etnomatemática valoriza estas diferenças e afirma que toda a construção do conhecimento matemático é válido e está vinculado a tradição, à sociedade e à cultura de cada povo. Sendo assim, afirmo que toda cultura está ligada com os conhecimentos da matemática e que é uma nova forma de pensamento que ficou conhecido como Etnomatemática. Tentar aprender ou ensinar matemática, sem considerar que ela está envolta com a história ou até mesmo sugerir que ela não está integrada com as demais formas de cultura é uma grande utopia. Por isso, entender e descobrir a cultura que existe na matemática é uma nova forma mais autêntica de visualizar esse ramo específico da ciência que foi e ainda é praticada por grupos culturais, como das sociedades indígenas, grupos de trabalhadores, crianças de uma certa faixa etária, classes profissionais e etc. e que certamente vamos aprender muito com esses grupos, o que vai possibilitar produzirmos bons frutos e alavancar ainda mais o ensino e aprendizado de Matemática.

Fala-se em uma matemática “verdadeira” e em uma ciência “correta” como sendo independentes da linguagem, da religião e do conjunto de valores próprios a uma cultura. Chega-se a dizer que se alguns povos ainda não dominam, deverão ser ensinados. Esse é o traço mais forte do chamado processo civilizatório que teve sua origem nos grandes descobrimentos a partir do final do século XV. A questão maior que eu procuro abordar é como todas as categorias culturais se relacionam, e como se originam e evoluem. (D'AMBROSIO, 2016, p. 117).

Ouvir os relatos, as histórias e sentir toda a emoção das depoentes quanto ao PEIBF e constituir fontes historiográficas a respeito deste tema, possibilitou um encontro do passado no presente e que significa a identidade cultural, a construção e a história de um povo. Pois um povo sem memória é um povo sem história.

Sendo assim, compreendo que as narrativas construídas, as próprias transcrições na íntegra de cada uma das depoentes, e inclusive o rico material fotográfico cedido pelas professoras colaboradoras revelaram situações que podem ser bem aprofundadas em outras pesquisas, o que considero positivo. Para a composição das narrativas, tive a contribuição com documentos e fotografias do Programa, que duas das depoentes cederam à pesquisa. Acredito que as imagens contribuíram significativamente para esse trabalho, pois por meio delas podemos fortalecer as narrativas das duas professoras depoentes, ao retratar o lugar de onde vieram essas vozes era carente em vários aspectos, tanto pessoal quanto educacionalmente. Elas nos mostram a simplicidade das pessoas e o modo como aconteciam as aulas, as dificuldades em se deslocar para outro país, mas em contrapartida permitem também visualizar a busca por uma educação diferenciada e de qualidade nessa região de fronteira.

Diante de tudo que li sobre o Programa em seus documentos e registros, após tudo que as depoentes compartilharam comigo nas entrevistas, considero que a iniciativa do PEIBF foi muito interessante, no sentido de pensar em uma educação voltada para essas escolas de áreas de fronteira. No entanto, é possível perceber todas as dificuldades que as colaboradoras encontraram e ainda encontram quanto à proposta, seja quanto recursos financeiros, seja quanto ao assessoramento, seja quanto a parte burocrática para que o cruze possa acontecer. Senti que as colaboradoras da pesquisa correram atrás e se reinventaram no processo à partir das possibilidades que tinham. Sendo assim, compreendo o quanto difícil é proporcionar um Ensino de qualidade para os alunos que se inserem nesta região de fronteira, e por outro lado, vejo o quanto especiais são essas profissionais da área da educação, que vestiram e continuam vestindo a camisa do Programa, e seguem lutando por essa proposta, mesmo com tantas dificuldades.

Minhas colaboradoras são pra mim exemplos heroicos, são inspiração e força. Porque admitirmos pra nós mesmos, nossas fragilidades, dificuldades e defeitos já não é fácil, imagina fazer isso com um estranho, com uma desconhecida, é algo muito complexo e desafiador.

Por isso, não foram poucas as vezes que me emocionei junto a elas nas entrevistas, principalmente ao pensar que essa pesquisa possibilita compartilhar o legado dessas depoentes junto ao Programa com as futuras gerações. Mostrando nas narrativas o quanto é necessário pensar junto respeitar as diferenças, e que muitas vezes os conflitos são inevitáveis.

Á partir da fala das depoentes compreendi que o preconceito está muito ligado a ignorância, pois só quando saímos da nossa ignorância é que nos permitimos crescer, e ver o outro como de fato ele é, sendo assim, é preciso sair da nossa zona de conforto, do nosso fechamento.

Gratidão é o sentimento que fica após a realização desta pesquisa, seja pela oportunidade de conhecer a Região onde atuo como docente, seja pela possibilidade de estudar sobre o MERCOSUL e em especial, pela chance de ter o contato com visões diferentes sobre o PEIBF, podendo compreender o Programa indo além de seus próprios documentos e registros. Finalmente, mas não menos importante, me sinto grata por esta pesquisa me proporcionar reflexões sobre a proposta de cooperação educacional, sobre o viver em fronteira e tudo que isso implica, sobre trabalhar por projetos e sobre pensar no Ensino de Matemática de forma aberta e integrada a realidade em que o aluno se insere, sendo essa uma realidade fronteiriça ou não.

Assim como já coloquei em meu texto outros momentos, finalizo esta pesquisa com o desejo de partilha. Esse foi o desejo que me fez iniciar e me manter nessa pesquisa. Por isso, também a escolha desse título para o capítulo final, onde me afirmo estudante do mundo que eu quero oferecer. Sinto que ao finalizar este texto muitas outras janelas se abrem quando eu penso no compartilhar dessa pesquisa, em especial com os que vivem na Região da Tri Fronteira e lutam pela educação de qualidade. Espero que esta investigação venha a contribuir nesse sentido e em muitos outros que meu olhar ainda não alcança.

Ao refletir sobre as últimas considerações para este trabalho, primeiramente me deparei com o entendimento e sentimento de que sempre haverá algo a ser dito e me questiono como posso finalizar algo que parece não ter fim. Para mim, ele não é o fim, mas uma pausa, que continua, a cada leitura e estudo, a construir pontes para novos entendimentos e análises. Ciente que eu paro de escrever no momento em que me tiram o texto, e que á partir disso este torna-se um estudo para o mundo, deixo aberta aqui todas as possibilidades de investigações futuras nessa linha. E

confesso que o sentimento de fim, ainda não toma conta de mim. Acredito que essa abertura fique para o leitor, para que cada um que lance seu olhar sobre esta pesquisa podendo ir além de minhas compreensões.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Buen Vivir: uma oportunidade de imaginar outro mundo In. Um campeão visto de perto.** ed Fundação Boell: 2012.

_____. A renovação da crítica ao desenvolvimento e o Bem Viver como alternativa. Revista IHU On-line. Edição n. 410, ano XII, 2012.

ANGNES, J. S. et al. *Consórcio Intermunicipal da Fronteira (CIF):* descrevendo as principais ações voltadas ao desenvolvimento regional a partir da perspectiva do poder público municipal. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, p.1165-1188, set./out. 2013.

ARAÚJO, J. L.; BORBA, M. C. *Construindo pesquisas coletivamente em educação matemática.* In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) **Pesquisa qualitativa em educação matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Cap.1, p.25-45. 120 p. (Coleção Tendências em Educação Matemática).

BALEIRO. Z. *Skap.* Letra acessada em
< <https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/91979/>> Acessado em 07 de setembro de 2017.

BAUMAN, Z. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECKER, B. Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia Brasileira. In: AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras.** Brasília: Ed. UnB, 1988. p.60-89. Disponível em:
<http://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_7/b_fdi_03_01/37776.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2017.

BELCHIOR. *Sujeito de Sorte.* Letra acessada em
<<https://www.letras.mus.br/belchior/344922/>> Acessado em 01 de março de 2017.

BIANCHEZZI, C. et al. **A construção e a prática do programa bilíngue em região de fronteira internacional Brasil-Argentina.** Cadernos do CEOM - Ano 25, n. 37 – Fronteiras, 2012.

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire: o menino que lia o mundo – uma história de pessoas, de letras e de palavras.** São Paulo: Unesp, 2005.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

Bosi, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.* São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL; ARGENTINA. Ministério da Educação e Ministerio de Educacion, Ciencia Y Tecnologia. **Escolas de Fronteira**, Brasília e Bueno Aires: MEC; MECT, 2008.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

_____. Ministério da Educação e da Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOHRER, M. *O papel da Geografia no ensino médio técnico integrado: desafios de uma nova realidade escolar*. (2017) (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS.

BOURDIEU, P. Compreender. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 p.693-713.

CAMÕES, L. V. de. Os Lusíadas de Luís Camões. Direção Literária Dr. Álvaro Júlio da Costa Pimpão.

CAMPOS D'OLNE, M. Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas? In: AMOROZO, Maria C. de Mello; MING, Liu Chang; SILVA, Sandra Pereira da (Orgs.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002. p. 47-92.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução e Ephraim Ferreira Alves. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

CIF. Consórcio Intermunicipal da Fronteira. *Caderno de ações*, 2011. Disponível em: < www.cifronteira.com.br >. Acesso em: 08 fev. 2017.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Cultura e democracia**. En: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Buenos Aires: Clasco, 2008.

CLARETO, S. M. *Terceiras margens: um estudo etnomatemático de espacialidades em Laranjal do Jari (Amapá)*. 2003. 254f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, São Paulo.

D'AMBROSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. 3º ed. São Paulo: Livraria da Física, 2016.

_____. **Etnomatemática: Elo entre as tradições e a modernidade**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DE CERTEAU, M. **L'Invention Du quotidien**. 1. arts de faire. Paris: Gallimard, 1990.

DELGADO, L.A.N. **História Oral e narrativas**: tempo, memória e identidades. In: Revista da Associação Brasileira de História Oral, nº 6, p.9-25, 2003.

EEB DR. THEODURETO CARLOS FARIA SOUTO [Internet] E.E.B. DR. Theodureto Carlos de Faria Souto. Dionísio Cerqueira – SC. Disponível em: <<http://theoduretocarlosdefariasouto-souto.blogspot.com.br/>> Acesso em: 8 de mar. de 2017.

FERREIRA, A. B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, M. **A qualidade na educação**: uma nova abordagem. Florianópolis: COEB, 2013.

GARNICA, A. V. M. **História Oral e Educação Matemática**: do inventário à regulação. Zetetiké, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM, 2003.

_____. **Manual de história oral em educação matemática**: outros usos, outros abusos. In: Anais SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MATEMÁTICA, Guarapuava (PR), 2007.

_____. **Registrar Oralidades, Analisar Narrativas**: sobre pressupostos da História oral em Educação Matemática. Ci.Huma. e Soc. em Rev. Seropédica, v.32, n.2, Julho/Dezembro de 2010.

GATTI, P. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas**. 1.ed. Brasília: Líber, 2005.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 311p.

GRUPO RETIS DE PESQUISA. Mapa de localização da faixa de fronteira brasileira. In: <<http://www.ppgg.igeo.ufrj.br>>, acesso em 15 de fevereiro de 2017.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Centauro: 2006.

HEINSFELD, Adelar. **Fronteira Brasil/Argentina**. Passo Fundo: Méritos, 2007.

HORTA, F.; MÉNDEZ, C.; CALLE. P. **Gestión de la Calidad de la Educación em Zonas de Frontera**. 1.ed. Bolívica, La Paz: 2008.

IBGE. Faixa de Fronteira. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm?c=3>>, acesso em 10 de janeiro de 2017.

KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; OLIVEIRA, J. **Etnomatemática: currículo e formação de professores**. 2. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC: 2010.

KNIJNIK, G.; WANDERER, F.; GIONGO, I. M.; DUARTE, C.G. **Etnomatemática em movimento**. 1.ed. Belo Horizonte:Autêntica: 2012. - (Coleção Tendências em Educação Matemática)

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MERCOSUL EDUCACIONAL. Documentos. Planos. **Plano de Ação do SEM 2006-2010**. Brasília, 2006.

_____. Documentos. Planos. **Plano de Ação do SEM 2011-2015**. Brasília, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Escolas de Fronteira. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/escola-de-fronteira/escola-de-fronteira>> Acesso em: 18 de mai. de 2016.

MYSKIW, A. M. **Fronteira, fronteiras**. Cadernos do CEOM. Chapecó, v. 25, n. 37, 2012. Disponível: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1427>> Acesso em 07 fev 2017. ISSN 2175-0173.

MORIN, E. **Ensinar a viver** - manifesto para mudar a educação. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. 1.ed. Porto Alegre: Meridional. Sulina, 2015.

OLIVEIRA, T. Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico- -práticos. In: OLIVEIRA, T. C. M. (Org.). Território sem Limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005. p. 377-408.

PEREIRA, S. M. M. V. *Programa de escolas interculturais bilíngues de fronteira: integração e identidade fronteiriça*. 2014. 149f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina.

PORTELLI, A. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010, 258 p.

_____. **O momento da minha vida: funções do tempo na história oral**. In: ALMEIDA, Paulo R. et al. (Orgs). Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho d'água, 2005. p. 296-313.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROCCHIETTI, A. M.; ZAVALA, G. P.; PIZZI, J. **Las bases histórico-políticas de la Interculturalidad**. 1.ed. Buenos Aires: Centro de Investigaciones Precolombianas, 2011.

SANTOS, B. S.; NUNES, J. A. Introdução: para ampliar a cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, B.S, (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. SANTOS, B. de SOUSA. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, L. A. **História Oral e Educação Matemática**: um estudo, um grupo, uma compreensão a partir de várias versões. 2006. 313 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro: [s.n.], 2006.

TERENCIANI, C. *Interculturalidade e ensino de geografia em escolas na fronteira Brasil – Paraguai em Mato Grosso do Sul*. 2011. 206f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, Mato Grosso do Sul.

THOMAZ, K. M. **A POLÍTICA LINGUÍSTICA DO PROJETO ESCOLAS INTERCULTURAIS BILÍNGUES DE FRONTEIRA DO MERCOSUL: ENSINO DE SEGUNDA LÍNGUA PARA AS ÁREAS FRONTEIRIÇAS**. Revista Línguas & Letras. ISSN: 1981-4755, V. 11 – Nº 21, 2010.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORCHI, G. F. C.; SILVA, C. P. **A Expansão do Programa Escolas Interculturais de Fronteira no Estado de Mato Grosso do Sul**, Revista GeoPantanal, UFMS/AGB, Corumbá/MS. Nº 17, p. 33-46, 2014.

WALSH, C. **Interculturalidad crítica/pedagogia de-colonial**. In: Memórias del Seminario Internacional Diversidad, interculturalidad y construcción de ciudad. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2007.

ZYGMUNT, B. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Ed Zahar, Rio de Janeiro, 2003. 141p.

APÊNDICE 1 – MODELO DE ROTEIRO INICIAL PARA A ENTREVISTA

Modelo de Roteiro inicial para a Entrevista

ROTEIRO INICIAL PARA A ENTREVISTA

Colaboradora da Pesquisa: _____

RG nº: _____

Local da entrevista: _____

Data da entrevista: ____/____/____

Início da entrevista _____ Término da entrevista _____

Dados de identificação

a) Sexo: () Feminino () Masculino

b) Idade: _____

c) Função que atuou no programa: _____

d) Possui graduação?

Qual curso _____

e) Possui pós-graduação?

() Sim () Especialização () Mestrado () Doutorado

() Não

Especificar _____

f) Possui vínculo com o estado () Sim () Efetivo () Outro
() Não

Por quanto tempo? _____

g) Possui vínculo com o município () Sim () Efetivo () Outro
() Não

Por quanto tempo? _____

h) Por quanto tempo atuou no programa? _____

Especificar os anos _____

**Muito Obrigada pela
Colaboração!!!**

APÊNDICE 2 – MODELO DE CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Modelo de Carta de Apresentação para Entrevista com as Professoras

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Estimada(o) professora(o)!

Eu, Fernanda Marchiori Grave, aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, da Universidade Federal do Paraná, estou desenvolvendo minha pesquisa de mestrado, com o tema: Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi. Minha investigação tem o propósito de conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Considero de grande importância a sua contribuição em minha pesquisa, e por essa razão, gostaria que pudesse participar dos encontros para tratarmos e discutirmos o tema em questão. Você terá plena liberdade de expor àquilo que julgar conveniente. O(s) encontro(s) terão o(s) áudio(s) registrado/gravados. Na certeza, de que você irá participar e contribuir para as reflexões da temática proposta em minha dissertação, agradeço-lhe antecipadamente.

Atenciosamente,

Fernanda Marchiori Grave
Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi (Orientador)

APÊNDICE 3 – MODELO DE TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO

Modelo de Termo de Livre Consentimento Livre e Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador(a) do RG. _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar das discussões e/ou ser entrevistado(a) para a pesquisa de mestrado, intitulada até o presente Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi. A qualquer momento que julgar necessário, poderei contatar/consultar a pesquisadora através do telefone (46) 98823 -8294 ou do e-mail: fernanda.grave@ifpr.edu.br. Afirmo que recebi o convite e aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma _____ por meio de encontros de discussão, a ser gravado em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento. Eu, _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto a minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Dionísio Cerqueira/SC, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE 4 – MODELO DE CARTA DE CESSÃO**Modelo de Carta de Cessão****CARTA DE CESSÃO**

Dionísio Cerqueira/SC, ____ de _____ de 2017.

Eu, _____,
portador(a) do RG número _____, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas no encontro de discussão com base em minha fala e minha escrita. Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito das discussões realizadas e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi.

Eu, _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.

Assinatura do (a) participante/entrevistado(a)

Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora

**APÊNDICE 5 – MODELO DE CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA
CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO – AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA
ESCOLA**

**Modelo de Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo
– Autorização da direção da escola**

**CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE
CAMPO**

Estimada(o) Diretora(o)!

Eu, Fernanda Marchiori Grave, brasileira, portadora do RG 12.899.946-9 e do CPF 042.928.839-55, residente no Residencial Antônio Biazin, localizado na Travessa Luiz Tomazzi, nº121, Bairro Vila Nova, Francisco Beltrão/PR, telefone (46) 98823-8294, graduada em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, especialista em Ensino de Matemática e Educação Matemática, pelo Centro Universitário Internacional e Universidade Estadual de Ponta Grossa (respectivamente), Docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Avançado Barracão e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, da Universidade Federal do Paraná, solicito à concessão para a realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado até o momento de: Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi, bem como para a realização de encontros, discussões, entrevistas no espaço da escola. A presente pesquisa tem como objetivo conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Certa da sua compreensão e autorização agradeço-lhe antecipadamente!

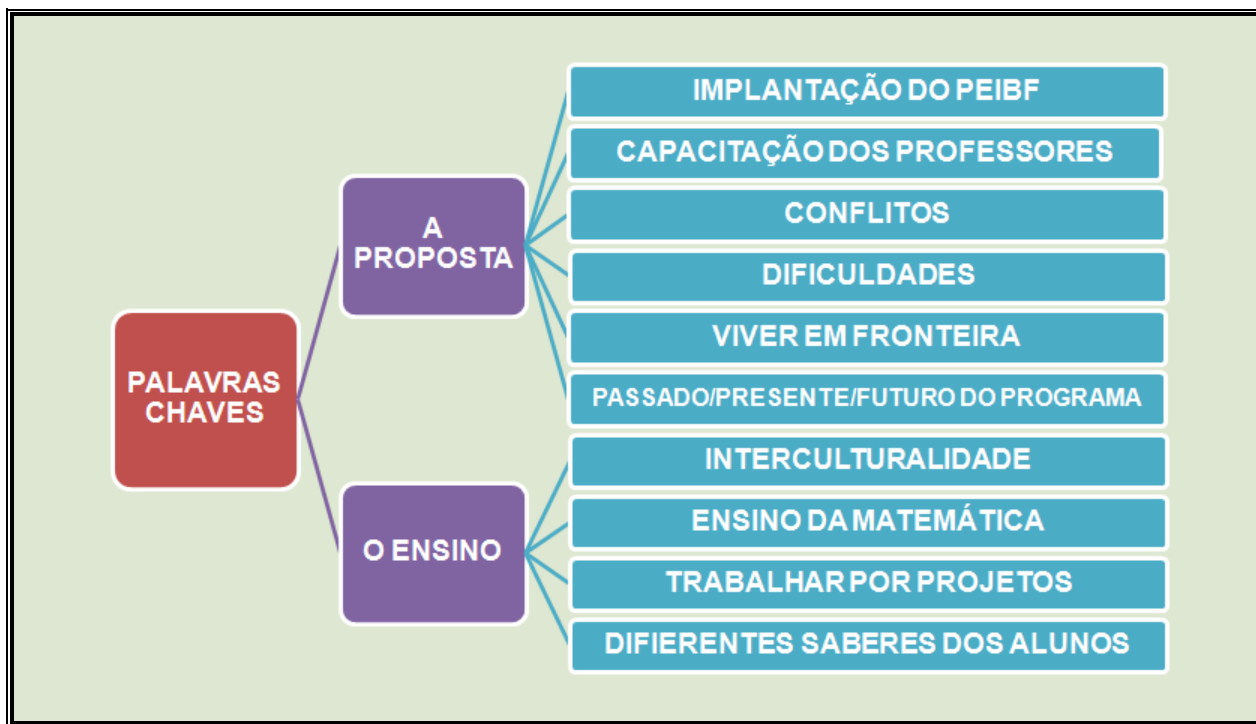
Atenciosamente

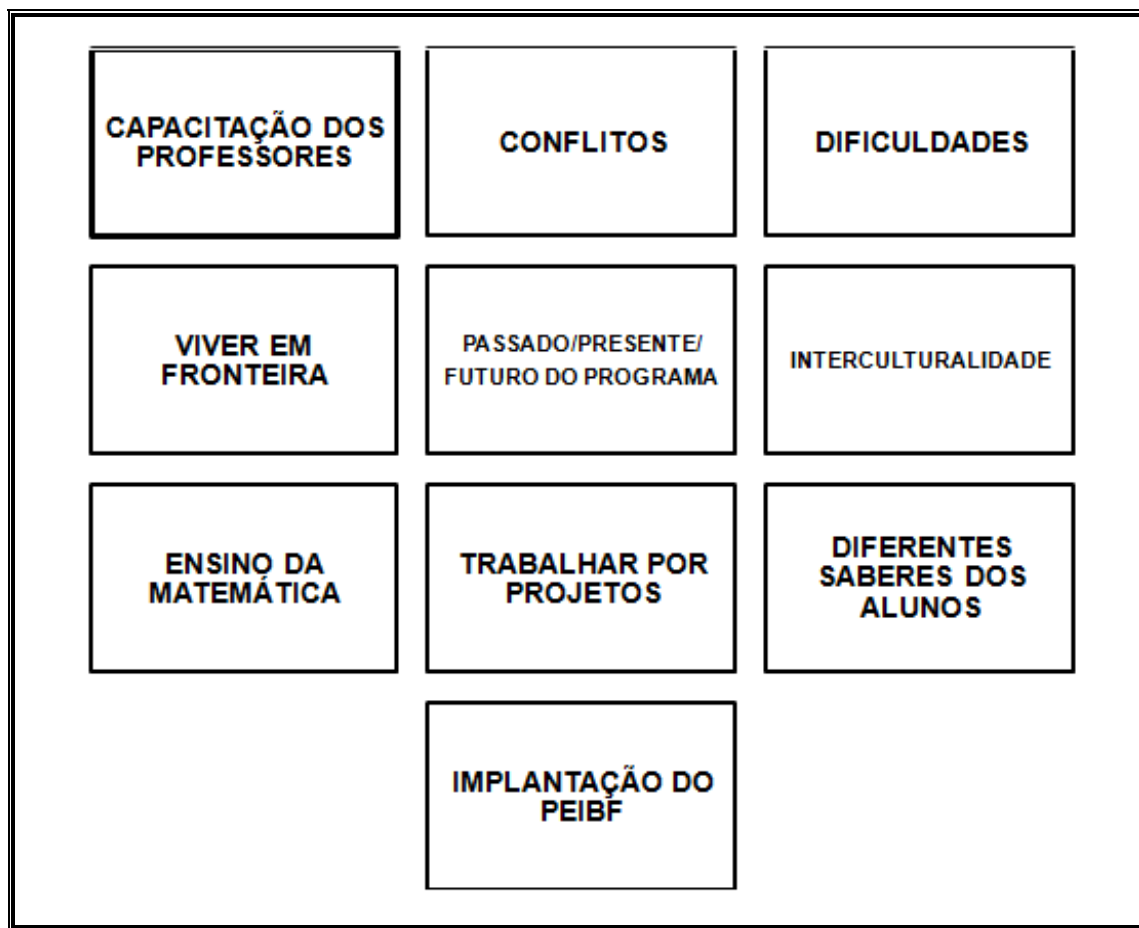
Mestranda: Fernanda Marchiori Grave

Assinatura da(o) diretora(or) e carimbo da escola

APÊNDICE 6 – ESQUEMA DE CRIAÇÃO PALAVRAS-CHAVES PARA AS ENTREVISTAS

Esquema de criação palavras-chaves para as Entrevistas



APÊNDICE 7 – PALAVRAS-CHAVES PARA AS ENTREVISTAS***Palavras-chaves para as Entrevistas***

**APÊNDICE 8 – CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE
PESQUISA DE CAMPO – E.E.B. Dr. THEODURETO C. DE FARIA SOUTO –
DIONÍSIO CERQUEIRA/SC**

**Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo – E. E. B.
Dr. Theodureto C. de Faria Souto – Dionísio Cerqueira/SC**

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE
CAMPO

Estimada(o) Diretora(o)!

Eu, Fernanda Marchiori Grave, brasileira, portadora do RG 12.899.946-9 e do CPF 042.928.839-55, residente no Residencial Antônio Biazin, localizado na Travessa Luiz Tomazzi, nº121, Bairro Vila Nova, Francisco Beltrão/PR, telefone (46) 98823-8294, graduada em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, especialista em Ensino de Matemática e Educação Matemática, pelo Centro Universitário Internacional e Universidade Estadual de Ponta Grossa (respectivamente), Docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Avançado Barracão e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, da Universidade Federal do Paraná, solicito à concessão para a realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado até o momento de: Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi, bem como para a realização de encontros, discussões, entrevistas no espaço da escola. A presente pesquisa tem como objetivo conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Certa da sua compreensão e autorização agradeço-lhe antecipadamente!

Atenciosamente

Mestranda: Fernanda Marchiori Grave


Fernanda Marchiori Grave
Assistente de Direção
Matrícula 312257-3-04

Assinatura da(o) diretora(or) e carimbo da escola

EEB. Dr. Theodureto C. de Faria Souto
Ensino Fundamental e Médio
Código 035000619560 - Parcela 5591
Dionísio Cerqueira - SC

**APÊNDICE 9 – ROTEIRO INICIAL PARA ENTREVISTA –
COORDENADORA
DAYANI MACHADO MACHIAVELLI**

**Roteiro inicial para Entrevista - Coordenadora Dayani Machado
Machiavelli.**

ROTEIRO INICIAL PARA A ENTREVISTA

Colaboradora da Pesquisa: Dayani Machado Machiavelli
 RG nº: 4.084.677
 Local da entrevista: Escola Thedauto - Dimísio Berqueira
 Data da entrevista: 20/03/2017
 Início da entrevista 08:16 Término da entrevista 08:50

Dados de identificação

a) Sexo: Feminino Masculino

b) Idade: 34 anos

c) Função que atuou no programa: Coordenação

d) Possui graduação?

Qual curso Química - Química

e) Possui pós-graduação?

Sim Especialização Mestrado Doutorado

Não

Especificar Gestão Escolar

Não

f) Possui vínculo com o estado Sim Efetivo Outro

Não

Por quanto tempo? 12 anos

g) Possui vínculo com o município Sim Efetivo Outro

Não

Por quanto tempo? _____

h) Por quanto tempo atuou no programa? 7 anos

Especificar os anos 2007 a 2013 e 2016

Muito Obrigada pela
Colaboração!!!

**APÊNDICE 10 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
– COORDENADORA DAYANI MACHADO MACHIAVELLI**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Coordenadora Dayani
Machado Machiavelli.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Dayani Machado Machiavelli, portador(a) do RG. 94.084.673, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar das discussões e/ou ser entrevistado(a) para a pesquisa de mestrado, intitulada até o presente Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi. A qualquer momento que julgar necessário, poderei contatar/consultar a pesquisadora através do telefone (46) 98823 -8294 ou do e-mail: fernanda.grave@ifpr.edu.br. Afirmo que recebi o convite e aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de encontros de discussão, a ser gravado em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento. Eu, Dayani Machado Machiavelli, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto a minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Dionísio Cerqueira/SC, 30 de março de 2017.



Assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa



Assinatura da pesquisadora

**APÊNDICE 11 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA 1º ENTREVISTA COM
A COORDENADORA DAYANI MACHADO MACHIAVELLI**

**Transcrição na íntegra da 1º Entrevista com a Coordenadora Dayani
Machado Machiavelli.**

Nome da entrevistada: Dayani Machado Machiavelli

Local da 1ª Entrevista: Escola Theodureto – Dionísio Cerqueira/SC

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Transcritora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 30/03/2017, período matutino

Tempo de duração da entrevista: 41:06 min

Hora de início da entrevista: 08:11

Hora do término da entrevista: 08:50

Data da transcrição: 31 de março de 2017

Tempo de transcrição 4: 42 horas

Fernanda – Eu só vou... ligar aqui... que ai ele vai... (Pausa)

Dayani – Passado/presente/futuro do programa... o que você quer com isso?

(risos)

Fernanda – Então Dayani, quando você quiser começar.

Dayani – Eu só quero saber... qual foto eu devo dar?

Fernanda – Assim, eu vou tentar não te interromper muito... (risos)

Dayani – Pode... e deve! Até acho que fica melhor!

Fernanda – Talvez eu vá faça algumas perguntas, ou te peça para falar mais disso...

Dayani – Aham...

Fernanda – Mas fica bem à vontade. E quando você quiser começar...

Dayani – Tá... eu só quero... que foco isso aqui?

Fernanda – O foco que você quiser dar quanto ao programa. Se você quiser... do que você quiser falar, se você quiser falar de formação... tu é livre quanto as suas abordagens...

Dayani – Aham...

Fernanda – Então... o foco é você quem vai... Eu tentei estabelecer essas palavras, justamente pra tentar puxar a lembrança.

Dayani – Aham...

Fernanda – Pra tentar não esquecer... de nada disso. Mas o foco, cada pessoa vai dá um né... não adianta! Até seu fizesse a mesma, com você, daqui uma semana, eu acho quedaria outro foca para as mesmas palavras, felizmente agente muda muito...

Dayani – Então... eu não preciso falar da pergunta... da palavra nada... só falar...

Fernanda – Você que sabe... se você quiser pegar a palavra.. e falar, se você quiser ir falando como um todo... você é livre para fazer como você achar melhor (Pausa) Então vou anotar o horário de início, ok?

Dayani – Aham!

Fernanda – ok! 8:11... pode começar Dayani...

Dayani – (a colaboradora pela a palavra-chave trabalhar por projetos, e com ela em suas mãos, inicia sua fala) Então... eu vou começar falando de trabalhar por projetos... Trabalhar por projetos e interculturalidade... no meu ponto de vista tão juntas... né... porque... Porque para o projeto, pra ele ser... ele ter um significado maior... ele vai ter que ser junto com a interculturalidade, no nosso caso, juntamente com a interculturalidade. Bom... o programa sempre foi trabalhado por projetos... Bom, porque ele não é aula de espanhol, nem aula de português, ele é... O professor não trabalha a língua estrangeira... ele trabalha através de projetos, ou seja, através do contato, da fala, do convívio... é... como segunda língua e não como língua estrangeira. Tá! Então... os projetos são desenvolvidos... geralmente, á partir do interesse do aluno. Muitas vezes o professor, ele acaba... estimulando pra algum tema... é... porque as vezes aluno de primeirinho ano, segundo ano... ás vezes você, né... é difícil você conseguir... despertar nele ou fazer com que ele se expresse o que ele gostaria de aprender.

Fernanda – São muito pequenininhos ainda...

Dayani – Então... muitas vezes... os professores acabam um pouquinho ou direcionando conforme aquilo que eles acham interessante trabalhar com ele... Mas, com os alunos de quarto... quinto ano... já foi feito muitos projetos, que assim... Até, as vezes... assim... por exemplo... tá passando uma novela... teve uma vez, uma ano, que tava passando o caminho das índias, assim... Daí os alunos queriam fazer um projeto sobre a Índia... então, assim... eles procuraram, ele foram.. eles pesquisaram... coisas diferentes sobre a Índia...

Fernanda – Então eles sugeriam também?

Dayani – Justo! Isso ali partiu do interesse deles.

Fernanda – Aham!

Dayani – Como a novela tava na época... num auge muito grande... todo mundo comentava... então eles se interessavam pela Índia, pelas partes boas... pela cultura, e pelas partes ruins também. Descobriram umas coisas bem legais lá! É... teve outros que saiu sobre a África... e frequentemente... sai sobre o corpo humano...sobre essas coisas assim, porque também é de muito interesse deles, eles tem muita curiosidade sobre esses temas.

Fernanda – Aham!

Dayani – Então... é isso aí! Inúmeros projetos! Então... o projeto, ele sempre parte de uma problemática, aí é feito um mapa conceitual, através de outra possibilidades e curiosidades que eles vêm em cima desse tema, então é estabelecido um mapa conceitual, e através desse mapa conceitual... então os professores fazem os desenvolvimento das aulas.

Fernanda – Esse projeto, ele é o mesmo pra escola do Brasil e pra escola da Argentina?

Dayani – Não! Esse projeto... ele seria por turma. Tá! Por turma, cada turma... vai ter o seu projeto. Como eu falei... as vezes, os professores acabam direcionando um pouquinho, ou então, assim... levando algumas possibilidades, dentro daquelas, eles escolhem, e aí, as vezes... acaba, tipo assim, os dois segundo anos lá da Argentina, terem o mesmo projeto, sobre o mesmo tema, então... acontece, mas não que seja, necessariamente uma obrigatoriedade... cada uma, tem a sua. Às vezes as professoras das turmas, por exemplo... principalmente lá na Argentina acontece isso, é... elas sentem que tem a necessidade de trabalhar valores... apesar, de que valores se trabalha em qualquer tema... Mas digamos assim, a professora quer que trabalhe valores, ela sugere pra professora que vai

fazer o intercâmbio, se ela pode ajudar ela a trabalhar, contribuir com aquele tema... digamos. De acordo com as dificuldades que ela vê na turma, então, sempre tem uma parceria entre a professora da turma e a professora que faz o intercâmbio.

(barulho na janela, fora da sala, das zeladoras utilizando mangueira para lavar as janelas)

Fernanda – E quanto as disciplinas, nesses projetos assim... Português, matemática, ciências... Como é que funciona?

Dayani – Então... depende o projeto... é... as vezes eles conseguem dar um enfoque maior em uma disciplina, né?! Geralmente, tem uma que fica mais privilegiada né... digamos assim... e outras menos, né... e, então eles procuram trabalhar e envolver o máximo de disciplina que eles conseguem né... mas nem sempre é trabalho todas, e como o projeto, na verdade, ele acontece só com os alunos de primeiro ao quinto ano, então... é uma professora titular que... e essa professora trabalha... português, matemática, ciências, todas...então... ela vai trabalhar e de certa forma, ela vai engloba as outras, e aí tem os professores das áreas... que tem os de artes, educação física e inglês... principalmente o de artes e inglês... educação física não é tanto, mas geralmente os de artes e inglês, colaboram também, dentro de alguma atividade, dentro do projeto. (pegando a palavra-chave interculturalidade em suas mãos, continua sua fala) E interculturalidade, na verdade... (risos) Quando eu li interculturalidade, na verdade eu confundi com interdisciplinaridade... (risos) E não tem nada a ver. Então, a interculturalidade, agente procura... dentro desse projeto, desenvolver... porque? Não só no sentido de culturas, diferentes né... Por que as vezes o professor, quando ele vai direcionar o projeto dele, ele... Muitas vezes, ele tenta assim... Por exemplo, ano passado teve a copa, não... as olimpíadas, né! Então... eles acharam interessante... trabalhar um pouquinho de olimpíadas em todas as turmas... Como se fosse uma sensibilização, pra depois... trabalhar... á partir daquilo, sair um projeto. Tá... Então, todos eles trabalharam um pouquinho das olimpíadas, porque... Porque ali eles trabalharam as culturas, não só de Brasil e Argentina, eles trabalharam um pouquinho de cada, ali na abertura, por exemplo... na abertura sempre tem alguma coisa que representa a cultura daquele país, então... eles trabalharam isso com os alunos, e depois eles enfocaram... um pouquinho mais aqui, pro Brasil e Argentina...No nosso caso né! E ai... trabalharam... um pouquinho sobre futebol, os principais jogadores, digamos assim... e sempre com o intuito de...

amenizar, digamos assim, essa situação de fronteira, rivalidade... digamos assim.... pois principalmente quando se trata de futebol, tem muita rivalidade entre Brasil e Argentina. (Nesse momento, ela pega a palavra-chave conflitos) Então... esse é um dos conflitos que agente tem! Que de certa forma... existe... não só no futebol... existe... uma competição entre o Brasil e a Argentina, então... o intuito é acabar com esse conflito, com essa... qual seria a palavra...esses desentendimentos, essa rivalidade que tem... entre os dois países... que eles se sintam bem, tanto os Argentinos aqui no Brasil, como os Brasileiros lá na Argentina. Na verdade, assim... agente percebe, que os alunos, assim... que participam desse programa, eles têm assim... quando ele vão no comércio, assim... agente vê assim, que eles têm uma intimidade maior, com os Argentinos.

Fernanda – É uma coisa, quase que natural pra eles?

Dayani – Sim! Porque eles estão tendo esse contato né...

Fernanda – Isso é muito significativo?

Dayani – Porque eles estão tendo esse contato né... Que é um ponto positivo que agente vê... Bom, dificuldades e capacitação de professores... (pegando essas duas palavras-chaves em suas mãos, a colaboradora continua sua fala) aqui eu vejo como... uma interligada na outra... porque... porque no meu ponto de vista, uma das maiores dificuldades ta ali... como é um projeto , é um programa, ele não tem... por exemplo, ele não vai efetivar um professor para trabalhar com o intercâmbio... né?! ... Então, nosso sistema aqui do Brasil é esse... Lá na Argentina, já não... eles tem os próprios professores efetivos da escola que fazem o *cruze*... aqui no Brasil, essa é uma dificuldade nossa, porque muitas vezes, cada ano tem um professor diferente... então, quando o professor começa a pegar o jeito, as vezes, de como agente trabalhou... acaba que o professor sai e vem outro professor novo.

Fernanda – E isso, aqui no Brasil, sempre foi assim?

Dayani – Sempre! Não!!! É... sempre não... porque no início os professores de turma faziam o intercambio... então eram professores alguns efetivos... outros também contratados, que nem todos os professores que temos aqui são efetivos (risos) Era.. então, tem professores que participaram por diversos anos, como foi o caso da Neuzanira e da Lúcia, que elas eram professoras efetivas de turma e elas faziam o intercâmbio, então... não foi sempre assim. Mas hoje, e já tem algum tempo... que os professores aqui no Brasil são contratados somente para fazer o

cruze... então, esses professores... vai por escolha no processo seletivo, quem tiver na lista... tiver na frente que vai pegar as aulas... e que ainda não pegou em outra escola, porque geralmente acontece primeiro a distribuição das aulas, das escolas, das turmas regulares... depois, acontece a escolha dos professores que vão trabalhar no intercâmbio, e acaba que... cada vez mudando esses professores. Então, essa no meu ponto de vista é uma das dificuldades. E capacitação... agora vou falar mais especificadamente sobre cada uma... no início, nós tínhamos capacitação feita através do IPOL e... nós tínhamos sempre uns assessores... que vinham... mensalmente, na escola, agente fazia encontros, conversava, eles nos ajudavam... ai se trabalhava tudo... digamos, desde os passos de um projeto, o que eu tenho que fazer... como despertar o interesse do aluno, como... sensibilizar o aluno, então, agente tinha essa preparação. Nos fazíamos relatórios, tinha que encaminhar pra eles. O MEC contratou o IPOL e o IPOL dava o assessoramento pra nos. Só que isso terminou em 2010, 2011... não tenho bem certeza, não lembro mais. E ai... teve uma parceria com por um tempo com a universidade... Fronteira Sul... e... eles acompanharam por um período agente, mas... já com um foco bem diferente do IPOL, já não tinha nada a ver o tipo de formação que... já era bem diferente. Então, essa era a capacitação que agente tinha... tinha porque hoje não tem mais... porque hoje, atualmente, agente não tem nenhum tipo de capacitação... é só o que agente consegue aqui... entre nós, com a nossa própria experiência, entre conversa com os professores aqui.

(Pausa para fechar a janela, a pedido das zeladoras)

(Barulho de água saindo da mangueira)

Fernanda – E... esse acompanhamento, da Fronteira Sul, se dava de quanto... em quanto tempo?

Dayani – Olha... uma vez cada mês... cada dois meses, não era tão frequente não...

Fernanda – E... hoje, não tem nada?

Dayani – Ninguém! Dificuldades... além dessa da capacitação... então, nos temos outras, como por exemplo... o... passe aqui pela aduana, digamos assim... então, pro professor ir a pé, demora muito tempo... de ir e voltar. Então, pra ele ir hoje... ele tem que ir com o próprio carro... teve uma época, que o MEC pagava táxi para os professores... teve, mas isso foi lá no início (risos) ai depois... hoje os professores são contratados pra trabalhar lá... então, ninguém se importa com a

forma que ele vai chegar lá... é um problema dele...isso ai... então, o professor vai e muitas vezes, chega ali final de ano...que tem bastante fila na Argentina, e na época próxima de páscoa, natal...então, nessas épocas, ou perto de um feriado, ou coisa assim... tem bastante fila, e ai o professor perde tempo para chegar, atrasa... tanto pra vim de lá pra cá... como de cá pra lá... a mesma coisa, principalmente a tarde... uma hora... então acaba atrasando outras vezes, agente já teve problema com a identificação de professores na aduana... também... acabava complicando, digamos assim, por causa da identidade....por causa de carro, não é qualquer carro que pode passar pra lá, tem que tá no nome da pessoa, são dificuldades que agente encontra! Né! ... E outras também.... na verdade agente encontra... o nosso sistema brasileiro e argentina... digamos assim, em se tratando de educação, é muito diferente! Tá... muito diferente. Então... assim, em alguns pontos, eu digo que nos somos melhores e em outros eles. Por exemplo, a educação que eles tem... assim, com o horário, é... na hora de cantar... porque eles chegam lá todo dia, e vão cantar o hino... o respeito que eles tem com aquela direção, com aquele pessoal lá... é de dar inveja! Você vai lá... num momento cívico...deles, você não tem um problema de indisciplina lá no meio... não tem! Como acontece aqui no Brasil! Né?! Em compensação... digamos assim, eles também assim... digamos no sentido... de... fugir um pouco daquilo de conteúdo de sala de aula... quando agente fala de projeto... eles têm muita dificuldade...porque pra eles tem que ser aquele conteúdo conforme... exatamente... eles tem que cumprir aquilo, conforme tá lá... eles demoram um pouquinho pra fugir daquilo. Isso é uma dificuldade que agente tem lá. Porque ai muitas vezes... acaba que o professor de sala... acaba induzindo ao professor daqui... a ele trabalhar o conteúdo... acaba! Então... muitas vezes acaba o professor ajudando.Não... assim, lógico, que eles não vir trabalhar o português assim, mas algum conteúdo diferente... digamos assim... eles acabam incluindo no projeto e ... disfarçadamente... para que eles possam cumprir aquele conteúdo deles.

Fernanda – Isso, por causa daquela preocupação com o rigor?

Dayani – Justo! Eles não conseguem... não é eles só, porque aqui também tem brasileiros, que também tem essa dificuldade... não é só na Argentina... mas lá, essa dificuldade é maior, essa dificuldade... de entender, que o projeto... ele abre outros caminhos, pra olhar além. E que... automaticamente, dentro dele, você consegue... ir incluindo, ir estabelecendo... então é uma dificuldade também! Talvez eu lembre de mais algum no caminho... (risos) Bom... então... (a colaboradora pega

a palavra-chave Ensino da matemática e continua sua fala) Vou para o ensino da matemática então... já que nos estava falando de disciplinas...o ensino da matemática... é... digamos assim, mais difícil de incluir... no meu do projeto. Alguns projetos foram trabalhados matemática... de forma... bem bacana, quando se trata de fronteira... de... coisas assim, eles acabam desenvolvendo bastante! Tem outros... que, assim, um pouquinho menos, digamos... se o projeto fale de corpo humano, né... daí tem mais dificuldade de incluir alguma coisa da matemática... agora, quando foi trabalhado... é por exemplo... um projeto, que eu até comentei contigo outro dia, é... sobre a fronteira... então, eles fizeram pesquisas, eles trabalharam com taxas de câmbio... quanto custa um produto aqui e quanto custaria na Argentina... então eles desenvolveram várias questões, vários probleminhas... que envolviam a matemática, foi bem legal... trabalharam com gráfico, com tabela... então, depende do projeto, eles conseguem incluir a matemática e tem outros... que a matemática acaba ficando de fora. (Pausa) (a colaboradora pega em suas mãos a palavra-chave implantação do programa) Implantação... que seria o início da nossa conversa... (risos)

Fernanda – Aham! (risos)

Dayani – Então... na verdade eu não acompanhei o processo de implantação... foi dois anos antes... três ainda... que começou a ser implantado, na verdade foi lá em 2004... pra começar em 2005 né?! Eu nem trabalhava nessa escola, nem era efetiva na época... Então... é... mas foi feito um acordo entre os dois MEC... os ministérios da educação do Brasil e da Argentina... né... esse acordo tem na escola, tem na internet... não sei se você já viu, já conheceu? Esse acordo... justamente pra desenvolver o bilinguismo e a interculturalidade... entre os dois países... na verdade, para que essas escolas de fronteira, essas cidades de fronteira... diminuam esse conflito e tenha mais... como é que se diz... seja mais amistoso... amigável... então, eu não tenho muito o que falar da implantação... porque eu não acompanhei bem esse processo, e... também... o que eu posso te dizer, assim... foi implantado gradativamente, assim... nas turmas de primeiro ao quinto ano, 2005... então, começou só com a primeira série na época...ainda era série, daí... em 2006, era primeira e segunda série, e assim... foi aumentando. A intenção na época, era de... que fosse para todas as turmas, só que... quando chegou no sexto ano... parou num problema bem maior... porque o sexto ano não tem mais só aquele professor... o sexto ano, tem nove professores diferentes...por

turma... então, ficou na época... fizeram um estudo... será que... iam determinar uma disciplinas...pra participar... e daí... ficou, ficou no estudo e não saiu daquilo... continuou sempre... somente... do primeiro ao quinto ano,

Fernanda – Os outros não participaram! Eu realmente, li no acordo... e essa era a proposta....

Dayani – É... essa era a proposta... mas realmente não aconteceu... como eles imaginavam, sonhavam, ou sei lá o que... (risos) É que na verdade, era um projeto... projeto... projeto você programa alguma coisa... e nem sempre você chega naquilo que você quer... né... conforme vai aparecendo as dificuldades... vai se mudando o rumo dele. (a colaboradora pega a palavra-chave passado/presente e futuro do programa) é... então... eu vejo que no passado, nós tivemos uma valorização... digamos assim... do projeto, do que nos temos hoje. E o futuro, é incerto... agente não sabe se... esse programa ainda vai existir por esse ano... mais ano que vem... por cinco ou dez anos... agente não tem nem ideia se ele vai continuar... ou se ele vai acabar... até porque... nesse ano, não temos turma de primeiro ano... de ensino fundamental... se no ano que vem não tiver turma de segundo... e no outro não tiver de terceiro e não tiver.... acaba terminando, e quando agente vê... o programa termina também... né... então, nossa intenção, é que no ano que vem... agente consiga abrir turma de primeiro e segundo ano também... mas agente não pode garantir... porque o estado pede um número x de alunos... e se agente não tiver esse número de matrículas não... abre!

Fernanda – Vocês não fecharam esse número mínimo?

Dayani – Não! Não fechamos... o número mínimo esse ano... e por isso... não tem o primeiro ano. Então... assim, o passado... ele foi muito prestigiado... foi muito valorizado... tinha encontros, tinha seminários, o pessoal do próprio MEC acompanhava muito... cobrava de certa forma, resolvida conflitos daqui... ouvia agente o tempo todo... a qualquer momento, podia ligar lá... e ela orientava... então agente tinha assim, uma valorização para o programa... ele tinha que acontecer... ele tinha que dá certo. E aí... foi acabando... a pessoa... que era a responsável na época saiu e acabou... deixando meio de lado... as outras pessoas que entraram não conheciam muito bem... então não foi dado tanto valor, como deveria... e já deixaram de pagar o assessoramento pedagógico que agente tinha... no presente, hoje... agente ainda com as próprias pernas... digo... dá certo, porque os professores se empenham... porque agente tenta se dedicar pra isso... mas no futuro... a gente

não sabe o que vai ser... (pausa) (a colaboradora pega a palavra-chave diferentes saberes dos alunos) Diferentes saberes... é, os diferentes saberes... quando a gente trabalha com projetos... principalmente... fica bem ligado né... se um aluno, ele conhece muitas coisas... automaticamente, ele vai perguntar mais ainda... vai interagir... vai sair mais coisas produtivas, né... então... é... lógico, quando agente vai trabalhar um projeto... você consegue... as vezes, cativa uma parte e outra... fica mais morna, digamos assim... isso acaba... fazendo com que o professor fuja um pouquinho do seu objetivo principal... porque ele não quer trabalhar só com aquele aluno que se interessou... que interagiu... ele quer... alcançar todos, né! Aquele mais quietinho... aquele que tem mais dificuldade né... então, muitas vezes, isso acaba fazendo com que o professor busque... caminhos, metodologias diferentes... né... e...

Fernanda – Como é o interesse dos alunos quanto ao projeto? Como você vê isso?

Dayani – No que vai começar, ou pra um que já tá andando assim?

Fernanda – Se você quiser me falar dos dois...

Dayani – Por exemplo... quando vai começar um projeto diferente... então... como eu te disse, geralmente... é feito uma aula, duas aulas... que agente chama de sensibilização... é onde o professor trabalha as vezes ali... coisas alheias, ou alguma coisa ligada a valores, alguma coisa assim... onde ele possa... uma dinâmica, uma história em quadrinhos, um vídeo... alguma coisa assim, que ele chegue, ele faça... com que a conversa flua... com eles quebrem um pouquinho... porque as vezes é professor novo, então eles estão um pouquinho inseguros... ai pra quebrar um pouco esse gelo... eles acabam, fazendo uma atividade assim. E aí... sempre vai ter aqueles alunos que falam, falam... perguntam, perguntam... (risos) e vai ter aqueles que não abrem a boca... e ai... o professor tenta motivar todos eles... nem sempre consegue né... cem por cento... ali então... acaba... as vezes aquele que fala, fala, fala... digamos assim, quer saber de um animal... leão, por exemplo... ele quer saber porque o leão tem pelo... (risos) eles fazem umas perguntas assim... (risos) ai... quando um pergunta do leão, o outro vai perguntar da zebra (risos) e o outro vai perguntar da girafa... (risos) e ai acaba direcionando... pra esse foco ali... eles não conseguem perceber que eles podem perguntar sobre... a água, por exemplo... que eles podem perguntar outra coisa que não tem nada a ver... por exemplo, lá do sol. Quando um deles puxa pra um assunto... acaba ficando muito ali, então... vai do

professor saber conduzir... ou se não... acaba ficando o projeto ali... o porque que o leão tem pelo! (risos) Entendeu?... Então... vai assim (risos) Mas é bem divertido!

Fernanda – Quantas vezes por semana eles tem esses encontros? Ocorre em período contrário... como que é?

Dayani – As aulas do intercâmbio... elas acontecem duas vezes na semana. Sempre na terça e na quinta... são duas aulas na semana, elas são inclusas no nosso currículo... como se fosse língua espanhola... só que são seis horas aulas... que tá na nossa grade curricular, como se fosse o espanhol... só que ela não é... trabalhada de forma de língua espanhola... é trabalhada como segunda língua, como eu te falei no começo. É... e... dependendo... ai agente organiza o horário, conforme fica melhor pra cada turma e... então, ou ela acontece de manhã, ou ela acontece de tarde, depende da turma... sempre duas vezes por semana, na terça e na quinta.

Fernanda – E não é opcional? Todos os alunos participam?

Dayani – Não! Não é opcional... todos tem que fazer... por que como eu te disse, ta na grade curricular... então faz parte. A não ser que... não tenha o intercâmbio... como por exemplo agora, que não começo as aulas ainda... então o professor da turma... o titular, vai dar aula de outras disciplinas pra eles, preencher aquele horário.

Fernanda – E... vocês tem uma perspectiva... deste ano, quando começa?

Dayani – Não! O pessoal de Posadas... ainda não deu a resposta... quem coordenada lá... não deram a resposta de quando, mas eu achei que esse ano, eles estão demorando mais... que... nos outros anos era mais rápido. E o pessoal aqui da nossa secretaria, já pediu quantas turmas tem... e querem contratar... mas pra eles contratarem os professores, tem que saber quando vai começar... por que eles não vão contratar um professor hoje... pra começar daqui um mês...então, tá nesse impasse por enquanto... mas acredito que agora vai...uns 10, 15 dias, vão resolver isso... estamos esperando. (a colaboradora pega a palavra-chave viver em fronteira) Bem, viver em fronteira... eu deixei por último, porque... é... agente que mora aqui... que nem eu, que nasci, cresci, vivi minha vida inteira aqui... agente nem percebe que é um fronteira.. tá! Porque eu to aqui... daí atravesso... to na Argentina, como é uma fronteira seca... não tem... e hoje agente tem o lago ali, Internacional... nossa , ele tem várias passagens, várias pontezinhas, né... que atravessa pro outro lado né... isso na verdade já foi feito pra isso... né, porque na verdade, é... pra unir Bernardo, Barracão e... Dionísio Cerqueira... isso, ali... foi feito pra que haja... mais

esse contato, esse...porque quando você vai ali... tem brasileiro, tem argentino de qualquer lado do lago... o pessoal vai caminhar, então faz a volta... então passa pelo lado brasileiro e pelo lado argentino... entendeu? Então... agente tá ali... e pra nós que moramos aqui, agente não percebe se tá chegando do lado da Argentina... não! Pra nós ali é o lago... agente nem percebe... ta na pracinha... tem a pracinha de... de...exercícios do lado da Argentina, tem do lado Brasileiro... dos dois lados tem tanto brasileiro como tem argentino... então... essa fronteira aqui é pra nós... não é muito delimitada, não é uma fronteira que... fronteira como agente vê na TV... que tem uma divisão muito grande... tem muro, tem um rio que separa... a nossa tem só a nascente (risos) mas ela não consegue... não dá conta de separar... então... agente sabe porque tem a calçada... o marco... agente sabe onde é a fronteira, mas todo mundo tem um convívio fácil e tem o comércio bem fluente... é... por exemplo o brasileiro vai na Argentina e compra alguns produtos... compra alguns produtos que agente não tem aqui: doce de leite, alfajor, principalmente (risos) então... os brasileiros vão lá pra comprar esse tipo de coisa. Os Argentinos vêm pra cá, e compram roupas, brinquedos, compram... por exemplo brinquedos... porque lá na Argentina, você não acha, por exemplo uma loja de brinquedos. Por que... os Argentinos não compram lá... eles compram aqui, pois é mais barato... e que é de melhor qualidade, então, é... tem coisas que agente deixa pra comprar lá na Argentina, que eu... compro porque é melhor, ou porque... é mais barato, e eles... também, né... tanto que, restaurante, eles frequentam aqui... tem muito mais argentino frequentando o Brasil, do que brasileiro indo em restaurante na Argentina. E brasileiro que vai lá... muito pouco, então, é... ontem fui jantar na Argentina ou hoje vim almoçar no Brasil... é natural. E esse viver em fronteira... eu vejo assim, eu vejo esse convívio bem grande entre... os dois países aqui. Você chega na Argentina falando português... natural... principalmente lá! Aqui no Brasil, principalmente... você não vê, falando o espanhol... Mas lá na Argentina, você vê muito... porque eles assistem muita TV brasileira, eles escutam muita música brasileira, então... isso também facilita pro professor que vai trabalhar lá... o aluno muitas vezes... já fala português... ele já tem esse contato, eles... assistem novelas, as músicas... gosto de chitãozinho e xororó... gosto de Sandy e Júnior... gosto de ... é eles conhecem muito as músicas, os cantores... principalmente os sertanejos... e... eles conhecem muito. E se você perguntar... aqui no Brasil, se eles conhecem as músicas deles... iiiii, muito pouco, bem difícil mesmo... né! Eu não sei, se essa parte

mais tecnológica, chegou primeiro em Dionísio do que em Bernardo, porque... lá, eles não tem muita opção de canal, de TV... e se eles porem uma antena... a globo, o sbt... vai pegar lá também, então eles acabam optando... justo, eles tem opção... e as novelas brasileiras, são sucesso no Brasil inteiro... no mundo inteiro na verdade, porque são traduzidas em vários idiomas, então ali na Argentina... você chega lá, as vezes eles perguntam da novela...(risos)

Fernanda – Você colocou essa questão da língua, né... que normamente lá, agente fala o português e isso é normal, agora aqui... eles falarem o espanhol... agente não...

Dayani – Digamos... que o português tem um domínio maior, assim!

Fernanda – É... eu ia questionar, realmente sobre essa questão do bilinguismo...né! Que também é muito falado quanto ao programa.

Dayani – É verdade! Justamente... nessa parte, agente percebe que o português é um pouquinho mais dominante... os alunos lá, a maioria... que convivem na fronteira, compreendem muito bem o português... agente sente mais dificuldade, com aquele que vêm lá de Posadas, e muda aqui pra Bernardo... esse ai fala só espanhol. Só que... é... que, como a língua espanhola e a língua brasileira, também são próximas... agente não tem muita dificuldade de... compreender... algumas palavrinhas, que ai agente pede pra repetir... e explica, faz através de gestos, mostra... ou vem alguém ali, e já traduz... então agente tem bastante... E o brasileiro... já não tem tanto esse contato. Dificilmente, aqui no Brasil, você vai ver um brasileiro falando espanhol, escutando uma música, ou assistindo uma TV nesse idioma... quando eu comecei a acompanhar o projeto... assim, essa fronteira, como eu te falei... ele ficou muito fluente... nos... quantos anos pra cá? Uns 15 anos pra cá... digamos assim, antes disso, era só argentino que vinha comprar no Brasil... porque ali nos tivemos uma inversão no valor do peso... antigamente o peso valia muito mais que o real... então, pra eles as coisas aqui, ficavam menos da metade do preço... quando inverteu... foi que a Argentina cresceu ali do lado de Bernardo. Foi onde começou a sair mercado... porque não tinha... só tinha dois ou três, naquela ruazinha pra cima da aduana... e era só! Não tinha comércio, não tinha mercado... não tinha loja de roupas, não tinha quase nada! Então... daí, agente não ia pra lá. Eu nasci aqui, e fui pisar ali na Argentina já era quase adulta, moça... digo assim. Então, os Argentinos, sempre vinham mais pra cá. Então... talvez por isso que já ficou um pouquinho... mais predominante essa... eles vinham e já tinham que ir se adaptando,

falando o português, né... e depois que começou, que teve essa inversão no valor do peso, foi que cresceu... bastante ali... os mercados e... aí os brasileiros começou a ir pra lá também. Não sei se não perdi o foco da minha fala... qual era mesmo a pergunta....?

Fernanda – Era quanto ao bilinguismo... (risos)

Dayani – (risos) Justo! Então... o brasileiro sempre teve menos contato com o espanhol, acho que começou por isso...

Fernanda – Então... porque eles começaram antes, esse contato?

Dayani – Isso! Depois que começou o nosso pessoal a ir pra Argentina... e acho que por isso... que é mais falada a língua brasileira, automaticamente.

Fernanda – E a questão do lago também né... porque quem vinha aqui... há uns 10 anos atrás, via outra coisa ali, ao chegar na fronteira...

Dayani – É... só tinha mato ali!

Fernanda – E você vê que isso também possibilitou interações?

Dayani – Com certeza... porque.. é... não só pela facilidade de cruzar ali, de um lado pro outro... porque antes... agente tinha ali, uns carreiros ali, pelo mato, ou então pela aduana... Os carreiros ainda existem aqui... mais pra frente. Tá... então as vezes, as pessoas passam de carro e tals, trazendo uma coisa ilegal né, geralmente quando é uma coisa ilegal... passam por esses carreiros, mas... mas assim, eu, eu quero comprar alfajor... meu filho é loco por isso, come todo dia, aí, eu encosto o carro ali do lado do lago... e agente vai conversando, brincando, e vai até o mercadinho lá comprar... então, é... não só por isso, você no domingo a tarde, sábado a tarde, você vê, quando o tempo tá bom... muita gente lá, sentado, levam cadeiras, levam pipoca e sentam lá... e aí, tem, brasileiros e tem argentinos... no lado Argentino, principalmente tem uma sombra muito boa... então aquele lugarzinho lá é procurado, é disputado... tanto por brasileiros como por argentinos, então... agente tem um contato. Você vai lá no campinho, que tem lá... que fizeram do lado, uma quadra... então lá, eles reservam horário e jogam... as vezes tem brasileiro e as vezes tem argentinos e... acho que esse parque ali, ele aproximou! Eu vou lá na pracinha do lado do Brasil, fazer ginástica... chego lá, daqui a pouco puxa conversa um menino argentino... então, o contato se dá automaticamente, e antes, não tinha isso... só quando era comércio mesmo, porque não tinha... um momento de interação, um lugar... de igual pra igual... Então, eu acho que facilitou, sim! Ele

demorou pra ficar pronto, porque ali.... era só um lodo... daí eles cavaram e fizeram aquilo ali.

Fernanda – Acho que levou uns seis anos...

Dayani – É! Acho que foi. Com alguns desastres ali...

Fernanda – Sério? Na época da construção?

Dayani – É! Na construção, morreram quatro crianças da Argentina... porque, quando eles começaram ali, e ainda não tinha água, eles... quiseram entrar ali... e... acho que um foi puxando o outro... e...aquilo virou um lodo, e eles não conseguiram mais sair... foram quatro crianças da mesma família, uma tragédia! Mas, enfim... depois, teve um casal de namorados brasileiro... que não faz tanto tempo... e não sei bem o que aconteceu... só que o problema do lado, é que como ele foi cavado, em baixo ele é barro, é um lodo, quem cai ali, não sai... Mas não queremos falar disso.

Fernanda – É! E você quer falar mais alguma coisa... independente das palavras-chaves...

Dayani – Tinha mais alguma coisa... que eu queria falar da fronteira... mas acho que esqueci (risos) mas eu não lembro... ai ai... mas sobre as palavrinhas, acho que eu falei um pouco de todas né?! Mas assim, se você tem mais alguma coisa...

Fernanda – Mas... eu acho que de minha parte, não! Porque você falou bastante coisa, nossa! Acho que vai somar bastante no trabalho!

Dayani – Que bom... (risos)

Fernanda – Então... deixa eu confirmar aqui, agora são oito e cinquenta. Muito obrigada Dayani.

APÊNDICE 12 – TEXTUALIZAÇÃO DA 1º ENTREVISTA COM A COORDENADORA DAYANI MACHADO MACHIAVELLI

Textualização da 1º Entrevista com a Coordenadora Dayani Machado Machiavelli

Nome da entrevistada: Dayani Machado Machiavelli

Local da 1ª Entrevista: Escola Theodureto – Dionísio Cerqueira/SC

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Textualizadora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 30/03/2017, período matutino

Tempo de duração da entrevista: 41:06 min

Hora de início da entrevista: 08:11

Hora do término da entrevista: 08:50

Data da textualização: 01 de abril de 2017

Tempo de textualização 02: 27 horas

Então, irei começar falando sobre trabalhar por projetos e interculturalidade, pois no meu ponto de vista estão juntas. Pois para o projeto ter um significado maior, ele deve estar junto com a interculturalidade. O programa sempre foi trabalhado por projetos, porque ele não é aula de espanhol, nem aula de português, ali o professor não trabalha a língua estrangeira; o professor trabalha através de projetos (através do contato, da fala, do convívio) é como uma segunda língua e não como língua estrangeira.

Os projetos são desenvolvidos, de forma geral, a partir do interesse do aluno. Muitas vezes o professor, acaba estimulando pra algum tema, principalmente por se tratar de alunos de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental I, nem sempre conseguimos despertar nele ou fazer com que ele expresse o que ele gostaria de aprender. Sendo assim, em muitos casos, os professores acabam direcionando conforme aquilo que eles acham interessante trabalhar com esses alunos.

Nas turmas, mais avançadas (quarta ou quinto ano), já foram realizados muitos projetos interessantes a partir da motivação que os alunos demonstraram. Por exemplo, no ano que estava passando a novela Caminho das Índias, na rede Globo, os alunos demonstraram interesse sobre a Índia, assim, surgiu um projeto onde eles se mostraram muito interessados e pesquisaram muito, descobrindo muitas singularidades de lá. Teve outro projeto muito bacana, que foi sobre a África. Já foi trabalhado também sobre o corpo humano. Esses temas despertam muito a curiosidade desses alunos menores pelos projetos. Então, são inúmeros projetos. Esses, sempre partem de uma problemática, num segundo momento, é desenvolvido um mapa conceitual, exibindo as possibilidades que podem ser trabalhadas em cima daquele tema específico, e posteriormente, os professores fazem os planejamentos dessas aulas do projeto.

Esses projetos são desenvolvidos por turma então, cada turma tem um projeto específico. Já tivemos anos, que o mesmo projeto foi trabalhado em duas ou mais turmas, no Brasil e na Argentina. Mas isso não é uma obrigatoriedade.

Muitas vezes, o professor titular da turma, sente algumas das necessidades da turma, de maneira geral. Então, esse professor repassa isso para o professor que faz o intercâmbio, como uma sugestão, que pode ser trabalhada naquela turma.

Quanto às disciplinas abordadas no programa, depende muito do projeto, pois em alguns é possível dar um enfoque maior pra umas do que pra outras, geralmente uma fica mais privilegiada. Os professores sempre tentam envolver o máximo de disciplinas no projeto, mas nem sempre todas as disciplinas são abordadas. E também, como as disciplinas só ocorrem em turmas de primeiro ao quinto ano, o professor titular é apenas um, que trabalha com português, matemática, ciências. Sendo assim, ele busca unir o máximo possível de disciplinas no projeto. Os professores das áreas específicas, como artes, educação física e inglês, normalmente colaboram com alguma atividade dentro dos projetos. Especialmente artes e inglês, educação física é menos frequente.

Falando da interculturalidade, quando eu li, confundi com interdisciplinaridade, apesar de não ser a mesma coisa. Buscamos, dentro dos projetos, desenvolver a interculturalidade. Não apenas no sentido de diferentes culturas. O ano passado, quando teve as olimpíadas, foi realizado um projeto com esse tema. Os alunos acharam muito interessante e esse projeto foi desenvolvido em todas as turmas do projeto. Então, nesta oportunidade, os professores

conseguiram trabalhar as culturas; não só do Brasil e da Argentina, trabalharam um pouco de todas, de forma geral. Depois abordaram a questão do futebol, com objetivo de amenizar a rivalidade encontrada aqui na fronteira.

Falando de futebol, esse é um dos conflitos que aqui existe. De forma geral, não só no futebol, mas existe uma competitividade, uma rivalidade de maneira geral entre o Brasil e a Argentina. E o programa, tem o intuito de acabar com esses conflitos, desentendimentos e rivalidades, que existe tanto aqui no Brasil para com os Argentinos, como na Argentina, para com os Brasileiros.

É possível perceber, que os alunos que participam do programa, eles tem uma intimidade maior com o país vizinho, em especial quando visitam o comércio. Para os alunos isso vai se tornando, algo mais natural. E é muito significativo, no sentido do programa possibilitar esse contato, eu vejo isso como um ponto positivo!

Falando de dificuldades e capacitação dos professores, eu vejo isso interligado. No meu ponto de vista, uma das maiores dificuldades é quanto aos professores, que por se tratar de um programa, não se como efetivar esse professor para trabalhar especificamente com o intercâmbio. Isso é uma dificuldade aqui no Brasil, pois lá na Argentina, eles têm os próprios professores efetivos da escola atuando no *cruze*. Aqui no Brasil, isso é uma dificuldade, porque ocorre que muitas vezes, cada ano é um professor diferente; então quando ele se adaptou a trabalhar com o projeto e atuar no intercâmbio, vem um novo professor.

Isso nem sempre foi assim. Pois no início, eram os professores das turmas que participavam no intercâmbio. Então, tinham professores efetivos e professores contratados. Mas no início, teve professoras que se mentiram anos atuando no programa, como foi o caso da professora Neuzanira e da Lúcia, que era professoras efetivas das turmas aqui no Brasil e faziam o intercâmbio com os alunos na Argentina. Porém, já tem algum tempo, que aqui no Brasil, os professores que participarão do intercâmbio, são professores contratados exclusivamente para isso, para o *cruze*. E essa contratação, se dá através de processo seletivo, existe uma lista, e vão chamando os professores, e normalmente essa escolha se dá após as aulas do regular já terem sido distribuídas. Então, essa no meu ponto de vista é uma das dificuldades. E quanto a capacitação, vou falar mais especificamente disso agora. No início, nós tínhamos capacitação feita através do IPOL, sempre tínhamos assessores, que nos visitavam mensalmente aqui na escola, nós realizávamos encontros, conversas, eles nos ajudavam em todos os sentidos, desde como se

fazer um projeto, como despertar o interesse no aluno, então eles nos capacitavam. Era preciso enviar relatórios de acompanhamento pra eles. Então, no início, o MEC contratou o IPOL e o IPOL dava todo esse assessoramento pra nos. Porém, isso terminou em 2010 ou 2011. Então, surgiu uma parceria, por um certo período com a universidade Fronteira Sul, porém eles atuavam com outro foco, muito diferente do IPOL. Então, essa era a capacitação que agente tinha. Tinha! Pois hoje não tem mais nada! Atualmente, nos não temos nenhum tipo de capacitação, o que consegue aqui, se dá entre nós, com a nossa própria experiência, entre conversas com os professores aqui. Quando a Fronteira Sul no acompanhou, esse assessoramento se dava a cada dois meses, não era algo tão frequente.

Falando ainda das dificuldades, além da capacitação que eu falei, tem também outras questões, e uma delas é o passe aqui pela aduana. Pois para o professor ir a pé, demora muito tempo, então pra ele ir hoje fazer o intercâmbio, ele realiza esse transporte com o próprio carro. Mas, teve uma época, no início, que o MEC pagava táxi para os professores. Como hoje, esses professores que fazem o *cruze*, são contratados especificamente para trabalhar com o intercâmbio, ninguém se importa como se ele realiza esse transporte. É comum, em épocas próximas a natal, ou feriado, o professor se depara com filas grandes para passar para Argentina, e vice versa, então isso acaba atrasando as aulas, e outras vezes, já tivemos problema com a identificação de professores na aduana, isso também é complicando, muitas vezes eles implicam com a identidade, ou por causa de carro, pois não é qualquer carro que pode passar pra lá, tem que tá no nome da pessoa, então, essas são algumas das dificuldades que agente encontra!

Outra dificuldade, é quanto ao sistema educacional brasileiro e argentino, em se tratando de educação, somos muito diferentes! Em alguns pontos, eu digo que nos somos melhores e em outros eles. Por exemplo, a educação que os alunos têm na Argentina, seja quanto ao horário, à questão de cantar o hino diariamente, quanto ao respeito que eles têm com aquela direção. É de dar inveja! Quanto a questão da indisciplina, é visível nos momentos cívicos que acontecem lá, que é muito diferente daqui. Agora, quando se trata do rigor ao conteúdo, no sentido de fugir um pouco daquilo de conteúdo de sala de aula, principalmente se tratando de trabalhar por projetos, o pessoal da Argentina tem muita dificuldade. Pra eles, quanto ao conteúdo imposto, deve se dar conforme o estabelecido, com rigor, tudo deve ser cumprido. Então, eles demoram um pouquinho pra fugir daquilo. Isso é

uma dificuldade que agente encontro na Argentina. Ocorre, que muitas vezes, o professor titular da sala, ele acaba induzindo ao professor do intercâmbio trabalhar o seu conteúdo. Então, muitas vezes, esse professor do intercâmbio, acaba cedendo ao pedido do professor titular. Isso acontece pela preocupação quanto ao rigor, de cumprir todo o conteúdo proposto. Mas, aqui no Brasil, também temos professores com essas dificuldades, mas lá isso é muito mais evidente, em especial quanto ao compreender o que um projeto, que ele possibilita abertura de novos caminhos, para ir além do conteúdo.

Falando do ensino da matemática, digamos que seja mais difícil incluir em muitos projetos. Mas é possível. Alguns projetos foram trabalhados matemática de forma bem bacana, em especial quando foi trabalhado sobre fronteira. Porém, em outros projetos, por exemplo, o de corpo humano, fica um pouco mais difícil. Voltando a falar do projeto dobre fronteira, neste envolveu bastante a matemática, eles trabalharam as taxas de câmbio, analisando quanto um produto custa na Argentina e quanto esse mesmo produto custaria aqui no Brasil, e assim, conseguiram trabalhar várias questões e problemas, foi muito legal! Neste projeto, eles também trabalharam com gráficos e tabelas, conseguiram incluir a matemática bem.

Quanto à implantação do programa, eu não acompanhei muito esse processo inicial, acho que isso se deu uns dois ou três anos antes de eu iniciar aqui na escola. Mas, o que ocorreu, foi um acordo entre os dois MEC, entre os ministérios da educação do Brasil e da Argentina, é possível encontrar esse documento na internet ou até aqui na escola. Esse acordo se deu como forma de buscar desenvolver o bilinguismo e a interculturalidade entre os dois países vizinhos, e para que essas escolas, que estão localizadas em cidades de fronteira, possam diminuir os conflitos que aqui existem, que a convivência possa se dar de forma mais amistosa e amigável. A implantação do programa, e deu de forma gradativamente, assim, começou a ser implantado na turma de primeiro ano em 2005, e em 2006 nas turmas de primeiro e segundo ano, e assim por diante, até ser implantado em todas de primeiro ao quinto ano. A intenção na época era de implantar em todas as turmas, inclusive nas de sexto ao novo ano. Mas, quando chegou à turma de sexto ano, o programa se deparou com um problema bem maior, pois no sexto ano não tem mais só um professor titular na turma, eles têm nove professores diferentes por turma. Então, na época fizeram um estudo e verificaram

se iriam determinar uma disciplina para participar, mas tudo isso não saiu do estudo. Então, o programa só ocorre de turmas de primeiro ao quinto ano. A proposta, de fato era para ir expandindo essa implantação, mas como não aconteceu como o planejado, e até porque quando se trata de um projeto, você nem sempre consegue chegar onde deseja, conforme as dificuldades que vão surgindo, as coisas podem ir mudando de rumo.

Quanto ao passado/presente e futuro do programa, eu vejo que no passado, nós tivemos uma valorização do projeto, diferente do que temos hoje. E quanto ao futuro, é incerto. Não sabemos se o programa ainda vai existir por esse ano, ou mais ano que vem, ou por cinco ou dez anos. Nos não temos nem ideia se ele vai continuar ou se ele vai acabar, até porque nesse ano, aqui na escola não temos turma de primeiro ano, então se no ano que vem não tiver turma de segundo e no outro ano não tiver de terceiro, tudo acaba terminando, e conseqüentemente o programa termina também. Então, nossa intenção, é que no ano que vem, a escola possa conseguir abrir turma de primeiro e segundo ano também, mas nós não podemos garantir, pois o estado exige um número x de alunos, e se agente não tiver esse número de matrículas não, não abre! Então, no passado, o programa foi muito prestigiado, muito valorizado. Nós tínhamos encontros, tinha seminários, o pessoal do próprio MEC acompanhava muito, cobravam de certa forma e buscavam resolver os conflitos que surgiam, eles nos davam ouvidos; então, a qualquer momento, conseguíamos ligar lá e receber orientação. Por isso, sentia uma valorização quanto ao o programa, e percebia que ele tinha que acontecer, ele tinha que dá certo! Mas, com o passar do tempo, isso tudo foi acabando! A pessoa que era a responsável na época acabou saindo, e infelizmente, quem assumiu foi deixando tudo meio de lado, talvez porque as outras pessoas que entraram não conheciam muito bem do que se tratava o programa e então não foi dado tanto valor, como deveria. Assim, eles deixaram de pagar o assessoramento pedagógico que tínhamos, tanto que no presente, andamos com as próprias pernas, e digo que se dá certo, é porque os professores se empenham, é porque buscamos nos dedicar pra isso, mas no futuro não sabemos como será!

Quanto aos diferentes saberes, eu penso que quando a gente trabalha com projetos, isso fica bem ligado. Pois se um aluno conhece muitas coisas, automaticamente, ele vai perguntar ainda mais, vai interagir mais, e assim, surgirá coisas mais coisas produtivas. Então, quando agente vai trabalhar um projeto,

muitas vezes, conseguimos cativa uma parte da turma e a outra parte, fica mais morna, e isso acaba fazendo com que o professor fuja um pouquinho do seu objetivo principal, pois ele não quer trabalhar com só com aquele aluno que se interessou, aquele que interagiu; o objetivo é alcançar todos! Seja aquele aluno mais quietinho, aquele que tem mais dificuldade, então, muitas vezes, isso acaba fazendo com que o professor busque outros caminhos, metodologias diferentes.

Á respeito do interesse dos alunos, quando vamos iniciar um projeto novo, geralmente é feita uma aula ou duas, que chamamos de sensibilização. Nesse momento, é onde o professor trabalha às vezes ali, coisas alheias, ou alguma coisa ligada a valores, uma dinâmica, uma história em quadrinhos, um vídeo, algo que permita que ele chegue ao tema, que faça com que a conversa flua com os alunos. Pois muitas vezes, o professor novo, então os alunos estão um pouquinho inseguros, e para quebrar um pouco esse gelo, é realizada uma atividade assim. Então, sempre vai ter aqueles alunos que perguntam mais, participam mais, e também vai ter aqueles alunos mais tímidos, que pouco ou nada falam. E então, o professor busca motivar todos eles, claro que nem sempre consegue, mas é isso que ele busca! Em muitos momentos também, os alunos acabam fugindo um pouquinho do tema desejado, ou até permanecendo no mesmo assunto (que muitas vezes não tem nada a ver com o tema estudado), então, cabe ao professor essa tarefa de conduzir esse diálogo, de acordo com os objetivos estabelecidos para a aula.

As aulas do intercâmbio acontecem duas vezes na semana. Sempre na terça-feira e na quinta-feira. São inclusas no nosso currículo, como se fosse língua espanhola, porém a carga horária é de seis horas aula. É trabalhado como uma segunda língua. Buscamos organizar os horários, conforme fica melhor pra cada turma e para cada professor, então, as aulas do projeto, podem acontecer tanto de manhã como pela tarde, depende da turma, mas são sempre duas vezes por semana.

A participação dos alunos no projeto não é opcional! Todos tem que fazer parte, pois está na grade curricular. Mas, por exemplo, o momento atual, ainda não começaram as aulas do intercâmbio, então a professora titular da turma ocupa os horários vagos. Ainda não sabemos bem certo quando irá começar as aulas do projeto, pois o pessoal de Posadas ainda não deu a resposta. Mas eu achei que esse ano, eles estão demorando mais que o normal. O pessoal aqui da nossa

secretaria, já pediu quantas turmas tem para contratar os professores, mas acredito que dentro de uns 10 a 15 dias deve começar.

Bem, o viver em fronteira eu escolhi deixar por último, pois nós que moramos aqui, e no meu caso que nasci, cresci, vivi minha vida inteira aqui, nós não percebemos que é uma fronteira! Porque eu to aqui no Brasil, atravesso uma rua e já estou na Argentina! Acho que é por ser uma fronteira seca e também, porque hoje temos o lago ali na divisa Internacional. Então, existem várias passagens, várias pontezinhas de acesso. O lago foi construído para unir Bernardo, Barracão e Dionísio Cerqueira, ele surgiu para que haja mais contato, e isso acontece. Quando vamos ao lago, têm brasileiros, têm argentinos, independente de qual lado do lago você está! O pessoal vai caminhar, então faz a volta no lago, passando pelo lado brasileiro e pelo lado argentino. Então, quando estamos ali, e de forma geral, pra nós que moramos aqui, agente nem se dá conta que está chegando à Argentina! Essa fronteira, para nós, não é vista como algo que delimita, pois não é uma fronteira daquelas que vemos na TV! Pois não tem uma divisão muito grande, não tem um muro, tem um rio que separa! Existe aqui um convívio fácil, também pelo comércio, que é bem fluente. Então, por exemplo, o brasileiro vai à Argentina e compra alguns produtos, por outro lado, muitos argentinos vêm fazer compras no Brasil. Nós, vamos até ali comprar alguns produtos que agente não tem aqui: doce de leite, alfajor! Já os Argentinos vêm pra cá, e compram roupas, brinquedos, eles frequentam muito os nossos restaurantes. Então, esse viver em fronteira, eu vejo com esse convívio bem grande entre os dois países. Você chega na Argentina falando português e isso é natural, eu vejo que em especial lá! Já aqui no Brasil, pouco se vê falando o espanhol. Penso que isso se dá, pelo fato de que ali na Argentina, eles assistem muita TV brasileira, eles escutam muita música brasileira, então isso também acaba facilitando para o professor que vai trabalhar lá com o intercâmbio. Muitas vezes, os alunos ali da Argentina, até já falam o português, pois eles já têm esse contato, seja porque eles assistem novelas, escutam as músicas. Agora, se perguntar aqui no Brasil quem conhece as músicas da Argentina, isso é bem difícil! Talvez, seja porque essa parte mais tecnológica chegou primeiro em Dionísio do que em Bernardo, e porque ali eles também não tenham muitas opções de canal de TV, e então acabam sintonizando os nossos, como a rede globo e o SBT. Vejo que o português tem um domínio maior sobre o espanhol. E isso se percebe quanto ao bilinguismo no programa, que o português é um pouquinho mais

dominante. A maioria dos alunos da Argentina, que convivem na fronteira, eles compreendem muito bem o português. Notamos uma maior dificuldade, com aqueles que vêm lá de Posadas, e se mudam aqui pra Bernardo, esse sim, só falam espanhol! Mas, como a língua espanhola e a língua brasileira, também são próximas, não temos tanta dificuldade de compreendê-los, e se tem alguma palavrinhas específica pedimos para ele repetir ou até utilizar gestos. Já os alunos daqui do Brasil, não tem tanto esse contato. É bem difícil encontrar aqui no Brasil, alguém que fale o espanhol, ou escutando uma música, ou assistindo uma TV nesse idioma! Lembro-me, que desde quando comecei a acompanhar o projeto, essa fronteira, mudou muito. Até 15 anos atrás, era, só os argentinos que vinham comprar no Brasil, pois posteriormente, tivemos uma inversão no valor do peso, antigamente o peso valia muito mais que o real. E foi quando ouve essa inversão, que Bernardo na Argentina cresceu. Foi onde começaram a construir os mercados, expandir o comércio, surgiram novas lojas de roupas, porque até então, ali não existia quase nada! Não tinha comércio, não tinha mercado, não tinha loja de roupas, não tinha quase nada! Eu que nasci aqui só fui pisar ali na Argentina já era quase adulta! Como eram os Argentinos que inicialmente vinham mais pra cá, talvez por isso que já tenha ficado um pouquinho mais predominante a nossa língua.

Quanto ao surgimento do lago, ele trouxe uma facilidade de *cruzar* a fronteira. Mas, pro outro, sempre existiu alguns carreiros pelo mato. Esses carreiros ainda existem ali, mas são mais usados para transporte de coisas ilegais. Hoje, se eu quero ir com meu filho comprar alfajor, estaciono meu carro do lado brasileiro na beira do lago e vamos caminhando até o mercado. Nos finais de semana, você vê, quando o tempo está bom, muita gente ali no lago sentado, as pessoas levam cadeiras, levam pipoca e ficam lá, então encontramos ali tanto brasileiros como argentinos, então percebemos que existe esse contato! Acho que esse parque ali, ele aproximou! Antes, o contato se dava apenas no comércio, pois não existia uma área de interação, um lugar de igual pra igual! Então eu acho que facilitou sim esse contato! O lago demorou bastante pra fica pronto, uns seis anos, e teve alguns desastres na sua construção. Durante a construção, morreram quatro crianças da Argentina, foram quatro crianças da mesma família, uma tragédia!

APÊNDICE 13 – CARTA DE CESSÃO – COORDENADOR DAYANI
MACHADO MACHIAVELLI

Carta de Cessão - Coordenadora Dayani Machado Machiavelli.

CARTA DE CESSÃO

Dionísio Cerqueira/SC, 18 de abril de 2017.

Eu, Dayani Machado Machiavelli, portador(a) do RG número 4.084.677, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas no encontro de discussão com base em minha fala e minha escrita. Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito das discussões realizadas e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi.

Eu, Dayani Machado Machiavelli, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.

Dayani M. Machiavelli

Assinatura do (a) participante/entrevistado(a)

Fernanda M. Grave

Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora

**APÊNDICE 14 – ROTEIRO INICIAL PARA ENTREVISTA – PROFESSORA
LÚCIA DE FÁTIMA SCREINER FARIAS**

Roteiro inicial para Entrevista – Professora Lúcia de Fátima Schreiner

Farias

ROTEIRO INICIAL PARA A ENTREVISTA

Colaboradora da Pesquisa: Lúcia de Fátima Schreiner Farias

RG nº: 1 432 002-4

Local da entrevista: Casa

Data da entrevista: 30/03/17

Início da entrevista _____ Término da entrevista _____

Dados de identificação

a) Sexo: Feminino Masculino

b) Idade: 42

c) Função que atuou no programa: Professora

d) Possui graduação?

Qual curso Pedagogia

e) Possui pós-graduação?

Sim Especialização Mestrado Doutorado

Não

Especificar _____

Não

f) Possui vínculo com o estado Sim Efetivo Outro

Não

Por quanto tempo? aproximadamente 30 anos

g) Possui vínculo com o município Sim Efetivo Outro

Não

Por quanto tempo? 3 anos

h) Por quanto tempo atuou no programa? 5 anos

Especificar os anos 2005 a 2009

Muito Obrigada pela
Colaboração!!!

**APÊNDICE 15 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO – PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCREINER FARIAS**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Professora Lúcia de Fátima
Schreiner Farias.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Lúcia de Fátima Schreiner Farias, portador(a) do RG. 1.439.669-4, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar das discussões e/ou ser entrevistado(a) para a pesquisa de mestrado, intitulada até o presente Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi. A qualquer momento que julgar necessário, poderei contatar/consultar a pesquisadora através do telefone (46) 98823 -8294 ou do e-mail: fernanda.grave@ifpr.edu.br Afirmo que recebi o convite e aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de encontros de discussão, a ser gravado em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento. Eu, Lúcia de Fátima Schreiner Farias, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto a minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Dionísio Cerqueira/SC, 30 de março de 2017.

Lúcia S. Farias

Assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa

Fernanda M. Grave

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE 16 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE MATERIAL – PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCREINER FARIAS

Termo de autorização para utilização de material - Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE MATERIAL

Dionísio Cerqueira/SC, 16 de Abril de 2017.

Eu, Lúcia de Fátima Schreiner Farias, portador (a) do RG número 1.432.002.4, declaro, por meio deste termo, que autorizo de forma expressa, o uso do material elaborado por mim, sobre minha atuação no Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira. O material contém planejamentos, organização, registros de aulas, pareceres elaborados pelos coordenadores, registros fotográficos de diversas atividades, recortes de matérias de jornal, dentre outras anotações próprias. Esta autorização inclui os registros fotográficos que a pesquisadora poderá fazer sobre meu material, na íntegra ou parcial dos dados, para ser utilizado na dissertação de mestrado "*Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira*", desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurelio Zanlorenzi.

Eu, Lúcia de Fátima Schreiner Farias, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente, confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.

Lúcia de Fátima Schreiner Farias

Assinatura do (a) participante/entrevistado (a)

[Assinatura]

Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora

Data _____

Meus alunos.

ESCUELA DE FRONTERA 604 DE J.C. BILINGÜE INTERCULTURAL Nº 1

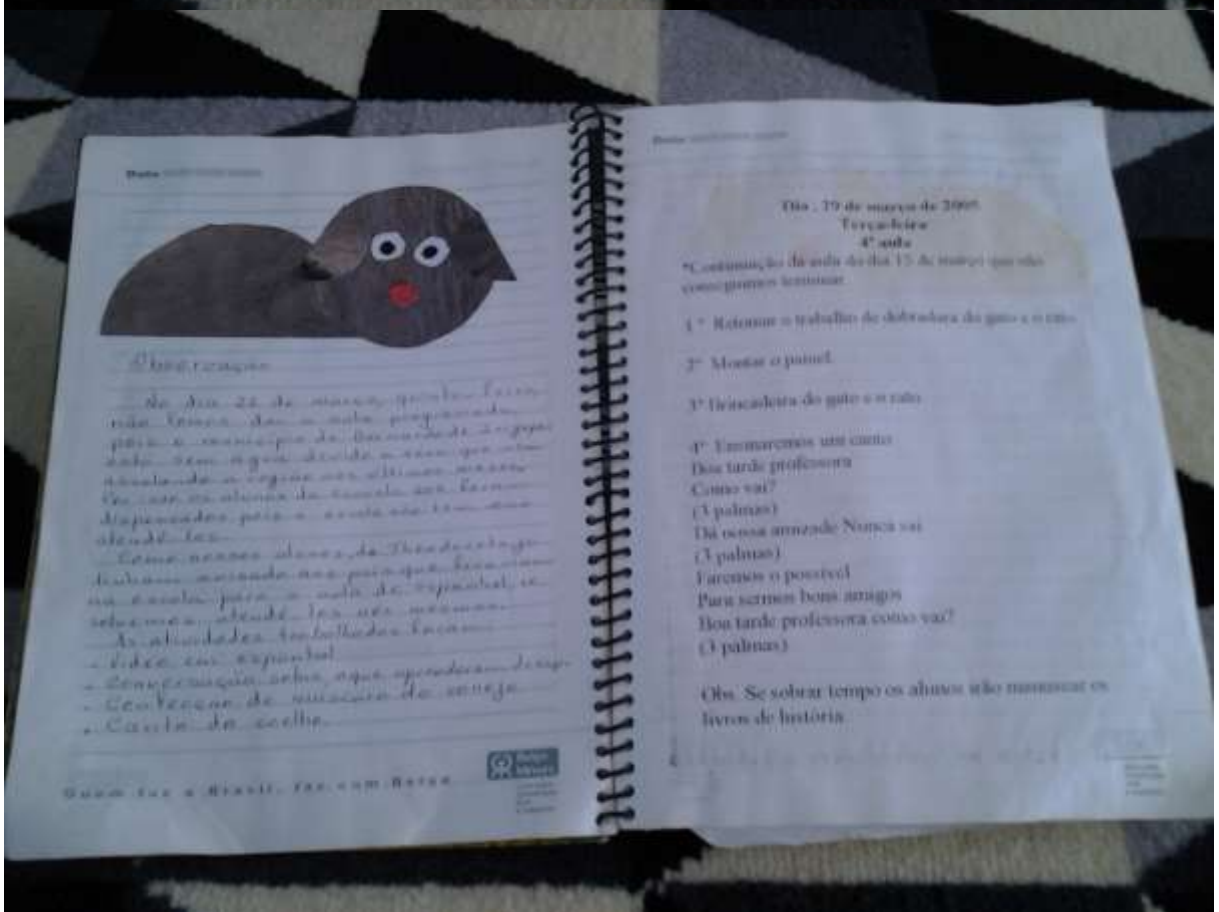
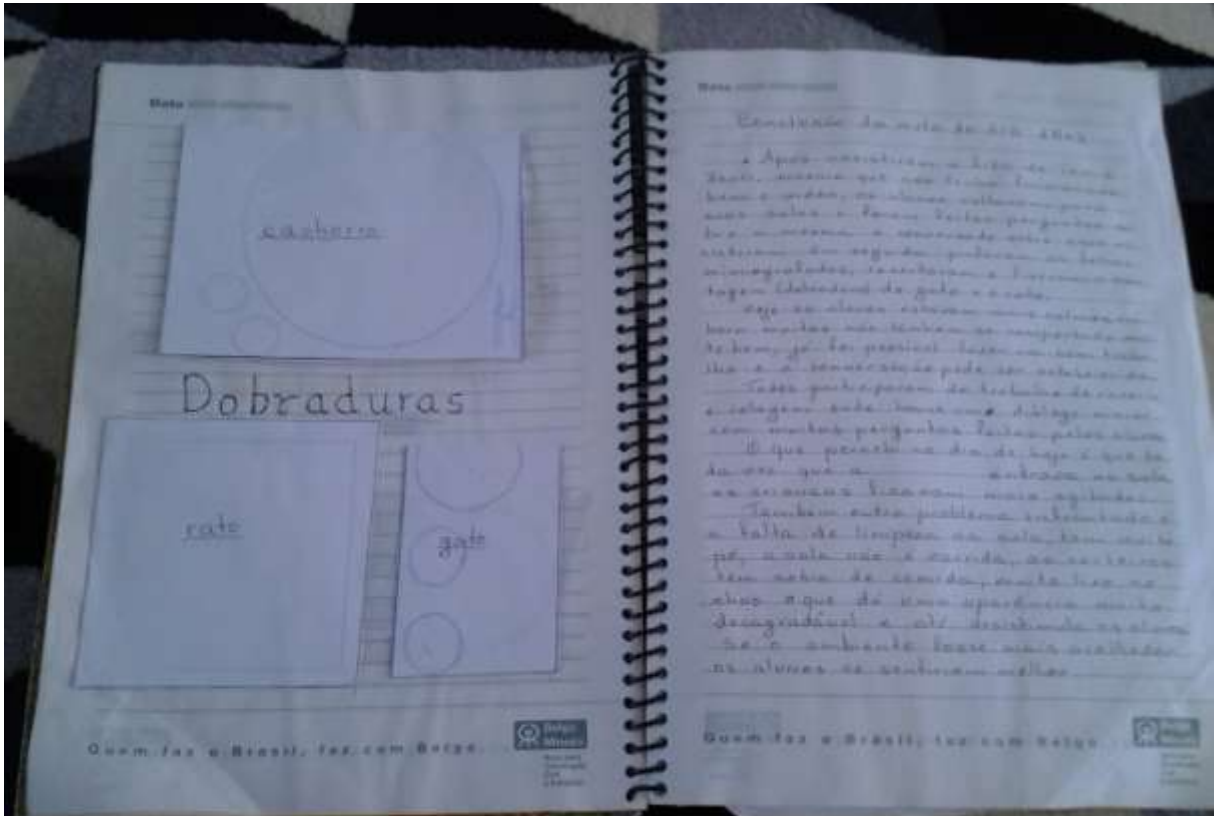
1º AÑO "MIKEY"

✓ 1 - SOSA GRISELDA	04/01/98
2 - DA SILVA FERNANDO GAMALIEL	19/10/97
✓ 3 - CAMARGO CRISTIAN	24/07/97
✓ 4 - CORREA ROBERTO	13/03/97
✓ 5 - DA SILVA ORLANDO	15/09/94
✓ 6 - DA SILVA LILIANA	20/05/98
✓ 7 - JAVIER ARACELI BELÉN	19/02/98
✓ 8 - DA SILVA ANA CLAUDIA	29/11/97
✓ 9 - MONZÓN CLAUDIA YÉSICA	30/10/96
✓ 10 - VERA LÚCAS MARCELO	15/12/96
✓ 11 - LÓPEZ SAMUEL OSCAR	27/11/92
✓ 12 - DE LIMA JONATAN GENTIL	01/05/98
✓ 13 - MARQUES BELLO RAMÓN ESTEBAN	27/06/95
✓ 14 - ANTUNEZ LOPEZ VIVIANA	17/01/97
✓ 15 - SOSA EDUARDO JOEL	08/06/95
✓ 16 - SOSA ROMINA IRACÍ	
✓ 17 - JASENKE RAMÓN ARIEL	25/12/95
✓ 18 - SOSA CRISTIAN	11/03/96
✓ 19 - DE OLIVEIRA ÁLVARO	08/04/95
✓ 20 - LIMA MARIANO EZEQUIEL	27/12/97
21 - DE LARA MAURICIO	11/09/94
✓ 22 - LUGO LÚCAS	16/08/97
23 - OLIVERA MICAELA ROCIO	30/05/96
✓ 24 - FAN YAMILA ROSARIA	29/05/96
✓ 25 - CURY LUZMILA SELENA	30/10/97
✓ 26 - LEITES CÉSAR NAHUEL	08/07/98
✓ 27 - MACHADO HUMBERTO FABIÁN	21/07/95
✓ 28 - DOS SANTOS JORGE RUBÉN	31/09/94
✓ 29 - ELIZALDE ARIEL OSCAR	30/05/96
✓ 30 - ELIZALDE MÓNICA	01/10/98

PROF.: SUSANITA

Quem faz o Brasil, faz com Beigo





Conclusão da aula de dia 20/03


Como não conseguimos passar todas as atividades planejadas para o dia 15 de março, retomamos as mesmas nesta aula. Percebi que elas gostam de trabalhar com dobraduras, colagem, desenhos e seja atividades que as não tenham computador, assim sendo não trabalhamos uma com as outras.

Ao brincarmos com cada uma delas, a cada por enquanto é quase impossível sair delas porque elas brigam muito com os vizinhos com as colegas. Também é que me chamou bastante atenção a maneira que têm de pagar as coisas dos outros e dizer que é dele.

Quanto a compreensão e entendimento em Português, está ótima. A maioria entendem o que a professora fala e eles também falam em português.

Alguns já me chamam de professora já contam as musicinhas e sei nada. É que me dei ao trabalho nesta última aula foi o presente que recebi de um aluno de me dar uma casinha feita de papéis, por ele mesmo comentei de papel de bola. Era legal. Este é um presente para você.

Quem faz o Brasil, faz com Boleo.



Boleto - Livro de Atividades

Maio 11 de março de 2003

Gravata Fada - Fada do PORTUGUÊS

OBJETIVO: Ouvir e falar

Atividades:

- * Ouvir o CD de histórias do Chapeuzinho Vermelho.
- * Ler o texto e contar a história.
- * Conversar sobre a história: personagens, ações, fatos que você observou durante a leitura.
- * Jogo do Chapeuzinho Vermelho.

Fala o bicho e fala
 Ele tem duas orelhas
 Levam suas orelhas
 Para a vovozinha
 Ela mora longe
 O caminho é deserto
 E o lobo mau
 Passou ali por perto.

* Construir as histórias dos personagens (com um livro nas mãos - Chapeuzinho Vermelho)

Materiais:

- CD
- Folhas
- Fichas dos personagens da história
- Apuntes de voz

Quem faz o Brasil, faz com Boleo.

Quinta-feira, 7 de abril de 2005 (7ª aula)

Objetivo: ouvir e falar

Atividades: histórias de animais

* Ouvir o cd com histórias de animais, imitar as vozes dos animais que aparecem na leitura feita pela professora nos livrinhos de histórias de animais.

* Questionamento sobre as histórias ouvidas, sobre suas personagens...

* Trazer o assunto para a realidade da criança, seus animais, seus sonhos, suas experiências.

* Em folhas mimeografadas com figuras de animais, colorir, recortar e montar.

* Levar as crianças para fora da sala, em uma sombra, num lugar aconchegante e descobrir através da observação e da conversação outros animais que aparecerem em outros livros (literatura recebida do MEC)

Material necessário

* Aparelho de som;

* CD;

* Folhas mimeografadas;

* Livrinhos, lápis, tesoura e etc...

Quem faz o Brasil, faz com Belgo.



Belgo
Mineira
Após uma
Contribuição
Dona
e Indivíduos

Data 09/09/2020

Objetivo da aula de arte

- Terminar e trabalhar da colagem
- Pintar, recortar e montar a colagem
- Usar papel pardo em grupos
- Esculpir e colar os animais
- Usar o que sobrou da aula de arte

Materiais

- Papel pardo
- Fitas com os animais miniatura feita
- Lápis de cor
- Tesourinhas
- Cola e grude
- Pincel de dentes e cerdas
- Papel exposto, papel branco lixado
- Cola
- Giz de cera

Conceitos

Todos participaram da atividade. Pintaram, recortaram e colaram. O que dificultou bastante a colagem, usar o trabalho feito feito de material, lápis de cor, tesourinhas, cola, giz de cera.

Quem faz o Brasil, faz com Beto.



ANA CLAUDIA DE ALVA

Data 09/09/2020

Objetivo da aula de arte

- Falar o nome das frutas que a professora trouxe
- Terminar de pintar as frutas
- Pintar e colar a cesta
- Esculpir as frutas e colar na cesta
- Cantar a música: Bolinha Amarelinha

Materiais


- Bala de amarelinha
- Cola e grude
- Fitas e papéis
- Pincel de dentes
- Pincel de cerdas
- Lápis de cor
- Tesourinhas

Conceitos

Falar o nome das frutas que a professora trouxe. Terminar de pintar as frutas. Pintar e colar a cesta. Esculpir as frutas e colar na cesta. Cantar a música: Bolinha Amarelinha.

Mãe pintinha amarelinha
Cabe aqui na minha mão
Quando quer comer bichinho
Com seu pézinho ele cisa e choca

Ele bate as asas
Ele faz piu-piu
Mas sem muito medo
É do gavião?



Quem faz o Brasil, faz com Beto.

Data _____

Conclusão da aula do dia 17/05

O trabalho sobre as frutas foi excelente, todos participaram ativamente. Muitos outros nomes de frutas foram citados pelos alunos e eles adoraram as adivinhas. Quando alguém respondia em espanhol, os outros logo corrigiam. A dramatização com as máscaras não teve a participação de todos, mais alguns tentaram, mesmo tímidos ainda, mas falaram alguma coisa.

Aula do dia 19/05 - Os Três Porquinhos

As crianças adoraram a lita dos Três Porquinhos. Prestaram atenção e souberam responder ao questionamento feito depois. Nesse dia tivemos a visita dos repórteres da RBS, os quais conversaram bastante com os alunos, eles cantaram, conversaram e alguns foram entrevistados para o Jornal Nacional. Os repórteres ficaram admirados de como eles já falam bem o Português.

Quem faz o Brasil, faz com Belgo.



Agência de
Marketing
e Publicidade

Data _____

Observação

Dia 24 de maio - terça-feira não tivemos aula porque na quarta-feira, dia 25 foi comemorado, na Argentina, os 96 anos da Pátria. Então neste dia levamos os nossos alunos, até a escola de Bernardo de Irigoyen para assistirem as festividades alusivas a esta data. Fomos de ônibus até a Aduana e continuamos a pé até a Escuela 604. Lá as crianças tomaram chocolate com leite, comeram bolo e depois assistiram as apresentações dos militares e dos alunos: teatro, jogral, cantos e danças. Fomos muito bem recebidos por todos na escola e pelas demais pessoas que estavam presentes.

Na volta o ônibus do exército Argentino nos trouxe até a escola Theodureto.

Foi uma forma de integração entre as duas escolas e foi muito válido pois os alunos brasileiros puderam conhecer os alunos Argentinos e vice-versa.

Quem faz o Brasil, faz com Belgo.



ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
EEB DR. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO
DIONÍSIO CERQUEIRA - SANTA CATARINA

ENCONTRO PEDAGÓGICO - 06/07/2005

- 8h- Boas-Vindas → Direção
8h10min- Dinâmica: Atividades Físicas → Coordenação: Jaqueline e Ledi
8h30min- Apresentação de dados histórico/geográficos da Província de Misiones/Argentina
8h40min- Apresentação dos dados históricos/geográficos de Santa Catarina/Br
8h50min- Histórico de Implantação do Projeto: Modelo de Ensino Comum em Escolas de Zona de Fronteira- Educação Intercultural com ênfase no ensino do Português e do espanhol → Professor Gilvan (IPOL)
9h30min- Explicação da Experiência Bilingüe - professoras da Escola 604 de Bernardo de Ingoyen/ Argentina - Andrea, Izabel e Suzana
9h50min - Explicação da Experiência Bilingüe - professoras da 1ª série da Escola Theodureto/Brasil - Neuzanira, Docelina e Lucia
10h10min- Coquetel Junino
10h25min - Dinâmica: Quadrilha Junina → organização Neuzanira, Docelina e Lucia
10h40min - Apresentação do Documento: Propuesta de Desarrollo Curricular. Elaboración MEC/Argentina → Stela/IPOL
12horas: Almoço → Cardápio: Feijoada
13h15min- Dinâmica para formação de grupos: Festa no Interior → Ivania, Ieda e Dêlva
13h30min- Formação de Grupos: Apontamentos de Temáticas para Organização de Projetos Integrados - Escola Theodureto/Escola 604 → problematização e justificativa
15h15min - Intervalo
15h30min - Formação do grande Grupo - Exposição e Escolha da Temática para Organização do Projeto em Uruguiana na 2ª etapa de capacitação docente bilingüe

As leis dos meus olhos são feitas por mim, até os dedos das mãos não são iguais, têm loucos que se olham no espelho e se acham normais.

A criatividade consiste em ver o que todo mundo vê e pensar o que ninguém pensa.

A visão tem que ser compartilhada pelo grupo. Só assim é possível atingir metas desafiadoras.

Ninguém ganha o jogo sem ter ambição. Não se apaga o fogo com fogo na mão.



BRASIL = SANTA CATARINA = DIONIS. CERQUEIRA

O Brasil possui um dos mais vastos territórios do mundo, 8.514.215km², o maior da América Latina e uma população total constituída de 169.799.170 habitantes (Censo de 2000-IDGE). Ocupa o 14º lugar na América latina e o 69º lugar no mundo em relação ao IDH (Censo ONU/2001).

Neste país a PEA (População Economicamente Ativa) abrange cerca de 47% da população absoluta, outros 30% formam a População Inativa (PI) (composta por crianças, adolescentes, adultos ou aposentados). Atualmente, agricultura e pecuária empregam juntas cerca de 10% da população economicamente ativa e respondem por 8% do PIB anual do país.

Santa Catarina localiza-se na porção meridional do território Brasileiro, juntamente com o Paraná e o Rio Grande Do Sul, constituindo estes três estados a Região Sul do Brasil. Possui uma área oficial de 95.318,30 Km² (ocupa portanto 1,11% da área territorial brasileira.) Conforme o censo de 2000 possui uma população assim distribuída: 2.669.311 população masculina, 2.687.049 população feminina perfazendo um total de 5.356.360 habitantes. Destes 78,7% residem no meio urbano e 21,3% no meio rural.

Dionísio Cerqueira, com uma área territorial de 409km², integra a Microrregião da AMEOSC. Limita-se ao Norte com os municípios de Barracão/PR e Flor da Serra do Sul/PR, ao Leste com o município de Palma Sola/SC, ao Sul com os municípios de Guarujá do Sul, São José do Cedro e Princesa, todos integrantes do Estado de Santa Catarina, ao oeste com Bernardo de Irigoyen/República Argentina. Nesta década a base econômica do município continua sendo a agropecuária, com destaque na criação de animais como: suínos, bovinos e aves. Na agricultura predomina o minifúndio, cujos principais produtos cultivados são, em ordem de prioridade: o milho, o fumo, o feijão, a soja, o trigo, as frutas e hortaliças. O Censo de 2000 registrou uma população total de 14.253, destes 7.171 são homens e 7.082 são mulheres. Residem no Meio urbano 8.603 habitantes e no meio Rural 5.650 habitantes.

MISIONES "LA HERMOSA"

Misiones, Provincia de la República Argentina que se encuentra en el extremo noroccidental del país. Está rodeada por fronteras internacionales y sólo se une al territorio nacional a través de la provincia de Corrientes, por el sur. Al este y norte limita con Brasil, del cual las separan los ríos Iguazú, San Antonio, Peperi Guazú y Uruguay, y al oeste con Paraguay, donde el límite está trazado siguiendo el curso del Río Paraná.

Misiones, Corrientes Y Entre Ríos forman la región Mesopotámica.

Misiones se divide en diecisiete departamentos que a la vez se dividen en municipios.

Bernardo de Irigoyen, San Antonio y Cmdte. Andrés Guacurari pertenecen al departamento Gral. Manuel Belgrano.

Bernardo de Irigoyen se encuentra aproximadamente a 100 km de Eldorado, ciudad más próxima y a 320 km aproximadamente de Posadas, capital de Misiones.

Bernardo de Irigoyen es un punto extremo y está a 853 mtrs sobre el nivel del mar. Limita con dos estados de Brasil: Santa Catarina y Paraná.

Bernardo de Irigoyen el 11 de julio estará cumpliendo 86 años.

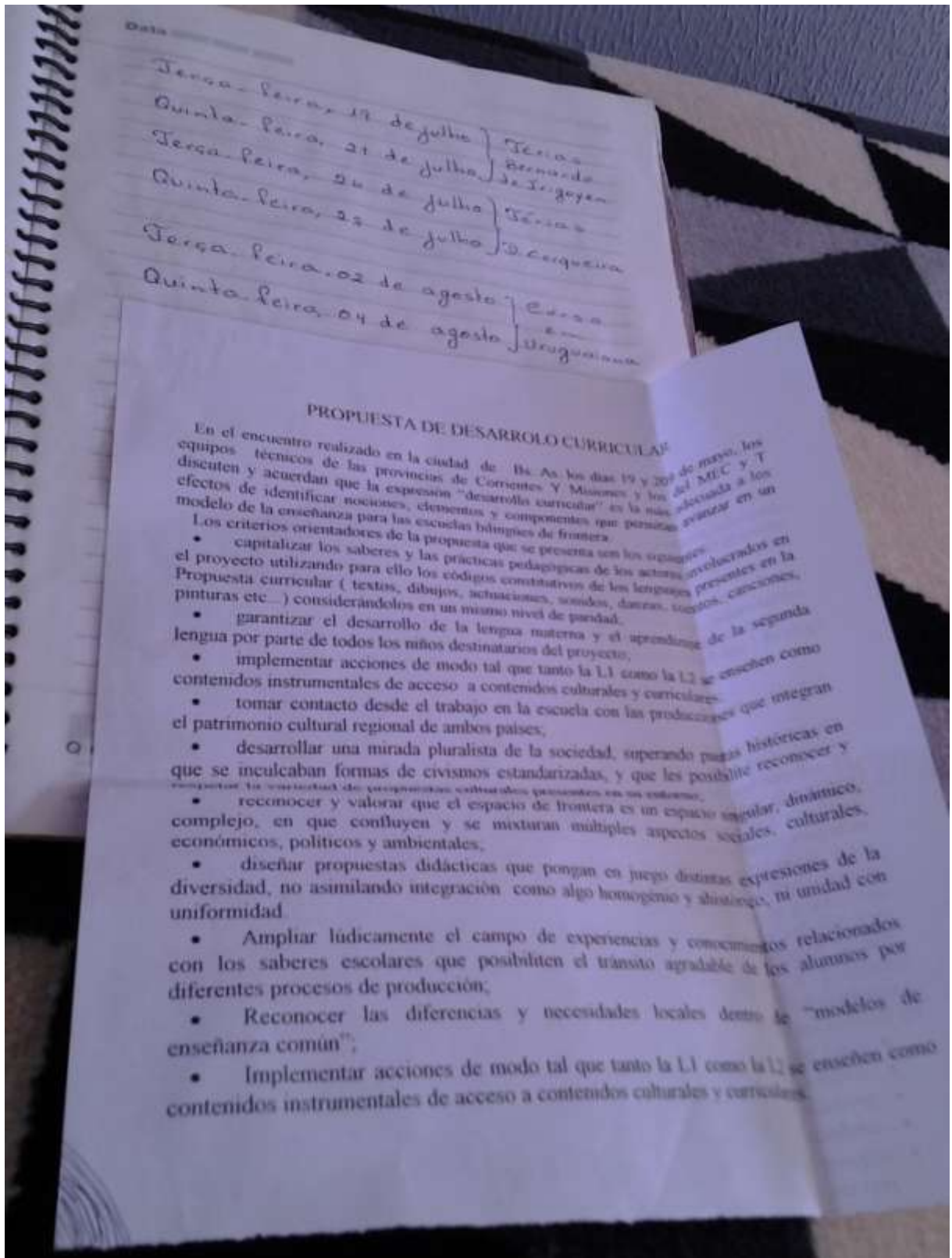
POBLACION DE MISIONES: 963.869 habitantes

DPTO GRAL M. BELGRANO: 33.152 habitantes

BARNARDO DE IRIGOYEN: 18.000 habitantes

(Fuente: Atlas "Lesa". Censo 2001) (Enciclopedia Microsoft Encarta 2004)





ESCOLA DR. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO.
ESCOLA BILÍNGUE DE TEMPO INTEGRAL.
DIONÍSIO CERQUEIRA - DEZ/05

"Em um período em que as políticas de localização tornam-se tão necessárias para fazer frente aos movimentos hegemônicos de que a globalização é face visível, a Escola Bilingüe de Tempo Integral é o caminho para uma escola cidadã, mais bela, prazerosa e aprendente".

CONVITE

Srs. Pais

Estamos concluindo mais um ano letivo. O primeiro ano de Escola Bilingüe de Tempo Integral. É com muito orgulho que nossa Escola vem convidá-los, juntamente com seu filho (a), para participar do Ato de Encerramento que ocorrerá no dia seis (6) de dezembro/05. O evento terá como local a Escuela de Jornada Completa nº 604 Bilingüe Intercultural nº 01, de Bernardo de Irigoyen - Argentina, com início às 20h (horário brasileiro de verão). Neste Ato, todas as crianças apresentarão um número artístico e receberão seu Certificado de conclusão da Primeira Etapa Bilingüe.

Lembramos que terá ônibus a disposição, em frente à Escola Theodoreto, para facilitar o deslocamento até a Escuela 604. A saída será às 19h30min.

Contamos com sua presença.

Salete Razera Belmonte
Diretora

ESCOLA Dr. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO.
ESCOLA BILÍNGUE DE TEMPO INTEGRAL.
DIONÍSIO CERQUEIRA – DEZ/05

"Em um período em que as políticas de localização tornam-se tão necessárias para fazer frente aos movimentos hegemônicos de que a globalização é face visível, a Escola Bilingüe de Tempo Integral é o caminho para uma escola cidadã, mais bela, prazerosa e aprendente".

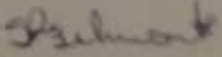
CONVITE

Srs. Pais

Estamos concluindo mais um ano letivo. O primeiro ano de Escola Bilingüe de Tempo Integral. É com muito orgulho que nossa Escola vem convidá-los, juntamente com seu filho (a), para participar do Ato de Encerramento que ocorrerá no dia seis (6) de dezembro/05. O evento terá como local a Escuela de Jornada Completa nº 604 Bilingüe Intercultural nº 01, de Bernardo de Irigoyen – Argentina, com início às 20h (horário brasileiro de verão). Neste Ato, todas as crianças apresentarão um número artístico e receberão seu Certificado de conclusão da Primeira Etapa Bilingüe.

Lembramos que terá ônibus a disposição, em frente à Escola Theodureto, para facilitar o deslocamento até a Escuela 604. A saída será às 19h30min.

Contamos com sua presença.


Salete Razera Belmonte
Diretora

ESCOLA Dr. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO.
ESCOLA BILÍNGUE DE TEMPO INTEGRAL
DIONÍSIO CERQUEIRA - DEZ/05

"Em um período em que as políticas de localização tornam-se tão necessárias para fazer frente aos movimentos hegemônicos de que a globalização é face visível, a Escola Bilingüe de Tempo Integral é o caminho para uma escola cidadã, mais bela, prazerosa e aprendente".

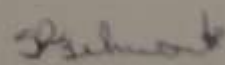
CONVITE

Srs. Pais

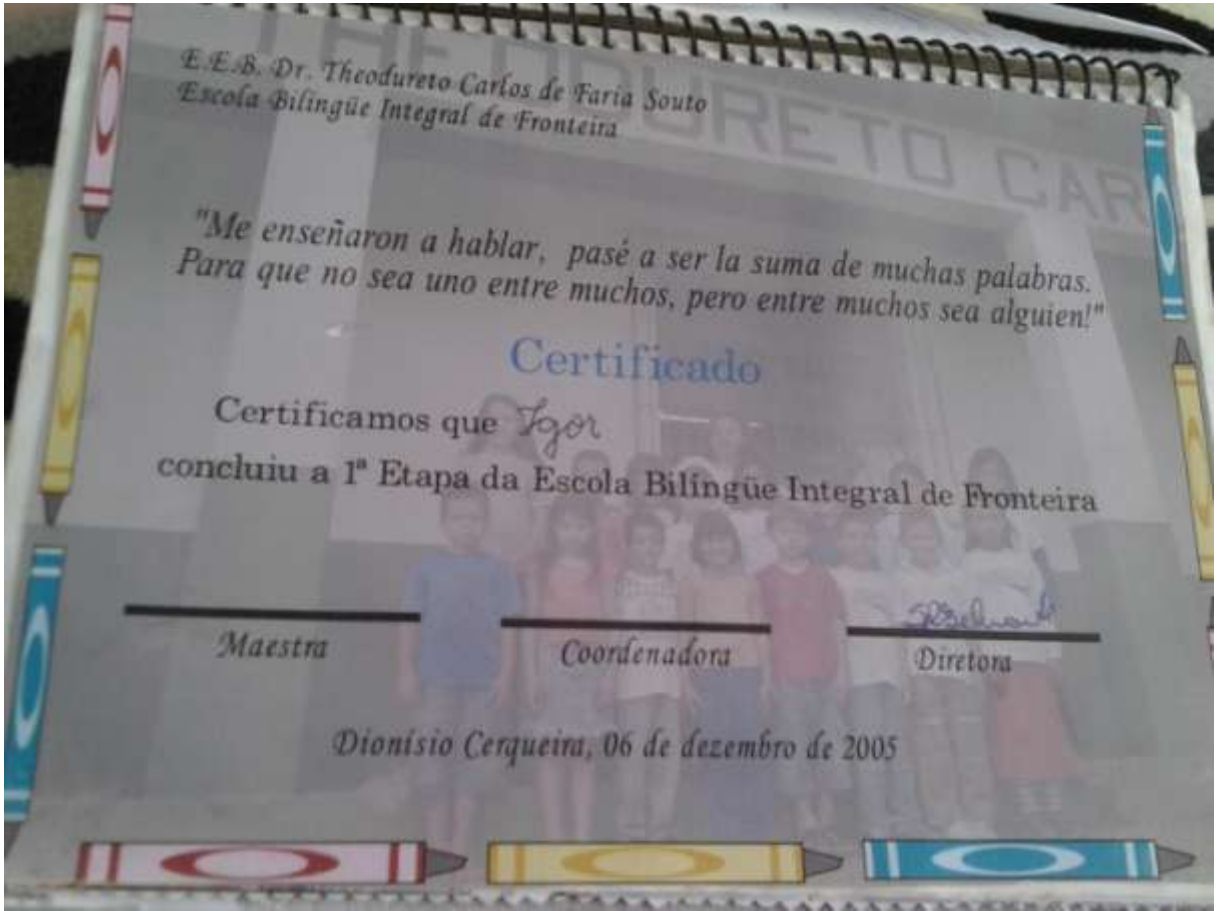
Estamos concluindo mais um ano letivo. O primeiro ano de Escola Bilingüe de Tempo Integral. É com muito orgulho que nossa Escola vem convidá-los, juntamente com seu filho (a), para participar do Ato de Encerramento que ocorrerá no dia seis (6) de dezembro/05. O evento terá como local a Escuela de Jornada Completa n° 604 Bilingüe Intercultural n° 01, de Bernardo de Irigoyen - Argentina, com início às 20h (horário brasileiro de verão). Neste Ato, todas as crianças apresentarão um número artístico e receberão seu Certificado de conclusão da Primeira Etapa Bilingüe.

Lembramos que terá ônibus a disposição, em frente à Escola Theodureto, para facilitar o deslocamento até a Escuela 604. A saída será às 19h30min.

Contamos com sua presença.



Salette Razera Belmonte
Diretora



E.E.B. Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto
Escola Bilingüe Integral de Fronteira

"Me enseñaron a hablar, pasé a ser la suma de muchas palabras.
Para que no sea uno entre muchos, pero entre muchos sea alguien!"

Certificado

Certificamos que *Igor*
concluiu a 1ª Etapa da Escola Bilingüe Integral de Fronteira

Maestra

Coordenadora

[Handwritten Signature]
Diretora

Dionísio Cerqueira, 06 de dezembro de 2005



Com o objetivo de fortalecer a faixa de fronteira, os Ministérios de Educação do Brasil e da Argentina assinaram uma declaração conjunta que prevê o desenvolvimento de um programa intercultural com ênfase no ensino do português e do espanhol nas escolas localizadas na região de fronteira.

Para isso, o MEC vem desenvolvendo o Projeto Escola de Fronteira, num esforço conjunto com os sistemas de ensino, para fortalecer a integração dessa região e, ao mesmo tempo, valorizar a diversidade e os códigos interculturais e lingüísticos das comunidades envolvidas.

Este é o segundo momento de formação dos professores que busca discutir as possibilidades para um trabalho intercultural permitido aos alunos se comunicarem nas duas línguas.

Programação

Dia 3 de agosto

Manhã

8h - Abertura

8h30 - Relatos das experiências das escolas envolvidas

Bernardo de Yrigoyen/Dionísio Cerqueira/Paso de los Libres/Uruguiana

9h30 - Debate

10h30 - Intervalo

10h45 - Discussão geral e encaminhamentos

12h - Almoço

Tarde

14h - Apresentação das políticas de educação desenvolvidas para a região de fronteira

Ministério da Educação da Província de Corrientes
Secretaria de Educação de Uruguiana
Ministério da Educação da Província de Misiones
Secretaria Estadual de Educação de Santa Catarina

Ministério de Educação e Tecnologia de Argentina
Ministério de Educação do Brasil

16h - Intervalo

16h15 - Apresentação do Modelo de Gestão do Conhecimento E-Pro-Info

18h - Abertura Oficial com apresentação artística

Dia 4 de agosto

Manhã

8h - Exposição sobre os Modelos de Bilinguismo e sua organização escolar

9h - Debate

10h - Intervalo

10h15 - Pedagogia de projetos no contexto da escola bilingüe

12h - Almoço

Tarde

15h30 - Oficinas de projetos e planejamento

Dia 5 de agosto

8h - Apresentação dos resultados do planejamento

Dionísio Cerqueira/Bernardo de Yrigoyen

8h - Debate

8h15 - Apresentação dos resultados do planejamento

Paso de los Libres/Uruguiana

10h15 - Debate

10h30 - Intervalo

10h45 - Mesa redonda: "Fronteira e multiculturalismo"

12h - Encerramento



Formação de Professores
Escola de Fronteira
Brasil-Argentina



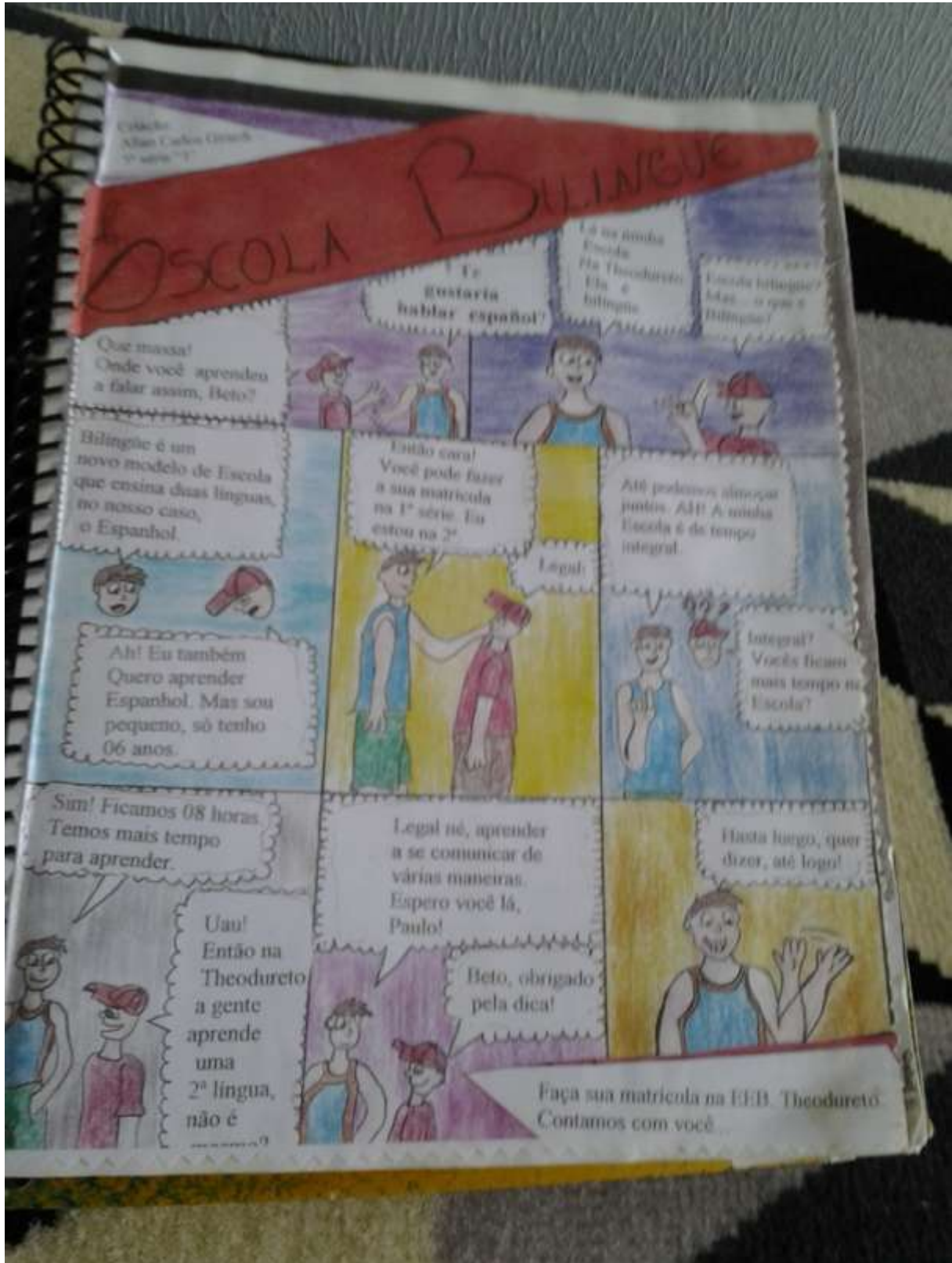
Data _____

Dia de dezembro fomos com os alunos no centro da cidade para fazer, mas um chamado a população ou seja os pais de alunos que irão frequentar a 1ª série em 2006, para matricular seus filhos na Theodoro.

As crianças abordavam as pessoas que chegavam nos bancos (em espanhol) perguntando se tinham filhos com idade escolar (1º série) e convidavam para que eles fizessem a matrícula em nossa escola.

Distribuíram os panfletos, feitos por um aluno da nossa escola juntamente com as professoras do bilingüe.

A rádio Fronteira Oeste se fez presente entrevistando professoras e alunos, ao vivo, o que agradou muito às crianças.



ESCOLA BILINGUE

Que massa!
Onde você aprendeu
a falar assim, Beto?

Te
gostaria
hablar español?

Está na minha
Escola
Faz Theodureto
Ela é
bilingue

Escola bilingue?
Mas... o que é
Bilingue?

Bilingue é um
novo modelo de Escola
que ensina duas línguas,
no nosso caso,
o Espanhol.

Então cara!
Você pode fazer
a sua matrícula
na 1ª série. Eu
estou na 2ª

Ah! podemos almoçar
juntos. Ah! A minha
Escola é de tempo
integral.

Legal!



Ah! Eu também
Quero aprender
Espanhol. Mas sou
pequeno, só tenho
06 anos.

Integral?
Vocês ficam
mais tempo na
Escola?

Sim! Ficamos 08 horas
Temos mais tempo
para aprender.

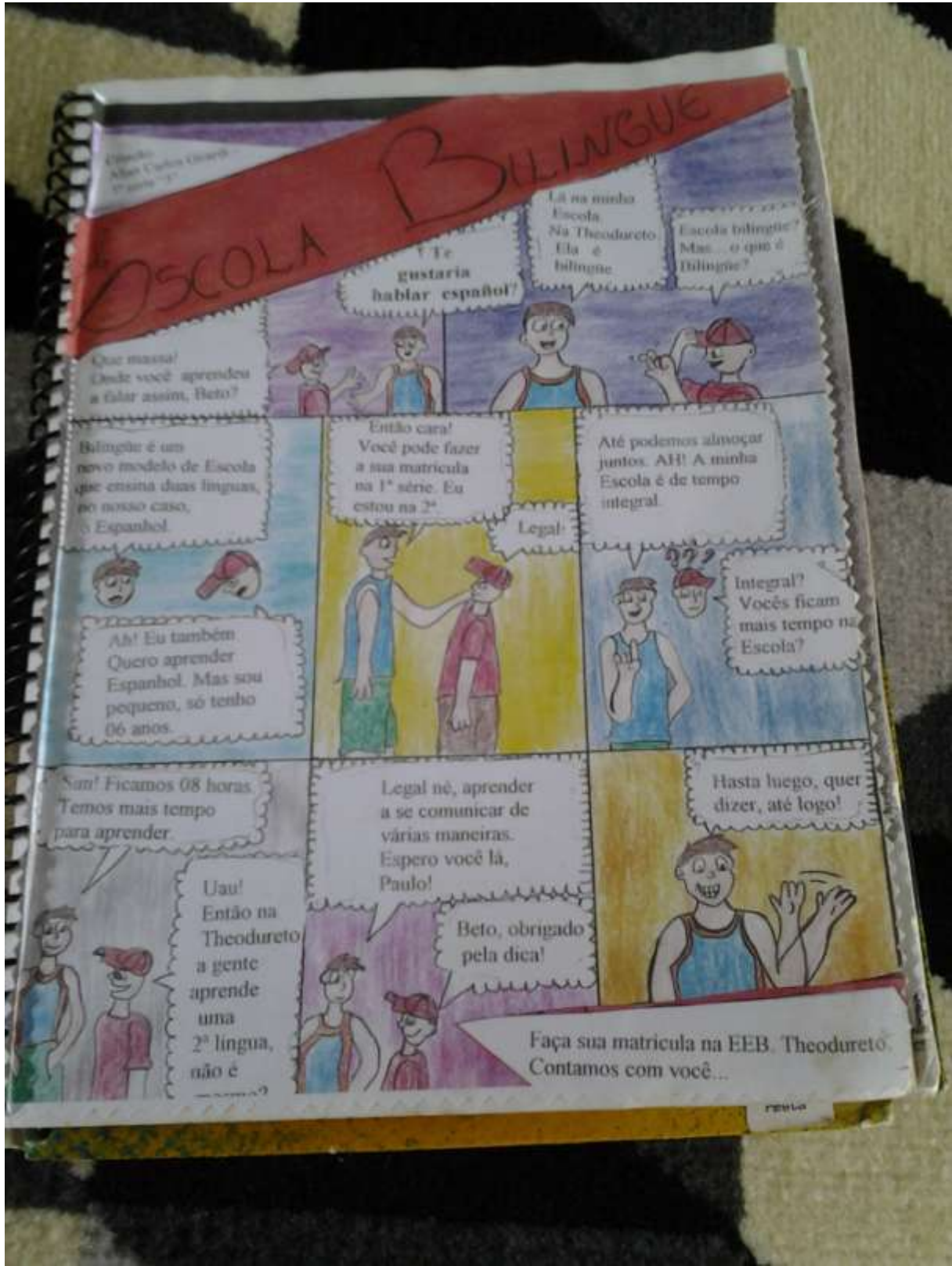
Legal né, aprender
a se comunicar de
várias maneiras.
Espero você lá,
Paulo!

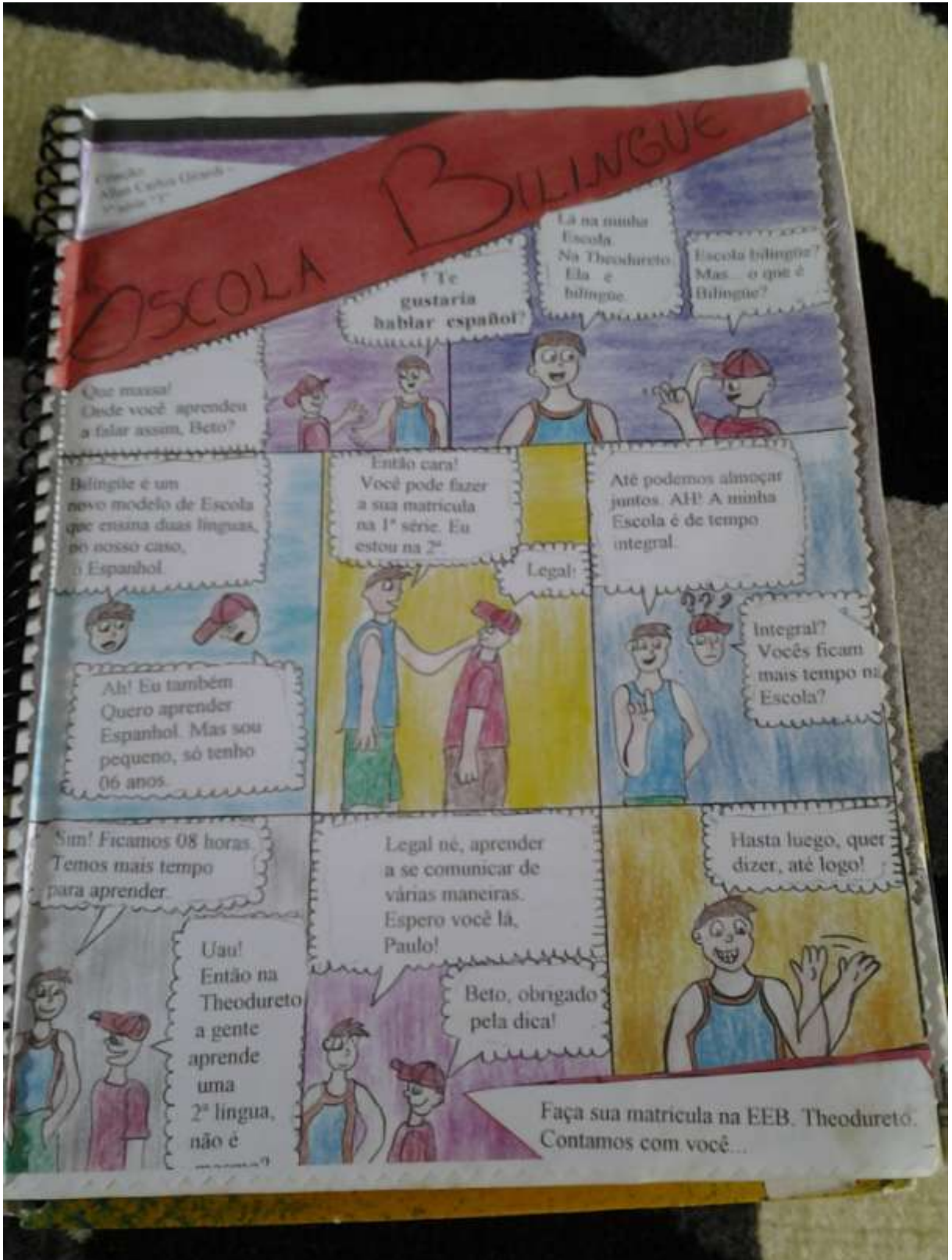
Hasta luego, quer
dizer, até logo!

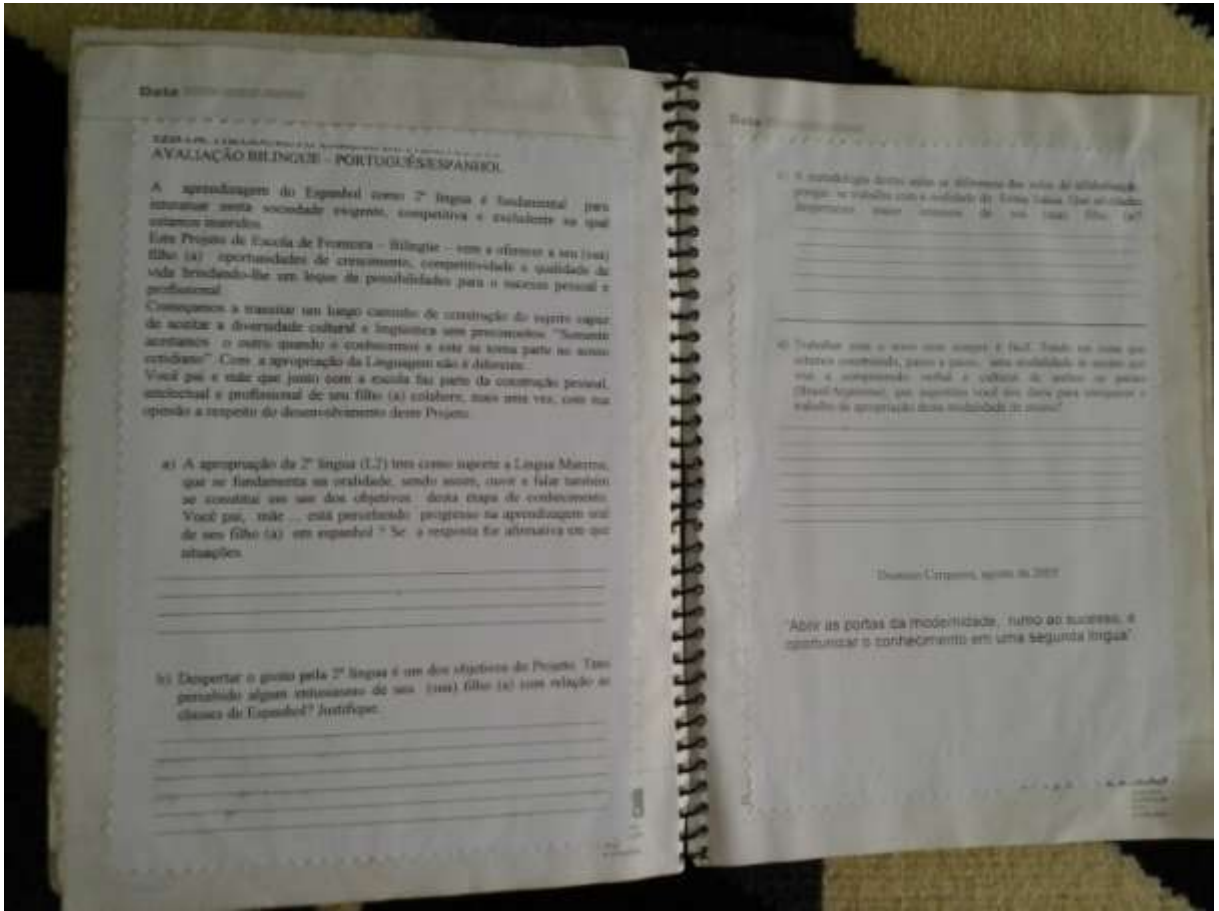
Uau!
Então na
Theodureto
a gente
aprende
uma
2ª língua,
não é

Beto, obrigado
pela dica!

Faça sua matrícula na F.E.B. Theodureto
Contamos com você







Data _____

AVALIAÇÃO BILÍNGUE - PORTUGUÊS-ESPANHOL

A aprendizagem do Espanhol como 2ª língua é fundamental para inserir-se nesta sociedade exigente, competitiva e exaltante na qual estamos inseridos.

Este Projeto de Escola de Fronteira - Bilingüe - vem a oferecer a seu (sua) filho (s) oportunidades de crescimento, competência e qualidade de vida broadando-lhe um leque de possibilidades para o sucesso pessoal e profissional.

Conseqüentemente a transitar um longo caminho de construção do espírito capaz de aceitar a diversidade cultural e linguística sem preconceitos. "Somente aceitamos o outro quando o conhecemos e este se torna parte de nosso cotidiano". Com a apropriação da Língua não é diferente.

Você pai e mãe que junto com a escola faz parte da construção pessoal, intelectual e profissional de seu filho (s) colabore, mais uma vez, com sua opinião a respeito do desenvolvimento deste Projeto.

a) A apropriação da 2ª língua (L2) tem como referente a Língua Materna, que se fundamenta na oralidade, sendo assim, claro e falar também se constitui um dos objetivos desta etapa de conhecimento. Você pai, mãe ... está percebendo progresso na aprendizagem oral de seu filho (s) em espanhol? Se a resposta for afirmativa em que situações?

b) Despertar o gosto pela 2ª língua é um dos objetivos do Projeto. Tem percebido algum entusiasmo de seu (sua) filho (s) com relação as aulas de Espanhol? Justifique.

Data _____

c) O multilinguismo dentro de um se diferencia das aulas de aprendizagem porque se trabalha com a oralidade de forma única. Que atividades despertam maior interesse de seu (sua) filho (s)?

d) Trabalhar com o texto como sempre é fundamental. Sendo um texto que oferece conteúdos, passo a passo, uma variedade de recursos que vai a compreensão verbal e escrita de textos em português (Brasil) e espanhol, que aspectos você acha que deve priorizar e avaliar na apropriação dessa modalidade de ensino?

Desenvolvido por: _____

"Abrir as portas da modernidade, rumo ao sucesso, é aprender o conhecimento em uma segunda língua."

E.E.B.Dr. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO
DIONÍSIO CERQUEIRA - SC

AVALIAÇÃO

IPOL - Stella

- Excelente, aberta, comunicativa, incentiva, humana, não se vê como chefe, olhar de apoio, contributiva, participativa, interativa.
- Não há imposições, incentiva para trabalhar numa metodologia processual.
- Que a renovação seja realizada ainda este ano para que no próximo ano se tenha acompanhamento desde o início do ano letivo.

IPOL - Gilvam

- Presença contagiante
- No início ficamos um pouco assustadas com tantos "por quês"
- Hoje, entendemos e percebemos que a Escola se organiza em cima dos princípios baseados na realidade.

Neuzanira F. do Carmo
Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo

Lucia S. Farias
Lucia S. Farias

Docelina S. P. Daltoé
Docelina S. P. Daltoé

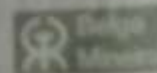
Salette R. Belmonte
Salette R. Belmonte

Lizette V. Schereiner
Lizette Volpatto Schereiner

Maria Seloir Ceolin
Maria Seloir Ceolin

Mari C. Grando
Mari C. Grando

Quem faz o Brasil, faz com Beigo.



Beigo Móveis
Rua...
...
...

REGIONAL frontera

Seminário internacional na fronteira

As cidades gêmeas sediaram, em 30 de novembro, o Seminário Internacional sobre Segurança Alimentar e Nutricional, e Alimentação Escolar em Cidades de Fronteira

O evento foi realizado por iniciativa de institutos sociais de Brasil e Argentina, com apoio das administrações municipais. Contou com a participação de várias autoridades, entre elas, Antenor Dal Vesco, prefeito de Barracão, Solene Gooatto, prefeita de Dionísio Cerqueira, Padre Roque Zimmer, secretário do Trabalho, Emprego e Promoção Social do Paraná, Zelio Picon Ferrari, prefeito de Santo Antônio do Sudoeste; representantes dos ministérios ligados a área social e de programas sociais do Governo Federal.

Na ocasião, Padre Roque Zimmermann, participou da abertura e da assinatura de lançamento da Cartilha das Diretrizes Voluntárias para o Direito Humano à Alimentação Adequada, aprovadas desde 2004 por 191 países, pela Fundação da Alimentação e Agricultura (FAO-ONU). O lançamento foi feito em conjunto com o coordenador do Seminário e das Ações Internacionais de Combate à Fome do Ministério das Relações Exteriores, Milton Randó Filho.


O prefeito de Barracão, Antenor Dal Vesco, fez a assinatura simbólica de adesão, das demais prefeituras das regiões paranaenses e catarinenses presentes no evento.

Vários temas peculiares em região de fronteira estiveram em debate. Foram formados três grupos de estudos para se fazer análises e esclarecer dúvidas.

A questão da merenda escolar foi bastante discutida, fazendo comparativos de números nos mais variados estados brasileiros e argentinos.

Outro assunto bastante enfatizado foi o Projeto Bilingue, que, em fase piloto, atualmente envolve Dionísio Cerqueira e Argentina. Existem 34 cidades no Brasil localizadas em região de fronteira do Uruguai até a Bolívia. Essas poderão receber o Projeto Intercultural Bilingue, do Ministério da Educação.

Durante o seminário foi explicado como funciona esse projeto em Dionísio Cerqueira e Barracão. Três vezes na semana, três professoras brasileiras ministram aulas de português na Escola 604, em Irigoyen, e três na semana, educadoras argentinas ensinam espanhol na EEM Theodoro Carlo de Farias Scari, em Dionísio.



O dia

"Hemos aprendido a volar en el aire como los pájaros y a flotar en el mar como los peces. Así también podemos aprender a vivir juntos como hermanos."

Diciembre / 2005

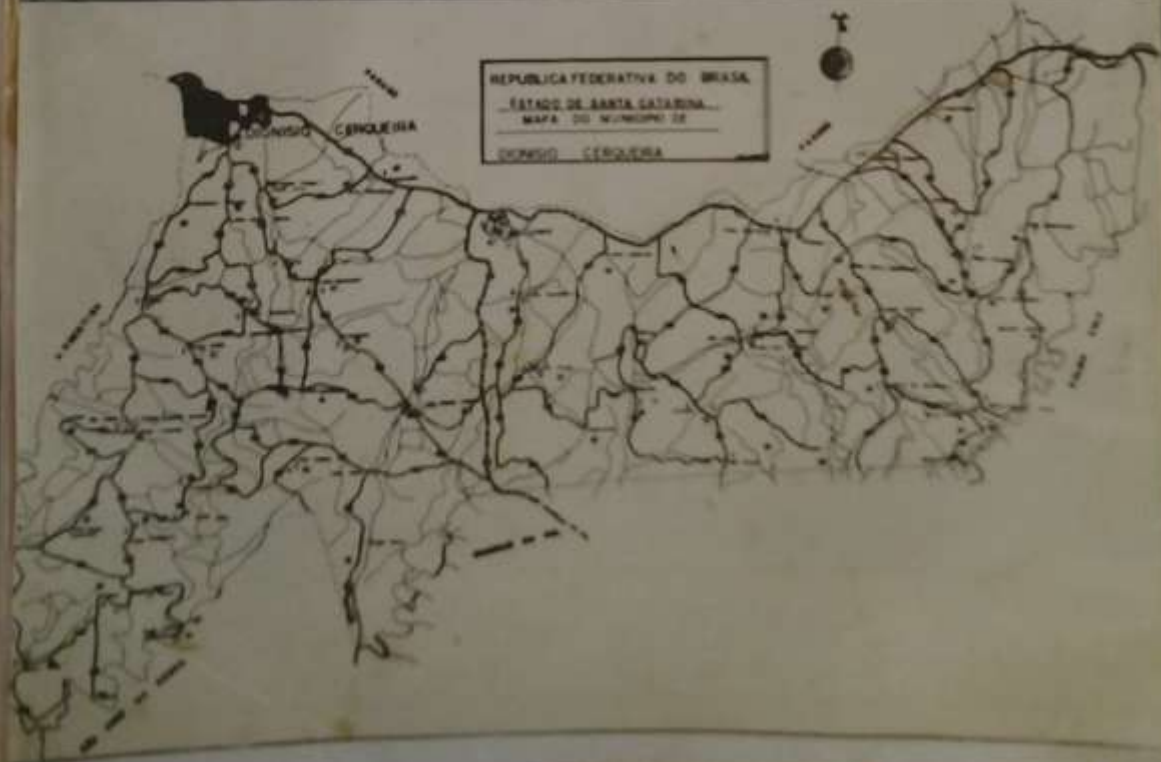


DIONÍSIO CERQUEIRA/SANTA CATARINA/BRASIL

O Brasil possui um dos mais vastos territórios do mundo, 8.514.215km², o maior da América Latina e uma população total constituída de 169.799.170 habitantes (Censo de 2000-IBGE). Ocupa o 14º lugar na América latina e o 6º lugar no mundo em relação ao IDH (Censo ONU/2001). Neste país a PEA (População Economicamente Ativa) abrange cerca de 47% da população absoluta, outros 30% formam a População Inativa (PI) (composta por crianças, adolescentes, adultos ou aposentados). Atualmente, agricultura e pecuária empregam juntas cerca de 10% da população economicamente ativa e respondem por 8% do PIB anual do país.

Santa Catarina localiza-se na porção meridional do território Brasileiro, juntamente com o Paraná e o Rio Grande do Sul, constituindo estes três estados a Região Sul do Brasil. Possui uma área oficial de 95.318,30 Km² (ocupa portanto 1,11% da área territorial brasileira). Conforme o censo de 2000 possui uma população assim distribuída: 2.669.311 população masculina, 2.687.049 população feminina perfazendo um total de 5.356.360 habitantes. Destes 78,7% residem no meio urbano e 21,3% no meio rural.

Dionísio Cerqueira, com uma área territorial de 409km², integra a Microrregião da AMEIOSC. Limita-se ao Norte com os municípios de Barracão/PR e Flor da Serra do Sul/PR, ao Leste com o município de Palma Sola/SC, ao Sul com os municípios de Guarujá do Sul, São José do Cedro e Princesa, todos integrantes do estado de Santa Catarina, ao oeste com Bernardo de Irigoyen/República Argentina. Nesta década, a base econômica do município continua sendo a agropecuária, com destaque na criação de animais como: suínos, bovinos e aves. Na agricultura predominam o minifúndio, os principais produtos cultivados são, em ordem de prioridade: o milho, o fumo, o feijão, a soja, o trigo, as frutas e hortaliças. O Censo de 2000 registrou uma população total de 14.253, destes 7.171 são homens e 7.082 são mulheres. Residem no Meio urbano 8.603 habitantes e no meio Rural 5.650 habitantes.





Neuzanira, Gessi, Kácia e Darlene
Preparadas para começar.

Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe.
 Dionísio Cerqueira, 21 de fevereiro de 2006.

“Mas é preciso ser para fazer direito. Assim:

- Só quem é conhecedor da realidade e acredita no potencial transformador do conhecimento faz aprender.
 - Só quem é cidadão pleno promove o desenvolvimento da cidadania.
 - Só quem valoriza a si próprio consegue fortalecer a auto-estima de crianças e jovens.
 - Só quem é entusiasta das realizações humanas ensina noções de empreendedorismo a seus alunos e ajuda-os a adquirir autonomia”.
- (Guionaz Natzo de Mello, Rev. Nova Escola, dez. 2005)

8:00 horas – Acolhida com café da manhã.

9:00 horas – Abertura

Diretora da Escola – Salete Razera Belmonte

Gerente de Educação Ciência e Tecnologia da 30ª SDR – Flávio Berté

9:30 horas – Apresentação cultural

Danças de músicas brasileiras e argentinas.

10:00 horas – Dinâmica de entrosamento coordenada pelas professoras Ivânia, Ieda e Leandra.

10:30 horas – Relato de experiências em relação ao desenvolvimento do Projeto Água, considerando os pontos positivos e negativos – Professor Alvício da Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe e Diretor Juan Carlos Morinigo e Fátima Zaragoza da Escuela de Fronteira de J.C N° 604 – Bilingüe Intercultural N° 1.

11:15 horas – Apresentação do Planejamento inicial para a elaboração do Projeto que está sendo desenvolvido atualmente na escola.

12:00 horas – Almoço na escola

Cardápio – feijoada, couve, farofa, arroz branco e laranja.

13:30 horas – Dinâmica: Caça ao Tesouro, coordenada pelas professoras Elza e Ledi.

14:00 horas – Desenvolvimento do projeto sob coordenação da Professora Cicera de Oliveira.

- Agenda de intercâmbios culturais e recreativos.

10 Projeto

MUSICAS e Contos

Infantis como

fonte de alfabetização



Escola de Educação Básica Dr. Theodorico Carlos de Faria Neto - Escola de Educação Básica

PROJETO:
TEMA: História e Cultura indígena sobre o povo do Tupac Katari.
PÚBLICO ALVO: 2º da Escola de Educação Básica Dr. Theodorico Carlos de Faria Neto.
CRONOLOGIA: 3 meses.

JUSTIFICATIVA:
 Para fazer um trabalho sobre o povo do Tupac Katari, vamos pesquisar a cultura e a língua do povo tupac. Assim, aprenderemos a reconhecer, assim como a importância e a responsabilidade do "trabalho", no cotidiano como cidadãos do Brasil.

A língua oficial de cada país no Brasil tem as características de uma linguagem local que se verifica nas relações sociais, caracterizada como região. Uma região do Brasil, assim como outras, apresenta para a população de língua materna de expressão e comunicação. Essa língua, sob o aspecto, as palavras, a gramática, a sintaxe, a morfologia, por exemplo, são diferentes nacionalidades, mas de origem comum, cultural, etc.

O processo de interação de uma segunda língua no Brasil, além de ser um reconhecimento da riqueza e diversidade cultural, tem como um fator de interação social e possibilidade de uma linguagem mais eficaz, utilização da língua materna e a segunda língua e uma importante maneira de desenvolver a interação individual e coletiva.

De outra forma, a segunda língua é um aprendizado em língua já é parte integrante da realidade dos alunos, além que, de uma forma mais informal, assim, para atingir um processo mais automatizado de compreensão de uma outra língua, e desenvolver um trabalho programado para o desenvolvimento natural de todos os alunos.

Por isso, a língua e os aspectos relativos a serem de atividades práticas para o desenvolver um trabalho baseado no trabalho, no projeto que a língua portuguesa se encontra de maneira prazerosa.

PROBLEMATICA

- Qual a importância da língua e das outras línguas para a nossa vida?

TEMÁTICA 1ª SÉRIE: História e cultura do desenvolvimento natural do cotidiano para as diversas situações de comunicação.

- Quando você está ouvindo?
- Quando você está falando?
- Como você se sente cada vez que está ouvindo?
- Quando você está ouvindo uma música você se emociona? Como?
- A música te dá uma ideia?
- De quanto a história influencia em vários fatos cotidianos?
- De quanto a história pode influenciar em várias situações de vida, em si e de outros?
- Quem está falando para você?
- Quem é falante para você?
- Onde estão falando com falantes?

OBJETIVO GERAL: Desenvolver formas naturais de expressão em português através da música e das outras línguas para uma comunicação mais eficaz em diferentes situações de comunicação entre pessoas do Brasil e do Paraguai.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
 1ª Série - Língua Oralidade

- Realizar as atividades de sua primeira unidade com o objetivo de reconhecimento e de aprendizagem, realizados por atividades lúdicas.
- Realizar as atividades por meio das atividades operacionais.
- Desenvolver habilidades e criatividade.
- Desenvolver habilidades de escrita e comunicação durante a leitura de histórias e textos orais.
- Proporcionar diversas oportunidades para as manifestações orais e de registro, assim como a escrita e a leitura.
- Estabelecer entre os alunos uma relação com a língua portuguesa com a língua que utilizam no dia a dia e no trabalho.
- Responder a que os alunos já sabem para desenvolver o vocabulário e as expressões orais.
- Desenvolver atividades de escrita, com base no tema de projeto, que tenham e envolvam os alunos para desenvolver sobre os temas de mundo e construir suas opiniões nas relações de escrita e aprendizagem.

ATIVIDADES/ AÇÕES PEDAGÓGICAS

- Ouvir e cantar músicas interpretadas de CDs.
- Histórias e textos lúdicos em vídeo.
- Dramatizações.
- Intercâmbio de vídeo.
- Cadeiras.
- Rascunho, artigos, entrevistas.
- Jogos.
- Criação de músicas, canções e outros objetos.
- Entrevistas.

CONCEITOS OPERACIONAIS

- Ouvir músicas de diferentes ritmos musicais.
- Assunto lúdico.
- Jogos lúdicos.
- Propostas operacionais.
- Criar histórias a partir de figuras e outros aspectos motivacionais.
- Falar sobre suas atividades realizadas.
- Organizar suas atividades em grupo.
- Fazer histórias, cadeiras, etc.
- Participar em teatro e outras dramatizações.
- Entrevistas pessoais.
- Organizar as condições e tempo e as etapas disponíveis.

ANEXIÇÃO: A seguir são apresentadas algumas atividades que podem ser realizadas em sala de aula, com o objetivo de desenvolver o trabalho de comunicação natural do cotidiano para as diversas situações de comunicação.

CRONOGRAMA DE AULAS - INTER-CAMBIOS DE AULAS

MARÇO	
TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
11/03 X	16/03 X
12/03 X	17/03 X
18/03 X	20/03 - paradas de viagem

ABRIL	
TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
04/04 X	06/04 X
11/04 X	13/04 - viagem para o Brasil
18/04 X	20/04 X
25/04 X	27/04 X

MAIO	
TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
02/05 X	04/05 X
09/05 - GREVE	11/05 - GREVE
16/05 - FOLGAS	18/05 - FOLGAS
ESTADUAIS	ESTADUAIS
23/05 NOVA 2ª SÉRIE	25/05 - FERIADO ARGENTINA
30/05 X	

JUNHO	
TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
03/06 X	05/06 X
10/06 X	12/06 - comemoração do mês 2º ano
17/06 reunião do Conselho	19/06 - FERIADO CORPUS CHRISTI
24/06 FERIADO ARGENTINA	26/06 X
27/06 X (ENCERRAMENTO DA ARGENTINA)	29/06 NOVA 2ª SÉRIE

JULHO	
TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
04/07 - FERIADO DE CIÊNCIAS NA ESCOLA BR	

19 dia de aula
A apresentação dos professores e



do projeto: música e contos infantis
como forma de alfabetização.





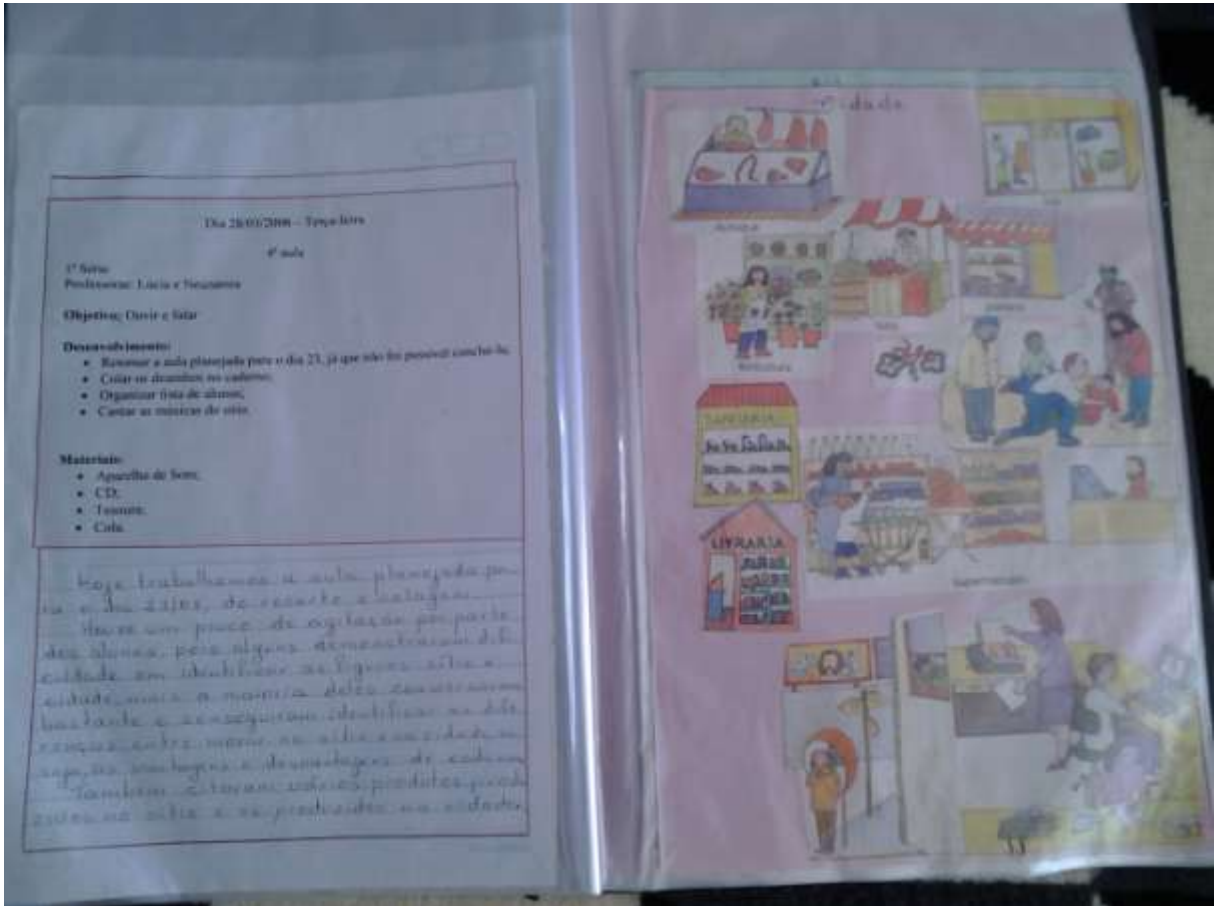
Sítio Do Pica-Pau Amarelo

Monteiro Lobato é um escritor famoso. Ele escreveu muitos livros para crianças e também para adultos.

Nos seus livros, as histórias acontecem no Sítio do Pica-pau Amarelo, onde vive a Vovó Dona Bentã com seus netos Pedrinho e Lúcia, conhecida como Narizinho Arrebitado.


Lá moram também Tia Nastácia, a boneca Emília, o porco Marquês de Rabicó, o Visconde de Sabugosa e o Rinoceronte Quindim.





Dia 30/03/2006 – Quinta-feira

Obs: Não haverá intercâmbio devido à paralisação dos professores de Santa Catarina

 TRIBUNA REGIONAL

6 de Abril de 2006

Escola de Fronteira Bilingüe

A escola de Educação Básica Dr. Theodorico Carlos de Faria Scott, passou a ser considerada, a partir desse ano, uma "Escola de Fronteira Bilingüe". O projeto é resultado de um acordo bilateral entre Brasil e Argentina.

As aulas acontecem num sistema de intercâmbio entre escolas de fronteira, em que professoras da Escola Theodorico (Brasil) vão até a Escola de Fronteira J.C. nº 804 – Bilingüe Intercultural nº 1 (Argentina) e vice-versa. Assim, as crianças brasileiras recebem aulas de espanhol, ministradas por professoras da Argentina e as crianças argentinas recebem aulas de português, ministradas pelas professoras do Brasil.

No ano de 2006, as aulas do bilingüe iniciaram no dia 16 de março. As professoras brasileiras prepararam uma aula diferenciada e muito atrativa, com apresentações baseadas no tema do São do Pica Pau Amarelo. Tiveram muita receptividade por parte das crianças e professores argentinos.

Nesse ano, são quatro as turmas que participam desse projeto, duas primeiras e duas segundas séries, o dobro do ano passado. Cada ano uma nova série se integra, dessa forma, a implantação do Bilingüe é considerada gradual, até que atinja a 6ª Série.

As turmas têm um programa especial de disciplinas, inclusive Inglês desde a 1ª Série. O tempo de permanência na escola é integral, das 7:45 às 15:45. No intervalo do almoço é trabalhada a disciplina "Saúde e Nutrição", por isso, as crianças contam com um cardápio balanceado, noções de higiene e saúde e de boa convivência. As professoras acompanham todas essas atividades, incluindo brincadeiras, músicas, histórias infantis, etc.

A intenção primordial é que as crianças que estão participando desse projeto desenvolvam habilidades naturais de comunicação em uma segunda língua, no caso, o espanhol, para terem novas oportunidades de inclusão social.

Dia 04/04/2016 - Quinta-feira

1º ano

2º ano

Fundamental I - Língua e Literatura

Objetivo: Ouvir e falar

Dados do texto:

- Letra do livro pela professora
- Como acredita em São Petri?**

O São Petri é um homem negro que vive nas montes do Ilhéus. Ele tem a pele mais escura do que o carvão e usa na cabeça uma coroaça vermelha.

O segredo de sua pena está sempre com o cachimbo na boca e, quando encontra uma pessoa, o primeiro coisa que ele faz é pedir fumo para colocar no seu cachimbo.

Ele não gosta de fazer vaidades. Mas, faz sempre pequenas formalidades para mostrar as pessoas: acende o boné vermelho, paga moeda na loja, querida o feijão na panela.

Uma coisa que ele gosta de fazer é mostrar as galinhas! Ele sempre a gente apontando enquanto o São de pessoas pagalhadas!

- Como se reconhece fazemos saber a que momentos do texto.
- Alguns vez você já ouviu falar do São Petri?
- Como falar? O que falar?
- Será que o São existe realmente, ou é só um personagem que existe na imaginação das pessoas?
- Você já ouviu falar de outros personagens que fazem parte das lendas contadas pelas pessoas mais antigas?
- Como se reconhece fazemos reconhecer.
- Apresente o texto com o texto. São Petri

São Petri
 Depois do carvão
 São Petri
 É lá de onde

[1992 & 12 & 11]

Has um gato
 O verde melancólico
 Faz air de gato
 São e ferido

Se perde o passado
 Seu lado futuro
 É não esquecer
 Não é diferente

OBS: explicar que a palavra "melancólico" é uma expressão popular que é vermelha, o mesmo com a palavra "fardo" que quer dizer gato.

- Colocar sobre a mesa diversos materiais e pedir que os alunos experimentem e vão fazendo desenhos, esculturas e colagens.
- Os alunos vão apresentar os seus trabalhos para os colegas, comentando sobre o mesmo.

Materiais:

- Cartão
- Fita
- Papel colorido e preto e vermelho
- TNT preto e vermelho
- Tinta guache
- Pincel
- Tesoura
- Cola
- Lixa de madeira
- Caneta de feltro (ou lápis)



Relatório da 6ª aula

Esta aula tinha como objetivo, além de ouvir e falar, levar as crianças a manifestar, sentimentos, opiniões, ideias. Buscando clareza e ordenação na fala.

Neste dia, fizemos opção pelo enfoque dos personagens do nosso folclore, como: Saci, Boitatá, Bobisacem, Mula sem Cabeça e outros a fim de criar um espaço para trocas de ideias e opiniões que permitam o imaginário e a fantasia das crianças.

A maioria falou sobre os personagens e contaram histórias conhecidas por eles ou inventadas na hora conforme sua imaginação. Algumas crianças ainda se sentem inibidas para falar por estarmos apenas no sexto encontro com as mesmas e como sabemos nem todas têm a mesma capacidade de expressão como as outras. Há também alunos que se sobressaem, querendo só eles falar, o que nos leva a tomar atitude de fazê-los entender que os colegas também querem participar e por limites para que aprendam a esperar sua vez e dar oportunidade aos demais para expor suas ideias.

criar novos significados para o cotidiano e para a interação e interação com o mundo.

De lidar com a emoção, a sensibilidade, a fantasia, a arte, projetos, experiências e significativas das crianças e de trabalhar com a cultura, ampliando sua compreensão de humano e de seu tempo.

Por isso na aula de hoje procuramos trabalhar a lado artístico da criança, trabalhando com um teatro de fantoches no qual dramatizamos a música "O Coelho Fala". As crianças tiveram encenadas e pediram que apresentássemos novamente.

Após o trabalho fomos para a sala onde ouvimos novamente a música e fizemos o mesmo trabalho sobre a mesma.

de teatro, um dos personagens em a lenda, há perguntas se algum deles já tinha escrito uma lenda? Um aluno respondeu que sim. Perguntar: Onde você viu a lenda? Ela respondeu: no livro.

Q - Como ela era?
 R - Muito linda.
 Q - Com o que ela parecia?
 R - Com uma princesinha!
 Q - Ela falava com você?
 R - Sim.
 Q - Como ela disse?
 R - Que ela me transformou em pedação.



Dia 18/04/2008 - Tarde-feira

3º aula

1ª série
 Professoras Lucia e Neuzama

Objetivo: Ouvir e falar
 Proporcionar diversas oportunidades para as manifestações orais e de escrita, assim o desenho e outras.

Desenvolvimento:

- Cantar a música de Vinícius de Moraes
 De uma espécie de melão
 Muito bonito e esperto
 Fazendo o narizinho curvar
 Vinícius de Moraes
- Apresentação de um boneco
 Não falava, não era grande
 Mas, depois se transformou
 Num ser bem inteligente
- O Espinho de um olho
 É um personagem famoso
 Por ser muito animado
 O trabalho muito produtivo
 Composição: Profª Lucia de Fátima Sobrinho Farias
 Atividade: 10 anos depois com a arte

- Conversação sobre o Vinícius.
- Desenho de crianças falando sobre o que sabem do personagem.
- Trabalho de conversa através de perguntas.
- Realização de personagens de lenda com os de outros textos infantis conhecidos por eles, como: Papai do Têtu, Fritango e outros.
- Colagem e pintura usando materiais diferentes como o material descartado a fim de proporcionar a conversação entre professor e aluno e aluno x aluno, durante a realização do trabalho.

Materiais:

- Fichas.
- Cola.
- Lápis de cor.
- Escalante.
- Papel de cor.
- Faltas de melão.
- Miolo.
- Faltas.





Terça-feira, 27 de abril de 2016
19ª aula.

Objetivo: Ouvir e falar.

Atividades:

- Pinte o Saco.
- Falar das características dos animais trabalhados (como por exemplo o porco: três pernas, três, seis, duas pernas, nada e 0 uma orelha).

Materiais:

- Folhas.
- Tinta.
- Lápis de cor.
- Cola.
- Agulha.

Trabalhar a aula de hoje com uma pergunta: Todos são animais, por quê?
As crianças vão responder ou que não sabem perguntar? Com que eles não são todos iguais, de qual todos os animais?
Alguns começam a surgir as respostas:
- Uns são grandes, outros pequenos.
- Uns são lobos, outros cães.
- Uns podem entrar no mato, etc.
Continuar fazendo perguntas:
- Todos vivem no mesmo lugar?
- Todos andam de mesma jeito?
- Que o porco faz? O que ele come?
- Porque o porco não é o mesmo?
Eles respondem com entusiasmo, mas sempre tinham uma história para contar: do porco, do porcoinho, do porquinho.





Alunas mostrando seus trabalhos de colagem





Lucia, Darlene e Gessi fabricando a Boneca Emilia, na casa da Neusa. Oho. Após o expediente.



Darlene e Gessi, costurando a Emilia, vestindo o pijama da Flávia. Vale tudo pelo kit.



Uma obra de arte com o nome de Pedalo. Sécureta...



Por que não? São pessoas de todas as idades... trabalhando em conjunto...



Uma das muitas ajudando a ajudar de... para quem precisa de ajuda...



Uma das muitas... para quem precisa de ajuda...



Calma névua! Tô quase acabando. Fica fria
que vamos arremar a bogunça...



Graças a Deus, terminamos só falta os acabamentos. Ficou legal, não ficou!

Dia 08 de junho de 2006 - Quinta-feira

Encerramento do Projeto: "Músicas e Contos infantis com fonte de alfabetização"

18ª aula

Professoras: Lucia e Neuzanira

Objetivos:

- Propiciar momentos de entrosamento e diversão entre as turmas para o encerramento do projeto;
- Socializar atividades realizadas durante o desenvolvimento do projeto com as turmas envolvidas no intercâmbio;
- Oportunizar a fala e a escuta das crianças em torno das expectativas geradas no decorrer do projeto e das construções imaginárias em relação aos personagens do Sítio do Picapau Amarelo;
- Construir um ambiente semelhante ao do Sítio do Picapau Amarelo para um desfecho com grandes emoções, curiosidades, imaginação e partilha;

Desenvolvimento:

- Aula com as quatro turmas juntas em um ambiente representativo do Sítio do Picapau Amarelo;
- Apresentação dos personagens:
 - *Professoras que representavam: Narizinho, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia;
 - *Bonecos de pano: Visconde, Emilia e Saci;
- Brincadeiras de rodas, contação de histórias, apresentação de músicas cantadas durante o desenvolvimento do projeto, cantos diversos, etc.
- Confraternização entre as turmas com comidas típicas do sítio

Materiais:

- Retalhos, roupas usadas, linhas cano PVC, TNT, tintas, tesoura;
- Máquina de costura;
- Redes e cordas;
- Toalhas;
- Mesas;
- Cestos;
- Bolas;
- Livros de literatura infantil;
- Faixa do Sítio do Picapau Amarelo;
- Filmadora, máquina fotográfica;
- Barraca do exército.

IV- Anexos



professoras se preparando para receber as crianças no sítio



Barraca do Sítio



professoras recebendo as crianças no sítio. Muitos abraços e beijos



organização de um grande círculo para receber os personagens



apresentação do Visconde de Sabugosa e os outros personagens





D. Benta contando história



Pedrinho cantando "Meu Boneco de Pano"



Tia Nastácia distribuindo bolo



Nanzinho dançando com as crianças



Professoras com os comes e bebes e os bonecos de pano.



Trenzinho da alegria



Visconde na rede

29 de Junho de 2006 **11**

Escolas Bilíngües dinamizam o ambiente escolar



Alunos, durante apresentações, em 27 de Junho

Nos dias 08 e 27 de junho deu-se o encerramento do primeiro projeto: "Músicas e Contos Infantis", respectivamente, em Ermesinde de Ingoyen e Dionísio Cerqueira. Projeto esse que consolida a parceria e a integração estabelecida entre as Escolas Bilíngües de Fronteira: "Theodorato Carlos de Faria Soulo de Dionísio Cerqueira e 634 de Bernardo de Ingoyen.

A culminância do projeto foi planejada com base naquilo que foi desenvolvido no decorrer de um pouco mais de três meses de atividade. Tanto as professoras como os alunos estavam ansiosos pela a chegada desse dia, uma vez que se buscou a conciliação entre o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos na língua portuguesa e espanhola com o que há de mais precioso nas relações entre as pessoas que se querem bem: o prazer e alegria da convivência.

Além disso, não se perdeu de vista a retomada das aprendizagens, o que foi evidenciado pelas participações das crianças em diversos momentos como nas músicas que aprenderam, na participação na contação de histórias, nas brincadeiras de rodas, na relação com personagens de contos, na dramatização, na partilha e contrastatização, entre outros.

Dessa forma, pode-se dizer que os objetivos foram alcançados e que o inserimento que acontece através desse projeto que envolve "Escolas Bilíngües de Fronteira" tem muita significação para a vida de cada criança, de cada professor e de todos que de forma direta ou indireta participam dessa experiência, principalmente pela necessidade de planejamento, inovação, pois os caminhos não estão traçados, mas construídos em cada aula, em cada atividade, em cada etapa... Lucivara M. Zimmermann Dimer - Coordenadora do Programa Bilingüe na Escola Theodorato

Dia 13 de junho de 2006.
Terça-feira

OBS: Não houve intercâmbio, pois teve escolha dos livros didáticos e 1º jogo do Brasil (Copa do Mundo).

Dia 15 de junho de 2006.
Quinta-feira

OBS: Não houve intercâmbio – feriado de Corpus Christi

Dia 20 de junho de 2006.
Terça-feira

OBS: Não houve intercâmbio – feriado na Argentina, Dia da Bandeira.

Dia 22 de junho de 2006 – Quinta-feira

19ª aula

Professoras: Lúcia e Neuzanira

Objetivos:

- Ouvir e falar;
- Desenvolver a atenção e raciocínio através da fala dos personagens do filme.

Desenvolvimento:

- Assistir o DVD “Deu Zebra”;
- Conversação sobre o filme;
- Destacar as ações do personagem principal;

Discussão

- Qual a semelhança da zebrinha e dos outros animais com a nossa vida?
- O que você mais gostou no filme?
- Deixa-os conversar livremente sobre o filme.

Materiais:

- DVD e TV

As crianças gostavam muito de ver a festa de São João. A expectativa delas era ver a festa e como praticavam algumas para nós e que aconteceria em algumas de final das atividades pela gastronomia e arte gostavam de brincar.

Dia 29 de junho de 2006 - Quinta-feira
Primeira aula do T-Projeto: Tradições e cultura
 2º ano

Professora: Luciana Noronha

Objetivos:

- Ouvir e falar;
- Distinguir os costumes de festas passadas dos dias atuais;
- Desenvolver atenção e criatividade.

Desenvolvimento:

- Contar a história dos Santos padroeiros comemorados no mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro;
- Comparar as duas versões da origem da fogueira: religiosa e carnal;
- Falar sobre: comidas típicas, canções, brincadeiras, credulões, costumes, festas comemorativas, danças, etc;
- Identificar: aspectos de descrição no discurso.

Materiais:

- Folhas;
- Lápis de cor;
- Tesoura;
- TNT;
- Barbante e lã.



Depois de lerem os grupos leram o texto e material que descrevem sobre a fogueira e eles que ficaram felizes. Um dos grupos trabalhou melhor, todos participaram e leram bem o texto. Conversaram bastante falando sobre como organizar a montagem da fogueira. O outro grupo não demonstrou muita atenção e a participação foi menor. Mesmo assim alguns conseguiram explicar o trabalho e também fizeram perguntas pediram ajuda, etc. que me chamou a atenção de não usar lá com um modelo simples que não era de montar a estrutura da fogueira, pediram perguntas. Como a minha não estava completa de se outras respondiam. Foi divertido não só que minha e minha e pipoca e pipoca! Ela disse: não, não de uma pipoca ela é um milho pipoca. Então expliquei para eles que a pipoca é uma outra espécie de milho e que quando aquecida estoura e a semente forma a pipoca. O Marcos e outro todo animado falou de como ele não sabia.





MORRAM DE INVEJA!!!! Isso é para quem pode não para quem quer!

Encontro Foz do Iguaçu/Julho de 2006



Neuza, Lúcia e Lizandra dando uma de turista forçada em Foz do Iguaçu em frente ao Hotel, tristonhas porque está chegando a hora de cair na real e voltar à vidinha de Professora, sofrida, mas divertida.
Agosto/2006

Dia 08 de agosto de 2006 – Terça-feira

23ª aula

Professoras: Lúcia e Neuzanira

Objetivos:

Objetivos:

- Ouvir, falar, ler e escrever;
- Proporcionar aos alunos oportunidades em conhecer um pouco do passado, despertando o fascínio pelo fantástico mundo das lendas, brincadeiras e modo de viver dos antepassados;
- Valorizar os saberes de pessoas mais idosas ou experientes por serem agentes de grande bagagem histórica e cultural;
- Disponibilizar às crianças o contato com pessoas idosas para reconhecerem as formas pelas quais a cultura se passa de geração para geração e, mesmo, as modificações nas formas de organização social, da família e da vida através dos tempos;
- Reconhecer as diferenças de percepções acerca dos modos de vida e a importância do respeito pelo outro, manifestadas suas diferenças.

Desenvolvimento:

- Convidar quatro senhoras idosas da nossa comunidade para contarem às crianças como eram as brincadeiras, o modo de vida em tempos passados, comparando com a atualidade;
- Cada senhora irá se apresentar e conversar com as crianças;
- As crianças farão perguntas sobre o que mais lhes chamam atenção sobre a vivência do passado: brincadeiras, jogos, lendas, festas, roupas, calçados, educação, comida, trabalho, etc.

Materiais:

- Televisão;
- Filmadora;
- Máquina fotográfica;
- Caixa de som e microfone;

Documento 119
Projeto Curricular Integrado de Professoras do Ensino Fundamental Anual
 Do Colégio Maria Immaculada Otonari
União e Deus da vida observada Escola de Teologia de J.C. N.º 004 – Itaipava
 Itaipava, RJ
 Documento N.º 1
 Setembro de 2009, 08 de agosto de 2009
 Duração da aula: 17, 17 de 50:00 horas.

Professoras: Lúcia, Neuzimery, Darci e Grazi
 Série: 7.º e 7.º

Objetivos de ensino aprendizagem (OEA)
Objetivos de ensino: Conhecer as principais doutrinas bíblicas no ensino da vida, com ênfase especial na doutrina da presença da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas. Conhecer da presença da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas. Conhecer da presença da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas. Conhecer da presença da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas.

Objetivos de aula:

- Reconhecer as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo.
- Reconhecer as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo.
- Reconhecer as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo.

1. Apresentação
 Conhecer as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas. Conhecer as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas.

professora Lúcia e Neuzimery iniciaram as atividades, cumprimentando as crianças e foram preparadas no para a aula de hoje.

Professora Lúcia (PL): "Olá, meu preparado para ensinar. Hoje vamos de assunto?"

Al: Ana

PL: "Vocês lembram de esse assunto, de que se trata?"

Os alunos foram falando alguns assuntos que lembraram por momentos, em sua maioria, de vida eterna, apocalipse, de Jesus Cristo, de evangelhos, de doutrina bíblica.

PL: "Mas lembram qual é esse que está sendo ensinado aqui? É importante, e que vamos aprender, e o que vai trazer grande coisa para vocês, não é?"

Al: Sim

A professora trouxe algumas perguntas ao ensinar, falando da vida da vida que vamos ensinar, especialmente que se refere à doutrina bíblica da presença da vida em Jesus Cristo, especialmente que se refere à doutrina bíblica da presença da vida em Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "Lembram qual é esse da Bíblia, que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

Apresentar as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas. Apresentar as doutrinas bíblicas no ensino da vida em Jesus Cristo, suas implicações teológicas.

Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

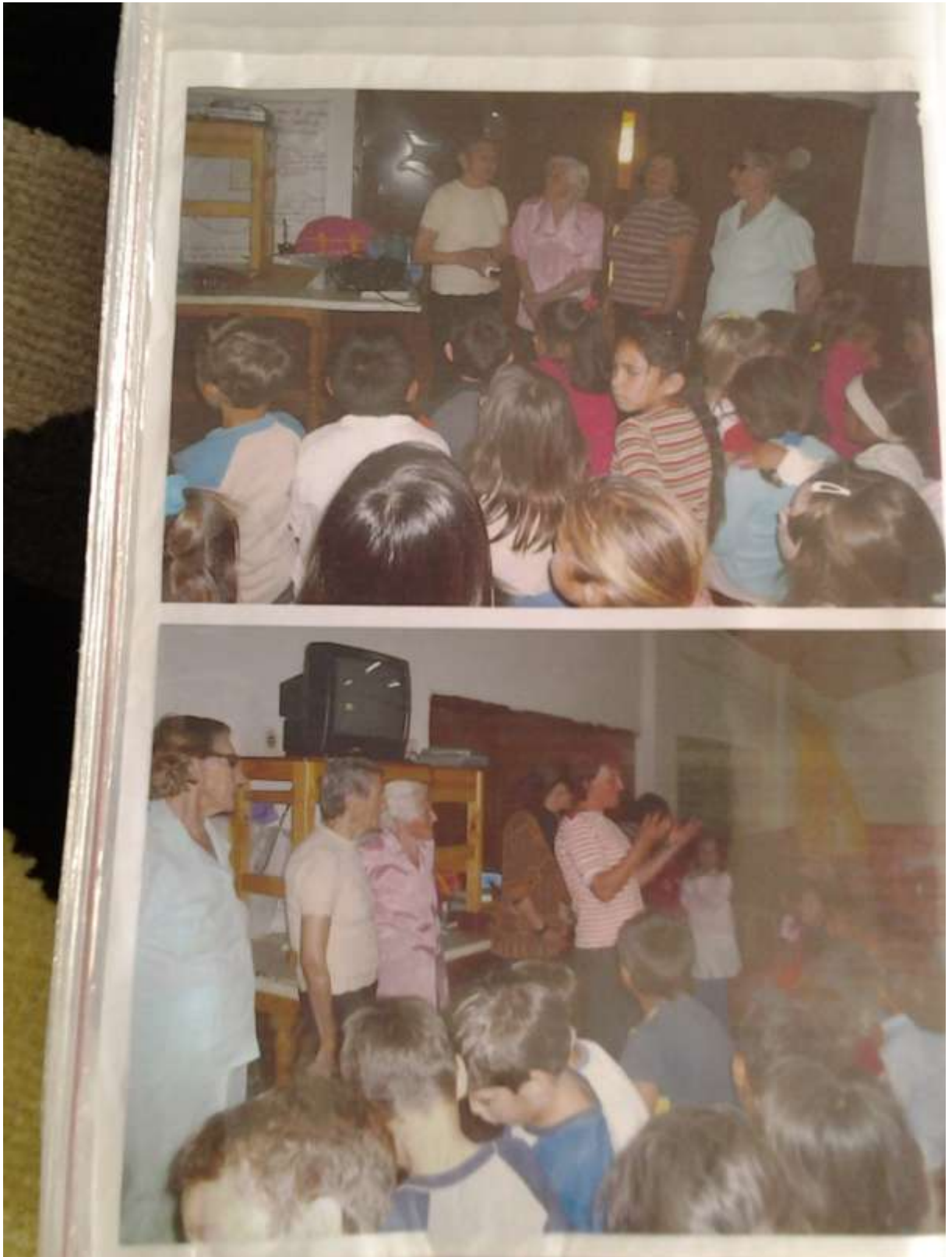
Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.

Professora Neuzimery: "De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo?"

Al: Sim

De que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo, de que se trata de Jesus Cristo.



IPOL Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Lingüística
 Rua Lauro Linhares, 2123 - Torre A - Sala 713 / CEP 88036-002 - Trindade - Florianópolis/SC - Brasil
 Fone/Fax +55 48 3214 - 8056 / e-mail eletrônico: ipol@ipol.org.br / página: www.ipol.org.br



Programa Intercultural Bilingüe de Fronteira

Capacitação de Professores de Português e de Espanhol

Puerto Iguazú, Argentina, 20 de outubro de 2006

Interculturalidade e Educação Lingüística Bilingüe

A relação entre língua e cultura. A noção antropológica de cultura: cultura invisível. Cultura e ensino de L2: propósitos do ensino de L2 e o lugar das preocupações com a noção de cultura; dúvidas quanto à limitação do ensino de L2 a propósitos estritamente instrumentais. Cultura e identidade: identidades nacionais, identidades estrangeiras, identidades regionais e os dilemas identitários do professor e do aprendiz de L2. Cultura, letramento e propósitos de programas de educação bilingüe.

Estarão sendo buscados os seguintes objetivos específicos:

- Desenvolver familiaridade com a noção antropológica de cultura e os debates contemporâneos acerca da relação língua/cultura e do papel da preocupação com cultura na educação lingüística em L2 e bilingüe;
- Compreender a diversidade das identidades de professor e de aluno nas aulas de L2;
- Compreender a diversidade das categorias identitárias e as limitações da noção de nacionalidade.

Discuta em grupo

1. Quais são as principais questões de interculturalidade com que vocês estão se deparando no trabalho de educação bilingüe com os alunos e com os colegas?
2. Qual a sua apreciação acerca dos conceitos e asserções feitos na exposição? Eles podem ser relacionados às questões levantadas na pergunta anterior?
3. Desde o início do trabalho de educação bilingüe, vocês observaram alguma alteração na visão de cada um sobre o que está do outro lado do rio?
4. Examine os materiais em anexo e troque impressões de leitura com os colegas.

Escola Aberta

**Ensino de espanhol,
uma ponte no Oeste**

Projeto de intercâmbio
entre educadores
brasileiros e argentinos
é bem recebido por
professores e alunos de
Dionísio Cerqueira.



Dia 10 de novembro de 2006 - Sexta-feira

38ª aula

Professoras: Lúcia e Neuzanira

Objetivos:

- Ouvir e falar;
- Socializar o trabalho desenvolvido no decorrer do projeto "Culturas e Tradições", entre as duas escolas envolvidas, bem como os alunos e professores;

Apresentações na Escola 604

- Canto: A formiguinha (meninas das duas 1ªs séries)
- Canto: O Saci-Pererê (meninos das duas 1ªs séries)
- Apresentação de alguns personagens que fazem parte das lendas do folclore brasileiro:
- Saci-Pererê; Mula-sem-cabeça; Curupira; Lobisomem; Boitatá.

Materiais:

- Som e CDs;
- Roupas de saci, mula-sem-cabeça, lobisomem, curupira, boitatá (cobra grande) e das formiguihas.
- Microfone e painéis.





Alunos do 2º ano da turma de 2014
- Fazendo uma fila.



Alunos do 2º ano da turma de 2014
- Fazendo uma fila.



Os alunos do 2º ano da turma de 2014
- Fazendo uma fila.



Apresentação de teatro.



Alunos após a apresentação.

Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto -
Escola Bilingüe de Fronteira

Dionísio Cerqueira, 05 de dezembro de 2006

Questionário de Avaliação da Implantação do PEBF no ano de 2006 nas 1ª e 2ª séries em regime integral na Escola Theodureto.

Senhores Pais, sua opinião é muito importante para avaliarmos e planejarmos o nosso trabalho. Por favor, responda as questões a seguir e encaminhe este questionário para a Escola. Obrigado! (Se quiser escrever mais, use o verso desta folha também)

1. Por que você escolheu a Escola Theodureto para matricular seu filho(a)? (Marque com um X todas as opções que forem necessárias)
 - Por ser escola em tempo integral
 - Por reconhecer o trabalho dos professores e direção
 - Por ser perto da sua casa
 - Por oferecer o Ensino Bilingüe
 - Pela infra-estrutura da Escola
2. Você vai manter a matrícula de seu filho(a) na Escola Theodureto para o ano de 2007? Por quê?

3. Numere, em ordem de importância (de 1 a 5), as vantagens de seu filho(a) estudar na Escola Bilingüe Theodureto:
 - Aprender uma segunda língua com um professor nativo (Argentino).
 - Conhecer a cultura do país vizinho.
 - Receber uma formação escolar mais completa.
 - Ter mais possibilidade de trabalho no futuro.
 - Conseguir se comunicar com os argentinos para uma vivência melhor na fronteira.
4. Você vê desvantagens em seu filho(a) estudar em uma Escola Bilingüe? Quais?

5. Aponte sugestões para a melhoria da Escola e do Ensino Bilingüe para o ano de 2007:
 - a) _____
 - b) _____
 - c) _____
 - d) _____
 - e) _____
 - f) _____
6. Como você vê seu filho(a) em relação ao Ensino Bilingüe oferecido pela Escola Theodureto (Marque com um X todas as opções que forem necessárias):
 - Gosta e se comunica em espanhol em algumas situações.
 - Demonstra curiosidade e vontade de aprender mais o espanhol.
 - Usa a língua espanhola em alguns momentos de lazer, tais como: brincadeiras, músicas, danças etc.
 - Não emite opinião sobre o aprendizado do espanhol.
 - Demonstra não gostar de aprender o espanhol e nunca o utiliza.

Portal MEC, 18/07/2006 - Brasília DF * Brasil e Argentina criam grupo de trabalho permanente para a educação O ministro da Educação, Fernando Haddad, viaja a Buenos Aires, Argentina, na noite desta terça-feira, 18, para participar de um encontro de trabalho com o titular do Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia do país vizinho, Daniel Filmus. Na reunião, marcada para as 12h de quarta-feira, será assinado o protocolo que cria o Mecanismo Permanente Conjunto em Temas Educacionais. Na prática, uma comissão com o objetivo de ampliar a integração entre os dois países no que se refere ao campo da educação. Também participam da reunião o secretário da Educação Básica do MEC, Francisco das Chagas, e o presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes/MEC), Jorge de Almeida Guimarães. A comissão permanente para a educação aprofunda os acordos já firmados entre os dois países, em especial o protocolo para o ensino de espanhol e de português como segundas línguas, assinado em 30 de novembro do ano passado – data instituída como o Dia da Amizade Argentino-Brasileira pela Ata de Copacabana, assinada pelos presidentes do Brasil e da Argentina. O mecanismo permanente pretende fortalecer o conhecimento recíproco dos sistemas e políticas educacionais de ambos os países, facilitar o intercâmbio estudantil, de professores e pesquisadores, promover missões acadêmicas conjuntas e fomentar a cooperação técnica, desde o ensino básico até a pós-graduação, passando pela educação profissional e tecnológica. Antes de assinar o protocolo, o ministro Fernando Haddad visita uma escola bilingüe espanhol-português de ensino fundamental localizada na capital argentina, às 9h30. O apoio ao desenvolvimento de escolas bilingües, aliás, será uma das prioridades da comissão permanente, principalmente nas regiões de fronteira dos dois países. Entre outras iniciativas que receberão a atenção do grupo de trabalho, estão a formação de bibliotecas bilingües nesses estabelecimentos, a qualificação dos professores de línguas, a criação do Colégio Doutoral Argentino-Brasileiro – o documento-marco que estabelece a estrutura da instituição, as áreas prioritárias de atendimento e os critérios para o reconhecimento de títulos e créditos, entre outros itens, deve ser assinado ainda este semestre – e a formação de empresas universitárias binacionais, com a proposta de que o conhecimento gerado nas instituições seja aproveitado na produção de bens para o mercado. **Cúpula do Mercosul** – Na quinta-feira, o ministro Fernando Haddad segue para a cidade de Córdoba, onde se incorpora à delegação que acompanha o presidente da República na 30ª Reunião do Conselho do Mercado Comum e na Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul. Os protocolos e acordos selados pelos representantes brasileiros na Argentina obedecem à orientação do governo de ter a América do Sul como prioridade em termos de política externa. Também têm sua importância reforçada pelo fato do Brasil estar assumindo a presidência pro tempore do Mercosul no próximo semestre.

COMUNICADO CONJUNTO DE LOS PRESIDENTES DEL MERCOSUR Y ESTADOS ASOCIADOS

Los Presidentes del MERCOSUR y Estados Asociados, reunidos en la ciudad de Córdoba, el 21 de julio de 2006, en ocasión de la XXX Reunión del Consejo del Mercado Común, reiteraron su firme compromiso con los valores de la integración, la paz, el fortalecimiento del multilateralismo, el desarrollo, la democracia y los derechos humanos, y manifestaron su satisfacción por el progreso que evidencia el bloque regional, tanto por la incorporación de Venezuela como Estado Parte como por los avances sectoriales de cada una de las dimensiones de la integración.

En este contexto los Presidentes:

11. Destacaron la trascendencia de los logros obtenidos en las Reuniones de Ministros de Educación, de las cuales surgen:

El Mecanismo para el Reconocimiento de Estudios de Nivel Primario y Medio no Técnico, que tiene por objeto establecer las denominaciones equivalentes de los niveles de educación en cada uno de los Estados Partes, armonizar los mecanismos administrativos que faciliten el desarrollo de lo establecido y resolver aquellas situaciones que no fuesen contempladas por las Tablas de Equivalencias.

El Reglamento interno del Sector Educativo del MERCOSUR, con la finalidad de obtener una estructura acorde con los nuevos desafíos planteados en materia educativa de mayor funcionalidad y que facilite la gestión continua del Sector Educativo del MERCOSUR, estableciendo cuáles son las instancias orgánicas para tomar decisiones sobre los aportes que pueda hacer la gestión educativa al desarrollo de las políticas del MERCOSUR.

La publicación de materiales conjuntos sobre educación, memoria y derechos humanos de docentes víctimas de terrorismo de Estado durante los regímenes dictatoriales en la región.

AUTORIZAÇÃO DOS PAIS

Prezados pais e prezadas mães

A Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto - Escola de Fronteira Bilingue apresenta uma organização diferenciada por funcionar em tempo integral (7:45 h as 15:45 h), por isso seus filhos permanecem na escola, inclusive na hora do almoço. Em vista disso, gostaríamos de pedir vossa autorização e ter registrado por escrito o "estar ciente" por parte de vocês pais das atividades desenvolvidas no intervalo do almoço

Cardápio servido

segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
Feijão	Mandioca	Risoto	Purê de	Frango assado
Arroz	Arroz	Pão	batatas	Macarrão
Carne de gado	Carne moída	Salada de	Feijão	Salada de
em molho	Salada de	tomate	Arroz	alface
Salada de	cenoura e	Suco	Carne de	Suco
repolho	beterraba		gado em	
Suco	Fruta		molho	
			Salada de	
			repolho	
			Fruta	

Obs: Quando possível, também é servido sobremesa.

Nesse intervalo é desenvolvida a disciplina "Saúde e Nutrição" com orientações para uma alimentação adequada, hábitos de higiene, boas maneiras, etc.

Após o almoço, as crianças descansam, brincam, ouvem e cantam músicas, brincam de rodas, ouvem histórias, assistem a pequenas sessões de vídeos (desenhos animados), jogam, além de outras atividades, todas coordenadas pelas professoras.

Pedimos que vocês pais notifiquem, por escrito, a escola em caso de necessidade de um atendimento especial a seu filho ou sua filha, por exemplo, algum problema de saúde, medicamento que tenha que tomar e outros, para que possamos anexar à ficha individual e termos mais informações e um cuidado ainda mais especial. Se as crianças precisarem sair da escola antes do término da aula, serão dispensadas somente mediante o acompanhamento dos pais ou responsáveis. Nesses casos, também pedimos que comuniquem antecipadamente a professora, enviando um bilhete ou venham até a sala conversar com a professora.

Nossa escola tem compromisso de desenvolver uma educação de qualidade, de integração e de respeito, por isso, queremos o melhor para o seu filho ou sua filha!

Contamos sempre com a participação e colaboração de todos. Desde já agradecemos!

NOME DA CRIANÇA _____ Série _____

NOME DO PAI _____

NOME DA MÃE _____

OU RESPONSÁVEL _____

FONE PARA CONTATO _____

Estamos cientes da programação desenvolvida na escola no intervalo do almoço e autorizamos nosso(a) filho(a) a participar das atividades.

PRECISAMOS NOTIFICAR _____

Universidad Nacional de La Plata
Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación
Secretaría de Pós grado en Ciencias Educación

PROYECTO DE TESIS

1. Título de Investigación:

El papel das Escolas Interculturales Bilingües de Frontera, no proceso de integración cultural e inclusión social en el las ciudades fronterizas vinculadas de Bernardo Irigoyen – Misiones/Argentina e Dionisio Cerqueira –SC/Brasil.

ENTREVISTA DOCUMENTAL:

1. Você poderia fazer uma apresentação pessoal sobre a sua formação e trajetória pessoal? Com contato e/ou endereço e-mail fone.

2. De que maneira você conheceu o Projeto Escolas Bilingües de Fronteira-PEBF?

-

3. Qual foi seu envolvimento com o Projeto Escolas Bilingües de Fronteira? E atualmente você ainda tem atuação com o projeto?

4. Como você avalia a presença do PEBF-Programa de Escolas Bilingües de Fronteira na Escola EEB Theodureto? E no município de Dionisio Cerqueira?

5. Como você explica o surgimento das Escolas Bilingües de Fronteira? E qual a importância dela para o município? E para a população?

6. Na qualidade de habitante da fronteira como você tem percebido as políticas públicas nacionais em relação a integração países fronteiriços?

7. No seu ponto de vista, Qual é a importância das escolas bilingües para o desenvolvimento das cidades fronteiriças?

8. Você considera importante a definição de uma 2 língua para formação dos cidadãos que vivem na fronteira, cidade gêmeas.

Convite *Lúcia*

Os Ministérios da Educação do Brasil e da Argentina, o Estado de Santa Catarina/BRA e a Província de Misiones/ARG, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Regional de Dionísio Cerqueira juntamente com o Conselho Geral de Educação e o Ministério de Cultura, Educação, Ciência e Tecnologia de Misiones CONVIDAM VOSSA SENHORIA para o **Evento Comemorativo de 10 anos** do "Programa Escolas Interculturais de Fronteira", a ser realizado no dia 01 de junho de 2015, nas cidades de Dionísio Cerqueira/SC/BRA e Bernardo de Irigoyen/MI/ARG.



PROGRAMA ESCOLAS INTERCULTURAIS DE FRONTEIRA - PEIBF



Ministério da Educação

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

GOVERNO DE SANTA CATARINA

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

- Período vespertino - Bernardo de Irigoyen/MIS/ARG.
 Local: Escuela de Frontera de Jornada Completa N°604 - Bilingüe Intercultural N° 1.
- 13:30 horas - Palestras Acadêmicas sobre "Memórias do Programa Escolas Interculturais Bilingues de Fronteiras"
 Prof. Ms. Stella Maris Meira da Veiga Pereira
 Prof. Dra. A confirmar
- 15:00 horas - Pausa para lanches
- 15:30 horas - Apresentação Cultural
- 15:45 horas - Palestra: "Histórias e Memórias do PEIBF" - Dionísio Cerqueira/Bernardo de Irigoyen
- Prof* - Ex-professora participante do PEIBF. - *Lúcia e Neusa*
 Prof* - Ex-professora participante do PEIBF. - *prof. Argentina*
 Aluno (a) - Arg. Ex-aluno participante do PEIBF.
 Aluno (a) - Bra. Ex-aluno participante do PEIBF.
- 17:30 horas - Cerimonial de encerramento.





Escola de Educação Básica Dr. Theodorico Galvão de Faria Netto - Escola de Professores
 Botuporã

PROJETO Das Crianças 1...
 ...crianças no mundo da linguagem

TEMA: Crianças Leitores

PÚBLICO ALVO: 1ª, 2ª e 3ª séries da Escola de Educação de Botuporã

OBJETIVOS: 1 ano

JUSTIFICATIVA

Pela falta de recursos materiais de uma cidade do interior, buscamos conscientizar os pais e a comunidade através de palestras e pela leitura de livros para crianças, jovens, adolescentes e adultos, assim como de jornais, revistas, programas, vídeos e programas de vídeo para os alunos, visando a sua formação de base.

A leitura oficial de cada país se funda com as características de sua linguagem oral que se configura nas relações sociais, compreendendo uma região (uma região de fronteira, onde não há uma consciência clara e definitiva de suas fronteiras de separação e comunicação). Essa região, não somente, se propõe a ser um espaço de interação e comunicação com diferentes comunidades, mas também se constitui em um espaço de interação de suas fronteiras e de suas relações sociais.

O processo de interação de uma segunda língua se constitui em um ato de comunicação de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada e a leitura de livros e uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada.

De uma forma, a segunda língua se constitui em um ato de comunicação de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada.

Um a linguagem socialmente utilizada se constitui em um ato de comunicação de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada.

Essa leitura que tem como base a consciência social, visa ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada.

Essa leitura que tem como base a consciência social, visa ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada.

Essa leitura que tem como base a consciência social, visa ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada, visando ao desenvolvimento de uma linguagem socialmente utilizada.

PROBLEMATICA

ABERTURA DO PROJETO: Ser Criança e Viver no Mundo da Imaginação

Vamos juntos embarcar em um mundo de magia onde viver é ter fantasia, onde o alimento é brincar, sonhar.
Um lugar onde todos nós seremos crianças, onde o lema é curtir. Esse é um mundo diferente, um mundo distante, mas que pode ser próximo a qualquer momento.
O mundo dos Contos de Fadas. O mundo ideal! Venham! Não percam tempo, o mundo da fantasia nos espera!



DIA 15 DE MARÇO DE 2007,
QUINTA-FEIRA
1ª AULA



Personagens:

Colaboradora = Adriane Durinha / Criança = Laine Ortolan F. de Lima, Fada/Vermelho / Vermelho / Brinquedos / Brinquedos = Lucia Corderella / Branca de Neve / Bela Adormecida = Adriana Pinho, Príncipe Encantado / Caçador / Gato de Botas / porquinho / Peter Pan = Mirna, Chapéuzinho Vermelho / Cingano / porquinho = Na Lobo Mau / Pinóquio / Lobo / Príncipe / pobre-dona = Roseli.

Cenário: Em uma floresta uma menina descontrolada, anda perdula em divagações.

CENA I

Narrador. Era uma vez uma garota meiga e obediência chamada Dorinha. Seu maior sonho era conhecer a fada madrinha que, na sua concepção de criança, habitava a floresta. Tudo aconteceu mais ou menos assim:

Dorinha ao caminhar pelo jardim de sua casa encontra um livro e ao lê-lo exclama:

Dorinha (admira) - Que mundo maravilhoso, este das histórias infantis, será que toda criança tem sua fada madrinha?

Narrador. Em seguida, com o livro sobre o colo, deita-se sobre o banco, vencida pelo extremo sono, adormece... ganha da fada a varinha de condão, sonha...

E... no mundo dos sonhos se vê andando, conduzida pelas mãos de uma fada, onde é transportada magicamente para dentro de um livro.

Ela vê a fada madrinha, ajudando todo mundo, acertando as situações erradas através da magia, deixando todo mundo muito feliz. Dorinha viu também que, nem sempre as fadas podem ir pessoalmente ao encontro daqueles que delas precisam, por isso, contam com seus ajudantes. Prestem atenção:



Cinderela que era uma menina muito meiga que passou por uma situação muito difícil, quando seu pai se casou de novo, e a sua madrasta que tinha duas filhas, odiavam Cinderela. Obrigavam-na a trabalhar dia e noite. Cinderela tinha uma vida muito sofrida, mas não desistia e tentava tomar conta e assim, era muito simpática e educada com todos, por isso, a sua madrinha resolveu ajudar e mudar a vida dela, em um tempo de magia. Arrumou um baile e lá Cinderela encontrou um lindo Príncipe que por ela se apaixonou e a pediu em casamento.

Chapeuzinho Vermelho, andava saltitante e distraída pelo caminho do bosque, ia em direção à casa de sua vovozinha, não percebeu que era seguida de perto, pelo assustador Lobo Mau pensou em ter um grande banquete. por sorte, passava ali por perto um valente caçador que, impediu o Lobo Mau de comer Chapeuzinho Vermelho e sua vovozinha.





Branca de Neve era uma linda princesa, fruto do amor de seus pais, possuía os cabelos negros como a noite, os lábios vermelhos como sangue e a pele branca como a neve que caía nos dias de inverno; naquele reino, ela era muito feliz, mas um dia, sua mamãezinha adoeceu e foi morar nas estrelas. Depois de muitos anos seu pai, casou-se novamente, com uma linda mulher, mas esta mulher, a sua madrasta, tinha muita inveja da beleza de Branca de Neve que, além de ser linda, também era muito simpática, querida e educada, com todos no castelo...

A madrasta era muito má e encontrou Branca de Neve. Foi até ela, vestida de velha vendadora de frutas, ofereceu uma maçã envenenada, a princesa comeu e caiu adormecida, até, parecia morta, mas a fada... novamente apareceu e... um lindo e maravilhoso Príncipe Encantado com um beijo despertou a princesa do sono e casou-se com ela.

Muitas vezes, as fadas, fazem coisas que é muito difícil de acreditar, como com o boneco de madeira, ele havia sido construído pelo artesão Seu Geppeto que nunca pode ter filhos, a fada com pena do bom velhinho, que sempre fazia brinquedos para as crianças, soprou vida no boneco Pinóquio, que acabou sendo uma criança bastante sápeca que mentia para o Geppeto, dizia que, ia para a escola e saía fazer estripulias pela vizinhança, a fada então, castigou Pinóquio. Cada vez que ele mentia, seu nariz... crescia... mais mentia, mais seu nariz, crescia... crescia...

Nem sempre os caçadores precisam ajudar os personagens nas histórias porque as fadas os presenteariam com a magia da inteligência e eles conseguem se defender dos perigos da vida, como acontece na história dos Três Porquinhos que sempre quando saiam para brincar ou para realizarem suas tarefas eram perseguidos pelo terrível Lobo que queria fazer deles um belo assado, mas nunca conseguia porque os Três Porquinhos eram muito mais inteligentes do que ele.



RAJAJE, ARRO, DE, 2002

MIUNTA-KIARA

MCALLA

SERIE: C's series

PROFESIONAR: Leticia, Nanyana e Nalene

OBJETIVO: Criança e Idade

- Que a criança, conscientemente reconheça, reconheça diferenças e semelhanças.
- Experimentar as características de diferentes tipos de materiais.
- Experimentar a mistura para as cores, utilizando cores de tinta e materiais com características de 1,2.

DESENVOLVIMENTO:

- Que a criança saiba utilizar a técnica misturando as cores.
- Que a criança entenda a diferença entre as cores primárias e secundárias de maneira a reconhecer, a identificar, a reconhecer, a reconhecer, de forma mais abrangente com a mistura das cores.
- Que a criança saiba reconhecer as cores.
- Que a criança saiba reconhecer as cores.

Para montar o livro:
 Use uma folha por página
 Use um tubo de tinta
 Para a cor vermelha.

Use uma folha
 Use um tubo de tinta
 Use a cor azul.

Misture e pinte
 Use um tubo de tinta
 Use a cor amarela.

- Que a criança saiba reconhecer as cores.
- Que a criança saiba reconhecer as cores.

MATERIAL UTILIZADO:

- Tinta - CBN
- Tinta
- Água de cor

INTEGRAÇÃO E CULTURA

Escolas Bilíngues avançam na integração pela cultura

Equipe do projeto Escolas Bilíngues de Fronteira em Dionísio Cerqueira

Desde 2005, a Escola de Educação Básica Dr. Theodorico Carlos de Faria Souza, de Dionísio Cerqueira, participa, em conjunto com a "escola-espelho", Escola de Fronteira de JC nº 604, de Bernardo de Irigoyen, na Argentina, do Projeto Escolas Bilíngues de Fronteira.

O par de escolas foi um dos primeiros que recebeu o projeto, que objetiva a educação intercultural bilíngue e é a primeira experiência com escolas públicas na região de fronteira no Brasil. O projeto é uma iniciativa dos ministérios da Educação do Brasil e de Educação, Ciência e Tecnologia, da Argentina.

Ajudando junto às escolas envolvidas, o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística - IPOL, que assessora o MEC neste projeto, evidencia que foram várias as conquistas das escolas envolvidas a partir do Projeto Escolas Bilíngues de Fronteira. As principais são: a abertura da escola para concepções norteadoras do projeto que são: bilíngüismo, interculturalidade e integração regional, além da metodologia de ensino, que propõe uma aprendizagem na qual professor e aluno se engajam, em busca de desenvolver problemáticas dos interesses dos estudantes, o que promove maior envolvimento, participação e uma outra



forma de relação com o conhecimento.

Outra conquista é o intercâmbio de professores brasileiros e argentinos, promovendo um espaço de troca e de convívio com a cultura local, com a cultura do outro, ressignificando a própria identidade de fronteira.

Segundo a equipe de professores da IEB Theodorico, muitos foram os eventos realizados envolvendo as comunidades de Dionísio Cerqueira e Bernardo de Irigoyen desde sua implantação, em 2005. Destacamos com a direção e a coordenação local do projeto, eles afirmam que o envolvimento da comunidade é um desenvolvimento importante e necessário para a iniciativa, pois participa da produção de uma nova consciência cidadã além dos muros da escola.

Outro elemento importante é a projeção da escola no cenário nacional e internacional, como ponto de referência nessa experiência que vem dando certo e deve ser ampliada para outros países como Uruguai, Paraguai, Chile, Venezuela e Bolívia.



DIA 23 DE OUTUBRO DE 2007

TERÇA-FEIRA

3ª AULA

SÉRIE: 1ª série

PROFESSORAS: Lúcia, Neuzanira e Roseli.

OBJETIVOS: Ouvir e falar.

- Nomear os diferentes tipos de frutas.

DESENVOLVIMENTO:

- Ouvir e cantar a música "Salada Mista" (Xuxa);
- Conversar sobre os diversos tipos de frutas e sobre a importância das mesmas na nossa alimentação, os benefícios que cada uma traz para nosso organismo através das diferentes vitaminas que cada uma contém;
- Fazer junto com os alunos uma salada de frutas;
- Relacionar a fruta com a árvore que a produz;
- Trabalhar com massa de modelar, na confecção das frutas usadas na salada e outras que eles conhecem.

MATERIAL UTILIZADO:

- Aparelho de som
- CD;
- Frutas (laranja, maçã, pêra, mamão, abacaxi, uva, morango, banana, ameixa e açúcar);
- Copos descartáveis;
- Bacia – talheres;
- Massa de modelar.





DIA 04 DE DEZEMBRO DE 2007

TERÇA-FEIRA

SÉRIE: 1ª série

PROFESSORAS: Lúcia, Neuzanira e Roseli.

OBJETIVOS:

Valorizar as experiências das crianças vividas durante o desenvolvimento dos dois projetos trabalhados, através da socialização com seus colegas, pais, professores e autoridades presentes ao evento.

DESENVOLVIMENTO:

O encerramento dos trabalhos realizados durante o ano letivo de 2007, será na Escola Theodureto, com início às 19:00h.

Haverá apresentações artísticas das duas escolas participantes.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DR. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO
30ª SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL
DIONÍSIO CERQUEIRA - SC

CONVITE



Estamos finalizando mais um ano!
Venha participar do Encerramento das atividades bilíngües do ano de 2007. Será no dia
04 de dezembro de 2007 a partir das 19:00 h
Haverá apresentações feitas pelos alunos da Escola Theodureto...
Y los alumnos de la escuela 604 también vienen!!!
Sua presença é muito importante para nós!





APÊNDICE 18 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA 2ª ENTREVISTA COM A PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCREINER FARIAS

Transcrição na íntegra da 2ª entrevista com a Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.

TRANSCRIÇÃO DA 2ª ENTREVISTA

Nome da entrevistada: Lúcia de Fátima Schreiner Farias

Local da 2ª Entrevista: Casa da entrevistada – Dionísio Cerqueira/SC

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Transcritora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 30/03/2017, período vespertino

Tempo de duração da entrevista: 1:06 hora

Hora de início da entrevista: 13:58

Hora do término da entrevista: 15:04

Data da transcrição: 02 de março de 2017

Tempo de transcrição 06: 56 horas

Fernanda – Vou deixar ele ligadinho aqui já... (Pausa) Profe... então assim...que nem eu te falei... é... as palavras-chaves, que estão aqui... é na verdade, pra tentar... ajuda na...pra relembra né... mas agente pode ir olhando teu material também... e tu pode ir falando indiferente de qual tu quiser primeiro... o tempo... o que você quiser... se quiser falar de uma e depois voltar... bem tranquilo, tem total liberdade!

Lúcia – Aham... (Pausa) Ai, ai... sobre a implantação aqui seria mais... a... tem a Salete Bilmonte também...que era diretora na escola, ela sim... (Pausa)

Fernanda – (anoto a sugestão do nome) Vamos verificar...

Lúcia – Nessa parte assim, mais de...

Fernanda – Do início?

Lúcia – É... dessa coisa... mais... assim, a Salete tem...

Fernanda – Mas o processo, assim... de implantação, pelo que você acompanhou... que... que você sentiu, qual era a expectativa.... que... que tu vivenciou assim?

Lúcia – Porque... eu no início, fui meio pega de surpresa... assim, eles já tinham feito tudo, tinham...o projeto...

Fernanda – Tava aprovado?

Lúcia – Tava... foi aprovado, ah não... já tinha ... (Pausa) olha meu ratinho de estimação... ele vem dez vezes ali me incomodar... (falando de um ratinho que apareceu na cozinha) (Pausa) (risos)

Fernanda – não tem problema... (risos) não tem problema... (risos)

Lúcia – (risos) ah....então, foi... esse quem mais acompanhou foi a Lizete, foi... a... o pessoal lá da Argentina né....

Fernanda – Aham!

Lúcia – Junto com os de lá... e... a Lizete... naquele tempo era a Mari, mas a Mari que era coordenadora e daí... nós não nos acertávamos com ela... e daí...

Fernanda – Tá! Então, depois eu vo pegar o... sobrenome, dessas bem certinho!

Lúcia – Aham! A Salete... é Belmonte...

Fernanda – (eu anoto o nome e sobrenome) Belmonte...

Lúcia – É... ela tem... ela trabalha na faculdade... do ead ali... a Lizete Volpato Schreiner....

Fernanda – Aham... (anoto as sugestões de nomes) (Pausa)

Lúcia – Essa... ela também não tá morando aqui! Esse é o mesmo que o meu Schreiner...

Fernanda – Ah tá! Aham...

Lúcia – E a.... Mari... não me lembro...

Fernanda – A que era a coordenadora?

Lúcia – É... é, foi elas que começaram essa parte... burocrática e ...

Fernanda – Parte burocrática!

Lúcia – É... foram elas... e...porque... eu já entrei de sola...

Fernanda – Como... que a senhora recebeu o convite pra participar do programa... que a senhora estava me contando antes... eles te ligaram?

Lúcia – Ligaram! Eu tava em casa... e... uns quinze dias antes de começar as aulas... e... vinte minutos pra decidir... e... tem vinte minutos, porque tem outros... não sei o que, não sei o que... e... daí, deu até vários conflitos, e coisa... porque... as outras queriam saber como? Porque eu tinha sido a escolhida... qual era... o...

Fernanda – critério!

Lúcia – É... o critério! Daí eles disse que primeiro... era porque eu falava o espanhol... porque eu tinha o curso de espanhol... e coisa... mas não tinha nada a ver isso...

Fernanda – Aham...

Lúcia – Porque o negócio era português mesmo... (Pausa) ah...

Fernanda – Que era o processo inverso lá... né...

Lúcia – Daí essa Salete, foi e falo pra uma um dia... lá... que... foi por competência mesmo! (risos) Daí... tu pode perguntar pra ela, porque ela disse! Daí... a Neuzanira já trabalhava na escola... daí...

Fernanda – Tá...

Lúcia – Ali... e... a... a profe... como que eu disse que era o nome dela...

Fernanda – A Dulcelina?

Lúcia – É, a Dulcelina!

Fernanda – A Dulcelina é a que foi embora né?

Lúcia – É! Não tá mais aqui... mas ela ficou só um ano e desistiu... Não topou muito a ideia! E... essa parte aqui, foi mais... E daí teve no início... né, teve no início... veio o... o... governador... e teve toda aquela cerimônia ali... e com a Argentina... Acho que tem por aqui... (a entrevistada busca em seus materiais do projeto uma reportagem feita pelo jornal local desse evento inicial) (Pausa) Eu devia ter dado uma olhada... aqui, nas minhas coisas... antes! (Pausa) e... aquele lá...

Fernanda – Mas inicialmente não se trabalha por projeto né? Como a senhora me falou...

Lúcia – Não! Era assim... quando agente foi no primeiro encontro... foi em... Paso de los Libres... era...o... Gil... como que era o nome dele...

Fernanda – Aquele da foto?

Lúcia – É... aquele tomando chimarrão! É... ele tinha... e tinha mais, tinha as argentina do MEC... todo mundo!

Fernanda – Tinha bastante gente envolvida?

Lúcia – Tinha! Tinha bastante gente envolvida.... Daí, agente... eles meio explicaram, como que era... como que funcionava, como que... Nós ficamos apavorada! Né... ai depois... agente preparou dez aulas lá... as dez primeiras aulas, nos preparamos lá, junto com eles... assim, tipo...

Fernanda – Com essa comissão?

Lúcia – É tipo.. eles, dizendo.. mais ou menos... é.. eu daí que nos ficamos apavoradas com o... o orientador lá... ele era...

Fernanda – meio carrasco...

Lúcia – É... ele era meio carrasco! (Pausa) Nos objeto né... não sabia e...

Fernanda – Formalizar...

Lúcia – É... mas depois dessas dez aulas, agente foi... foi seguindo, foi... seguindo e entro mais ou menos no clima... e daí, fomos fazendo... né! E, um dia agente... achava tipo... as... data... olha.. (folhando seu material ela continua a fala) da páscoa... e... (Pausa)

Fernanda – Nessa... nesse primeiro ano, que foi 2005, a preocupação do projeto era o falar e o ouvir né... da segunda língua...

Lúcia – É... é!

Fernanda – e depois que veio a interculturalidade?

Lúcia – Sim! Ham... Agente fazia bastante teatro.... e...

Fernanda – Atividades lúdicas...

Lúcia – Atividades lúdicas! É... daí eles trabalhavam e depois... eles representavam através do desenho... e... eles sempre faziam alguma coisa né! Só que... pra nos, aqui do Brasil, foi mais fácil trabalhar come eles...do que elas aqui, elas sofreram mais!

Fernanda – Por quê?

Lúcia – Porque as nossas crianças daqui... o... o povo daqui não tem muito contato com a Argentina.... só quem tem parente, coisa... não... não assiste nada de lá, não convive tanto! E... as crianças da Argentina... ainda mais nessa escola, que é uma escola bem... carente! Tem crianças, mais ou menos... de rua que vinham...

Fernanda – Os menos favorecido...

Lúcia – Os menos favorecido... é! E eles... ham...escutam rádio daqui, eles assistem... eles... muitas famílias que migraram pra lá também, então... eles já tem um pouco de casa também... eles já trazem um pouco...

Fernanda – Da nossa língua?

Lúcia – Da nossa língua, o português! E... agora elas daqui... eles não sabiam nada!

Fernanda – Então, a receptividade lá, foi maior?

Lúcia – Foi... foi maior! Foi bem... e se tornou mais fácil pra nos também... não era tanto... tinha crianças que não, né! Que não tinham esse contato...

Fernanda – Mas a maioria tinha...

Lúcia – É!

Fernanda – E era duas vezes na semana que... vocês iam pra lá?

Lúcia – É! É na terça e na quinta... é!

Fernanda – Que continua até hoje...

Lúcia – É! Ainda?

Fernanda – É! Aham!

Lúcia – Nós ia de táxi...e ...

Fernanda – Isso eu ia perguntar....

Lúcia – Nos ia de táxi, ele ia buscar...

Fernanda – Isso no primeiro ano?

Lúcia – Os cinco anos que nos trabalhamos! Ai... no último, no último ano... teve... teve ali, já começou que deles cortarem as coisas... não davam mais tanto material e coisa... Tanto que uma vez eles tavam numa reunião ali com a diretora e... nós fizemos uma lista de tudo que precisa de material didático... e era muita coisa! E, daí... que vai entregar... nós era safada, nós levava eles meio na conversa... nós entramos tanto no clima, que viramos umas palhaça... (risos)

Fernanda – (risos) mas se não pedisse, não ganhava né...

Lúcia – Nos colocamos na ponta de um pauzinho, e a outra foi lá e abriu a porta...e colocamos lá dentro... (risos)

Fernanda – (risos)

Lúcia – E daí eles não aguentavam... e ajudavam... compravam os material, mas no final... já não estavam mandando... muito material, muito mais... E depois, não sei como ficou! Mas...

Fernanda – E ali... quando começou, vocês tiveram uma capacitação inicial antes de começar as aulas... foi o que... uma semana?

Lúcia – Foi! Foi uma semana em Paso de los Libres. Nós, os da Argentina... todo mundo junto... todo mundo junto! (Pausa) e... era o tal sofrido, mas divertido... sabe?! É opor que agente levava tudo meio na brincadeira, sabe...

Fernanda – Não se estressava com nada...

Lúcia – É! Agente... daí, quando agente começou as primeiras aulas... meu deus do céu... faz tudo... sozinha, era uma correria!

Fernanda – Por causa do planejamento é?

Lúcia – É! Esse aqui agente... trabalhou... (a entrevistada volta a folhear seu material, mostrando as atividades que eram realizadas no início do programa) musiquinhas... agente fazia né... e... ham.... (Pausa) tudo assim!

Fernanda – Atividades diversas nesse primeiro ano...

Lúcia – É! Não tinha assim um projeto... e depois com o projeto ficou mais fácil, porque você ia desenrolando as coisas...

Fernanda – E os projetos começaram em 2006?

Lúcia – (Pausa) (a entrevistada volta a folhear seu material, abrindo o caderno de 2006) Aham.. acho que foi mais... foi sim! Outro problema que agente enfrentou bastante... foi... você quer saber de problema?

Fernanda – Sim!

Lúcia – Era... que lá... se chove, as crianças não vem pra escola!

Fernanda – Pois é... eu vi aqui no caderno, que tem alguns registros, que...

Lúcia – É! Por causa da chuva, eles não vinham pra escola... e... daí as outras vinham prá, agente ia pra lá... e não tinha aula... ou se não agente ficava trabalhando e dava aquele impasse, por causa da....

Fernanda – Chuva?

Lúcia – É! E por causa, delas darem aula... e agente não! E... agente sentava, muitas vezes pra planejar junto e...

Fernanda – É... isso eu ia perguntar, quanto ao planejamento...

Lúcia – O planejamento era feito junto!

Fernanda – No primeiro ano, ou só mais pra frente?

Lúcia – Não... no primeiro. Do segundo em diante

Fernanda – Quando começou ali... por projetos?

Lúcia – Aham! Agente... fazia projeto junto... e conforme agente trabalha lá... porque agente trabalhava o mesmo projeto lá... e elas aqui...

Fernanda – e elas aqui?

Lúcia – É... Não! E também na escola né... agente trabalhava.... uma vez trabalhamos sobre... hum...

Fernanda – Água... tem um projeto aqui...

Lúcia – É! O projeto água... porque eles... tava... enfrentando uma crise de água lá... que... (Pausa) Sempre luz e água lá... é um problema! Ai... agente trabalhou lá e aqui... Então... daí... não deu muito certo... agente... ia, ia... meio que meio... capenguiando, porque... os horários também pra planejar... e coisa!

Fernanda – Era difícil coincidir pra se encontrar?

Lúcia – E também... não... não... fechava muito com as nossas aulas! E lá... como faltava ... por causa de chuva... e...

Fernanda – Aham...

Lúcia – E... coisa assim!

Fernanda – É diferente né!

Lúcia – É! Oh... outra coisa assim... que eu acho que é importante... que, no... daí passou a ser integral a escola né...

Fernanda – Aham!

Lúcia – Período integral né... de manhã...e daí... eles tinham educação física também... artes... (Pausa) Daí esqueci... Daí trabalhava à tarde...

Fernanda – No período contrário...

Lúcia – É! As professoras também iam nesse horário... também pra gente planejar... e... daí não fecho muito essa... ia mais ou menos! E daí... agente trabalha sobre a água, aqui com os nossos... e... elas trabalhavam lá com os delas... daí nos ia a tarde e dava continuidade ao trabalho... ao trabalho, em cima... do mesmo, do mesmo projeto... mas, daí... não fechava... não fechava muito também... porque... não deu muito certo! Daí... foi indo... foi indo... meio que caiu essa parte aí!

Fernanda – Daí era planejamento individual....

Lúcia – É! (Pausa) E... deixa eu ver o que mais... esqueci!

Fernanda – De acordo com o que você definiam esse projeto... é... iam trabalhar... sei lá... comércio, vida na fronteira, água... como que vocês definiam isso?

Lúcia – Ah... como que agente escolhia os projetos....

Fernanda – É!

Lúcia – Mais ou menos assim... como agente via... as necessidade das criança... ou, ou projeto que eram trabalho aqui... que também eram trabalhados... e, as vezes agente fazia também ham... (a entrevistada volta a folhar seu material) Aqui... foi quando fizemos um livro... pior que nossos material... agente construiu... uma salinha lá! E... (volta a folhar seu caderno) (Pausa) Tem até uma... foto aqui oh!

Tem nós acampada... por que agente não... não tinha sala pra planejar de tarde... e...

Fernanda – Não tinha espaço lá?

Lúcia – É! Daí... eles arrumaram uma casinha... que tinha lá... pra gente planejar... hum...

Fernanda – Que legal!

Lúcia – E... o ano passado, ou ano retrasado... eu fiquei sabendo que... (voz embargada de choro) pegou... fogo! Queimou a nossa casinha lá...

Fernanda – Ah!

Lúcia – Queimo!

Fernanda – Perderam tudo!

Lúcia – Queimo tudo... tinha coisa que agente conseguia... roupa que agente juntava... arrecadava... até meu vestido de casamento queimo...

Fernanda – Aham...

Lúcia – Tava tudo lá...

Fernanda – Então... essa parte de implantação... essa parte burocrática a senhora não acompanhou muito...

Lúcia – Não...

Fernanda – Só o início das aulas ali mesmo...

Lúcia – É... só o início das aulas ali mesmo... das aulas...

Fernanda – E experiência, assim... que ficou das aulas... desse primeiro ano... do primeiro ano do projeto? Foi significativo... foi marcante?

Lúcia – Foi! E porque agente aprendia muita coisa. também... Ela aquela troca! E era... outra, que eles eram muito carentes...

Fernanda – sempre muito receptivos...

Lúcia – Tipo os nossos aqui... você chamar de meu amor ou passar a mão na cabeça... eles... eles nem dão... sabe carinho... ou uma coisa! Lá não... agente conquistava eles!

Fernanda – E eles... conquistavam vocês?

Lúcia – Simmm... os teatros que agente apresentava pra eles... era como se nós fosse artista de televisão! Agente via os olhinhos deles brilhando... sabe! Quando eu chegava eles já vinham correndo abraçar e... perguntavam o que agente ia trabalhar! Tinha... uns terríveis...

Fernanda – Normal... né?

Lúcia – Normal! Uns que não queriam fazer... outros que... que... no primeiro ano, eu peguei uma turma que... tipo, aceleração...

Fernanda – Aham!

Lúcia – Tudo aqueles grandes... quase me deixaram louca... mas depois já foi criando assim... menores... e... o problema era que eles faltavam muito!

Fernanda – Não conseguia dar uma continuidade...

Lúcia – É! Eu não conseguia dá uma continuidade... mas eles eram assim... muito receptivos... eles gostavam muito, tudo pra eles era novidade, sabe!

Fernanda – E você, vê diferença... entre os alunos aqui do Brasil... nessa questão, e o alunos de lá?

Lúcia – Muito! Muito, muito... e muito! (Pausa) Ham... (a colaboradora volta a folhear seus cadernos) Aqui... já era projeto sobre os animais... (Pausa) Sítio! Esse do sítio foi muito bacana... porque... nós... fizemos aqui e lá... e no final... nos levamos os daqui e os de lá... Não... Outra dificuldade que agente encontrou bastante... que não dava, por exemplo... trabalha do jeito que agente queria... por exemplo... criança daqui pra lá... agente conseguia levar! Levava na escola, passava de ônibus... tranquilo! Pegava o ônibus e coisa... e os de lá, não podiam vim...

Fernanda – Mas por quê?

Lúcia – Porque... sem autorização do pai ou da mãe... muitos moravam retirados e coisa... acho que conseguimos trazer eles uma vez ou duas... vezes... que foi num encerramento, de apresentação... que teve e foi aqui a apresentação... e... e nesse do sítio... que foi muito bonito! A minha turma... eu já tava trabalhando com a segunda série já...

Fernanda – Foi no segundo ano, que já tinha primeira e segunda série?

Lúcia – Não... não... Os três primeiros anos, eu trabalhei com primeira série... (Pausa) E aí, agente foi no sítio... de uma avó de uma... das minhas alunas... de tarde... os da professora Neuzanira, só foram e voltaram... e... os meus não! Eles dormiram lá!

Fernanda – Nossa!

Lúcia – É! Fizeram a noite janta pra eles... e ai... essa menina é filha do Flávio Bert e... até ele foi lá, fez eles juntarem lenha, limparem lá... e de noite ele fez.. solto fogos de artifício!

Fernanda – Nossa! Pra eles deve ter sido incrível?!

Lúcia – Meu deus! (Voz embargada de choro) Meu deus do céu... foi assim... ai que agente começou a trabalhar bastante matemática... mas esse aqui eu não tenho...

Fernanda – Então... eu vi lá na escola... e não sei se esse projeto é do tempo que a senhora... trabalhou sobre o comércio... a questão monetária e de fronteira, não sei... é desse projeto que a senhora está se referindo?

Lúcia – (Pausa) Não... agente trabalhou... tipo... como que é... (Pausa) Tá me faltando livros! (Pausa) Aquilo foi maravilhoso! Eles gostaram muito e daí... fizeram guerra de esterco lá... de noite tomaram banho... e daí... fizemos fogueira...

Fernanda – Naquele dia que foram pro sítio?

Lúcia – É! Os da Argentina... não lembro se eles vieram de tarde... não! Só foram os nossos! Daí... agente fez piquenique e... coisa... fizemos sobre o sítio... a importância... (a entrevistada volta a olhar seu material) E outra coisa... dois projetos que causaram polêmica... foi da... do... (Pausa) ai do que eu tava falando antes... da... a desse.. do... sítio... ?

Fernanda – É! Desse que vocês foram pra lá...

Lúcia – (Pausa) o... da... que trabalhamos o sítio do pica-pau amarelo! Nesse que trabalhamos... até teve uma crítica bem grande! Falaram que nós criamos... que nos tava trabalhando... hum... clássico da televisão... que agente tava copiando!

Fernanda – No sentido de crítica mesmo...

Lúcia – É! De crítica! Até a... a... a mulher lá falou bastante... mas daí nos explicamos pra eles... porque agente dava duro com eles, nos não afrouxava... (Pausa) Ham... e... foi mostrado né... que era da televisão mesmo... mas era uma obra de Monteiro Lobato... muito... né... assistida no Brasil... e coisa e tal... daí... eles gostaram, acharam bonito! E outro... foi... do... folclore! Porque as crianças de lá... não conheciam o... eu... nós começamos a notar, que tinham uns que não vinham mais pra aula... ficavam lá com a professora... e a diretora, orientadora... ao invés de fala... que eles tão com medo do Saci-Pererê e tal... porque agente contava, vídeo que mostrava... televisão e coisa... tinha que levar tudo daqui... né... vídeo, levava pra lá... e... Daí numa reunião... num encontro que teve em... Puerto Iguaçu... Chamaram nós lá! E falaram... que... o diretor tinha reclamado por causa disso e tals... Daí de novo... nos explicamos... não, e o pessoal daqui, os nossos orientadores e tals, explicaram... daí... mas era uma falta de comunicação grave...

Fernanda – Que gerava conflito?

Lúcia – Lá as professora de lá... não gostavam de trabalhar! Porque lá... foi imposto, daí elas não gostavam! Uma coisa imposta... você, você, você... vai!

Fernanda – Aham... Não tiveram o direito de escolha...

Lúcia – É! Mas, assim depois... porque pra elas... elas tiveram uma recompensa grande salarial! Ninguém tinha carro... Esses conflitos existiam... e eles não aceitavam os projetos também... (Volta a olhar as fotos em seus material) Aqui... eles tão indo pra Argentina oh...

Fernanda – Que pequenininhos....

Lúcia – Sim...

Fernanda – E o que... que pra você, profe... ficou dessa metodologia de trabalhar por projetos assim...

Lúcia – (Pausa) Olha... eu... em partes achava...acho bom! Mas tem coisas... que... é bom dá a continuidade e você vai desenvolvendo... mas tem muita coisa, que eu acho que... fica fora... fica fora e não da pra você encaixar... Eu... pra trabalhar lá com eles... era bom! Agora, pra trabalhar com os nossos alunos... eu não... só muito...

Fernanda – Teve dificuldade...

Lúcia – (Pausa) (A entrevistada volta a olhar seu material) Aqui oh... acho que... é um documento daqueles do começo lá... decreto... acordo...

Fernanda – Aham!

Lúcia – (Pausa) Você entende espanhol?

Fernanda – (risos) Entendo um pouquinho sim...

Lúcia – (risos) Qualquer coisa... pode...

Fernanda – E... tu tem formação de espanhol profe?

Lúcia – Sim... Tenho! Eu fiz um curso... que dois anos... eu até tinha o certificado aqui... e desde pequena, minha família... a família do meu pai, do meu tio... são de lá, daí... nas férias ia pra lá... daí agente aprendeu mais... aprendeu naturalmente... (Pausa) Daí, fiz o curso... e... com a professora Gladis... e daí, depois... no primeiro ou segundo ano... eu.. não guardo muito! Nós começamos a pós de linguística... (a entrevistada volta a olhar as fotografias em seus cadernos) Aqui... lá em Posadas.... aqui...

Fernanda – Mas isso foi oferecido pra vocês... pelo programa ou não?

Lúcia – Sim!

Fernanda – Que legal...

Lúcia – Mas era em três etapas... e aí, a primeira etapa nos fizemos... e daí bem no fim... agente ficou com um certificado só... e daí, não sei o que... que deu lá... que as professora das Argentina lá... que eu acho, que nenhuma tinha faculdade... tinha graduação! Daí... elas não podiam fazer... e... não sei o que... que deu lá... e daí cortaram! Nós fizemos um ano!

Fernanda – Que legal! E com os alunos lá da Argentina... como que era esse diálogo... era português ou era espanhol?

Lúcia – Só falava português... só falava português! Eles... agente repetia muita coisa... vou te explicar como que funcionava... por exemplo, agente ia trabalhar.... (Pausa) Hum... (a entrevistada volta a folhear seu material) Deixa eu pegar... aqui do início... pra eu pegar o fio da meada... (Pausa) Era o ouvir falar! Deixa eu pegar uma aula aqui... bem gostosa... deixa eu ver... eu aqui... aqui tem a opinião da Fátima.... Aqui era sobre as frutas... e nós começamos... ham... (Pausa) esse aqui era do sítio... Então... vamos ver... aqui... (A entrevistada continua olhando seu material) continuar trabalhando sobre as frutas... (A entrevista vai lendo seus planos de aula) (Pausa) Tá meio traçado essas minhas coisas aqui! Não to me achando.... Tá, primeiro agente cantava uma musiquinha... sobre as frutas... apresentava... levava... trabalhava aqui... (Pausa) e depois, nos fizemos a salada de fruta com eles... e conversando sempre com eles!

Fernanda – Em português?

Lúcia – É! Em português! O que nós vamos colocar na sala de frutas... Eles falavam naranja... ahh... vamos colocar laranja!

Fernanda – Á partir da fala!

Lúcia – Sim! Se repetia muito... assim... gestos... se levava o livro... agora vamos pegar o lápis... Professora é para pintar com... (Pausa) vamos pegar o lápis de cor... AMARELO! Repetindo sempre! Enfatizando muito a palavra... Não era importante eles conhecerem a fruta... a cor... se tinha suco... claro que agente falava... mas tinha tantas laranja... quatro, cinco... quantas vamos pegar... quantos isso, quantos daquilo... mas enfatizando o nome das frutas! Com musiquinha... teatrinho...

Fernanda – Então a questão da linguagem... sempre foi muito forte?

Lúcia – Sempre! Muito forte! Você tinha que repetir bastante.... (Volta a observar seu material) Essa aqui... também foi uma aula maravilhosa! Agente...

pegamos as... essas quatro vovós.. pra falar de... nossa esse dia aqui... (Voz embargada de choro) esse dia aqui... foi muito.... (Pausa) (a entrevista volta a folhear seu material) Mas... parece que andaram mexendo aqui... no meu... meu caderno... e tirando coisa daqui... (Volta a consultar seus cadernos) (Pausa) Aqui... oh... já era ouvir e escrever!

Fernanda – Então... já estava avançando...

Lúcia – já! Sim... as coisas... já! Aqui... no final aqui... nós já... no final, até eles fizeram uma proposta... pra eu alfabetizar eles.... hum... no espanhol mesmo! Porque eles tinham... muita dificuldade! Muita dificuldade mesmo! Eles não liam... não escreviam... Mas daí... Bem... daí era assim, através de brincadeiras... vamos pegar um carrinho...

Fernanda – Atividades diferenciadas...

Lúcia – Ahammm! Pintura.... Ham... cola, recorte... no recorte... até tem aqui os material que agente usava! Tesoura... (Pausa) Quem tem uma tesoura amarela... sabe... bastante repetitivo!

Fernanda – A questão da fala mesmo...

Lúcia – É! A questão da fala! Fala... e... e ali sempre usando a matemática e a outras disciplinas, sempre que possível... Ham... tudo agente... junto... mas enfatizando a... (a entrevistada volta a olhar seu material) aqui... o... tinha uma pergunta... todos os animais são iguais? Aqui agente ia falar sobre os animais... aqui eles responderam que não! Daí eu perguntei... porque eles não são, todos iguais se todos são animais? Aí... começaram a surgir as respostas... uns são grande, outros pequenos... uns são bravos, outros não... uns pulam outros caminham... (Pausa) Um nada e outro voa, eles respondiam entusiasmados (Isso a entrevistada lê em seu material, o descritivo de uma aula do projeto) Eles sempre tinham uma história para contar... ou do peixe ou do passarinho... ai quando eles falavam alguma coisa... ai agente... tipo... eu ia falar... “peixe” (ela fala com sotaque dos alunos) daí agente falava P E I X E! Você esta falando de peixe... tinha muito peixe... não, não... no sentido de corrigir... você enfatizava bastante aquela fala... pra que ele entende... tem partes aqui... (Ela volta a olhar seus materiais) (Pausa)

Fernanda – É! Eu vou querer fotografar isso...

Lúcia – Sim! Daí... você tira... fotografa...

Fernanda – é... você tem aqui a continuidade de aula por aula... e isso é muito legal!

Lúcia – (Pausa)... olha... então a cobra é uma galinha? (Ela continua a leitura da descrição da aula) Porque nascem de um ovo... assim como as tartarugas... os jacarés... Daí um menino me perguntou... então... a cobra é uma galinha? Ham... todos acharam graça... e uma menina explicou... pra ele, que cobra era cobra e galinha era galinha... assim muitas questões foram levantadas... e eu deixava que eles mesmos respondessem... e tirassem suas conclusões...

Fernanda – E esses diários das aulas, que tem aqui... você fazia lá na aula mesmo... ou quando chegava em casa... como que era?

Lúcia – Algumas... quando surgia alguma fala deles marcante... tipo assim... quando ele me ensinou a fazer tererê...

Fernanda – As práticas comuns deles...

Lúcia – É! A vivência deles... da casa da família deles!

Fernanda – É... eu até ia perguntar isso... como que era abordado esses diferentes saberes que os alunos traziam... de fora pra dentro... tinha lugar pra esses saberes?

Lúcia – Tinha! Tem uma aqui que fala... (Volta a folhear seus cadernos) que... ele me ensinou a receita de chá caseiro... a... daí eu pedia pra eles como que era... se eles traziam a receita... daí, a mãe mandou a receita! Os saberes da casa deles, que entravam pra dentro da escola. Muita coisa sabe... agora... aqui na hora... não me vem... mas, quem comia antes... (Volta a olhar seus planejamentos) Nessa aula... foi bem interessante porque eles fizeram muita pergunta... essa... era de perguntar pras mães como que era antigamente...

Fernanda – Foi nesse projeto que vocês trouxeram aquelas senhoras para o projeto?

Lúcia – É! Sim! Nós pegamos... (Pausa) Eles perguntavam muito pra elas...

Fernanda – Eles eram muito participativos...

Lúcia – Aham! Daí... agente trabalhava muito com microfone... agente, cada uma tinha seu microfone... daí... eles adoravam... eles se soltavam... eles queria participar.. canta... gritar! É... assim, é... só vivendo lá mesmo... pra sentir tudo aquilo que agente vivia! Agente vinha pra casa feliz... sabe? Porque... agente via que tinha aproveitamento... eles gostavam! Profe... quando a senhora vem... quando a senhora vai volta... a senhora... porque não vem tal dia... Teve até, um dia... que um veio lá na divisa... e perguntou onde que era a minha casa, ele queria saber onde

era a minha casa! (Pausa) E ai... eles vinham e contavam a situação que era na casa deles... uma situação difícil... tinha muita dificuldade de vida... (Pausa)

Fernanda – E ali... com o projeto... eles se encavam...

Lúcia – Sim! Eles se encantavam... eles não queriam faltar mais, eles queriam estar na escola... e quando agente fazia essas coisa... novidades... tipo o encerramento com a Emília... do sítio (Pausa)

Fernanda – E esse encontro... vocês costumavam fazer... esse *cruze*... os alunos daqui indo pra lá, e os de lá vindo pra cá... era possível fazer isso no início?

Lúcia – (Pausa) Não... os nossos... aqui do Brasil... agente podia levar pra lá... conseguiam ir pra lá... porque a maioria tinha documento e tals... agora os de lá... não tinha documentação... não conseguia falar com os pais... então, isso foi uma coisa que nós não conseguimos....

Fernanda – Questão burocrática mesmo?

Lúcia – É! (Pausa) Questão de... nos queria trazer eles pra cá... porque agente queria fazer essa troca... ahh... eles queriam muito vim conhecer... e vim na casa da gente! Eles criaram laços e deixasse... cada dia podia trazer um pra casa... (Pausa)

Fernanda – Eles tinham muita curiosidade de saber como era aqui...

Lúcia – Sim... de saber como era! Como que era... porque eles viam... do que agente falava né... e a vida deles, era bem... bem carente né... então eles faziam muita pergunta... (Volta a olhar seus registros fotográficos) Esse aqui o... foi muito lindo... foi um encerramento... onde o exército de lá, eles emprestaram a... armo a tenda... nós fizemos comidas típicas e nos vestimos também... de... dos personagem de lá...

Fernanda – e a comunidade geral, aqui da Tri fronteira, eles conheciam essa proposta... eles também se engajaram nisso... ou só quem se envolveu mesmo ali... em participar que vivenciou...

Lúcia – Olá... foi mais as famílias né... Uns, porque... pra eles... era até... melhor, porque a criança ficava o dia todo na escola.. sabia onde tava e... mas... assim os pais participavam bastante.. agente fazia reunião com eles... tem uma aqui... que nós fizemos... (Volta a olhar seus cadernos) Que nós fizemos... que... propaganda pra continuar participando do programa, divulgava... Olha... (ela me mostra a história em quadrinhos criada por um aluno para ajudar na divulgação do programa) Olha...

Fernanda – Deixa eu ver...

Lúcia – aqui foi um teatro que agente fez... meu... os teatros eles amavam! Mas tudo que agente fazia... eles... as apresentações... que eles apresentavam...

Fernanda – Ah... eles também apresentavam?

Lúcia – Sim! Sim! Eles também apresentavam... eles tinham... que apresentar em português... relacionado com aquilo... Teve um aluno que fez... na quinta serie... onde nos ficamos na frente do banco do Brasil ali... e fizemos tudo na rua...

Fernanda – sério.... a encenação foi feita na rua?

Lúcia – Sim! Na rua... pro povo todo assisti... que vinha no banco... ia ver ali e depois comentar né... (Pausa) Chamando eles para o próximo ano... olha... (Ela me mostra em seu material, o que os alunos desenvolveram para fazer a propagando do programa)

Fernanda – Nossa... que legal! Uma propaganda mesmo... pro programa... isso é muito legal!

Lúcia – Aham... (Pausa) Aqui o... (a entrevistada lê um recorte dos documentos locados em seu material) A segunda língua é fundamental para... o estudo da segunda língua é fundamental....nessa sociedade competitiva, excludente na qual estamos inseridos... esse projeto tem.... aqui tinha pros pais... questionário... pra eles responderem o que estavam achando... se gostavam... aqui tem um parecer da Stela...

Fernanda – De quando era o IPOL?

Lúcia – É... de quando era o IPOL ainda... IPOL no inicio... e do Giovan... e... sempre tinha TV, noticias no jornal... jornal... rádio... eles... na Argentina, tinha mais divulgação do que no Brasil...

Fernanda – Hum... eles era mais então...

Lúcia – Sim... mais... Eu tenho... tem várias coisas... que agente fez pra eles... lá! Vídeos que eles vinham gravar... eles diziam que iam me mandar esse... aquele que nós fizemos... eu dando uma aula, para eles ver como que era! Mas... falaram que iam manda... mas não mandaram!

Fernanda – É... se eu for procurar na internet, alguma coisas eu até consigo encontrar... por exemplo o que o Jornal aqui da Fronteira publica... Algumas coisas né... mas também não é tudo...

Lúcia – Recorte de jornal... eu tenho bastante coisa... porque agente pegava né... E lá na Argentina... a Fátima deve ter bastante coisa também... tem bastante vídeo também! Cosa de... uma vez... nos apresentamos em Uruguaiana... pra 500 pessoas... uma vez! (Pausa) Cada... cada... de Uruguaiana, de outros lugares, fez alguma coisa... todos junto... pra apresenta... eu não sei, se eu não to me achando aqui nos meus livros... porque... o Rafa me falo... acha aqueles teu livros, teu cadernos que tu fez e vai olhando... mas... uma apuração que agente...

Fernanda – E Profe... quando entrou a questão da Interculturalidade no projeto, o que... que mudou... quando o projeto deixou de ser o bilíngue pra ser o bilíngue intercultural... teve mudanças significativas?

Lúcia – Teve! Ham... ai que agente trabalhou mais com a interculturalidade... agente ficou mais nos projetos né... aprofunda mais isso, fazer mas essa troca e não ficar mais só no lúdico... de hoje vamos fazer um vídeo, conversar... não era só o ouvir e falar... porque daí, já começou mais... o trabalhar o intercultural...

Fernanda – E a realidade deles... do viver em fronteira... vocês conseguiam levar pra dentro da sala de aula?

Lúcia – (Pausa) Como assim?

Fernanda – As vivências dos alunos... assim, era possível?

Lúcia – Sim! Ham... outra coisa que eu ia falar e esqueci... ahh... agente fazia também... eles trocaram desenho... os do Brasil com os da Argentina, as vezes eles faziam bilhetinhos... tipo um intercâmbio... Porque eles tinham muita curiosidade... questionavam como que era a vida... a escola aqui... o que que tem de diferente e... a... (Pausa)

Fernanda – Então existia essa curiosidade por parte dos alunos...

Lúcia – Existia! Eles queriam vir conhecer a nossa casa... enfim... ver com que era as coisas... mas eles não podiam passar...

Fernanda – E acho que hoje... tá mais difícil...

Lúcia – É... e teve o dia da abertura... do... da... foi na divisa ali... e eles ficaram do lado de lá... e os nossos do lado de cá... ah... teve uma vez que nós trouxemos eles ali no centro... foi no dia do... do...que nos apresentamos um desses aqui... sobre... alimentação e não sei o que lá... e daí eles apresentaram... nós apresentamos, os nossos e... ham... eu devia ter deixado meio marcada as coisas aqui... só que agora... já veio vindo né... eu achei que não ia falar nada né... porque eu não lembro! Mas veio... Olha aqui oh... (a entrevistada volta a olhas as imagens

no seu material) aqui... já tinha cinco... quarto e quinto... (Pausa) Mas... esses de terceiro e quarto... não deu muito certo! Nós não se acertava com as professoras (Pausa)... Não... as professoras daqui com as de lá! Elas ia lá... faziam o projeto... e vinham aqui e não trabalhavam do mesmo jeito...

Fernanda – A abordagem do professor da Argentina aqui no Brasil?

Lúcia – É... é... elas faziam do jeito delas e pronto... Eles viam... eles sentiam que a vida deles era muito pobre... sofrida... e... meu deus do céu... lá eles não tem agricultura como aqui... sabe... acho que eles só plantam mandioca lá!

Fernanda – São muito carentes mesmo...

Lúcia – A escola da gente sim... era bem... bem carente! Tipo os material... agente tinha que levar tudo... né... eles almoçavam na escola e nós também almoçávamos na escola... era integral e... agente via que eles eram bem sofridos sabe! (Voz embargada de choro) não tinham... a ajuda dos pais sabe... não tinham aquela participação dos pais...

Fernanda – Não tinham o apoio...

Lúcia – É... e tanto que... muitos deles iam se apegando na gente sabe... até teve um dia que um se jogava no chão.. e fui, fui ... sentei perto dele... daí esse que me procurava depois... ele foi lá na escola... teve no portão da escola... mas não deixaram ele entrar... e depois eu não tive mais contato com ele...

Fernanda – Pecado... eles se apegavam demais...

Lúcia – Se apegavam muito! Demais...

Fernanda – E vocês com eles também....

Lúcia – Sim... por isso que eu digo, que muita coisa agente que aprendia com eles... (Pausa) A ser mais humano... vendo o sofrimento deles...

Fernanda – Não era uma coisa do conteúdo né...

Lúcia – É... e a escola era pobre... não tinha nada... nada! (Pausa) Era bem...

Fernanda – Uma outra realidade... ao atravessar a rua...

Lúcia – É... bem... bem... atravessando uma rua ali... era um outro mundo...

Fernanda – É... isso eu ia abordar, o viver em fronteira... as vezes...

Lúcia – (risos) E outra coisa... que do viver em fronteira... ali... que é importante é... a... a... o que eu ia dizer... ah, que nós não gostamos deles e eles não gostam de nós... rivalidade! Depois que começamos... até mudo.... até as profe de lá mudaram... caprichavam mais... começaram a mudar, pegar o jeito... a...

comida também... agente trabalhou também... os costumes deles, a cultura nossa. Eles gostam muito lá de um reviro de farinha de trigo, que os trabalhadores comem... eles fazem... é uma massa que eles fazem lá... eles me deram a receita mas agente já sabe... tipo... é uma massa com ovo, água e farinha... põem numa panela de ferro com bastante óleo... e vai virando tudo bolinha... vai soltando... coisa mais gostosa do mundo!!! Reviro de harina... de farinha... se você toma no café... comer no café... passa o dia inteiro sem comer...

Fernanda – Uma coisa que sustenta...

Lúcia – Sim... sustenta! É pra trabalho e coisa... e eles aqui... a feijoada e a caipirinha... aqui os adultos. Então... agente fazia lá... almoço e... com a nossa comida... eles faziam as deles... agente trocava muito nessa parte! Agente levava pra eles também... conforme a aula que ia trabalhar, levava pra eles...

Fernanda – Sempre se doando...

Lúcia – Sempre! Sempre se doando. Daí por exemplo... bolacha... tua mãe faz pão... levava...

Fernanda – Não como uma comparação mas...

Lúcia – Como uma troca né... É! daí eles queriam... trazer as receitas pra mãe de casa... pra ter esse contato com a família né... O do tererê foi muito interessante... profe quer que eu traga um tererê pra você... eu disse não, a profe tem aqui e vai fazer pra nós... então assim, muita, muita coisa... Agente aprendeu muita coisa com eles! Então... eu digo... que todos esses anos que eu trabalhei... essa foi a época...apesar dos outros projetos que eu trabalhei também... foi, assim, o mais.. o mais marcante! Foi assim... a época mais feliz... mais difícil... mais duro pra trabalhar... porque agente tinha que trabalhar bastante... mas foi assim... um aprendizagem... muito grande! Essa vivência com eles... essa troca de experiências! Eles vinham conversar com agente... os pais... os professores... um pouco de briga...

Fernanda – mas porque dessa rivalidade?

Lúcia – Isso sempre houve... desde sempre entre o Brasil e a Argentina...sempre teve! Daí... quando agente tava fazendo a nossa...monografia da pós... até nos pesquisamos...com uns professores de anos atrás... que até o pai dele, foi um dos primeiros... e... fui conversar com eles pra ver... mas isso já vem... desde o... a questão de terras, da parte histórica... porque eles tinham terra até... o... a fronteira deles era lá perto de Chapecó... então agente foi levando... daí qualquer

coisa... agente vê... fiquem quietinho se não avenge vai até mais além... (risos) No futebol também.... no fundo agente se dá... mas não é aquela coisa.. assim...não é!

Fernanda – Isso... a senhora vê que vai além da escola... da vida...

Lúcia – É! Aham... isso que agente queria.... tirar um pouco da crianças...

Fernanda – É! Porque agente tá tão próximo....e tão distante né...

Lúcia – Tão distante... tu passa ali... o cheiro pé diferente... tudo é diferente.... e eles são assim... (Pausa) Tu chega numa loja... as mulher ali da Argentina... não é para mexer... não é para por a mão... uma rivalidade muito grande ainda!

Fernanda – E a questão do lago... ali... será que não ajudou um pouco... porque o lago esta ali há uns seis anos, mais ou menos...

Lúcia – (Pausa) Ah... tinha no projeto do rio Peperi no projeto... tinha até uma musiquinha... (Pausa) (a entrevistada volta a olhar seu material) Aqui oh... uma professora fez um projeto... mas foi embora... era sobre o lago... sobre a fronteira mesmo...

Fernanda – É... eu vejo, que se fosse hoje... para unir ele... não seria até mais fácil, unir ali...

Lúcia – Só que... (Pausa) na copa.... na copa do mundo ali... até a bunda eles mostravam pra nós... ai quase se matam... daí eles invadiram pra cá... deus o livre... até... agora faz tempo que não dá nada... eu ouvi uma vez, que estavam pensando em construir um muro... aham... porque criaram uma coisa bonita ali... mas muito roubo e contrabando... é um problema grande também... aquele espaço e tal e coisa... e agora não ouvi mais fala... porque pensaram até tudo que forma... porque fizeram ali uma coisa pra unir e agora separar... porque... hum... (Pausa) (A entrevistada volta a olhar seu material) Esse aqui oh... que nos fizemos sobre... foi muito lindo também... que a menina achou o livro e daí ela foi abrir ali dos contos de fadas... e daí aparecia, saia do livro... (Pausa) (a entrevista encontra as fotos desse projeto em seu material)

Fernanda – E essa menina é uma aluna?

Lúcia – É! É uma aluna! Aluna nossa aqui... daí nos fomos apresentar lá e.... (Pausa) esse aqui é do... da segunda série... (Pausa) E tem aqui... os parecer...da Fátima... dos últimos tempos... das aulas...

Fernanda – Esses pareceres iam para o assessoramento de vocês?

Lúcia – Sim... iam! Ia pra lá... e vinha do MEC lá...

Fernanda – Então tinha retorno... tinha contato...

Lúcia – Tinha! Tinha... com elas lá em cima tinha...era assim... muito bom! Só uma... que era assim meio enjoada... mas as outras... inclusive elas nos chamavam de Ada... Fada... da primeira aula... tinha uns que elas criticavam... mas muito pouco... e... elas mandavam aqueles parecer bem... olha... (a entrevistada encontra em seu material um dos pareceres colado) ai ela dava o parecer...

Fernanda – E... em todas as aulas ela tinha que dar esse parecer... ou ela só assistia...

Lúcia – Não... todas... as vezes assistia em uma... depois em outra, sempre tinha acompanhamento! Teve uma época, que eles queriam que... ou professor, os outros professores ficassem assistindo a nossa aula... Eu concordei... mas a... as outras não concordaram... pra mim, se não ficassem me incomodando... mas depois agente ficou... daí eles ficaram na nossa aula... mas daí ficavam chamando... corrigindo caderno... ai os alunos iam lá... começo a complica e eles... qualquer coisinha iam lá falar com a professora... daí,não de certo!

Fernanda – Muita coisa se perdeu...

Lúcia – É! E ai... agente achou melhor... até eu disse, se for assim... melhor não... e...

Fernanda – E hoje assim... tu tem contato com o pessoal que ainda ta no programa....

Lúcia – Olha... pouco! A Fátima... acho que encontrei ela uma vez...

Fernanda – A Fátima continua?

Lúcia – De certo ela voltou né.... porque ela tinha ido embora... ela tinha casado e... a Fátima é um baú... ela... era... era a interessada... os professores lá não... E... A da Fátima...

Fernanda – E do programa como um todo...

Lúcia – Eu não participei mais né... porque eu me aposentei... tinha meu ex marido... dai ele faleceu a mãe adoeceu e não tinha quem cuidasse... eu não saio de casa... nem com as daqui... nem com as de lá... semana que vem é aniversário da Neuzanira... quero ver se vou lá... Criou-se um laço se amizade.... porque as vezes, de noite eu acordava e me vinha uma ideia... vamos fazer isso ou aquilo e eu ligava pra elas... Aquele livro pra gente fazer foi um sacrilégio... agente tentou montar com uma barraca... e não deu certo! Daí eu acordei de noite... e montei com uma caixinha... deu certo! Daí liguei pra Neuzanira e disse... vamos fazer assim, assim...

Sabe... agente dormia pensando nisso e era muito bom! Agente se sentia mais a vontade pra trabalhar... era compensador e agente tinha essa liberdade... e a... agente fazia como agente queria, além daquele conteúdo... além daquilo de sempre! Ali...

Fernanda – Esse rigor... assim... vocês não encontraram...quando vocês quiseram fazer diferente e trabalhar por projetos...

Lúcia – Então... o projeto foi ideia deles... no começo nos não achamos muito bom... a Lizete era nossa coordenadora... no começo agente sentava e chorava... era novo... ai a Lizete falava... (Pausa) a Lizete ficava mais na parte da secretaria ajudando... não ficava só nisso... isso era quando agente tava em quatro... primeiro, segundo e... segunda série... e... ela foi fora de sério pra nós... (Pausa) e... é...que mais...

Fernanda – Eu acho que... agente falo de tudo... E teve algum projeto que englobo mais a matemática profe?

Lúcia – Teve... vai olhando aqui... aquele do sítio... que nós fomos lá... era o mesmo projeto lá e aqui... mas não fecho (Pausa) (A entrevistada continua buscando em seu material) Até musiquinha agente criava (Pausa) teve um outro... que nos trabalhamos.... (continua a folhar seu material) Tinha foto e tudo deles... aqui Magia do sítio... aqui tem a foto deles olha... trabalhamos a higiene pessoal aqui... tipo uma caça ao tesouro... tudo em português... eles tinha que ler as dicas... pra chegar ao tesouro... Mas eu acho que me falta coisa aqui... (A entrevistada continua a olhar seu material) Ah... aquele lá eu tenho no do passeio... porque eu trabalhei lá com eles... mas ta com as minhas aulas daqui... daí nos trabalhamos tudo de matemática, até do que nos levamos daqui... fizemos os cálculos... assim, agente foi... tentando problematizar... a quilometragem do ônibus, o custo da gasolina...

Fernanda – Então, tinha espaço para educação matemática nesse programa?

Lúcia – Tinha... tinha! (Pausa)

Fernanda – Então... todo período que a senhora ficou a frente do programa... era o IPOL que dava a assistência... pra você?

Lúcia – É! O IPOL e o MEC.... mas não me lembro direito.... Dificuldades, conflitos, diferentes saberes... já falamos... (Pausa) Que mais você quer saber? (risos)

Fernanda – Eu acho... que tem bastante coisa já! (risos)

Lúcia – É... e eu acho que você dando uma olhada nisso, lendo... os relatórios da aula, os desenvolvimentos, os parecer, os documentos... sobre... as normas... eu tinha pastinhas e mais... mas eu me mudei e ficou lá minha casa e invadiram e terminaram com tudo que estava lá dentro...

Fernanda – Eu acho que tá ótimo Profe... E se você me emprestar os cadernos eu vou querer fotografar... não tudo, mas algumas coisa...

Lúcia – E se agente pudesse se encontrar junto... pra ir lembrando, pelo menos com a Neuzanira... seria muito (Pausa) Mas aqui.. tem muita coisa... mas qualquer coisa vamos ir conversando...

Fernanda – Nossa Profe... você contribuiu muito, agradeço mesmo!

Lúcia – É que eu vou falando... e não lembro muito e às vezes... depois de noite vou lembra... vou passar horas revivendo relembando... até se eu lembrar de mais coisas... eu vou escrever!

APÊNDICE 19 – TEXTUALIZAÇÃO DA 2ª ENTREVISTA COM A PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCREINER FARIAS

Textualização da 2ª entrevista com a Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.

Nome da entrevistada: Lúcia de Fátima Schreiner Farias

Local da 2ª Entrevista: – Casa da entrevistada, Dionísio Cerqueira/SC

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Textualizadora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 30/03/2017, período vespertino

Hora de início da entrevista: 13:58

Hora do término da entrevista: 15:04

Tempo de duração da entrevista: 1:06 hora

Data da textualização: 02 de abril de 2017

Tempo de textualização: 3: 35 horas

Sobre a implantação, eu não acompanhei esse processo. Penso que seria mais a Salete Belmonte, que era diretora na escola, ela sim acompanhou todo o processo de implantação.

No início, eu fui pega meio de surpresa, pois eles já tinham feito tudo, o projeto aprovado e tudo. Outra pessoa que acompanhou esse processo inicial foi a Lizete Volpato Schreiner, ela acompanhou tudo junto com o pessoal da Argentina. Tinha a Mari também, ela era a coordenadora e acompanhou isso, mas nós não nos acertávamos muito. Elas que começaram a parte burocrática da implantação.

Eu fui pega meio de susto e entrei meio de “sola” no programa. Num dia, eles me ligaram aqui em casa, e me convidaram para participar do programa, faltavam uns quinze dias para começar as aulas, e me deram, certa de vinte minutos pra decidir se queria ou não participar.

Teve a professora Dulcelina, que também participou do projeto, mas ela ficou só um ano e desistiu, ela não topou muito com a proposta. Quando começou o

programa, teve abertura e veio até o governador. Acho que tenho essa reportagem aqui nos meus materiais. Eu deveria ter dado uma olhada antes, e ter selecionado.

Inicialmente nós não trabalhávamos por projetos. Quando fomos ao primeiro encontro, que foi Paso de los Libres, tinha muita gente lá, todo o pessoal da Argentina, o pessoal do MEC, tinha bastante gente envolvida. Então, nesse primeiro encontro, eles explicaram como que era, como que funcionava, como que nós deveríamos dar continuidade, e então, ficamos apavorada! Depois, planejamos dez aulas lá no encontro, foram às dez primeiras aulas para o programa, nos preparamos lá, junto com os orientadores lá, que participavam da comissão. Inicialmente ficamos meio apavoradas com nosso orientador, ele era meio exigente. Tivemos dificuldade na hora de formalizar nossos objetivos, e colocar tudo isso no projeto. Mas depois dessas aulas iniciais, conseguimos ir dando sequencia e entrando no clima da proposta. No primeiro ano, nós fomos trabalhando datas comemorativas, tipo páscoa, e outras. Nesse primeiro ano do programa, que foi 2005, a preocupação do projeto principal do projeto era o falar e o ouvir, quanto à segunda língua.

Posteriormente que veio a interculturalidade. Nós sempre trabalhávamos muito com teatros e atividades lúdicas. Os alunos sempre tinham que produzir algo nas aulas, faziam muitas representações através de desenhos.

Já aqui no Brasil, eu acredito que as professoras tiveram mais dificuldade, elas sofreram mais do que nós. Acho que pelo fato das nossas crianças daqui Brasil não ter um contato com o pessoal da Argentina. Isso só é realidade, para os que têm parentes, na Argentina. Os nossos alunos aqui do Brasil, não assistem programas da Argentina, não escutam música de lá, eles não tem tanto contato.

Na escola que a gente trabalhou na Argentina, as crianças eram muito carentes. Trabalhávamos com os menos favorecidos. E os alunos de lá, eles sim, conheciam as nossas músicas, assistem televisão brasileira, então eles já tinham um maior contato com a nossa língua. O que não acontecia com os alunos do Brasil que participavam do programa, por isso a dificuldade que as professoras Argentinas encontraram aqui, foi bem maior.

Na Argentina, os alunos também foram bem mais receptivos quanto à proposta. As aulas do intercâmbio sempre aconteciam duas vezes na semana, na terça e na quinta-feira.

Para ir até lá dar aulas, nós íamos de táxi, então, o táxi pago pelo programa, que vinha nos buscar e nos levar, foi assim, nos cinco anos que fiquei trabalhando no programa. Só no último ano, que começou a se dar alguns cortes, e eles já não mandavam mais nem todos os materiais que nós pedíamos.

Nós sempre fomos bem “caras de pau” pra pedir as coisas, até porque, quem não pede não ganha. Lembro-me de uma vez, que eles estavam numa reunião com a diretora, na escola e nós fizemos uma lista de tudo que precisa de material didático e era muita coisa! Então, nós os levávamos meio na conversa, nós entramos tanto no clima, que viramos umas palhaças e entregamos a nossa lista de materiais através de uma vareta. Nós colocamos a lista de materiais na ponta de um pauzinho, e abrimos a porta, e colocamos lá dentro. E então, eles nos ajudavam e compravam os materiais.

Quando começou o programa, nós tivemos uma capacitação inicial antes de começar as aulas, que foi uma semana em Paso de los Libres. Nós, e o pessoal da Argentina também, todo mundo junto! Eu digo era sofrido, mas divertido! E porque agente levava tudo meio na brincadeira, não se estressava com nada.

Quando começamos, e nas primeiras aulas, confesso que não foi fácil fazer tudo sozinha, foi uma correria! Por causa do planejamento. Mas foi dando tudo certo, agente fez muita coisa, até musiquinhas. Mas eu acho, que depois, quando começamos a trabalhar por projetos, as coisas ficaram melhores, porque iam desenvolvendo conforme o planejamento, isso foi á partir de 2006.

Falando dos problemas que a gente encontrou, um deles foi quanto a presença dos alunos, ali na Argentina, eles faltavam muito, então quando chovia as crianças não vinham pra escola! Isso era um impasse e querendo ou não era difícil de dar uma continuidade ao trabalho.

E então, começou a surgir dificuldades com as professoras que trabalhavam aqui no Brasil, pois aqui sempre tinha aula. E lá não, quando chovia, não tinha. E muitas vezes nós sentávamos juntas para planejarmos as aulas. No primeiro ano, o planejamento não era junto, á partir do segundo ano sim, quando começamos a trabalhar por projetos.

Nós elaboramos muitos projetos, um deles foi sobre a água, num momento que eles estavam enfrentando uma crise de água na Argentina. Sempre, quando se trata de água e luz, na Argentina é sempre uma dificuldade. Depois, foi ficando difícil de fazer os planejamentos juntas. Difícil coincidir os horários, não dava certo. Até

porque, quando chovia, os alunos da Argentina não vinham, e não tinha aula. Até que foi, que esse planejamento compartilhado não aconteceu mais.

Com a implantação do programa, a escola aqui do Brasil, passou a ser integral. Então, de acordo com o que nós definíamos para o projeto, nós íamos trabalhando. Nós definíamos o que seria trabalhado nos projetos de acordo com as necessidades das crianças. Teve uma vez, que dispomos na sala, vários objetos, e a partir desses objetos, os alunos escolhiam o que lhe despertava mais interesse, e a partir dessas escolhas, definimos um projeto.

Na escola do Brasil, não tínhamos um espaço para realizar o planejamento das aulas, até uma vez, ficamos acampadas lá, até conseguir um espaço para usar durante a tarde. Esse espaço era uma casinha do lado de fora, e no ano passado, fiquei sabendo que essa casinha pegou fogo, e não sobrou nada dos nossos materiais que estavam lá, perdemos tudo! Inclusive um livro gigante que havíamos criado. Lá, tinha guardado muitas coisas, até meu vestido de noiva estava lá e queimou.

Então, essa parte inicial, da implantação, a parte burocrática, eu não acompanhei. Só quando as aulas começaram. Do primeiro ano do projeto, foi uma experiência muito significativa, pois nós também aprendíamos muito com os alunos, era uma troca constante. Talvez, pelo fato dos alunos na Argentina serem muito carentes, eles eram sempre muito receptivos com nós. Era uma realidade bem diferente da que encontrávamos com os nossos alunos aqui no Brasil, aqui eles não se mostravam tão receptivos para um carinho. E isso lá, fazia a diferença, agente os cativava.

E por outro lado, eles também nos cativavam. Pois tudo que a gente fazia pra ele, eles amavam. Os teatros então, eles nos viam como artistas de televisão. Agente via os olhinhos deles brilhando! Quando eu chegava eles vinham correndo me abraçar e perguntavam o que agente ia trabalhar!

É claro, que tinham uns alunos mais terríveis, normal! Uns que não queriam fazer. No primeiro ano lá, eu peguei uma turma de aceleração. Foi um pouco mais difícil trabalhar com os alunos mais velhos, esses sim, quase me deixaram louca.

O problema, sempre foi que os alunos na Argentina faltavam muito! Então, não era possível dar uma continuidade no trabalho. Mas tirando isso, eles eram muito receptivos, eles gostavam muito de tudo, pra eles, tudo era novidade! E nessa questão, eu via muita diferença dos nossos alunos aqui do Brasil.

Nós trabalhamos muitos projetos, teve um sobre os Animais (que foi esse definido á partir das escolhas dos alunos, que contei anteriormente), outro sobre o Sítio do Pica-pau Amarelo, foi muito bacana! Nesse projeto, nós conseguimos ir com eles num sítio, de um avô de uma das aulas daqui do Brasil e passamos a noite lá com eles, fizemos piquenique, à noite jantamos, estouramos fogos de artifício, foi muito legal!

E falando de outra dificuldade, outra coisa que tornou o trabalho mais difícil, não permitindo que nós trabalhássemos do jeito que gostaríamos, é que não era possível trazer os alunos da Argentina pra cá. Os nossos aqui do Brasil, esses a gente conseguia levar para a Argentina. Isso acontecia porque, os alunos de lá, na grande maioria, moravam muito retirados e não possuíam documento.

Nós conseguíamos trabalhar bastante a matemática com eles. Nesse projeto do sítio, conseguimos! Dois de nossos projetos causaram certa polêmica, um foi esse do sítio do pica-pau amarelo. Nesse teve uma crítica bem grande! Falaram que nós estávamos trabalhando um clássico da televisão, que na verdade estávamos copiando! No sentido de crítica mesmo.

Mas quando vieram com essa cobrança, nos explicamos pra eles que era da televisão, mas ia muito, além disso, que era uma obra de Monteiro Lobato, muito conhecida no Brasil, que se tratava do nosso folclore, e então tudo mudou! Até porque, as crianças da Argentina não conheciam nada do nosso folclore. Então, agente contava as histórias, falava das lendas, mostrava os vídeos. Mas, quando nós queríamos passar um filme para os alunos, nós precisávamos levar tudo aqui do Brasil, até a televisão. Porém, com o passar das aulas desse projeto, percebemos que tinham alunos que não estavam querendo mais entrar para aulas, queria ficar lá com as professoras, mas nós não imaginávamos o por que. Até que numa reunião que tivemos em Puerto Iguazu, nossos orientadores nos chamaram e contaram que a diretora da escola havia informado que os alunos estavam com medo do saci pererê e outras lendas daqui do Brasil! Mas era uma falta de comunicação grave que existia ali.

Essa falta de comunicação gerava conflitos. Era possível perceber que as professoras da Argentina não gostavam tanto de trabalhar nessa proposta! Acho que isso acontecia porque lá, foi algo imposto para elas, elas não tiveram o direito de escolha, daí elas não gostavam!

Muitas vezes, tivemos dificuldades quanto aos projetos, pois as professoras de lá não aceitavam a nossa proposta, pela falta de experiência que elas tinham de trabalhar dessa maneira. Pra mim, particularmente, eu achava bom em partes achava trabalhar por projetos! Quanto ao trabalhar por projetos no programa bilíngue, eu achei bom, pois é possível dar continuidade e ir desenvolvendo as propostas. Agora, pra trabalhar com os nossos alunos, eu não gostava muito.

Eu fiz uma pós-graduação de espanhol, que durou uns dois anos, foi oferecido pelo próprio programa, tenho até o certificado. Mas eu, desde pequena, sempre tive esse contato, porque a família do meu pai e do meu tio é da Argentina, então, eu sempre ia pra lá nas férias, e fui aprendendo de forma natural. Após o segundo ano, nós começamos a pós de linguística. Mas essa pós era dividida em três etapas. A primeira etapa nós concluímos, mas as outras acabaram não acontecendo. Eu não sei direito, mas acho que foi por causa da formação das professoras da Argentina, pois nenhuma delas tinha graduação!

Com os alunos da Argentina, nós só falávamos português. Era bem repetitivo o processo, pois o foco era o ouvir e o falar! Quando nós trabalhamos sobre as frutas, nós primeiro criamos uma musiquinha para cantar com eles, sempre repetindo muito o nome das frutas, e depois, nos fizemos a salada de fruta com eles, mas sempre conversando muito em português, por exemplo, os ingredientes que foram na salada de frutas. Nós repetíamos muito e muitas vezes. Enfatizando muito as palavras, a forma de pronunciar. Às vezes nós fazíamos teatros também. Essa questão da linguagem sempre foi muito forte no programa. Você tinha que repetir bastante!

Eles me fizeram uma proposta, que era de alfabetizar os alunos ali da Argentina, pois eles mal sabiam ler e escrever. Era para eu alfabetiza-los no espanhol mesmo! Porque eles tinham muita dificuldade! Muita dificuldade mesmo!

Nós trabalhávamos muito com atividades de pintura, recortar, colar. Era repetitivo, mas muito gratificante. Repetitivo, por trabalhar muito a questão da fala, sempre que possível envolvendo as outras disciplinas, inclusive a matemática. Durante as aulas, os alunos levantavam muitas questões. E eu, deixava que os próprios colegas ajudassem a responder essas questões, e que cada aluno fosse elaborando suas conclusões. Nos meus cadernos eu tenho muitas anotações, sobre o planejamento das aulas, relatos do que acontecia durante as aulas, cópias de

documentos, de matérias publicadas no jornal sobre o programa, pareceres que nós recebíamos dos nossos coordenadores e muitas fotografias.

Em várias aulas, os alunos traziam os saberes comuns deles. Teve uma aula, que um menino queria me ensinar a fazer o seu *tererê*, hábito comum deles ali da Argentina. Então, dentro das aulas do programa havia espaço para as vivências deles, o que era vivido em suas casas, junto à família deles! Os saberes da casa deles, que entravam pra dentro da escola. Muita coisa sabe, eu estimulava também, o diálogo em casa, com a família, pedindo para os alunos perguntarem como se faz isso, como é aquilo, para compartilhar na aula.

Teve um projeto muito especial. Onde tratamos sobre os idosos, e trouxemos algumas senhoras para conversar com eles. Eles participaram muito, perguntaram muitas coisas pra elas. Foi um projeto muito legal! E isso, porque eram muito participativos.

Nós trabalhávamos muito com microfone durante as aulas, e os alunos adoravam isso! Então, eles se soltavam, queriam participar, canta, gritar! Por isso que eu digo, que só vivendo lá mesmo, para sentir tudo aquilo que agente sentia e vivia! Nós vínhamos pra casa feliz! Isso porque agente percebia que tinha aproveitamento por parte deles e que eles gostavam muito!

Os alunos do programa se apegaram muito a nós! Quando agente chegava na escola, eles já vinham correndo nos abraçar, perguntando o que seria a atividade do dia, ou então, na saída, quando nós iríamos voltar. Era muito gratificante! Teve até um menino, que um dia veio me procurar aqui no Brasil, ele foi até a escola onde eu trabalhava aqui, mas não pode entrar. Era tocante pra nós, pois sabíamos que tinham muitas dificuldades e carências em casa, eles tinham uma vida muito sofrida. E á partir do projeto, eles se encantavam! Já não faltavam tanto, queriam vir para escola e participar! Pra eles, tudo que nós propúnhamos era novidade, e eles amavam! O projeto do sítio foi incrível. Fizemos muitas coisas e até um encerramento como pode ver nas fotos do caderno.

Quanto ao *cruze*, que seria o intercâmbio dos alunos, onde os alunos daqui iriam para a Argentina, e os de lá viriam pra Brasil, nós tivemos muita dificuldade. Os nossos alunos aqui do Brasil, nós conseguíamos levar pra lá. Mas os alunos da Argentina não era possível, acho que foi possível apenas uma ou duas vezes. Pela questão que eles não tinham documentos, e que na maioria dos casos, não conseguíamos contato com a família deles. Então, esse foi um impasse que não

conseguimos solucionar. Talvez por questões burocráticas mesmo. Mas foi uma pena, pois os alunos da Argentina queriam, e muito, vir pra cá. Eles tinham muita curiosidade, então perguntavam muito como eram as coisas aqui, a escola, tudo! Eles queriam muito conhecer! Por eles nós professoras, poderíamos trazer um pra casa a cada dia.

Nós tínhamos ajuda para o projeto. Teve até um ano, que fizemos o enceramento em uma tenda, onde foi o exército que disponibilizou. Mas de forma geral, a comunidade não se envolvia tanto com a proposta, eram mais os alunos, os pais dos alunos e professores mesmo. As famílias dos alunos gostavam muito da proposta, pois as crianças ficavam o dia todo na escola, envolvidas. Então, os pais participavam bastante, tínhamos reuniões com eles e eles sempre estavam dispostos.

Teve um ano, que um aluno do programa, desenvolveu tipo uma história em quadrinhos contando como era o programa, para fazermos a divulgação na rua. Foi muito legal, como pode observar no caderno, tem fotos. Neste dia, da divulgação, nós fizemos um teatro, com a participação dos alunos e fomos apresentar na rua! Mas eles tinham que apresentar em português, foi lindo! O pessoal que passava na rua, ou estava indo ao banco parava para nos assistir.

Quem prestava assessoramento pra nós era o IPOL. A Argentina fazia uma divulgação maior no rádio, jornal, televisão. Aqui no Brasil também faziam, mas era bem menos. No meu caderno, tem vários recortes de notícias que saíram nos jornais. Em um evento do programa, que aconteceu em Uruguiana, nós apresentamos para mais de 500 pessoas.

A questão da interculturalidade começou a ser trabalhada quando começamos a trabalhar por projetos. Pois antes, era mais trabalhado o ouvir e falar, mas com atividades lúdicas diversas. Quando começamos a trabalhar por projetos, a proposta do programa começou a ir além do ouvir e falar, então começamos a trabalhar na temática intercultural.

Como eu falei, nós não conseguíamos trazer os alunos da Argentina pra cá, então, nós propúnhamos atividades onde os alunos trocavam desenho, cartinhas, bilhetinhos os do Brasil com os da Argentina, era como um intercâmbio. Nós fizemos isso, pois percebemos que os alunos da Argentina tinham curiosidade, questionavam como que era a vida na escola aqui do Brasil, o que tem de diferente e o que era igual. Então, essa foi a forma que conseguimos criar uma comunicação

entre eles. Pois eu me lembro, que quando foi realizada a abertura do projeto, eles tiveram que ficar do lado de lá, e os nossos alunos do Brasil do lado de cá, da divisa.

Nós levávamos em consideração a situação de vida dos alunos, eram muito carentes, tinham uma vida muito sofrida. Então, os materiais necessários para a realização das atividades, agente tinha que levar tudo daqui do Brasil. Os alunos passavam o dia todo na escola, almoçavam lá, pois era integral e ali agente via o quanto eles tinham uma vida sofrida. Poucos contavam com o apoio e atenção dos pais em casa. E acho que por isso, que eles se apegaram tanto a nós! E por consequência, nós também nos apegamos a eles! Seja pela triste realidade nos deparamos ali, ou seja, também, pelos ensinamentos que eles compartilharam com agente. Pois eu sempre digo, que nós aprendemos muito com esses alunos.

Pra nós, que saímos aqui do Brasil, para trabalhar com eles ali na Argentina, era outra realidade, bem diferente da nossa. É como se ao atravessar a rua, fosse novo outro mundo! Outro cheiro e é outra vida!

E a questão do viver em fronteira, é complicada. A questão da rivalidade é muito nítida. Então é fácil ouvir que eles não gostam da gente e nós não gostamos deles! Após o projeto, as coisas foram mudando. Até as professoras de lá foram mudando. Aos poucos, fomos trabalhando a nossa cultura. E as coisas foram progredindo. Trabalhávamos muito com trocas, entre as vivências comuns deles e as nossas, aqui do Brasil. Então, eles traziam receitas que eram comuns nas refeições deles e nós fomos trabalhando um pouco da nossa culinária, a feijoada por exemplo. Existia muita troca dos saberes! Sempre se doando!

Por isso, que sempre eu digo que todo esse ano que eu trabalhei no programa, apesar de eu já ter participado de outras propostas, esse foi certamente o mais marcante! Foi uma época difícil, mas muito feliz! .Nós sempre trabalhávamos muitos, mas foram anos de muita aprendizagem, de muitas trocas de experiências, e isso foi muito valioso. E ter esse reconhecimento dos pais, também era muito bom.

Claro, que existiram brigas também. Por causa da rivalidade mesmo, isso sempre existiu. Até, quando estávamos tava fazendo a nossa monografia da pós-graduação, nos pesquisamos isso com alguns professores mais antigos, e eles relataram que essa rivalidade já vem de muitos anos, desde as questões de terras, da parte histórica, pois inicialmente a Argentina tinha sua divisa lá perto de Chapecó/SC. E sem falar ainda, da rivalidade quando o assunto é futebol. Então, uma das intenções do programa, era exatamente amenizar esses conflitos, tirando

isso das crianças. Porque agente está tão próximo e ao mesmo tempo, tão distante! É como eu falei antes, é tudo diferente! Quando passamos ali e chegamos na Argentina até o cheiro é diferente, o comportamento das pessoas é diferente!

Nós fizemos também um ano, um projeto sobre o Rio Peperi. E teve uma professora, que não reside mais aqui, que fez um projeto sobre o lago Internacional. E pra mim, o lago, foi uma tentativa de aumentar o contato, mas junto a isso aumentou muito o contrabando. Eles construíram algo bonito ali, mas hoje, já se ouviu até proposta de construção de um muro ali. Na época da copa, foi terrível! Muitos conflitos. Eles fizeram ali, uma obra pra unir e agora separar, não sei!

Os nossos alunos participavam muito, nas apresentações e teatros então, é possível ver isso nos registros fotográficos aqui em meu material. Ali você também pode encontrar os pareceres que nós recebíamos do MEC, pois naquele tempo nós tínhamos um retorno e um contato direto.

Muitas vezes, a professora Fátima da Argentina acompanhava nossas aulas e ela construía uma parecer e encaminhava para o MEC. Teve uma época, que as professoras da Argentina, queriam assistir as nossas aulas, eu concordei, mas outras professoras aqui do Brasil não concordaram. Mas acabou que isso atrapalhou as aulas, pois elas ficavam na sala de aula, mas ficavam chamando os alunos, corrigindo provas e cadernos, então os alunos iam até lá, e isso tumultuava a aula, então não deu certo!

Hoje, eu tenho pouco contato com o pessoal do programa, desde que me aposentei não encontrei mais ninguém. A Fátima, professora da Argentina acho que só encontrei uma vez depois que me aposentei essa professora Fátima, essa sim, sempre foi muito interessada pelo programa. Na verdade, tenho mais contato com a Neuzanira, com ela sim criei um laço de amizade. Nós tínhamos muito contato na hora de pensar e planejar as aulas, muitas vezes, durante a noite eu acordava e tinha uma ideia, logo eu ligava pra ela para compartilhar (e vice e versa), fosse à hora que fosse. Em um dos projetos, construímos um livro, aquilo foi muito difícil Nós tentamos montar com uma barraca, mas não deu certo! Então, eu acordei durante uma noite e pensei de montar como uma caixinha, fui lá e fiz o teste e deu certo, então liguei pra Neuzanira para contar! Naquele tempo, nós íamos dormir pensando nas aulas do projeto, e isso era muito bom! Nós tínhamos muita vontade de trabalhar, pois tudo era compensador, nós tínhamos liberdade pra ir além daquele conteúdo de sempre!

No início, a ideia de trabalhar por projetos nos assustou um pouco. Lembrome, que na época a Lizete era nossa Diretora da Escola, e ao planejar as primeiras aulas, nós sentava e chorava.

A matemática entrou bastante forte naquele projeto do sítio. Nós fizemos uma caça ao tesouro, com as dicas todas em português. Durante nossa saída, que comentei antes, abordamos bastante a matemática. Na verdade, em todos os projetos, nós buscávamos problematizar tudo que era possível, neste passeio em específico, calculamos a quilometragens, o gasto de combustível, dentre outras coisas. Sempre teve espaço para a educação matemática dentro do programa.

Penso, que se você puder olhar esse meu material, poderá compreender melhor como eram as aulas, os parecer, os documentos, as normas, olhar também as fotografias, tem muita coisa ali sobre o programa.

APÊNDICE 20 – CARTA DE CESSÃO – PROFESSORA LÚCIA DE FÁTIMA SCREINER FARIAS

Carta de Cessão - Professora Lúcia de Fátima Schreiner Farias.

CARTA DE CESSÃO

Dionísio Cerqueira/SC, 18 de abril de 2017.

Eu, Lúcia de Fátima Schreiner Farias, portador(a) do RG número 1.432.002-4, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas no encontro de discussão com base em minha fala e minha escrita. Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito das discussões realizadas e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi.

Eu, Lúcia de Fátima Schreiner Farias, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.

Lúcia S. Farias

Assinatura do(a) participante/entrevistado(a)

Fernanda M. Grave

Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora

**APÊNDICE 21 – ROTEIRO INICIAL PARA ENTREVISTA – PROFESSORA
NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO**

Roteiro Inicial para Entrevista – Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.

ROTEIRO INICIAL PARA A ENTREVISTA

Colaboradora da Pesquisa: Neuzanira Fb. do Carmo
 RG nº: 1.151.442
 Local da entrevista: Na casa
 Data da entrevista: 18/04/2017
 Início da entrevista _____ Término da entrevista _____

Dados de identificação

a) Sexo: Feminino () Masculino

b) Idade: 61

c) Função que atuou no programa: Professora

d) Possui graduação?

Qual curso Pedagogia

e) Possui pós-graduação?

Sim () Especialização () Mestrado () Doutorado

() Não

Especificar Séries iniciais

f) Possui vínculo com o estado Sim () Efetivo () Outro

() Não

Por quanto tempo? 31 anos

g) Possui vínculo com o município () Sim () Efetivo () Outro

Não

Por quanto tempo? _____

h) Por quanto tempo atuou no programa? 5 anos

Especificar os anos 2005 a 2009

Muito Obrigada pela
Colaboração!!!

**APÊNDICE 22 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Neuzanira B. do Carmo, portador(a) do RG. 1.951.442, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar das discussões e/ou ser entrevistado(a) para a pesquisa de mestrado, intitulada até o presente Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi. A qualquer momento que julgar necessário, poderei contatar/consultar a pesquisadora através do telefone (46) 98823 -8294 ou do e-mail: fernanda.grave@ifpr.edu.br. Afirmo que recebi o convite e aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de encontros de discussão, a ser gravado em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento. Eu, _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto a minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Dionísio Cerqueira/SC, 18 de abril de 2017.

Neuzanira B. do Carmo

Assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa

Fernanda M. Grave

Assinatura da pesquisadora

**APÊNDICE 23 — TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE MATERIAL
– PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO**

**Termo de autorização para utilização de material - Professora Neuzanira Ferreira
de Lima do Carmo.**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE MATERIAL

Dionísio Cerqueira/SC, 24 de julho de 2017.

Eu, Neuzanira Fl. do Carmo, portador (a) do RG número 1.151.442, declaro, por meio deste termo, que autorizo de forma expressa, o uso do material elaborado por mim, sobre minha atuação no Programa Escola Intercultural Bilingue de Fronteira. O material contém planejamentos, organização, registros de aulas, pareceres elaborados pelos coordenadores, registros fotográficos de diversas atividades, recortes de matérias de jornal, dentre outras anotações próprias. Esta autorização inclui os registros fotográficos que a pesquisadora poderá fazer sobre meu material, na íntegra ou parcial dos dados, para ser utilizado na dissertação de mestrado "Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira", desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurelio Zanlorenzi.

Eu, Neuzanira Fl. do Carmo, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente, confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.

Neuzanira Fl. do Carmo

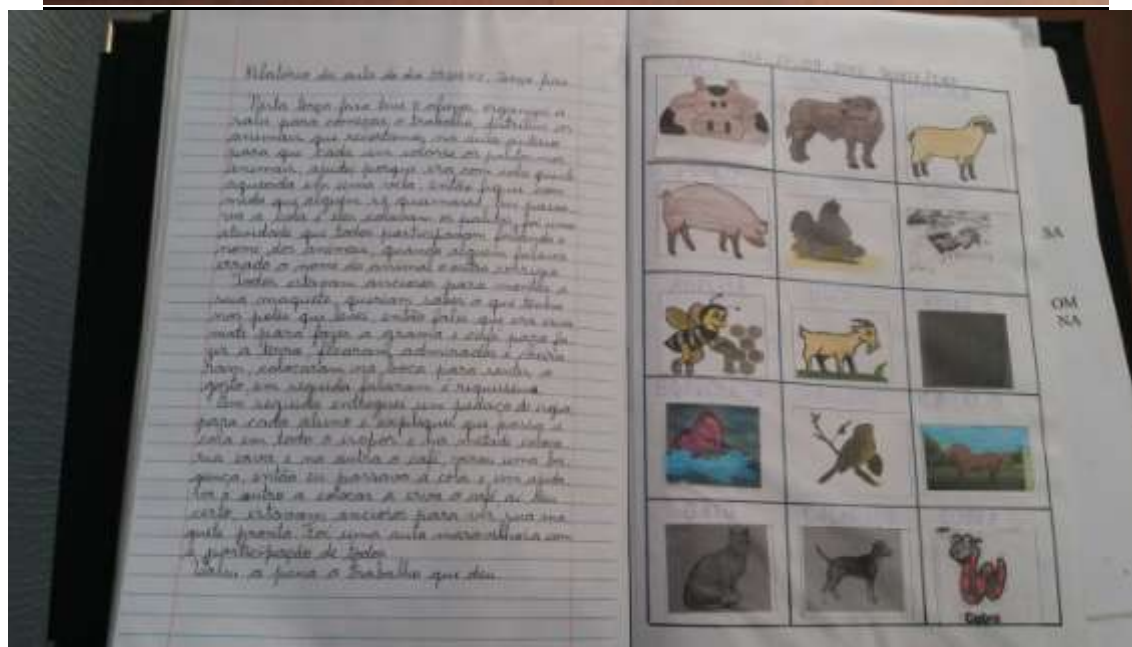
Assinatura do (a) participante/entrevistado (a)

Fernanda Marchiori Grave

Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora

**APÊNDICE 24 – FOTOS DAS AULAS, MATERIAIS, ATIVIDADES DO PEIBF –
PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO**

Fotos das aulas, materiais, atividades do PEIBF - Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo



Relatório da aula do dia 27/09/07 - Quinta-feira

Na aula de hoje compareceram 9 alunos, organizei a sala e os alunos para depois iniciar as atividades, entreguei os desenhos dos animais para os alunos que não vieram na aula anterior e não montaram a maquete (os alunos faltam muito isso atrapalha nosso trabalho).

Em seguida distribuí uma folha, os animais para eles colorir e depois recortar e colar em outra folha quadriculada com o nome do animal. Eu também colorei uma folha, sempre conversando sobre os animais e suas cores, orientando e encorajando para que tenham limite, identifiquem as cores e não riscuem seus desenhos.

Quando todos acabaram de colorir distribuí as tesouras e expliquei como deveriam recortar para que não estragassem seus desenhos. Alguns tive que ajudar recortar, quando terminamos de recortar entreguei as outras folhas para colar a figura no quadrinho que tem seu nome, fui lendo o nome do animal e eles colocando a figura no lugar certo.

Fiquei surpresa, Joaquim, Ezequiel, César, Johana, Camila e foram lendo sozinhos, tive ajudar Gabriel, Evellin e Lindres. A aula de hoje foi boa e proveitosa.


Relatório da aula do dia 30/08/07 - Quinta-feira

No dia de hoje fui para a escola 604 mais tensa e preocupada, pois a Fátima havia avisado que a profª Lúcia não precisava ir dar aula na 604 porque a maestra Laura não queria atender seus alunos na Theodureto.

Hoje quando a profª Lidriana voltou da 604 avisou que a profª Roseli também não precisava ir dar aula na 604 porque a maestra Suzana havia dispensado seus alunos. Então o que eu poderia pensar? E até questioneei: Porque só eu ir dar aula? Será que querem me pegar sozinha? O que iriam fazer comigo? Então a profª Lúcia disse que iria comigo, a Liaona falou que iria junto.

Pensei, pensei e disse: não eu vou sozinha e vou levar o gravador vamos ver o que eles querem aprontar novamente. A profª Roseli sugeriu que eu levasse o celular dela e qualquer coisa que acontecesse eu dava um toque, e como sempre a profª Lúcia disse: Ai nós vamos todas para lá, a comitiva da Theodureto, ela pensou e disse novamente para ai até nós chegar lá... então eu vou junto e fico por perto da escola que é mais fácil, só conversa frita por que não chegamos a conclusão nenhuma e fomos para a sala de aula.

Meia hora depois a profª Lúcia veio até minha sala e falou que o diretor Alípio



INIZIATIVE EDUCATIVE
SCUOLA

ANNO SCOLASTICO

PROFESSORI (Nome e Cognome)

PROGETTO: (Titolo e Obiettivi)

- Obiettivo (o più)
- Livello e Durata del progetto (o più)

DESCRIZIONE:

- Breve descrizione delle attività svolte, con dati relativi (tempo, luogo, materiali, ecc.)
- Risultati raggiunti (o più)
- Osservazioni (o più)
- Note (o più)
- Note (o più)
- Note (o più)

MATERIALI UTILIZZATI:

- Spesso di uso
- Carta
- Colori
- Matite
- Scissors



INIZIATIVE EDUCATIVE
SCUOLA

ANNO SCOLASTICO

PROFESSORI (Nome e Cognome)

PROGETTO: (Titolo e Obiettivi)

- Obiettivo (o più)
- Livello e Durata del progetto (o più)

DESCRIZIONE:

- Breve descrizione delle attività svolte, con dati relativi (tempo, luogo, materiali, ecc.)
- Risultati raggiunti (o più)
- Osservazioni (o più)
- Note (o più)
- Note (o più)
- Note (o più)

MATERIALI UTILIZZATI:

- Spesso di uso
- Carta
- Colori
- Matite
- Scissors



Escolas Bilingües de Fronteira



...de aprendizagem...
...de aprendizagem...
...de aprendizagem...

...de aprendizagem...
...de aprendizagem...
...de aprendizagem...

Bela Vista da Caroba: água no interior

...de aprendizagem...
...de aprendizagem...
...de aprendizagem...



Escolas Bilingües avançam na integração pela cultura

Equipe do projeto Escola Bilingüe de Fronteira em Daviães, Geraceira



ALIMENTOS
SDR estimula projeto

A Escola de Educação Básica Trindade Carlos de Castro, localizada em Geraceira, está desenvolvendo um projeto de integração cultural com a comunidade local...

Desde 2005, a Escola de Educação Básica de Trindade Carlos de Castro, localizada em Geraceira, desenvolve um projeto de integração cultural com a comunidade local...

O projeto de integração cultural visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

O projeto visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

O projeto visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

O projeto visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

O projeto visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

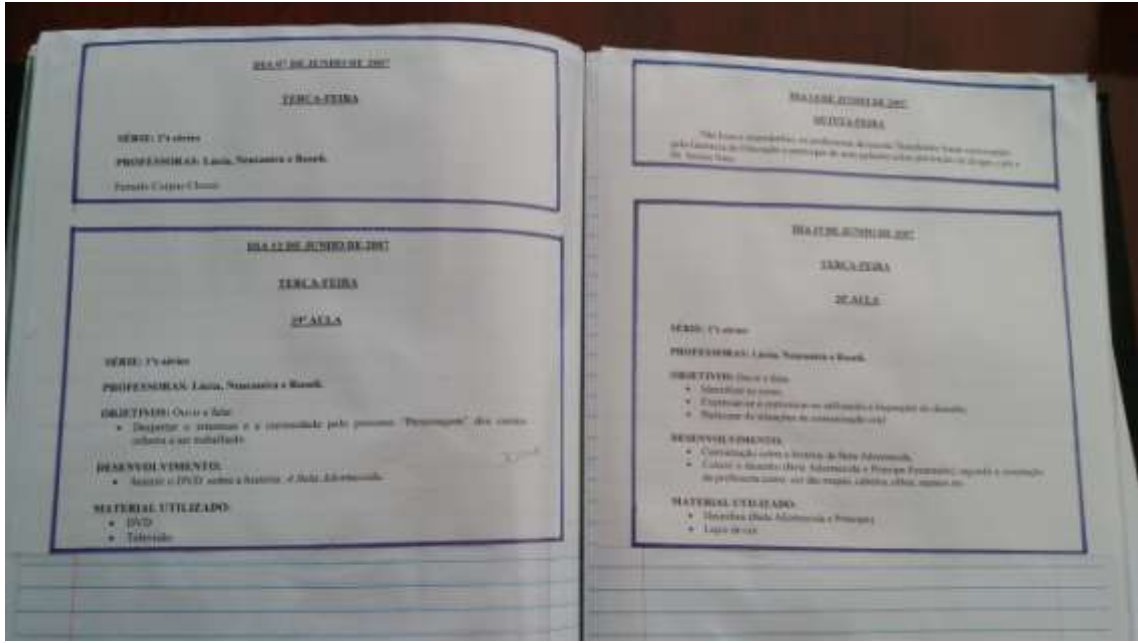
O projeto visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

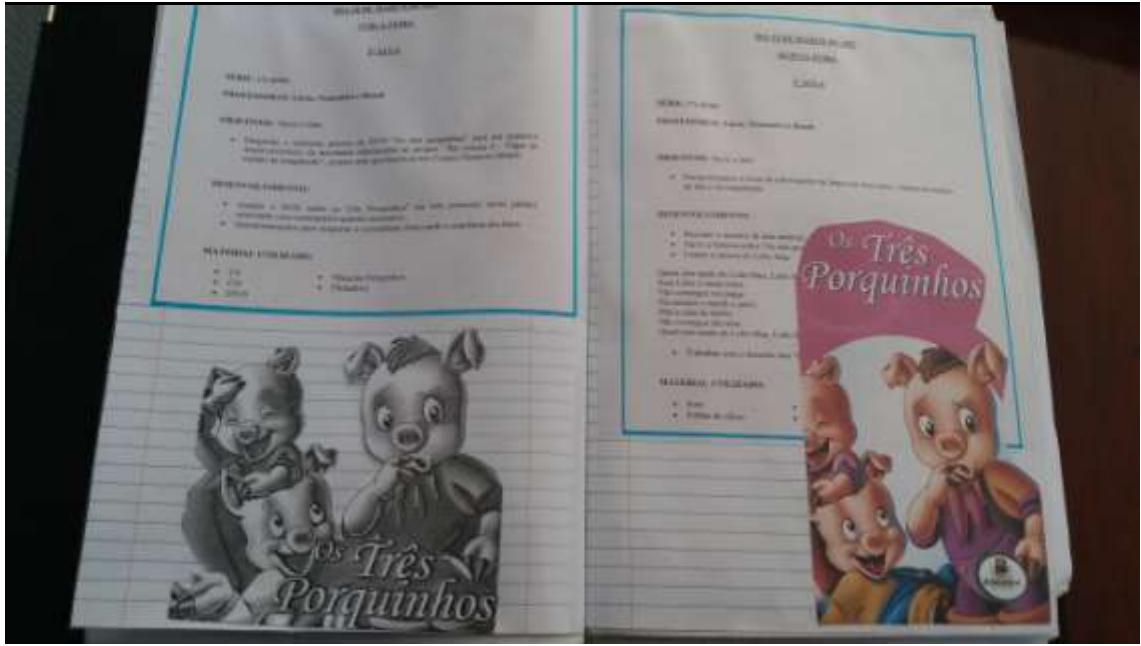
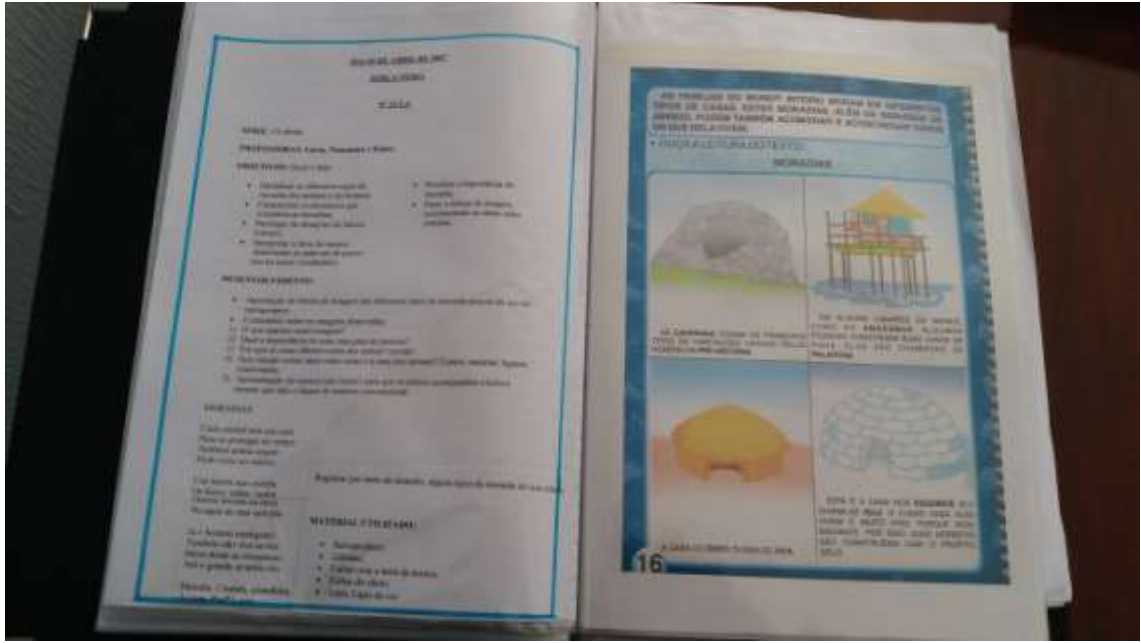
O projeto visa promover a integração entre as escolas bilingües e a comunidade local...

DURAS PORTADORES DO HIV ENTERRADOS VIVOS

Portadores do vírus do HIV, que vivem e são mortos antes de serem enterrados...

Portadores do vírus do HIV, que vivem e são mortos antes de serem enterrados...





Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto — Escola de Fronteira Bilingüe

PROJETO: Ser Criança é...
... viajar no mundo da imaginação

TEMA: Clássicos Infantis

PÚBLICO ALVO: 1^{as}, 2^{as} e 3^{as} séries da Escola de Fronteira de IC nº 604 Bilingüe.

CRONOLOGIA: 3 meses

JUSTIFICATIVA

Pelo fato de sermos moradores de uma cidade de fronteira, vivemos constantemente inseridos num ambiente miscigenado pela cultura e pela língua do nosso país vizinho. Assim, brasileiros e argentinos, numa ação de intercâmbio e reciprocidade, trocam, emprestam, mesclam e reinventam os seus modos de viver como também de falar.

A língua oficial de cada país se funde com as características de uma linguagem local que se configura nas relações sociais, caracterizando uma região. Uma região de fronteira, conta com novos elementos para a constituição de novas formas de expressão e comunicação. Isso porque, não raramente, as próprias esferas familiares são formadas por pessoas com diferentes nacionalidades, além do intercâmbio comercial, cultural, etc.

O processo de introdução de uma segunda língua na escola, não deixa de ser um reconhecimento da riqueza e diversidade cultural, bem como um fator de inclusão social e possibilidade de uma linguagem mais eficaz, utilizando-se da língua materna e a segunda língua e seus respectivos recursos nas diferentes situações de vivência individual e coletiva.

De certa forma, a segunda língua a ser aprendida na escola já é parte integrante do cotidiano dos alunos, claro que, de uma forma muito informal. Assim, para iniciar um processo mais sistematizado de compreensão de uma nova língua, é interessante um trabalho programado para o desenvolvimento natural de novas expressões, mas utilizando, também, a bagagem cultural que já está sistematizada na criança.

Dai a importância de explorar os textos clássicos — que, como sua própria definição já diz: clássico — também no ensino da segunda língua permitindo um intercâmbio intercultural, não só na língua, mas também no universo infantil conhecido por eles.

Esse projeto que tem como tema os clássicos infantis, além de ser uma forma de explorar textos clássicos, possibilita à criança trabalhar a partir de uma visão particular e original. Esse projeto, também, cria um espaço propício para o ensino da segunda língua que é o de "trocas" que permeiam o imaginário e a fantasia infantis, promove o encontro significativo com a fala, leitura e escrita através de um interesse que, com certeza, marcam crianças argentinas e brasileiras numa ação de intercâmbio e de reciprocidade cultural.

Portanto, este primeiro projeto do intercâmbio bilingüe, nesse ano de 2007, se justifica pela presença de um contexto cultural comum, mas acima de tudo fantástico, criativo e imaginativo, em que a criança também pode criar e recriar seus contos (oralmente ou por escrito) em segunda língua, valorizando também a esfera infantil dos alunos.

PROBLEMÁTICA

cultrina

BRASIL # SANTA CATARINA # DIONISIO CERQUEIRA

O Brasil possui um dos mais vastos territórios do mundo, 8.514.215km², o maior da América Latina e uma população total constituída de 169.799.170 habitantes (Censo de 2000-IBGE). Ocupa o 14º lugar na América latina e o 69º lugar no mundo em relação ao IDH (Censo ONU/2001). Neste país a PEA (População Economicamente Ativa) abrange cerca de 47% da população absoluta; outros 30% formam a População Inativa (PI) (composta por crianças, adolescentes, adultos ou aposentados). Atualmente, agricultura e pecuária empregam juntas cerca de 10% da população economicamente ativa e respondem por 8% do PIB anual do país.

Santa Catarina localiza-se na porção meridional do território Brasileiro, juntamente com o Paraná e o Rio Grande Do Sul, constituindo estes três estados a Região Sul do Brasil. Possui uma área oficial de 95.3187,30 Km² (ocupa portanto 1,11% da área territorial brasileira.) Conforme o censo de 2000 possui uma população assim distribuída: 2.669.311 população masculina, 2.687.049 população feminina perfazendo um total de 5.356.360 habitantes. Destes 78,7% residem no meio urbano e 21,3% no meio rural.

Dionísio Cerqueira, com uma área territorial de 409km², integra a Microrregião da AMEOSC Limitada-se ao Norte com os municípios de Barracão/PR e Flor da Serra do Sul/PR, ao Leste com o município de Palma Sola/SC, ao Sul com os municípios de Guarujá do Sul, São José do Cedro e Princesa, todos integrantes do Estado de Santa Catarina, ao oeste com Bernardo de Irigoyen/República Argentina. Nesta década a base econômica do município continua sendo a agropecuária, com destaque na criação de animais como: suínos, bovinos e aves. Na agricultura predomina o minifúndio, cujos principais produtos cultivados são, em ordem de prioridade: o milho, o fumo, o feijão, a soja, o trigo, as frutas e hortaliças.

O Censo de 2000 registrou uma população total de 14.253, destes 7.171 são homens e 7.082 são mulheres. Residem no Meio urbano 8.603 habitantes e no meio Rural 5.650 habitantes.

MISIONES "LA HERMOSA"

Misiones, Provincia de la república Argentina que se encuentra en el extremo nororiental del país. Está rodeada por fronteras internacionales y sólo se unen al territorio nacional a través de la provincia de Corrientes, por el sur. Al este y norte limita con Brasil, del cual las separan los ríos Iguazú, San Antonio, Peperi Guazú y Uruguay, y al oeste con Paraguay, donde el límite está trazado siguiendo el curso del Río Paraná.

Misiones, Corrientes Y Entre Ríos forman la región Mesopotámica.

Misiones se divide en diecisiete departamentos que a la vez se dividen en municipios.

Bernardo de Irigoyen, San Antonio y Cmdte Andres Guacurari pertenecen al departamento Gral Manuel Belgrano.

Bernardo de Irigoyen se encuentra aproximadamente a 100 km de Eldorado, ciudad mas proxima y a 320 km aproximadamente de Posadas, capital de Misiones.

Bernardo de Irigoyen es un punto extremo y esta a 853 mtrs sobre el nivel del mar. Limita con dos estados de Brasil: Santa Catarina y Paraná.

Bernardo de Irigoyen el 11 de julio estará cumpliendo 86 años.

POBLACIÓN DE MISIONES: 963.869 habitantes

DPTO GRAL M. BELGRANO: 33.152 habitantes.

BARNARDO DE IRIGOYEN: 18.000 habitantes.

(Fuente: Atlas "Lesa". Censo 2001) (Enciclopédia Microsoft Encarta 2004)



SWINGUÍDO

Patrão do colégio:

"Presidente Theodureto."

"Em verdade o nome do homenageado é Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto. Embora seja figura de não muito destaque na política de Santa Catarina, foi, entretanto, ainda no Império, eleito para dirigir os destinos de nosso estado, cargo que ocupou por apenas poucos meses, ou seja, de 28/02/1883 a 29/08/1883. Aquele tempo os governadores de estado eram chamados presidentes, e daí vem a denominação ao epígrafe. Consta, não havendo certeza a respeito, que seria muito estudioso e ideologicamente, não muito claro, se a favor do Império ou da República. Tudo, entretanto, sem confirmação, ao menos com os dados que se tem a respeito."

"Presidente Theodureto", figura que representa o nome do colégio da cidade de Dionísio Cerqueira.



*Escola de Educação Básica Dr.
Theodureto Carlos de Faria Souto -
Escola de Fronteira Bilingüe,
Dionisio Cerqueira – Santa Catarina.*

*Escuela de Frontera de Juan Carlos
n° 604 Bilingüe Intercultural n° 1.
Bernardo de Irigoyen – Misiones.*

*Profª Neuzanira Ferreira de Lima
do Carmo.*

2007

AGOSTO

TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
01/08 SEMINÁRIO DO MERCOSUL	03/08 X
08/08 X	10/08 Suspensão por chuva
15/08 X	17/08 X
22/08 X	24/08 suspensão - viagem de formação em Foz
29/08 X	31/08 suspensão - formação profes Argentinos

SETEMBRO

TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
05/09 X	07/09 feriado - dia da independência
12/09 X	14/09 X
19/09 X	21/09 Suspensão - Dia do Estudante na Argentina
26/09 (Suspensão por problemas institucionais da Escuela 604)	28/09 (Suspensão por problemas institucionais da Escuela 604)

OUTUBRO

TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
03/10 X	05/10 X
10/10 X	12/10 feriado nacional
17/10 - Suspensão - Encontro de Posadas para os argentinos	19/10 (Encontro de Formação em Puerto Iguazú)
24/10 X	26/10 X
31/10 X	



NOVEMBRO

TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA
	02/11 Dia de Finados
07/11 X	10/11 Encerramento do 2º Projeto na Argentina
14/11	16/11
21/11	23/11
28/11	30/11 - Feriado na Argentina

DEZEMBRO

SEXTA-FEIRA
01/12- Encerramento do ano letivo no período noturno com entrega de certificado aos alunos de 1ª série

I Seminário "Escolas Bilingües de Fronteira"

Programação

Dia 31 de julho

Manhã

- 9h - Abertura Oficial
- 10h - Pausa
- 11h - Desfile
- 12h - Almoço

Tarde

- 14h - Educação Intercultural Bilingüe - Apresentação de Experiências
- 15h40 - Intervalo
- 16h - Debate

Dia 1º de agosto

Manhã

- 9h - Discussão de Documentos Básicos para implementação do Projeto
- Trabalho em grupo
- 12h - Almoço

Tarde

- 14h - Apresentação e votações dos documentos
- 16h - Encerramento

Com o objetivo de fortalecer a faixa de fronteira, os Ministérios de Educação do Brasil e da Argentina assinaram uma declaração conjunta que prevê o desenvolvimento de um programa intercultural com ênfase no ensino de português e do espanhol nas escolas localizadas na região de fronteira.

O esforço conjunto com os sistemas de ensino, para fortalecer a integração dessa região e, ao mesmo tempo, valorizar a diversidade e os códigos interculturais e lingüísticos das comunidades resulta na ampliação do Projeto e a experiência passou a integrar o Plano de Ação do Setor Educacional do Mercosul - SEM.

Para alcançar o êxito que tal desafio nos impõe, estamos realizando o I Seminário "Escolas Bilingües de Fronteira" com o objetivo de compartilhar experiências e aperfeiçoar o trabalho a fim de ampliá-lo em parceria com os demais países do Mercosul.

I Seminário "Escolas Bilingües de Fronteira"

31/07 a 1º/08/2006
Foz de Iguaçu/PR
Brasil







Para Neusa Con Amor
Leusa

ESCUELA DE FRONTERA J.C. N° 604 INTERCULTURAL BILINGÜE N° 1

Felicitamos a

por haber participado de la primera etapa de la
enseñanza del portugués como segunda lengua.

1° de Diciembre de 2006

Con Cariño para Neusa
Con Cariños

ESCUELA DE FRONTERA J.C. N° 604 INTERCULTURAL BILINGÜE N° 1

Felicitamos a

Neusa

por haber participado de la primera etapa de la
enseñanza del portugués como segunda lengua.

1° de Diciembre de 2006

Leusa







Acredito que iniciativas como essas vão delineando um Projeto Bilingüe com características interculturais e, em vista disso, transcendem lingüísticos, que ora se fortalecem.

Quanto a participação das crianças, pode evoluir ainda mais, até crianças se negavam para falar ao microfone, ou, falavam bem baixinho tinham que refazer as perguntas. Isso também é um processo a ser construído. Situações como essas motivam as crianças a se manifestarem e perderem em público, questionar, participar....

IV- Anexos



As vós chegando na escuela 604



interagindo com as crianças



na hora do intervalo
(recepção carinhosa)



Nona Musa falando



estavam brincando



participação das crianças com perguntas

Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe.

PROJETO

TEMA: Culturas e Tradições

1º Eixo: Festas Juninas

2º Eixo: Tradições populares, folclore brasileiro e argentino.

PÚBLICO ALVO: 1ª e 2ª Séries da Escuela de Fronteira de JC Nº 604 Bilingüe.

CRONOLOGIA: 3 meses

JUSTIFICATIVA

Pelo fato de residirmos numa área de fronteira, temos presente a cultura e a língua do país vizinho. Assim, argentinos e brasileiros, numa ação de intercâmbio e de reciprocidade de "trocas", se constituem como moradores de fronteira.

A língua oficial de cada país se funde com as características de uma linguagem local que se configura nas relações sociais, caracterizando uma região. Uma região de fronteira, conta com novos elementos para a constituição de novas formas de expressão e comunicação. Isso porque, não raramente, as próprias esferas familiares são formadas por pessoas com diferentes nacionalidades, além do intercâmbio comercial, cultural, etc.

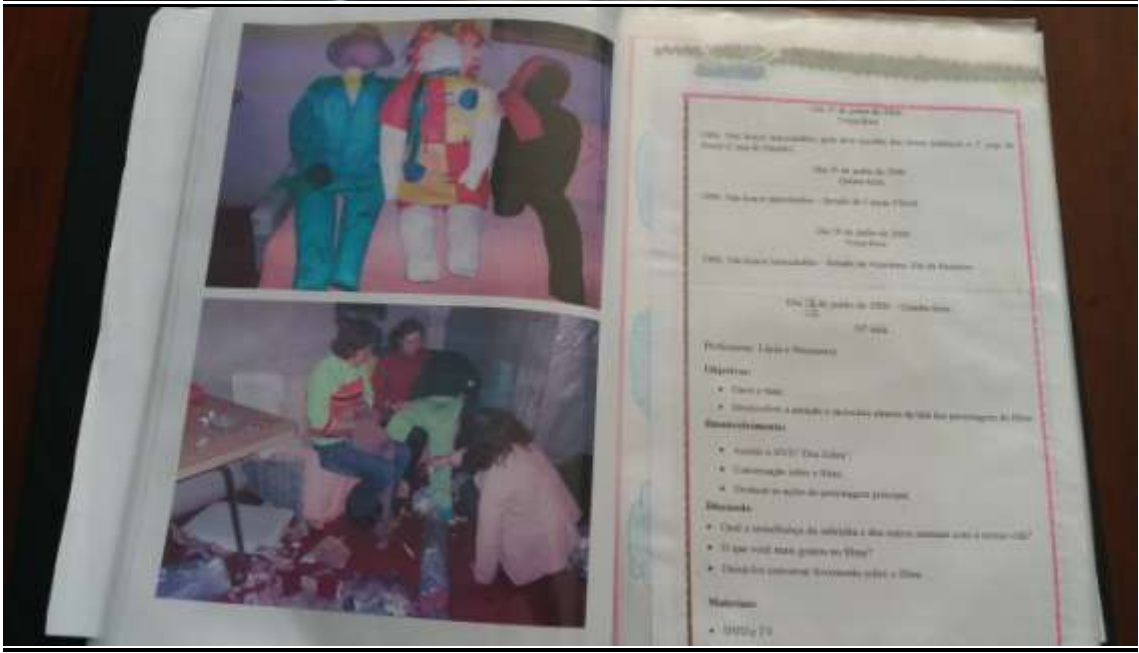
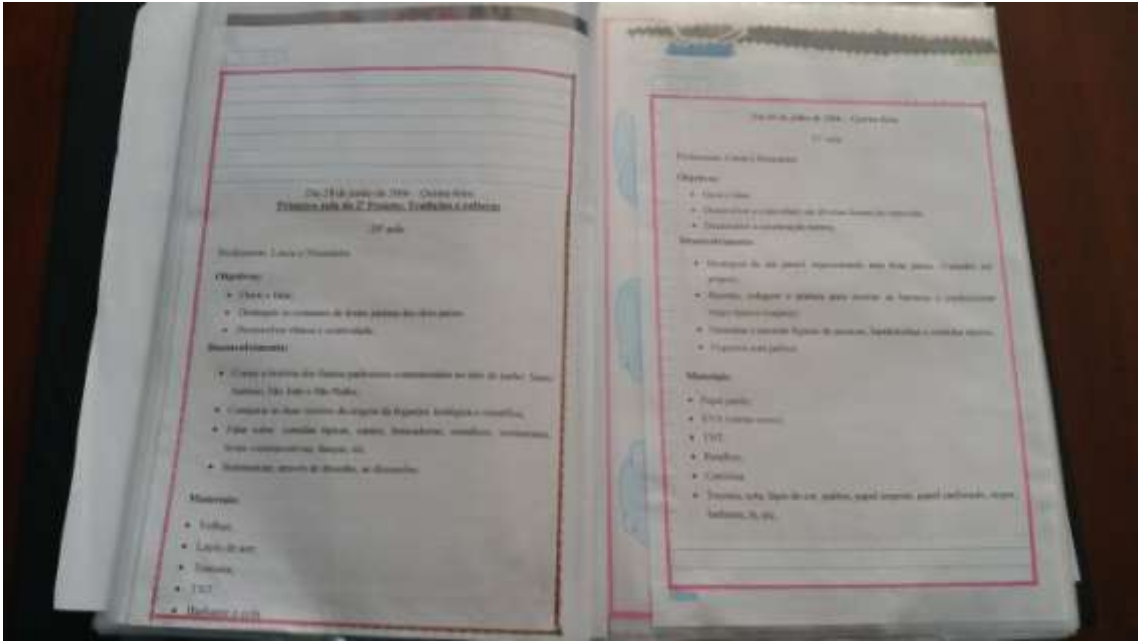
O processo de introdução de uma segunda língua na escola, não deixa de ser um reconhecimento da riqueza e diversidade cultural, bem como um fator de inclusão social e possibilidade de uma linguagem mais eficaz, utilizando-se da língua materna e a segunda língua e seus respectivos recursos nas diferentes situações de vivência individual e coletiva.

De certa forma, a segunda língua a ser aprendida na escola já é parte integrante do cotidiano dos alunos, claro que, de uma forma muito informal. Assim, para iniciar um processo mais sistematizado de compreensão de uma nova língua, é interessante um trabalho programado para o desenvolvimento natural de novas expressões.

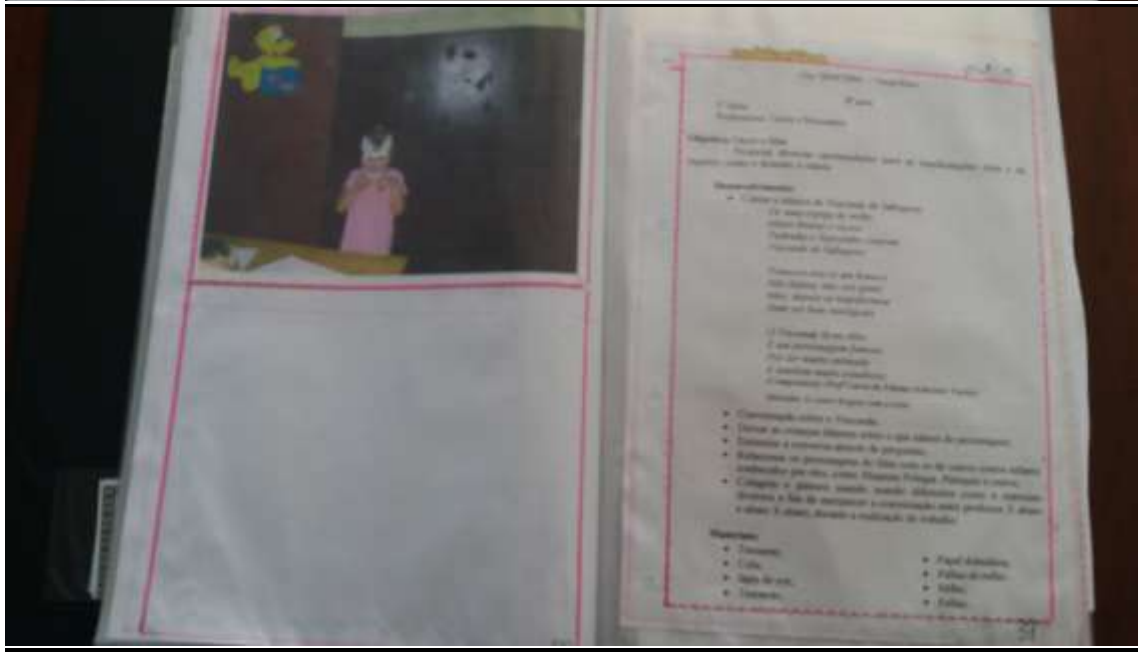
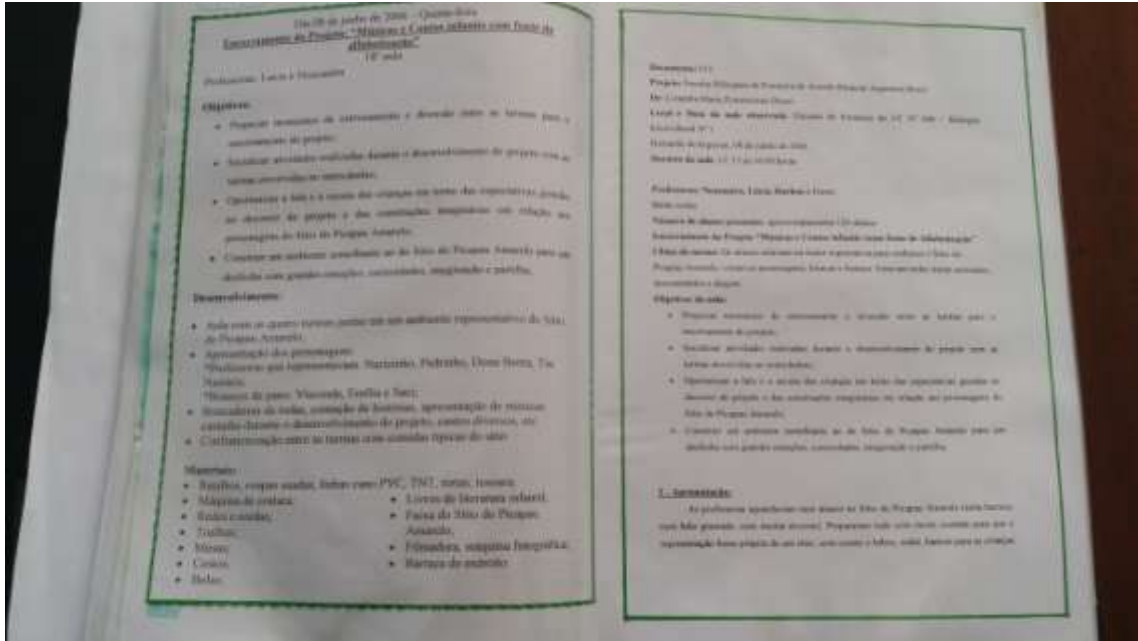
Dai a importância de conhecer o outro e de se deixar conhecer. E nada mais próprio de um povo do que a sua cultura, as suas tradições. Através do intercâmbio entre as escolas de fronteira, se objetiva acima de tudo, um movimento intercultural que precisa ser construído, consolidado. Isso se torna possível quando se quebram fronteiras, tanto no sentido literal como conotativo da palavra.

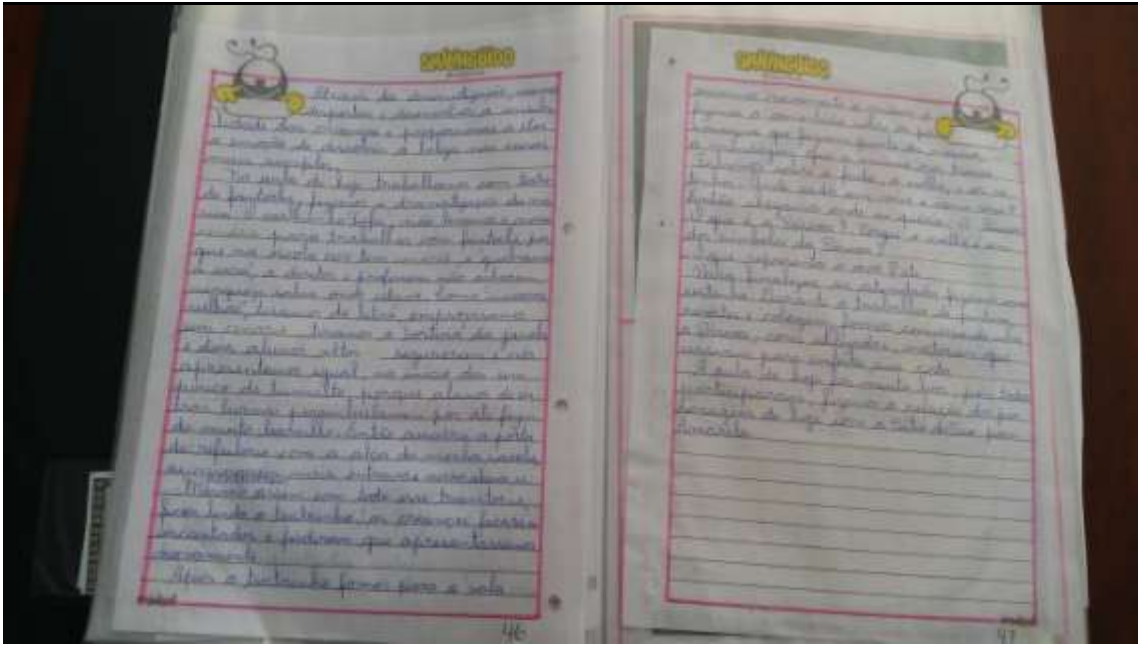
O fato é que, as relações humanas, estabelecidas numa região fronteiriça, se tornam cada vez mais enriquecidas, quanto maior for a valorização da diversidade, das culturas que identificam cada povo e o povo de fronteira.

Portanto, o segundo projeto do intercâmbio bilingüe, nesse ano de 2006, se justifica diante de um contexto rico e interessante, a fim de que, as diferentes culturas e tradições possam ser identificadas e, acima de tudo, compartilhadas.









44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

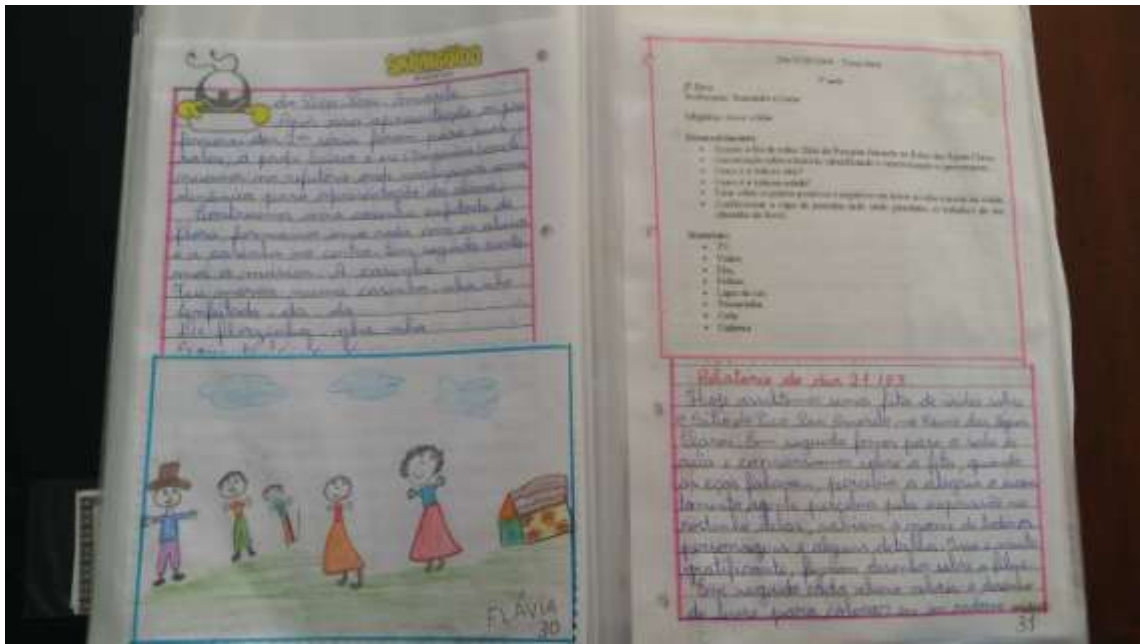
196

197

198

199

200



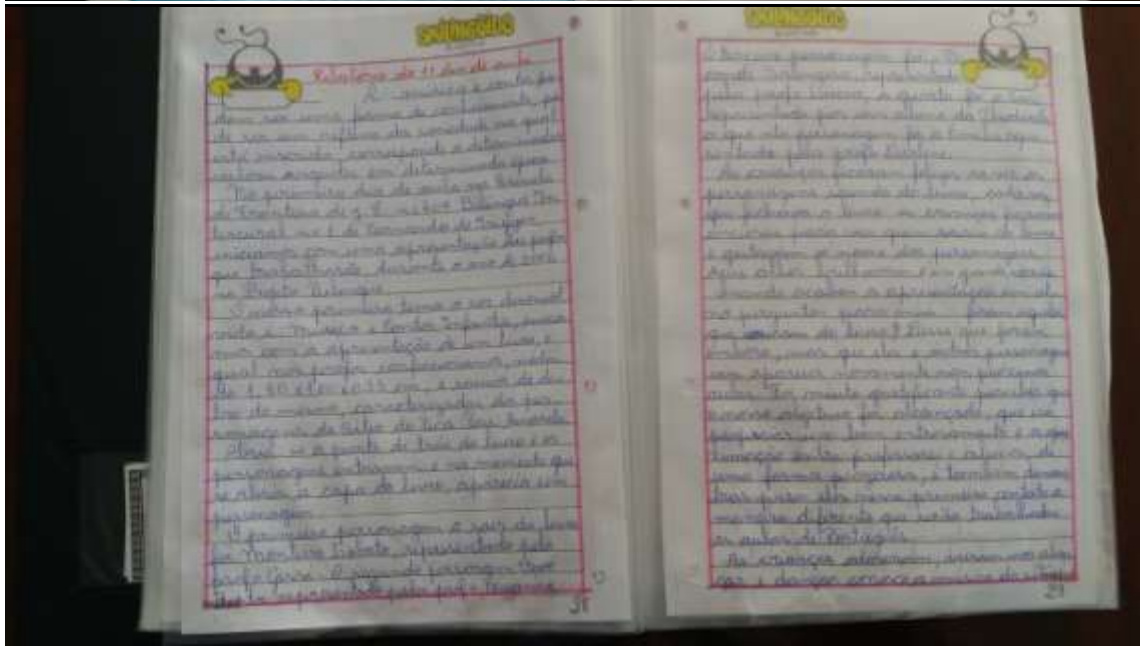
31

Relatório de 11 dias de aula

Os alunos demonstraram grande interesse e participação nas aulas. Foi observado que os alunos possuem conhecimentos prévios sobre o assunto, o que facilitou o processo de aprendizagem. Durante a semana, foram realizadas diversas atividades, como leitura, escrita e jogos educativos. Os alunos também participaram de uma apresentação cultural, onde apresentaram um trabalho sobre o tema estudado. A avaliação foi realizada ao final da semana, e os resultados foram satisfatórios. Os alunos demonstraram uma boa compreensão do conteúdo estudado e foram capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos em situações práticas. A próxima semana de aula será dedicada ao estudo de novos conteúdos, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos dos alunos e desenvolver suas habilidades de pensamento crítico e criativo.

Relatório de 11 dias de aula

Os alunos demonstraram grande interesse e participação nas aulas. Foi observado que os alunos possuem conhecimentos prévios sobre o assunto, o que facilitou o processo de aprendizagem. Durante a semana, foram realizadas diversas atividades, como leitura, escrita e jogos educativos. Os alunos também participaram de uma apresentação cultural, onde apresentaram um trabalho sobre o tema estudado. A avaliação foi realizada ao final da semana, e os resultados foram satisfatórios. Os alunos demonstraram uma boa compreensão do conteúdo estudado e foram capazes de aplicar os conhecimentos adquiridos em situações práticas. A próxima semana de aula será dedicada ao estudo de novos conteúdos, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos dos alunos e desenvolver suas habilidades de pensamento crítico e criativo.



Ajinho

É um conjunto de pessoas vestidas, desde que vestidas no caso. Ele chegou no Tibão com a sua família e ao longo, desde que com os seus filhos. Uma família de três pessoas que desde quando estão com ele, até ao fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada. São duas famílias e muitas, até o fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada para ver o espetáculo.

Apresentação da apresentação de Ajinho
Musica e dança ao fim



20

Salvador





De apresentação da apresentação de Salvador
São do Dia - São Salvador

21


Pedrinho

É um conjunto de pessoas vestidas, desde que vestidas no caso. Ele chegou no Tibão com a sua família e ao longo, desde que com os seus filhos. Uma família de três pessoas que desde quando estão com ele, até ao fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada. São duas famílias e muitas, até o fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada para ver o espetáculo.




Cuca

É uma personagem muito conhecida e muito querida. Ela chegou no Tibão com a sua família e ao longo, desde que com os seus filhos. Uma família de três pessoas que desde quando estão com ele, até ao fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada. São duas famílias e muitas, até o fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada para ver o espetáculo.




Rabão

Esta personagem chegou no Tibão com a sua família e ao longo, desde que com os seus filhos. Uma família de três pessoas que desde quando estão com ele, até ao fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada. São duas famílias e muitas, até o fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada para ver o espetáculo.



Narizinho

Esta personagem chegou no Tibão com a sua família e ao longo, desde que com os seus filhos. Uma família de três pessoas que desde quando estão com ele, até ao fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada. São duas famílias e muitas, até o fim da festa quando a família do Tibão para com a chegada para ver o espetáculo.



SALINÃO

Dia 16 /03/2006 - Quinta-feira

1ª aula

1ª Série

Professoras: Neuzanira e Lúcia

Objetivo: Propiciar o entrosamento e a aproximação prazerosa entre alunos e professoras no primeiro contato, gerando novas expectativas para as crianças.

Desenvolvimento:

- Como o projeto a ser trabalhado será Música e Contos infantis, faremos nossa apresentação inicial através de um livro, do qual, sairão os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo: Emilia, Visconde, Saci-pererê, Dona Benta e o autor Monteiro Lobato.
- Ouvir a música de Gilberto Gil - Sítio do Pica-pau Amarelo, dançando junto com as crianças. (as quatro turmas no mesmo espaço)

Apresentação do aluno:

- Canto: casinha;
- Montar a casinha;
- Cantar a música:

Fui morar numa casinha-nha-nha

Enfeitada-da-da

De florzinha-nha-nha

Sau de lá-lá-lá

A Mariazinha-nha-nha

Olhou pra mim

Olhou pra mim

E fez assim (joga beijinhos)

- Em seguida cada professora irá para a sua sala, para conversar com os seus alunos.
- Falar como serão as aulas de Português, os dias que serão ministradas essas aulas.
- Conversação informal.

Materiais:

- Figurino dos personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo;
- Casinha de madeira;
- Livro de madeira (1,80 cm X 1,00 cm X 0,35 cm);
- Som;
- CD;
- Caixa de som;
- Microfone;
- Flores;
- Galhos, litros descartáveis, areia;
- Filmadora;
- Papel Pardo;
- Extensão.
- Máquina fotográfica;
- Maquiagem;
- Bichinhos;
- TNT;

19

Subjuntiva

OBJETIVO GERAL: Desenvolver formas naturais de expressão em português através da música e dos contos infantis para uma comunicação mais eficaz em diferentes circunstâncias de intercâmbio entre pessoas do Brasil e da Argentina.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1ª Série Foco: Oralidade

- Sensibilizar ao português já nos primeiros contatos nos momentos de entrosamento e de apresentação, motivados por atividades lúdicas.
- Sensibilizar ao português por meio dos conteúdos operacionais.
- Despertar curiosidades e criatividade.
- Desenvolver habilidade de escuta e concentração durante a leitura de histórias e contos infantis.
- Propiciar diversas oportunidades para as manifestações orais e de registro, como o desenho e outros.
- Estabelecer entre os alunos uma relação com a língua portuguesa com a língua que circula na cidade e na família.
- Aproveitar o que os alunos já sabem para enriquecer o vocabulário e se expressarem melhor.
- Desenvolver atividades de ensino, com base no tema do projeto, que instigam e motivam os alunos para questionar sobre as coisas do mundo e construir suas respostas nas relações de ensino e aprendizagem.

ATIVIDADES/AÇÕES PEDAGÓGICAS

- Ouvir e cantar músicas acompanhadas de CDs.
- Histórias e filmes infantis em vídeo.
- Dramatizações.
- Brincadeiras de roda.
- Dobradura.
- Recorte, colagem, montagem.
- Dança.
- Confecção de máscaras, cenários e outros objetos.
- Entrevistas.

CONTEÚDOS OPERACIONAIS

- Ouvir músicas de diferentes ritmos musicais.
- Assistir filmes.
- Ouvir histórias.
- Preparar apresentações.
- Criar histórias a partir de figuras e outros aspectos motivadores.
- Falar sobre suas atividades realizadas.
- Organizar-se e trabalhar em grupo.
- Fazer desenhos, dobraduras, etc.
- Participar em teatro e outras dramatizações.
- Entrevistar pessoas.
- Organizar-se conforme o tempo e os espaços disponíveis.

SALINGÜIDO

DE LÍNGUA PARA LÍNGUA



Escola de Educação Básica Dr. Theodorito Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe

PROJETO

TEMA: Músicas e Contos Infantis como fonte de Alfabetização

PÚBLICO ALVO: 1ªs da Escola de Fronteira de JC Nº 604 Bilingüe.

CRONOLOGIA: 3 meses

JUSTIFICATIVA:

Pelo fato de residirmos numa área de fronteira, temos presente a cultura e a língua do país vizinho. Assim, argentinos e brasileiros, numa ação de intercâmbio e de reciprocidade de "trocas", se constituem como moradores de fronteira.

A língua oficial de cada país se funde com as características de uma linguagem local que se configura nas relações sociais, caracterizando uma região. Uma região de fronteira, conta com novos elementos para a constituição de novas formas de expressão e comunicação. Isso porque, não raramente, as próprias esferas familiares são formadas por pessoas com diferentes nacionalidades, além do intercâmbio comercial, cultural, etc.

O processo de introdução de uma segunda língua na escola, não deixa de ser um reconhecimento da riqueza e diversidade cultural, bem como um fator de inclusão social e possibilidade de uma linguagem mais eficaz, utilizando-se da língua materna e a segunda língua e seus respectivos recursos nas diferentes situações de vivência individual e coletiva.

De certa forma, a segunda língua a ser aprendida na escola já é parte integrante do cotidiano dos alunos, claro que, de uma forma muito informal. Assim, para iniciar um processo mais sistematizado de compreensão de uma nova língua, é interessante um trabalho programado para o desenvolvimento natural de novas expressões.

Por isso, a música e os contos infantis servem de excelentes artifícios para o desenrolar um trabalho baseado no lúdico, ao passo que a língua portuguesa se estrutura de maneira prazerosa.

PROBLEMÁTICA

- Qual a importância da música e dos contos infantis para a nossa vida?

TEMÁTICA 1ª SÉRIE: Músicas e contos no desenvolvimento natural de expressões orais nas diversas situações de comunicação.

- Quando você ouve música?
- Quando você canta?
- Como seria a nossa vida sem a música?
- Quando você ouve uma música você se movimenta? Como?
- A música te deixa feliz?
- Os contos e histórias infantis são todos fatos verdadeiros?
- Os contos e histórias podem influenciar na nossa maneira de agir, ser e de pensar?
- Quem conta história para você?
- Quem lê histórias para você?
- Onde estão escritas essas histórias?

11



comunicado

Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe.
Dionísio Cerqueira, 21 de fevereiro de 2006.

“Mas é preciso ser para fazer direito. Assim:

- Só quem é conhecedor da realidade e acredita no potencial transformador do conhecimento faz aprender.
- Só quem é cidadão pleno promove o desenvolvimento da cidadania.
- Só quem valoriza a si próprio consegue fortalecer a auto-estima de crianças e jovens.
- Só quem é entusiasta das realizações humanas ensina noções de empreendedorismo a seus alunos e ajuda-os a adquirir autonomia”.

(Guiomar Namó de Mello, Rev. Nova Escola, dez. 2005)

8:00 horas – Acolhida com café da manhã.

9:00 horas – Abertura

Diretora da Escola – Salete Razera Belmonte

Gerente de Educação Ciência e Tecnologia da 30ª SDR – Flávio Berté

9:30 horas – Apresentação cultural

Danças de músicas brasileiras e argentinas.

10:00 horas – Dinâmica de entrosamento coordenada pelas professoras Ivânia, Ieda e Leandra.

10:30 horas – Relato de experiências em relação ao desenvolvimento do Projeto Água, considerando os pontos positivos e negativos – Professor Alvício da Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe e Diretor Juan Carlos Morinigo e Fátima Zaragoza da Escuela de Fronteira de J.C N° 604 – Bilingüe Intercultural N° 1.

11:15 horas – Apresentação do Planejamento inicial para a elaboração do Projeto que está sendo desenvolvido atualmente na escola.

12:00 horas – Almoço na escola

Cardápio – feijoada, couve, farofa, arroz branco e laranja.

13:30 horas – Dinâmica: Caça ao Tesouro, coordenada pelas professoras Elza e Ledi.

14:00 horas – Desenvolvimento do projeto sob coordenação da Professora Cícera de Oliveira.

- Agenda de intercâmbios culturais e recreativos.

Escola de Educação Básica Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto – Escola de Fronteira Bilingüe.
Dionísio Cerqueira - SC

COMUNICADO

Comunicamos aos Senhores pais que amanhã (21.02.06) não haverá aula nesse estabelecimento pois os professores estão se encontrando com os professores da Argentina para darem continuidade ao funcionamento da escola bilingüe, desde já agradecemos vossa compreensão.

Culinária

BRASIL # SANTA CATARINA # DIONISIO CERQUEIRA

O Brasil possui um dos mais vastos territórios do mundo, 8.514.215km², o maior da América Latina e uma população total constituída de 169.799.170 habitantes (Censo de 2000-IBGE). Ocupa o 14º lugar na América latina e o 69º lugar no mundo em relação ao IDH (Censo ONU/2001)

Neste país a PEA (População Economicamente Ativa) abrange cerca de 47% da população absoluta; outros 30% formam a População Inativa (PI) (composta por crianças, adolescentes, adultos ou aposentados).

Atualmente, agricultura e pecuária empregam juntas cerca de 10% da população economicamente ativa e respondem por 8% do PIB anual do país.

Santa Catarina localiza-se na porção meridional do território Brasileiro, juntamente com o Paraná e o Rio Grande Do Sul, constituindo estes três estados a Região Sul do Brasil. Possui uma área oficial de 95.3187,30 Km² (ocupa portanto 1,11% da área territorial brasileira.) Conforme o censo de 2000 possui uma população assim distribuída: 2.669,311 população masculina, 2.687,049 população feminina perfazendo um total de 5.356,360 habitantes. Destes 78,7% residem no meio urbano e 21,3% no meio rural.

Dionisio Cerqueira, com uma área territorial de 409km², integra a Microrregião da AMEOSC. Limita-se ao Norte com os município de Barracão/PR e Flor da Serra do Sul/PR, ao Leste com o município de Palma Sola/SC, ao Sul com os municípios de Guarujá do Sul, São José do Cedro e Princesa, todos integrantes do Estado de Santa Catarina, ao oeste com Bernardo de Irigoyen/República Argentina

Nesta década a base econômica do município continua sendo a agropecuária, com destaque na criação de animais como: suínos, bovinos e aves. Na agricultura predomina o minifúndio, cujos principais produtos cultivados são, em ordem de prioridade: o milho, o fumo, o feijão, a soja, o trigo, as frutas hortaliças.

O Censo de 2000 registrou uma população total de 14.253, destes 7.171 são homens e 7.082 são mulheres. Residem no Meio urbano 8.603 habitantes e no meio Rural 5.650 habitantes.

MISIONES "LA HERMOSA"

Misiones, Provincia de la república Argentina que se encuentra en el extremo nororiental del país. Es rodeada por fronteras internacionales y sólo se unen al territorio nacional a través de la provincia de Corrientes, por el sur. Al este y norte limita con Brasil, del cual las separan los ríos Iguazú, San Antonio, Peperi Guazú y Uruguay, y al oeste con Paraguay, donde el límite está trazado siguiendo curso del Río Paraná.

Misiones, Corrientes Y Entre Ríos forman la región Mesopotámica.

Misiones se divide en diecisiete departamentos que a la vez se dividen en municipios.

Bernardo de Irigoyen, San Antonio y Cmdte Andres Guacurari pertenecen al departamento Gr Manuel Belgrano.

Bernardo de Irigoyen se encuentra aproximadamente a 100 km de Eldorado, ciudad mas proxima y 320 km aproximadamente de Posadas, capital de Misiones.

Bernardo de Irigoyen es un punto extremo y esta a 853 mtrs sobre el nivel del mar. Limita con dos estados de Brasil: Santa Catarina y Paraná.

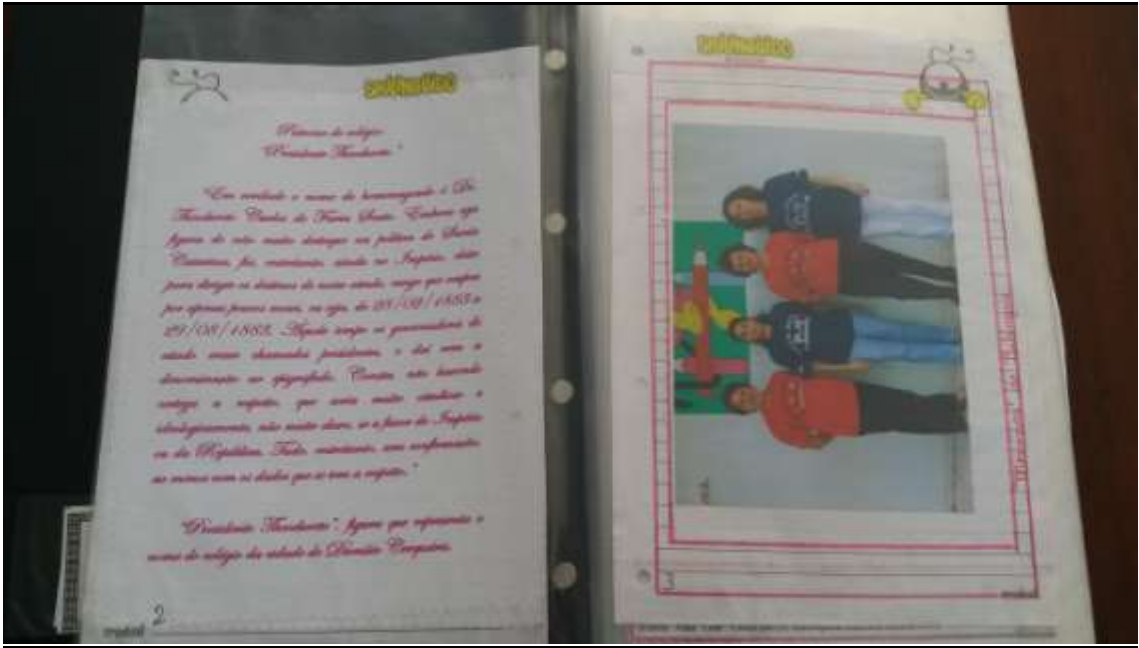
Bernardo de Irigoyen el 11 de julio estará cumpliendo 86 años.

POBLACIÓN DE MISIONES: 963.869 habitantes

DPTO GRAL M. BELGRANO: 33.152 habitantes

BARNARDO DE IRIGOYEN: 18.000 habitantes

(Fuente: Atlas "Lesa". Censo 2001) (Enciclopédia Microsoft Encarta 2004)





AGRADECIMENTO:

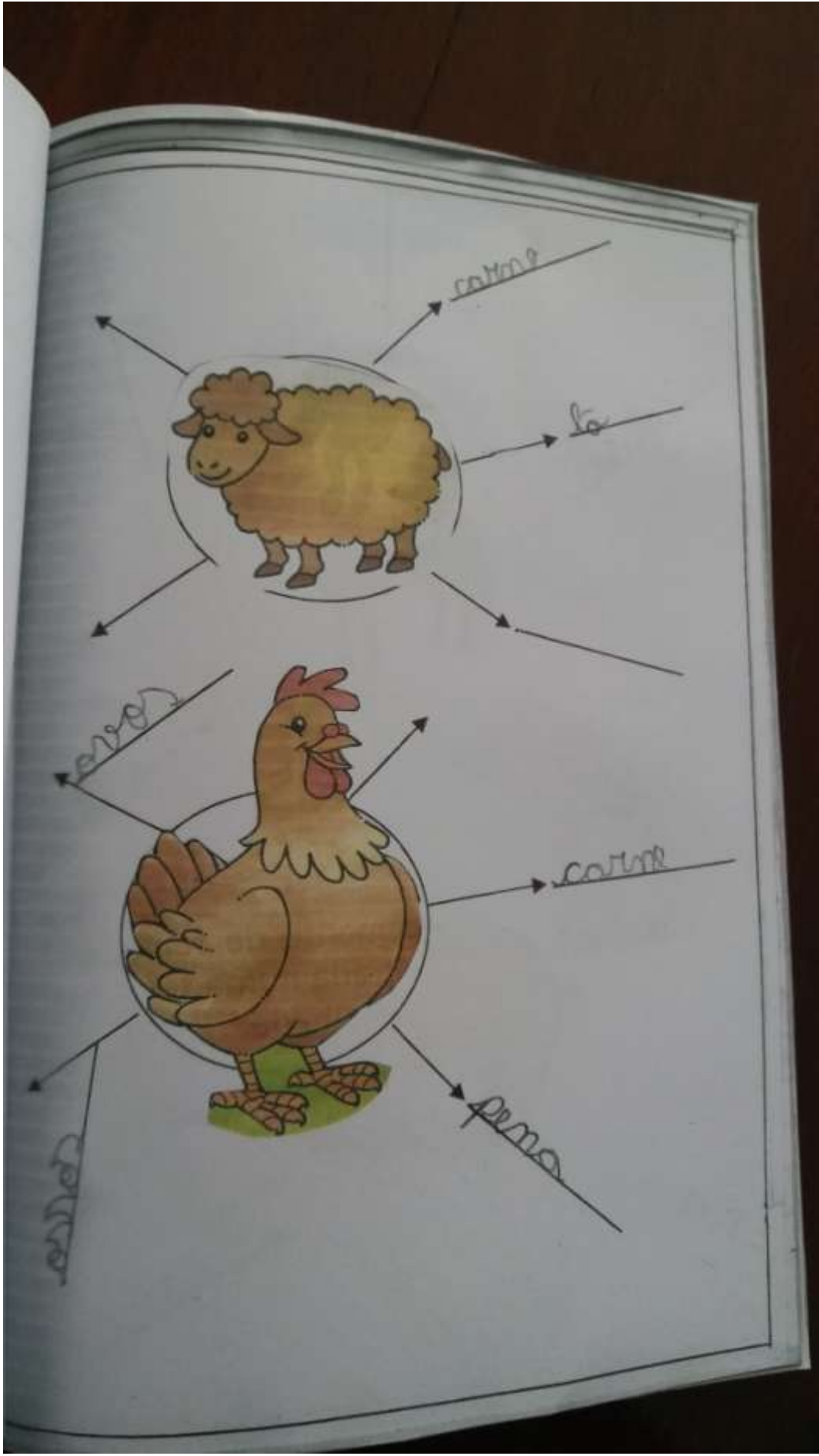
Querido Verde Inverso:
 Nós alunos e a professora a-
 gradecemos por a senhora
 ter nos recebido em seu
 maravilhoso sítio. E ter nos
 proporcionado um momento
 especial, de aprendizagem
 sobre os animais, as plantas,
 as frutas, legumes, produtos
 derivados do leite, carne e tantas outras
 coisas maravilhosas sobre a vida no
 sítio. Jamais esqueceremos esse dia
 maravilhoso. Um de muito obrigado
 e que Deus lhe abençoe. Beijos!

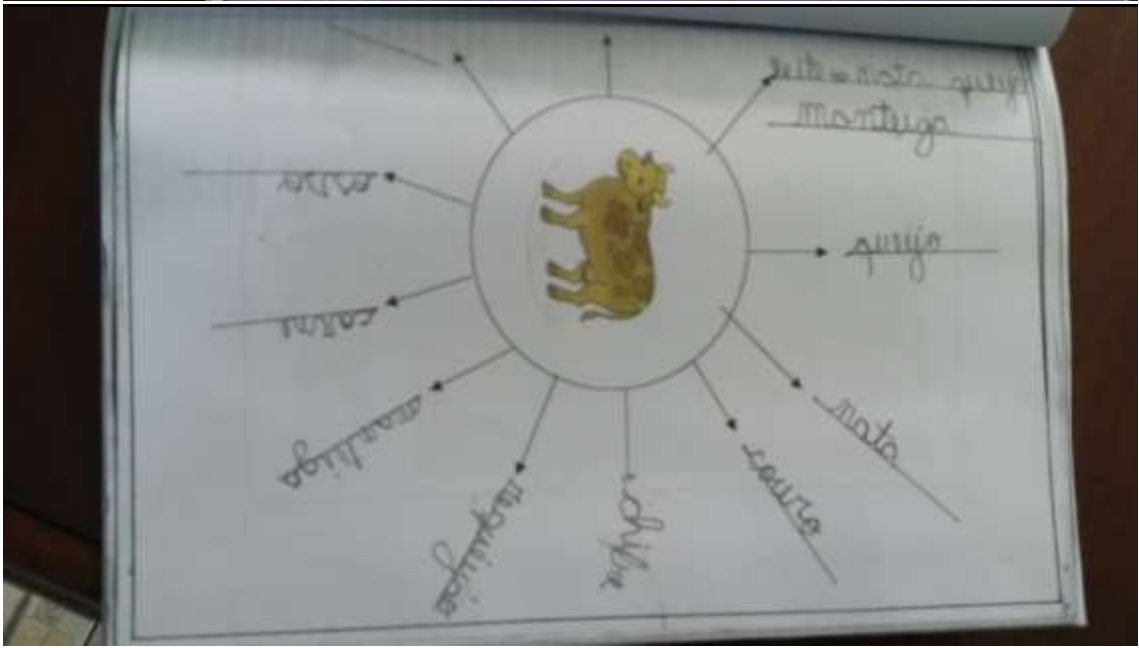
Mateus

O que aprendemos:
 O homem nem sempre utiliza-se
 consciência e recursos que a
 natureza oferece. A maioria dos homens
 destruem os recursos naturais sem se
 importar com as consequências
 para a sua própria vida
 e nós?

Como será nosso futuro?
 Fazem dermatite e queimadas.
 Matam animais para aproveitar
 apenas um pedaço de pele. Poluem
 ar que respiramos e a água que
 bebemos.

Poluem o solo que pisamos e que usamos
 para plantar seus próprios alimentos.
 Aprendemos que um bom cidadão não
 faz nada de mais.
 Ele preserva a natureza e a sua
 própria vida.





OLE FIGURAS DE FRUTAS

Mango

abacaxi



DESENHO DO SÍTIO DA VOVÓ
NIVERSE



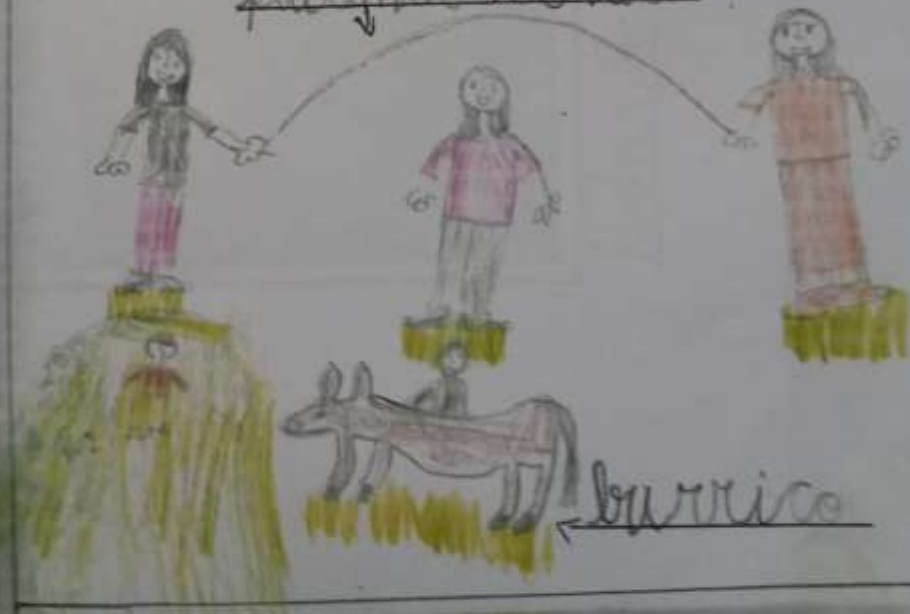


Rolando moranguinho

AS BRINCADEIRAS - PIQUENIQUE



pulando corda



BELEZAS NATURAIS

nuvem



sol



pomba



árvore



borboleta

água



OS ALIMENTOS - PIQUENIQUE



O PIQUENIQUE



carro quente



carro quente

sandwiches



refrigerante

frutas



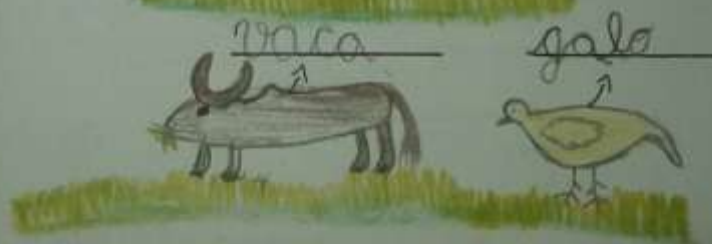
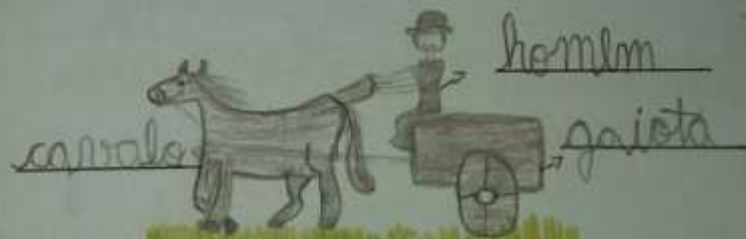
doces



O ANIMAL QUE MAIS
CHAMOU A ATENÇÃO



O TRAJETO ATÉ O SÍTIO



SÍTIO DA VOVÓ
NIVERSE



E.E.B. DR. THEODURETO C. DE FARIA SOUTO

ESCOLA DE FRONTEIRA BILINGUE

ALUNO (A): Mateus Galvão

SÉRIE: 1ª "01"

PERÍODO INTEGRAL

PROFESSORA: Neuzanira F. L. do Carmo

ANO LETIVO: 2007.



Escola Bilingüe reforça a integração educacional na fronteira de SC e Misiones
 Texto: Roberto Marcondes dos Santos
 Foto: Daniela Moreira



O Conselho de Cooperação Educacional firmado entre Brasil e Argentina no mês de 2005 já integra o sistema de ensino na área fronteiriça. A integração pode ser vivida no cotidiano das crianças brasileiras que aprendem o idioma espanhol com professores argentinos na Escola de Educação Básica Dr. Theodorico Carlos de Faria, em Domínio Cerqueira. O sistema de ensino bilingüe português-espanhol, criado em caráter experimental, já estava sendo aplicado na Escola de Educação Básica Mayor Juan Carlos Lacortti (n.º 1), em Bernardo de Irigoyen, na Argentina, desde sua regulamentação pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) antes do fim do ano.

A Secretaria de Estado de Educação, Ciência e Tecnologia recebeu, na escola, esta semana, o processo de regulamentação que permitirá utilizar o português e o espanhol dos professores brasileiros que atuam na Argentina, além da formação de uma nova turma especial de acordo com a legislação.

O gerente Regional de Educação de Domínio Cerqueira, Fábio Berto, explica que para a criação da Escola Futura em Tempo Integral Bilingüe há necessidade de investimentos destinados às ações identificadas no projeto, como a ampliação do espaço físico, aquisição de equipamentos pedagógicos voltados ao desenvolvimento da comunicação bilingüe e de materiais de leitura (livros, arte e cultura e brinquedos). "A matriz curricular da escola pública bilingüe é um pouco diferente e diferente das demais. Estamos experimentando a Resolução do Conselho Estadual de Educação autorizando a Escola Pública Integrada Bilingüe dentro das normas do artigo 179 que garante a criação de escolas experimentais", afirma.

De acordo com o projeto, as escolas terão atendido três turmas de primeira série do ensino fundamental, nas línguas e quatro horas, em uma grade especial com seis horas de intercâmbio espanhol-português. No final agosto de professores se deslocam da Escola Dr. Theodorico Carlos de Faria no Brasil para a Mayor Juan Carlos Lacortti (n.º 1) em Bernardo de Irigoyen (Argentina). Cerca de 330 alunos das duas escolas cursam as disciplinas do núcleo comum e continuam a ser atendidas na língua materna, porém o ensino do segundo idioma é dividido nas duas línguas. Segundo o experimento de ensino de escola brasileira, Escola Vespertino Integral, a meta é, em quatro anos, atender de outras línguas em a 4ª série do ensino fundamental.

O ensino bilingüe deverá funcionar uma base cultural comum através da troca de livros, vídeos, filmes, correção de trabalhos e produção artística que ocorre periodicamente a pedido da Santa Catarina. De acordo com o gerente Regional Fábio Berto, estão sendo utilizados investimentos do MEC para projetos paralelos, como a contratação de professores no idioma espanhol, em nível de pós-graduação, e projetos integrados quanto tempo ao ano. Um outro exemplo o projeto "Água pra qual se quer", sobre a problemática da água que assola os dois municípios vizinhos.



REGIONAL fronteira

Seminário internacional na fronteira

As cidades gêmeas sediaram, em 30 de novembro, o Seminário Internacional sobre Segurança Alimentar e Nutricional, e Alimentação Escolar em Cidades de Fronteira.

O evento foi realizado por iniciativa de instituições de ambas as partes da fronteira, com apoio das administrações municipais. Contou com a participação de várias autoridades, entre elas, Antonio Dal Vecchio, prefeito de Barracão, Sérgio Gonalves, prefeito de Domínio Cerqueira, Paulo Roque Zimmer, secretário de Trabalho, Emprego e Proteção Social do Paraná, Zélio Piron Ferrari, prefeito de Santo Antônio do Padua, representantes dos municípios ligados a esta área e de organizações do Governo Federal.

Na ocasião, Paulo Roque Zimmermann, parágrafo de abertura e da assinatura de lançamento da Cartilha dos Direitos Voluntários para o Dia do Racionamento Alimentar, aprovada desde 2004 por 181 países, pela Fundação de Alimentação e Agricultura (FAO-ONU). O lançamento foi feito em conjunto com o coordenador do Seminário e das Ações Internacionais de Combate à Fome do Ministério das Relações Exteriores, Milton Rassi Filho.

O prefeito de Barracão, Antonio Dal Vecchio, fez a abertura simbólica de almoço, das demais prefeituras das regiões paranaenses e cariocas presentes no evento.

Vários temas foram abordados em inglês de fronteiras com o Brasil.



O debate foi conduzido pelo grupo de estudos para as duas regiões e incluiu o debate.

A questão de segurança alimentar foi bastante discutida, fazendo comparações de situações nos dois variados estados brasileiros e argentinos.

Como assunto bastante abordado foi o Projeto Bilingüe, que, em fase piloto, atualmente envolve Domínio Cerqueira e Argentina. Existem 14 cidades no Brasil localizadas em regiões de fronteira de Uruguay sob a Bilingüe. Esse projeto constitui o Projeto Intercultural Bilingüe, do Ministério da Educação.

Desde o seminário foi estipulado como finalidade esse projeto em Domínio Cerqueira e Barracão. Três vezes ao semana, três professores brasileiros ministraram aulas de português na Escola 004, em Irigoyen, e três os mesmos educadores argentinos ensinaram espanhol na EEB Theodorico Carlos de Faria Berto, em Domínio Cerqueira.

E.E.B.Dr. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO
DIONÍSIO CERQUEIRA - SC

AVALIAÇÃO

IPOL - Stella

- Excelente, aberta, comunicativa, incentiva, humana, não se vê como chefe, olhar de apoio, contributiva, participativa, interativa.
- Não há imposições, incentiva para trabalhar numa metodologia processual.
- Que a renovação seja realizada ainda este ano para que no próximo ano se tenha acompanhamento desde o início do ano letivo.

IPOL - Gilvam

- Presença contagiante
- No início ficamos um pouco assustadas com tantos "por quês"
- Hoje, entendemos e percebemos que a Escola se organiza em cima dos princípios baseados na realidade.

Neuzanira Do Carmo
Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo

Lucia S. Farias
Lucia S. Farias

Docelina S. P. Daltoé
Docelina S. P. Daltoé

Salete Razera Belmonte
Salete Razera Belmonte

Lizette Volpatto Schereiner
Lizette Volpatto Schereiner

Maria Seloir Ceolin
Maria Seloir Ceolin

Mari C. Grando
Mari C. Grando

Criação:
Allan Carlos Girardi -
4ª série - 3ª

ESCOLA BILINGUE

Que massa! Onde você aprendeu a falar assim, Beto?

Te gostaria hablar español?

Lá na minha Escola. Na Theodureto. Ela é bilingue.

Escola bilingue? Mas... o que é Bilingue?

Bilingue é um novo modelo de Escola que ensina duas linguas, no nosso caso, o Espanhol.

Então cara! Você pode fazer a sua matricula na 1ª série. Eu estou na 2ª.

Até podemos almoçar juntos. AH! A minha Escola é de tempo integral.

Legal!

Ah! Eu também Quero aprender Espanhol. Mas sou pequeno, só tenho 06 anos.

Integral? Vocês ficam mais tempo na Escola?

Sim! Ficamos 08 horas. Temos mais tempo para aprender.

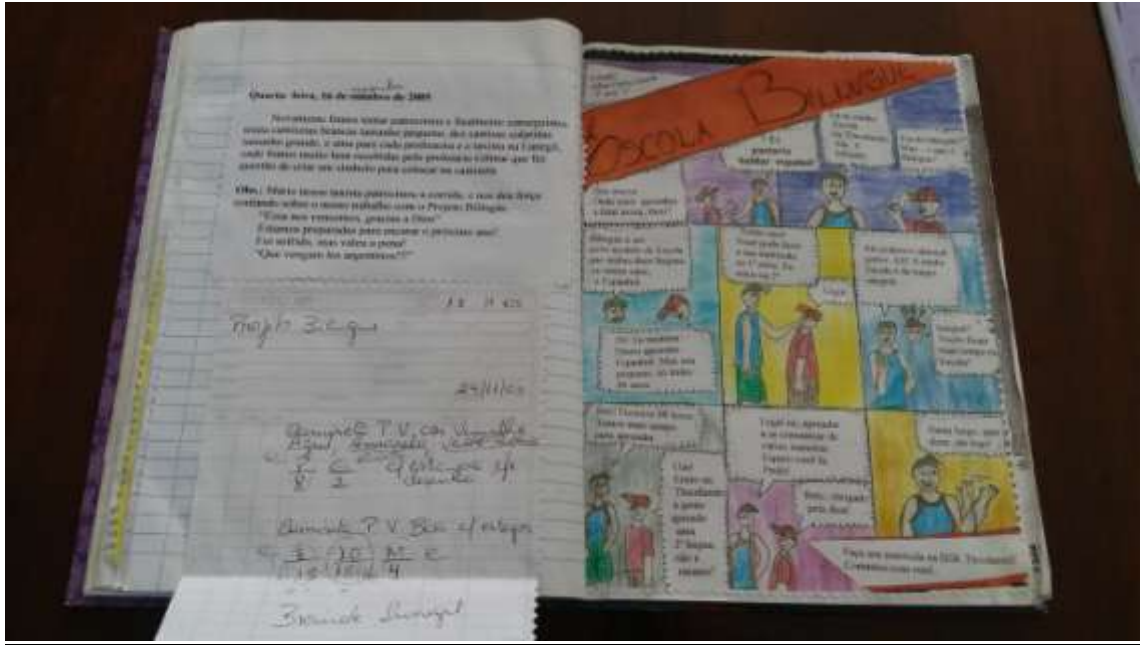
Legal né, aprender a se comunicar de várias maneiras. Espero você lá, Paulo!

Hasta luego, quer dizer, até logo!

Uau! Então na Theodureto a gente aprende uma 2ª lingua, não é mesmo?

Beto, obrigado pela dica!

Faça sua matricula na EEB. Theodureto. Contamos com você...



ESCOLA Dr. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO.
ESCOLA BILÍNGUE DE TEMPO INTEGRAL
DIONÍSIO CERQUEIRA – DEZ/05

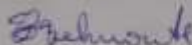
"Em um período em que as políticas de localização tornam-se tão necessárias para fazer frente aos movimentos hegemônicos de que a globalização é face visível, a Escola Bilíngue de Tempo Integral é o caminho para uma escola cidadã, mais bela, prazerosa e aprendente".

CONVITE

Sr. (a) Professor (a)

Estamos concluindo mais um ano letivo. O primeiro ano de Escola Bilíngue de Tempo Integral. É com muito orgulho que nossa Escola vem convidá-lo para participar do Ato de Encerramento que ocorrerá no dia seis (6) de dezembro/05. O evento terá como local a Escuela de Jornada Completa nº 604 Bilíngue Intercultural nº 01, de Bernardo de Irigoyen – Argentina, com início às 20h (horário brasileiro de verão). Neste Ato, todas as crianças apresentarão um número artístico e receberão seu Certificado de conclusão da Primeira Etapa Bilíngue.

Contamos com sua presença.


Salete Razera Belmonte
Diretora

Quinta-feira, 27 de outubro de 2005.

Obs.: Não houve aula, pois nesse dia choveu muito, e as professoras argentinas avisaram que poucos alunos na Escuela 604 foram a aula, e elas também não viriam ao Theodureto, nós atendemos os alunos brasileiros pois todos vieram.

Terça-feira, 01 de novembro de 2005.

Nesse dia planejamos a apresentação do Seminário Internacional sobre Segurança Alimentar e Nutricional e Alimentação Escolar em Cidades de Fronteira.

1º passo: Entram nove alunos e a professora Lúcia vestidos com bermudões, bonés virados de lado e camisetas, todos saltitam ao som da música "Ora bolas".

A professora joga uma bola nos pés dos alunos e eles jogam futebol (como na rua) No momento do verso "Na América do Sul", solta-se um globo (girando). No verso "E como é o planeta?", todos se aproximam e erguem os braços em direção ao globo "ajudando a segura-lo", no final da música eles formam um círculo.

2º passo: Entram as meninas vestidas com saias franzidas, babados e camisetas brancas e os meninos de bermudão e camisetas brancas, formam um círculo ao redor do 1º. Ambos giram, mas em lados opostos, cantando a música "Fui ao Peperi", brincando de roda com professora Neuzanira. No momento dos versos "O momento é esse a hora é agora", entram as bandeiras dos dois países.

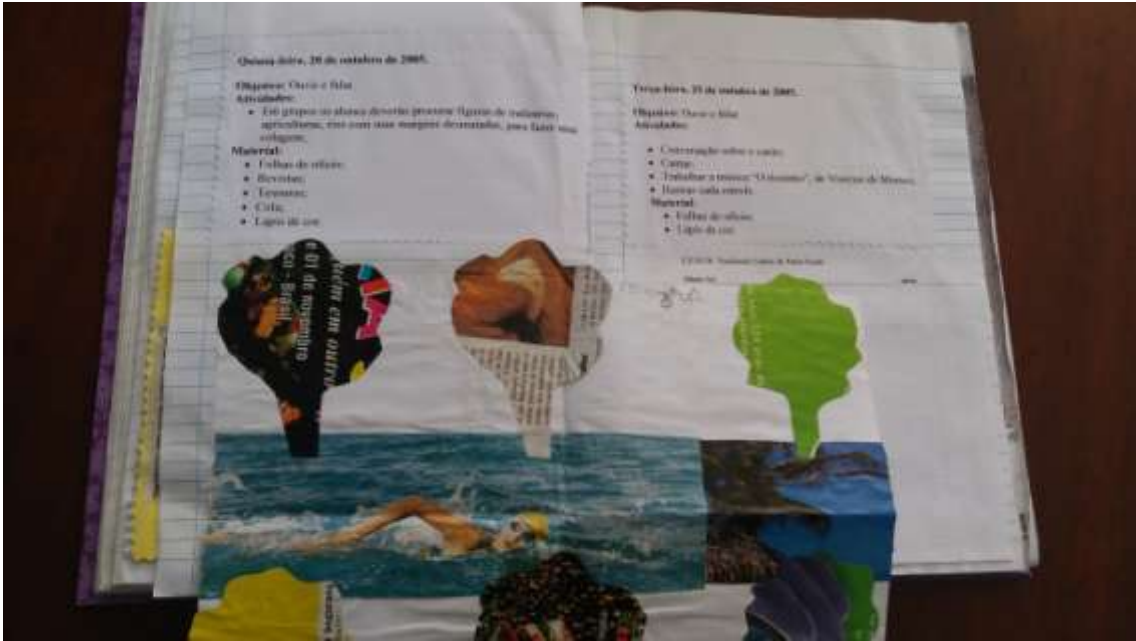
3º passo: As crianças entram vestidas com uma túnica marrom e segurando placas com desenhos de frutas, representando, assim, suas respectivas árvores, formando um novo círculo ao redor dos dois já existentes. Todos cantam a música "Pomar". Seguindo a ordem da canção erguem-se as placas das frutas.

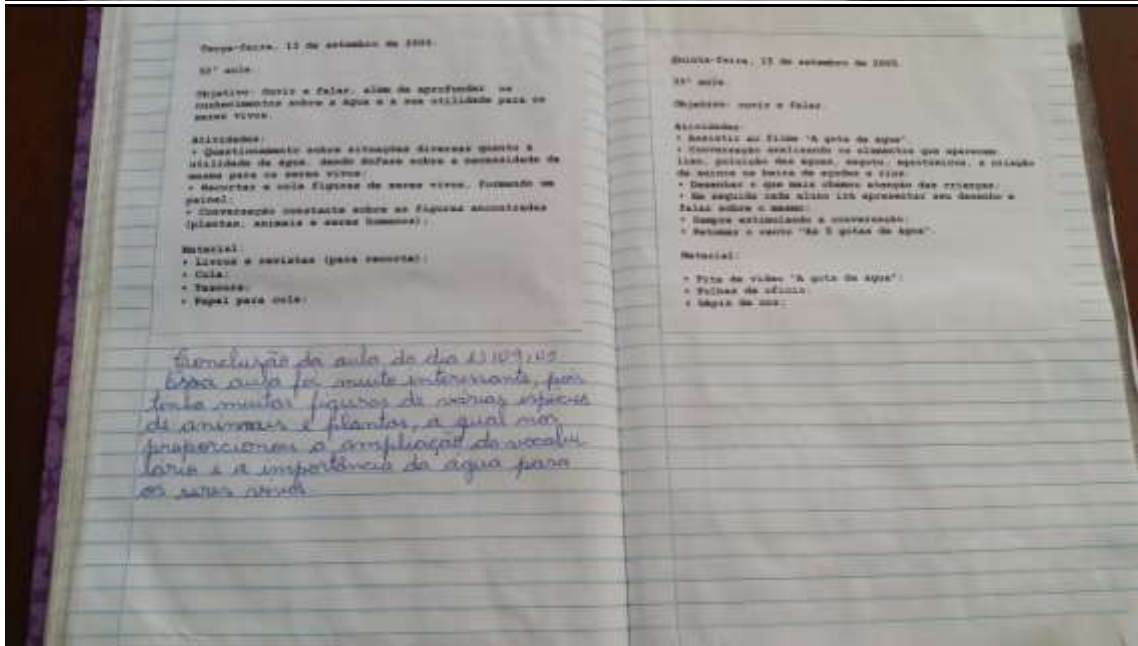
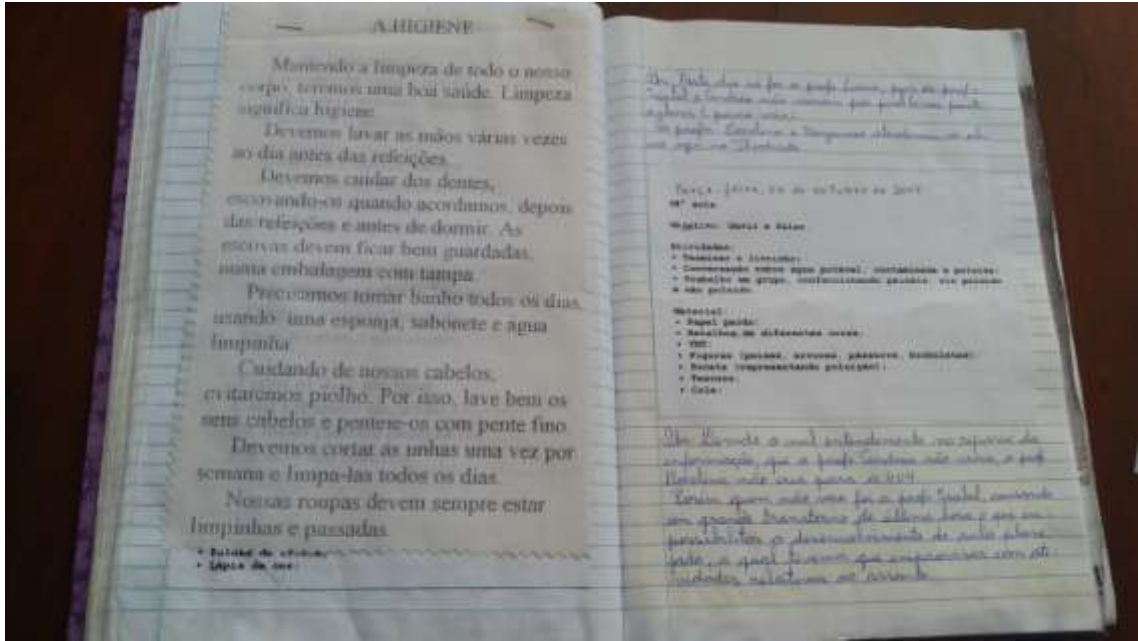
4º passo: Serão feitas perguntas pela professora Lúcia que todos os alunos deverão responder.

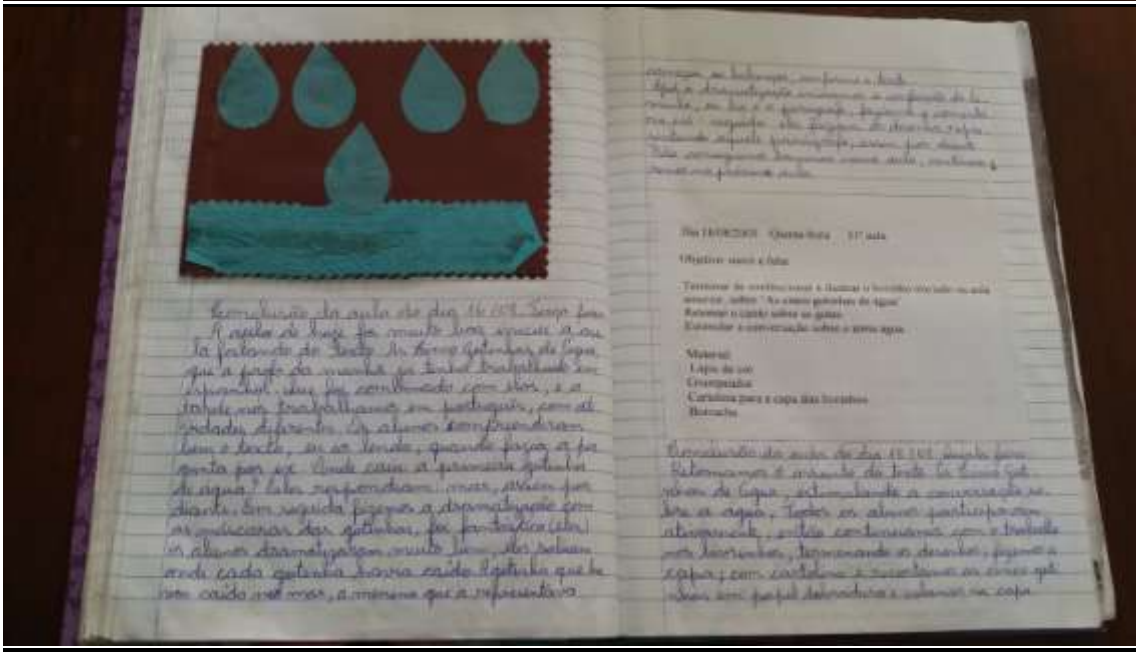
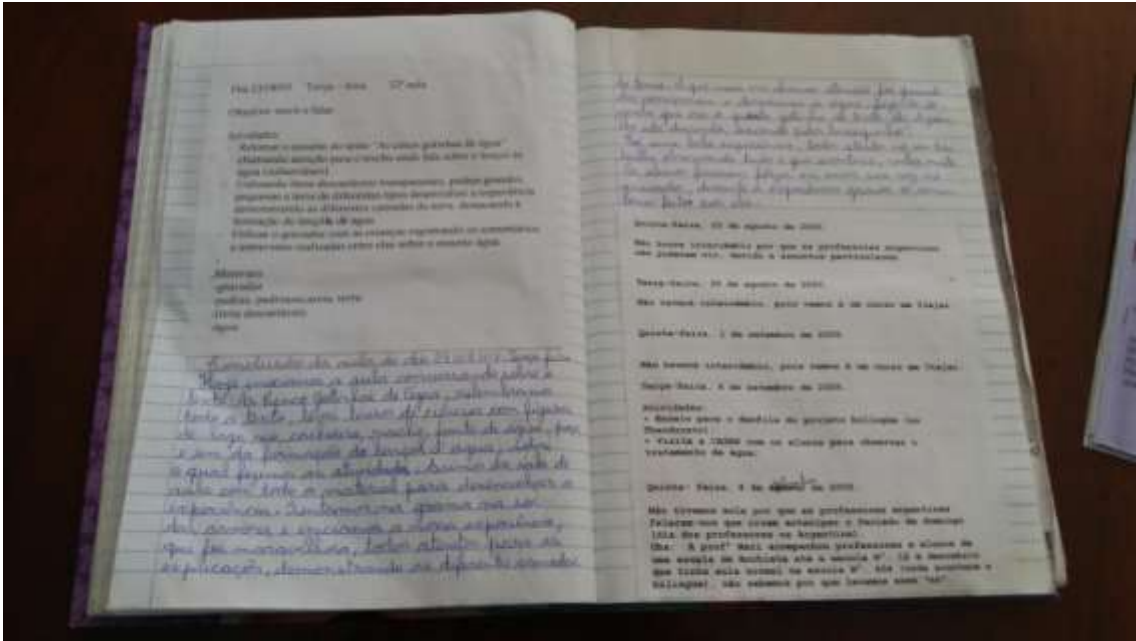
No momento em que é feita a pergunta: "Cadê a escola?", entram as bandeiras das escolas Theodureto e 604.

A professora fará a última pergunta "Ah me digam crianças que vamos fazer?" Todos juntos respondem "Crescer! Aprender! Viver!".

Em seguida abrem-se o 3º, o 2º e o 1º círculo indo alguns passos para trás, ficando de frente para o público desejando: "Bom dia! Bem vindos!"







A

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
EEB DR. THEODURETO CARLOS DE FARIA SOUTO
DIONISIO CERQUEIRA – SANTA CATARINA

ENCONTRO PEDAGÓGICO - 06/07/2005

- 8h- Boas-Vindas → Direção
8h 10min- Dinâmica: Atividades Físicas → Coordenação: Jaqueline e Ledi
8h30min- Apresentação de dados histórico/geográficos da Província de Misiones/Argentina
8h40min- Apresentação dos dados históricos/geográficos de Santa Catarina/Br
8h50min- Histórico de Implantação do Projeto: Modelo de Ensino Comum em Escolas de Zona de Fronteira- Educação Intercultural com ênfase no ensino do Português e do espanhol → Professor Gilvan (IPOL)
9h30min- Explicação da Experiência Bilingue – professoras da Escola 604 de Bernardo de Irigoyen/ Argentina – Andrea, Izabel e Suzana
9 h50min – Explicação da Experiência Bilingue - professoras da 1ª série da Escola Theodureto/Brasil - Neuzanira, Docelina e Lucia
10h10min- Coquetel Junino
10h25min – Dinâmica: Quadrilha Junina → organização Neuzanira, Docelina e Lúcia
10h40min – Apresentação do Documento: Proposta de Desarrollo Curricular: Elaboração MEC/Argentina → Stela/IPOL
12horas: Almoço → Cardápio: Feijoada
13h15min- Dinâmica para formação de grupos: Festa no Interior → Ivania, Ieda e Dilva
13h30min- Formação de Grupos: Apontamentos de Temáticas para Organização de Projetos Integrados – Escola Theodureto/Escola 604 → problematização e justificativa
15h15min – Intervalo
15h30min – Formação do grande Grupo - Exposição e Escolha da Temática para Organização do Projeto em Uruguiana na 2ª etapa de capacitação docente bilingue.

As leis dos meus olhos são feitas
por mim, até os dedos das mãos
não são iguais, têm loucos que se
olham no espelho e se acham
normais.

A criatividade consiste em ver o que todo mundo
vê e pensar o que ninguém pensa.

A visão tem que ser compartilhada
pelo grupo. Só assim é possível
atingir metas desafiadoras.

Ninguém ganha o jogo sem ter
ambição. Não se apaga o fogo
com fogo na mão.



BRASIL # SANTA CATARINA # DIONISIO CERQUEIRA

O Brasil possui um dos mais vastos territórios do mundo, 8.514.215km², o maior da América Latina e uma população total constituída de 169.799.170 habitantes (Censo de 2000-IBGE). Ocupa o 14º lugar na América latina e o 69º lugar no mundo em relação ao IDH (Censo ONU/2001).

Neste país a PEA (População Economicamente Ativa) abrange cerca de 47% da população absoluta, outros 30% formam a População Inativa (PI) (composta por crianças, adolescentes, adultos ou aposentados).

Atualmente, agricultura e pecuária empregam juntas cerca de 10% da população economicamente ativa e respondem por 8% do PIB anual do país.



Santa Catarina localiza-se na porção meridional do território Brasileiro, juntamente com o Paraná e o Rio Grande Do Sul, constituindo estes três estados a Região Sul do Brasil. Possui uma área oficial de 95.318,30 Km² (ocupa portanto 1,11% da área territorial brasileira). Conforme o censo de 2000 possui uma população assim distribuída: 2.669.311 população masculina, 2.687.049 população feminina perfazendo um total de 5.356.360 habitantes. Destes 78,7% residem no meio urbano e 21,3% no meio rural.

Dionisio Cerqueira, com uma área territorial de 409km², integra a Microrregião da AMEOSC. Limita-se ao Norte com os municípios de Barracão/PR e Flor da Serra do Sul/PR, ao Leste com o município de Palma Sola/SC, ao Sul com os municípios de Guarujá do Sul, São José do Cedro e Princesa, todos integrantes do Estado de Santa Catarina, ao oeste com Bernardo de Irigoyen/República Argentina.

Nesta década a base econômica do município continua sendo a agropecuária, com destaque na criação de animais como: suínos, bovinos e aves. Na agricultura predomina o minifúndio, cujos principais produtos cultivados são, em ordem de prioridade: o milho, o fumo, o feijão, a soja, o trigo, as frutas e hortaliças.

O Censo de 2000 registrou uma população total de 14.253, destes 7.171 são homens e 7.082 são mulheres. Residem no Meio urbano 8.603 habitantes e no meio Rural 5.650 habitantes.

MISIONES "LA HERMOSA"

Misiones, Provincia de la república Argentina que se encuentra en el extremo nororiental del país. Está rodeada por fronteras internacionales y sólo se unen al territorio nacional a través de la provincia de Corrientes, por el sur. Al este y norte limita con Brasil, del cual las separan los ríos Iguazú, San Antonio, Peperi Guazú y Uruguay, y al oeste con Paraguay, donde el límite está trazado siguiendo el curso del Río Paraná.

Misiones, Corrientes Y Entre Ríos forman la región Mesopotámica.

Misiones se divide en diecisiete departamentos que a la vez se dividen en municipios.

Bernardo de Irigoyen, San Antonio y Cmdte Andres Guacurari pertenecen al departamento Gral Manuel Belgrano.

Bernardo de Irigoyen se encuentra aproximadamente a 100 km de Eldorado, ciudad mas proxima y a 320 km aproximadamente de Posadas, capital de Misiones.

Bernardo de Irigoyen es un punto extremo y esta a 853 mtrs sobre el nivel del mar. Limita con dos estados de Brasil: Santa Catarina y Paraná.

Bernardo de Irigoyen el 11 de julio estará cumpliendo 86 años.

POBLACIÓN DE MISIONES: 963.869 habitantes

DPTO GRAL M. BELGRANO: 33.152 habitantes

BARNARDO DE IRIGOYEN: 18.000 habitantes

(Fuente: Atlas "Lesa". Censo 2001) (Enciclopedia Microsoft Encarta 2004)



que em uma sessão dramatiza a música, e até em um filme mais moderno e como uma com vários vídeos por vídeo.

Quando se segue a colocação de uma música, com música e como mesmo um por dentro, então falamos que ela se apresenta, não pode fazer um teste de prova, não é a nível para passar, quando se segue, então para isso, com ela estamos em silêncio esperando, quando não vamos, ficamos esperando e depois a figura sobre a dramatização.

Deixar sempre ficarem quando eles se vão, tem de brincar, eu e ela.

A parte final, então, finalmente, então eles se sentaram muito juntos.

Retornando sobre a sala de aula, fizemos a conexão, que foi muito boa, de dar quando falar, ao mesmo tempo, eu sabia mais que o outro, foi gratificante demais.

Após a conversa, então, a dúvida é que eles respeitaram e os outros parecem não.

Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".

Conclusão da aula de dia 07/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.

Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".

Conclusão da aula de dia 08/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.

Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".



Conclusão da aula de dia 09/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.

Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".

Conclusão da aula de dia 10/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.

Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".

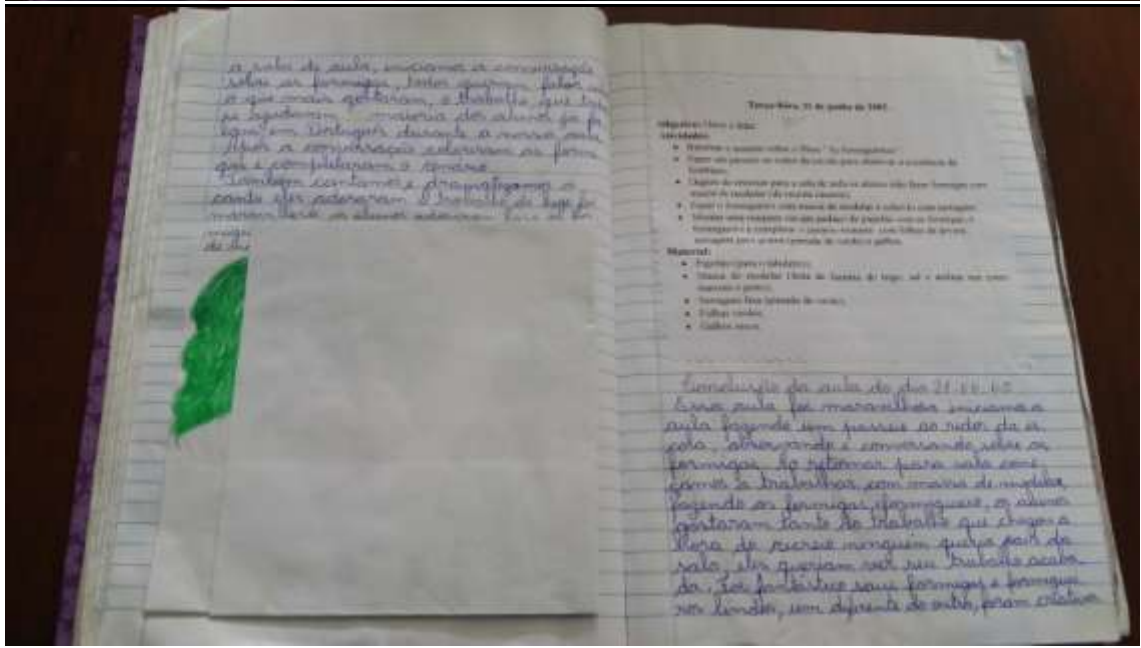
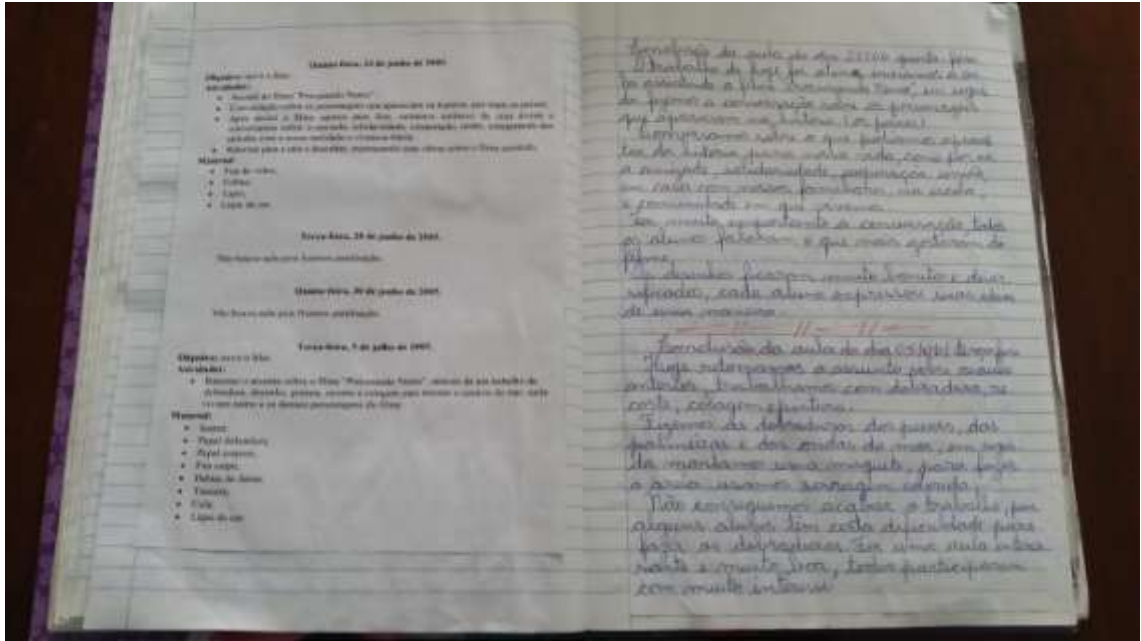
Conclusão da aula de dia 11/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.

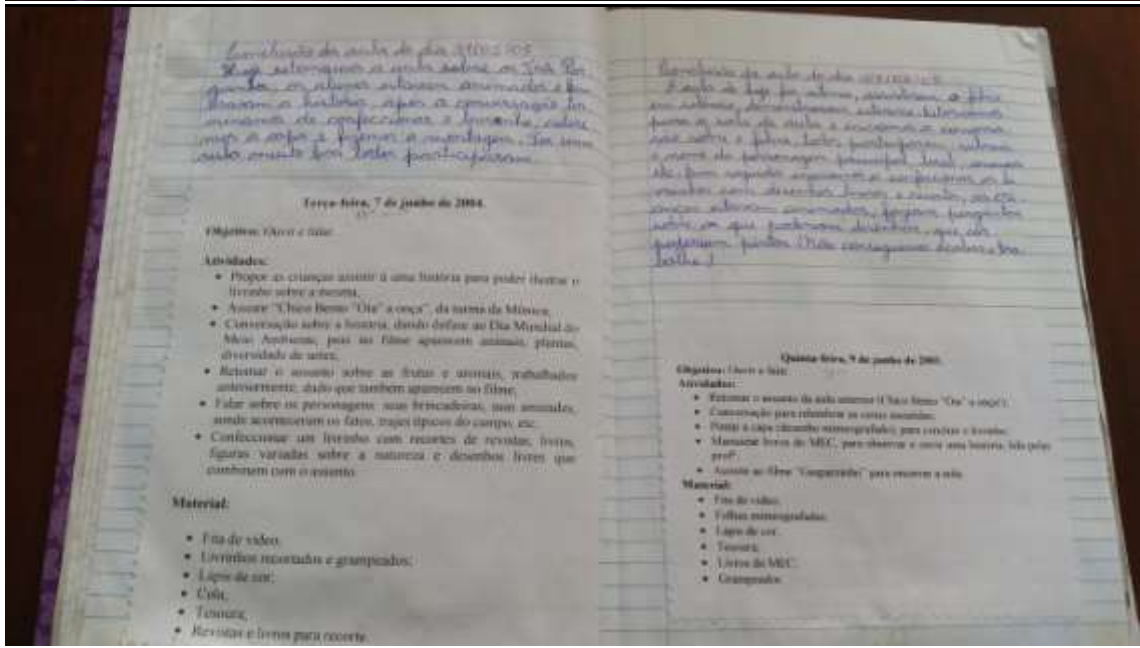
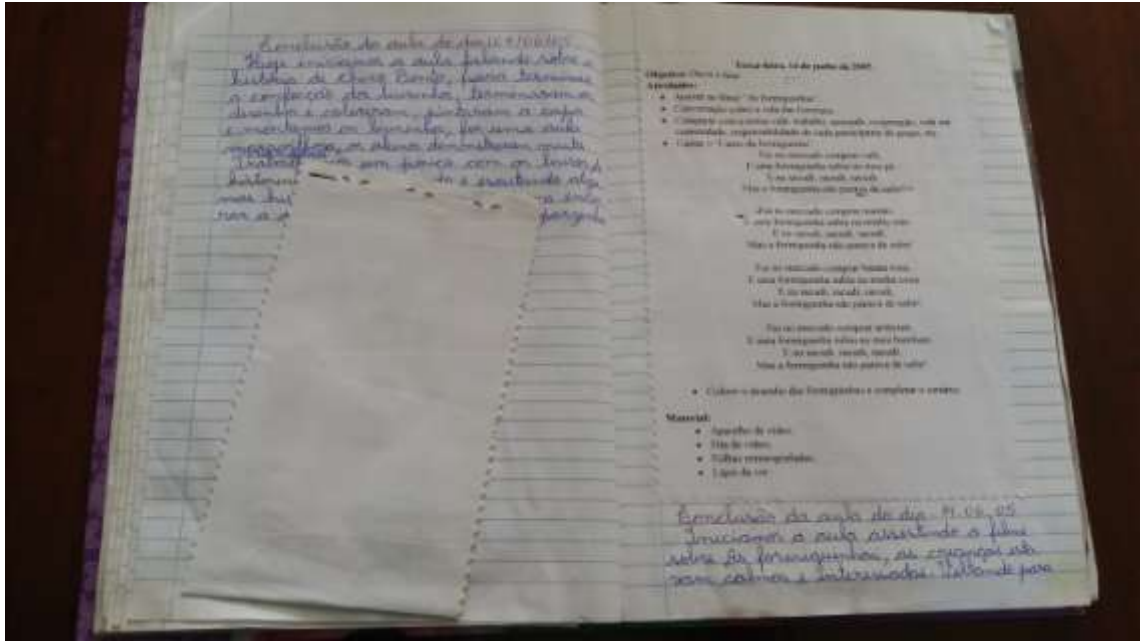
Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".

Conclusão da aula de dia 12/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.

Objetivo Geral e Específico
 - Objetivo Geral: "Desenvolver a habilidade de ouvir e compreender o que o outro diz."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam expressar suas ideias e sentimentos de forma clara e organizada."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam trabalhar em grupo e cooperar entre si."
 - Objetivo Específico: "Fazer com que os alunos possam desenvolver a capacidade de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula."
Materiais
 - Livro de texto.
 - Fita de vídeo "O Planeta Terra".

Conclusão da aula de dia 13/07/2011
 A aula de hoje foi ótima, os alunos participaram muito, fizeram perguntas e responderam, e isso é muito bom. Eles gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula. Eles também gostaram de trabalhar em grupo e cooperar entre si. Eles também gostaram de ouvir e compreender o que o outro diz, em um contexto de sala de aula.





Quinta-feira, 12 de maio de 2005.

Objetivo: reforçar a conversação sobre as frutas.

Atividades:

- Confeção de máscaras representando as frutas (pintar, recortar e colar palitos);
- A professora irá ler as quadrinhas sobre as frutas representadas nas máscaras, os alunos que tiverem a respectiva fruta dramatizaram a quadrinha.

Todos: Frutinhas saborosas
De que se faz a salada
Somos todas deliciosas
Bastante requisitadas.

Fazendo-se com jeito
Esplêndida mistura
Com açúcar e com gelo
É bem doce aventura.

Laranja: Aqui está meus senhores
A mais rica em vitaminas
Sou a laranja garbosa
Favorita das meninas.

Banana: Represento a banana
A frutinha popular
Para grandes e pequenos
Sou a riqueza do lar.

Pêra: Esta pêra tão tristonha
Que eu trago na minha mão
De países tão distantes
Ela traz recordação.

Mamão: E agora, meus senhores
Um minuto de atenção
Pra quem tem dispepsia
O remédio é o mamão.

Abacaxi: Eu me acho acanhado
Representando isto aqui
Hoje em dia está na moda
Tudo ser abacaxi.

Uvas: Sou a uva redondinha
Que no vinho sou bebida
Dentre muitas outras frutas
Sou por todos preferida.

Cesta: De uma a uma caíram
Na cesta estas frutinha
Para virarem saladas
E alimentar crianças.

• Adivinhas:

1. Sou pretinha por fora e branquinha por dentro.
Jabuticaba.
2. Sou vermelhinho e fico muito gostoso em geléias, sorvetes e com chantilly.
Morango.
3. Sou redondinha, amarela e tenho suco.
Laranja.
4. Sou amarelo por fora e tenho bolinhas pretas por dentro.
Mamão.
5. Meu caroço é grande e quando comem se lambuzam.
Manga.
6. Sou vermelha ou verde, redondinha e meu nome se escreve com quatro letras.

Exercício 14 de abril de 2022
 4.ª série

Objetivo: analisar o significado das palavras "intencional" e "deliberado" e aplicar esse conhecimento em situações de comunicação.

1. Ler o texto e responder às perguntas.

- 1.1. O que significa "intencional" e "deliberado"?
- 1.2. Como se relacionam essas palavras com a comunicação?
- 1.3. Dê exemplos de situações em que essas palavras são usadas.
- 1.4. Como se relacionam essas palavras com a comunicação?
- 1.5. Como se relacionam essas palavras com a comunicação?
- 1.6. Como se relacionam essas palavras com a comunicação?

Material:

- Lápis verde
- Fita adesiva ou cravinhos coloridos
- Lápis de cor
- Borracha
- Alfinete
- Cola
- Fita de tecido

Conclusão
 Os alunos leram o texto e analisaram as palavras "intencional" e "deliberado" que estavam sublinhadas e que estavam em negrito. Depois responderam as perguntas sobre o texto e em alguns lugares sublinharam todas as palavras e os demais personagens.

Na primeira aula que vamos ensinar os alunos falando algumas palavras com os alunos e demonstram intencional e quando curiosidade por palavras que não sabem com.

Conclusão
 Os alunos leram o texto e analisaram as palavras "intencional" e "deliberado" que estavam sublinhadas e que estavam em negrito. Depois responderam as perguntas sobre o texto e em alguns lugares sublinharam todas as palavras e os demais personagens.

Na primeira aula que vamos ensinar os alunos falando algumas palavras com os alunos e demonstram intencional e quando curiosidade por palavras que não sabem com.

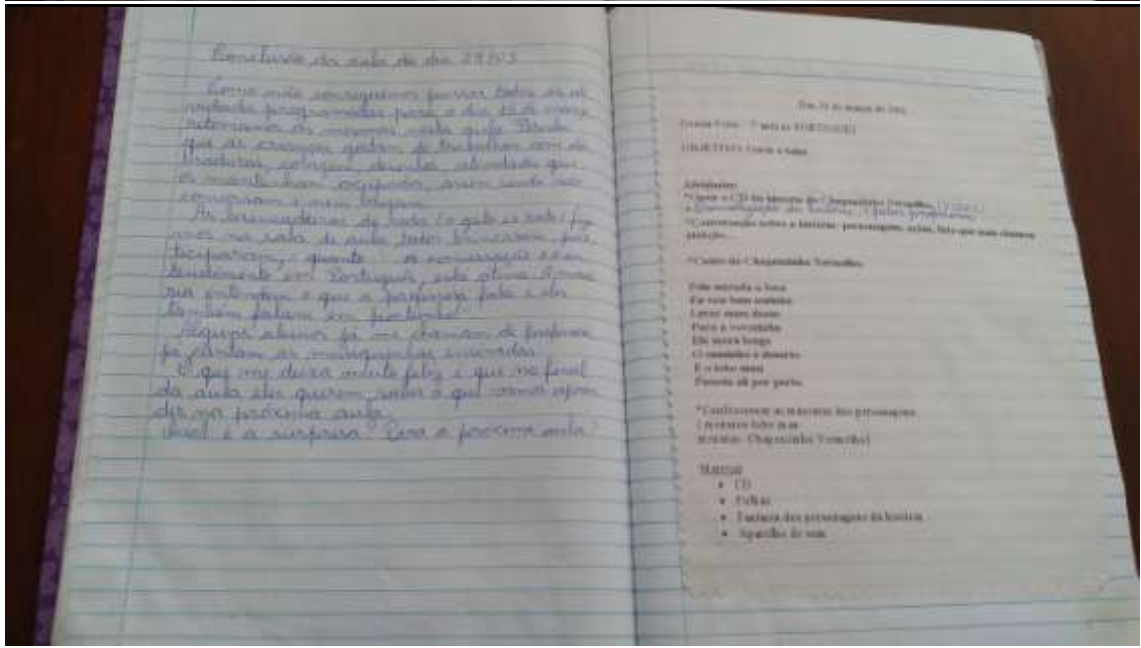
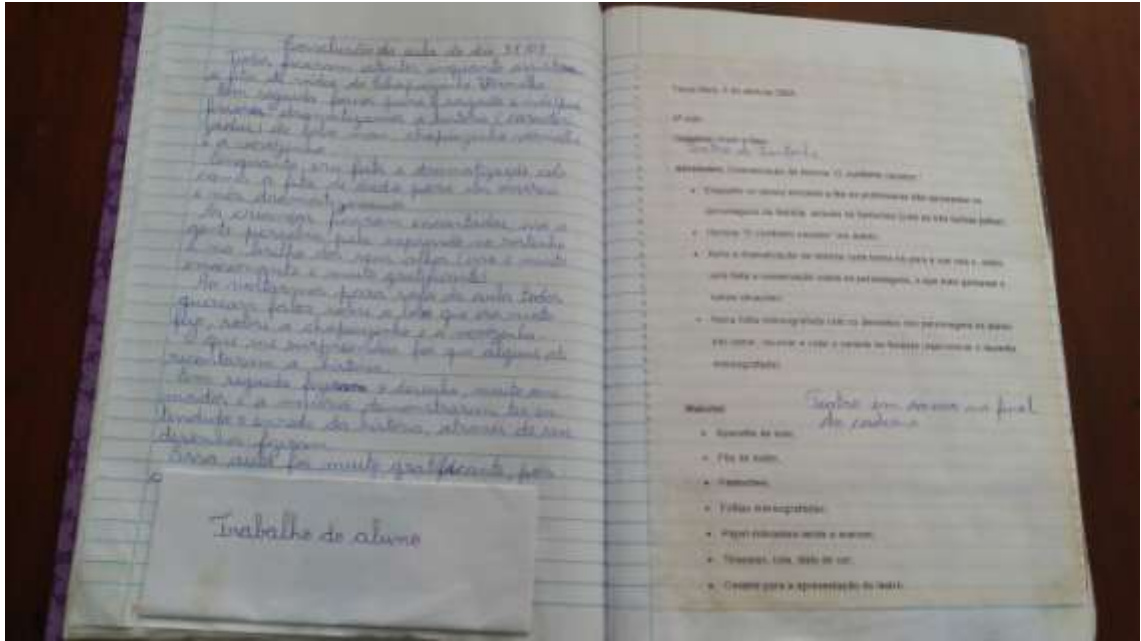
Material:

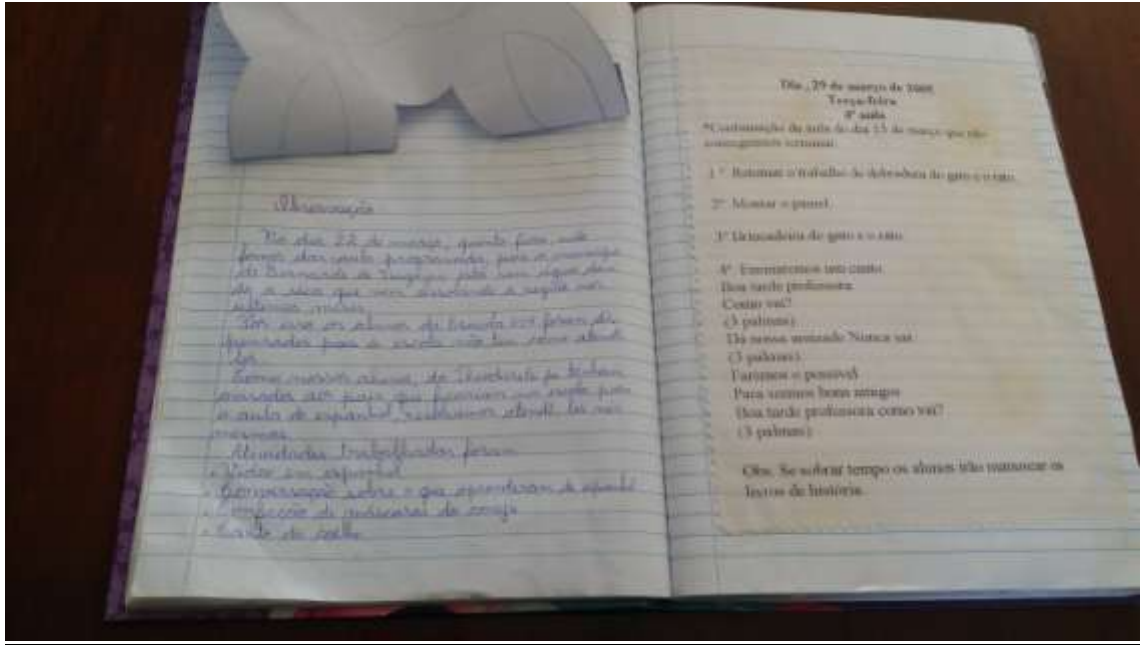
- Lápis verde
- Fita adesiva ou cravinhos coloridos
- Lápis de cor
- Borracha
- Alfinete
- Cola
- Fita de tecido

Conclusão
 Os alunos leram o texto e analisaram as palavras "intencional" e "deliberado" que estavam sublinhadas e que estavam em negrito. Depois responderam as perguntas sobre o texto e em alguns lugares sublinharam todas as palavras e os demais personagens.

Na primeira aula que vamos ensinar os alunos falando algumas palavras com os alunos e demonstram intencional e quando curiosidade por palavras que não sabem com.







Observação

No dia 22 de março, quando fomos até
 fazer o dia de programação para o aniversário
 do Bernardo de Souza, pude ver alguns
 de a ideia que vem desde de a seguir um
 sistema melhor.
 São esse os alunos de história e os professores
 de história para a escola não tem como
 ser.
 Como muitos alunos de história se tinham
 vontade de fazer um projeto em grupo para
 a escola de história, eu acho que não tem
 como ser.
 Atividade trabalhada foram
 - História em quadrinhos
 - Apresentação sobre a que aconteceu a escola
 - Imagem de quadros de história
 - Livro de história

Dia, 29 de março de 2008
 Terça-feira

3ª aula

*Conteúdo de aula do dia 23 de março que não
 aconteceu normal

- 1º Retomar o trabalho de observação do gato e o rato.
- 2º Mostrar o papel.
- 3º Detecção de gato e o rato.
- 4º Enumeração em conto:
 Boa tarde professora
 Como vai?
 (3 palavras)
 Da mesma maneira: Nunca vai
 (3 palavras)
 Fartura e possível
 Para termos bons amigos
 Boa tarde professora como vai?
 (3 palavras)

Obs: Se sobrar tempo os alunos vão trabalhar os
 textos de história.

Dia , 29 de março de 2005

Terça-feira

4ª aula

*Continuação da aula do dia 15 de março que não conseguimos terminar.

1º Retomar o trabalho de dobradura do gato e o rato.

2º Montar o painel.

3º Brincadeira do gato e o rato.

4º Ensinaremos um canto

Boa tarde professora

Como vai?

(3 palmas)

Dá nossa amizade Nunca sai

(3 palmas)

Faremos o possível

Para sermos bons amigos

Boa tarde professora como vai?

(3 palmas)

Obs. Se sobrar tempo os alunos irão manusear os livros de história.

Dia 29 de março de 2005
3ª aula

Objetivo: Ouvir e falar.

- Ouvir a estória do coelho em CD;
- Conversar sobre a estória.
- Cantar a música "Coelhinho", dramatizando;

Coelhinho

De olhos vermelhos
De pelo branquinho
Dou pulos bem alto
Eu sou coelhinho

Sou muito assustado
Porém sou guloso
Por uma cenoura
Já fico manhoso

Eu pulo pra frente
Eu pulo pra trás
Dou mil cambalhotas
Sou forte demais

Comi uma cenoura
Com casca e tudo
Tão grande ela era
Fiquei barrigudo

- Confeção de uma máscara de coelho (pintar e recortar a máscara, deixando a parte central furada para que apareça o rosto do aluno, no qual será pintado os bigodes e o nariz).

Material:

Cartolina, barbante, tinta guache, caneta hidrocor, CD e aparelho de som.

Conclusão da aula do dia 17/10/3

Após assistirem a fita de Tom e Jerry, mesmo que não tenha funcionado bem o vídeo, os alunos voltaram para suas salas e foram feitas perguntas sobre a mesma e conversado sobre o que assistiram. Em seguida pintaram as folhas mimeografadas, recortaram e fizeram a montagem (dobraduras) do gato e o rato.

Hoje os alunos estavam mais calmos embora muitas não tenham se comportado muito bem, já foi possível fazer um bom trabalho e a conversação pode ser estabelecida.

Todos participaram do trabalho de recorte e colagem onde houve um diálogo maior com muitas perguntas feitas pelos alunos.

O que se percebe é que quando a coordenadora entra na sala os alunos ficam mais agitados. Outro problema que enfrentamos é a falta de limpeza na sala, tem muito pó, papel, muito lixo na sala, não é varrida, o chão sujo, as carteiras tem sobras de comida, o que dá uma aparência desagradável, o que desestimula os alunos.

Se o ambiente fosse mais acolhedor e limpo os alunos se sentiriam melhores e nós também.

2ª Aula Dia 15/03/2005

- Desenho animado em vídeo com Tom e Jerry.

Conversação

- Dobradura de um gato e um rato.

Desenhar na dobradura as partes do rosto, boca, olhos e nariz.

Colorir a dobradura.

Dialogar sobre as diferenças nos trabalhos (cor.) dos alunos.

Cada um escolhe um nome para o gato e o rato.

- Dinâmica

Brincadeira do gato e o rato, explicar como se desenvolverá a brincadeira.

Escolher os personagens: o gato, o rato e a porta.

Os demais componentes fazem um círculo formando um relógio.

A porta faz parte do círculo e fica virado para fora.

O gato fica fora do círculo.

O gato chega até a porta e pergunta:

— O rato está em casa?

— Não!

— A que horas ele chega?

— A porta diz a hora (até as dez, mais ou menos)

O gato vai em torno do círculo perguntando a hora, é uma, é duas, é três... (até chegar a hora marcada)

O gato pede licença para entrar, e o rato que está dentro do círculo foge do gato. O

círculo prende o gato e solta o rato. O gato tenta fugir do círculo para perseguir o rato.

O gato fora do círculo alcançando o rato acaba a brincadeira.

Novos personagens são escolhidos e a brincadeira recomeça.

— Para o aluno colorir, recortar e montar o rato, gato e o cachorro

Material - 1ª aula

- CD história da fada → Fada Mil Bores
- Fantasia de Fada
- Livros de estorinhas de fada.
- Folhas de ofício (30)
- Aparelho de som.
- Papel pardo (mural)
- Percevejo, cola,



Conclusão do trabalho:

Chegamos na escola 604 no dia 15 de março as 13:00 horas. Nos vestimos de fada (branca, amarela e azul), e o diretor encaminhou-nos para a sala onde os alunos estavam a nossa espera.

Batemos na porta e entramos cautelosamente, fazendo suspense, durante a conversação de auto-apresentação e de como o projeto iria funcionar, todos encantados com a nossa presença e com a nossa abertura mágica, tal reação ficou evidente nos colegas professores, funcionários e demais alunos, tínhamos atingido nosso objetivo.

Inicialmente os alunos ficaram surpresos e atentos, por outro lado havia interferência de pais, alunos e professores de outras séries nas janelas e portas, o que dificultou o trabalho durante a aula, pois os alunos se desconcentravam ficando desatentos. Alguns ficaram o tempo todo querendo sair, subindo nas carteiras, brincando, bem indisciplinados, sem limites.

Durante as atividades do desenho da fada demonstraram mais interesse, boa parte deles apresenta dificuldade de concentração e compreensão.

No momento em que colocamos o CD com a história da fada que representávamos ficaram ouvindo atentos. A atividade desenvolvida na área externa com a música "A canoa virou", foi muito tumultuada pois havia a presença da RBS - TV filmando a atividade, e também de outras pessoas adultas nos observando, os alunos ficaram inquietos e desorganizados.

Embora tenhamos tentado fazer o melhor possível, mesmo com dificuldades pois a nossa coordenadora Mari ainda não foi dispensada das aulas para nos orientar, estamos tendo por parte da direção e da Profª Lizete, supervisora da escola, um grande apoio.

Um ponto que nos não achamos conveniente foi a presença quase que continua da supervisora Fátima, da escola 604, dentro da sala de aula com três alunos do 6º ano que diziam ser auxiliares fazendo com que os alunos da 1ª série mais desatentos, querendo chamar atenção, inventando brincadeiras. Não entendemos tal atitude pois no encontro de Passo De Los Libres, isto não foi acertado.

PLANEJAMENTO DA ESCOLA BILINGUE

Primeira Aula 10/03/05

Objetivo

Ouvir e falar



- Apresentação da professora
Vestida de fada a professora bate na porta, pede licença e com suspense se apresenta classe conversando.
Que é esta fada? O que estou fazendo aqui?
Estou aqui para conversar, brincar e ensinar coisas boas, estaremos juntos duas vezes por semana, faremos muitas coisas lindas, vocês terão alegria em estar aqui, será muito bom, haverá muitas surpresas.
Que nome vocês acham que essa fada tem? (Levantar muitas possibilidades, falar de onde vem...)
Colocar-se dentro de uma história boa que vai acontecer semanalmente.
Distribuir folhas para que as crianças desenhem sua fada protetora, que escolham um nome para ela.
Montar um mural na sala onde os desenhos serão expostos.
Ler uma história de fada estimulando a conversação.
- Apresentação do canto " A canoa virou"
Conversação sobre as regras do canto.
Convidar as crianças para irem ao pátio da escola. Formar um círculo de mãos dadas, com os rostos para dentro do círculo, girando e cantando:
" A canoa virou
por deixar ela virar
foi por causa da...
que não soube remar."
Cada criança citada virará no círculo ficando com o rosto do lado de fora. Quando todas forem chamadas canta-se
" Se eu fosse um peixinho
se soubesse nadar
eu tirava a ...
do fundo do mar"
Ao citar o nome, cada criança virará novamente para o centro do círculo.
Durante todo o tempo observações orais espontâneas sobre as situações observadas.
- Reconhecimento das dependências em torno da escola, os alunos irão mostrar, estimular a conversação com diálogos espontâneos sobre o que vai sendo observado.
- Levar livrinhos com historinhas de fada -

Conversação e animação

Brasil e Argentina estalam escola bilingüe em SC:

O ministro da Educação do Brasil, Tarso Genro, e da Argentina, Daniel Filmus lançam, nesta sexta-feira (4), às 14 horas, em Dionísio Cerqueira, o Programa de Ensino Comum em Escolas de Fronteira. O governador de Santa Catarina e da Província de Misiones, na Argentina, participam do lançamento e inauguram a primeira Escola Bilingüe para o ensino de espanhol-português na fronteira entre Bernardo de Irigoyen, capital de Misiones, e Barracão, no Paraná. Com o lançamento, os dois governos começam a pôr em prática um conjunto de ações comuns em diversas outras áreas, como saúde, infraestrutura, trabalho e energia, dentro do acordo Santa Catarina-Misiones.

De acordo com o secretário de Estado da Educação e Inovação Jacó Anderle, que também participa da missão em Dionísio Cerqueira, o objetivo é iniciar pela educação medidas que favoreçam a integração e o desenvolvimento regional, levando em conta o aspecto híbrido da cultura nas áreas de fronteira. A programação inicia às 10 horas, com a visita das autoridades argentinas e brasileiras à Escola de Educação Básica Dr. Theodoreto Carlos de Faria, em Dionísio Cerqueira, e à Escola Nº 604, em Bernardo de Irigoyen, onde também será implantado o ensino bilingüe. A parceria é fruto de inúmeras reuniões de trabalho entre dirigentes da Secretaria da Educação catarinense e do ministério argentino, iniciadas em agosto de 2003, dentro do acordo global.

A Escola Bilingüe será constituída por professores habilitados em ambos os países que receberam capacitação durante o mês de fevereiro. Trinta e cinco professores argentinos e brasileiros trabalharão nas escolas dos países vizinhos. O lançamento foi definido pelos Ministérios da Educação do Brasil e da Argentina e técnicos da Secretaria da Educação em encontro ocorrido em Pasos de Los Libres, na Argentina, em 14 de fevereiro.

Os alunos continuarão a ser alfabetizados na língua materna, como determina a lei dos dois países e o ensino do segundo idioma será centrado na prática da oralidade e no lúdico, com a utilização de material didático nas duas línguas. "A Alfabetização ocorrerá no turno normal, enquanto no período alternativo os alunos terão atividades bilingües diversificadas, como oficinas de artes", explica o coordenador do projeto da SED, José Raul Staube.

Inicialmente, o projeto contempla, além da escola catarinense, uma da Argentina e outra da cidade de Uruguiana, do Rio Grande do Sul, totalizando cerca de 330 alunos das primeiras séries do ensino fundamental. No próximo ano o projeto será ampliado para as outras três séries do fundamental para até 2006 abranger também o ensino médio.

Dentro do sistema "escola-espelho", a EEB Theodoreto Carlos de Faria Souto atuará em conjunto com a Escola de Educação Geral Básica Mayor Juan Carlos Leonetti, de Bernardo de Irigoyen. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Centro de Atendimento Integral à Criança, localizada em Uruguiana (RS), atuará com a Escola de Educação Geral Básica Vicente Eládio Verón, de Pasos de Los Libres, Província de Corrientes.

Secretaria de Estado da Educação e Inovação.

ESCUELA DE FRONTERA 604 DE J.C. BILINGÜE INTERCULTURAL N°1

1°AÑO "PLUTO"

1	FRANCISCONI MAIRA BELEN	29/12/98
2	MELGAREJO MICAELA SOLEDAD	04/02/99
3	PENTEADOS DOS SANTOS ROSANA	12/06/98
4	CAMPOS DOS SANTOS MICAELA	30/12/98
5	AVALOS DALIANA	
6	PINNO CAMILA SOLEDAD	09/10/98
7	GOMEZ LUZ CAROLINA	04/05/99
8	BABOZA LETICIA DAMARIS	27/06/99
9	OLIVEIRA MARIA SOLEDAD	27/01/98
10	VEDOY BRENDA GISEL	
11	LIMA YAQUELINE	21/05/99
12	VIEIRA CELESTE ALDANA	23/12/98
13	CORREA YESICA PAMELA	12/11/98
14	SOSA PRISILA RAFAELA	12/12/98
15	DE OLIVERA ANDREA	22/02/99
16	VALLEJOS LEONARDO NICOLAS	03/12/98
17	BAEL ALEXANDER HUGO	21/01/99
18	LIETES JOSE AGUSTIN	15/11/98
19	ROMERO CESAR	
20	VCAZVWSKI FACUNDO	14/11/98
21	BENITEZ CARLOS ALEJANDRO	18/12/98
22	NUNEZ JONATAN MICAEL	16/09/98
23	VELOSO JOSUE IVAN	06/10/98
24	BRETTIN KEVIN NAHUEL	12/04/99
25	DE ALMEIDA ALEJANDRO	29/06/99
26	VERA JONATHAN	
27	LEITES GUILLERMÓ AGUSTIN	

PROF.: ISABEL















APÊNDICE 25 – TRANSCRIÇÃO NA ÍNTEGRA DA 3ª ENTREVISTA COM A PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO

Transcrição na íntegra da 3ª entrevista com a Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.

TRANSCRIÇÃO DA 3ª ENTREVISTA

Nome da entrevistada: Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo

Local da 3ª Entrevista: Casa da entrevistada – Dionísio Cerqueira/SC

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Transcritora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 18/04/2017, período matutino

Tempo de duração da entrevista: 02:48 min

Hora de início da entrevista: 08:30

Hora do término da entrevista: 12:50 (incluindo as pausas)

Data da transcrição: 31 de março de 2017

Tempo de transcrição: 8: 55 horas

Fernanda – Então tá ligadinho profe... quando quiser começar, você pode começar! ... Se quiser olhar por aqui... por ali, se quiser pegar as palavras... tanto faz! (Pausa) (A entrevistada aponta para uma das palavras-chaves PEIBF) Programa Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira... no tempo de vocês, acho que o programa... ele tinha outro nome... Como era o nome do programa do início?

Neuzanira – Era... Escola de Fronteira Bilíngue 604...

Fernanda – É! Esse é nome atual dele, se você for procurar... né, atualmente! A profe Lúcia também estranhou... acho que mudou depois que vocês saíram...

Neuzanira – É... depois que nós saímos...

Fernanda – Então... essa sigla... nem saberia o que significa?

Neuzanira – É... é! Eu não! Porque no nosso tempo... Programa Escola de Fronteira Bilíngue 604...

Fernanda – Programa Escola de Fronteira PEF

Neuzanira – É... a e nem tinha... a...

Fernanda – Interculturalidade?

Neuzanira – Não... a abreviação... era só escola de fronteira e... bilíngue 604 e só...

Fernanda – só...

Neuzanira – É! E na Argentina era a 604 e aqui o Theodureto... e só!

Fernanda – Só!

Neuzanira – Não tinha nada de outras coisas...

Fernanda – E tu acompanhou assim... o processo inicial do programa? A implantação na escola... ou quando vocês chegaram já estava tudo... pronto...

Neuzanira – Não! Na realidade... foi assim... uma conversa do governo aqui do Brasil com o da Argentina, onde os ministros já tinham conversado... já tinham documentos, que inclusive eu tenho ali... então... acharam que melhor, né... porque estudaram as cidades, as localizações e acharam melhor... das fronteiras...

Fernanda – Qual era melhor.

Neuzanira – É... e das que tinha maior facilidade e contato era nós... porque lá em Foz do Iguaçu... é mais longe e tem a ponte...

Fernanda – Aham... tem a ponte...

Neuzanira – Ponte.. muito tumulto! E aqui... como é divisa seca... né... também... ai implantaram em Paso de los libres e Uruguaiana também...

Fernanda – Foi ao mesmo tempo né?

Neuzanira – Isso... foi ao mesmo tempo que aqui! E inclusive nossa primeira... primeiro treinamento, e nosso conhecimento do que... seria a escola bilíngue se deu... foi em Paso de los Libres...

Fernanda – A primeira formação...

Neuzanira – A primeira formação... e veio o pessoal da IPOL... tinha o professor Giovan... que era um gênio!

Fernanda – Quem dava o assessoramento pra vocês era o IPOL?

Neuzanira – Era o IPOL, e tinha... o coordenador era o Giovan... e no ministério cultura... não, no ministério da Educação era... a...

Fernanda – Roberta?

Neuzanira – Isso... a Roberta!

Fernanda – Se você tiver o nome completo deles... depois eu vou querer...

Neuzanira – A Roberta era uma pessoa fora de sério... sabe... e aí... aqui só tinham dito mais ou menos o que era... como ia ser e que nós teríamos uma vantagem...

Fernanda – Mas nem sabiam o certo o que seria?

Neuzanira – Não... nem sabiam... o que... que nós íamos fazer...

Fernanda – Era uma coisa incerta... (risos)

Neuzanira – Nós aceitamos nas escuras... porque... nós não sabia o que era... só falaram, que era para trabalhar o português lá... e eles vinham trabalhar o espanhol aqui...

Fernanda – Mas não sabia... como ou até quando...

Neuzanira – É... de que maneira... até quando... se ia ter projeto... ou não... sabe... como que ia ser... saí então que foi marcado o primeiro encontro... teve um... que foi ali em cima... foi no... marco...

Fernanda – No marco das três fronteiras?

Neuzanira – É... ali no marco da... perto do SEBRAE ali...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – É SEBRAE... que foi e veio os Ministros da Educação... do Brasil e da Argentina...

Fernanda – Eu acho que vi alguma foto disso, eu algum lugar... não me lembro onde foi ao certo...

Neuzanira – É... eu tenho... tinha uma e não achei... não sei se alguém pegou... ou se eu emprestei... e não me devolveram... veio o Ministro da Educação do Brasil e da Argentina... veio o... que foi ali a abertura... a inauguração... a implantação do projeto... e... veio todo o pessoal que o Governador de Santa Catarina e Governador de Misiones... que é...

Fernanda – Uma província...

Neuzanira – É! Seria o estado...

Fernanda – Aham... de Bernardo...

Neuzanira – É! Aham... de Bernardo... e daí que fizeram então... o lançamento... a implantação... ali...

Fernanda – Tinham muitas autoridades então...

Neuzanira – Sim! Tinha! Autoridade de todo lado... de todo tipo... e... então... foi... um evento político...

Fernanda – Um evento político!

Neuzanira – É! E que ia vim... muita verba... muita coisa... muito dinheiro para trabalhar... e que iam dar assessoramento pra nós...

Fernanda – Então ali... vocês começaram a ouvir o que ia ser?

Neuzanira – É... como seria... que ia ter verba... e... que o Presidente, que na época era o Lula... tinha liberado a quantia de verba de fosse necessária...

Fernanda – Era o Lula então...

Neuzanira – Isso! E que iam liberar o que fosse preciso pra nós... pra trabalhar o projeto... só que... depois a coisa enfeio... não era nada do que foi o discurso...

Fernanda – Era diferente?

Neuzanira – Muiiitooo... Muito diferente quando nós começamos a trabalhar... e aí... inclusive falaram que nós íamos ganhar uma porcentagem á mais... e... porque a gente ia trabalhar em outro país e...

Fernanda – Um adicional...

Neuzanira – Sim... um adicional!

Fernanda – Mas isso era o dito pelo não dito... vocês não tinham certeza de nada?

Neuzanira – Não... não... não tinha certeza de nada... nada, nada! Nós estávamos nas escuras... Pisando em pedra aqui, pedra lá... sabe... Aceitamos!

Fernanda – Foram para o desconhecido...

Neuzanira – Fomos para o desconhecido... sem saber nem o que era... nós nem sabia como seria... mas...

Fernanda – Difícil que aceitaria... né...

Neuzanira – Difícil! Porque tinha que ter vontade de conhecer o novo! Porque eu... eu gosto do novo... de inovar... e procurar... de aprender! E eu... eu queria saber como seria... eu trabalhar em outro país... sabe? Porque eu... eu nasci aqui... e eu queria saber como se trabalhava lá... como que era a cultura lá...

Fernanda – É né... porque querendo ou não... é tudo tão perto... mas tão diferente...

Neuzanira – Tão... tão diferente! Eu... tenho muito parente na Argentina... Então... eu conheço... porque na época da revolução... a minha mãe e meus avós

eles... migraram três vezes pra lá... e na última vez... o meu avô não quis voltar mais... e ficou pra lá...

Fernanda – Então... você já tinha esse contato digamos assim...

Neuzanira – Sim... sim, por causa dos parentes... mas eu queria saber como que era a educação! E como a gente iria trabalhar...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – Daí que nós aceitamos! Mas... agente escutava... o que falavam... como ali no evento... e daí nós pensávamos... será que a gente vai dar conta... meu deus do céu! Será...

Fernanda – E esse evento foi antes de começar a aula mesmo?

Neuzanira – Foi... foi antes! Antes de começar as aulas...

Fernanda – E aquele que vocês tiveram em Paso de los libres...

Neuzanira – É... aquele... em Paso de los libres foi em fevereiro...

Fernanda – Tá... eu até vi um folder desse evento...

Neuzanira – (risos) E... meu deus... pra nós... tudo era uma novidade... conhecer uma nova cidade... outra fronteira...

Fernanda – O pessoal de Uruguaiana foi também a este evento?

Neuzanira – Também! Porque lá também iniciou junto com aqui...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – No mesmo ano que aqui... mas assim, a gente já notou ali... que era totalmente diferente... o trabalhar a educação aqui no Brasil... e o trabalhar a educação na Argentina...

Fernanda – Por quê?

Neuzanira – Porque o professor dá à cara a tapa... veste a camisa... hoje até não sei... porque tá muito difícil os professores novos... que acabam entrando na educação porque não tem outra opção... acabam entrando por interesse, por... E nós... na época, a gente entrava... porque gostava! Porque pra mim... as crianças eram minha paixão! Alfabetizar é minha... deus ó livre... é minha... então... nós fazia de tudo que você podia para... a gente tirava dinheiro do seu bolso para compra material se não tinha... e se dedicava! Não tinha sábado... não tinha domingo... feriado, nada! E elas... pensa que faziam... uma coisa diferente para trabalhar com os nossos... Então... acaba que o nosso sentimento era que nós levávamos muita coisa pra eles da Argentina... cultura nossa, coisas linda... e de lá, enquanto isso... não vinha quase nada para os nossos!

Fernanda – Não tinha esse equilíbrio...

Neuzanira – É! E... elas diziam que nossos alunos eram muito mal educados... que não obedeciam elas... Mas é claro... que uns alunos que é inteligente... um aluno de primeira série... que tem uma turma esperta, que está num ritmo acelerado... já tão lendo... já estão escrevendo...

Fernanda – Eles querem mais...

Neuzanira – Eles vão ficar ali... só pintando uma vaca? ... E elas falando em espanhol que aquilo ali é uma vaca... uma tarde inteira... é claro que o aluno pintou a vaca... sabe dizer o nome, e aí... vamos pra outra coisa...

Fernanda – Pra outra coisa...

Neuzanira – Mas não tinha! Era aquilo!

Fernanda – Então... as aulas aqui, não eram tão inovadoras...

Neuzanira – Não! Não eram! E daí que eles trepavam nas carteiras... eles faziam bagunça...

Fernanda – Aquilo já não chamava mais a atenção deles...

Neuzanira – Claro! Não chamava... e nós... nós fazíamos diferente! ...

Fernanda – As turmas que as profes da Argentina vinham trabalhar aqui no Brasil... era turma tua, por exemplo...

Neuzanira – Sim... sim! Eu ia na turma dela... e ela, vinha na minha turma...

Fernanda – Então... era um intercâmbio de professores...

Neuzanira – De professores... também! Além do... Então... voltando no começo, vou falar lá de Paso de los libres... Lá... é que deu vontade de desistir... sabe?!

Fernanda – De chorar...

Neuzanira – É... de chorar!!! Porque quando o professor Giovan começou a explicar... eu tenho tudo marcado numa agenda ali... até quando eu me aposentei... Maria Seloir... falou minha amiga... me dá essa agenda de presente... Nem morta! Porque...

Fernanda – (risos)

Neuzanira – (risos) Porque eu... tinha tudo... tudo... as anotações ali! A fala de cada um... sabe... eu não perdia nada! Eu marcava tudo...

Fernanda – Então lá... que eles deram um norte pra vocês...

Neuzanira – Como que ia ser...

Fernanda – Que loucura...

Neuzanira – Nós ia pra lá... começou com as primeiras série... só as primeiras série...

Fernanda – depois...

Neuzanira – Depois, primeiro e segundo... então... ele dizia pra nós o seguinte... vocês vão pra lá pra ensinar pra eles o português...

Fernanda – Era o ouvir e o falar...

Neuzanira – É! Era o ouvir... e o falar... na primeira série... e daí ele... dizia... gente... vocês tem que por na cabeça... que vocês tem que levar coisas que chamem a atenção deles... do aluno... que eles gostem do que vocês estão levando... para eles aprenderem... e mais... que eles gostem de vocês!

Fernanda – Claro... e eram crianças pequenas...

Neuzanira – Porque se eles não gostarem de vocês... não adianta! Vocês não vão conseguirem ensinar o que vocês estão querendo lá... e tem que levar coisa interessante... porque para ele... o professor, que é o Maestro... que é como eles dizem... é aquele que usa aquele uniforme... o guarda pó branco...

Fernanda – O jaleco...

Neuzanira – É! Aquele é professor para ele... e eles, respeitam e muito... Agora nós... que ia assim... isso... até isso ele falou...

Fernanda – Vocês não usavam o jaleco... vocês não se adaptaram a o que eles faziam lá... foram Brasil...

Neuzanira – Não... nós não! Brasil... Brasil!

Fernanda – Olha só... até isso... a gente consegue ver a diferença...

Neuzanira – Claro... Então... eles tinham que aceitar nós... Brasileiras... né... se lá eles respeitavam a pessoa do professor porque usava o guarda pó... aqui... aqui não se usa... eles irão me respeitar como professor, sem o guarda pó!

Fernanda – E que pra eles... era uma coisa nova também...

Neuzanira – Nova... nova também... porque lá era só com guarda pó...

Fernanda – Mas lá... até os alunos usam né...

Neuzanira – É... todos! E nos falava e... e ai ele mandou nós escrever... o que nós queria... ensinar lá... e nós começamos...

Fernanda – Tipo um planejamento...

Neuzanira – É... e nos começamos... e tinha também a Lizete, que ela era uma fera... sabe... pra orientar a gente e tudo... e ela foi também para lá... e toda a escola...

Fernanda – Foi todo mundo pra lá?

Neuzanira – Todo mundo... pra ter o conhecimento do que seria... não foi só as do bilíngue...

Fernanda – Mas então... era uma coisa para todo mundo abraçar junto... era a ideia...

Neuzanira – Claro! E era pra chegar... até o segundo grau...

Fernanda – Que não aconteceu...

Neuzanira – É... que não aconteceu... é... então... por isso que foi... a escola fechou por uma semana... e foi todo mundo!

Fernanda – Bancaram todo mundo... para ir para essa formação...

Neuzanira – Sim... todo mundo para ir pra essa formação... todo mundo! E na realidade... quem iria trabalhar... era três professoras... mais a orientadora...

Fernanda – Mas a intenção... era que todos pudessem colaborar de alguma forma...

Neuzanira – Isso... todos colaborar de alguma maneira... e...

Fernanda – Que legal...

Neuzanira – É... e daí... lá a gente fazia... fazia e escrevia e... ele caminhava e passava, e olhava... e já apontava com o dedo... (risos)

Fernanda – (risos)

Neuzanira – E... isso aqui... vocês vão falar lá... vão fazer assim... e daí a gente riscava tudo... e começava de novo... e escrevia, escrevia... meu deus...

Fernanda – Então vocês estavam lá... de alunas...

Neuzanira – De alunas! De aprendizes! Iniciantes sabe... (risos)

Fernanda – (risos) Quase que sendo alfabetizadas... no bilíngue (risos)

Neuzanira – (risos) Quase que alfabetizadas... no bilíngue... (risos) Daí ele falava... gente... vocês tem que levar coisas diferentes... coisas que chamem a atenção deles... coisas que eles gostem... Porém... ele queria fazer... com que a gente pudesse descobrir essa maneira de fazer...

Fernanda – Ele não falava o que era pra fazer...

Neuzanira – Não... não falava! Ele queria... que nós chegasse ao ponto que ele queria... e que fosse algo que as crianças gostassem... daquilo que a gente estava levando...

Fernanda – Então ele era ótimo...

Neuzanira – Deus ó livre... o Giovan... ele era de tirar o chapéu... meu deus! Nós tinha a liberdade de ligar pra ele... no celular... onde fosse... á cobrar...

Fernanda – Então vocês tinham assistência...

Neuzanira – Sim... tinha assistência... a gente estava assistido...

Fernanda – Pela IPOI... no caso...

Neuzanira – Isso... pela IPOL! E daí... ele foi dando apenas dicas... e perdeu um tempão... tempão e nada... nada... e nada! E aí... ele foi dando as dica... de como seria... de como seria... e tals... até que ele entrou nas histórias infantis... nos contos infantis... e porque coisa melhor né...

Fernanda – Se até os adultos gostam... (risos)

Neuzanira – (risos) E se até adulto gosta né... porque... então as crianças não vão gostar... daí a coisa ficou diferente...

Fernanda – Então ele jogava uma sementinha... e daí vocês que tinham que...

Neuzanira – É... nós que tinha que... descobrir o que seria e como que era pra trabalhar... Foi uma semana assim... de...

Fernanda – Foi uma semana que ficaram lá?

Neuzanira – Foi uma semana inteirinha lá... o dia inteiro... tinha o intervalo para o almoço e... só rapidinho e... só... e então já viemos com um planejamento... pra uns quinze dias de aula... uns quinze dias... sabe...

Fernanda – E aí... já ia começar quando voltasse?

Neuzanira – Sim! Já ia... quando voltasse... e eu lembro que ele dizia...

Fernanda – Que loucura... (risos)

Neuzanira – É sim... que loucura! (risos)... Porque ai você chegar lá...

Fernanda – E só lá que você ficou sabendo como seria...

Neuzanira – É! Isso...

Fernanda – E ai já voltar... e ter aquele comprometimento... que deveria ser daquela forma...

Neuzanira – E outra... que nós pensávamos... será que os alunos vão aceitar nós... será... e ai ele dizia... olha, vocês tem que conquistar os alunos... vocês tem quem fazer com que eles gostem de vocês...

Fernanda – E talvez... porque ele já sabia dessa questão... de rivalidade que tem na fronteira né...

Neuzanira – Sim... sim! Já sabia... Porque ele já trabalhou em várias fronteiras... ele trabalhou até com o intercâmbio de... indígenas! Sabe... ele é um grande pesquisador do... bilíngue... sabe... ele é um gênio! Bom, ele tem mestrado... ele tem doutorado...

Fernanda – Eu irei procurar por ele...

Neuzanira – Eu... perdi o contato com ele... e depois, nunca mais... né... depois que me aposentei... e... foi uma semana puxada, trabalhada e... daí tinha horas... que nós dizia pra Salete que... que nós ia desistir! Que nós não queria isso... e ele... Não... vocês vieram até aqui... e não!

Fernanda – deu vontade de desistir?

Neuzanira – Claro!!! Porque... quando nós entendemos com que era... iii... o negócio era bem mais em baixo... (risos)

Fernanda – (risos)

Neuzanira – Que nós íamos ter que planejar... nós... depois de dar a aula... tinha que fazer a avaliação... nós... fazer a avaliação da aula, se nós conseguimos ou não... alcançar nosso objetivo...

Fernanda – É... eu vi, que tinha todo um planejamento... introdução... objetivo, avaliação... tudo bem planejado...

Neuzanira – Tudo... tudo, tudo!

Fernanda – E tinha alguém que fazia parecer das aulas de vocês?

Neuzanira – Sim... sim... tinha sim! A orientadora... fazia o parecer das nossas aulas... e mandava pra eles... a orientadora... E nós... nós fazia a avaliação da aula... hoje, pela manhã fui lá... dei minha aula, meu objetivo era tal... cheguei lá ou não... daí eu tinha que pegar e relatar tudo...

Fernanda – Sim... eu vi isso nos registros...

Neuzanira – Tinha que relatar todos os acontecimentos... tudo! Então... tudo isso o Gilvan... deixou muito claro!

Fernanda – Então... ele ensinou vocês a formalizar tudo ali...

Neuzanira – Isso! A formalizar!

Fernanda – Que é uma coisa difícil...

Neuzanira – É! E também... a fazer e a criar! O planejar e o organizar... e... a... orientadora... pra ela enviar o relatoria para a IPOL... ela ia lá... e pegava os nossos cadernos...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – Porque... nós já tinha um relatório ali... de tudo... tudo que acontecia...

Fernanda – Na verdade era só...

Neuzanira – Nós tínhamos tudo...

Fernanda – Sim... eu vi lá...

Neuzanira – E daí... agora... como depois... da Mari que foi a primeira... só dava problema... não ajuda nós... não...tiraram!

Fernanda – Era essa coordenadora no início?

Neuzanira – É! Era essa no início... e daí... era problema daqui... problema de lá... que ai tiraram e colocaram outra...

Fernanda – Eram muitas dificuldade...

Neuzanira – Daí sim... aquela ali era cem por cento... aquela ali ajudou muito...

Fernanda – Quem era ela profe?

Neuzanira – A Lizete Ofmam...

Fernanda – Acho que a profe Lúcia... também comentou dela...

Neuzanira – E... daí ficamos aquela semana lá... e daí... planejamos... replanejamos... e ele riscava tudo e mandava fazer tudo... e vamos... chegando a conclusão... até que nós tínhamos um planejamento pra uns... quine dias... já esboçado...

Fernanda – Mas era... o que fazer. só planejado... faltava...

Neuzanira – É... (risos)... era um planejamento... faltava material... como que a gente ia chegar lá na escola o primeiro dia...

Fernanda – Ah... isso é muito importante...

Neuzanira – Sim... e daí nem guarda pó... a gente usava (risos)... e ele enfatizava muito... que os alunos tinham que gostar da gente... em primeiro lugar, segundo... do que você leva pra ele aprender... O que... que nós fizemos... nós pensamos mil e uma maneira de como se vestir... de como chegar lá... e chegamos à conclusão de ir vestida de fada!

Fernanda – Isso quando chegaram de lá...

Neuzanira – É! Quando chegamos... de lá! Por que lá... a aula começa em março... e aqui a aula começa em fevereiro...

Fernanda – Então... vocês tiveram um pouquinho mais de tempo...

Neuzanira – Sim! Nós tivemos mais tempo! Então... daí nós começamos a pensar como que agente ia ir... como que a gente chegaria lá o primeiro dia... porque eles viam nós como uma mulher normal... que ia lá pra ensinar o português... isso eles já sabiam... então... o que vamos fazer pra que eles vejam nós como uma pessoa diferente... e vai trazer coisas boas e bonitas pra eles... pra eles aprenderem... e pensamos... muita coisa... e olhando livros... decidimos que a gente ia de fada!

Fernanda – No primeiro dia... vocês já foram de fada?

Neuzanira – Acham... no primeiro dia já! Pra ter aquele impacto... já... de eles perceberem... que a gente ia lá... pra levar coisa boa e coisa bonita pra eles... e aí fomos pesquisar... como fazer isso... fazer aquilo... pesquisar o nome de fadas... e vamos... do que... a aí não tinham mando dinheiro pra nós... comprar material nada... não tinham mandado verba... nada! Nós não tinha nada!

Fernanda – Nada...

Neuzanira – Daí... pensamos... pensamos... e achamos um cd... de histórias... a... fada amarela... a fada azul e a fada branca... e...

Fernanda – Eram três profes né...

Neuzanira – Eram três... e aí... contava a história delas... muito... muito bonito! Se encaixou perfeitamente no nosso primeiro dia... olha...

Fernanda – E assim que funciona né...

Neuzanira – Olha... perfeito! E daí as roupas... do que vamos fazer... não tinha dinheiro... e daí tiramos dinheiro do próprio bolso... compramos TNT e eu... que costuro... então viemos aqui pra casa e costuramos... colocamos brilho nas roupas... fizemos tudo... chapéu... tudo...

Fernanda – Tudo do bolso de bolso de vocês?

Neuzanira – Tudo! Tudo... fizemos as varinhas... tudo! Mas aí pensamos... o que mais... pra chamar a atenção deles... o que as fadas fazem... pensamos... e... eles sabem das histórias... porque eles assistem muita coisa brasileira... quase nada deles, por causa dos desenhos... então eles sabem! Então ir vestida de fada por ir... não... né! Tinha que ter um sentido... tinha que ter algo... pra eles aprenderem e ficar gravado na cabeça deles... Daí... inventamos que a fada transforma as coisa... faz isso... faz aquilo... e chegamos à conclusão de levar o pó da sabedoria pra eles! E o que... seria esse pó da sabedoria... glitter... brilho... num potinho... transparente, branco... e... daí agente colocou ali... quando nós chegamos lá... e descemos as

escadas... que vão da diretoria até as salas sabe... nós nos sentimos umas debutantes sabe... (voz embreada de choro) sabe... primeira vez... meu deus... vestida de fada... e todos os professores da escola olhando... e elas vieram aqui só de guarda pó...e nós de fada! Os alunos quando viram nós... meu deus! E ficou gravado sabe... pra eles... depois que eles foram pra frente... eles encontravam a gente e falavam... você é fada branca... fada amarela e fada azul... então, pra eles é uma coisa que ficou gravado! Pra nós... foi uma coisa que... foi gratificante e emocionante... porque... nós tinha conseguido alcançar o objetivo que o Gilvan... tanto queria...

Fernanda – Fizeram a lição de casa...

Neuzanira – Fizemos! Que eles gostassem da gente... e daquilo que a gente ia ensinar pra eles... daí quando chegamos lá... tiramos foto na frente da escola... o diretor veio nós... e daí tiramos foto... nós já fomos vestidas pra lá... e daí pagavam o táxi...

Fernanda – O táxi...

Neuzanira – É... a gente ia de táxi... daí quando chegamos o diretor pediu pra que as professoras organizassem eles... e daí foi descendo uma por uma... o diretor anunciando os nomes... e nós falamos o que agente ia ensinar e daí cada uma foi pra sua sala...

Fernanda – Mas era separado? Eu achei que eram as três juntas?

Neuzanira – Não... era separado...

Fernanda – Cada uma com uma primeira série...

Neuzanira – Isso... cada uma com uma primeira série... que nem elas aqui... nós planejávamos tudo junto...

Fernanda – Mas as profe do Brasil... ou conseguiam sentar todas?

Neuzanira – Na quarta-feira á tarde a gente conseguia planejar junto com elas... Uma quarta-feira elas vinham aqui... e outra nós íamos lá... toda quarta...

Fernanda – Então... vocês tinham um horário de planejamento?

Neuzanira – Sim... tinha sim... o horário de planejamento! Daí... então... quando nós fomos pra sala... meu deus... foi aquela... meu deus! ... Daí agente contou... explicou... tudo... o que a gente ia fazer... e tals... que nós não usava guarda pó... que nem as maestra deles... e... que nós era professora e estava lá para ensinar o português... através de histórias... como por exemplo... a gente estava vestida de fada... e que nós... ia ensinar eles a falar o português... seja

através de historinhas... de contos... onde nós ia se vestir dos personagens... eles iam se vestir dos personagens... e que... nós ia ensinar eles... e que... aquele dia... o primeiro dia... nós conseguimos conquistar eles... e que a nossa... maior finalidade era fazer com que... eles... entendessem... que nós ia lá ensinar o português pra eles... e que nós sabia... que eles eram inteligentes... e que eles iam querer aprender o português... e que nós fomos até lá pra levar o pó da sabedoria pra eles... que agente tinha esse poder! E que através desse pó eles iam ter esse conhecimento... ai... agente ia colocar esse pó na testa deles... e que assim eles iam despertar... se abrir... pra aprender... pra eles... participar da nossa aula...

Fernanda – Eles devem ter ficado... encantados...

Neuzanira – Mas... corria lágrimas dos olhos deles... (voz embriagada de choro) sabe... porque eles... e o professor argentino... não trabalha assim...

Fernanda – E o que é diferente encanta né...

Neuzanira – Magina! Se até você...

Fernanda – Sim...

Neuzanira – Imagina então... uma criança!

Fernanda – E o que você sente em lembrar... se emociona?

Neuzanira – Nossa... Meu deus! Eu... dezoilivre.... pra mim... eu às vezes... quando eu to meio deprimida sabe... eu entro ali na minha salinha sabe... eu fico olhando... pensando... analisando... do quando agente sofreu... porque agente sofreuuu.... (voz embriaga de choro) Porque ali no começo não tinha dinheiro e... a gente brigava com a diretora daqui... com a coordenadora... os de lá também... (risos)

Fernanda – (risos) com os de lá também...

Neuzanira – Sim... a gente brigava... porque... a gente queria... que eles trouxessem coisa boas para os nossos aqui também....

Fernanda – É... eu imagino que essa cobrança vinha por parte dos alunos aqui também... né...

Neuzanira – Sim... porque eles viam né... Claro! Eles viam nós preparando as coisas pra levar pra lá! E eles perguntavam... vocês são nossas professoras... e ficam fazendo coisas boas pra levar pra lá... e elas não trazem nada pra nós... nada de coisa bonita...

Fernanda – Então tinha essa cobrança...

Neuzanira – Claro... tinha! No entanto... um dia nós falamos com a Salete, porque não tinha vindo a... daí ela fez nós... nós mesmas, ligar pra Roberta... ela fez a ligação... e já... ligamos lá... e a Roberta disse que a gente tinha toda liberdade pra ligar... pra pedir... pra contar o que tá acontecendo... ligamos pra Lis também... de Possadas... e... não a Lia era de Buenos Aires... e contamos que as coisas não... estavam acontecendo como era pra ser... e...

Fernanda – Mudou alguma coisa?

Neuzanira – Pouco... muito pouco... Eu até um e-mail ali que o Giovan me mandou...

Fernanda – Uma resposta...

Neuzanira – É! Eu tenho tudo ali... guardadinho... Bah... Eu era dedo duro que nossa.... (risos)

Fernanda – (risos) É que na verdade vocês queria que as coisas também acontecessem aqui...

Neuzanira – Sim... nós queria ver resultado... que nossos aprendessem... que nem a gente levava pra lá... Nossa! Porque nós não tinha sábado... não tinha domingo... não tinha feriado... tirava dinheiro do próprio bolso... Nós vinha aqui pra casa... era tudo aqui... porque eu tinha máquina de costura... eu tinha minha mãe doente e precisa ficar um pouco com ela... então... era tudo, tudo aqui! Daí o Luiz fazia Risoto... nós fazia tudo aqui...

Fernanda – Era divertido então...

Neuzanira – Nossa!!! Nós era... Agente não via o bilíngue como um trabalho... como algo... pra nós era bom, era alegre... feliz...era bom! Pra nós era festa... depois... mandaram uma máquina fotográfica... pra gente registrar tudo... nossa! Daí sim... E aí quando chegou... a diretora me chamou e me entregou a máquina dizendo que eu seria a responsável... pra registrar tudo... e eu registrava... e quando entregava a máquina... tudo sumia... a Maria apagava... então... esse é meu maior sentimento! Lá em Uruguaiana também... não tem nada! Aqui... também... quando trabalhamos o sítio do pica pau amarelo pra nós... também não tem nada! A da tenda que o exercito veio... e montou pra nós... onde trabalhamos os pratos típicos... também não tem nada! Então...

Fernanda – Desse não vi foto também...

Neuzanira – Não tem nada! Porque ela apagou tudo!

Fernanda – Que pecado isso...

Neuzanira – E sabe... que a máquina foi perdida!

Fernanda – Como?

Neuzanira – Neuza... cadê a máquina...? Eu entreguei... cadê... cadê....

Fernanda – Mas então ficava lá na escola....

Neuzanira – Sim! Usava pra outras coisas... mas do bilíngue... era eu que era a responsável... era eu... e daí entreguei a máquina... pra revelar e daí... cadê? Nada.... E sabe... que um dia foram mudar uns armários lá na secretária... e daí que acharam umas fotos e a máquina lá... caído no chão... e aquelas fotos eram preciso pra mandar no relatório...

Fernanda – Então vocês tiveram muita dificuldade?

Neuzanira – Nossa... Muita... muita... muita dificuldade!

Fernanda – E porque você acha que se deram essas dificuldades... por luta por poder...

Neuzanira – Olha... eu e a Lúcia... sempre falava que era mais política mesmo... que aqui a SEDR... que a secretaria estadual de desenvolvimento regional...

Fernanda – O que é SEDR?

Neuzanira – SEDR... é... a... secretaria estadual de educação de santa Catarina... então o chefe ali... queria o nome... e falava... falava.. ele falava do bilíngue e nós... ficava... porque não era o que ele estava falando...

Fernanda – Então... vocês não tinham voz... de falar o que estava acontecendo...

Neuzanira – Não tinha... não tinha dinheiro... não vinha.. e daí a IPOL que o... custou pra mandar uma especialista pra nos orientar... porque no início vinha a cada quinze dias... e depois uma vez por mês... e aí... o dinheiro foi encurtando e eles foram cortando... sabe... essa foi uma das nossas dificuldades... Verba pra material.. os alunos de lá eram muito pobres... não tinham lápis de cor... borracha... lápis de escrever... a professora lá... tinha pra empresta pra eles... mas no fim da aula, tinha que devolver...

Fernanda – Deixar lá na escola...

Neuzanira – Terminava a aula elas recolhiam... Então... nós, tinha que levar tudo... lápis, borracha, lápis de cor, tudo! O que nós quisesse fazer lá... tinha que levar tudo daqui... tudo...

Fernanda – Tinha que ter um bom planejamento então...

Neuzanira – Tudo, tudo, tudo! Até folha de ofício a gente tinha que levar... nós compramos cadernos pra eles também... numa época... a APP da nossa escola nos ajudou... e deu uma mão... pra ajudar a comprar o material pra eles...

Fernanda – É... porque é difícil trabalhar de forma diferenciada assim... porque tudo precisa de recurso...

Neuzanira – É... bem difícil... porque tudo, tudo precisa... né... Porque era uma maneira diferente de trabalhar... porque você não usava livro né... você não usava o quadro... era muito pouco... então nós tinha que fazer roupas pra nós... roupas pra eles.. o que nós ia usar... já levava tudo daqui... Uma vez nós compramos os cadernos pra eles... com dinheiro do nosso bolso... e todas as atividades que eles faziam... a gente ia lá... e colava no caderno deles... e esse caderno... agente trazia pra casa!

Fernanda – Vocês guardavam?

Neuzanira – Sim! A gente trazia pra casa! Nós guardava... tanto que cada uma tinha uma sacolona pra leva e trazer as coisas... tudo a gente levava e trazia....

Fernanda – Então... vocês não tinham um espaço... lá na escola da Argentina... pra guardar as coisas de vocês...

Neuzanira – Não! Não tinha... nunca conseguimos... por mais que precisasse...

Fernanda – Sim... querendo ou não... é um trânsito pra fazer né...

Neuzanira – Sim! Nós levava caixa de som... TV quando ia passar filme... tudo... tinha que levar o DVD... tudo tudo...

Fernanda – Até a televisão? (risos)

Neuzanira – (risos) Tudo! Tudo! E quando a gente ia fazer apresentação de uma história infantil... Daí eu levava a caixa de som que eu tinha... com microfone... eles achavam o máximo eles falarem no microfone...

Fernanda – Imagina... pra eles era coisa diferente...

Neuzanira – Sim! Diferente... novidade... coisa boa! Coisa bonita! A gente vestia eles... de fada... de rainha... de princesa...

Fernanda – Nossa... pra eles deveria ser um sonho...

Neuzanira – Sim! Eles viviam aquilo... Primeiro nós... eles sentados... as três turmas juntas quando a gente ia apresentar né... por causa dor personagens... e às vezes até ia mais alguém da escola... pra ajudar... apresentar né... porque faltava personagens... Então primeiro a gente fazia... apresentava e depois... era eles... eles

que tinham que fazer... falar... pra aprender o português... e falando o português... assim como nós falamos... eles tinham que falar em português!

Fernanda – Já pensou profe... se tivesse mais recurso... mais subsídio... o que poderia ter sido feito...

Neuzanira – Meuuu... Deus... menina, menina!!! Meus branquinhos... (a colaboradora mostra seus cabelos brancos)

Fernanda – (risos)

Neuzanira – (risos) Eu sempre dizia pra Lúcia... quantos fio de cabelo branco... Mas nós chorava! A Lizete... Volpato... a coordenadora nem vinha pro nosso lado... E quando nós... queria apresentar, uma coisa bonita... diferente e que nós... nós não tinha dinheiro... nós... ia na secretaria... e bom... o nosso apelido era as briguenta!!!

Fernanda – Ia lá... e pedia...

Neuzanira – Brigava... brigava... e pedia... sai.. e daí elas diziam que não tinha... isso e a aquilo! Eu e a Lúcia... chorava... brigava... sempre eu e Lúcia... bom...

Fernanda – Mas sempre buscando...

Neuzanira – Sempre buscando! A gente chegava... sentava na beirada... por as nossas salas assim... eles tinham construído uma ala nova... e deram ali para o bilíngue...

Fernanda – Então aqui vocês tinham um espacinho?

Neuzanira – Sim! Aqui sim... Daí a gente sentava na calçada... uma deitava e a gente chorava... E vinha a Lizete... de lá com um papel na mão... caneta... e anotando... ela assoviando... e nós chorando e brigando... e ela ficava ali... esperando... sem falar nada... quando ela via que a gente se acalmava... ela falava... pronto, se acalmaram... podemos conversar... então, ela tinha a santa paciência de ficar aqui... quieta até a gente se acalmar... ela sabia o momento de conversar com nós... ela sabia! Daí... ela dizia... gente nós entendemos a vontade o desejo de vocês... nós entendemos... mas... nós entendemos porque vocês brigam... o porque que vocês vestiram a camisa do bilíngue... porque vocês adoram o que vocês fazem... porque... vocês querem fazer a coisa funcionar... a coisa andar... e daí não tem recurso! Mas vamos fazer diferente... vamos planejar diferente... eu vou ajudar vocês... eu ajudo vocês! Vamos procurar outro meio... outra ajuda... a Lizete sempre ajudava a gente... ela sempre dava um jeito...

Fernanda – Então ela era uma mediadora ali...

Neuzanira – Isso! Ela era... ela sempre... porque até tinha a coordenadora... mas essa... nem vinha pro nosso lado...

Fernanda – Ela ajudava muito...

Neuzanira – Sim... a Lizete ela é a orientadora da escola...

Fernanda – Ah... não era do bilíngue...

Neuzanira – Não... não era do bilíngue! A Lizete ela era uma pessoa... que... é uma pessoa... fora de série... sensacional... E a do bilíngue... essa nem ia... ela sabia que nós cobrava dela.. porque era ela que tinha que ir atrás... ela que tinha que...

Fernanda – Na verdade... então competia a vocês... planejar e a ela buscar o recurso... isso...

Neuzanira – Isso! Ela buscar o recurso... Então ela tinha que ir na secretaria... ligar na IPOI... falar primeiro com a Stela... depois direto com o Gilvan... depois... se não desse... Brasília... MEC... e isso que não acontecia... e daí... que a gente brigava!

Fernanda – Porque vocês faziam o trabalho de vocês... e queriam que...

Neuzanira – Sim... porque a gente precisava de material...

Fernanda – Então... esse recurso vinha... às vezes nem vinha...

Neuzanira – Não tinha como... e a gente fazia milagre...

Fernanda – Eu imagino...

Neuzanira – A gente fazia! E olha... o que a gente fazia... depois que trocou de diretor... a gente fazia... nós já tinha ido uma vez na secretaria pedir coisas... e daí quando viam a gente chegando elas já se escondiam... porque tava vindo às briguentas... daí eu disse pra Lúcia... vamos matar elas no cansaço... porque se elas fecham a porta pra nós... nem que seja brincadeira... vamos matar elas no cansaço... porque sabe que nós vamos lá cobrar... daí a Lúcia disse vamos fazer o que... daí eu disse vamos escrever aqui no papel... fazer uma lista de tudo que a gente precisa... e aí... eu tinha uma régua bem comprida... ela era do tamanho do quadro... que eu usava pra fazer as linhas no quadro... pras crianças aprenderem a escrever... porque precisa... (risos)

Fernanda – (risos)

Neuzanira – (risos) E vamos prega essa lista aqui na pontinha da régua... com uma fita... e daí nós chegava na primeira porta... se elas estavam por ali... e nós

enviava a régua e ficava escondida do lado... Seja na sala da Lizete... ou na diretora... a gente fazia a mesma coisa... e a ripa ia... ia... ia... (risos)

Fernanda – (risos) Então vocês eram bem insistentes...

Neuzanira – Sim... (risos) até que elas pegam a régua e diziam... venham aqui... suas descaradas e briguentas... descarada não... nós estávamos cansadas de leva... e agora só colocamos a ripa... então agora podem escreve a resposta e coloca ali na ponta amarrada também... pra nós...

Fernanda – E ai conseguia...

Neuzanira – Conseguia! Mas tinha que insistir bastante... bastante... até isso nós fazia... até...

Fernanda – E se não conseguia... tinha que mudar o planejamento... o que fazia?

Neuzanira – Nós tirava dinheiro do bolso! Tudo do bolso....

Fernanda – E vocês tiveram aquela subida de nível... como foi?

Neuzanira – Olha... só... ilusão! Tudo assim... uma coisa... Eu tenho ali... porque também... começou uma pós...

Fernanda – Acho que a Lúcia também comentou...

Neuzanira – Começou... e iam dar a pós pra nós... seria um benefício... porque seria tudo grátis...

Fernanda – Legal!

Neuzanira – Claro! Nós ficamos super feliz... mas... era pra ser dois anos... dois anos... nós tivemos seis meses só...

Fernanda – Porque?

Neuzanira – Por desinteresse... do MEC daqui e do MEC de lá... porque não pagavam direito os professores que tinha que vim de lá... e daí... Mas... era fantástico! Se tivesse continuado... era muito bom! Como eu te disse... tudo era política...

Fernanda – Então... a ideia era muito boa...

Neuzanira – Muito... muito boa! Muito boa à ideia... só que pra vocês vê... que foi uma coisa que eles jogaram... tal... tal... e tal escola que vai fazer... uma coisa jogada...

Fernanda – E também... eu vejo que dependia... competia... muito do comprometimento do professor...

Neuzanira – Exatamente! Isso! E era isso que elas fazia... uma aulinha normal... e até que pararam... não iam dar aula... e conseguiram a gratificação! Bateram o pé e conseguiram a gratificação delas...

Fernanda – Hum... elas conseguiram....

Neuzanira – Sim... elas não vinham... batiam o pé... até que ganharam...

Fernanda – Então... era frustrante... nesse sentido?

Neuzanira – Era... nesse sentido era! Mas nós continuava... por causa da... a Lizete e a outra depois... Elizete... que uma era coordenadora da escola e depois a outra era do bilíngue... essa também era sensacional... já na quarta-feira que nós ia planejar... ou na terça-feira à tarde... quando ela tinha tempo... porque ela que tinha que ficar se comunicando por e-mail... era ela.. porque ela se comunicava com o pessoal do MEC... Daí ela já vinha perguntando o que a gente ia trabalhar... por que ai... ela já ai organizando... vendo tudo... dos materiais pra nós...

Fernanda – Ah... ela fazia isso...

Neuzanira – Ela... imprimia tudo, já trazia tudo... organizava tudo... A daí a coisa funcionava sabe... e daí como era ela, e a gente tinha que levar tudo... a coisa andava... os material... ela imprimia tava tudo pronto... a gente chegava e ela já tava esperando...

Fernanda – Que legal...

Neuzanira – E a gente sentiu muito... porque ela saiu... porque ela ganhou uma bolsa pra fazer o doutorado... mestrado dela... daí ela saiu.. Mas nós choramos... choramos... porque ela era fora de sério... O que pedisse pra ela... ela ia organizando... livro, material da internet ela tirava, tudo... tudo... Às vezes, a gente chegava e ela já tava lá com a professora da Argentina, dizendo... olha eu consegui isso, isso... e isso... Então... daí a coisa andava sabe... funcionava sabe... tudo ficava mais fácil... Tu tinha mais vontade de trabalhar sabe...

Fernanda – E que dias da semana que vocês iam pra lá?

Neuzanira – Na terça e na quinta-feira....

Fernanda – Passavam duas tardes lá...

Neuzanira – Duas... duas tardes lá... E elas duas tardes aqui...

Fernanda – E tinham uma tarde pra planejar...

Neuzanira – É... uma tarde pra planejar...

Fernanda – E não seria pouco esse tempo de planejamento?

Neuzanira – Mas pouco... e pra você vê... que nós só ganhamos esse tempo porque nós batemos o pé... porque não tinha... a gente tinha que planejar na aula de educação física e artes daqui... pra todos os alunos, do Brasil e do Bilíngue...

Fernanda – Porque tem os professor específico né...

Neuzanira – É... professor específico... daí nós ia planejar....

Fernanda – Mas é pouco...

Neuzanira – Sim... simmm... E daí na quarta-feira... nos exigimos um dia... pra daí a gente planejar por lá... porque tava impossível sabe... na verdade o primeiro ano assim... foi muito... muito difícil...

Fernanda – No primeiro ano já se trabalhava por projetos?

Neuzanira – Era sim! Sempre foi! Era por projeto... por que ele disse como que a gente ia trabalhar... e a Lizete também gostava muito de trabalhar assim... a orientadora da escola... então até lá... ela que sugeriu pra ele... que a escola já trabalha assim... porque a nossa escola... sempre trabalhou assim, então... ela sugeriu... desde a alfabetização... agente trabalhava assim, fazia o projeto... e daí já que escola já estava acostumada assim, ele adorou a ideia... e disse que poderia continuar sendo assim no bilíngue... por projetos...

Fernanda – E... como que vocês pensavam nesses projetos? A partir do que desenvolvia...

Neuzanira – Olha... por exemplo.... a partir dos contos infantis... que esse foi o primeiro.... olha quantos que tinha... então dava pra você trabalhar quase o ano todo... era um projeto bem amplo... só que nós... nós aproveitava as datas comemorativas, nossas, aqui do Brasil... Páscoa, dia índio ...

Fernanda – Da nossa cultura...

Neuzanira – É... da nossa cultura... Brasil, pra levar pra eles... Porque lá... por exemplo, dia das mães é em outubro... dia dos pais é em julho... então nós tinha que levar a nossa cultura...

Fernanda – Hum...

Neuzanira – Então nós trabalhava dança daí... no dia das mães... nós ensinava nossa dança pra eles, musicas... E... do dia dos pais também, páscoa... então no meio dos projetos... nós intercalava nossas datas comemorativas... para ensinar pra eles... Então... era muito legal! E ai nós trabalhava muito na forma de teatro... fazia muito teatro... eles adoravam... daí trabalhava também no dia do idoso... nossa...

Fernanda – ah... eu vi esse projetinho do dia do idoso.... Incrível!

Neuzanira – (risos) É!!! Muito... levávamos os idosos... eu só não levei minha mãe, porque ela tava muito doente... mas aí levamos três senhoras lá da... e eles perguntavam... participavam...

Fernanda – Eu vi as fotos...

Neuzanira – Sim... e elas dançavam com eles... nossa... (Voz embriagada de choro) E eles perguntavam como que era os brinquedos delas... como que elas viviam... meu... foi lindo!

Fernanda – Então era a cultura do... Brasil na Argentina...

Neuzanira – Era... do Brasil na Argentina... e também, da Argentina no Brasil...

Fernanda – Essa que era a proposta...

Neuzanira – Essa era a proposta...

Fernanda – E profe... a questão da fronteira, a questão do viver em fronteira... como que era isso... o que vocês sentiram quando chegaram lá... sentiram muita diferença... como é que vocês foram recebidas...

Neuzanira – É... eles... eles não encararam sabe... não gostaram do projeto de cara... de cara... eles não gostaram....

Fernanda – Isso o pessoal da Argentina... da escola como um todo?

Neuzanira – Isso! Já de cara... pra eles o bilíngue seria uma bobeira... eles não tinham o entusiasmo que a gente tinha...

Fernanda – Talvez esse foi o reflexo na aulas aqui do Brasil...

Neuzanira – Exatamente... exatamente... E assim, eles receberam a gente muito bem... tudo... muito respeito... muita atenção... sabe, eles estavam pronto pra ajudar com o que eles tinham... mas infelizmente quase nunca tinham nada... bem carente a escola... E a gente levava... levava tudo daqui... e.... assim... a cultura, a gente já conhecia... sabe, porque a gente nasceu aqui... só que você estar lá... convivendo com tudo lá... é ... bem diferente! E assim, a nossa maior briga também... que a gente até cobrava lá do Gilvan... e até que um dia ele disse lá pra nós... daí nos desistimos.... porque nós falava pra ele...Gilvan... nós entregamos a nossa sala limpinha pra elas aqui... a sala impecável... nós chegamos lá... é papel, barro, poeira, comida, lixo... pra colocar o trabalho do aluno na carteira... a gente tinha que ir lá e limpa as carteiras... era muito relaxamento... nós chegava chora.... e ele... que era um homem muito bonito... respondeu pra nós um dia.... de braços

cruzados e nós olhava, e pedia o que mais vocês querem reclamar... pode falar... to escutando, chorem, falem... que eu escuto.... terminaram... então eu vou repetir pra vocês mais uma vez... que a cultura deles é assim!!! Não é Brasil... pra eles não interessa se tá limpo ou sujo.... e coloquem na cabeça de vocês... que vocês não vão lá pra mudar a cultura deles... vocês vão lá... pra ensinar o português pra eles...coloquem isso na cabeça de vocês! Põe isso na cabeça! Vocês podem falar isso pra eles, ensinar sobre higiene... mas não forçar... não querer mudar o que é deles... porque vocês não vão conseguir!!! Vocês podem até trabalhar 20, 30 anos com eles, tentando mudar a cultura deles, sobre a higiene.... mas vocês não, não vão conseguir mudar!

Fernanda – Então ele deixava isso muito claro...

Neuzanira – Muito... claro! Sempre, sempre! Porque nós reclamava... porque era terrível...muito sujo... a gente chegava lá... e já tinha que ir mandar eles lavar as mãos... meninas, e os trabalhos... vinham tão, tão... sujos... e daí...

Fernanda – Mas aquilo era deles...

Neuzanira – Sim... pra eles tava bom... era assim... sempre foi assim, uma prática deles...

Fernanda – Prática comum deles...

Neuzanira – Sim... né... mas nas nossas aulas... nós tentava... ensinava... nós levava uma toalha... pedia pra eles lavar a mão, depois secar na toalha... a gente levava um pano... pra que limpassem as carteiras.... e eles se adaptaram... e ai eles mesmos... mostravam a carteira suja... e pediam pra limpar... eles diziam.... profe ta meio suja nossa carteira... então eu digo que alguma coisa... sobre higiene nós conseguimos... e nós dizia pra eles... como que vamos expor esses trabalhos lá no Brasil, tudo sujos... com as marcas dos dedos de barro...

Fernanda – Então vocês tentavam... não como uma forma de imposição... mas vocês tentavam...

Neuzanira – Sim... Não como forma de imposição, mas a gente tentou mesmo... ensinar que pelo menos o trabalho devia ser limpo! Então daí eles entendiam... que tinha que cuidar da carteira... das mãos...Mas, ai nós desistimos... não falamos mais pro Gilvan... porque ele falava que nós tava indo lá pra ensinar a língua portuguesa... e não mudar a cultura deles... e ponto final!

Fernanda – E profe... vocês conseguiam fazer o intercâmbio dos alunos... trazer eles pra cá... pra eles participarem de alguma coisa... e os nossos do Brasil pra lá... ou não dava?

Neuzanira – Dava... sabe... mas era muito difícil lá! Sabe... porque... os pais dos alunos da Argentina... vão para um tal de trabalhado... assim que eles chamam lá... eles dizem assim... porque aqui tem pouco trabalho... então o trabalhado deles é ir trabalhar fora em Corrientes... corta madeira... trabalhar lá... serviço pesado... com caminhão... serviço fora... então isso é em torno de cinco a seis meses fora... eles mandam um dinheiro pra família... mas demoram pra voltar... e pra passar na aduana... a burrocacia... porque já que fizeram o programa... né... tinha que ter alguma coisa... os próprios governantes... pessoal da IPOL... criar um documento... para que a gente tivesse passe livre... facilitaria bastante...

Fernanda – Com certeza... tanto pra professor como para os alunos... mediante a autorização da família...

Neuzanira – Ai que tá... a autorização dos pais... não tinha né... porque a mãe tava aqui... mas o pai estava fora... no trabalhado... então, não tinha como... porque precisava da autorização dos dois...

Fernanda – E essas crianças tinham documento?

Neuzanira – Sim... sim eles tem... porque eles tem que ter... pra receber... um auxílio que pagam lá... porque são muito... muito carentes...

Fernanda – Então eles têm o registro de nascimento...

Neuzanira – Tem! Tem tudo! Então... foram poucas vezes que nós conseguimos trazer eles pra cá...

Fernanda – Mas eles deviam ter muito desejo... muita curiosidade...

Neuzanira – Nossa... e como tinham! Teve uma vez que nós fizemos um almoço pra eles... eu não me lembro... se foi no dia da criança... mas menina... foi uma luta... mas isso se arrastou mais de um mês... pra conseguir organizar o papel ali... pra passar... meu deus! E ai... lembro que foi um ônibus daqui até ali...na aduana, e outro ia da escola pega eles, até a aduana... E daí quando a gente conseguia... vinha os professor... algumas mães junto... pra ajudar né... e era tranquilo sabe... só que nós... nós ia mais com os nossos alunos pra lá... do que eles pra cá! Só que nós... nós queria trazer eles mais pra cá... sabe... pra eles... eles conhecerem mais a nossa cultura... mas assim mesmo... eles conseguiram sabe... a nossa sala de aula, o jeito que a gente vive aqui... conversar com os alunos...

conhecer a nossa escola, nossos professores sabe... ver que os profe daqui não usavam o jaleco...

Fernanda – Mas foi pouco...

Neuzanira – Foi... pouco! Poderia ter sido muito mais... E daí na festa das culturas... que foi... uma data que a escola criou... então, todo mês de outubro tinha essa festa... e daí foi... que a gente conseguiu trazer eles pra cá... pra essa festa das culturas...

Fernanda – Conseguiram...

Neuzanira – E tinha um senhor... que tinha um casal de gêmeos... alunos meus lá na escola... lá da Argentina e nós, tinha que trazer... e ensaiar lá com eles, uma dança... nossa, pra eles apresentarem aqui...

Fernanda – O aluno Argentino apresentando a cultura do Brasil...

Neuzanira – É da cultura brasileira... e daí perguntei na sala... quem queria dançar... e daí... esse casal de gêmeos disse que queria... por eles sabiam bailar... (risos) daí eu disse, é dançar e não bailar... e então eu disse pra eles... que os pais tinham que vim na escola... pra conversar melhor com a profe... A daí eles vieram... era uma pessoas mais esclarecidas com mais cultura... e aí o pai concordou e disse ainda... que eles sabiam dançar o chamamé também... e que dançavam muito... muito bem... Daí ele perguntou se não dava pra eles dançar... então eu disse dá... mas eu vou ensaiar com eles uma dança nossa... e então eles dançam as duas... uma nossa e uma de vocês... porque era festa da cultura né... cultura daqui e cultura de lá... nossa... aquele pai ficou tão feliz... porque imagine... os filhos tão pequenininhos... vindo dançar aqui...

Fernanda – Mas ai... nem todos conseguiram vim?

Neuzanira – É! Quem tinha o pai ai veio... mais quem não tinha... não teve como vim!

Fernanda – Que pena...

Neuzanira – Quem o pai não tava não vinha....

Fernanda – E querendo ou não... era uma grande responsabilidade né... pra vocês...

Neuzanira – Sim! Até... um dia eu fui lá e disse assim... vocês fazem tanta burocracia... vamos levar eles ali perto de casa... um fica um lado, outro do outro (riso)

Fernanda – (risos) É... eu até comentei com a profe Lúcia... se quem sabe... tivesse o lago, seria mais fácil... integrar né....

Neuzanira – É! Mas aqui também né...

Fernanda – É... uma rua também... nem isso...

Neuzanira – E daí eu disse gente... pra que a gente ficar correndo atrás de autoridade... se eles vem pra cá vender doce.. chipa... pastel e daí para... vamos levar eles ali perto do marco... eles sobem o barranco e o nosso ônibus espera eles... e trás... e não deixaram... não quiseram... me chamavam de louca... e querendo ou não... ai a gente tava ensinando pra eles tudo que já existe e errado... o contrabando...

Fernanda – Então a parte burocrática impediu muita coisa...

Neuzanira – Muita! Muita coisa mesmo!

Fernanda – E profe... nesses projetos... assim... quando vocês planejavam... vocês pensavam em outras disciplinas... quando começou ir além, do ouvir e falar...

Neuzanira – Nas primeiras séries... sempre... era o ouvir e falar... sempre!

Fernanda – Hum... nas primeiras...

Neuzanira – Isso... nas primeiras séries... o objetivo era esse... Nas segundas séries... ouvir, falar e escrever...

Fernanda – Hum... e nas terceiras...

Neuzanira – E nas terceiras... ouvir, falar, escrever e.... ai como que é mesmo... me fugiu agora... interpretar!

Fernanda – Eu achei que ia além do ouvir e falar desde a primeira série...

Neuzanira – Não... depois eu vejo lá e falo... Bem, a matemática... a gente trabalhava na primeira série... como... eu te falei... muito verbalmente... não no caderno... como quando foi trabalhado o sítio do pica pau amarelo... a gente perguntava pra eles... quantos animais.... tinha naquele cercado, naquela pintura... quantos porco tinha... quantas vacas tinha... quantas galinhas...

Fernanda – Hum... então vocês conseguiam criar esse link com a matemática nos projetos...

Neuzanira – Sim... e não só com a matemática... com as outras disciplinas também... com a higiene... cuidado com as verduras... com as frutas... tudo que dava pra englobar a gente englobava... sempre falando a nossa língua... o português... não escrevia... só através de representação, desenhos, teatro, apresentações... sempre!

Fernanda – Formas diferentes...

Neuzanira – Diferentes... e tentando englobar todas as matérias... o português, ciências, matemática.... todas...

Fernanda – Tá...

Neuzanira – Por exemplos... o projeto do sítio... nossa, é uma coisa extensa... sabe... dá pra trabalhar um monte de coisas...

Fernanda – Sim... muita coisa...

Neuzanira – Então... nós fizemos a cesta com as frutas... quantas frutas foi em cada cesta... ou, quantas frutas o colega colocou na cesta... porque isso tudo dependia deles... de como eles colavam né...

Fernanda – Eu vi essa atividade...

Neuzanira – Sim... porque era uma diferente da outra né... e aí... depois nós fizemos uma salada de frutas com eles... com as frutas do sítio... então quantos abacaxi nós tinha pra colocar na sala de frutas... quantas maçã... sabe... tudo assim...

Fernanda – Certo... então, tinha espaço pra educação matemática dentro do bilíngue?

Neuzanira – Opa... tinha sim, com certeza! Com certeza... porque a gente aproveitava tudo... tudo que podia... a gente só não dizia... olha agora é matemática... agora é isso, ou aquilo, era trabalhado tudo junto...

Fernanda – Era tudo junto...

Neuzanira – Sim... tudo junto... era uma globalização... uma coisa natural! Uma coisa ia puxando a outra...

Fernanda – E profe... assim... relacionado com os alunos da Argentina... você conseguia perceber os diferentes saberes que eles traziam para dentro da escola... saberes comuns deles... da casa deles... eles traziam pra dentro do ambiente escolar?

Neuzanira – Se a gente perguntasse... conforme a gente trabalhava... a gente ia questionando eles... sabe... e na tua casa... como que isso aqui acontece... isso tem... você já viu isso, assiste isso na TV... porque eles só assistem coisa daqui... conheciam tudo! Então... pra gente foi mais fácil trabalhar o português lá... agora... os nossos aqui... eu sempre disse, que no bilíngue... era muito mais difícil ensinar os nossos aqui... porque quer, ou não quer... o brasileiro é um povo orgulhoso e ignorante... e atrasado... no sentido de falar o espanhol...

Fernanda – Sempre o nosso é melhor...

Neuzanira – Sempre... sempre o nosso é melhor... Porque nós não temos... eu particularmente, porque tenho meus parentes lá... eu então sempre brincava... sempre falava... sempre brincava com eles lá... nem que fosse... meio errado, mas eu sempre participei... então eu falava... eu procurava falar... mas o povo brasileiro tem vergonha e não quer aprender o espanhol... e eu acho isso a pior burrice... porque você saber falar mais de uma língua... meu deus! Isso é muito importante...

Fernanda – É um diferencial né...

Neuzanira – Sim! É um diferencial... e ainda mais vivendo em uma fronteira... porque pensa, você não saber falar a língua do país vizinho... pensa... E eu, eu admiro eles... porque eles tem orgulho de aprender a falar o português...

Fernanda – É diferente daqui...

Neuzanira – Sim... é diferente! Eles tem orgulho! E você pode ver se você vai no mercado eles se esforçam pra falar a nossa língua... e aqui no Brasil não! São pouco que falam a língua deles e tentam falar o espanhol com eles... E eles, que vêm pra cá... já chegam falando o português... mesmo sendo Argentinos natos!

Fernanda – E porque será que é assim profe?

Neuzanira – Aquilo que eu te falei antes...

Fernanda – A questão do preconceito?

Neuzanira – A questão do preconceito do Brasileiro... eles não gostam do Argentino por causa do futebol... eles não gostam... e vem aquela rivalidade... e eu vejo, que o brasileiro é muito orgulhoso... isso é uma dificuldade... eu vejo assim! Eles não querem dar o braço a torcer e aprender essa outro língua... E admiro e tiro o chapéu pra eles... porque eles tentam falar o português... gostam, tem orgulho disso... e se por acaso eles não sabem uma palavra... eles vem e te perguntam... então eu tiro o chapéu pra eles!

Fernanda – Ou tentam falar da forma deles... né... não tem vergonha de falar...

Neuzanira – Não... não tem vergonha! Eu admiro eles... e sou franca... Teve uma vez que teve uma apresentação ali no marco... porque aquela vez nós não conseguimos trazer nossos alunos da Argentina... então foi feito ali no marco... daí... (risos)

Fernanda – Daí ficou tudo meio junto... dividido (risos)

Neuzanira – (risos) E daí na hora de apresentar... nós fizemos eles subir o barranco... porque o palco era no Brasil... e os nossos aqui em cima... burrocrazia... pra eles era emocionante tudo isso... E tava a RBS filmando... e daí foram falar com a Salete, a diretora... só que ela não quis falar...

Fernanda – Por causa da questão...

Neuzanira – Sim! Por causa disso, de estar ali... sem autorização... e outra que ela não gostava de dar entrevista... daí mandaram pra Lúcia... ela também não quis... porque não gosta... daí me chamaram... eu tava lá em baixo com meus alunos... daí eu disse pra Salete... que ela era a diretora... ela tinha que falar... Daí, ela me disse que ela era a diretora, mas que ela não sabia como que a gente de fato trabalhava...

Fernanda – Emissora da Argentina ou do Brasil?

Neuzanira – Do Brasil! A RBS, de Santa Catarina... Chapecó... E daí quando chegou à vez... eu não me lembro se a coordenadora não tava ou se também não quis falar... Daí eu disse, mande eles pra cá... que eu vou falar... E eu lá do lado argentino com meus alunos... vou falar tudo... o que é bom e o que é ruim... não vou tampar o sol com a peneira... E daí a Salete disse, Neuza.... olha o que tu vai falar... e eu disse que ia falar a realidade... porque que ninguém quer falar... porque.... vão inventar o que não existe!? Eu vou falar a realidade... o porque que nós... nós estamos aqui em baixo...

Fernanda – E eles perguntaram?

Neuzanira – Claro! Claro que perguntaram.... porque não fizeram na escola... porque não fizeram na escola...

Fernanda – Porque o projeto é pra unir... e vocês estavam ali... separados...

Neuzanira – Eu disse... pura burrocrazia... eu falei!

Fernanda – Aham...

Neuzanira – Digo porque... os pais tavam no trabalhado... o que era trabalhado me perguntaram... daí eu expliquei... e disse que eles precisavam da assinatura do pai, mãe e juíza... e daí expliquei tudo isso... que pra vender as coisas deles, ai eles podem passar pela aduana sozinhos... sem a autorização dos pais... Mas para a escola precisa.... precisa dessa autorização dos pais... e daí eu disse... que era pura falta de interesse da SEDR daqui.... a IPOL e o MEC...

Fernanda – Bem... na verdade quando se bolou... esse projeto...a primeira coisa que deveria ter se pensado é nisso né...

Neuzanira – Sim... Sim!

Fernanda – Porque se é um cruze... um intercâmbio... como que se vai fazer?

Neuzanira – Sim... e se eles tem essa liberdade de ir e vim... eles tem pra outras coisas... daí na escola não... E daí falei... falei... ele perguntou das nossas dificuldade... E tem até meus cunhados que moram em Florianópolis... que naquela época meu filho não tava lá... e eu tenho um cunhado... que chega em casa e já toga a TV... e daí ele me ligou... dizendo que tinha visto a entrevista, que eu tava famosa... (risos) minha cunhada na RBS dando entrevista... sempre chique...

Fernanda – E essa tua entrevista... deu repercussão na escola?

Neuzanira – (risos) Ah... deu! Claro que deu... (risos)

Fernanda – (risos)

Neuzanira – Mas não interessa... a gente brigava mesmo...

Fernanda – Porque foi sincera em falar das dificuldades...

Neuzanira – Sim! No entanto... a gente teve problema sabe... com diretor e de Possadas... porque queriam que a gente ficasse de boca fechada e a gente não ficava sabe...

Fernanda – Entendo... porque faltava muita coisa, né...

Neuzanira – Sim! E nós não calava... E daí... no finzinho... sabe... das entrevistas... ele tinha feito às perguntas deles, sabe... e... se a gente se relacionava bem com os argentinos, com os pais... como que era esse relacionamento e tals...

Fernanda – Hum... então ele perguntou...

Neuzanira – Daí eu disse... que é claro que tinha coisas... que eles achavam que não tinha que ser trabalhado daquela forma... é... eu disse, que sempre tinha uma coisinha... uma discordância no planejamento e tals...

Fernanda – Sim... é algo natural né...

Neuzanira – Sim! É natural, normal, é bom! Esses questionamentos e ... daí ele me perguntou, e quanto à escola... o programa, tudo certo... daí eu disse... não! Não tá tudo certo!

Fernanda – (risos) Disse isso...

Neuzanira – (risos) Eu falei... não podia dizer que tava tudo às mil maravilha né... porque não era! Eu falei... que era bom, que nós gastávamos que a gente fazia... e falei que é claro, que existia aquelas diferenças que eu te falei... o que um

concorda e o que o outro não concorda... daí ele me disse que tinha mais uma última pergunta pra me fazer... e... daí... quanto ao intercâmbio não é como falei... me desculpe, eu entendi mal... mas agora vou lhe fazer uma pergunta, quanto ao futebol... ele disse... daí eu disse.... ahhh.... meu filho.... daí a coisa muda de figura... vence quem joga melhor!

Fernanda – Então... dava pra perceber essa rivalidade ao futebol?

Neuzanira – Sim! Sempre, sempre existiu... Aqui... a maior rivalidade é quanto ao futebol, se até o Galvão Bueno disse... (risos) Se ganhar de outros países já é bom... imagina ganhar da Argentina... (risos) e eu não sei o porque...

Fernanda – Onde vem isso?

Neuzanira – Ah... porque eles dizem que o maior jogador do mundo é o Maradona... e o Brasil o Pelé... e daí que vem essa rivalidade, entende?!

Fernanda – Sim, sim... E tem também uma questão das terras né, uma questão histórica...

Neuzanira – Sim... Palmas, Clevelândia... tudo pertencia... a Argentina... que no entanto o cemitério que tem lá em cima... aqui do Brasil, o primeiro cemitério... ali do Marco... você desce ali e já dá de cara com ele... Ali, no entanto... o canto ali à esquerda... o de cima tá na Argentina... e isso vem lá de antigamente das disputas... porque daí Dionísio Cerqueira leva esse nome... porque, quem veio acertar essas questões... as divisas aqui... foi o general Dionísio Cerqueira, ele que fez... todo o histórico que veio acertar... Porque não sei se você sabe... que a divisa dos países, a divisa dos estados, é dado... pela caída da água... né...

Fernanda – Tá...

Neuzanira – Conforme corre as águas... e aqui, como não tem rio... só tem a nascente do Pequeri ali em cima...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – Então ali segue a divisa o lago... que o lago é nascente do rio Pequeri... assim como é em Foz, como o Paraguai, a Argentina... fazem a divisa... e como pra cá não tem rio... é divisa seca, dali que começou as confusões...

Fernanda – Ah tá...

Neuzanira – Então como o rio mais perto era distante... ali que começou as confusões... e aí quem resolveu essas questões foi o Dionísio Cerqueira, que daí ficou o nome da cidade... e ele fez conforme o caimento das águas... porque tem

uma maneira né... naquele tempo não tinha aparelho, se usava as forquilhas... pra ver onde que tinha água... pra identificar... era forquilha de pessegueiro...

Fernanda – Sei...

Neuzanira – E diz que foi assim que eles foram determinando o caimento das água... e daí que foi gerando os conflitos. Eu até namorei um Argentino e ele meio que brigava comigo... que nós roubamos as terras deles... (risos) e eu até dizia pra ele que ia fazer uma revolução... pra tirar esses becos que a Argentina tá pegando aqui do Brasil...

Fernanda – Aham... (risos)

Neuzanira – Por que... pra que já não tomaram tudo... né... Porque deixar esses pedaços...

Fernanda – Então ali que começou esses conflitos?

Neuzanira – Sim... porque na cabeça deles, foi uma coisa que foi tirada deles... roubado... e não, foi por causa do caimento da água... que determinou esse becos... que ficou essa divisa meio estranha... e ali, tinha realmente água... era um banhado... se fosse vê então, a divisa tinha que ser mais pra lá... mas como o terreno ali é em declive... assim ficou determinado...

Fernanda – Então gerou muita insatisfação...

Neuzanira – Muita... muita coisa...

Fernanda – E você sempre morou aqui profe?

Neuzanira – Meu pai nasceu aqui! Meus avós... nesse terreno em Barracão. Meu avô... foi um dos primeiro... pioneiro, quando ele chegou aqui, porque ele veio de Clevelândia... ali de cima... até no BNH pertencia a ele... e no fim sobrou esse terreno aqui de mil metros quadrados... tiveram todos os filho aqui... Meu pai serviu na época da guerra da Alemanha... ficou quatro anos... e quando ele voltou... ele ficou a disposição do governo federal, não só ele né... todos que serviram... e daí ele casou com a minha mãe... que tava esperando ele né... porque namoraram desde os doze anos... e daí foram morar lá em Santo Antônio, em uma chácara. Daí depois de dez anos chamaram ele pra trabalhar no correio, reaproveitaram ele... E daí, vieram morar aqui, ele comprou do meu avô com a finalidade de cuidar deles até o final da velhice... e realmente cuidou... e depois eu cuidei da minha mãe, porque meu pai morreu num acidente...

Fernanda – E tu, estudou aqui Profe?

Neuzanira – Sim! Eu estudei... fiz o primário no Leonor, o Magistério lá em cima no Doutor Mário... e daí depois de muitos anos... fui fazer a faculdade e a especialização...

Fernanda – E tu... sempre trabalhou como professora?

Neuzanira – Sim... sempre! Comecei numa loja... mas nem cheguei há trabalhar um ano... porque me formei em 77... em 76 comecei a trabalhar numa loja e... daí faltou professora na escola, e daí me chamaram... mas tinha que se formada e daí na deixaram... pois no começo de 78 me chamaram... a professora veio atrás de mim e disse que ia ter uma turma pra mim... (voz embargada de choro)

Fernanda – Então, tu sempre trabalhou como professora alfabetizadora?

Neuzanira – Alfabetizadora... sim! No Theodureto entrei em 78 e me aposentei lá... em 2008. Sempre no Theodureto!

Fernanda – Sempre...

Neuzanira – Eu tinha 20 horas... daí fui trabalhar na APAE... porque no Theodureto eu fui pra Florianópolis fazer um curso, e daí me aperfeiçoei pra trabalhar com deficientes mental... e daí tinha... foi aberto classe e daí trabalhei lá...

Fernanda – Quem ofereceu esse curso?

Neuzanira – O próprio governo do estado. Toda escola que tivesse interesse de abrir... e que tivesse alunos com essas dificuldades, poderia enviar um professor pra fazer o curso, e com um ano que eu estava trabalhando lá... a diretora me escolheu... escolheu eu... porque ela achava que eu tinha um jeitinho com as crianças... e daí foi que eu trabalhei uns cinco ou seis anos... com esses alunos e daí em outubro... foi que a gente tava fazendo festa do dia de criança, e um aluno me acertou uma bolada na perna e dilatou uma veia... tive que me afasta... e como no fim do ano, tinha que ter feito relatório dessa turma, pra enviar pra secretaria... e como ninguém fez na escola... porque eu não tava lá, foi que não abriu turma no ano seguinte... para os alunos especiais...

Fernanda – Não acredito...

Neuzanira – Sim! E quando eu voltei... não teve mais como abrir, e daí que comecei a trabalhar com a alfabetização... (voz embreada de choro)

Fernanda – E você gostava de trabalhar com os alunos especiais?

Neuzanira – Nossa... eu adorava! Amava! E depois, me indicaram pra APAE... porque eu só tinha 20 horas né... nossa, eu amava isso também... minha irmão que chamava de louca... (risos) E eu dizia que loucos são vocês, porque eles

era muito mais normal... que muita gente que se diz normal! Eles são queridos, amados... eu sou apaixonada por eles... bom, trabalhei oito anos lá... e só sai, porque se aposentou uma professora e abriu vaga na Theodureto... e era a minha vez de alterar a carga... e daí fiquei com 40 horas. E daí... me aposentei trabalhando com primeira série...

Fernanda – Tu gostava da primeira série?

Neuzanira – Ai meu deus... gostava! (voz embriagada de choro) primeira série... você, como vou te dizer... você molda eles... como ser humano, como você alfabetizar... a tua palavra é lei...

Fernanda – Esse trabalho inicial é muito importante...

Neuzanira – E eles brigam com a mãe, o pai, porque a professora falou assim, ou assado... Eu senti isso na pele, porque eu não quis ser profe do meu filho na primeira série... porque a diretora me disse, Neuza não pega seu filho na primeira série... eu não peguei e senti isso na pele... Ela me disse que teve que surrar a filha dele, porque se achava, subia nas carteiras...

Fernanda – É difícil...

Neuzanira – Daí ela me disse, pela experiência dela... que não era pra eu pegar o Anderson na primeira série... pra eu não sofrer... e daí, bem no fim... eu disse pro meu filho que era a diretora que escolhia que professora que ia ficar com qual turma... pra eu não pegar a turma dele, porque ele queria muito...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – E daí, naquele ano eu peguei a terceira... e daí ele chorou, como ele chorou... mas ele brigou! E na terceira série... eu fiz questão de ser professora da turma dele, e fui!

Fernanda – Então no programa você trabalha com a primeira série?

Neuzanira – Sim! Com a primeira série...

Fernanda – Entendi...

Neuzanira – A primeira série na Argentina... porque eu trabalhava coma primeira série daqui... porque quem tinha o segundo daqui... ficava com o segundo de lá... Eu fui professora do meu filho, e foi muito bom...

Fernanda – E dos pais, vocês sentiram que eles abraçam o bilíngue junto?

Neuzanira – Nem todos! Nem todos... tinham muitos que eram contra e nem mandavam os alunos... lá na Argentina, já aqui no Brasil não... aqui inclusive aumentou o nosso número de alunos por causa do bilíngue, e a escola passou a ser

integral né... eles ficavam o dia todo na escola... almoçavam na escola, tudo... então, a procura bem aumentou... Mas a minha paixão pela educação não acabou... sabe... sempre a primeira série, porque alfabetizar é algo, que... eu sempre digo, que alfabetização é como você pegar uma massa e modelar ela... Eu me lembro, que meu filho na primeira série, na hora de fazer o tema... eu tinha vontade de sorrir eles, porque ele teimava... sempre foi um aluno nota dez, sabe... eu ia lá e ensinava ele, e ele dizia que não era daquele jeito que a professora tinha explicado, pense... eu era professora de primeira...

Fernanda – (risos)

Neuzanira – (risos) Era tudo diferente... então o usar outras palavras, já era suficiente pra causa briga... porque sempre a professora da primeira série tem a razão... (risos)

Fernanda – Eles não acreditam... (risos)

Neuzanira – Sim... eu não tenho bola de cristal pra usar as mesmas palavras...

Fernanda – Sim... E hoje profe, você acompanha algo do programa... se eu pedisse pra você falar do passado, presente e futuro...

Neuzanira – Não... não tenho acompanhamento nenhum! A única coisa que nós tivemos... foi... até a Lúcia não foi... foi ali, quando completou dez anos... daí lembraram de nós! Não sei porque a Lúcia não foi... E daí na hora de falar, lá no encerramento, que foi na Argentina a Dulcelina se foi... e daí sobrou pra mim... isso foi em 2015... e daí a Stela da IPOL me chamou pra falar...

Fernanda – Hum... hoje a IPOL já não dá mais acessória...

Neuzanira – Não!?

Fernanda – Não... a IPOL já não está... teve um período que era a Fronteira Sul de Realeza... mas hoje eles estão meio desassistidos...

Neuzanira – Nossa... Ai... olha... o Anderson sempre me diz, pra eu não sofrer por o que não vou conseguir... sabe, ele sempre me disse pra eu não me aposentar, porque eu ainda estava a mil por hora... e eu era apaixonada pelo bilíngue... pelos pequeninhos da alfabetização... Mas naquele momento, foi uma escolha minha sabe...

Fernanda – Que engraçado né... porque quando a gente vai na escola conversar... logo o primeiro nome que se fala é o de vocês... e daí eu me pergunto, porque se afastar totalmente né...

Neuzanira – É! Esqueceram de nós... sabe... sendo assim... que todo mundo, a escola toda... sabe do nosso trabalho, não é que quer engrandecer é valorizar o nosso trabalho... porque se não fosse nós... não teria existido aqui, esses belos anos de bilíngue... (voz embriagada de choro)

Fernanda – Quantos anos a senhora ficou no bilíngue?

Neuzanira – Foram cinco anos...

Fernanda – E depois que se aposentou não teve mais contato...

Neuzanira – Nada! A gente fazia encontro, no final do ano, fazia na casa de um, na casa de outro... e nós fazia a nossa comida pro pessoal da Argentina... vinha o pessoal da IPOL também... uma fizemos aqui... não era essa casa... aquilo era minha vida! Às vezes acho que minha vida continua na escola... era lugar de alegria, prazer, a gente realmente gostava! E daí você se aposenta e... perde tudo... tudo! Só pela palavra aposentadoria... (voz embriagada de choro) e sendo eu uma pessoa lúcida, que tem disposição... você tem tudo... sabe, pra repassa, compartilhar, mostrar os caminhos... vai por aqui, por ali...

Fernanda – Mas não se vê esse interesse...

Neuzanira – Ninguém... ninguém! Então... eu tenho um sentimento sabe, isso que eu te falava antes... (voz embriagada de choro) Meu filho sempre diz pra eu não me martiriza... para de sofrer... mas eu penso que grande perca.... eu queria ter o poder, a liberdade de continuar sabe, que ajudar nesse bilíngue... nem que fosse de graça mesmo... (voz embriagada de choro)

Fernanda – E eles sabem disso?

Neuzanira – Mas... eu falei pro Mauro o dia que eu dei entrevista pro Jornal quando vieram aqui... e ele disse que ia levar pra frente... mas nunca...

Fernanda – É né... nem que fosse como uma formação, pra poder compartilhar né...

Neuzanira – Eu tenho um sentimento sabe... (voz embriagada de choro) porque pra mim... aqui ali era vida, era vida!

Fernanda – E olha que legal, agora a gente teve essa possibilidade de encontro né... Muito legal! E eu tentei caminhar por um caminho, e tudo me conduziu por outro... e acho que era realmente isso que precisava acontecer...

Neuzanira – (risos)

Fernanda – (risos) Porque a fala de vocês profe... é muito, muito significativa....

Neuzanira – (voz embriagada de choro) Mas é a realidade sabe... é a realidade! Por que foi nós que começamos, nós que sentimos na pele... foi nós que criamos o bilíngue... O bilíngue é cria nossa! Nós aprontava, nós brincava... nós tinha até um mascote do bilíngue... tu imagina o que era... (risos)

Fernanda – O que era?

Neuzanira – Não posso falar... (a colaboradora aponta para o gravador)

Fernanda – Não pode contar... (risos)

Neuzanira – (risos) Sim... quem vinha nós mostrava... nós entrava dentro do nosso livro e mostrava... Aquele livro grande que nós fizemos...

Fernanda – Muito legal aquele livro gigante... aquele queimou também?

Neuzanira – Acho que queimou sim... Nós colocava aquele livro na porta do banheiro... e saia de dentro dele... (voz embriagada de choro) o que me marcou até hoje... e eu sempre lembro... foi um aluninho de lá, que tinha o cabelo todo enroladinho... e depois que eu troquei de roupa e sai de lá... porque eles não viam a gente se trocando e saindo... ele veio até mim, à gente tava ali dançando as músicas do sítio com eles, e ele veio e me puxou... pediu pra eu me abaixar e disse... e esses que entraram, e não saíram do livro... eles moram dentro do livro.... eles vão ficar lá dentro... e eu... (voz embriagada de choro) disse pra ele que sim... que eles viviam lá... que quando eu abri a capa... a primeira folha... eles saíram a Emília saiu... e depois entraram tudo de novo... e ele queria sabe se eles iam viver lá... daí eu me dei conta, que eles nem percebiam que era nós... era tão mágico, tão encantador, que eles nem se davam conta.... e daí eu disse pra ele que quando a gente abrisse o livro os personagem iam sair dali de novo... e daí ele me fez me abaixar de novo e me deu um beijo e disse hermoso... que aqui ali era muito lindo... daí eu disse bonito, maravilhoso né, lindo...

Fernanda – Então vocês aprenderam muito com o projeto também?

Neuzanira – Nossa... olha só... (a colaboradora mostra seu braço arrepiado)

Fernanda – Nossa... se arrepiou inteira...

Neuzanira – Foi... foi uma experiência... (voz embriagada de choro) Um trabalho sabe... que eu digo, que só vou esquecer quando eu morrer... porque aquilo ali foi muita vida...

Fernanda – Então esses cinco anos foi...

Neuzanira – Foi trabalhado... foi... (voz embriagada de choro) Meu deus!

Fernanda – E você saberia me dizer o porque que escolheram você pra trabalhar com o bilíngue....

Neuzanira – A Salete chegou na minha sala... que eu trabalhava na última sala, era a sala número sete... e disse, Neuza... vai abrir o bilíngue aqui na escola e... seria duas línguas, você vai ser uma das professoras que vai trabalhar... Daí eu disse, tu tem que perguntar se eu quero...

Fernanda – Então já tava definido...

Neuzanira – Sim... E ela disse que só ia me adiantar que eu ia ganhar a mais que as outras... era um cala a boca que já tava tudo definido...

Fernanda – E tu pensou em algum momento em não aceitar?

Neuzanira – Não! Não... porque... daí ela me chamou, quando veio a Lúcia... e eu disse que eia ia, porque eu gosto de desafio, gosto de aprender, gosto de coisa nova... E desafio é comigo! Já tive tantos na vida né... Tanto na vida familiar como no trabalho...

Fernanda – Mas isso é muito significativo...

Neuzanira – (voz cansada) Só um pouquinho... que eu vou pegar um cigarro e já vou te levar no meu cantinho...

Fernanda – Eu vou parar a gravação então profe...

Neuzanira – Sim... se você quiser...

Fernanda – Aham... (fazemos uma pausa para a colaborador fumar um cigarro e quando retornamos, adentramos num quarto da casa da depoente onde a mesma guarda com muito carinho todas as recordações do programa)

Neuzanira – Isso foi da... da comemoração dos dez anos... que eu te falei...

Fernanda – Ah tá...

Neuzanira – Foi o que escrevi pra comemoração dos dez anos... que eu escrevi.... (a depoente pega em suas mãos ao texto que escreveu para o aniversário de dez anos do programa)

Fernanda – Ok! Tá ligado...

Neuzanira – O objetivo do projeto bilíngue... não é domínio de uma língua estrangeira e sim a comunicação numa segunda língua... em diferentes circunstâncias, o objetivo da primeira série era o ouvir e falar, o da segunda série... é o ouvir, falar e escrever... e isso era fala do professor Gilvan... A sensibilização linguística é o gostar da outra língua... sem cobrança, é espontaneidade... da criança e a experiência da criança... A experiência das fadas, que eles trouxeram o pó da

sabedoria... foi trabalhado com a literatura infantil e as crianças adoraram... Os pontos positivos do bilíngue é deixar a criança criar... pois o ato de criar... faz com que a criança goste das atividades e do professor... pois a fala e a escuta do aluno é espontânea... e tem que fluir suas ideias... as suas ideias... e trabalhar a literatura infantil em forma de teatro, entrevistas, filmagens... as atividades prazerosas e em momento alguns obrigar as crianças a participarem das aulas... às vezes a filmagem das atividades e depois fazer autoavaliação das crianças... é prazeroso ver a alegria delas se vendo na televisão... complemento à oralidade e o lúdico... que daí elas falam de tudo o que elas viram... As razões do bilinguismo... a dimensão política, do projeto político global é a dimensão específica do projeto pedagógico... o ato pedagógico, práticas pedagógicas institucionais reais da escola... são práticas reais dos professores, segundo CHARLOTE 2004... O conjunto fundamental de valores da educação e a educação em um determinado contexto... de aula e a responsabilidade do professor... o professor tem que ser muito responsável pra coisa andar... O direito de todos a educação, nos programas... o tempo, do que é possível, e o fazer... de que forma fazer.... de forma o projeto político pedagógico influência... é o acreditar que todos os alunos podem aprender... e que todos os alunos permaneçam na escola... trabalhar com a diversidade cultural na tentativa de... quebrarmos os preconceitos comuns... nas regiões de fronteiras... para uma convivência solidária e as crianças só aprender quando estão motivadas a ler o mundo... A beleza da linguagem sente-se as várias formas do dizer... e segundo Mário Quintana... que tem um pensamento muito bonito... o segredo é não correr atrás das borboletas, é cuidar do jardim para que elas venham até você... (barulho de cachorro latindo) Trocando em outras palavras... as borboletas são nossos alunos...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – (barulho de cachorro latindo) São os nossos alunos né... Então, basta você querer bem a eles... mostrar isso pra eles... que eles vão gostar de você...

Fernanda – (barulho de cachorro latindo) Eles vão querer aprender...

Neuzanira – (barulho de cachorro latindo) É! E vão gostar de você!

Fernanda – Muito legal profe... e Muito, muito bom poder conhecer esse seu espaço aqui... (barulho de cachorro latindo) Conhecer um pouco mais da história... muito bom! (barulho de cachorro latindo)

Neuzanira – (barulho de cachorro latindo) Eu agradeço...

Fernanda – Deixa eu pausar aqui... o gravador.... Mas foi muito bom mesmo! (barulho de cachorro latindo) (a colaboradora solicita que eu ligue o gravador novamente, após assinar os termos de participação na pesquisa, pois deseja incluir mais algumas palavras)

Neuzanira – Como eu ia falar antes... e esqueci... (barulho de cachorro latindo) Isso aqui... quando meu filho veio, e olhou... (a depoente mostra o mural fotográfico que fez na parede do quarto) ele disse que coisa bonita... eu disse, Anderson resolvi fazer um painel... e aí ele me falou... Mãe, isso não é um painel! Isso aí é uma instalação...

Fernanda – Instalação...

Neuzanira – Que são coisas dos grandes artistas... que sem a senhora saber... sem a senhora conhecer e estudar... a senhora montou uma instalação... que os grandes artistas como o... Dunga, Arthur Bispo do Rosário... Leonilson e Cormélia Parque... que é britânica, aí tem quatro brasileiros... que trabalham muito com instalações...

Fernanda – Nossa... que legal...

Neuzanira – Que trabalham com instalação...

Fernanda – (risos) Não conhecia... eu chamaria de painel...

Neuzanira – É... eu pra mim, era um painel... e daí ele olhou e... disse, mãe é uma instalação! Em artes não é painel... é instalação, porque é uma junção de várias coisas...

Fernanda – Em vida... experienciadas...

Neuzanira – E o que eu te falei dos recortes, dos retalhos... a minha mãe falava... e eu, fiz uma comparação... antes dela morrer, eu tinha essa assinatura dela num papel, e ela queria, de madrugada... era umas quatro horas da manhã... ela queria, queria falar com minha cunhada, e pra mim... ela já tinha contado que ida longe... visto anjo... Minha cunhada chegou e ela disse, o vidro caiu, quebrou, e se foram às esperanças... (voz embriagada de choro) e minha cunhada pediu o que ela quis dizer... e o vidro era ela... que tinha caído quebrado aqui... e aqui... e não tinha mais como juntar tudo... então se foram as esperanças!

Fernanda – Se foram as esperanças....

Neuzanira – E daí... eu associei a fala dela com meus retalhos... o vidro quebra... e não tem como juntar... e por mais que junte não vai ficar perfeito... e o retalho, consegue... Por isso, que eu digo que minha vida são retalhos... que minha

vida muitas vezes se despedaçou... (voz embriagada de choro) e muitas vezes eu juntei ela de volta... como retalho... porque o retalho é mais fácil de juntar...

Fernanda – Bem mais fácil de reconstituir novamente...

Neuzanira – Bem! E comparando... a criança é como um retalho...

Fernanda – Aham...

Neuzanira – Porque... você recorta, você arruma, você... ajeita, vai... tenta de novo...

Fernanda – No processo de construção né profe...

Neuzanira – É... no processo de construção!

APÊNDICE 26 – TEXTUALIZAÇÃO DA 3ª ENTREVISTA COM A PROFESSORA NEUZANIRA FERREIRA DE LIMA DO CARMO

Textualização da 3ª entrevista com a Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.

TEXTUALIZAÇÃO DA 3ª ENTREVISTA

Nome da entrevistada: Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo

Local da 3ª Entrevista: – Casa da entrevistada, Barracão/SC

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Textualizadora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 18/04/2017, período matutino

Hora de início da entrevista: 08:30

Hora do término da entrevista: 12:50 (incluindo as pausas)

Tempo de duração da entrevista: 02:48 min

Data da textualização: 20 de abril de 2017

Tempo de textualização: 4: 15 horas

O programa era chamado de Programa Escola de Fronteira Bilíngue no nosso tempo, não usávamos nenhuma abreviação ou sigla. Nós chamávamos de Escola de Fronteira e Bilíngue, assim que o programa era conhecido, e as escolas participantes era a nossa, que é a Theodureto e a Escuela 604 de Bernardo.

Quanto ao processo inicial do programa eu não acompanhei a implantação na escola. Na realidade, tudo se deu de uma conversa do governo do Brasil com o governo da Argentina, onde os ministros já tinham conversado, já tinham os documentos, que inclusive eu também tenho ali guardado uma cópia, e eles decidiram por estudos feitos, pela própria localização das cidades, acharam que seria melhor começar pela nossa fronteira, pois aqui, nós tínhamos maior facilidade e contato, porque por exemplo, lá em Foz do Iguaçu tudo era mais distante, tem a

ponte, muito tumulto! Aqui, por ser divisa seca, foi um ponto positivo. E ao mesmo tempo que implantaram aqui, também implantaram em Paso de los Libres e Uruguaiana.

Nosso primeiro treinamento, e nosso conhecimento do que realmente seria a escola bilíngue se deu em Paso de los Libres, foi a nossa primeira formação. Lá veio o pessoal da IPOL, junto com eles o professor Giovan, que eu considerava um gênio! Quem nos assessorava era o IPOL, na equipe deles tinha o coordenador era o Giovan e no ministério Educação era a Roberta. A Roberta era uma pessoa fora de sério! Pra nós aqui, só haviam dito mais ou menos o que seria, e falaram também que nós teríamos uma vantagem financeira. Na verdade, nós nem sabíamos o que seria, o que nós teríamos que fazer, era algo incerto; aceitamos nas escuras, só sabíamos que era para trabalhar o português lá e que, eles vinham trabalhar o espanhol aqui. Mas não tinha noção de que maneira ou até quando, nem que ia ter projetos. Daí tivemos um encontro ali no Marco das Três Fronteiras, ali próximo ao SEBRAE, nesse evento veio o Ministro da Educação do Brasil e da Argentina, foi ali a abertura, a inauguração ou implantação do projeto. Nesse evento vieram todo o pessoal que o Governo de Santa Catarina e também, o Governador de Misiones, e daí ali, fizeram então o lançamento do programa, com muitas autoridades presentes. Na verdade era autoridade de todo lado, um evento político! Ali, na fala dessas autoridades o discurso era que viria muita verba pra gente trabalhar, que teríamos assessoramento, e o presidente da época, que era o LULA, teria liberado tudo que fosse necessário para a projeto. Mas só depois, que a coisa ficou feia, porque percebemos que a realidade era bem diferente do discurso de abertura. Quando começamos a trabalhar, vimos todas essas diferenças e inclusive o nosso adicional, que deveríamos ganhar por trabalhar em outro país nunca recebemos.

Quando nós aceitamos participar, trabalhar no bilíngue, nós não tinha certeza de nada, de nada mesmo! Nós fomos nas escuras, pisando em pedra aqui, pedra lá! Mas nós aceitamos, e acho difícil quem aceitaria assim. Nós aceitamos ir para o desconhecido. Eu sempre tive muita vontade de conhecer o novo, eu gosto do novo, de inovar, de buscar, de aprender! Eu, queria mesmo saber como seria trabalhar em outro país. Talvez porque eu tenha nascido aqui, sempre tive essa curiosidade de saber como se trabalhava lá, como que era a cultura lá, pois é tão perto e tão diferente!

Eu tenho muitos parentes na Argentina. Na época da revolução, a minha mãe e meus avós migraram três vezes pra a Argentina e na última vez, o meu avô não quis voltar mais e acabou ficando por lá mesmo. Então, eu sempre tive esse contato com o país vizinho por causa da minha família, meus parentes que moravam lá. Mas eu, sempre queria mesmo conhecer como que era a Educação lá! E diante da proposta, aceitei! Quando participamos do evento ali no Marco, que foi antes de começar as aulas, até nos questionamos se daríamos conta, pois era muita coisa.

Em fevereiro tivemos a primeira formação que foi em Paso de los Libres. Lá tudo foi novidade, a possibilidade de conhecer outra cidade, outra fronteira. O pessoal de Uruguaiana também esteve nesse evento, pois lá iniciou junto com aqui, no mesmo ano. No evento mesmo, conseguimos perceber que era totalmente diferente trabalhar a educação no Brasil a e trabalhar a educação na Argentina. Eu vejo que o professor do Brasil dá à cara a tapa, veste a camisa! Hoje até não sei, pois muitos dos professores novos, acabam entrando na educação por falta de opção. Na nossa época a gente entrava porque gostava! Porque pra mim as crianças eram minha paixão! Alfabetizar então, era tudo! A gente fazia de tudo o que podia, muitas vezes tirava dinheiro do próprio bolso para compra material, a gente se dedicava muito! Pra nós, não tinha sábado, nem domingo, nem feriado. E a gente não via a mesma coisa por parte das professoras da Argentina, elas não buscavam coisas diferentes pra trabalhar com os nossos. Então, acaba que o nosso sentimento era que nós levávamos muita coisa pra os alunos da Argentina, cultura nossa, coisas linda, porém, não vinha quase nada para os nossos alunos do Brasil!

As professoras da Argentina reclamavam muito dos nossos alunos brasileiros, diziam que eles eram mal educados, que eles não obedeciam, mas eu vejo que os nossos alunos eram muito inteligente, e que um aluno de primeira série, que pertence a uma turma esperta, que está num ritmo acelerado, já está lendo, eles querem mais. Não vão se conformar de ficar ali só pintando uma vaca, eles querem mais, só que não tinha, era só aquilo mesmo, daí que eles bagunçavam a aula, pois aquilo não chamava a atenção deles.

A gente fazia o intercâmbio de professoras, eu ia pra Argentina e trabalhava coma primeira série da mesma professora que vinham de lá para trabalhar com minha turma aqui.

Voltando a falar do encontro que ocorreu em Paso de los Libres, confesso que lá deu vontade de desistir, de chorar! Porque quando o professor Giovan

começou a explicar, eu até tenho tudinho marcado ali na minha agenda, que até quando eu me aposentei, a Maria Seloir, queria minha agenda de presente, mas eu não dei. Eu marcava tudo que o professor falava, não deixava passar nada, e foi lá que nos deram um norte de onde a gente tava entrando, de como que ia ser.

O programa começou só com as primeiras série, depois ano após ano foi incluindo as outras, depois, primeira e segunda série, e assim por diante. Lembro bem que o professor Gilvan, nos dizia o seguinte, vocês vão pra lá pra ensinar pra eles o português, a intenção na primeira série era trabalhar o ouvir e o falar. O Gilvan falava que a gente tinha que por na cabeça, que era preciso levar coisas que chamassem a atenção deles, pra fazer com que os alunos gostassem do que nós estávamos levando, pra eles aprenderem e pra eles gostarem de nós! Ele sempre afirmava, que se os alunos não gostassem de nós, nada iria adiantar! Segundo ele, só iríamos conseguir o que queríamos, se levássemos coisas interessantes, porque pra eles na Argentina, o professor é o Maestro, que é como eles dizem, é aquele que usa aquele uniforme, o guarda pó branco, o jaleco. Pra eles, esse é professor, que eles, respeitam e muito! Nós não usávamos jaleco, nós não nos adaptamos a como eles estavam acostumados, era Brasil mesmo. E eles tinham que aceitar nós, brasileiras, professoras e sem o guarda pó. Porque lá na Argentina, todos usam jaleco, até os alunos. Então, até isso era novo, diferente pra eles.

Voltando a falar da formação com o Gilvan, no início ele pediu que a gente escrevesse o que nós gostaríamos de ensinar lá, e então nós começamos a escrever e tentar planejar, me lembro que tinha a Lizete também que era fera, pra orientar e ajudar a gente. Nesse evento em Paso de los Libres, foi toda a escola para participar, pra conhecer o que seria, até porque a intenção era que avançasse até as séries finais do ensino médio, o que não aconteceu uma semana, e ficou fechada por uma semana, e todos foram para Paso de los libres, mesmo que inicialmente fossem apenas três professoras e uma orientadora que iriam trabalhar diretamente com o bilíngue.

No primeiro dia desse evento, começamos tentando então, fazer aquele planejamento que o professor Gilvan solicitou. Lembro que nós escrevíamos, e ele passava nas carteiras e apontava o que não estava bom, e nós riscávamos tudo, apagávamos e começávamos tudo de novo. A gente escrevia, escrevia. Meu deus, nós estávamos lá como alunas, aprendizes. Como iniciantes mesmo. Quase que sendo alfabetizadas no bilíngue.

O professor Gilvan sempre enfatizou muito, que era preciso levar coisas diferentes para os alunos, coisas que chamassem a atenção deles, para que eles pudessem gostar daquilo. Porém, ele não dizia como fazer, ele queria que nós mesmas descobríssemos. Por isso que eu digo, o professor Gilvan era de tirar o chapéu, ele era muito inteligente. E muito disponível também, lembro que ele nos passou o número do celular dele, para que pudéssemos ligar quando precisasse, poderia ligar até a cobrar se fosse preciso. Naquele tempo, nós estávamos muito bem assistidos, pela IPOL.

Então, naquele momento inicial, lembro que ele foi nos dando dicas de como fazer, mas apenas dicas! Perdemos um bom tempo naquilo, até que ele entrou nas histórias infantis, nos contos infantis, que em minha opinião não existe nada melhor! Porque se até adulto gosta, imagine as crianças. E assim foi a semana toda, com ele dando as dicas, e a gente tentando planejar essas primeiras aulas. Foi uma semana inteirinha lá, o dia inteiro nós nos dedicamos a isso, só tínhamos o intervalo para o almoço. Lembro que quando retornamos, tínhamos planejamento pra uns quinze dias de aula.

Quando retornamos de viagem, logo as aulas do bilíngue iriam começar. E nós tínhamos certo medo, quando pensávamos se os alunos iriam nos aceitar, porque o Gilvan sempre falava que é preciso conquistar eles, fazer com que eles pudessem gostar da gente.

O professor Gilvan já tinha trabalhado em várias fronteiras, ele trabalhou até com o intercâmbio de indígenas! Ele era um grande pesquisador do bilíngue, na minha opinião, ele é um gênio! Infelizmente eu perdi o contato dele depois que me aposentei. Lembro que aquela semana de formação com ele foi muito puxada, trabalhada, e em certos momentos dava vontade de desistir. Principalmente quando nós entendemos com que era, do que se tratava, que o negócio era bem mais em baixo! Que nós compreendemos que nós íamos ter que planejar, depois nós iríamos dar a aula, que após a aula tínhamos que fazer a avaliação da aula, verificar se nós conseguimos ou não alcançar nosso objetivo, era muita coisa. E ainda, a orientadora tinha que fazer o parecer das nossas aulas, relatando tudo e enviar para a IPOL.

Nessa semana de formação, além de tudo, aprendemos a formalizar as coisas, o que não era tão fácil. Aprendemos a descrever os objetivos, a descrever aula por aula, verificando se os objetivos foram alcançados, e isso tudo, o Gilvan deixou muito claro que era fundamental.

Nós tivemos orientadoras que nos ajudavam, e outras nem tanto. A Mari foi a primeira, mas não deu muito certo e trocaram. Depois veio a Lizete Ofmam, que nos ajudava muito.

Quando nós voltamos de Paso de los libres, viemos com um esqueleto de planejamento para as primeiras aulas, mas faltava muito ainda, faltava os materiais, faltava a gente pensar em como iria chegar na escola no primeiro dia, porque isso era muito importante. Primeiro porque nós não usava o guarda-pó pra eles já seria estranho, e depois pela preocupação que o Gilvan deixou claro, nós tínhamos que levar coisas diferentes, pra que os alunos gostassem de nós. Então quando voltamos nós pensamos muito, em o que nós faríamos, nós pensamos mil e uma maneira de como se vestir, de como chegar lá e finalmente chegamos à conclusão de iríamos vestidas de fada!

Nós tivemos um pouco mais de tempo pra nos organizar, pois lá as aulas começam só em março, e aqui em fevereiro. Então nós começamos a pensar como que agente ia ir, porque nós não queria chegar lá no primeiro dia vestida normal, e ai começamos a pensar o que íamos fazer pra que eles nós vissem como uma pessoa diferente, que veio trazer coisas boas e bonitas pra eles, pra eles aprenderem, e assim fomos pensamos em muitas coisa, olhando livros, até que decidimos que a gente ia de fada!

Então, no primeiro dia fomos vestidas de fada. Pra ter aquele impacto, pra eles perceberem que a gente ia lá pra levar coisa boa e coisa bonita pra eles. E aí, fomos pesquisar como fazer isso, fazer aquilo, pesquisar o nome de fadas, porém não tinham mando dinheiro pra nós, nem pra comprar material! Nós não tinha nada! Daí pensamos, pensamos até que achamos um CD de histórias, onde tinha a fada amarela, a fada azul e a fada branca, e nós éramos em exatamente três professoras. Naquele CD tinha a história das fadas, era muito lindo se encaixou perfeitamente no nosso primeiro dia! Foi perfeito. E daí as roupas, pensamos o que íamos fazer, pois não tinha dinheiro, e então tiramos dinheiro do próprio bolso, compramos TNT e eu costurava, então viemos aqui pra casa e fizemos as roupas, colocamos brilhos, fizemos tudo, até os chapéus e as varinhas mágicas.

Então pensamos o que mais poderíamos fazer pra chamar a atenção deles. Sabíamos o que as fadas fazem, e ir vestida de fada por ir não era isso que queríamos. Tinha que ter um sentido! Tinha que ter algo pra eles aprenderem e ficar gravado na cabeça deles, e ai lembramos que as fadas transformam as coisa e

chegamos à conclusão de levar o pó da sabedoria pra eles! Esse pó da sabedoria seria um glitter, um brilho, onde colocaríamos isso dentro de um potinho, transparente ou branco. E então, quando nós chegamos lá e descemos as escadas que vão da diretoria até as salas nós se sentimos umas debutantes, imagine eu vestida de fada! Todos os professores da escola ficaram olhando, até porque elas vieram aqui só de guarda pó, e nós lá de fada! Os alunos quando viram nós ficaram encantados! E pra mim, isso ficou gravado! E para os alunos então, depois que eles foram pra frente, e encontravam a gente na rua, eles vinham e falavam, você é fada branca, ou fada amarela, fada azul! Pra nós, foi uma coisa gratificante e emocionante, porque nós tínhamos conseguido alcançar o objetivo que o Gilvan tanto queria.

Eles gostavam da gente e daquilo que a gente estava ensinando pra eles! Quando chegamos lá, no primeiro dia, eu lembro que tiramos uma foto na frente da escola, depois o diretor veio nós receber, nós já fomos vestidas pra lá, íamos de táxi, naquele tempo pagavam o táxi pra nós.

Quando chegamos lá, o diretor pediu pra que as professoras argentinas organizassem os alunos e aí fomos descendo uma por uma, o diretor ia anunciando os nomes e nós falamos o que agente ia ensinar e então cada uma foi pra sua sala, cada uma com uma primeira série, assim como elas faziam aqui, mas nós planejávamos tudo junto. Nas quartas-feiras á tarde a gente conseguia planejar junto com elas, uma quarta-feira elas vinham aqui e outra nós íamos lá.

Quando nós fomos pra sala, meu deus, foi aquela loucura! Daí agente contou, explicou tudo o que a gente ia fazer, que nós não usava guarda pó como as maestras deles e que nós era professora e estava lá para ensinar o português, seja através de histórias, como por exemplo a gente estava vestida de fada, seja através de historinhas, de contos, onde nós ia se vestir dos personagens, eles iam se vestir dos personagens e que nós ia ensinar eles. E foi naquele primeiro dia, que nós conseguimos conquistar eles e fazer eles entender que a nossa maior finalidade era fazer com que eles entendessem que nós ia lá ensinar o português pra eles. E que nós sabíamos que eles eram inteligentes, que eles iam querer aprender o português e que nós fomos até lá pra levar o pó da sabedoria pra eles, pois a agente tinha esse poder! E que seria através desse pó eles iam ter esse conhecimento, então a gente ia colocar esse pó na testa deles e que assim eles iam despertar, se abrir pra

aprender, pra eles participar da nossa aula. Corria lágrimas dos olhos deles, pois o professor argentino não trabalha assim.

Sabe, até hoje, quando eu estou meio deprimida, entro ali na minha salinha e fico olhando, pensando, analisando o quando agente sofreu, porque agente sofreu muito! Porque ali no começo não tinha dinheiro e a gente brigava com a diretora daqui, com a coordenadora, com os de lá também. A gente brigava porque a gente queria que eles trouxessem coisas boas pros nossos aqui também. Pois os nossos alunos viam nós preparando as coisas pra levar pra lá, e nos perguntavam porque não vinham essas coisas pra eles também. No entanto, um dia nós falamos com a Salete, porque não tinha vindo à verba, daí ela fez nós mesmas, ligar pra Roberta, ela fez a ligação e falamos com a Roberta, que disse que a gente tinha toda liberdade pra ligar, pra pedir, pra contar o que tá acontecendo, nós ligamos pra Lia também de Buenos Aires, e contamos que as coisas não estavam acontecendo como era pra ser ; mas pouco mudou! Eu até um e-mail ali que o Giovan me mandou, uma resposta, porque eu era dedo duro! Na verdade, eu queria ver resultado, queria que os nossos aprendessem, da mesma forma como a gente levava pra lá! Porque nós não tinha sábado, não tinha domingo, não tinha feriado, nós tirava dinheiro do próprio bolso. Eu lembro que nós vínhamos aqui pra casa, era tudo aqui, porque eu tinha máquina de costura, eu tinha minha mãe doente e precisa ficar um pouco com ela, então era tudo aqui!

Era muito divertido! A gente não via o bilíngue como um trabalho, pra nós era bom, era alegre, feliz! Pra nós era festa, depois mandaram uma máquina fotográfica pra gente registrar tudo. E então, quando chegou a máquina, a diretora me chamou e me entregou a máquina dizendo que eu seria a responsável pra registrar tudo, e eu registrava, mas quando eu entregava a máquina, tudo sumia. A Maria apagava, então esse é meu maior sentimento! Lá de Uruguaiana também, não tem nada! Aqui quando trabalhamos o sítio do pica pau amarelo, também não tem nada! A da tenda que o exercito veio e montou pra nós, onde trabalhamos os pratos típicos, também não tem nada! Porque ela apagou tudo! E depois, a máquina até foi perdida! Porque usavam pra outras coisas, mesmo a máquina sendo do bilíngue, e no bilíngue, era eu que era a responsável. E depois de um bom tempo, um dia foram mudar uns armários lá na secretária, e daí que acharam umas fotos e a máquina lá, caída no chão, e aquelas fotos eram preciso pra mandar no relatório. Então eram muitas dificuldades! Infelizmente, sempre o que falava mais alto era a política

mesmo! Infelizmente a SEDR sempre falava muito do bilíngue, mas muito só ficava no discurso. A SEDR é a secretaria estadual de educação de santa Catarina.

Nunca tínhamos dinheiro, a verba não vinha, e daí a IPOL que custou pra mandar uma especialista pra nos orientar, porque no início vinha a cada quinze dias e depois uma vez por mês, e o dinheiro foi encurtando e eles foram cortando, essa foi uma das nossas dificuldades. Verba pra material, pois os alunos de lá eram muito pobres, não tinham lápis de cor, borracha, lápis de escrever. A professora lá tinha pra empresta pra eles, mas no fim da aula, tinham que devolver. Então nós, tínhamos que levar tudo daqui, lápis, borracha, lápis de cor, tudo! O que nós quisesse fazer lá, tinha que levar tudo daqui. Até folha de ofício a gente tinha que levar, nós compramos cadernos pra eles também, teve uma época que a APP da nossa escola nos ajudou pra ajudar a comprar o material pra eles. Foi bem difícil! Nós precisávamos de muita coisa, pois era uma maneira diferente de trabalhar, não usava livro, não usava o quadro, então nós tínhamos que fazer roupas pra nós, roupas pra eles, o que nós ia usar já levava tudo daqui. Uma vez nós compramos os cadernos pra eles com dinheiro do nosso bolso e todas as atividades que eles faziam, a gente ia lá e colava no caderno deles e esse caderno e a gente trazia pra casa! Nós guardava, tanto que cada uma tinha uma sacolona pra leva e trazer as coisas, tudo a gente levava e trazia!

Nós não tínhamos um espaço lá na escola da Argentina pra guardar as coisas, nunca conseguimos isso, por mais que precisasse. Nós levava caixa de som, TV quando ia passar filme, DVD, tudo, tudo mesmo. E quando a gente ia fazer apresentação de uma história infantil, daí eu levava a caixa de som que eu tinha, com microfone e eles achavam o máximo eles falarem no microfone. Pra eles, isso era diferente, novidade, coisa boa! Coisa bonita! A gente vestia eles de fada, de rainha, de princesa!

Eles viviam aquilo, primeiro nós, eles sentados, as três turmas juntas quando a gente ia apresentar, por causa dos personagens, às vezes até ia mais alguém da escola, pra ajudar a apresentar, porque faltava personagens. Então primeiro a gente fazia, apresentava e depois era eles, eles que tinham que fazer, falar pra aprender o português!

Eu sempre dizia pra Lúcia, quantos fio de cabelo branco... Mas nós chorava! A Lizete Volpatto, que era a coordenadora, ela nem vinha pro nosso lado. E quando a gente queria apresentar, uma coisa bonita, diferente e que nós não tinha dinheiro,

nós íamos na secretaria pedir, e o nosso apelido era as briguenta!!! Nós brigava, brigava e pedia, e daí elas diziam que não tinha! Eu e a Lúcia chorava, brigava, era sempre eu e Lúcia. Nós sempre buscando! A gente chegava, sentava na beirada, por as nossas salas assim, eles tinham construído uma ala nova e deram ali para o bilíngue. Daí a gente sentava na calçada, uma deitava e a gente chorava. E vinha a Lizete de lá com um papel na mão, caneta e anotando, lembro que ela vinha assoviando e nós chorando e brigando, mas ela ficava ali, esperando, sem falar nada e quando ela via que a gente se acalmava, daí ela falava, podemos conversar, então, ela tinha a santa paciência de ficar aqui, quieta até a gente se acalmar, ela sabia o momento de conversar com nós! E ela dizia gente nós entendemos a vontade o desejo de vocês, nós entendemos que vocês vestiram a camisa do bilíngue, porque vocês adoram o que vocês fazem, porque vocês querem fazer a coisa funcionar, a coisa andar e não tem recurso! Mas vamos fazer diferente, vamos planejar diferente, eu vou ajudar vocês, eu ajudo vocês! Vamos procurar outra meio, outra ajuda, a Lizete sempre ajudava a gente ela sempre dava um jeito!

A Lizete era coordenadora do colégio, mas ela nos ajudava muito! Porque até tinha a coordenadora do bilíngue, mas essa nem vinha pro nosso lado. A Lizete ela era uma pessoa fora de série, sensacional! E a do bilíngue, essa nem ia, porque ela sabia que nós cobrávamos dela, porque era ela que tinha que ir atrás. Ela tinha que buscar o recurso, ela tinha que ir na secretaria, ligar na IPOI, falar primeiro com a Stela, depois direto com o Gilvan, e se não desse, falar com Brasília, MEC. Porém isso não acontecia, e então que a gente brigava!

A gente fazia o que podia, com o pouco de material que conseguia! E olha, o que a gente fazia, depois que trocou de diretor, nós já tinha ido uma vez na secretaria pedir coisas e daí quando viam a gente chegando elas já se escondiam, porque tava vindo às brigentas, daí eu disse pra Lúcia vamos matar elas no cansaço, porque se elas fecham a porta pra nós, nem que seja brincadeira, vamos matar elas no cansaço, porque sabe que nós vamos lá cobrar. A Lúcia disse vamos fazer o que, daí eu disse vamos escrever aqui no papel, fazer uma lista de tudo que a gente precisa e eu tinha uma régua bem comprida, ela era do tamanho do quadro que eu usava pra fazer as linhas no quadro, pras crianças aprenderem a escrever porque precisa. E vamos prega essa lista aqui na pontinha da régua com uma fita e daí nós chegava na primeira porta, se elas tavam por ali e nós enviava a régua e ficava escondida do lado. Seja na sala da Lizete ou na diretora, a gente fazia a

mesma coisa, e a ripa. Elas pegam a régua e diziam venham aqui suas descaradas e briguentas, só que nós estávamos cansadas de leva, daí só colocamos na ripa, então agora podem escreve a resposta e coloca ali na ponta amarrada também pra nós. No fim, a gente conseguia! Mas tinha que insistir bastante! Nós tirava dinheiro do bolso! E nem aquela subida de nível tivemos, só ilusão! Depois ofereceram uma pós para nós, seria um benefício, porque seria tudo grátis. Nós ficamos super feliz, mas era pra ser dois anos, mas nós só tivemos seis meses. Por puro desinteresse do MEC daqui e do MEC de lá, não pagavam direito os professores da pós. Mas era fantástico! Se tivesse continuado, pois era muito bom!

A ideia do bilíngue era muito boa! Mas algumas coisas, eu digo que foram meio jogadas, tal escola que vai fazer, e que muito dependia, do comprometimento do professor. E era isso que elas fazia, uma aulinha normal. As professoras da Argentina lutaram e até que pararam de ir dar aula, e enfim conseguiram a gratificação pra elas! Bateram o pé e conseguiram a gratificação delas. E nós nada, mas nós continuava, por causa da Lizete e a outra depois que se chamava Elizete, que uma era coordenadora da escola e depois a outra era do bilíngue, essa também era sensacional. Já na quarta-feira que nós íamos planejar, ou na terça-feira à tarde quando ela tinha tempo, porque ela que tinha que ficar se comunicando por e-mail, porque ela se comunicava com o pessoal do MEC, daí ela já vinha perguntando o que a gente ia trabalhar, ela já ai organizando, vendo tudo, dos materiais pra nós. Ela imprimia tudo, já trazia tudo organizado, daí a coisa funcionava! A gente sentiu muito quando ela saiu, porque ela ganhou uma bolsa pra fazer o doutorado ou mestrado, daí ela saiu. Mas nós choramos, porque ela era fora de sério, o que pedisse pra ela, ela ia organizando fosse livro, material da internet ela tirava, tudo! Às vezes, a gente chegava e ela já tava lá com a professora da Argentina, dizendo olha eu consegui isso, isso e isso. Então a coisa andava sabe, funcionava, tudo ficava mais fácil. A gente tinha mais vontade de trabalhar.

Nós íamos pra lá nas terça e na quinta-feira, duas tardes lá por semana, e tínhamos uma tarde por semana para planejar. Esse tempo de planejamento não era suficiente, mas só nos permitiram esse tempo depois de muita briga também. Porque no início não tinha, a gente tinha que planejar na aula de educação física e artes daqui, e isso inclui planejar pra todos os alunos, do Brasil e do Bilíngue. Depois nós conseguimos essa tarde para planejamento.

O bilíngue aqui sempre foi por projeto. Lá na nossa primeira formação, quando o Gilvan pediu como que a gente ia trabalhar, a Lizete que também gostava muito de trabalhar assim, e era a orientadora da escola, foi ela que sugeriu pra ele trabalhar dessa maneira, até porque a escola já trabalha assim, desde a alfabetização, e ele adorou a ideia e disse que poderia continuar sendo assim no bilíngue, por projetos.

Nós pensávamos nos projetos, por exemplo, a partir dos contos infantis, que esse foi o primeiro, perceba quantos que tinha, então dava pra você trabalhar quase o ano todo, era um projeto bem amplo. E também as datas comemorativas, nossas, aqui do Brasil, Páscoa, dia índio, dentre outras. Datas da nossa cultura pra levar pra eles. Porque lá, por exemplo, dia das mães é em outubro e o dia dos pais é em julho, então nós tínhamos que levar a nossa cultura.

Então nós trabalhávamos dança, no dia das mães nós ensinamos nossa dança pra eles, musicas. E no dia dos pais também, páscoa então no meio dos projetos nós intercalava nossas datas comemorativas para ensinar pra eles. Então, era muito legal! Nós trabalhava muito na forma de teatro, fazia muito teatro. Eles adoravam. Trabalhamos também no dia do idoso, onde nos levávamos os idosos, eu só não levei minha mãe, porque ela tava muito doente, mas aí levamos três senhoras e eles perguntavam, participavam, e elas dançavam com eles, e eles perguntavam como que eram os brinquedos delas, como que elas viviam, foi lindo!

Eles não encararam, não gostaram do projeto de cara. Pra eles o bilíngue seria uma bobeira, eles não tinham o entusiasmo que a gente tinha! E assim, eles receberam a gente muito bem, com muito respeito, muita atenção, mas na escola, infelizmente quase nunca tinham nada, era bem carente a escola. E a gente levava tudo daqui. A cultura deles, a gente já conhecia. Talvez porque a gente nasceu aqui, só que você estar lá, convivendo com tudo é bem diferente!

E assim, a nossa maior briga também era quanto à higiene, que a gente até cobrava do Gilvan e até que um dia ele disse lá pra nós, que era a cultura deles, e então nos desistimos porque nós falávamos pra ele que nós entregamos a nossa sala limpinha pra elas aqui, a sala impecável, e quando nós chegamos lá, era papel, barro, poeira, comida, lixo. Pra colocar o trabalho do aluno na carteira gente tinha que ir lá e limpa as carteiras, era muito relaxamento, nós chegava chora, e O Gilvan, que era um homem muito bonito, respondeu pra nós um dia, de braços cruzados e nos olhava, e pedia o que mais vocês querem reclamar, pode falar, estou escutando,

chorem, falem que eu escuto, terminaram, então eu vou repetir pra vocês mais uma vez, que a cultura deles é assim!!! Não é Brasil, pra eles não interessa se tá limpo ou sujo e coloquem na cabeça de vocês, que vocês não vão lá pra mudar a cultura deles vocês vão lá pra ensinar o português pra eles coloquem isso na cabeça de vocês! Põe isso na cabeça! Vocês podem falar isso pra eles, ensinar sobre higiene; mas não forçar, não querer mudar o que é deles, porque vocês não vão conseguir!!! Vocês podem até trabalhar 20, 30 anos com eles, tentando mudar a cultura deles, sobre a higiene, mas vocês não, não vão conseguir mudar!

Nas nossas aulas, nós tentava ensinar, nós levávamos uma toalha, pedia pra eles lavar a mão, depois secar na toalha, a gente levava um pano, pra que limpassem as carteiras e eles se adaptaram e ai eles mesmos mostravam a carteira suja e pediam pra limpar, eles diziam profe ta meio suja nossa carteira, então eu digo que alguma coisa sobre higiene nós conseguimos e nós dizia pra eles, como que vamos expor esses trabalhos lá no Brasil, tudo sujos, com as marcas dos dedos de barro. A gente tentava sabe, mas não como forma de imposição, mas a gente tentou mesmo ensinar que pelo menos o trabalho devia ser limpo! Então daí eles entendiam que tinha que cuidar da carteira, das mãos. Mas, ai nós desistimos, não falamos mais pro Gilvan, porque ele falava que nós tava indo lá pra ensinar a língua portuguesa e não mudar a cultura deles e ponto final!

Quanto ao intercâmbio dos alunos, era muito difícil lá! Os pais dos alunos da Argentina vão para o trabalho, assim que eles chamam lá, porque aqui tem pouco trabalho então o trabalho deles é ir trabalhar fora em Corrientes, corta madeira, trabalhar lá em serviço pesado, com caminhão, serviço fora, então isso é em torno de cinco a seis meses fora, eles mandam um dinheiro pra família mas demoram pra voltar e pra passar na aduana a “burrocracia” porque já que fizeram o programa tinha que ter alguma coisa, os próprios governantes, o pessoal da IPOL deveria criar um documento para que a gente tivesse passe livre, isso teria facilitado bastante. Então os alunos da Argentina não conseguiam a autorização dos pais porque a mãe estava aqui, mas o pai estava fora, no trabalho, então não tinha como, porque precisava da autorização dos dois. Então foram poucas vezes que nós conseguimos trazer eles pra cá. Mas eles tinham muita vontade, muita curiosidade de conhecer aqui.

Teve uma vez que nós fizemos um almoço pra eles, mas foi uma luta pra conseguir trazer eles pra cá, mas isso se arrastou mais de um mês, pra conseguir

organizar o papel ali! Lembro que foi um ônibus daqui até ali na aduana, e outro ia da escola pega eles, até a aduana. E daí quando a gente conseguia vinha os professores, algumas mães junto pra ajudar e era tranquilo. Nós conseguíamos ir mais com os nossos alunos pra lá do que eles pra cá! Só que nós queríamos trazer eles mais pra cá, pra eles conhecerem mais a nossa cultura. Mas assim mesmo, eles conseguiram sabe, através da nossa sala de aula, o jeito que a gente vive aqui, conversar com os alunos, conhecer a nossa escola, nossos professores. Mas poderia ter sido muito mais! Na festa das culturas, que foi uma data que a escola criou, todo mês de outubro tinha essa festa, e então foi que a gente conseguiu trazer eles pra cá., pra essa festa das culturas. Lembro-me que tinha um senhor que tinha um casal de gêmeos, alunos meus lá na escola da Argentina e nós, tinha que trazer e ensaiar lá com eles, uma dança nossa, pra eles apresentarem aqui. Então perguntei na sala quem queria dançar e daí esse casal de gêmeos disse que queria, pois eles sabiam bailar. Eu disse, é dançar e não bailar e então eu disse pra eles que os pais tinham que vim na escola pra conversar melhor com a profe. Daí eles vieram, eram umas pessoas mais esclarecidas com mais cultura, então o pai concordou e disse ainda que eles sabiam dançar o chamamé também e que dançavam muito bem. Daí ele perguntou se não dava pra eles dançar, daí eu disse dava, mas eu vou ensaiar com eles uma dança nossa e então eles dançam as duas, uma nossa e uma de vocês, porque era festa da cultura, cultura daqui e cultura de lá. Nossa aquele pai ficou tão feliz, porque imagine os filhos tão pequenininhos, vindo dançar aqui! Nem todos conseguiram vim, apenas os que tinham o pai em casa.

Um dia eu fui lá e disse assim, vocês fazem tanta “burrocracia”, vamos levar eles ali perto de casa, um fica um lado, outro do outro. Eu disse gente pra que a gente ficar correndo atrás de autoridade, se eles vem pra cá vender doce, chipa, pastel e daí pra levar eles ali perto do marco, eles sobem o barranco e o nosso ônibus espera eles e trás e não deixaram! Me chamavam de louca. E querendo ou não, desse jeito a gente estaria ensinando pra eles tudo que já existe e errado.

A matemática a gente trabalhava na primeira série, como eu te falei era muito verbalmente, não no caderno. Como quando foi trabalhado o sítio do pica pau amarelo, a gente perguntava pra eles quantos animais tinha naquele cercado, naquela pintura, quantos porco tinha, quantas vaca tinha, quantas galinha... Nós conseguíamos criar esse link com a matemática e outras disciplinas nos projetos, o

que dava pra englobar a gente englobava, sempre falando a nossa língua, o português, não escrevia, só através de representação, desenhos, teatro, apresentações! Formas diferentes e tentando englobar todas as matérias, o português, ciências, matemática, todas.

Por exemplo, o projeto do sítio foi uma coisa extensa, dava pra trabalhar um monte de coisas. Nós fizemos a cesta com as frutas, quantas frutas foi em cada cesta ou, quantas frutas o colega colocou na cesta, porque isso tudo dependia dele. de como eles colavam. Então, tinha espaço pra educação matemática dentro do bilíngue com certeza, porque a gente aproveitava tudo, tudo que podia, a gente só não dizia olha agora é matemática, agora é isso, ou aquilo, era trabalhado tudo junto. Era uma globalização, uma coisa natural! Uma coisa ia puxando a outra.

Quanto aos diferentes saberes que eles traziam para dentro da escola, os saberes comuns deles, se a gente perguntasse, conforme a gente trabalhava, a gente ia questionando eles, e na tua casa, como que isso aqui acontece, isso tem, você já viu isso, assiste isso na TV, porque eles só assistem coisa daqui, conheciam tudo! Então, eu acho que pra gente foi mais fácil trabalhar o português lá. Pois o brasileiro é um povo orgulhoso e ignorante e atrasado. Sempre o nosso é melhor.

Eu particularmente, porque tenho meus parentes lá, eu então sempre brincava, sempre falava com eles lá, nem que fosse meio errado, mas eu sempre participei, então eu falava, eu procurava falar mas o povo brasileiro tem vergonha e não quer aprender o espanhol e eu acho isso a pior burrice, porque você saber falar mais de uma língua, isso é muito importante! É um diferencial, e ainda mais vivendo em uma fronteira, porque pensa, você não saber falar a língua do país vizinho. E eu, eu admiro eles porque eles têm orgulho de aprender a falar o português.

E você pode ver, se você vai no mercado eles se esforçam pra falar a nossa língua e aqui no Brasil não! São poucos que falam a língua deles e tentam falar o espanhol com eles. E eles, que vêm pra cá, já chegam falando o português mesmo sendo Argentinos natos! A questão do preconceito do Brasileiro, eles não gostam do Argentino por causa do futebol, eles não gostam e vem aquela rivalidade e eu vejo, que o brasileiro é muito orgulhoso, isso é uma dificuldade, pelo menos, eu vejo assim! Eles não querem dar o braço a torcer e aprender essa outra língua. E admiro e tiro o chapéu pra eles, porque eles tentar falar o português, gostam, tem orgulho disso e se por acaso eles não sabem uma palavra eles vem e te perguntam, então eu tiro o chapéu pra eles! Teve uma vez que teve uma apresentação ali no marco,

porque aquela vez nós não conseguimos trazer nossos alunos da Argentina, então foi feito ali no marco. Na hora de apresentar, nós fizemos eles subirem no barranco, porque o palco era no Brasil e os nossos aqui em cima, “burrocracia”, pra eles era emocionante tudo isso! E tava a RBS filmando, e daí foram falar com a Salate, a diretora, só que ela não quis falar. Por causa disso, de estar ali sem autorização e outra que ela não gostava de dar entrevista. Então mandou pra Lúcia, ela também não quis, porque não gosta. E me chamaram, eu tava lá em baixo com meus alunos, então eu disse pra Salete que ela era a diretora, ela tinha que falar, mas ela me disse que ela era a diretora, mas que ela não sabia como que a gente de fato trabalhava. A Emissora era do Brasil, a RBS, de Santa Catarina, Chapecó. E daí quando chegou à vez, eu não me lembro se a coordenadora não tava ou se também não quis falar. Então eu disse, mande eles pra cá, que eu vou falar, e eu lá do lado argentino com meus alunos, vou falar tudo o que é bom e o que é ruim, não vou tampar o sol com a peneira. E a Salete disse, Neuza olha o que tu vai falar, e eu disse que ia falar a realidade porque que ninguém quer falar, e porque vão inventar o que não existe!? Eu vou falar a realidade, o porque que nós estamos aqui em baixo. E claro que perguntaram, porque não fizeram na escola, eu disse pura “burrocracia”. Os pais estavam no trabalho, daí eu expliquei o que era trabalho, e disse que eles precisavam da assinatura do pai, mãe e juíza, e eu expliquei tudo isso, que pra vender as coisas deles, ai eles podem passar pela aduana sozinhos, sem a autorização dos pais. Mas para a escola precisa dessa autorização dos pais e daí eu disse que era pura falta de interesse da SEDR daqui, da IPOL e o MEC.

Por causa do programa, devia ter se pensado nessa liberdade de ir e vim. E então, ele perguntou das nossas dificuldade. E eu fui sincera em falar delas, no entanto a gente teve problema com diretor e de Possadas, porque queriam que a gente ficasse de boca fechada e a gente não ficava! Nós não calava. No finzinho da entrevista, ele tinha feito às perguntas deles, se a gente se relacionava bem com os argentinos, com os país, como que era esse relacionamento e tals, daí eu disse que é claro que tinha coisas que eles achavam que não tinha que ser trabalho daquela forma é eu disse, que sempre tinha uma coisinha, uma discordância no planejamento e tal. É natural, normal, é bom! Esses questionamentos e então ele me perguntou, e quanto à escola, o programa, tudo certo, daí eu disse não! Não tá tudo certo! Eu falei não podia dizer que tava tudo às mil maravilha porque não era! Eu falei que era bom, que nós gastávamos que a gente fazia e falei que é claro, que

existia aquelas diferenças que eu te falei o que um concorda e o que o outro não concorda, daí ele me disse que tinha mais uma última pergunta pra me fazer, quanto ao futebol, ele disse, daí eu disse que daí a coisa muda de figura, que vence quem joga melhor!

Essa rivalidade no futebol sempre existiu! Se até o Galvão Bueno disse que ganhar de outros países já é bom, imagina ganhar da Argentina, e eu não sei o porque. Mas eles dizem que o maior jogador do mundo é o Maradona e o Brasil diz que é o Pelé, e daí que vem essa rivalidade, entende?!

E tem também uma questão das terras, uma questão histórica. Pois Palmas, Clevelândia tudo pertencia a Argentina. E isso vem lá de antigamente das disputas, porque daí Dionísio Cerqueira leva esse nome, pois quem veio acertar essas questões das divisas aqui foi o general Dionísio Cerqueira, ele que tem todo o histórico que veio acertar. Porque não sei se você sabe que a divisa dos países, a divisa dos estados é dado pela caída da água. Conforme corre a água e aqui, como não tem rio só tem a nascente do Pequeri ali em cima, então ali segue a divisa o lago, que o lago é nascente do rio Pequeri. Assim como é em Foz, como o Paraguai, a Argentina fazem a divisa e como pra cá não tem rio é divisa seca, dali que começou as confusões. Então como o rio mais perto era distante, ali que começou as confusões e aí quem resolveu essas questões foi o Dionísio Cerqueira, que daí ficou o nome da cidade e ele fez conforme o caimento das águas, porque tem uma maneira, naquele tempo não tinha aparelho, se usava as forquilhas pra ver onde que tinha água, pra identificar, era forquilha de pessegueiro. E diz que foi assim que eles foram determinando o caimento das águas e daí que foi gerando os conflitos. Eu até namorei um Argentino e ele meio que brigava comigo, que nós roubamos as terras deles. Na cabeça deles, foi uma coisa que foi tirada deles, roubado e não, foi por causa do caimento da água que determinou esse becos que ficou essa divisa meio estranha e ali, tinha realmente água era um banhado, se fosse vê então, a divisa tinha que ser mais pra lá mas como o terreno ali é em declive. Assim ficou determinado.

Meu pai nasceu aqui! Meus avós nesse terreno em Barracão. Meu avô foi um dos primeiros pioneiros, quando ele chegou aqui, porque ele veio de Clevelândia, ali de cima até no BNH pertencia a ele. e no fim sobrou esse terreno aqui de mil metros quadrados, aqui tiveram todos os filho. Meu pai serviu na época da guerra da Alemanha, ficou quatro anos. e quando ele voltou. ele ficou a

disposição do governo federal, não só ele, todos que serviram, e daí ele casou com a minha mãe que tava esperando ele, porque namoraram desde os doze anos e daí foram morar lá em Santo Antônio, em uma chácara. Daí depois de dez anos chamaram ele pra trabalhar no correio, reaproveitaram ele, e então vieram morar aqui, ele comprou do meu avô com a finalidade de cuidar deles até o final da velhice e realmente cuidou e depois eu cuidei da minha mãe, porque meu pai morreu num acidente.

Eu sempre estudei aqui, fiz o primário no Leonor, o Magistério lá em cima no Doutor Mário e daí depois de muitos anos fui fazer a faculdade e a especialização. Comecei trabalhando numa loja, mas nem cheguei há trabalhar um ano, porque me formei em 77 e em 78 comecei a trabalhar numa loja e daí faltou professora na escola, e me chamaram, mas tinha que se formada e daí não deixaram, pois no começo de 78 me chamaram, a professora veio atrás de mim e disse que ia ter uma turma pra mim. Trabalhei sempre como professora alfabetizadora, no Theodureto entrei em 78 e me aposentei lá em 2008. Sempre no Theodureto! Quando eu tinha apenas 20 horas, eu fui trabalhar na APAE, porque quando já estava no Theodureto eu tive a possibilidade de ir pra Florianópolis fazer um curso oferecido pelo governo do estado, e daí me aperfeiçoei pra trabalhar com deficientes mental, e então foi aberta uma classe e daí trabalhei lá. Eu trabalhei uns cinco ou seis anos com esses alunos e daí em outubro, foi que a gente tava fazendo festa do dia de criança, e um aluno me acertou uma bolada na perna e dilatou uma veia tive que me afastar e como no fim do ano, tinha que ter feito relatório dessa turma, pra enviar pra secretaria e como ninguém fez na escola porque eu não tava lá, foi que não abriu turma no ano seguinte para os alunos especiais. E quando eu voltei não teve mais como abrir, e daí que comecei a trabalhar com a alfabetização. Mas eu adorava, amava trabalhar com a educação especial! Eles são queridos, amados, eu sou apaixonada por eles, eu trabalhei oito anos lá e só sai, porque se aposentou uma professora e abriu vaga na Theodureto e era a minha vez de alterar a carga, e então fiquei com 40 horas. E me aposentei trabalhando com primeira série. Eu amava as primeiras séries. Pra mim, é ali que você molda eles como seres humanos, como você alfabetiza, a tua palavra é lei. E eles brigam com a mãe, o pai, porque a professora falou assim, ou assado. Eu senti isso na pele, porque eu não quis ser profe do meu filho na primeira série porque a diretora me disse, Neuza não pega seu filho na primeira série, eu peguei e senti isso na pele, ela me disse que teve que

surrar a filha dele, porque se achava, subia nas carteiras. Então ela me disse, pela experiência dela, que não era pra eu pegar o Anderson na primeira série, pra eu não sofrer. E bem no fim, eu disse pro meu filho que era a diretora que escolhia que professora que ia ficar com qual turma pra eu não pegar a turma dele, porque ele queria muito. Naquele ano eu peguei a terceira, e daí ele chorou, como ele brigou! E na terceira série, eu fiz questão de ser professora da turma dele, e fui!

No bilíngue eu sempre trabalhei com a primeira série, porque eu trabalhava coma primeira série daqui, quem tinha o segundo daqui, ficava com o segundo de lá, e assim por diante.

Tinham muitos pais que eram contra o bilíngue, e nem mandavam os alunos pra escola lá na Argentina, já aqui no Brasil era diferente, aqui inclusive aumentou o nosso número de alunos por causa do bilíngue, e a escola passou a ser integral, então eles ficavam o dia todo na escola, almoçavam na escola, então, aqui a procura aumentou.

Mas a minha paixão pela educação não acabou, e sempre pela primeira série, porque alfabetizar é algo, que eu sempre digo que alfabetização é como você pegar uma massa e modelar ela. Eu me lembro, que meu filho na primeira série, na hora de fazer o tema eu tinha vontade de surrar eles, porque ele teimava sempre foi um aluno nota dez, mas eu ia lá e ensinava ele, e ele dizia que não era daquele jeito que a professora tinha explicado, pense, eu era professora de primeira.

E hoje eu não tenho acompanhamento o bilíngue em nada! A única coisa que nós tivemos foi ali, quando completou dez anos, que aí lembraram de nós! Não sei por que a Lúcia não foi, e na hora de falar, lá no encerramento, que foi na Argentina a Dulcelina se foi e então sobrou pra mim, isso foi em 2015, e então a Stela da IPOL me chamou pra falar.

Meu filho sempre me diz pra não sofrer pelo que eu não posso conseguir, ele sempre me disse pra eu não me aposentar, porque eu ainda tava a mil por hora e porque eu era apaixonada pelo bilíngue, pelos pequeninos da alfabetização. Mas naquele momento, foi uma escolha minha sabe. E esqueceram de nós, mesmo todo mundo, a escola toda sabendo do nosso trabalho. Não é que quer engrandecer, mas valorizar o nosso trabalho, porque se não fosse nós, não teria existido aqui, esses belos anos de bilíngue!

A gente fazia encontro, no final do ano, fazia na casa de um, na casa de outro, e nós fazia a nossa comida para o pessoal da Argentina, vinha o pessoal da

IPOP também uma fizemos aqui não era essa casa aquilo era minha vida! Às vezes acho que minha vida continua na escola era lugar de alegria, prazer, a gente realmente gostava! Então você se aposenta e perde tudo! Só pela palavra aposentadoria e sendo eu uma pessoa lúcida, que tem disposição.

Então, eu tenho um sentimento sabe isso que eu te falava antes, meu filho sempre diz pra eu não me martiriza, para de sofrer, mas eu penso que grande perda, eu queria ter o poder, a liberdade de continuar sabe, que ajudar nesse bilíngue, nem que fosse de graça mesmo. Porque pra mim, aqui ali era vida, era vida! Foi nós que começamos, nós que sentimos na pele, foi nós que criamos o bilíngue, o bilíngue é cria nossa!

O nosso livro gigante acho que também queimou. Nós colocávamos aquele livro na porta do banheiro e saía de dentro dele o que me marcou até hoje, e eu sempre lembro, foi de um aluninho de lá, que tinha o cabelo todo enroladinho e depois que eu troquei de roupa e saí de lá porque eles não viam a gente se trocando e saindo, ele veio até mim, à gente tava ali dançando as músicas do sítio com eles, e ele veio e me puxou, pediu pra eu me abaixar e disse e esses que entraram, e não saíram do livro, eles moram dentro do livro, eles vão ficar lá dentro e eu disse pra ele que sim, que eles viviam lá, que quando eu abri a capa, a primeira folha, eles saíram a Emília saiu, e depois entraram tudo de novo, e ele queria sabe se eles iam viver lá, então eu me dei conta, que eles nem percebiam que era nós, era tão mágico, tão encantador, que eles nem se davam conta, e daí eu disse pra ele que quando a gente abrisse o livro os personagens iam sair dali de novo e ele me fez me abaixar de novo e me deu um beijo e disse hermoso, que aqui ali era muito lindo, daí eu disse bonito, maravilhoso né, lindo!

Nós aprendemos muito com o projeto também, foi uma experiência, um trabalho, que eu digo, que só vou esquecer quando eu morrer, porque aquilo ali foi muita vida.

O porquê que me escolheram pra trabalhar no bilíngue, eu não sei, porque a Salete chegou na minha sala que eu trabalhava na última sala, era a sala número sete, e disse, Neuza, vai abrir o bilíngue aqui na escola e seria duas línguas, e daí você vai ser uma das professoras que vai trabalhar, e eu disse, tu tem que perguntar se eu quero, e ela disse que só ia me adiantar que eu ia ganhar a mais que as outras, era um cala a boca que já tava tudo definido. Mas eu nunca pensei de não aceitar, então ela me chamou, quando veio a Lúcia e eu disse que eu ia, porque eu

gosto de desafio, gosto de aprender, gosto de coisa nova, e desafio é comigo! Já tive tantos na vida, tanto na vida familiar como no trabalho.

Essa minha fala, é da comemoração dos dez anos: O objetivo do projeto bilíngue não é domínio de uma língua estrangeira e sim a comunicação numa segunda língua em diferentes circunstâncias, o objetivo da primeira série era o ouvir e falar, o da segunda série é o ouvir, falar e escrever e isso era fala do professor Gilvan. A sensibilização linguística é o gostar da outra língua sem cobrança, é espontaneidade da criança e a experiência da criança. A experiência das fadas, que eles trouxeram o pó da sabedoria foi trabalhado com a literatura infantil e as crianças adoraram. Os pontos positivos do bilíngue é deixar a criança criar pois o ato de criar faz com que a criança goste das atividades e do professor pois a fala e a escuta do aluno é espontânea e tem que fluir suas ideias as suas ideias e trabalhar a literatura infantil em forma de teatro, entrevistas, filmagens as atividades prazerosas e em momento alguns obrigar as crianças a participarem das aulas às vezes a filmagem das atividades e depois fazer autoavaliação das crianças é prazeroso ver a alegria delas se vendo na televisão complemento à oralidade e o lúdico que daí elas falam de tudo o que elas viram. As razões do bilinguismo a dimensão política, do projeto político global é a dimensão específica do projeto pedagógico, o ato pedagógico, práticas pedagógicas institucionais reais da escola são práticas reais dos professores, segundo CHARLOTE 2004. O conjunto fundamental de valores da educação e a educação em um determinado contexto de aula e a responsabilidade do professor, pois o professor tem que ser muito responsável pra coisa andar. O direito de todos a educação, no programa o tempo, do que é possível, e o fazer de que forma fazer de forma o projeto político pedagógico influência é o acreditar que todos os alunos podem aprender e que todos os alunos permaneçam na escola trabalhar com a diversidade cultural na tentativa de quebrarmos os preconceitos comuns nas regiões de fronteiras para uma convivência solidária e as crianças só aprender quando estão motivadas a ler o mundo. A beleza da linguagem sente-se as várias formas do dizer e segundo Mário Quintana que tem um pensamento muito bonito, que diz que o segredo é não correr atrás das borboletas, é cuidar do jardim para que elas venham até você, e trocando em outras palavras as borboletas são nossos alunos.

São os nossos aluno, então basta você querer bem a eles e mostrar isso pra eles, que eles vão gostar de você.

Como eu ia falar antes e esqueci, isso aqui, quando meu filho veio, e olhou, ele disse que coisa bonita, eu disse, Anderson resolvi fazer um painel, e aí ele me falou, Mãe, isso não é um painel! Isso ai é uma instalação. Que são coisas dos grandes artistas, que sem a senhora saber sem a senhora conhecer e estudar, a senhora montou uma instalação, que os grandes artistas como o Dunga, Arthur Bispo do Rosário, Leonilson e Cormélia Parque, que é britânica, ai tem quatro brasileiros, que trabalham muito com instalações.

E o que eu te falei dos recortes, dos retalhos, a minha mãe falava e eu, fiz uma comparação antes dela morrer, eu tinha essa assinatura dela num papel, e ela queria, de madrugada, era umas quatro horas da manhã, ela queria, queria falar com minha cunhada, e pra mim, ela já tinha contado que ida longe, vista anjo. Minha cunhada chegou e ela disse, o vidro caiu, quebrou, e se foram às esperanças, e minha cunhada pediu o que ela quis dizer, e o vidro era ela, que tinha caído quebrado aqui, e aqui e não tinha mais como juntar tudo, então se foram às esperanças! E então, eu associei a fala dela com meus retalhos, o vidro quebra e não tem como juntar, e por mais que junte não vai ficar perfeito, e o retalho, consegue! Por isso, que eu digo que minha vida são retalhos, que minha vida muitas vezes se despedaçou e muitas vezes eu juntei ela de volta, como retalho, porque o retalho é mais fácil de juntar! E comparando, a criança é como um retalho. Porque você recorta, você arruma, você ajeita, vai, tenta de novo. É o processo de construção!

**APÊNDICE 27 – CARTA DE CESSÃO – PROFESSORA NEUZANIRA
FERREIRA DE LIMA DO CARMO**

Carta de Cessão - Professora Neuzanira Ferreira de Lima do Carmo.

CARTA DE CESSÃO

Dionísio Cerqueira/SC, 24 de julho de 2017.

Eu, Neuzanira F. do Carmo, portador(a) do RG número 1.151.442, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas no encontro de discussão com base em minha fala e minha escrita. Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito das discussões realizadas e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi.

Eu, Neuzanira F. do Carmo, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.

Neuzanira F. do Carmo

Assinatura do(a) participante/entrevistado(a)

Fernanda M. Grave

Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora

APÊNDICE 28 – CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO – ESCUELA 604 – BERNARDO DE IRIGOYEN

Carta de Apresentação para Concessão de Pesquisa de Campo – Escuela 604 – Bernardo de Irigoyen/Misiones

CARTA DE APRESENTAÇÃO PARA CONCESSÃO DE PESQUISA DE CAMPO

Estimada(o) Diretora(o)!

Eu, Fernanda Marchiori Grave, brasileira, portadora do RG 12.899.946-9 e do CPF 042.928.839-55, residente no Residencial Antônio Blazin, localizado na Travessa Lulz Tomazzi, nº121, Bairro Vila Nova, Francisco Beltrão/PR, telefone (46) 98823-8294, graduada em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, especialista em Ensino de Matemática e Educação Matemática, pelo Centro Universitário Internacional e Universidade Estadual de Ponta Grossa (respectivamente), Docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Avançado Barracão e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, da Universidade Federal do Paraná, solicito a concessão para a realização de pesquisa de campo necessária para o desenvolvimento do projeto de pesquisa intitulado até o momento de: Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi, bem como para a realização de encontros, discussões, entrevistas no espaço da escola. A presente pesquisa tem como objetivo conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Certa da sua compreensão e autorização agradeço-lhe antecipadamente!

Atenciosamente

Mestranda: Fernanda Marchiori Grave


Assinatura da(o) diretora(or) e carimbo da escola



**APÊNDICE 29 – ROTEIRO INICIAL PARA ENTREVISTA – COORDENADORA
FATIMA ELENA ZAVAGOTA**

Roteiro Inicial para Entrevista – Coordenadora Fatima Elena Zavagota.

ROTEIRO INICIAL PARA A ENTREVISTA

Colaboradora da Pesquisa: Fatima Elena Zavagota
 RG nº: 28949859
 Local da entrevista: ESCOLA Nº 604 J.C. F. B. N.º 1
 Data da entrevista: 18/10/19
 Início da entrevista _____ Término da entrevista _____

Dados de identificação

- a) Sexo: Feminino () Masculino
 b) Idade: 35
 c) Função que atuou no programa: Assessor pedagógica
 d) Possui graduação?
 Qual curso Universidade Prop. Portuguesa
 e) Possui pós-graduação?
 Sim (X) Especialização () Mestrado () Doutorado
 () Não
 Especificar Magistério Especial
 f) Possui vínculo com o estado Sim (X) Efetivo () Outro
 () Não
 Por quanto tempo? 12 anos
 g) Possui vínculo com o município () Sim () Efetivo () Outro
 () Não
 Por quanto tempo? _____
 h) Por quanto tempo atuou no programa? 12 anos
 Especificar os anos 2005 até 2017

**Muito Obrigada pela
Colaboração!!!**

**APÊNDICE 30 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
COORDENADORA FATIMA ELENA ZAVAGOTA**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Coordenadora Fatima Elena
Zavagota.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Fatima Elena Zavagota, portador(a) do RG. 90949759, declaro, por meio deste termo, que concordei em participar das discussões e/ou ser entrevistado(a) para a pesquisa de mestrado, intitulada até o presente Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, na linha de pesquisa Educação Matemática, da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi. A qualquer momento que julgar necessário, poderei contatar/consultar a pesquisadora através do telefone (46) 98823 -8294 ou do e-mail: fernanda.grave@ifpr.edu.br. Afirmo que recebi o convite e aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e, com a finalidade exclusiva de colaborar com a pesquisa desenvolvida. Antes da entrevista fui informado (a) do objetivo da pesquisa: conhecer e compreender o movimento relativo a uma Escola de Fronteira, investigando como se dá o ensino da Matemática nesta perspectiva. Minha colaboração a esta pesquisa se dará de forma voluntária por meio de encontros de discussão, a ser gravado em arquivo de áudio a partir da assinatura desta autorização e posteriormente transcrita e textualizada para constituir a base de dados da pesquisa. Posso ainda, me retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou sofrendo qualquer sanção ou constrangimento. Eu, Fatima Elena Zavagota, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto a minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora deste Termo de Consentimento Livre e esclarecido.

Dionísio Cerqueira/SC, 11 de abril de 2017.



Assinatura do (a) colaborador (a) da pesquisa



Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE 31 – TRANSCRIÇÃO DA 4ª ENTREVISTA COM A COORDENADORA FATIMA ELENA ZAVAGOTA

Transcrição da 4ª entrevista com a Coordenadora Fatima Elena Zavagota.

TRANSCRIÇÃO DA 4ª ENTREVISTA

Nome da entrevistada: Fatima Elena Zavagota

Local da 4ª Entrevista: Escuela 604

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Transcritora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 18/04/2017, período vespertino

Tempo de duração da entrevista: 53 min

Hora de início da entrevista: 14:47

Hora do término da entrevista: 15:45 (incluindo a pausa)

Data da transcrição: 02 de abril de 2017

Tempo de transcrição: 3: 05 horas

Fernanda – Eu vou deixar mais pertinho aqui de ti... por que... E eu vou ligar os dois por segurança... (risos)

Fatima – (risos) Sim!

Fernanda – Aqui...

Fatima – É... tecnologia...

Fernanda – Falha também né... (risos)

Fatima – Falha... (risos)

Fernanda – (risos)

Fatima – Verdade... sim!

Fernanda – Profe Fátima... Então quando você quiser começar, você pode ficar à vontade...

Fatima – Ta certo!

Fernanda – Às vezes... em algum momento, eu posso perguntar alguma coisa...

Fatima – Aham...

Fernanda – Mas tu é bem livre para... as suas colocações...

Fatima – Aham! Eu acho que vou começar pela implantação do...

Fernanda – programa...

Fatima – Aham... sim! Eu estou desde 2005, mas... é... as pesquisas sobre, é... como que se diz... sobre o falar dos alunos, sobre o... a escola... sobre a escola irmão... que é a Theodureto, que a gente fala, escolas gêmeas ou escolas irmãs...

Fernanda – Aham...

Fatima – Começou em 2004... mas eu não acompanhei... só fiquei sabendo, depois por documentos... escritos de como foi o processo...

Fernanda – Começou em...

Fatima – 2004! E eu iniciei em março de 2005, quando foi o lançamento do programa...

Fernanda – Aham...

Fatima – Nesse começo, é... tínhamos professores do Brasil vindo para a argentina e... como até hoje é assim, e professores da Argentina, indo para o Brasil. Começamos pela primeira série... depois passou a ser segunda, depois terceira, quarta e quinta série do... 2006 segunda, 2007 terceira e... assim por diante...

Fernanda – Aham... até fechar todas as...

Fatima – Exatamente! Na verdade... faltou dois anos para fechar tudo... porque a gente só chegou até a terceira... quinta série.. porque depois o programa não conseguiu... avançar... por questões políticas... por que teve falta de verba, e etc... Então ficamos até a quinta série... que até hoje funciona assim...

Fernanda – No Brasil e na Argentina...

Fatima – No Brasil e na Argentina, funciona assim o programa. É... e alguma coisa a mais que quer saber sobre...

Fernanda – Então a parte burocrática... assim, tu não acompanhou? (Som de flauta e teclado) Então você chegou já estava sendo implantado...

Fatima – Já... já estava sendo implantado.... E eu participei de uma formação... essa formação que foi para todos os professores... de uma semana em Corrientes na Argentina, e... logo já começou em março a.... o cruze... sim, as aulas com os alunos... e á partir dali, eu comecei a acompanhar, até os dias de hoje, sim!

Fernanda – Quantas vezes por semana aconteciam essas aulas...

Fatima – Aconteciam duas vezes por semana... terça e quinta... e até hoje é assim! Continua duas vezes por semana...

Fernanda – Tá... Ok!

Fatima – É... e eu acho, que depois a gente pode continuar falando de... da capacitação do professores... é... que hoje, está bem, bem fraco, a capacitação dos professores! Em 2005, quando se iniciou o programa, 2007, 2008 e 2009... tinha muita formação de professores... de como trabalhar com projetos, de como trabalhar com a interculturalidade, de como ver o outro... de uma maneira que seja uma pessoa que pode ajudar e não atrapalhar... sim!

Fernanda – Não apenas ver as diferenças...

Fatima – Sim! Não apenas as diferenças... e depois de 2008... começou, cada vez ter menos formações... até que, acho que faz uns três anos atrás... que... os professores diretamente, não tiveram mais formação! Seja de como trabalhar com projetos, de como trabalhar em escolas bilíngues... Geralmente a formação... que a gente podia... é por parte dos professores...

Fernanda – Da própria escola?

Fatima – É... sim! Da própria escola... conversar, orientar o professor, como que você faz pra trabalhar nos projetos... porque antes, isso era só por parte dos assessores, que eu não acho uma questão ruim... porque... pois somos nós que estamos na escola, que estamos no programa, e não os assessores, e as formações de professores, vinha muita gente de fora... dá como deveria ser trabalhado, e na verdade... quem trabalhava na sala de aula, trabalhava com os alunos era os professores, e na verdade, eles que sabiam das dificuldades...

Fernanda – Eles que estavam ali...

Fatima – Verdade...

Fernanda – Quem dava esse assessoramento pra vocês antes?

Fatima – Nós tínhamos pessoas da IPOI, do MEC de Buenos Aires... e muitas vezes eles traziam experiências que foram dadas em outras escolas

interculturais... que não tinha nada a ver com essa fronteira... pois cada fronteira é uma questão particular...

Fernanda – Sim...

Fatima – E tem pontos positivos... trabalhar com projetos... porque o professor, geralmente, está acostumado a... só uma disciplina, outro professor com outra disciplina

Fernanda – Tudo como gavetinha...

Fatima – Exatamente! E o projeto, ensinou nós a trabalhar de uma maneira... conjunta! Todas as disciplinas em um só projeto...

Fernanda – Legal...

Fatima – Sim! Isso foi muito, muito... produtivo... porque os professores não estavam acostumados a trabalhar assim, a trabalhar de uma forma conjunta... então, também teve os lados positivos.

Fernanda – No Brasil, no início era o IPOL que dava a acessoria...

Fatima – Sim, era o IPOL que dava no início, pras duas escolas aqui, juntas né... porque geralmente a formação se dava de forma conjunta... com as duas escolas, depois, também assessorou, por último estava a faculdade de Realeza...

Fernanda – A Fronteira Sul?

Fatima – Sim! Acho que sim... De Realeza...

Fernanda – Que já não se dá mais?

Fatima – Não... acho que não é mais frequente... Nem tá mais no programa...

Fernanda – E aí vocês não tem mais respaldo nenhum... só da escola...

Fatima – Da parte pedagógica, de formação de professores, não tem!

Fernanda – E recursos, vem ainda pra você?

Fatima – Nós estamos parados esse ano ainda, com o cruze, porque nós não temos recurso! Tanto recurso econômico, como também... está faltando papéis... que é a parte burocrática né... porque o professor esta saindo da nossa escola, pra ir trabalhar em outra escola e precisa de... o diretivo precisa de um documento... pra que isso aconteça... porque se não, é muito compromisso... porque a gente está saindo da escola pra ir pra um outro país... sem um documento!

Fernanda – A parte burocrática então...

Fatima – É... a parte burocrática, ainda está parada esse ano...

Fernanda – Eu até conversei com a Dayani... ele disse que tem que organizar primeiro aqui, pra daí começar o cruze...

Fatima – Sim! Exatamente... porque nós temos os professores aqui... já estão...

Fernanda – Porque os de vocês são os da própria escola né...

Fatima – Sim... os da escola, os efetivos... Então recurso humano a gente tem, falta a parte burocrática, e liberar a parte de verba né... porque os professor precisam do táxi pra ir pra escola de lá...

Fernanda – É... eu ia perguntar isso, porque antigamente, as professoras que vinham do Brasil para a Argentina, vinham de táxi... né, porque elas comentaram, e vocês ainda têm esse recurso?

Fatima – Sim, nós ainda contamos com esse recurso, que é pagado pelo MEC, pelo nosso Ministério...

Fernanda – Hum... de vocês, da Argentina...

Fatima – Sim!

Fernanda – No Brasil já não né....

Fatima – É, eles tem que vim com seu recurso próprio...

Fernanda – E isso talvez tenha sido um problema... por causa dessa troca de professores também...

Fatima – É! No começo, as professoras brasileiras acharam isso uma dificuldade, mas agora... as que se oferecem... pra... que se dispõem.. elas já sabem, que terão que se organizar com seu próprio recurso... então, ela pode aceitar ou não...

Fernanda – Hum... dentro do que é ofertado pra ela...

Fatima – Sim! Claro! E se pensamos no caso... é perto né... e fácil de se mobilizar... inclusive, nós... as vezes quando não recebemos o recuso, verba... a gente tenta ir com nosso carro também...

Fernanda – Pra não parar...

Fatima – É! Pra não parar com tudo... e também no ano passado, aconteceu isso... de ter vezes que... fomos com nosso carro pra economizar verba e tal...

Fernanda – E o intercâmbio de alunos... vocês conseguem levar os alunos daqui pra lá... e de lá pra cá?

Fatima – É... desde que a migração está na aduana... eles não deixaram mais os alunos passar... Eu acho que foi em 2010 ou 2011 a última vez...

Fernanda – Acho que foi mais ou menos por ali que eles se instalaram...

Fatima – Sim! A última vez que os alunos do Brasil conseguiram vim pra nossa escola...

Fernanda – Era mais fácil pra eles virem...

Fatima – Sim! Sim... e hoje eles não podem vim sem a autorização dos pais e aí... os pais tem que ir no cartório... tem que pagar uma taxa...

Fernanda – Sim...

Fatima – E aí... as vezes os pais não tem o dinheiro, ou as vezes, nem tem aquele tempo de ir lá, porque todo mundo trabalha né...

Fernanda – Sim... e eles tem o horário de funcionamento e tudo...

Fatima – Também... e daí fica difícil, bem difícil e daí... o encerramento dos projetos é trabalhado lá por eles, e nós fizemos aqui... o que é uma pena, porque o início era muito lindo, porque era feito junto e todo mundo ficava junto...

Fernanda – E acho que esse seria um dos objetivos do programa né... Unir...

Fatima – Sim... exatamente! É uma pena... realmente é uma pena que os alunos não possam vim, conhecer...

Fernanda – E essa questão burocrática, com o lago aqui, não possível...

Fatima – A gente tentou, a gente fez no lago! (risos) Um ano a gente fez no lago...

Fernanda – (risos) Porque?

Fatima – (risos) Só que... eu, eu estava de licença maternidade naquele ano, sim... e diz que saiu muito, muito lindo... só que, diz que ali no lago é muito, muito perigoso...

Fernanda – Hum... porque?

Fatima – Porque a criançada... água e tudo... Porque daí o professor sair da sala de aula e daí o professor é totalmente responsável... em tirar a turma da sala de aula... então, o professor também fica com medo... é, porque não tem um respaldo...

Fernanda – Então, de certa forma o lago facilitou, mas a responsabilidade se tornou maior...

Fatima – Exatamente... daí nesse ano, daí... porque se a gente faz num horário noturno e daí convida os pais... muitos deles não vão... então, a gente prefere fazer dentro do horário escolar, mas o professor tem que ser totalmente responsável!

Fernanda – É... se for parar para analisar...

Fatima – É! É bem difícil... porque o professor, ele não quer se comprometer sabe... é algo lindo sim, mas é muita responsabilidade...

Fernanda – Se parar pra pensar em tudo que pode acontecer nessa saída né...

Fatima – Exato! E a criançada... eles não são fácil!

Fernanda – E eles são pequenos...

Fatima – Eles são pequenos sim... e daí a gente tem que se mobilizar caminhando daqui até o lago... e cuidar deles lá... porque a gente não tem essa possibilidade de... de contar com o transporte escolar como tem lá...

Fernanda – Hum...

Fatima – É! Porque aqui... nós não temos transporte escolar...

Fernanda – Não tem?

Fatima – Não! Não tem... não existe! Então, quando chove aqui... os alunos não vem... porque eles não tem como vim, entende?!

Fernanda – Então é por isso... que quando chove eles não vêm...

Fatima – Sim! Por isso, quando chove eles não vêm... Porque não tem transporte e os pais deles não tem carro... eles são muito humildes!

Fernanda – Então essa é a impossibilidade quando chove...

Fatima – Sim! Quando chove, eles não vem! Dois, três alunos como máximo...

Fernanda – E ai, fica tudo... meio...

Fatima – É... e as vezes tem o cruze... e daí o professor fica... que tem que tirar uma atividade da cartola porque só tem três alunos...

Fernanda – Hum... porque ai não compensa ele usar o que ele planejou...

Fatima – Sim! Exatamente...

Fernanda – Eu não sabia que aqui vocês não dispunham de transporte...

Fatima – Aqui não tem transporte municipal...

Fernanda – E de alguma forma, a polícia ou a brigada, não pode ajudar vocês nesse encontro?

Fatima – Na verdade... se a gente encaminhar um pedido... eu acho que eles... mas é bem, bem burocrático, e também tem que ver muito do prefeito sabe... entra muito a questão política sabe...

Fernanda – Muito da questão política...

Fatima – Muito! Infelizmente...

Fernanda – ok...

Fatima – Poderíamos então... falar do passado, presente e futuro... A gente falou agora do passado, de como era... como começou, e que era muito político... e que hoje em dia, muita coisa mudou né...

Fernanda – Aham...

Fatima – É... houve sim muitas coisas positivas e... enquanto verba, e enquanto formação... etc... e tudo isso está recortado... está parado... e acho que o futuro, do programa... porque quanto programa, eu acho ele um excelente programa, mas enquanto programa, ele não tem um respaldo... Eu não sei se hoje em dia, as pessoas que estão no comando, estão... no MEC, elas não enxergar isso como algo produtivo... então, o programa bilíngue de fronteira... é português e espanhol, e o bilíngue espanhol e guarani.... e o que tem que ver com o guarani e o espanhol... esta bem... tem verba, tem recurso, é diferente, porque são muitas escolas... já nós, somos apenas duas escolas em Misiones... é como que isso... tá esquecido!

Fernanda – Como algo isolado...

Fatima – É! E não se conseguiram fazer mais escolar... porque nós aqui de Misiones... fazemos muita fronteira com o Brasil, e só ficaram a número um e número dois e não conseguiram fazer mais...

Fernanda – Expandir...

Fatima – É! E não conseguiram expandir o programa... que é uma pena né?!

Fernanda – É uma pena mesmo...

Fatima – Aham! Então... o futuro do programa é incerto... e depende muito de quem está á frente do programa...

Fernanda – Política mesmo...

Fatima – Exatamente! Se quiser que vá pra frente...

Fernanda – Uma coisa muito incerta...

Fatima – Muito incerta... é uma coisa positiva, mas muito, muito incerta! Que não tem muito respaldo...

Fernanda – E os pais... daqui, dos alunos da Argentina, como que eles enxergam o programa?

Fatima – Os pais... eles acham muito positivo porque... é... (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música) porque... eles escolhem a escola justamente pelo programa...

Fernanda – (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música) seria um diferencial...

Fatima – (barulho dos instrumentos musicais) Isso, um diferencial! Justamente desses pais que vem de fora, né... que eles vêm que eles vão aprender o português... e isso é uma coisa positiva...

Fernanda – Aham...

Fatima – As vezes... os pais dos alunos que já falam o português... como que eles não enxergam essa necessidade, porque o aluno já sabe... falar o português... mas tem muitos pais que acham muito positivo... eu acho que a maioria dos pais acha positivo, um diferencial... (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula musica e conversando) tem muita gente procurando a escola... justamente por isso, pelo programa...

Fernanda – (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música e conversando) E lá no Brasil... você acompanha de alguma forma os alunos... você visita lá... ou você fica mais aqui?

Fatima – Não, não... eu pouco visito lá, porque eu faço o acompanhamento do professor, mais diretamente... ao trabalho do professor... (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música e conversando e cumprimento a nós)... olá, olá! É... o meu trabalho é acompanhar os professor, os professores...

Fernanda – Aham... (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música e conversando)

Fatima – (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música e conversando) Que horas são?

Fernanda – são 15:06... Você quer parar profe?

Fatima – (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música e conversando) É... eu só vou pegar as minhas coisas...

Fernanda – (barulho dos alunos de música arrumando seus instrumentos para a aula de música e conversando) Ok... (a depoente sobe para a secretaria buscar suas coisas, e eu fico esperando á no refeitório, nesse momento eu pausei a gravação) Pronto...

Fatima – Aham...

Fernanda – Então você faz acompanhamento ao trabalho do professor...

Fatima – Do professor... Porque a minha responsabilidade é aquilo que o professor vai desenvolver com os alunos lá... minha responsabilidade é fazer o acompanhamento do professor, e tenho sim o contato com os alunos...

Fernanda – Mas de forma indireta...

Fatima – É... de forma indireta... porque meu trabalho é mais especificamente com o professor... aquele que vai até o Brasil...

Fernanda – Tá!

Fatima – Conflitos... (a colaboradora pega a palavra-chave em suas mãos) Com que nós... nós não conhecia e era novo, tudo novo... tudo diferente. E como cada ser humano... às vezes, digo que reage de uma maneira diferente... até de forma negativa á aquilo que lhe é novo, por próprio medo... do desconhecido... né... acho que isso é próprio do ser humano... (barulho dos alunos conversando ao fundo)

Fernanda – Aham... (barulho dos alunos conversando ao fundo)

Fatima – Mas... mas os professores eles conseguiram se enturmar... eles conseguiram fazer projetos maravilhosos... respeitando o ponto de vista e a diversidade tanto do brasileiro... como do argentino, então eles conseguiram fazer projetos maravilhoso... e juntar os alunos... então, eu acho que houve sim conflitos quanto a horários, dias... porque cada um tem suas diferentes atividades...

Fernanda – Aham...

Fatima – Então, às vezes... não se chegava num acordo...

Fernanda – Num consenso...

Fatima – Exatamente! Então, mas... eu acho que os conflitos foram menos... é... em relação ao produto final... dos projetos que foram... que foram desenvolvidos em todos as... (barulho dos alunos conversando ao fundo) as séries... porque tinha projeto da primeira, da segunda... da terceira e inclusive aqueles professores que não lidavam diretamente com o programa, com o cruze... porque eram professores da sexta e sétima série... eles conseguiram trabalhar de forma conjunta também...

Fernanda – Que legal!

Fatima – É! Sim... e... a gente também sempre participa dos atos... por exemplo sete de setembro lá no Brasil... e eles participam do vinte e cinco de maio nosso... que é o nosso ato, então... já que não existe... que não existe essa gran... já que não conseguimos juntar os alunos para o encerramento... (barulho dos alunos conversando ao fundo) pelo menos nesses casos especiais... a gente consegue! A gente traz uma turma pequena... mas a gente consegue...

Fernanda – Aham...

Fatima – Sim... e sempre com o acompanhamento dos pais... porque a gente não pode atravessar a fronteira sem...

Fernanda – Sim...

Fatima – Sem a autorização não pode... é uma pena...

Fernanda – É uma pena...

Fatima – Sim! É uma pena... porque o... o... núcleo do projeto seria poder integrar os alunos né...

Fernanda – É... de eles conhecerem a cultura do Brasil, e os do Brasil conhecerem a cultura deles...

Fatima – Sim, sim! E conhecem só através dos professores né... Já é alguma coisa né...

Fernanda – Já é... Mas poderia ir muito além...

Fatima – Sim! Porque eles tem esse desejo...

Fernanda – Eles devem ter muita curiosidade...

Fatima – Sim... eles tem muita curiosidade. Teve uma vez que a gente fez... porque eles conseguem escrever cartas... então através das cartas pra contar alguma coisa que eles fazem aqui e... para um colega do Brasil, para que eles pudessem se comunicar...

Fernanda – Que legal...

Fatima – É! Já é alguma coisa né... E falando da interculturalidade... isso é um tema que deu... muito debate e está dando ainda, né?! Porque interculturalidade eu acho que é... é um... é uma linhada que atravessa todos os aspectos da vida né... é... a gente tem que ver que moramos em uma sociedade que é intercultural... né... e não só pelo fato de que nós vivemos na fronteira né... se não, pelo fato, de que cada família, cada ser humano é uma pessoa e... tem costumes, tem pontos de vista, tem suas religiões... que tem que ser respeita né... (barulho dos alunos conversando ao fundo) então, o que o professor compreende aqui por interculturalidade, deve ser levado em conta dentro da sala de aula, e eu acho que uma coisa muito positiva abrir essa mente... do professor, para que ele possa respeitar aquele aluno que... como um aluno diferente e não como um aluno igual aos demais...

Fernanda – Aham... e a interculturalidade, foi sempre tratada no programa, ou no início não?

Fatima – Sempre foi tratado dentro do programa! Só que... a gente não conseguia entender muito bem... o porque era tão importante a interculturalidade...

Fernanda – Não se justificava?

Fatima – Exatamente... Sim... Pelo fato de viver na fronteira e... mas a interculturalidade vai além de morar em fronteira... (barulho dos alunos conversando ao fundo e arrastando carteiras) é muito importante para qualquer um...

Fernanda – Aham...

Fatima – Então, isso é muito positivo... para que o professor consiga trabalhar com a diversidade, com a interculturalidade... dos alunos... acho que isso foi... foi um avanço! Um avanço positivo...

Fernanda – Independente do viver em fronteira...

Fatima – Sim, idenpendente! Independente do programa... porque o programa, porque veio... ali a oportunidade dos professores conhecerem... isso que veio com o programa... Como é... como que é... Isso foi o principal... O respeito pela diferença! O respeito pelo outro... pela diversidade... porque no Brasil é assim, e aqui não é assim...

Fernanda – E é normal que seja diferente...

Fatima – Exatamente! Porque eles se vestem assim... porque eles comemoram assim... porque... então, se eu não conheço... pra mim vai ser estranho né...

Fernanda – Aham...

Fatima – Claro... Agora quando eu conheço... eu vou dizer, ah... é por isso! Por essa razão que eles são assim... se justifica... Então, só conhecendo que eles vão passar a respeitar aquilo... (barulho dos alunos conversando ao fundo)

Fernanda – (barulho dos alunos conversando ao fundo) É possível perceber essa diferença, quando se é trabalhado na temática intercultural da educação?

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) É... dos alunos do primário.... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta)

Fernanda – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Acho que teremos que parar...

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) O problema... é que nós não temos lugar... (barulho dos alunos conversando ao fundo)

e tocando flauta) (Neste momento a depoente se afasta e vai conversar com os alunos e o professor de música)

Fernanda – Ok! Vou deixar o gravador ligado... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta)

Fatima – (a depoente retorna depois de pouco mais de dois minutos) Aqui funciona também a escola de música...

Fernanda – Eu vi lá na frente...

Fatima – Sim! E eu acho que tem também alunos brasileiros vindo pra cá...

Fernanda – É!

Fatima – Sim! Ela é a diretora... e ela é a professora que ensina... os alunos e fazem apresentações... elas fazem... apresentam muita coisa lá no Brasil também...

Fernanda – Que legal!

Fatima – Sim... é aberto pra eles participarem, é aberto! Eles podem vim e estudar... Miguel... tem aluno brasileiro aqui? (A depoente pergunta para um aluno que está na aula de música) Sim! Temos...

Fernanda – Que legal! (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta)

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Eles sempre participam dos eventos... em Santo Antônio...

Fernanda – Nos temos alunos de Santo Antônio no Instituto também...

Fatima – Os alunos do primário... eles geralmente não percebem que... o que é do outro e o que é deles... como eles moram na fronteira... muitas vezes eles pensam que festa junina é próprio nosso... então eles confundem... muitas vezes eles dizem... profe, amanhã é feriado... e eu digo, não amanhã pé feriado no Brasil e nós estamos na Argentina... então as vezes... eles nem sentem essa diferença... porque em suas casas eles assistem a televisão brasileira, então... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Como eles escutam... as vezes eles confundem...

Fernanda – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Isso é uma facilidade para o professor que vem trabalhar aqui na Argentina?

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Sim... o próprio aluno já fala o português... já escuta músicas brasileiras, vê TV brasileira...

Eles entendem muito bem o professor, então... muitas vezes, a dificuldade parte é do professor em compreender eles...

Fernanda – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Aham...

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Acho que até a Lúcia te contou... que ela ainda tinha um pouco mais de facilidade, porque conhecia o espanhol...

Fernanda – Sim... ela comentou...

Fatima – Sim... então pra nós... essa troca constante de professores... é... é... uma dificuldade para o programa né... Porque o professor, ele não tem essa formação de espanhol... e de repente ele vem trabalhar com um grupo... que só fala o espanhol... daí, às vezes... eu sinto que ele se desespera né... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) E a gente... a gente não pode acompanhar todo o tempo esse professor né... porque somos duas assessoras e são doze turmas...

Fernanda – Aham...

Fatima – Então a gente não consegue... tenta acompanhar ao máximo né...

Fernanda – Sim... vai tentando...

Fatima – O máximo... mas não consegue estar todo o tempo nessa sala né... Então, às vezes a gente percebe que ele tem essa dificuldade de compreensão... o aluno pergunta uma coisa e ele acaba nem respondendo... porque ele não entendeu... aquilo que o aluno perguntou né...

Fernanda – Entendendo! Mas e as profes daqui... o que elas sentem quanto aos alunos do Brasil? Porque os alunos do Brasil não assistem a TV de vocês... pouco conhecem as músicas...

Fatima – É! Elas dizem que é bem difícil trabalhar lá... porque eles não conhecem nada do espanhol... não entendem... E acaba... que às vezes a professora tenta arriscar alguma coisa do português... que não está recomendado...

Fernanda – Que não é esse o objetivo...

Fatima – Não! Não é esse o objetivo... não está recomendado porque ele vai lá ensinar um conteúdo através da língua espanhola... então se o aluno sabe que o professor também sabe o português... ele fica questionando... profe... me diga em português...

Fernanda – Aham...

Fatima – E isso não é positivo....

Fernanda – Mas as vezes acaba acontecendo...

Fatima – Acaba acontecendo... porque esse professor precisa se comunicar né... Mas é uma coisa muito incrível como eles aprendem as música, como eles cantam... E uma dificuldade que a gente teve... foi quanto ao tema disciplina... porque o aluno... ele respeita aquele professor que vai por a nota pra ele... que está todo o tempo com ele... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) então quando chega outro professor que é de outro país... daí... ele sabem que este não vai por nota... daí eles ficam...

Fernanda – Então vocês sentem essa dificuldade?

Fatima – Sim... e agora como os professores que trabalham no cruze não são os mesmos da sala de aula... a professora da sala fica nesse momento, ela acompanha... sempre que o maestro precisar de ajuda... então eles ajudam um pouco com essa questão de organização também...

Fernanda – Entendi...

Fatima – Aham... E os diferentes saberes dos alunos... é quanto a que?

Fernanda – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) As práticas do alunos... vamos dizer assim, o que acontece no dia a dia deles... eles trazem pra dentro da sala de aula... é possível aproveitar isso no programa?

Fatima – Sim! (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Sempre é possível! Sim... sempre! Porque o aluno não é uma tala rasa... ele vem com um conhecimento prévio... que deve ser aproveitado! Deve ser aproveitado na sala de aula... o saber comum!

Fernanda – O saber comum...

Fatima – Exatamente... E falando de língua... ele conhece... Lá no Brasil eles conhecem menos da língua espanhola né... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Mas aqui na Argentina eles conhecem e muito da língua portuguesa... e isso, o professor sempre está aproveitando né... o professor sempre tem que aproveitar isso! Isso é positivo!

Fernanda – Aham...

Fatima – Sim...

Fernanda – E isso também desperta a participação deles...

Fatima – Sim... o interesse deles... porque é algo que eles conhecem... que está ao alcance deles... não é uma coisa assim... estranha pra eles...

Fernanda – Aham... e eles, eles gostam?

Fatima – Sim... os alunos adoram o português... adoram o português! Aqui na nossa escola, eles gostam muito do português! Eles gostam das aulas de português...

Fernanda – Isso é muito bom!

Fatima – Sim... é como que se eles tem a licença para falar aquilo... que muitas vezes a professora da sala... que fala só espanhol... e eles tem vergonha de dizer... porque não falam a língua da professora...

Fernanda – Aham...

Fatima – Eles não dizem... mas a gente percebe né!

Fernanda – Então as vezes, eles se sentem mais a vontade?

Fatima – Exatamente... porque faça a língua deles...

Fernanda – O portunhol?

Fatima – Sim... que é o mesmo de assistir uma TV no domingo... se sentem na mesma sintonia...

Fernanda – É mais a realidade deles...

Fatima – Exato! E eu sinto isso! Quando eu vou na sala acompanhar o professor do Brasil... eu vejo que o aluno... ele se sente bem a vontade...

Fernanda – E talvez isso tenha muito a ver com o viver em fronteira...

Fatima – Sim... com o viver em fronteira! (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Tem muito a ver com o viver em fronteira... porque a gente tem muita influencia dos meios de comunicação aqui... do Brasil aqui na Argentina!

Fernanda – Aham... e isso já vem de muito tempo?

Fatima – Sim! Já vem de muito tempo! De muito tempo... porque pra nós... TV a cabo é recente... faz dez ou doze anos que temos... e a realidade dos alunos... é que eles não tem a possibilidade de ter a TV a cabo... não tem internet... então, eles acabam assistindo...

Fernanda – É essa a informação que eles tem acesso?

Fatima – Exatamente... com as parabólicas... e sintonizam a globo... também a rádio fronteira... então é comum pra eles... e muitas vezes... os pais deles já são oriundos do Brasil... então muitas vezes, eles já mamam essa cultura... desde que nascem... já vem de berço... e então como que eles não vão gostar... de algo que gosta seu pai... sua mãe... Por isso que eu falo assim... sempre que tenho a

possibilidade falar com o maestro, professor da Argentina (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) eu digo assim... que eles tem que respeitar isso que o aluno traz de sua casa... seja português... seja português... seja a prática que aprenderam em sua família... tem que respeitar! Porque dizer que isso é feio, que isso não... nós não podemos! Não pode! Não pode desvalorizar... porque é próprio deles...

Fernanda – É singular...

Fatima – Sim! É como dizer que isso que tu fala é feio... é sem valor... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) E viver na fronteira... eu que toda vida vivi na fronteira... eu acho assim bem positivo, porque a gente aproveita as coisas que tem a possibilidade de aproveitar no Brasil... vejo que os brasileiros fazem esse intercâmbio... se tem algum evento que a gente pode assistir a gente vai... e assiste. Se tem algo que é conveniente comprar lá, a gente vai e compra.

Fernanda – Vocês nem se dão conta que estão na fronteira?

Fatima – Não! A gente está atravessando a aduana... e agente nem pensa... estou passando, ou estou no Brasil... é automático... a gente vai e vem... e não percebe e nem está pensando nesse... passo de um país pra outro...

Fernanda – E querendo ou não, agora com essa questão do lago... tornou mais fácil esse acesso, né...

Fatima – Exatamente! É natural... a gente vai pra lá... vai pra cá... e nem percebe...

Fernanda – Então você acha que o programa ajudou a amenizar esse conflitos, essa rivalidade?

Fatima – O objetivo do programa é isso! É poder olhar para outro, com olhos de compreensão... ajudar o outro.... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) com o olhar de que somos uma sociedade intercultural... uma sociedade de fronteira... que ao invés de dar as costas, deveriam se ajudar....

Fernanda – A proposta é essa do programa...

Fatima – Exatamente! Porque historicamente ficam os conflitos de terra... historicamente... coisas que já vem de muito tempo... mas isso ficou lá na história... e hoje, nós somos outra sociedade! E hoje em dia, nos somos outra sociedade... com outra mentalidade... que é isso, que nós temos que passar para os futuros...

Fernanda – Se não tudo sempre irá se repetir...

Fatima – Sempre... os mesmos conflitos... exatamente!

Fernanda – Verdade...

Fatima – Bem... dificuldade é o que a gente falou do... dificuldades e conflitos... mas hoje em dia as dificuldades do programa é... como eu te falei a parte política... recursos... verba.. apoio... troca dos professores... material didático...

Fernanda – E quando era o professor da própria sala... da própria sala do Brasil que fazia o cruze... você vê isso como diferencial, era melhor?

Fatima – Não! Não era melhor! Porque eles esperavam que a gente chegasse... que o professor argentino tomasse posse da turma e... porque não pode deixar o aluno lá... desassistido e vim pra cá... e as vezes o cruzar a fronteira demora tempo... tem fila... então as vezes demora... então o professor chegava atrasado aqui...

Fernanda – Hum... tinham esses contratemplos...

Fatima – Sim! O professor argentino, que era contratado pela escola... ele ficava sozinho com os alunos... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) e as vezes precisava de apoio e tinha que ir falar com a diretora e... ou assessor... era complicado... e hoje em dia... ele vai e fala direto com o professor da turma... olha, eu to com dificuldade com esse aluno... como você trabalha... como que você faz...

Fernanda – Tem esse contato?

Fatima – Sim, contato direto! Chega lá e já vai... e eu acho isso positivo, é uma conquista!

Fernanda – Aproximou...

Fatima – Eu acho de ter os professores só para o cruze... mas eu acho que uma dificuldade... é que.. que... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) que fique o mesmo professor...

Fernanda – Aham... que se mantenha o mesmo para dar continuidade ao trabalho....

Fatima – Exatamente... sim, sim!

Fernanda – Então, essa rotatividade que atrapalha?

Fatima – Exatamente! Muita, muita mudança de professor... todos os anos temos professores novos... e a gente não pode fazer né... porque é concurso...

Fernanda – Hum... e lá um processo seletivo né?

Fatima – Exato!

Fernanda – Quem tá na vez... gostando ou não... tendo afinidade ou não com o programa...

Fatima – Sim... isso mesmo! E uma vez...veio uma professora... que eu não lembro bem que cargo político que ela ocupava... essa professora... ela falou uma coisa bem certa... acho que ela é lá de Florianópolis... e falou... ela era uma pessoa do MEC, mas não me lembro o nome... ela falou que quem não gostava deveria de pedir para ser afastado... porque aquilo que a gente faz sem vontade... aquilo nunca que vai ser produtivo!

Fernanda – Aham...

Fatima – Só que às vezes o professor... ele precisa daquele trabalho né... Então tem toda essa questão...

Fernanda – Aham... não é bem assim... E aqui, no início... como que os professores, eles foram escolhidos pra participar do... do programa?

Fatima – No início né... o diretor que conhecia aos professores... ele propôs a três professores... que eram excelentes... e que ainda continuam sendo na nossa escola.. professores de alfabetização... professores que sempre trabalharam com a primeira série... esses professores tinham muita facilidade em trabalhar com músicas... com contos, histórias...

Fernanda – Coisas diferenciadas...

Fatima – Claro! E coisas que são próprias da... do primeiro ano... das crianças menores... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Então ele viu que essas professoras tinham essa facilidade e...

Fernanda – Levavam jeito...

Fatima – Então ele ofereceu e as professoras aceitaram... e foi assim que começou o cruze... lá no começo.

Fernanda – Tá! E os projetos... como que era... vocês planejavam junto... Brasil e Argentina?

Fatima – A gente sempre planejou junto... só que no começo não era por projeto... acho que no primeiro ano não era... porque a gente não foi orientado a trabalhar por projetos...

Fernanda – Hum...

Fatima – Não fomos orientados no começo... então, eu lembro que por exemplo... nós escolhíamos... contos mágicos, contos infantis... daí trabalhava os tradicionais... chapeuzinho... um pouco da cultura brasileira sim... e assim por

diante... então elas sentavam pra planejar e viam por quanto tempo poderiam desenvolver esse tema né... não como um projeto que abrange outras áreas...

Fernanda – Outras disciplinas... foi só a partir do segundo ano?

Fatima – Sim! Acho que foi a partir do segundo ano... que a gente foi orientado então a trabalhar com o interesse do aluno... e levar em conta essas questões para poder então... armar um projeto.

Fernanda – Aham... E vocês conseguiam englobar várias disciplinas nesse projeto, como que era?

Fatima – É... o professor... a formação do professor... não é para trabalhar de forma interdisciplinar.... os nosso professores...

Fernanda – Os nosso também não...

Fatima – Os nossos professores daqui não tem essa formação... e até hoje não é assim... Agora é hora de geografia... agora é hora de matemática... agora é hora de ler...

Fernanda – Aham...

Fatima – Agora é aula de arte... então é tudo separado... e até hoje eu vejo que é bem difícil trabalhar de forma integral... então os professores do cruze... que já tem mais experiência... eles montam o projeto e tentam abranger o número de disciplinas maior possível... e nós temos professor de música... de educação física eles não fazem o cruze... mas tentam se encaixar naquele projeto que foi proposto para aquela turma...

Fernanda – Colaborar...

Fatima – Colaborar sim... mas nem sempre a área de educação consegue se encaixar... música é mais fácil... música sempre tentar se encaixar... é mais fácil! Mas é difícil... porque às vezes pega o professor que tem poucas aulas e... então ele vem pra fazer o cruze... e as vezes por telefone ele está dizendo que... como trabalhou, como eu posso fazer...

Fernanda – Não consegue estabelecer o contato, a conexão...

Fatima – Sim, sim! As vezes acaba que... porque eles não tem a hora atividade.... aqui nós não temos! Não existe isso aqui!

Fernanda – Tá brincando?

Fatima – Sim... aqui não existe!

Fernanda – E que horas faz o planejamento... como que faz?

Fatima – Os professores do cruze... eles tem a hora atividade... Mas eu... eu por exemplo tenho quarenta e duas aula e são quarenta e duas horas... aqui na Argentina isso não existe! Não existe hora atividade! E eu acho positivo isso do brasileiro... e acho que nós tínhamos que brigar por isso...

Fernanda – Deveriam brigar mesmo...

Fatima – Sim... por esse direito... porque ter que fazer tudo... tudo em casa... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Até eu quero... pessoalmente fazer uma fala pessoal.. porque eu tive que tirar, me afastar porque eu não tenho tempo... ou estou em frente ao aluno ou estou em casa...

Fernanda – E daí é tudo pra fazer em casa...

Fatima – Tudo pra fazer em casa! A gente não tem! Com o programa... no começo como era os maestro que ia para o Brasil... então a hora atividade era quando um professor de arte ou educação física estava em aula com o aluno... isso quanto não tinha ausência... por que se tinha... era o maestro que tinha que assumir também... então foi bem complicado no começo... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Até que agora conseguimos esse professor... que tem 40 horas e faz o cruze... então ele faz o cruze duas vezes na semana e nos outros dias... ele tem pra preparar... que na verdade o planejamento é quarta-feira... de manha e tarde o dia todo... porque se a direção precisar... de apoio na segunda ou na sexta... eles tem que colaborar com a direção...

Fernanda – Então agora já evoluiu também...

Fatima – Sim... porque antes não tinha jeito de estar em sala e fazendo o cruze ao mesmo tempo...

Fernanda – É... e requer todo um planejamento... uma dedicação...

Fatima – Sim! Sim! Fazer coisas para levar né... tem que preparar a aula, não pode improvisar! (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Então... eu acho que isso foi um ganho pra nós...

Fernanda – Que antes não era assim...

Fatima – Que antes não era... Há partir de 2007 que começou assim... porque não tava dando certo! Então... ainda bem que agora as coisas se ajustaram...

Fernanda – E quanto a educação matemática... você acha que existe um espaço no projeto pra ela?

Fatima – É... (barulho dos alunos tocando flauta) geralmente o professor não especifica no planejamento o que foi trabalho de cada disciplina... porque geralmente... é o ouvir a falar e que eles gostem da outra língua...

Fernanda – E as coisas vão surgindo durante a aula né...

Fatima – Sim... as coisas vão surgindo... e o professor ele não vai preocupado pensando que vai trabalhar esse texto porque ele tem matemática ou geografia... Ele trabalha porque é lindo, ou porque tem um final feliz... pra despertar o interesse do alunos... mas não tem essa intenção da disciplina específica...

Fernanda – Hum... então surge...

Fatima – Isso... surge e trabalhado naturalmente, tudo junto... mas sem uma intenção... específica em nenhuma área.. porque se você vai trabalhar um texto... você não trabalha coisas que tem a ver com a língua em si... mas um texto que tenha a ver com o que os alunos possam inventar... usar sua imaginação... que eles possam trocar o final... que eles possam cantar a música... mas nunca se pensa em uma disciplina específica... e sim que possam ilustrar... recontar...

Fernanda – Então tanto a matemática como as outras...

Fatima – Isso... elas surgem e são trabalhadas... mas não é o objetivo principal... o objetivo é que eles aprendam um conteúdo, sei lá... se estão trabalhando sobre animais... que eles aprendam sobre os animais... escolhendo se vão estudar o elefante ou o leão, nessa outra língua...

Fernanda – Aham...

Fatima – Como também... o professor da sala sempre está... como é um projeto em conjunto... também reforçando... mas o professor da sala... ele tem outras cobranças... porque ele tem que chegar no final do bimestre com tudo... notas... e a gente tem que preparar os alunos... porque as vezes eles saem daqui ... vão pra outras escolas e eles tem que continuar...

Fernanda – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Sim... então é só isso...

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Sim... e eu acho que o programa e todo o professor que prepara a aula vindo pra cá ou indo pra lá... trabalham muito a compreensão do texto.. saber contar... interpretar e falar para o colega a sua opinião... e isso é mais importante do que saber que ninho se escreve com nh... sim... que ele entenda o que significa ninho, entende?

Fernanda – Sim... então é mais importante que ele saiba conviver... que ele saiba...

Fatima – Expressar-se e o que quer dizer na outra língua... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta)

Fernanda – E isso tem tudo a ver com o lugar onde eles vivem... pra facilitar nesse sentido...

Fatima – Sim... porque de nada serve que eu saiba escrever corretamente um texto se eu não sei o que significa... pra que eu posso utilizar... pra que me serve no meu dia a dia... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) eu acho que o projeto... ele tem outros conteúdos que não são os tradicionais... das áreas... ele vai muito, muito além disso! (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta)

Fernanda – Aham... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) E acho que o trabalhar por projetos que permitiu isso?

Fatima – Exatamente... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) porque no início... nós não entendia como trabalhar por projetos... onde que vai ficar aquilo que está ali no currículo que eu devo ensinar... onde... né... então os professores ficavam loucos... porque aquilo que estava ali no projeto não tinha no currículo... até nós... nós temos uma preocupação que o nosso currículo é muito, muito velho... então o professor já nem utiliza mais isso pra planejar porque ele é 1997...

Fernanda – E nunca foi atualizado?

Fatima – Nunca foi atualizado! Então os conteúdos... que já não são conteúdo para uma sociedade de hoje em dia...

Fernanda – Está ultrapassado...

Fatima – Sim... muito! E nos temos o NAPS que são os núcleos de aprendizagem prioritário e... que são por disciplinas ali... que tem seus objetivos ali... seus conteúdos são mais atualizados... então ali o professor trabalha mais com isso... mas aquele professor tradicional fica louco quando tu propõem pra ele trabalhar um projeto... (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) e no projeto não aparece aquilo que tradicionalmente está no currículo... Então ele fica louco! Daí que a gente tem que explicar, fundamentar... o porque que é importante para o aluno que ele saiba se desenvolver... que ele saiba se integrar, que ele saiba respeitar... então...

Fernanda – São coisas que vão muito além...

Fatima – Então ali o professor fica louco... porque ele quer que o aluno saiba quanto é dois mais dois... e pronto...

Fernanda – E ao mesmo tempo, a formação do professor... porque diziam pra ele que isso era o importante...

Fatima – Exatamente... e até hoje tem uma brecha... entre a teoria e a prática... eu sei porque eu trabalhei na formação de professores e eu vejo... que muitas vezes...

Fernanda – Esse distanciamento...

Fatima – E eu vejo que... que as coisas teóricas não se condizem com as coisas práticas...

Fernanda – E isso cria uma grande lacuna né... porque o professor ele se firma na formação dele... e quando ele vai pra sala de aula é tudo tão diferente...

Fatima – Sim... muito diferente! Pero que... outra coisa que tem que destacar... é que muita vezes o professor que está na formação de professores ... estão tão fiel a esse tema... e depois vão pra sala de aula e se encontram com um aluno que está... diferente do tradicional... e muitas vezes esse aluno tem que se ajeitar e trabalhar da forma que o professor pede... tem que se adequar... então muitas vezes os alunos ficam ali na corda bamba... porque tem se adequar...

Fernanda – É difícil...

Fatima – Bem difícil! E deveria ter um consenso de todos os estudos... tanto da formação de professores como... um equilíbrio... de que que hoje em dia os alunos precisa...

Fernanda – E também depende do contexto que o aluno está inserido né...

Fatima – Exatamente... as realidades são totalmente diferentes...

Fernanda – Então o professor tem que ter esse olhar...

Fatima – E dentro... porque a formação de professores... ela só trabalha o professor para que ele trabalhe dentro do contexto da Argentina... não está previsto um professor que vá fazer o cruze...

Fernanda – Isso é uma colocação muito importante!

Fatima – Não está previsto! Eu desde a minha formação, desde o meu ponto de vista... eu tento levar para a sala de aula... (barulho dos alunos tocando flauta) para os professores... contar a realidade... que eles podem trabalhar em uma escola bilíngue aqui... ou eles podem trabalhar em uma escola bilíngue guarani... então

eles tem que ser reflexivos... abertos para... trabalhar com essa realidade que não é sua...

Fernanda – E o professor ele não conhece aqui também...

Fatima – E ele fica com medo às vezes...

Fernanda – O medo do desconhecido né...

Fatima – Do desconhecido...

Fernanda – É as vezes... ele não vivei ali... ele não conhece... eu vejo pro mim... quando cheguei aqui, é bem diferente!

Fatima – (barulho dos alunos conversando ao fundo e tocando flauta) Sim! As vezes... a gente que está na fronteira não vê essa diferença né... porque convive todos os dias com isso...

Fernanda – Aham!

Fatima – Mas quem vem de fora... dizem que é bem diferente! Atravessar a fronteira parece tão fácil...

Fernanda – Tão fácil e tão distante...

Fatima – E tão distante ao mesmo tempo... é a realidade...

Fernanda – (barulho dos alunos tocando flauta) Profe tu quer colocar mais alguma coisa de forma geral... do projeto, que você julgue importante?

Fatima – Sim! O projeto, eu acho que ele como projeto... é muito lindo! Só que muita coisa que está no papel... precisa sair do papel! E fazer-se efetivo... porque se não... ficou, e está ficando e ficará... no papel né...

Fernanda – Não evolui...

Fatima – É! Não evolui... Sim... e tem aquilo, que o professor deve... pra ser um professor que trabalha com projeto de forma conjunta... tem que ser um professor muito aberto! Aberto para o diferente... aberto para mudar aquilo que ele achava que ia dar certo e aberto para ver a realidade com outros olhos e não pensar que essa realidade que ele vive... essa é a verdade... porque muitas vezes pensamos que a nossa verdade é única... e a verdade do outro nunca é importante... então eu... me conheço a mim... como diferente a partir de que eu sei que o outro é diferente...

Fernanda – O ponto de referência é você...

Fatima – Exatamente... (barulho dos alunos tocando flauta) poder ver isso... é fundamental... se não... não tem jeito de trabalhar como conjunto... (risos)

Fernanda – A questão mesmo da sensibilidade de olhar para as diferenças...

Fatima – Exatamente! E o respeito pelo outro... por aquilo que é diferente... (barulho dos alunos tocando flauta) daquilo que não é igual a mim... acho que isso é fundamental... E isso, eu tento passar todos os dias para os meus alunos... que a diversidade existe e que não podemos medir a todos com a mesma régua... que todos somos diferentes... então ver e respeitar essa diferença!

Fernanda – (barulho dos alunos tocando flauta) Somos todos diferentes... independente do lugar onde vivemos...

Fatima – Sim... seja no modo de pensar... no modo de atuar...

Fernanda – E o programa... eu acho que ele tem um ponto de partida bem interessante... porque é a partir dele... da educação você mostrar isso...

Fatima – Sim! Porque nós... como professores nós temos um compromisso muito, muito grande! (barulho dos alunos tocando flauta) nós estamos formando o futuro do nosso país... então poder formar um aluno que seja mais reflexivo... até agora... está acontecendo que eu tive um aluno no primário aqui... que ela tá fazendo faculdade... e ela está em português... e ela diz que o quanto foi importante pra ela fazer e estudar nessa escola bilíngue... porque hoje na formação dela ela pode optar por inglês, ou por português... Então ela pode optar pelo português porque ela tem conhecimento e ela gosta... ela tem essa capacidade...

Fernanda – E a questão da interculturalidade, ela era falada desde o início? Ou não... no início era o ouvir e falar, a questão da segunda língua mesmo?

Fatima – No começo... era a questão da língua... do bilinguismo... a interculturalidade vinha mais na questão de formação dos professores... para o professor...

Fernanda – Para a abordagem dele...

Fatima – Isso... que fosse intercultural... porque o programa... o objetivo do programa era isso...

Fernanda – Era uma necessidade...

Fatima – Era uma necessidade e continua sendo uma necessidade!

Fernanda – E vocês tinham formação tratando mesmo da interculturalidade... se falava bastante isso nas formações que vocês tinham?

Fatima – É! Geralmente se falava sobre projetos...

Fernanda – Tá...

Fatima – De como se trabalhar em projetos...

Fernanda – Sim! E era uma coisa nova?

Fatima – Era algo novo... E tudo que se tratava do bilinguismo e da interculturalidade... eram todas teorias... que não eram da nossa realidade, então... as vezes o professor não se sentia identificado...

Fernanda – Não se sentia á vontade...

Fatima – Depois... com o passar do tempo... depois que teve outras formações mais voltadas para o que é a fronteira do Brasil com a Argentina...

Fernanda – Aham...

Fatima – Porque cada fronteira é uma fronteira... um lugar diferente... e muitas investigações são feitas... mas em outros tipos de fronteiras... e as vezes a teoria ajuda... mas a gente não se sente identificado porque não é nosso...

Fernanda – Acho que é isso profe... e eu agradeço muito!

Fatima – Por favor...

Fernanda – Deixa eu pausar aqui... acho que contribuiu bastante profe!

APÊNDICE 32 – TEXTUALIZAÇÃO DA 4ª ENTREVISTA COM A COORDENADORA FATIMA ELENA ZAVAGOTA

Textualização da 4ª entrevista com a Coordenadora Fatima Elena Zavagota.

TEXTUALIZAÇÃO DA 4ª ENTREVISTA

Nome da entrevistada: Fatima Elena Zavagota

Local da 4ª Entrevista: – Escuela 604

Nome da entrevistadora: Fernanda Marchiori Grave

Textualizadora: Fernanda Marchiori Grave

Data da entrevista: 18/04/2017, período vespertino

Hora de início da entrevista: 14:47

Hora do término da entrevista: 15:45 (incluindo a pausa)

Tempo de duração da entrevista: 53 min

Data da textualização: 02 de abril de 2017

Tempo de textualização: 2: 15 horas

Eu acho que vou começar pela implantação do programa. Eu estou desde 2005, mas as pesquisas sobre o falar dos alunos, sobre a escola e sobre a escola irmã ou escola gêmea como a gente chama, que é a Theodureto, começou em 2004, porém eu não acompanhei, apenas fiquei sabendo depois por documentos e escritos de como foi este processo.

Eu iniciei em março de 2005, quando foi o lançamento do programa. Nesse começo, tínhamos professores do Brasil vindo para a Argentina e como até hoje é assim, os professores da Argentina, indo para o Brasil. Começamos pela primeira série, depois passou a ser segunda, depois terceira, quarta e quinta série, e assim por diante. Na verdade faltaram dois anos para fechar tudo, porque a gente só chegou até a quinta série, porque depois o programa não conseguiu mais avançar,

seja por questões políticas, por falta de verba, etc... Então ficamos até a quinta série e até hoje funciona assim.

Quando eu cheguei, o programa já estava sendo implantado, eu participei de uma formação, que foi para todos os professores, ficamos uma semana em Corrientes na Argentina, e assim que retornamos, em março já começou o cruze, as aulas com os alunos. e á partir dali, eu comecei a acompanhar, até os dias de hoje, sim! O cruze sempre aconteceu duas vezes por semana, terças e quintas-feiras, e até hoje é assim, continua duas vezes por semana.

Falando da capacitação dos professores, que hoje está bem fraco! Em 2005, quando se iniciou o programa, 2007, 2008 e 2009 tínhamos muita formação de professores, seja de como trabalhar com projetos, de como trabalhar com a interculturalidade, de como ver o outro de uma maneira que seja uma pessoa que pode ajudar e não atrapalhar! De não enxergar apenas as diferenças. E a partir de 2008, começou cada vez ter menos formações, até que, acho que fazem uns três anos que os professores não tiveram mais formação! Seja de como trabalhar com projetos, de como trabalhar em escolas bilíngues. Geralmente a formação que acontece se dá por parte dos próprios professores, da própria escola, porque antes, isso era só feito por parte dos assessores. Eu não acho essa mudança uma questão ruim, porque somos nós que estamos na escola, que estamos no programa, e não os assessores, e as formações de professores, vinham muita gente de fora dizendo como deveria ser trabalhado, e na verdade, quem trabalhava na sala de aula, trabalhava com os alunos era os professores, e na verdade, eles que sabiam das dificuldades.

No inicio, nós tínhamos pessoas da IPOI, do MEC de Buenos Aires nos assessorando, e muitas vezes eles traziam experiências que foram dadas em outras escolas interculturais, que não tinha nada a ver com essa fronteira, pois cada fronteira é uma questão particular.

Existem pontos positivos de trabalhar com projetos, porque o professor, geralmente, está acostumado a só uma disciplina e outro professor com outra disciplina. E o projeto, nos ensinou a trabalhar de uma maneira conjunta! Todas as disciplinas em um só projeto. Isso foi muito produtivo porque os professores não estavam acostumados a trabalhar assim, a trabalhar de uma forma conjunta, também teve os lados positivos.

O IPOL que dava o assessoramento no início, pras duas escolas daqui, juntas, geralmente a formação se dava de forma conjunta, com as duas escolas, depois, também nos assessorou, a faculdade de Realeza, a Fronteira Sul. Mas nem estão mais no programa. Hoje, da parte pedagógica, de formação de professores, não temos mais nada!

Nós estamos parados esse ano ainda, com o cruze, porque nós não temos recurso! Tanto recurso econômico, como também estão faltando papéis, que é a parte burocrática, porque o professor esta saindo da nossa escola, pra ir trabalhar em outra escola e precisa do diretivo, precisa de uns documentos. Porque se não, é muito compromisso, porque a gente está saindo da escola pra ir pra um outro país, sem um documento! A parte burocrática, ainda está parada esse ano! Nós já temos os professores aqui para começar o cruze, pois os nossos professores são os efetivos, então recurso humano a gente tem, falta a parte burocrática, e liberar a parte de verba, porque os professor precisam do táxi pra ir pra escola de lá, pois nós ainda contamos com esse recurso, que é pagado pelo MEC, pelo nosso Ministério.No Brasil já não mais assim, eles tem que vim com seu recurso próprio.No começo, as professoras brasileiras acharam isso uma dificuldade, mas agora quem se oferece, quem se dispõem, já sabe, que terá que se organizar com seu próprio recurso, então ela pode aceitar ou não.E se pensamos no caso, é perto, é fácil de se mobilizar, inclusive, nós muitas vezes quando não recebemos o recuso, verba, a gente tenta ir com nosso carro também. Pra não parar com tudo, no ano passado, aconteceu isso, tivemos que ir com nosso carro pra economizar verba.

Desde que a migração está na aduana, eles não deixaram mais os alunos passar. Eu acho que foi em 2010 ou 2011 a última vez. Hoje os alunos não podem vim sem a autorização dos pais, os pais tem que ir no cartório, tem que pagar uma taxa, e muitas vezes os pais não tem o dinheiro, ou as vezes, nem tem aquele tempo de ir lá, porque todo mundo trabalha. E daí fica difícil, bem difícil! O encerramento dos projetos é trabalhado lá por eles, e nós fizemos aqui, o que é uma pena, porque o início era muito lindo, porque era feito junto e todo mundo ficava junto. Realmente é uma pena que os alunos não possam vim e conhecer.

Um ano, a gente tentou fazer no lago! Eu estava de licença maternidade naquele ano, dizem que saiu muito, muito lindo! Só que, diz que ali no lago é muito, muito perigoso. Porque a criançada, água e tudo. Porque daí o professor sair da sala de aula e daí o professor é totalmente responsável em tirar a turma da sala de aula,

então o professor também fica com medo, porque não tem um respaldo. Porque se a gente faz num horário noturno e daí convida os pais, muitos deles não vão, então a gente prefere fazer dentro do horário escolar, mas o professor tem que ser totalmente responsável! É bem difícil, porque o professor, ele não quer se comprometer, e é algo lindo sim, mas é muita responsabilidade. E a criançada, eles não são fácil! Eles são pequenos, e daí a gente tem que se mobilizar caminhando daqui até o lago e cuidar deles lá, porque a gente não tem essa possibilidade de contar com o transporte escolar como tem lá no Brasil. Porque aqui nós não temos transporte escolar. Aqui não existe! Então, quando chove aqui, os alunos não vêm pra aula, porque eles não têm como vim, entende?! Porque não tem transporte e os pais deles não tem carro, eles são muito humildes! Então, quando chove, eles não vêm! Dois, três alunos como máximo... Muitas vezes, é dia de cruze, e daí o professor tem que tirar uma atividade da cartola porque só tem três alunos.

Poderíamos então falar do passado, presente e futuro do programa A gente falou agora do passado, de como era, como começou, e que era muito político e que hoje em dia, muita coisa mudou. Houve sim muitas coisas positivas e enquanto verba, e enquanto formação tudo isso está recortado, está parado, e acho que o futuro, do programa, porque quanto programa, eu acho ele um excelente programa, mas enquanto programa, ele não tem um respaldo. Eu não sei se hoje em dia, as pessoas que estão no comando, que estão no MEC, elas não enxergar isso como algo produtivo, então, o programa bilíngue de fronteira é português e espanhol, e o bilíngue espanhol e guarani, e o que tem que ver com o guarani e o espanhol. Ele esta bem, tem verba, tem recurso, é diferente, porque são muitas escolas. Já nós, somos apenas duas escolas em Misiones., e está esquecido! E não se conseguiram fazer mais escolas, porque nós aqui de Misiones, nós fazemos muita fronteira com o Brasil, e só ficaram a número um e número dois e não conseguiram fazer mais. E não conseguiram expandir o programa, que é uma pena! Então, o futuro do programa é incerto, depende muito de quem está á frente do programa... Se quiser que vá pra frente. É algo muito incerto, é uma coisa positiva, mas muito, muito incerta! Que não tem muito respaldo.

Os pais dos alunos do programa, eles acham muito positivo porque eles escolhem a escola justamente pelo programa. É um diferencial! Justamente desses pais que vem de fora, que eles veem que eles vão aprender o português, e pra eles isso é uma coisa positiva. As vezes, os pais dos alunos que já falam o português.,

eles não enxergam essa necessidade, porque o aluno já sabem falar o português, mas tem muitos pais que acham muito positivo, eu acho que a maioria dos pais acha positivo, um diferencial. Tem muita gente procurando a escola justamente por isso, pelo programa.

Eu pouco visito a escola lá do Brasil, porque eu faço o acompanhamento do professor, mais diretamente ao trabalho do professor, o meu trabalho é acompanhar os professores. Porque a minha responsabilidade é aquilo que o professor vai desenvolver com os alunos lá, minha responsabilidade é fazer o acompanhamento do professor, e tenho sim o contato com os alunos de forma indireta, porque meu trabalho é mais especificamente com o professor, aquele que vai até o Brasil.

Falando de conflitos, como nós não conhecíamos e era novo, tudo muito novo, tudo diferente. E como cada ser humano, às vezes, digo que cada um reage de uma maneira diferente, até de forma negativa á aquilo que lhe é novo, por próprio medo do desconhecido, acho que isso é próprio do ser humano. Mas os professores, eles conseguiram se enturmar, e eles conseguiram fazer projetos maravilhosos, respeitando o ponto de vista e a diversidade tanto do brasileiro como do argentino, então eles conseguiram fazer projetos maravilhosos e juntar os alunos, então, eu acho que houve sim conflitos quanto a horários, dias, porque cada um tem suas diferentes atividades. Então, às vezes, não se chegava num acordo. Mas eu acho que os conflitos foram menos, em relação ao produto final dos projetos que foram desenvolvidos em todos as séries, porque tinha projeto da primeira, da segunda, da terceira e inclusive aqueles professores que não lidavam diretamente com o programa, com o cruze, porque eram professores da sexta e sétima série, eles conseguiram trabalhar de forma conjunta também.

A gente também sempre participava dos atos pátrios, por exemplo, sete de setembro lá no Brasil e eles participam do vinte e cinco de maio nosso, que é o nosso ato, então já que não conseguimos juntar os alunos para o encerramento, pelo menos nesses casos especiais a gente consegue! A gente traz uma turma pequena, mas a gente consegue. Sempre com o acompanhamento dos pais, porque a gente não pode atravessar a fronteira sem a autorização, o que é uma pena, porque o núcleo do projeto seria poder integrar os alunos. Então, eles só conhecem as coisas através dos professores, mas já é alguma coisa. Eles tem muito desejo, muita curiosidade de saber como são as coisas no Brasil. Teve uma vez que a gente fez eles escreverem cartas, então através das cartas eles puderam contar alguma

coisa que eles fazem aqui e para um colega do Brasil, para que eles pudessem se comunicar.

E falando da interculturalidade, isso é um tema que deu muito debate e está dando ainda! Porque interculturalidade, eu acho que é uma linhada que atravessa todos os aspectos da vida, a gente tem que ver que moramos em uma sociedade que é intercultural, e não só pelo fato de que nós vivemos na fronteira, e sim pelo fato de que cada família, cada ser humano é uma pessoa que tem costumes, tem pontos de vista, tem suas religiões, e que tem que ser respeitada!

Então, o que o professor compreende aqui por interculturalidade, deve ser levado em conta dentro da sala de aula, e eu acho que uma coisa muito positiva abrir essa mente do professor, para que ele possa respeitar aquele aluno, como um aluno diferente e não como um aluno igual aos demais. A interculturalidade sempre foi tratado dentro do programa, só que a gente não conseguia entender muito bem o porque era tão importante a interculturalidade. Seja pelo fato de viver na fronteira, mas a interculturalidade vai além de morar em fronteira, é muito importante para qualquer um. Então, isso é muito positivo para que o professor consiga trabalhar com a diversidade, com a interculturalidade dos alunos, acho que isso foi um avanço! Um avanço positivo! Porque com o programa, veio ali a oportunidade dos professores conhecerem, isso foi o principal, o respeito pela diferença! O respeito pelo outro, pela diversidade porque no Brasil é assim, e aqui não é assim. Porque eles se vestem assim, porque eles comemoram assim, e porque se eu não conheço, pra mim vai ser estranho. Agora quando eu conheço, eu vou dizer, então é por isso! Por essa razão que eles são assim, se justifica. Então, só conhecendo que eles vão passar a respeitar aquilo.

Os alunos do primário, eles geralmente não percebem o que é do outro e o que é deles, como eles moram na fronteira muitas vezes eles pensam que festa junina é próprio nosso, então eles confundem. Muitas vezes eles dizem amanhã é feriado, e eu digo, não amanhã no feriado no Brasil e nós estamos na Argentina, então as vezes eles nem sentem essa diferença, porque em suas casas eles assistem a televisão brasileira, eles escutam e as vezes eles confundem.

Para o professor do Brasil que vem trabalhar na Argentina, isso é bom, facilita, pois o próprio aluno já fala o português, já escuta músicas brasileiras, vê TV brasileira, então eles entendem muito bem o professor, muitas vezes, a dificuldade parte é do professor em compreender eles.

Pra nós, essa troca constante de professores é uma dificuldade para o programa. Porque o professor, ele não tem essa formação de espanhol e de repente ele vem trabalhar com um grupo que só fala o espanhol, então às vezes, eu sinto que ele se desespera, e a gente não pode acompanhar todo o tempo esse professor, porque somos duas assessoras e são doze turmas. Tentamos acompanhar ao máximo, mas não consegue estar todo o tempo nessa sala, então, às vezes a gente percebe que ele tem essa dificuldade de compreensão, que o aluno pergunta uma coisa e ele acaba nem respondendo, porque ele não entendeu aquilo que o aluno perguntou.

As professoras daqui, dizem que é bem difícil trabalhar lá, porque eles não conhecem nada do espanhol, não entendem. Então acaba que às vezes a professora tenta arriscar alguma coisa do português, o que não está recomendado. Pois não é esse o objetivo, não está recomendado porque ele vai lá ensinar um conteúdo através da língua espanhola, então se o aluno sabe que o professor também sabe o português, ele fica questionando em português. Não é o recomendado, mas acaba acontecendo, porque esse professor precisa se comunicar. Mas é uma coisa muito incrível como eles aprendem as músicas, como eles cantam.

Uma dificuldade que a gente teve foi quanto ao tema disciplina, porque o aluno ele respeita aquele professor que vai por a nota pra ele, que está todo o tempo com ele, então quando chega outro professor que é de outro país, que eles sabem que este não vai por nota, daí fica difícil. Agora como os professores que trabalham no cruze não são os mesmos da sala de aula, e a professora da sala fica nesse momento, ela acompanha, sempre que o maestro precisar de ajuda elas estão ali, então elas ajudam um pouco com essa questão de organização e disciplina também.

Quanto aos diferentes saberes dos alunos, é possível aproveitar isso no programa, porque o aluno não é uma tala rasa, ele vem com um conhecimento prévio que deve ser aproveitado! Deve ser aproveitado na sala de aula o seu saber comum! E falando de língua, eles conhecem mais do que lá no Brasil, eles conhecem a nossa da língua espanhola. Mas aqui na Argentina eles conhecem e muito da língua portuguesa, e isso, o professor sempre está aproveitando, o professor sempre tem que aproveitar isso! Isso é positivo!

Os nossos alunos adoram o português, adoram mesmo o português! Aqui na nossa escola, eles gostam muito do português! Eles gostam das aulas de português.

É como que se eles tivessem a licença para falar aquilo, que muitas vezes a professora da sala, que fala só espanhol, eles acabam tendo vergonha de dizer, porque não falam a língua da professora. Eles não dizem isso, mas a gente percebe!

Eles se sentem mais a vontade, porque fala a língua deles, o portunhol, que é o mesmo de assistir uma TV no domingo, se sentem na mesma sintonia. E eu sinto isso! Quando eu vou à sala acompanhar o professor do Brasil, eu vejo que o aluno ele se sente bem à vontade. E talvez isso tenha muito a ver com o viver em fronteira, porque a gente tem muita influencia dos meios de comunicação do Brasil aqui na Argentina! E isso já vem de muito tempo! Porque pra nós, a TV a cabo é recente, fazem dez ou doze anos que temos, mas a realidade dos alunos é que eles não tem a possibilidade de ter a TV a cabo, não tem internet, então, eles acabam assistindo com as parabólicas, e sintonizam a globo, e também a rádio fronteira, então é comum pra eles que muitas vezes já tem os pais deles oriundos do Brasil, então muitas vezes, eles já mamam essa cultura desde que nascem, já vem de berço e então como que eles não vão gostar de algo que gosta seu pai, sua mãe gosta. Por isso que eu falo para os maestros, sempre que tenho a possibilidade que eles têm que respeitar isso que o aluno traz de sua casa, seja português, seja portunhol, seja a prática que aprenderam em sua família, tem que respeitar! Porque dizer que isso é feio, que isso nós não podemos! Não pode! Não pode desvalorizar, porque é próprio deles. É como dizer que isso que tu fala é feio, é sem valor.

E viver na fronteira, eu que toda vida vivi na fronteira, acho bem positivo, porque a gente aproveita as coisas que tem a possibilidade de aproveitar no Brasil, vejo que os brasileiros fazem esse intercâmbio, se tem algum evento que a gente pode assistir a gente vai e assiste. Se tem algo que é conveniente comprar lá, a gente vai e compra. A gente está atravessando a aduana e a gente nem pensa estou passando para o Brasil, é automático, a gente vai e vem e não percebe e nem está pensando nesse passar de um país pra o outro.

O objetivo do programa é isso, amenizar conflitos e rivalidades! É poder olhar para outro, com olhos de compreensão, ajudar o outro, com o olhar de que somos uma sociedade intercultural, uma sociedade de fronteira, que ao invés de dar as costas, deveriam se ajudar. Porque historicamente ficam os conflitos de terra, coisas que já vem de muito tempo, mas isso ficou lá na história e hoje, nós somos outra sociedade! E hoje em dia, nos somos outra sociedade, com outra mentalidade e é isso, que nós temos que passar para os futuros.

Dificuldade é o que a gente falou, dos conflitos, mas hoje em dia as dificuldades do programa são quanto a parte política, recursos, verba, apoio, troca dos professores, material didático. E quanto ao Brasil ter professores próprios para fazer o cruze, não mais os da sala de aula, eu vejo ser melhor, porque eles esperavam que a gente chegasse, que o professor argentino tomasse posse da turma e porque não pode deixar o aluno lá desassistido e vim pra cá, e as vezes o cruzar a fronteira demora tempo, tem fila, então as vezes demora e o professor chegava atrasado aqui. O professor argentino, que era contratado pela escola, ele ficava sozinho com os alunos, e às vezes precisava de apoio e tinha que ir falar com a diretora ou assessor, era complicado, e hoje em dia ele vai e fala direto com o professor da turma, e diz olha, eu to com dificuldade com esse aluno, como você trabalha, como que você faz. Tem esse contato direto! Eu acho isso positivo, é uma conquista!

O grande problema é a questão da troca de professores, nunca se mantém os mesmos para o cruze, e isso é uma dificuldade. Muita, muita mudança de professor, todos os anos temos professores novos e a gente não pode fazer nada. Uma vez veio uma professora, que eu não lembro bem que cargo político que ela ocupava, essa professora ela falou uma coisa bem certa, acho que ela é lá de Florianópolis, e falou que quem não gostava deveria de pedir para ser afastado, porque aquilo que a gente faz sem vontade, aquilo nunca que vai ser produtivo! Só que às vezes o professor ele precisa daquele trabalho.

No início, para escolher os professores da Argentina que iriam participar do cruze, o diretor que conhecia os professores, ele propôs a três professores que eram excelentes, professoras que ainda continuam sendo na nossa escola, professoras de alfabetização, professoras que sempre trabalharam com a primeira série, essas professoras tinham muita facilidade em trabalhar com músicas, com contos, histórias. Coisas que são próprias do primeiro ano, das crianças menores, então ele viu que essas professoras tinham essa facilidade e então ele ofereceu e as professoras aceitaram, e foi assim que começou o cruze.

A gente sempre planejou junto, mas no começo não era por projeto, acho que no primeiro ano não era, porque a gente não foi orientado a trabalhar por projetos. Eu lembro que por exemplo nós escolhíamos contos mágicos, contos infantis, daí trabalhava os tradicionais como chapeuzinho, um pouco da cultura brasileira, e assim por diante. Então elas sentavam pra planejar e viam por quanto

tempo poderiam desenvolver esse tema, mas não como um projeto que abrange outras áreas. Acho que foi a partir do segundo ano, que a gente foi orientado a então a trabalhar com o interesse do aluno, a levar em conta essas questões para poder então armar um projeto.

Infelizmente, a formação do professor não é para trabalhar de forma interdisciplinar, pelo menos dos nossos professores daqui. E até hoje não é assim, agora é hora de geografia, agora é hora de matemática, agora é hora de ler; é tudo separado! Até hoje eu vejo que é bem difícil trabalhar de forma integral, então os professores do cruze, que já tem mais experiência, eles montam o projeto e tentam abranger o número de disciplinas maior possível. E nós temos professor de música, de educação física eles não fazem o cruze, mas tentam se encaixar naquele projeto que foi proposto para aquela turma. Colaborar, mas nem sempre a área de educação consegue se encaixar, música é mais fácil. Mas é difícil, porque às vezes pega o professor que tem poucas aulas e então ele vem pra fazer o cruze e as vezes por telefone ele está dizendo que como trabalhou, como eu posso fazer. Às vezes acaba que porque eles não têm a hora atividade, pois aqui nós não temos! Não existe isso aqui!

Os professores do cruze, eles tem a hora atividade. Mas eu, por exemplo, tenho quarenta aulas e são quarenta e duas horas, aqui na Argentina isso não existe! Não existe hora atividade! E eu acho positivo isso do brasileiro, e acho que nós tínhamos que brigar por isso! Porque ter que fazer tudo em casa. Até eu quero pessoalmente fazer uma fala pessoal, porque eu tive que tirar, me afastar porque eu não tenho tempo, ou estou em frente ao aluno ou estou em casa. Tudo pra fazer em casa! A gente não tem!

Com o programa, no começo como era os maestro que ia para o Brasil, então a hora atividade era quando um professor de arte ou educação física estava em aula com o aluno, e isso quanto não tinha ausências, por que se tinha, era o maestro que tinha que assumir essas aulas também. Então foi bem complicado no começo, até que agora conseguimos esse professor, que tem 40 horas e faz o cruze, então ele faz o cruze duas vezes na semana e nos outros dias, ele tem pra preparar, que na verdade o planejamento é quarta-feira de manha e tarde, o dia todo, porque se a direção precisar de apoio na segunda ou na sexta, eles tem que colaborar com a direção.

E o cruze exige muita dedicação, fazer coisas para levar, tem que preparar a aula, não pode improvisar! Então, eu acho que isso foi um ganho pra nós. Há partir de 2007 que começou assim, com professor para o cruze exclusivo, porque não tava dando certo! Então, ainda bem que agora as coisas se ajeitaram!

Geralmente o professor não especifica no planejamento o que foi trabalho de cada disciplina no projeto, porque geralmente é o ouvir a falar e que eles gostem da outra língua. E durante a aula, as coisas vão surgindo, e o professor ele não vai preocupado pensando que vai trabalhar esse texto porque ele tem matemática ou geografia. Ele trabalha porque é lindo, ou porque tem um final feliz, pra despertar o interesse dos alunos, mas não tem essa intenção da disciplina específica. Isso surge e é trabalhado naturalmente, tudo junto, mas sem uma intenção específica em nenhuma área, porque se você vai trabalhar um texto, você não trabalha coisas que tem a ver com a língua em si, mas um texto que tenha a ver com o que os alunos possam inventar, usar sua imaginação, que eles possam trocar o final, que eles possam cantar a música, mas nunca se pensa em uma disciplina específica e sim que possam ilustrar, recontar... Tanto a matemática como as outras disciplinas, elas surgem e são trabalhadas, mas não é o objetivo principal, o objetivo é que eles aprendam um conteúdo, sei lá, se estão trabalhando sobre animais, que eles aprendam sobre os animais, escolhendo se vão estudar o elefante ou o leão, nessa outra língua...

Como também o professor da sala sempre está lá acompanhando, e como é um projeto em conjunto, também reforçando, mas o professor da sala ele tem outras cobranças, porque ele tem que chegar no final do bimestre com tudo, com as notas e a gente tem que preparar os alunos, porque as vezes eles saem daqui, vão pra outras escolas e eles tem que continuar.

Os professores trabalham muito a compreensão do texto, saber contar, interpretar e falar para o colega a sua opinião; e isso é mais importante do que saber que ninho se escreve com nh, mas que ele entenda o que significa ninho. Expressar-se e o que quer dizer na outra língua. Porque de nada serve que eu saiba escrever corretamente um texto se eu não sei o que significa, pra que eu posso utilizar, pra que me serve no meu dia a dia. Eu acho que o projeto, ele tem outros conteúdos que não são os tradicionais, das áreas... Ele vai muito, muito além disso!

Porque no início, nós não entendíamos como trabalhar por projetos, onde que vai ficar aquilo que está ali no currículo que eu devo ensinar, então os

professores ficavam loucos, porque aquilo que estava ali no projeto não tinha no currículo, e até nós, porque nós temos uma preocupação que o nosso currículo é muito, muito velho, então o professor já nem utiliza mais isso pra planejar porque ele é 1997. Nunca foi atualizado! Então os conteúdos que já não são conteúdo para uma sociedade de hoje em dia... E nos temos o NAPS que são os núcleos de aprendizagem prioritário e que são por disciplinas ali, que tem seus objetivos, seus conteúdos são mais atualizados, então ali o professor trabalha mais com isso, porém aquele professor tradicional fica louco quando tu propõem pra ele trabalhar um projeto, porque no projeto não aparece aquilo que tradicionalmente está no currículo, então ele fica louco! Daí que a gente tem que explicar, fundamentar o porque que é importante para o aluno que ele saiba se desenvolver, que ele saiba se integrar, que ele saiba respeitar! Mas ali o professor fica louco, porque ele quer que o aluno saiba quanto é dois mais dois, e pronto!

E até hoje tem uma brecha entre a teoria e a prática, eu sei porque eu trabalhei na formação de professores e eu vejo que muitas vezes as coisas teóricas não se condizem com as coisas práticas. É muito diferente! Outra coisa que tem que se destacar, é que muita vezes o professor que está na formação de professores, estão tão fiel a esse tema e depois vai pra sala de aula e se encontram com um aluno que está muito diferente do tradicional, e então, muitas vezes esse aluno tem que se ajeitar e trabalhar da forma que o professor pede, tem que se adequar, então muitas vezes os alunos ficam ali na corda bamba, porque tem que se adequar! É bem difícil! E deveria ter um consenso de todos os estudos, tanto da formação de professores como um equilíbrio de que hoje em dia os alunos precisam... Pois são realidades são totalmente diferentes!

E também, porque a formação de professores ela só trabalha o professor para que ele trabalhe dentro do contexto da Argentina, não está previsto um professor que vá fazer o cruze! Não está previsto! Eu desde a minha formação, desde o meu ponto de vista, eu tento levar para a sala de aula, para os professores, contar a realidade de que eles podem trabalhar em uma escola bilíngue aqui ou eles podem trabalhar em uma escola bilíngue guarani, então eles têm que ser reflexivos, abertos para trabalhar com essa realidade que não é sua! E eles ficam com medo às vezes. O medo do desconhecido!

Às vezes, a gente que está na fronteira não vê essa diferença, porque convive todos os dias com isso, mas quem vem de fora, é bem diferente! Atravessar a fronteira parece tão fácil... E tão distante ao mesmo tempo, é a realidade!

O projeto, eu acho que ele como projeto é muito lindo! Só que muita coisa que está no papel precisa sair do papel! E fazer-se efetivo, porque se não ficou, e está ficando e ficará só no papel! Não evolui. O professor para ser um professor que trabalha com projeto de forma conjunta, ele tem que ser um professor muito aberto! Aberto para o diferente, aberto para mudar aquilo que ele achava que ia dar certo e aberto para ver a realidade com outros olhos e não pensar que essa realidade que ele vive. Essa é a verdade, porque muitas vezes pensamos que a nossa verdade é única e a verdade do outro nunca é importante, então eu me conheço a mim como diferente a partir de que eu sei que o outro é diferente! A questão é o respeito pelo outro, por aquilo que é diferente; daquilo que não é igual a mim, acho que isso é fundamental! E isso, eu tento passar todos os dias para os meus alunos, que a diversidade existe e que não podemos medir a todos com a mesma régua, que todos somos diferentes, então ver e respeitar essa diferença!

Porque nós, como professores, nós temos um compromisso muito, muito grande! Nós estamos formando o futuro do nosso país, então poder formar um aluno que seja mais reflexivo, é muito importante.

No começo do programa, era mais a questão da língua, do bilinguismo; a interculturalidade vinha mais na questão de formação dos professores, para o professor. Que sua abordagem fosse intercultural, porque o programa e os objetivos do programa era isso. Era uma necessidade e continua sendo uma necessidade!

As formações tratavam muito do que era um projeto, de como trabalhar por projetos. Pois era algo novo, e tudo que se tratava do bilinguismo e da interculturalidade eram todas teorias que eles traziam para nós na formação, mas que não eram da nossa realidade, então às vezes o professor não se sentia identificado. Depois, com o passar do tempo, depois que teve outras formações mais voltadas para o que é a fronteira do Brasil com a Argentina. Porque cada fronteira é uma fronteira, um lugar diferente e muitas investigações são feitas, mas em outros tipos de fronteiras e as vezes a teoria ajuda, mas a gente não se sente identificado porque não é nosso!

APÊNDICE 33 – CARTA DE CESSÃO – COORDENADORA FATIMA
ELENA ZAVAGOTA


Carta de Cessão - Coordenadora Fatima Elena Zavagota.

CARTA DE CESSÃO

Dionísio Cerqueira/SC, 31 de Julho de 2017.

Eu, Fátima Elena Zavagota, portador(a) do RG número 2894989, declaro por meio deste termo que autorizo na íntegra, o uso das informações por mim oferecidas no encontro de discussão com base em minha fala e minha escrita. Esta autorização inclui o uso de todo material transcrito das discussões realizadas e/ou recortes do mesmo a ser veiculado de forma impressa e/ou digital na dissertação de mestrado Interculturalidade e Ensino de Matemática em Escolas de Fronteira, desenvolvida por Fernanda Marchiori Grave, no Programa de Pós-Graduação em educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de pesquisa de Educação Matemática, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Zanlorenzi.

Eu, Fátima Elena Zavagota, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente de meus direitos, atesto minha ciência e confirmo o recebimento de uma cópia assinada por mim e pela pesquisadora, deste documento.



Assinatura do(a) participante/entrevistado(a)



Assinatura da pesquisadora/mediadora/entrevistadora